

Universidade Aberta



**OLHARES SOBRE A (IN)DISCIPLINA DOS ALUNOS:
- um Contributo dos Pais/Encarregados de Educação dos 2º e
3º Ciclos e Assistentes Operacionais da
Escola Professor Reynaldo dos Santos -**

Luísa Maria Lourenço Fernandes

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

2014

Universidade Aberta



OLHARES SOBRE A (IN)DISCIPLINA DOS ALUNOS

- **um Contributo dos Pais/Encarregados de Educação dos 2º e 3º Ciclos e Assistentes Operacionais da Escola Professor Reynaldo dos Santos -**

Luísa Maria Lourenço Fernandes

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

Dissertação orientada pela
Professora Doutora Maria Manuela Malheiro Dias Ferreira
e coorientada pela
Professora Doutora Maria do Rosário Olaia Duarte Ramos

2014

RESUMO

A in/disciplina escolar, nas suas múltiplas manifestações, integra o dia-a-dia de qualquer ator educativo e de qualquer estabelecimento de ensino. Pela sua transversalidade/universalidade e relevo social, pela complexidade e carga subjetiva inerentes, pela repercussão sobre todo o processo de ensino-aprendizagem e também pelas emoções que suscita, a in/disciplina não constitui apenas uma temática recorrente da comunicação social; é, também, objeto de variadas abordagens, pela comunidade académica.

Enquanto encarregada de educação e professora, sensível à heterogeneidade da comunidade educativa e à mais-valia que cada um pode constituir na procura de sugestões para a abordagem da in/disciplina escolar, pretendemos, com o presente estudo, à luz do enquadramento teórico, compreender a perceção dos pais e encarregados de educação dos alunos dos 2º e 3º ciclos da Escola Professor Reynaldo dos Santos e dos assistentes operacionais, sobre este fenómeno, quer em termos gerais, quer, a um nível, mais particular, relativamente à escola: conceito de in/disciplina e sua evolução; tipos de indisciplina, causas e consequências; estratégias e papel dos diversos agentes educativos e propostas de intervenção.

Nesta investigação, de índole qualitativa e quantitativa, recorreremos ao inquérito por questionário e à entrevista semiestruturada para a recolha de dados: no primeiro caso, relativos aos encarregados de educação e, no segundo, relativos à assistente operacional e à encarregada de educação que exerceu voluntariado na escola, nessa área. Para a caracterização da escola/agrupamento, consultámos, igualmente, documentos estruturantes da escola e registos vários.

Os resultados obtidos confirmam a importância da in/disciplina para os encarregados de educação e assistentes operacionais e refletem, como pretendido, os seus “olhares” sobre este fenómeno e a sua disponibilidade para participar.

Palavras-chave - (in) disciplina, pais e encarregados de educação, assistentes operacionais, contexto escolar, prevenção

ABSTRACT

School in/discipline, in its various forms, is part of the daily life of any educator and any school context. Due to its transversality/universality and social relevance, to its complexity and inherent subjective load, as well as to its repercussion on all the learning-teaching process, and also because of all the emotions that it arouses, it does not constitute only a recurrent issue of the media; it is also the object of various approaches by the academic community.

As a parent and a teacher, sensitive to the heterogeneity of the educational community and the added value that each person can bring when looking for suggestions towards the approach of school indiscipline, we intend, with this study, considering the theoretical framework, understand the pupils' parents and tutors of the second and third stages of basic education and the school attendants at Escola Professor Reynaldo dos Santos' perception about this phenomenon, in general terms, as well as at a more particular level, about school: the concept of in/discipline and its evolution, types of indiscipline, causes and consequences, strategies and the role of the several educational participants and proposals of intervention.

In this investigation, of qualitative and quantitative character, we have turned to the questionnaire and the semistructured interview to collect data: in the first case, we have used it with the parents and, in the second case, it was used with the school attendants and a parent doing voluntary work in that area, in the school. To characterise the school and the schools cluster, we have collected data from the school structuring documents and other registers.

The data obtained confirm the importance of in/discipline for the parents and school attendants and reflect, as intended, their opinion about this phenomenon and their availability for personal involvement.

Key-words: In/disciplines, parents, school attendants, school context, prevention.

DEDICATÓRIA

Aos meus Filhos, Daniel e Tobias
- pelo que de bom representam na minha vida
e pelo incentivo que constituem-

AGRADECIMENTOS

A colaboração constitui a base essencial de qualquer atividade humana. A realização deste estudo não teria sido possível sem o contributo, o apoio e o incentivo de todos os que nos acompanharam, ao longo deste estudo e a quem expressamos os nossos agradecimentos:

À Professora Doutora Maria Manuela Malheiro Dias Ferreira e à Professora Doutora Maria Rosário Olaia Duarte Ramos, nossas Orientadoras: pela orientação científica; pelo acompanhamento e disponibilidade que sempre manifestaram, ao longo da elaboração deste trabalho; pelas preciosas observações e conselhos; pelas palavras de incentivo e apoio.

À Professora Doutora Lúcia da Conceição Grave-Resendes, Coordenadora do 10ºMAGE que, desde o primeiro momento, nos apoiou e incentivou com entusiasmo e entrega.

Aos Colegas de Mestrado, em especial aos meus amigos e colegas “Desde Sempre..” Hermínia e a Eurico, cuja partilha de experiências enriqueceu e aligeirou os vários momentos deste percurso.

À Escola Professor Reynaldo dos Santos, pela receptividade e disponibilidade manifestadas, desde o primeiro contacto, por todos cuja colaboração foi solicitada: Direção anterior e atual, Conselho Pedagógico, Docentes, Diretores de Turma, Assistentes Operacionais, Alunos e Encarregados de Educação.

A todos os meus Amigos que me incentivaram e apoiaram, em diferentes etapas desta caminhada: o Carlos Marques, a Maria da Luz, a Helena, a Maria José, a Vera, a Isabel Alexandra, a D. Fátima e a D. Célia pelo papel decisivo que desempenharam em cada momento.

A minha Mãe e Irmã,
aos meus Filhos Daniel e Tobias,
pela presença constante, apoio incondicional e força que sempre me imprimem.

ABREVIATURAS

AO/AOs – Assistente/s Operacional/ais

AAE – Auxiliares de Ação Educativa

ASE – Ação Social Escolar

B – Bom

C Prof. – Cursos Profissionais

CCH – Cursos Científico Humanísticos

CEF – Cursos de Educação e Formação

E1 – Entrevista 1

E2 – Entrevista 2

EE/ EEs – Encarregado/a/s de Educação

Ens. Sec. – Ensino Secundários

Ens. Sup. – Ensino Superior

EPRS – Escola Professor Reynaldo dos Santos

FD / FDs – Falta/s Disciplinar/es

MAGE - Mestrado em Administração e Gestão Escolar

Fem. – Feminino

I- Insuficiente

Masc. – Masculino

MB – Muito Bom

MI – Muito Insuficiente

NR – Não Resposta

S – Suficiente

Suf. – Suficiente

VEE – Voluntária Encarregada de Educação

ÍNDICE GERAL

<i>RESUMO</i>	<i>II</i>
<i>ABSTRACT</i>	<i>III</i>
<i>DEDICATÓRIA</i>	<i>IV</i>
<i>AGRADECIMENTOS</i>	<i>V</i>
<i>ABREVIATURAS</i>	<i>VI</i>
<i>ÍNDICE GERAL</i>	<i>VII</i>
<i>ÍNDICE DE GRÁFICOS</i>	<i>XII</i>
<i>ÍNDICE DE QUADROS</i>	<i>XIII</i>
<i>ÍNDICE DE TABELAS</i>	<i>XIV</i>
<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>I</i>
1. Justificação.....	1
2. Objetivos.....	2
3. Estrutura.....	4
<i>PARTE I – ENQUADRAMENTO GERAL</i>	<i>7</i>
<i>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</i>	<i>8</i>
1. Relações Interpessoais.....	12
2. A (In)disciplina.....	14
2.1. O conceito de (In)disciplina e sua evolução.....	14
3. A Família e a (In)disciplina.....	15
3.1. A Família e a Escola.....	19
4. A Escola e a (In)disciplina.....	20
4.1. Perspetiva Histórica.....	24
4.2. O Professor.....	28
5. Os Assistentes Operacionais.....	29
5.1. Enquadramento legal.....	30
5.2. Papel na escola.....	30
6. Estratégias de Prevenção e Intervenção perante a (In)disciplina.....	30
6.1. Desenvolvimento psicológico e social.....	32
6.2. Uma perspetiva sistémica.....	34
6.3. O Clima de Escola.....	39
6.4. O papel do professor.....	41
6.5. O papel do assistente operacional.....	43
6.6. Os pares.....	43
<i>CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO NORMATIVO</i>	<i>47</i>
1. O Estatuto do Aluno.....	47

1.1. Alunos	48
1.1.1. Direitos.....	48
1.1.2. Deveres/Assiduidade/Disciplina.....	49
1.2. Professores.....	52
1.3. Assistentes Operacionais.....	52
1.4. Pais e Encarregados de Educação.....	53
1.5. Clima de Escola	53
PARTE II - SOBRE O ESTUDO EMPÍRICO.....	55
CAPÍTULO III - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	56
1. A escola.....	56
1.1. Localização.....	56
1.2. Caracterização da comunidade educativa	57
1.3. Princípios orientadores.....	58
1.4. Quadro normativo	59
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA	60
1. Objeto da Investigação	60
1.1. Problema de Investigação.....	60
1.2. Questões de Investigação	61
1.3. Justificação e relevância do estudo.....	63
1.4. Limitações do Estudo.....	64
1.5. Objetivos do Estudo	65
1.6. Seleção de termos e conceitos	66
2. Procedimentos	67
2.1. Plano de Investigação.....	67
2.2. População em estudo e processo de amostragem	68
2.3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	69
2.3.1. Inquérito por questionário	71
2.3.2. Inquérito por entrevista	75
2.3.3. Outras técnicas.....	77
2.4. Atividades.....	78
2.4.1. Validade/Fiabilidade do Estudo	79
2.5. Justificação do Tratamento e Análise de Dados	80
2.5.1. Análise de conteúdo.....	81
2.5.2. Análise quantitativa	82
CAPÍTULO V - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	83
1. Dados pessoais dos inquiridos	84
1.1. Por questionário	84
1.1.1. Encarregados de educação – dados pessoais.....	84
1.1.1.1. Idade e sexo.....	84
1.1.1.2. Estado civil e nacionalidade.....	85
1.1.1.3. Grau de parentesco com o alunos.....	85
1.1.1.4. Escolaridade e situação profissional.....	86
1.1.1.5. Filhos na escola	87
1.1.1.6. Relação com o educando / escola.....	87
1.1.2. Educandos – dados pessoais.....	90
1.2. Por entrevista	94
1.2.1. Assistente Operacional.....	94
1.2.2. Voluntária.....	94
1.2.3. As Entrevistadas enquanto Encarregadas de Educação	95

2.	Representações dos inquiridos sobre a indisciplina escolar	95
2.1.	Manifestações de (In)disciplina escolar	96
2.1.1.	Na sala de aula.....	96
2.1.2.	Relativamente aos colegas	98
2.1.3.	Relativamente ao pessoal docente e não docente	98
2.2.	A evolução da (in)disciplina escolar	99
2.3.	Fatores determinantes da in/disciplina escolar	100
2.3.1.	Mudança de ciclo.....	100
2.3.2.	Influência de género.....	102
2.3.3.	Ano de escolaridade.....	103
3.	Representação dos inquiridos sobre a (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos.....	104
3.1.	A (in) disciplina escolar	104
3.2.	A evolução da indisciplina escolar	105
3.3.	A imagem relativa da escola face a outras escolas do concelho	106
3.4.	Os agentes educativos com maior impacto sobre as atitudes dos alunos.....	107
3.5.	Manifestações de indisciplina mais significativas	109
3.6.	Nível de segurança na escola.....	110
3.7.	Fatores na origem da (in)disciplina escolar.....	111
3.7.1.	de ordem pessoal/social	111
3.7.2.	da responsabilidade da escola/professor	112
3.7.3.	de ordem familiar.....	114
3.8.	Medidas preventivas/disciplinares	117
3.8.1.	Medidas preventivas/disciplinares mais aplicadas	117
3.8.2.	Posição dos inquiridos sobre a sua eficácia	119
3.8.3.	Relação entre Frequência de Aplicação e Nível de Eficácia.....	121
4.	Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar	122
4.1.	Propostas de outras medidas.....	122
4.2.	Disponibilização pessoal	126
5.	Análise cruzada de indicadores.....	128
5.1.	Escolaridade dos Encarregados de Educação (item 6).....	128
5.1.1.	Número de retenções (item 17)	128
5.1.2.	Aproveitamento (item 19).....	128
5.1.3.	Comportamento (item 20).....	129
5.1.4.	“O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?” (item 11).....	129
5.1.5.	Número de faltas disciplinares (FD) (item 21)	129
5.2.	Situação Profissional dos EEs (item 7.1.)	129
5.2.1.	Comportamento (item 20).....	129
5.2.2.	Número de faltas disciplinares (FD) (item 21)	130
5.3.	O Aluno beneficia de Apoios da Ação Social Escolar – ASE ?– (item 18).....	130
5.3.1.	comportamento (item 20)	130
5.3.2.	Número de faltas disciplinares sofridas em 2011/12 (item 21)	130
5.4.	O seu Educando já foi alvo de medidas disciplinares? (item 11)	130
5.4.1.	“ Controlo a caderneta” (item 9b),:	130
5.4.2.	“Eu e o meu educando conversamos sobre a escola” (item 9c).....	130
5.4.3.	“Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares ”(item 9d)	131
5.4.4.	“Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres (item 9e),	131
5.4.5.	“Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando” (item 9f),	131
5.5.	Comportamento do Aluno (item 20).....	131
5.5.1.	“O aluno é repetente este ano?” (item 16)	131
5.5.2.	“ Número de vezes que contactou com o Diretor de Turma.” (item 10a)	131
5.5.3.	“Que contributos estaria disposto a dar?(item 41)” -	131
5.6.	Situação profissional (item 7)	132
5.6.1.	“Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a)	132
5.6.2.	“Integração numa equipa de acompanhamento de pais e EE” (item 41b).....	132

5.6.3. “Promoção e dinamização de atividades várias na escola.” (item 41c)	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
1. Bibliografia.....	146
2. Sitografia	154
3. Legislação.....	155
ANEXOS	I
ANEXO I - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AO DIRETOR DA ESCOLA	II
ANEXO II - PEDIDO DE APROVAÇÃO AO CONSELHO PEDAGÓGICO – PROJETO	III
ANEXO III - CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO/ESCOLA	VII
Escola Sede: Escola Secundária com 2º e 3ºciclos do Professor Reynaldo dos Santos.....	VIII
Escolas do 1º Ciclo e Jardins de Infância	XII
Escola Básica do 1º Ciclo Dr. Sousa Martins.....	XII
Jardim de Infância / Escola E.B.1 N°4 (Bairro do Paraíso).....	XII
E.B.1 de À-dos-Bispos.....	XIII
ANEXO IV - POPULAÇÃO ESCOLAR.....	XIV
ANEXO V - OFERTA EDUCATIVA – RESULTADOS ESCOLARES	XVIII
ANEXO VI - INQUÉRITOS POR ENTREVISTA.....	XIX
A. ASSISTENTE OPERACIONAL.....	XIX
1. Guião	XIX
2. Protocolo.....	XXI
3. Análise de conteúdo	XXXI
B. VOLUNTÁRIA ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	XXXVIII
1. Guião	XXXVIII
2. Protocolo.....	XLI
3. Análise de conteúdo	XLIX
C. ANÁLISE COMPARATIVA DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	LIV
ANEXO VII - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.....	LXIX
A. CARTA AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.....	LXX
B. PRÉ-QUESTIONÁRIO	LXXI
C. CARTA DE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	LXXXI
D. QUESTIONÁRIO FINAL	LXXXII
ANEXO IX - CARTA DE AGRADECIMENTO AO DIRETOR DA ESCOLA	XCI
ANEXO X - PROFISSÕES DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.....	XCII
ANEXO XI - TABELAS	XCV
ANEXO XII - CRUZAMENTO DE INDICADORES – TABELAS E GRÁFICOS... CXXX	
A. CRUZAMENTO DE INDICADORES, ANALISADOS NO CORPO DO TRABALHO – Parte II – Cap.V – ponto 5.....	CXXXV
1. Escolaridade dos Encarregados de Educação (item 6).....	CXXXV
1.1. Número de retenções (item 17) * Escolaridade	CXXXV
1.2. Aproveitamento (item 19)* Escolaridade.....	CXXXVI
1.3. Comportamento (item 20)* Escolaridade.....	CXXXVII

1.4.	O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? Item 11- *-Escolaridade item 6	CXXVIII
1.5.	Número de faltas disciplinares (FD) (item 21)	CXXXIX
2.	Situação Profissional dos EEs (item 7.1.).....	CXXXI
2.1.	Comportamento do aluno (item 20) * Situação profissional.....	CXXXI
2.2.	Número de faltas disciplinares (FD) em 2011/2012 (item 21) * Situação profissional	CXXXII
2.3.	O aluno é repetente este ano? (item 16) * Situação profissional	CXXXIII
2.4.	Aproveitamento do aluno (item 19), * Situação profissional	CXXXIV
3.	O Aluno beneficia de Apoios da Ação Social Escolar – ASE ?– (item 18)	CXXXV
3.1.	Comportamento do aluno (item 20) * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Social Escolar)?	CXXXV
3.2.	Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 (item 21) * O aluno beneficia de apoios ASE	CXXXVI
4.	O seu Educando já foi alvo de medidas disciplinares? (item 11)	CXXXVII
4.1.	Controlo a caderneta do meu educando (item 9b)* O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	CXXXVII
4.2.	Eu e o meu educando conversamos sobre a escola (item 9c); * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	CXXXVIII
4.3.	Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares”(item 9d), * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?.....	CXXXIX
4.4.	Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres (item 9e) * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?.....	CXL
4.5.	Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando” (item 9f).....	CXLI
5.	Comportamento do Aluno (item 20)	CXLII
5.1.	“O aluno é repetente este ano?” (item 16), * Comportamento do aluno	CXLII
5.2.	Contacto com a escola 2011/2012 - Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma. (item 10a)* Comportamento do aluno	CXLIII
5.3.	Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a)* Comportamento do aluno.....	CXLV
5.4.	Integração numa equipa de acompanhamento de pais e EE” (item 41b) * Comportamento do aluno	CXLVI
5.5.	Promoção e dinamização de atividades várias na escola.* Comportamento do aluno	CXLVII
6.	Situação profissional (item 7)	CXLVIII
6.1.	“Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a) * Situação profissional	CXLVIII
6.2.	Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E. (item 41b) * Situação profissional	CXLIX
6.3.	Promoção e dinamização de atividades várias na escola. . (item 41c) * Situação profissional	CL
B.	CRUZAMENTOS ADICIONAIS NÃO ANALISADOS NO CORPO DO TRABALHO....CL	
1.	O aluno é repetente este ano? (item 16), * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?	CL
2.	Aproveitamento (item 19), * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?.....	CLII
3.	“O aluno é repetente este ano?” (item 16), * Ajudo o meu educando nas tarefas escolares.	CLIII
4.	O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? (item 11)* Ajudo o meu educando nas tarefas escolares.....	CLIV
ANEXO XIII - QUADRO COMPARATIVO DOS ESTATUTOS DO ALUNO		CLV

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- FAIXA ETÁRIA DOS EES	84
GRÁFICO 2 – SEXO DOS EES	84
GRÁFICO 3 – ESTADO CIVIL DOS EES	85
GRÁFICO 4 – NACIONALIDADE DOS EES	85
GRÁFICO 5 – GRAU DE PARENTESCO DOS EES COM OS ALUNOS	85
GRÁFICO 6 – ESCOLARIDADE DOS EES	86
GRÁFICO 7 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS EES	86
GRÁFICO 8 – NÚMERO DE FILHOS NA ESCOLA	87
GRÁFICO 9 – NÚMERO DE CONTACTOS DOS EES COM O DT	88
GRÁFICO 10 – TIPO DE CONTACTOS ENTRE DTS E EES.	89
GRÁFICO 11 – O SEU EDUCANDO JÁ FOI ALVO DE MEDIDAS DISCIPLINARES?	89
GRÁFICO 12 - O SEU EDUCANDO JÁ FOI ALVO DE MEDIDAS DISCIPLINARES? – APLICAÇÃO POR ANO DE ESCOLARIDADE	89
GRÁFICO 13 – IDADE DO ALUNO	90
GRÁFICO 14 – NACIONALIDADE DO ALUNO	91
GRÁFICO 15 – TODAS AS PESSOAS QUE HABITAM COM O ALUNO	91
GRÁFICO 16 – ANO DE ESCOLARIDADE DO EDUCANDO	91
GRÁFICO 17 – ALUNOS COM RETENÇÕES E ASE	92
GRÁFICO 18 – Nº DE RETENÇÕES	92
GRÁFICO 19 – APROVEITAMENTO DO ALUNO	92
GRÁFICO 20 – COMPORTAMENTO DO ALUNO	93
GRÁFICO 21 – NÚMERO DE FALTAS DISCIPLINARES APLICADAS AO ALUNO EM 2011-12	93
GRÁFICO 22 – MOTIVO DAS FALTAS DISCIPLINARES	94
GRÁFICO 23 – COMO TEM EVOLUÍDO O FENÓMENO DA INDISCIPLINA, AO LONGO DOS ANOS?	99
GRÁFICO 24 – QUAIS OS ALUNOS COM MAIOR GRAU DE INDISCIPLINA?	102
GRÁFICO 25 – ANOS COM MAIOR GRAU DE INDISCIPLINA	103
GRÁFICO 26 – COMO TEM EVOLUÍDO A INDISCIPLINA, NESTA ESCOLA?	105
GRÁFICO 27 – O SEU EDUCANDO ESTÁ SEGURO NA ESCOLA?	110
GRÁFICO 28 - RELAÇÃO ENTRE GRAU DE FREQUÊNCIA E EFICÁCIA	121
GRÁFICO 29 – DISPONIBILIDADE DOS EES PARA COLABORAR	126

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 - ESTATUTOS – ART.º 2º OBJETIVOS	48
QUADRO 2- ESTATUTOS – MEDIDAS DISCIPLINARES SANCIONATÓRIAS	51
QUADRO 3 - CARACTERIZAÇÃO GLOBAL DA COMUNIDADE ESCOLAR EM ESTUDO.....	69
QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO DAS QUESTÕES NO QUESTIONÁRIO.....	74
QUADRO 5 - DISTRIBUIÇÃO DAS QUESTÕES NAS ENTREVISTAS	82
QUADRO 6 - REAÇÕES ÀS MEDIDAS DISCIPLINARES	90
QUADRO 7 - SUGESTÕES PESSOAIS DOS EES	127

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1- PROFISSÕES - CATEGORIAS.....	87
TABELA 2 – ACOMPANHA O SEU EDUCANDO?.....	88
TABELA 3- O QUE ENTENDE POR INDISCIPLINA NA SALA DE AULA?	97
TABELA 4 - O QUE ENTENDE POR INDISCIPLINA RELATIVAMENTE AOS COLEGAS?.....	98
TABELA 5 - O QUE ENTENDE POR INDISCIPLINA RELATIVAMENTE AO PESSOAL DOCENTE E NÃO DOCENTE:.....	99
TABELA 6 - CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA DE CICLOS SOBRE A DISCIPLINA.....	101
TABELA 7 – RAZÕES PARA A INFLUÊNCIA DA MUDANÇA DE CICLO SOBRE A DISCIPLINA	101
TABELA 8 – NÍVEIS DE SATISFAÇÃO SOBRE A ESCOLA.....	104
TABELA 9 – AVALIAÇÃO COMPARATIVA DA ESCOLA RELATIVAMENTE A OUTRAS DO CONCELHO.....	106
TABELA 10 – PARÂMETROS COM TAXAS DE SATISFAÇÃO COMPARATIVA ALTA – CURVA DESCENDENTE.....	106
TABELA 11 – FIGURAS DE MAIS RESPEITO, NA ESCOLA.....	107
TABELA 12 – LINHA DESCENDENTE – FIGURAS QUE IMPÕEM MAIS RESPEITO.....	108
TABELA 13 – MANIFESTAÇÕES DE INDISCIPLINA MAIS SIGNIFICATIVAS, NA ESCOLA ...	110
TABELA 14 – CAUSAS DA INDISCIPLINA – AO NÍVEL DOS ALUNOS	111
TABELA 15 – CAUSAS MAIS REPRESENTATIVAS.....	112
TABELA 16 – CAUSAS DA INDISCIPLINA, DA RESPONSABILIDADE DA ESCOLA	113
TABELA 17 – CAUSAS MAIS REPRESENTATIVAS – DA RESPONSABILIDADE DA ESCOLA	114
TABELA 18 - CAUSAS DA INDISCIPLINA DE ORDEM FAMILIAR	115
TABELA 19 – CAUSAS MAIS REPRESENTATIVAS DE ORDEM FAMILIAR	115
TABELA 20 – MEDIDAS PREVENTIVAS/DISCIPLINARES APLICADAS NA ESCOLA.....	117
TABELA 21 –MEDIDAS PREVENTIVAS/DISCIPLINARES MAIS APLICADAS.....	118
TABELA 22 – EFICÁCIA DAS MEDIDAS APLICADAS.....	119
TABELA 23 – VALORES GLOBAIS DOS NÍVEIS DE EFICÁCIA POR MEDIDA.....	120
TABELA 24 – RELAÇÃO ENTRE GRAU DE FREQUÊNCIA E EFICÁCIA	121
TABELA 25 – PROPOSTAS DOS EES PARA COMBATER A INDISCIPLINA	123
TABELA 26 – PROPOSTAS APRESENTADAS PELOS EES PARA COMBATER A INDISCIPLINA	124

INTRODUÇÃO

“Não basta uma família para educar uma criança.
É preciso uma aldeia inteira”¹

1. Justificação

O presente trabalho constitui um estudo de índole qualitativa e quantitativa, pensado no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Escolar, da Universidade Aberta e, tal como refere o título, pretende refletir os **“Olhares sobre a (in)disciplina dos alunos – um contributo dos encarregados de educação dos 2º e 3º ciclos e assistentes operacionais da Escola Professor Reynaldo dos Santos”**.

Com esta investigação, pretendemos abordar uma problemática que, cada vez mais, tem vindo a afetar o sistema educativo, e constitui fonte de crescente atenção e preocupação dos vários agentes educativos. Tal facto prende-se com a atual intensificação da indisciplina dos alunos e com a forma como ela é gerida e tem sido gerida na escola.

A indisciplina acarreta instabilidade, com consequências funestas para o clima de escola, que nela se vive, podendo compreender desde pequenas manifestações de comportamentos/atitudes menos próprias, até, em última instância, situações de violência, de gravidade variável e com consequências muito nefastas, como é o caso do *bullying*. No caso concreto dos alunos, por se tratar de jovens e de se encontrarem em processo de formação e desenvolvimento, este fator pode influenciar a sua forma de ver o mundo e de se comportar na sociedade, enquanto cidadão adulto.

O ambiente emocional que se vive neste contexto é uma condicionante para o papel que todos os intervenientes desempenham ou devem desempenhar neste domínio, e que importa retratar e escrutinar. Só conhecendo a realidade, se poderá intervir e atuar sobre a mesma.

O presente estudo foi precedido de alguma investigação sobre o tema com vista ao enquadramento das questões objeto da nossa atenção.

Deparámo-nos com uma bibliografia muito variada que contempla a (in)disciplina, na escola e em que se incluem vários estudos empíricos realizados no

¹Provérbio africano (Couchenour et al., cit. in Gaspar, 2004: 7)

âmbito de dissertações de mestrado. Encontrámos, igualmente, trabalhos vários sobre a relação escola-família, sobre representações sociais da escola e da família e sobre a perceção da escola pelos pais. Em menor número, contam-se os estudos envolvendo assistentes operacionais².

Não encontrámos qualquer trabalho que abordasse a (in)disciplina escolar, nos 2º e 3º ciclos e a perspetiva sobre a mesma, simultaneamente, destes pais e encarregados de educação e dos assistentes operacionais, pelo que podemos concluir que o nosso estudo poderia ser uma mais valia, não só para o conhecimento da realidade da escola em análise, mas também para o alargamento e aprofundamento do conhecimento, sobre esta temática, num âmbito mais geral.

2. Objetivos

Pretende-se com este trabalho, a partir do estudo realizado na Escola Professor Reynaldo dos Santos, compreender a perceção dos pais e encarregados de educação dos alunos dos 2º e 3º ciclos sobre os itens a seguir mencionados e cruzá-la com a perspetiva de uma assistente operacional e de uma encarregada de educação que também já desempenhou estas funções enquanto voluntária. Assim, o nosso propósito não é o de analisar a (in)disciplina, em si mesma, mas antes, compreender este fenómeno, sempre, à luz da perceção da população auscultada. O que é, afinal, entendido por indisciplina por estes agentes educativos? Como surge? Que fatores identificam na origem desses comportamentos, em geral, e na escola Reynaldo dos Santos em particular? Onde, como e com quem se manifestam predominantemente? Como tem a escola lidado com este fenómeno? Consideram as formas de prevenção e intervenção as mais adequadas? O quadro legal tem sido eficaz? Qual o papel dos vários agentes educativos? Que contributo estão os inquiridos dispostos a dar?

As medidas disciplinares corretivas e sancionatórias previstas pelos últimos estatutos, nomeadamente os três últimos, têm dado as respostas necessárias? Ou potenciam a insatisfação dos intervenientes, desgastando-os emocionalmente?

Sabemos que, muitas vezes, as formas de lidar com a indisciplina podem gerar novas situações de indisciplina e de conflitos, pois os intervenientes não encontram os canais adequados para as gerir.

² Auxiliares de Ação Educativa

Frequentemente, os meios de comunicação social confrontam-nos com manifestações de insatisfação e de apreensão, por parte da sociedade, à volta deste fenómeno, que, não sendo exclusivo da escola, encontra aqui um local de expressão bastante privilegiado.

De igual forma, não raramente, toda a dinâmica processual, à volta da indisciplina escolar suscita posições divergentes, discussões, insatisfação dentro das instituições escolares. Importa saber “como” e “porquê”. Os alunos, os professores, as chefias superiores e intermédias, os assistentes operacionais, os pais e encarregados de educação encontram-se em posições diferentes neste *cenário*. Com ângulos de observação diferentes, compreensivelmente, nem sempre partilharão os mesmos pontos de vista sobre o assunto.

Na escola onde desenvolvemos a nossa investigação, a (in)disciplina sempre tem constituído um tema do interesse de todos os atores educativos, patente nas reuniões de Conselho Pedagógico, até 2011-12³, expressão de toda a comunidade educativa. Centro de preocupação não é tanto a violência, ou casos graves de agressividade que, com efeito, se circunscrevem a um número muito reduzido de alunos. É na “pequena indisciplina”, fruto da dificuldade em aceitar e cumprir regras, fonte desestabilizadora das aulas e do processo ensino-aprendizagem, com repercussões ao nível do (in)sucesso escolar que se centra essa apreensão. Professores, representantes dos encarregados de educação, do pessoal não docente e dos alunos são unânimes na necessidade de aplicação de medidas eficazes para inverter a tendência. A minha presença neste órgão e a ligação aos cursos de educação e formação (CEF), onde a indisciplina se destaca, reforçaram a minha atenção neste fenómeno

Gostaríamos de lançar um olhar sobre a (in)disciplina, na perspetiva de atores da comunidade escolar, que, embora não sendo protagonistas deste processo, têm uma importante palavra a dizer e, potencializada a sua participação e o seu envolvimento, podem constituir fontes determinantes para o combate a este problema: os pais e encarregados de educação e os assistentes operacionais.

Conforme já referido, só na medida em que conhecermos e compreendermos os fatores na origem das situações de indisciplina, poderemos agir em conformidade; só

³ Em 2012-13 deixou de ter representação dos encarregados de educação, dos alunos e do pessoal não docente.

conhecendo as estratégias adotadas, estaremos em condições de apontar para outras estratégias alternativas, tanto de prevenção como de intervenção.

Definimos, assim, como nossas prioridades a compreensão do clima da escola, na ótica dos pais/encarregados de educação e assistentes operacionais, em função da (in)disciplina e o levantamento das dinâmicas que o originam e que os gerem, na perspectiva dos pais/encarregados de educação e assistentes operacionais.

Kennedy(1963) considerava que não podemos ser cegos às nossas diferenças/divergências, mas, pelo contrário, centrar a nossa atenção nos meios através dos quais elas possam ser resolvidas.

Foi nesta perspectiva que nos deixámos entusiasmar por este tema e que o adotámos para objeto do presente estudo.

3. Estrutura

Para uma apresentação clara deste estudo, e obedecendo aos requisitos formais de estruturação de uma dissertação, este foi dividido em cinco capítulos, distribuídos por duas partes.

Na Parte I, enquadramento geral, o capítulo I, enquadramento teórico, inclui uma breve reflexão sobre a revisão da literatura- estado da arte - na área do problema de investigação ora analisado - (in)disciplina, o contexto sociofamiliar e os assistentes operacionais – a qual constituirá a base teórica para a posterior análise dos dados. Abordaremos o conceito de indisciplina e a sua relação com a família e a escola. Seguir-se-á uma reflexão sobre o papel dos assistentes operacionais, precedida por breve abordagem do seu enquadramento legal e administrativo. Serão, também, apresentadas estratégias de prevenção e intervenção ao nível da (in)disciplina, à luz das correntes teóricas existentes.

O **capítulo II** será dedicado ao enquadramento normativo da (in)disciplina, na escola, ao longo dos últimos anos. Não será por acaso que nos deparamos com quatro estatutos do aluno entre 2002 e 2012. O último foi publicado a 5 de Setembro de 2012 e cada um dos dois anteriores tiveram um período de vigência de apenas dois anos. Traçaremos um retrato comparativo dos vários estatutos, nos seus múltiplos aspetos. Apesar de a recolha de dados (2011-12) ser anterior à publicação do último estatuto⁴,

⁴ Publicado em Diário da República a 5 de setembro de 2012

este já se encontrava em debate público no ano em causa, com especial ênfase nas medidas consideradas mais polémicas, pelo que não o poderíamos ignorar neste estudo.

A **parte II**, sobre o estudo empírico, inicia-se com o **capítulo III**, constituído pela sua Contextualização, nomeadamente uma breve caracterização da escola: localização, caracterização da comunidade educativa e enquadramento normativo e legal vigentes. Teremos em conta alguns documentos que norteiam a “vida” desta: o projeto educativo, o regulamento interno da escola, algumas atas de Conselhos Pedagógicos e outros registos pertinentes e elucidativos.

No **capítulo IV**, Metodologia, pretendemos descrever e justificar as opções metodológicas escolhidas. Para a apresentação do objeto de investigação, no ponto 1., identificamos o problema principal de investigação, do qual decorrem outras questões de investigação/partida e os respetivos objetivos da investigação.

Sendo nossa intenção captar uma visão sobre um determinado problema e não testar premissas, resolvemos optar por uma investigação descritiva com recurso, em simultâneo, às metodologias quantitativa e qualitativa. A diversificação das estratégias de recolha de dados permite-nos, através de técnicas variadas, como o inquérito por questionário e por entrevistas e a análise documental, ter acesso ao nosso objeto de estudo, sob vários ângulos no sentido da captação de um retrato mais exato da realidade. Só assim estaríamos em condições para garantir a indispensável validação de dados, base de um estudo que se quer fiável. Neste capítulo, não poderemos deixar de fazer presentes as limitações do estudo com que nos enfrentámos e de definir, de uma forma clara, os objetivos do mesmo. No ponto 2, serão enumerados, descritos e justificados os procedimentos seguidos, neste estudo, em que se incluirão as atividades desenvolvidas, nomeadamente as técnicas e instrumentos de recolha de dados.

O **capítulo V** incidirá, então, sobre a descrição e análise estatística dos dados obtidos nas respostas aos questionários administrados e respetivos resultados complementados pelas informações recolhidas através das entrevistas. Teremos como linha condutora da nossa análise os objetivos estabelecidos. Com as diferentes variáveis e tipologias, visamos aprofundar e diversificar a nossa análise. Raciocínio idêntico é aplicado na análise das entrevistas, através das quais pretendemos captar um outro ponto de vista sobre o mesmo fenómeno.

Nas considerações finais, traçaremos, então, algumas conclusões e reflexões, suscitadas pelo estudo desenvolvido e pela articulação entre os resultados práticos obtidos e os pressupostos teóricos previamente estudados e aqui mencionados.

À medida que nos vamos envolvendo nesta temática, vão-nos ocorrendo outros focos de interesse suscetíveis de nova abordagem ou de aprofundamento, a que, no entanto, as limitações a que estamos sujeitos não nos permitem dedicar mais a nossa atenção. É neste sentido que apontaremos para outros possíveis estudos a desenvolver, no futuro, e que iriam complementar a presente abordagem.

Finalmente, a bibliografia incluirá todos os recursos consultados, quer fornecidos ou sugeridos ao longo da formação, quer encontrados, na sequência de pesquisa em livrarias, bibliotecas e *online*,

Os documentos referidos ao longo do trabalho e utilizados nas várias fases do trabalho serão disponibilizados, nos anexos.

PARTE I – ENQUADRAMENTO GERAL

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Não podemos ser cegos às nossas diferenças/divergências, mas, pelo contrário, centrar a nossa atenção nos meios através dos quais elas possam ser resolvidas.⁵

John F. Kennedy

A revisão da literatura sobre esta temática, proporcionou-nos o acesso a uma panóplia de estudos e investigações desenvolvidos ao longo dos últimos anos que nos serviram de ponto de referência da nossa reflexão, e para o que achámos poder dar o nosso contributo com o estudo ora desenvolvido.

Qualquer estudo deve partir da recolha de elementos sobre a literatura existente sobre o tema, - estado de arte - considerando-se que uma boa teoria deve funcionar como bússola, não como espartilho, de qualquer processo de investigação. Carmo e Ferreira sublinham a importância da análise crítica dos estudos já desenvolvidos. Não se trata de querer fazer melhor do que os outros, mas

“antes de mais, [de] uma curiosidade nunca satisfeita traduzida numa motivação sempre realimentada para aprender com os outros – comunidade académica, informadores qualificados, e população alvo da investigação – com as diversas fontes de informação e com a realidade em geral.”
(2008:38)

Das leituras realizadas, destacamos algumas obras e autores a que nos reportamos ao longo deste trabalho, enquanto sustentação teórica da nossa análise e respetivos resultados, com ênfase, também, para algumas dissertações elaboradas para obtenção do grau de mestrado e cujos objetos de estudo, embora com pontos em comum com o nosso, como a indisciplina, os encarregados de educação ou os assistentes operacionais, então ainda denominados auxiliares de ação educativa, acabam por enveredar por abordagens próprias e diferentes da nossa. Cremos que o contributo do nosso estudo consista no facto de auscultar e, sobretudo, articular a perspetiva desses dois grupos de atores educativos, normalmente menos destacados e que, à luz dos estudos já levados a cabo, podem constituir uma mais-valia, ainda subaproveitada pelas escolas, no âmbito do combate e, sobretudo, na prevenção da indisciplina escolar.

⁵ “ So let us not blind to our differences- but let us also direct attention to our common interests and to the means by which those differences can be resolved. And if we cannot end now our differences, at least we can help make the world safe for diversity.” John F. Kennedy (1963)

Pacheco (2006), em “ A gestão de conflitos na escola”, apresenta como estratégia alternativa para a resolução de conflitos, uma proposta de mediação entre pares, que aplicou em contexto escolar e que apela “ a uma participação ativa por parte dos alunos no processo de resolução dos problemas e conduzindo-os no sentido de melhor responderem aos problemas que surgem no contexto escolar, dentro e fora da sala de aula. “ (p.13). Para tal, distingue entre os comportamentos no domínio da indisciplina escolar e os que já se assumem mais como formas de violência. Reconhecendo a inevitabilidade do conflito enquanto parte integrante do processo de crescimento moral e emocional, pretende, desta forma, recorrer a uma estratégia que lide com o conflito de uma forma mais natural e com um efeito preventivo no surgimento de novos conflitos.

Velez (2010), em *Indisciplina e Violência na Escola : Fatores de Risco - Um Estudo com Alunos do 8º e 10º Anos de Escolaridade* -, pretende conhecer as representações que os alunos do 8º e 10º anos de escolaridade têm acerca da indisciplina e da violência na escola e destaca a importância de contextos facilitadores do desenvolvimento de um ambiente escolar isento de violência.

Jacinto (2006), em *Dinâmicas do Diretor de Turma na Promoção do Envolvimento da Família na Escola - Um Contributo para a Diminuição da Indisciplina*, analisa a problemática do relacionamento entre a escola e a família perante situações de indisciplina no 2º e 3º ciclos do ensino básico, tendo como figura principal o Diretor de Turma, enquanto *interface* (Diogo, 1998) e mediador das relações entre os diversos atores, nomeadamente, professores, família e alunos perante situações de indisciplina.

Almeida (2007), em *Violência na Escola: A Atuação dos Auxiliares de Ação Educativa*, visa conhecer os modos de atuação dos AAE perante atitudes de violência dos alunos, fora da sala de aula, pois considera

“...serem os elementos mais próximos dos alunos e que, em muitas escolas, particularmente a partir do 2º ciclo, se constituem como os únicos adultos que acompanham de perto as vivências dos estudantes nos recreios.”(p.16) .

Neste processo, analisa, ainda, a forma como o “Conselho Executivo enquadra a atuação do pessoal não docente” (p.16).

Já Rodrigues (2009), em *Auxiliares de Ação Educativa : Poderes Ocultos na Escola*, pretende compreender o enquadramento dos auxiliares da ação educativa na organização escolar, fazendo a problematização da sua ação. Entre os vários objetivos

que se propõe atingir, conta-se “ captar, analisar e interpretar as práticas efetivamente operacionalizadas por estes atores no contexto escolar”(p. 17). Salienta a necessidade de todos os profissionais da escola, enquanto membros de uma comunidade partilharem a responsabilidade pela formação do carácter e tentarem aderir aos mesmos valores nucleares que guiam a educação dos alunos. O processo (*des*)educativo pode ocorrer em qualquer momento e lugar e os agentes educativos são-no, muitas vezes, mesmo inconscientemente. “ Assim todo o processo de aprendizagem dos alunos acontece dentro e fora da sala da escola, no antes, depois e durante cada aula (...) frequentemente, na presença de um AAE ...”(p.21). A autora lembra que a importância atribuída aos AAE não é proporcional ao número de estudos dedicados ao seu papel e, com frequência, “ a referência aos AAE está mascarada com a alusão ao pessoal não docente, que inclui um leque mais alargado de funcionários” (pp 21-22), como aliás já tínhamos referido neste trabalho.

Em *Contextos, Pretextos e Protagonistas da (in)Disciplina na Escola. Um Estudo de Caso numa Escola de 2º e 3º Ciclo*, dissertação apresentada por Ferreira (2007) a autora pretende relacionar a problemática disciplinar com o clima da escola, ou seja, perceber o modo como o clima de escola e a existência de (in)disciplina se influenciam mutuamente numa Escola de 2º e 3º Ciclo. Trata-se de um estudo etnográfico – dados empíricos – a partir de oito entrevistas semiestruturadas e de observações participantes em conselhos de turma e sala de professores. Os resultados obtidos com a análise de dados revelam que a escola é pouco problemática ao nível da indisciplina, atribuindo os entrevistados esta situação ao facto de predominar um clima de escola muito positivo. Este estudo leva a concluir que a construção do clima de escola está associada a uma dinâmica interativa que se produz entre os atores escolares e está dependente do estilo de relações interpessoais estabelecidas, com os estilos de liderança, com as formas de comunicação estabelecidas, com as normas e regras em uso e com os papéis assumidos por cada membro da comunidade escolar. Na mesma linha de ideias, pode considerar-se que a existência de um clima assim definido permite desenvolver uma cultura de concertação e de cooperação, onde a proximidade e a afetividade são tidas como fatores determinantes para o desenvolvimento de um sentimento de pertença à escola. De acordo com a justificação apresentada para o título, deve entender-se por *contextos*, os contextos relacional e físico, por *pretextos*, os fatores de ordem pessoal, familiar, social e étnica e escolares e por *protagonistas*, os professores e os alunos. Não descurando os restantes atores escolares, a que, aliás, dá

alguma atenção, centra-se nas relações dos professores e alunos, a partir do qual tenta “compreender a indisciplina num quadro de modelo holístico do ensino” (Amado, 2000). Baseia-se na literatura especializada, em questões educativas, e reconhece que todo o processo educativo decorre através de relações interpessoais (...) e o ser humano é, sobretudo, relação – Glissant (1984:108). Partindo do pressuposto de Carlos Drummond de Andrade de que “ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho Impar.”, considera que a escola é mais do que o conjunto dos professores e alunos, mas antes, “é um determinado conjunto de ações levadas a cabo por pessoas situadas num sistema de interação” (Pinto,1995:146). Uns e outros são apenas pessoas que, de acordo com o seu estatuto, desempenham papéis específicos. Daqui, resulta uma teia de relações, constituída por desempenhos que a autora se propõe analisar. Relativamente aos alunos e professores, enquanto protagonistas deste processo, desenvolve análise por categorias, em termos de relações pessoais e de autoridade; no caso dos Auxiliares da Ação Educativa e Alunos, desenvolve uma “análise globalizante” (p.103), onde é analisado o seu papel do ponto de vista da relação com os alunos e da sua formação profissional, com os entrevistados a pronunciarem-se sobre o mesmo.

No que diz respeito à relação escola/família, Ferreira parte do reconhecimento (tal como a investigação tem demonstrado) da importância do envolvimento da família na escola, para uma educação de sucesso, mas por outro lado, também, dos estudos desenvolvidos por Don Davies (1989, cit.in Ferreira, 2007), em Portugal, que indicam que o envolvimento dos pais na escola é escasso, independentemente do seu estrato social, propondo-se, com o seu estudo de investigação, conhecer iniciativas da escola e da família.

Entretanto, a autora traça, como acontecia na dissertação anterior, um quadro muito completo sobre a (in)disciplina, onde apresenta as várias perspetivas de abordagem da mesma:

- **Sociológica**, “o aluno deixa de ser o centro da análise dos fenómenos da disciplina/indisciplina e as variáveis do contexto social e pedagógico recebem a maior atenção” (Estrela,2002:86)
- **Psicológica**: o centro das análises é o aluno, e como tal os conceitos de indisciplina e disciplina surgem adaptados aos conceitos de adaptação e inadaptção, com o intuito de “caracterizar o fenómeno e descobrir as suas causas para fundamentar uma intervenção eficaz. (Estrela,2002:85)

- **Pedagógica e transdisciplinar** – definição do problema e a identificação dos fatores e/ou variáveis associadas, no contexto da escola e da aula.– ênfase da investigação colocada no professor, na análise do ato pedagógico e na gestão da sala de aula. – linha multireferencial – aula, turma, formação de professores, clima de escola, organização, relação escola família (Amado e Freire,2002). Neste âmbito, existe uma corrente específica, que se dedica à violência (Costa e Vale,1998;Veiga,1999) e ao *bullying*.

As várias perspectivas complementam-se e, assim, neste estudo de investigação, em que a (in)disciplina também é entendida no quadro de um modelo holístico do ensino, realça a estreita ligação entre fatores externos e internos à escola (Amado,2001). Tal como Amado, a autora considera que “o problema da disciplina/indisciplina está intimamente ligado a tudo o que diz respeito ao ensino, às práticas, aos objetivos e “perspetivas” que as orientam, aos condicionalismos próprios da aula, da escola, da comunidade e do sistema” (2001:43). Esta visão holística do ensino e da (in)disciplina é partilhada por Freire:

“... num nível territorial mais alargado que o da sala de aula e demonstrando como não só as interações sociopedagógicas na aula e no grupo turma, mas também os valores e as atitudes dominantes numa determinada instituição escolar influenciam o ambiente disciplinar da mesma” (2001:18)

Da leitura das dissertações, salientamos, igualmente, várias propostas de trabalho, das quais, as seguintes articulam especialmente com o estudo que pretendemos desenvolver: conhecer as perspetivas dos encarregados de educação, de meios socioeconómicos e culturais diferentes, relativamente a atuação da escola perante situações de indisciplina.

Para aprofundar o enquadramento teórico do nosso estudo, recorreremos a outras obras, em cujas ideias também nos inspirámos e que serviram de base a este trabalho.

1. Relações Interpessoais

Num relatório da Comissão sobre Educação para o Século XXI, elaborado para a UNESCO, apontava-se como um dos quatro pilares da educação “aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros, em todas as atividades humanas”(Delors,1996:77), destacando-se, deste modo, a importância do estabelecimento e manutenção de relações estáveis e harmoniosas, no processo

educativo. Assim, a relação passa a assumir-se também, em si mesma, como uma aprendizagem e uma finalidade e ocorre nos vários contextos, onde aprendem a identificar, a expressar e a regular as suas emoções e, por necessidade própria, a estabelecerem parcerias orientadas para objetivos comuns. (Costa e Matos,2006)

As relações interpessoais podem, neste contexto, constituir um fator de relevo enquanto potenciadoras dos recursos emocionais, com vista à aprendizagem e ao desenvolvimento.

O desenvolvimento do ser humano é indissociável, de uma forma direta, do contexto relacional em que se processa e de uma forma indireta de um conjunto mais alargado de relações de uma vasta estrutura sociocultural, específica de cada cultura e de cada época. A estes fatores associam-se outros, não menos importantes, de ordem estrutural e interpessoal que tornam o fenómeno ainda mais complexo.

A presença de situações de risco e de adversidade pode afetar o desenvolvimento da criança/adolescente, podendo, em casos extremos, comprometer inclusivamente, a aquisição de competências essenciais, ao nível cognitivo, emocional e social, segundo Costa e Matos (2006), reportando-se a Cowan, Cowan e Schultz.

Fatores de ordem estrutural, como a falta de recursos financeiros, o desemprego ou o emprego precário, dependentes de variáveis económicas e políticas da sociedade, só dificilmente não afetam a família, e por arrastamento as crianças, os jovens e as escolas. Costa e Matos (2006) baseiam-se em estudos de Schwebel e Christie, para lembrar que “parece existir uma relação positiva entre o conflito estrutural e problemas ao nível do desenvolvimento social e emocional das crianças.”(p.96). Os efeitos afetam, negativamente, em cadeia, a aprendizagem, o sucesso escolar, a autoestima, a segurança, a capacidade de desenvolver estratégias para resolver as limitações e, em última análise, a disciplina escolar.

Ao longo do seu processo de desenvolvimento, na construção da sua identidade e da sua relação com o mundo, o ser humano é confrontado com muitas e variadas tarefas, papéis e experiências vividas na interação com os outros e que, conforme Matos e Fontaine (1995), apelam às dimensões de relação (interpessoais), de realização espaço (atividades de ensino-aprendizagem) e de construção de identidade (desempenho de vários papéis, como o de aluno, colega, filho, irmão,...).

As situações de conflito são intrínsecas a qualquer dimensão de relação, nomeadamente interpessoal, e encontram-las quer na relação entre pares, com a mesma idade, com uma relação chegada e da mesma raça, quer em relações de

complementaridade, isto é, na relação professores/alunos/pais/filhos (Costa e Vale, 1998), as quais não sendo exclusivas das escolas, são parte dela e podem, em casos muito negativos, ou com uma abordagem desajustada, transformar-se em casos de indisciplina grave, que pode escalar para situações de violência.

De acordo com Bronfenbacher (1979), o *potencial desenvolvimental* de cada contexto educativo (escola, família,...), aumenta proporcionalmente ao número de contatos bidirecionais entre esse contexto e os outros em que se movimentam a criança e o adulto responsável.

2. A (In)disciplina

A noção de (in)disciplina surge, na sociedade, da necessidade social de criação de um conjunto de padrões e regras de comportamento e de funcionamento que se assumam como modelos a seguir e que proporcionem um quadro de convivência social a respeitar. Compreende-se assim, numa dimensão de cidadania, que visa a regulação das relações interpessoais: saber estar com o outro, respeito recíproco, a autorregulação dos comportamentos, por forma a não pôr em causa a liberdade de terceiros e a promover/possibilitar um convívio social pacífico. Amado e Freire (2009:5) reconhecem esta situação em qualquer organização social, que, dependendo do seu contexto, adotará um quadro de valores específico. É o que acontecer na escola o que torna a (in)disciplina, neste contexto, também uma questão de cidadania.

Compreender este fenómeno tão complexo implica, considerar, com serenidade, todos os fatores que o condicionam, à luz do contexto ou dos contextos envolventes.

2.1. O conceito de (In)disciplina e sua evolução

O termo “disciplina”, tendo a mesma raiz que discípulo, define-se pela sua polissemia, pois, para além de significar um ramo do conhecimento ou matéria de estudo, tem, desde os tempos mais remotos, aparecido associado aos conceitos de castigo, sofrimento, orientação moral, regras de conduta, cumprimento dessas regras. Assim, hoje, a palavra “disciplina” está automaticamente associada à ideia de regras e à ordem que pretendem estabelecer, assim como às sanções decorrentes dos desvios e da dor que originam. Assim sendo,

“ o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela

desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas.
“(Estrela,2002:17)

pelo que a obediência prevista assume-se relativamente a uma coletividade, a determinado tempo histórico e aos corpos sociais em vigor. Nesta perspetiva, existe um fundo ético de carácter social, resultado de uma determinada mundividência e base de uma certa harmonia social, que, não sendo constantes, concorrem para vários tipos de disciplina, cada uma com a sua especificidade e que têm de ser analisadas à luz dos vários contextos sociais e históricos, em vigor. Deparamo-nos, desta forma, segundo Estrela, com vários tipos de disciplina: disciplina familiar, escolar, militar, religiosa, desportiva, partidária, sindical, entre outras.

Estrela (2002:18) encontra três estádios na evolução dos conceitos e das práticas disciplinares nas sociedades ocidentais de raízes culturais greco-latinas e judaico-cristãs.

Disciplina como

- conformidade exterior às regras e aos costumes
- conformidade simultaneamente exterior e interior, que é uma conquista do pensamento grego
- conceção que valoriza sobretudo a interioridade e o “engajamento” interior do indivíduo, promovida, pelo cristianismo, ao introduzir a ideia de homem enquanto sujeito individual da História e a noção de uma disciplina que exige “a adesão íntima do homem e a boa vontade”. Este conceito acaba por ficar determinado, por muitos séculos, pelo fator ético-religioso que valoriza o espírito em detrimento do físico, associando este à desordem e ao pecado. A educação fica presa a uma disciplina onde prevalece a racionalidade e a espiritualidade, em detrimento da espontaneidade, mesmo durante a Renascença, onde surge um novo conceito de homem e, na teoria, um novo ideal educativo, que só ao longo dos tempos e especialmente, nos nossos dias, tem conseguido impor-se.

3. A Família e a (In)disciplina

O papel da família no desenvolvimento da criança foi alvo de intensos estudos, ao longo do século XX que podem ajudar-nos a refletir sobre a relação a estabelecer entre ela e questões de (in)disciplina, pois não podemos dissociá-la das interações pessoais.

Bowlby deu um contributo notável para uma compreensão mais alargada das relações pessoais. Logo a partir dos anos quarenta, começou a chamar a atenção para os efeitos do meio ambiente sobre o desenvolvimento da criança e seus comportamentos. Na década de 50, num relatório solicitado pela Organização Mundial de Saúde, Bowlby apontava para a relação, sobretudo nos rapazes, entre a separação materna precoce e a tendência para o desenvolvimento de comportamentos delinquentes, na adolescência.

Entretanto, a teoria da vinculação, de Bowlby, apresentada sobretudo a partir dos finais dos anos 70, caracteriza-se pela capacidade de integrar

“várias tendências importantes nas ciências biológicas e sociais. Uma orientação psicanalítica inicial foi integrada com a disciplina biológica da etologia e a sua insistência em compreender o comportamento num contexto evolucionista; com a psicobiologia e o foco nos processos neurofisiológicos, endócrinos e recetores que interagem com estímulos do meio ambiente para ativar e terminar a atividade de sistemas comportamentais; com a teoria dos sistemas de controlo, que dirige a atenção para a ‘programação interna’ e que liga a teoria comportamental a um modelo cognitivo de processamento da informação; e com a abordagem estrutural de Piaget do desenvolvimento da cognição” (Ainsworth et al.,1978:3-4)

A teoria da vinculação de Bowlby parte de três princípios fundamentais com raízes no pensamento psicanalítico: a convicção profunda

- na influência dos comportamentos parentais.
- na influência geracional, resultante do modelo mental de experiência desenvolvido a partir do significado que a criança vai construindo, a partir das interações com as figuras significativas, o qual, por sua vez, se vai refletir em interações sociais posteriores.
- na experiência do medo de uma situação de perda de uma figura significativa, ou do seu amor, causada pela ativação de modelos dinâmicos interiores geradores de ansiedade, ou desencadeada pelos mesmos.

A teoria da vinculação acentua que as experiências de intimidade ocorridas logo nos primeiros anos de vida, positivas ou negativas, determinam o sentimento de segurança que se vai desenvolvendo na criança e a perceção de que é alguém merecedor, ou não, da atenção e do amor ou estima dos outros, o que afeta a autoimagem que vai surgindo, com impacto na adaptação psicossocial futura. A predisposição para o estabelecimento de laços emocionais estará, desde o início, garantida por um sistema inato comportamental de vinculação indispensável para a sobrevivência humana, na medida em que proporciona um sentido de segurança

emocional e de proteção conferido por este tipo de relações. As necessidades de vinculação mantêm-se ao longo da vida e podem alterar-se ao longo dos anos, conforme as situações que ocorrem, sendo que a manutenção de relações emocionalmente próximas com um leque restrito de pessoas é considerada perfeitamente normal e necessário. Mary Ainsworth introduz o conceito da *base segura*, que passa a ser reconhecido como um dos pilares das relações de vinculação, na medida em que a criança, instigada pelo desejo de exploração do meio circundante, fá-lo-á de forma tanto mais segura, quanto maior for a sua confiança em si e no mundo. O grau de confiança na disponibilidade da figura de vinculação será inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência de medos e angústias inibidores dos processos exploratórios e de afiliação. Na adolescência e até na fase adulta, as relações emocionalmente seguras estimulam a autonomia e a disponibilidade para assumir novos papéis, na sociedade.

Outro aspeto realçado na teoria da vinculação é a *transmissão intergeracional dos padrões de vinculação*, questão introduzida por Mary Main. Segundo os estudos efetuados, a probabilidade de desenvolvimento de uma vinculação segura nos jovens seria mais elevada quando os próprios progenitores apresentavam uma história de vinculação mais favorável e integrada.

Estudos posteriores confirmaram esta relação. Identificaram que os padrões de organização comportamental das crianças em diferentes fases do seu desenvolvimento, refletiam os modelos representacionais dos seus progenitores. Van Ijzendoom e Bakermans-Kranenburg (1996, cit. in Costa e Matos, 2006:67) basearam-se no resultado de entrevistas para estabelecer uma correlação entre os padrões de vinculação das crianças e os 4 estatutos de vinculação dos pais, definidos: estatuto de vinculação *seguro-autónomo*, *desligado*, *preocupado* e *não-resolvido-desligado* que correspondiam, respetivamente a *crianças seguras*, *inseguras-evitantes*, *inseguras-ambivalentes* e *inseguras-desorganizadas/desorientadas*. Esta perspetiva parte dos pressupostos dos modelos dinâmicos do *self* e do outro, introduzidos por Bowlby (1969), e, centrando-se no papel da vinculação do adulto, valoriza os fatores internos e representacionais da vinculação, em detrimento dos aspetos externos e observáveis. (Costa e Matos, 2006).

A existência de ansiedade crónica ou aguda relativamente à disponibilidade e acessibilidade das figuras de vinculação, causada por padrões familiares disfuncionais, (Bowlby, 1973) traduzida na falta de segurança das crianças ou dos jovens relativamente

aos pais pode explicar dificuldades de adaptação a novos contextos e situações por dificuldade de resolução de problemas específicos de desenvolvimento. Esta situação inibe a capacidade de estabelecer novas amizades, de assimilar novas regras institucionais, enfim de enfrentar os novos desafios, com frequência responsáveis pela fobia escolar de muitos alunos, (Costa e Matos, 2006). A atitude dos pais pode, assim estimular ou não, o recurso a estratégias pessoais e relacionais aprendidas, ao longo do tempo e necessárias para enfrentar uma natural ansiedade antecipatória despoletada pela novidade de contexto. Um adulto com um desenvolvimento afetivo saudável, do ponto de vista psicossocial, recorre mais facilmente a outro quando necessita de segurança emocional e de apoio, pois as suas ligações afetivas caracterizam-se pela flexibilidade e alternância de exercício de papéis de figura cuidadora ou cuidada, conforme as circunstâncias ditarem.

Não raramente, é a conjuntura específica da família, independentemente da sua posição social, que, expondo crianças e jovens, a um ambiente de *stress* permanente, superior às suas capacidades de resistência e controlo, desencadeiam estilos de comportamento defensivo com manifestações de hostilidade e de agressividade. Não aprenderam a acreditar que o respeito não se ganha pela intimidação, nem o exemplo dos adultos lhe permitiu desenvolver a capacidade de autocontrolo e de assumir comportamentos sociais positivos (Amado e Freire, 2009).

Villas-Boas sublinha a importância do ambiente familiar no desenvolvimento do aluno, especialmente no que a autora designa por “*formação dos valores*” :

a formação de valores pode favorecer, ou não, a relação com a escola e com a aprendizagem, na medida em que esses valores contribuem, de certa forma, para o sucesso ou insucesso escolar. Queremos tentar, sem utopia, mas com objetividade, estender, tanto quanto possível, a nossa linha de Ação às famílias, para que a formação de valores possa desenvolver-se de uma forma mais favorável e *saudável*.(2001: 47)

Nesta linha, estão, também, estudos de Almeida e Vieira (2006) e Diogo (1998), que atribuem ao contexto familiar, ao estilo educativo das famílias e ao seu estatuto socioeconómico e cultural um peso decisivo no desenvolvimento da criança e no tipo de relacionamento que estabelece.

Em suma, perturbações de personalidade no jovem ou no adulto são “ sempre necessariamente o produto do jogo dinâmico e complexo entre a história de vida anterior e as circunstâncias de vida atuais. “(Costa e Matos, 2006:51), mas onde não se pode ignorar, também, o papel ativo desempenhado pelo próprio indivíduo na criação

das suas experiências, ao selecionar e interpretar os acontecimentos de determinada forma, com vista a atingir determinados resultados.

3.1. A Família e a Escola

É do senso comum o reconhecimento da importância da colaboração entre a família e a escola, em geral, e entre professores e pais, em particular, constituindo o envolvimento das famílias um fator essencial na educação e no desenvolvimento dos seus filhos.

Para Tornarías (2007), Estrada e Ruiz (2007) e Almeida e Vieira (2006), se, por um lado, a família, a par da sociedade e da escola, constitui o agente de socialização mais relevante, por ser o seio da construção de valores e atitudes, esta última faz despoletar grandes esperanças e expectativas, assumindo-se como um espaço de aprendizagem formal. Para Araújo

“... apesar das grandes mudanças na organização familiar, sobretudo a nível da alteração de estilos de vida e de valores há muito assumidos pela sociedade, como sejam, entre outros: o aumento da escolaridade das mulheres, a sua influência na sociedade como força de trabalho remunerado, a Escola e a família continuam a ser as grandes referências.” (2009:151)

Família e escola não devem surgir como oponentes, mas antes como colaboradores num processo que tem como objetivo comum o desenvolvimento adequado dos jovens.

Remetendo para Gonçalves (2003), Costa e Matos consideram que

“ Envolvidos em rotinas, onde há muito pouco lugar para o contato para os pais, os professores sentem-se também inseguros, receando que o envolvimento dos pais possa vir a manietar a sua liberdade e autonomia. Algumas famílias, por seu lado, delegam todas as responsabilidades na educação dos seus filhos à escola e atribuem quase um mandato na formação da criança” (2006:64)

Os motivos pelos quais os pais, maioritariamente, são chamados à escola, prendem-se, com questões de comportamento ou de baixo desempenho escolar dos alunos, situações com que os próprios têm dificuldades em lidar. Trata-se, portanto, essencialmente de confirmar a imagem negativa que pais e professores construíram do aluno. Com isto, ativam-se mecanismos de defesa e proteção do sistema familiar, com a construção de representações negativas da escola e atitudes desfavoráveis relativamente à mesma, que acabam por se transmitir aos alunos. Criam-se, assim, ciclos interativos

negativos, entre a escola e a família, com consequências, que podem ser desastrosas, em termos da motivação e do investimento dos alunos na escola.

Ora a escola e a família constituem dois sistemas complementares, não simétricos, que contribuem, de forma diferente, para o desenvolvimento do aluno, como um todo. Só a conjugação de esforços entre a família, a escola e a comunidade permite atingir os objetivos que nenhuma das partes, individualmente, conseguiria pelo que nenhuma delas se pode demitir das suas responsabilidades nem delegá-las em terceiros. Nesta dinâmica, Christenson e Sheridan (2001) chamam a atenção para a observação de quatro princípios fundamentais: causalidade circular, o todo não é igual à soma das partes, existência de objetivos comuns e de objetivos diferenciados.

4. A Escola e a (In)disciplina

As situações de indisciplina e violência em escolas portuguesas feitas eco pela comunicação social “revelam a tendência para culpabilizar a escola e, sobretudo, os professores, por serem incapazes de manter na escola a autoridade e o respeito” (Estrela, 2002:11) desejáveis. Para a autora, no entanto, esta incapacidade estende-se, ao próprio Estado, à polícia na rua e à família. Trata-se de fatores exógenos à escola, como a violência na rua, na família e na comunicação social, a que os jovens estão constantemente expostos e que tentam reproduzir, na escola, ultrapassando, assim, a capacidade de intervenção desta última:

“ A escola, sistema aberto em interação com o meio, não pode ficar imune às tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente e, por isso, poderá ver-se a indisciplina que atual mente perturba a vida de muitas escolas como um reflexo dos conflitos e da violência que grassa na sociedade em geral. As desigualdades económicas e sociais, que crescentemente se têm vindo a agravar gerando fenómenos preocupantes de exclusão social, a erosão da coesão familiar, a crise de valores e o conflito de gerações são alguns dos fatores que podem explicar os desequilíbrios que afetam tanto a vida social como a vida escolar.” (Estrela, 2002:13)

Assim sendo, as medidas de prevenção e de intervenção estão, na realidade muito mais dependentes de políticas concertadas de intervenção, ao nível local e nacional, que combatam a pobreza e a exclusão social.

Fatores endógenos têm, igualmente, de ser contemplados. Turmas cada vez mais numerosas, elevadas taxas de insucesso escolar, falta de um ensino mais prático, mesmo no 3º ciclo, para os alunos não vocacionados para o prosseguimento de estudos.

Estrela (2002:14) refere, ainda, que a indisciplina, em si, como “contraface da disciplina” constitui, também um fenómeno escolar, transversal a todas as épocas e com as suas manifestações próprias. Neste âmbito, propõe uma interpretação funcional da indisciplina escolar, que a distinga de outras formas de indisciplina social:

Se a indisciplina escolar pode tocar as fronteiras da delinquência, ela raras vezes é delinquência, pois não viola a ordem legal da sociedade, mas apenas a ordem estabelecida na escola em função das necessidades de uma aprendizagem organizada coletivamente”(Estrela,2002:14)

Falar de (in)disciplina escolar, implica considerar o conceito de relação pedagógica, que é “ o contacto interpessoal que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contatos” (Estrela, 2002:36). Esta relação pedagógica pode ser interpretada num sentido lato e num sentido restrito; a primeira interpretação abrange todos os intervenientes diretos e indiretos do processo pedagógico, isto é, todos os membros da comunidade escolar, enquanto a segunda se circunscreve à relação do aluno com o professor ou daquele com os seus pares.

No domínio da escola, há, por conseguinte, que distinguir entre (in)disciplina fora e dentro da sala de aula, podendo, nesta categoria apontar-se várias heranças.

Amado e Freire (2009) consideram que a disciplina, na sala de aula, tende a surgir de um compromisso tácito que obriga os alunos a cumprirem os rituais e as tarefas definidas pelo professor e suportadas por um quadro de regras e valores, que constituem a “cultura da escola”. Por contraste, a indisciplina na sala de aula consiste num tipo de comportamento que,

“ na sua essência, se traduz no incumprimento de regras necessárias ao adequado desenrolar da aula (ou seja) do incumprimento de um conjunto de *exigências instrumentais* que enquadram as atividades dentro do espaço da aula, impedindo ou dificultando a obtenção dos objetivos de ensino-aprendizagem(...) traçados para um espaço-tempo social e pedagógico. (p.11)

Os autores revêem-se na perspetiva de Everhart, considerando que

“ a indisciplina pode ser entendida como parte de uma dinâmica progressiva criada pelos participantes na organização (alunos, professores e administradores), em virtude da forma como vivem as suas vidas dentro da escola como organização social complexa” (p.32)

Com base nos estudos que desenvolvem sobre a indisciplina escolar, Amado e Freire (2009) definem três níveis de indisciplina e fazem uma análise pormenorizada

sobre as diferentes subcategorias e suas funções, que nós aqui gostaríamos de abordar, de uma forma breve.

O 1º nível, entendido como indisciplina “pedagógica”, refere-se ao desvio às regras da sala de aula, e dá-se ao nível de

- **comunicação verbal** – conversas, comentários, gritos, barulho, confusão – tem a função de contato ou de exibição.
- **comunicação não-verbal** – risos, olhares, gestos, posturas/posições, aspeto exterior...
- **mobilidade/movimentos perturbadores** – deslocções não autorizadas, brincadeiras
- **cumprimento de tarefas** – atividades fora da tarefa, falta de material, falta de pontualidade/assiduidade

Comportamentos desta natureza, que põem em causa o clima de trabalho, devem constituir um sinal de que algo devia mudar, na escola e na aula, em termos pedagógicos, psicológicos e sociológicos e pode-se considerar que constituem uma manifestação de “contrapoder” do aluno:

“ a indisciplina, a este nível (a transgressão de regras e de rituais), cumpre funções (micros sociais e micropolíticas) fundamentais para a “manutenção” e “ sobrevivência” do aluno e do grupo-turma – aspetos que a cultura da escola deve ter em atenção.” (p.57)

O 2º nível, entendido como indisciplina “social”, abrange as perturbação das relações entre pares, tendo em conta o papel que estas desempenham na construção social do conhecimento e no conhecimento de si próprio e dos outros, num contexto de relações de carácter horizontal definidas por reciprocidade, entreajuda, aceitação mútua e amizade. Estão em causa valores como a compreensão, a tolerância, a solidariedade, a amizade, a lealdade, a cooperação e o respeito mútuo, este, base fundamental de qualquer relação. Com peso na sala de aula, no âmbito do clima relacional, é fora do espaço da aula que ela tem maior visibilidade e maior peso, com repercussões fortes sobre o clima social da escola. Aqui se inscrevem as situações de escalada de conflitos que podem resultar em violência, assim como as *relações de poder assimétricas* entre os alunos que, levadas ao excesso, podem degenerar em situações de *bullying* (maus tratos entre iguais) e *mobbing* (perseguição e humilhação persistente. Nestes casos, o/s agressor/es exercem, intencionalmente, de forma contínua e reiterada agressão psicológica ou física sobre a vítima, que se sente impotente e isolado perante tal

situação. Os comportamentos e atitudes assumidos desta forma têm consequências duradouras para todos os intervenientes: a vítima, com probabilidade acrescida de vir a debater-se com problemas de depressão e de dificuldades de inserção social; o agressor, pois a sua personalidade vai ficar modelada por comportamentos com base na força e outros tipos de poder; os alunos observadores, porque se habitua a padrões de comportamento não interventivo, marcados pela indiferença e o alheamento do sofrimento dos outros, por sentimento de impotência que aprenderam a desenvolver.

O 3º nível, por sua vez, aborda problemas da relação professor-aluno, colocando a tónica na contestação da autoridade institucional do professor e pondo o professor em causa, enquanto pessoa e profissional. Estes desvios de comportamento tendem, de um modo geral, a ser considerados de maior gravidade. Integram-se neste grupo o desrespeito, a agressividade, o desafio, o desdém pelas regras e exigências da escola, que, sendo considerados graves e responsáveis pelo maior número de faltas disciplinares, não ultrapassam certos limites que se prendem com a manutenção de uma ordem de natureza escolar ou ético-social, indispensável como garante das condições para a aprendizagem e desenvolvimento social dos alunos.

Um estudo desenvolvido por Amado (1998) mostra que, na perspectiva dos alunos, os professores permissivos, com problemas de assertividade, são os mais propensos a criar situações de indisciplina, nas suas aulas, uma vez que tendem a cair no extremo, o autoritarismo, com atitudes dificilmente compreendidas e aceites pelos alunos e que, portanto, acabam por provocar a escalada de indisciplina. Amado (2009) sublinha a importância do fator subjetivo que se prende com a interpretação feita pelo aluno das atitudes dos professores e o comportamento que adota, em conformidade. Esta conclusão vai ao encontro dos resultados obtidos por Erickson (1989), segundo os quais os mesmos alunos, no mesmo contexto, mas com professores diferentes, podem desenvolver ambientes completamente diferentes.

Esta perspectiva não ignora, no entanto, o peso dos fatores de risco a que o aluno está sujeito para o desenvolvimento das relações com os professores. Trata-se de fatores de ordem individual, familiar ou social e cultural, sendo diferente a relevância de cada um, de aluno para aluno e diferente, também, a forma como se manifestam.

Estrela (2002:14) propõe uma “leitura pedagógica” da (in)disciplina escolar, a qual não contempla apenas os fenómenos pedagógicos, propriamente ditos, mas abrange possíveis leituras psicológicas e/ou sociológicas do fenómeno, assim como a evolução

das conceções educativas surgidas durante o séc. XX e a sua repercussão sobre as práticas disciplinares educativas.

4.1. Perspetiva Histórica

A análise que Estrela(2002) faz da (in)disciplina e da sua evolução parece-nos proporcionar uma visão dialética muito elucidativa deste fenómeno, até aos dias de hoje, apontando para as correntes pedagógicas que mais peso tiveram em Portugal e para a evolução do conceito de disciplina: “ de uma disciplina inicialmente imposta para uma disciplina consentida e para a autodisciplina.”(p.28)

Com o magistrocentrismo tradicional, onde o professor é entendido como guia e modelo do aluno, na prática pedagógica, os professores “ monopolizam ou centralizam a comunicação limitando as possibilidades de o aluno-recetor se tornar emissor, criam formas ilusórias de participação e minimizam os aspetos relacionais”(Estrela,2002:19), assumindo o controlo das relações humanas na sala de aula. Tratando-se de um “ato pedagógico” centrado na palavra, este implica ordem e disciplina, por forma a que não ocorram ruídos indesejáveis perturbadores da transmissão da palavra. Valoriza-se a disciplina exterior, em detrimento da interior. O tipo de disciplina em vigor pende entre a disciplina imposta e consentida e a sua influência acaba por sobreviver, com mais ou menos força, até aos dias de hoje.

A contestação a esta pedagogia começa a surgir nos inícios do séc. XX, com as pedagogias não diretivas, por vezes até , com posições extremas, a porem em causa a própria noção de disciplina e está intimamente ligada ao desenvolvimento de estudos psicológicos entretanto realizados sobre a criança e que lhe granjeiam mesmo a designação de "o século da criança"⁶ . Surge, então, uma crítica acérrima ao caráter repressivo das práticas aplicadas na educação tradicional, e, pelo contrário, a favor de uma relação de afetividade, sustentada no puerocentrismo, na liberdade e na cooperação. Esta ganha força com o apoio das correntes psicanalistas que valorizam a vertente irracional, simbólica e imaginária do ato pedagógico. Integra-se nesta linha a escola de Maria Montessori (1958) em que o papel do professor transita de transmissor direto do saber para o organizador do ambiente de aprendizagem, alterando completamente a relação tradicional professor-aluno. Nasce, por assim dizer, uma nova ordem, onde a disciplina não se atinge “por ordens, por sermões”. Muito pelo contrário,

⁶Esta expressão é o título de um livro da pedagoga sueca Ellen Key

é o resultado de conquistas sucessivas, constituindo um caminho e não um fim, em si, norteado por princípios naturais de trabalho e de liberdade, fonte de alegria e motivação interior e não de repressão e medo.

Este novo modelo pedagógico desenvolve-se e aprofunda-se ao longo do séc. XX. Dewey, nos Estados Unidos, considera que "há conexão orgânica entre educação e experiência pessoal"(1971:13), sendo, no caso da experiência pessoal, de considerar o *princípio de continuidade* (ou "continuum experiencial") e o *princípio de interação* (17-44), pelo que só uma teoria coerente da experiência poderá dar uma direção positiva à educação.

O *princípio de continuidade* reconhece uma relação entre uma experiência presente, as experiências passadas e as experiências futuras, pois, "toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes" (p.26). Com o princípio de interação, estabelece-se um "jogo" entre as condições da experiência: por um lado, as condições objetivas (o meio) e por outros as condições internas, as quais, no seu conjunto, ou interação, constituem uma situação (1971:34-35). Para Dewey, cada situação, gera conhecimento que, torna-se, assim, "instrumento para compreender e lidar efetivamente com a situação que se segue. O processo continua enquanto vida e aprendizagem continuem" (p.37). Assim, a educação "é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes" (1959:83).

Com esta nova visão da educação, secundada pelo movimento "educação nova", que ganhou força, na Europa, defendendo uma educação em democracia, a disciplina passa a ser expressão de autocontrolo e autogoverno. Através da observação e da experimentação, promove-se a atividade da criança, que, assim, deixa de ter um papel meramente contemplativo; pelo contrário, pela Ação, tenta adaptar-se ao mundo ou adaptá-lo a si." (Correia, s.d: 7).

Sem pretendermos, com isto, desenvolver um estudo aprofundado destes modelos ou discutir os benefícios e/ou as desvantagens de cada um, não podíamos deixar de, ainda que superficialmente, refletir sobre a essência dos mesmos, pelo que representam nas diferentes formas de abordagem da (in)disciplina. Na "educação nova", a conquista de autonomia e de autodisciplina alcança-se através de uma pedagogia ativa baseada nos interesses da criança e, respeitando as leis naturais do desenvolvimento

infantil, constitui-se como “uma fonte de educação moral e cívica.” (Estrela,2002:21-22).

Podemos reconhecer desvios ou exageros relativamente ao regime de autogoverno, defendido pelo movimento “educação nova”. Podemos, até, como Correia, reconhecer que

“quanto ao primado do sujeito, que objetiva a liberdade do indivíduo pela autoconstrução do seu conhecimento, corre-se o risco de se verificarem faltas de saber apropriado às exigências de adaptação ao mundo, o que pode pôr em causa a própria autonomia do homem que se pretendia conseguir através da livre construção do seu conhecimento.(s.d :9)

Concordamos com Estrela, ao atribuir aos pioneiros da “educação nova” a capacidade de mostrarem, “a possibilidade de uma disciplina diferente baseada na liberdade e na responsabilidade que ela implica.”(2002:22), realçando, assim, o valor da autonomia enquanto fim e meio educativo.

No âmbito da ideologia comunista, em que educar significa “colocar o seu trabalho e a sua inteligência ao serviço de uma causa comum” (Lenine,1977:35), a disciplina educativa assume uma perspetiva social coletiva, com um sistema de sanções onde o carácter moral e social advém da influência que o coletivo, o grupo, exerce sobre o indivíduo. Se, por um lado, o grupo se assume como corresponsável da Ação do indivíduo, por outro lado, este deve subordinar os seus interesses pessoais ao interesse do grupo, como mostra a obra de Makarenko. As boas relações entre as partes deverão estar na base da desejável “harmonia educativa”, o que pressupõe organização e disciplina, com regras sustentada no exercício de censura e de recompensa.

Freinet, embora não se integre no mundo socialista, vai assimilar algo desta perspetiva, ao associar o trabalho produtivo à descoberta da realidade, ao privilegiar a *ação* em detrimento da *palavra*. Este conceito vai alterar a organização social da aula, com novas relações entre as partes e, logo, um novo clima. Tendo o professor, agora, uma nova postura relativamente ao seu poder, o tipo de disciplina requerido também muda, até porque as novas técnicas de trabalho também se alteraram: passa a haver trabalho individual, de grupo e coletivo. A disciplina passa a ser encarada como o resultado natural de uma boa organização do trabalho e do clima da aula e, por oposição, o seu contrário resulta em indisciplina: “só há desordem quando há falha na organização do trabalho, quando a criança não está ocupada numa atividade que responde aos seus desejos e às suas possibilidades” (Freinet,1970:39). Manter a disciplina passa a ser uma tarefa coletiva do grupo, os conflitos são tratados em grupo,

de forma cooperativa, com a presença do professor. A crítica do grupo passa a constituir a punição, em si. “ A indisciplina aparece, pois, como um ato de rebelião contra a regra de vida coletiva e contra o grupo”(Estrela, 2002: 23)

Independentemente das reticências que possam surgir quanto a alguns aspetos deste movimento e de outros afim, nomeadamente no que se refere ao nível e tipo de pressão e ao domínio que o coletivo exerce sobre o individual, e a possível extensão das repercussões da mesma, é-lhes reconhecido o mérito de introduzirem uma nova etapa na pedagogia ocidental, nomeadamente a “ conquista de autonomia individual através da participação responsável na vida da coletividade” (Estrela,2002:23), que é sustento da liberdade do aluno.

A noção de disciplina é, também, muito afetada pelas correntes não diretivas de Carl Rogers, para quem a educação terá como papel principal proporcionar as condições para o desenvolvimento pessoal do individuo. O *eu* desenvolve-se no seio do grupo que deverá constituir um lugar de assimilação e de construção do saber e o professor passará a ter o lugar de facilitador, em vez do de transmissor. Os conflitos devem resolver-se em grupo e é este que decide sobre as sanções a aplicar aos incumpridores. É, por assim dizer, a desordem/indisciplina que faz surgir a necessidade de ordem/disciplina, levando os próprios elementos do grupo à tomada de medidas para o seu restabelecimento. Deixa de haver, aqui, uma direção firme, antes assumida pelo professor, que zelava pelo cumprimento das regras.

A desordem temporária resultante de uma liberdade total gera angústia, nos alunos, e constitui uma fase integrante do modelo de adaptação onde o professor não deverá intervir. Esta visão é também defendida pela chamada pedagogia institucional, nomeadamente Lobrot que defende inteiramente o modelo de autogestão, enquanto processo educativo por excelência e onde o papel educativo do professor se limita a ajudar à refletir e a expressar de uma forma realista à revolta perante o instituído. A pedagogia institucional introduz, relativamente às pedagogias não diretivas, a dimensão institucional e política criadora de uma psicologia autónoma e revolucionária, que permite contestar a escola e a sociedade. É inovadora, na medida, em que promove a consciencialização das relações entre a instituição interna e externa e introduz “uma práxis educativa em que a antiga antinomia ordem-desordem tende a desaparecer, tornando vazias de sentido as conotações habituais do conceito de indisciplina e de sanção disciplinar” (Estrela,2002:25).

Outro contributo importante para a compreensão da (in)disciplina escolar é a corrente da “Clarificação de Valores” introduzidas por Raths, Harmin e Simon, para quem uma pessoa sem valores definidos claros torna-se um pessoa apática, insegura, desorientada, de mal consigo e com os outros. A escola tem, assim, o dever de apoiar/orientar o aluno na descoberta dos seus valores e na adoção de comportamentos afim, facilitadores da autonomia. Os autores atribuem a origem da indisciplina, a situações conflituais que surgem da falta ou da indefinição de princípios/valores numa escola. Nesta lógica, e, à semelhança de Rousseau, acreditam no efeito educativo das próprias consequências naturais dos atos e atitudes tomadas, na importância de levar os alunos a sentirem e a refletirem sobre essas consequências pelo que desvalorizam a eficácia de sanções disciplinares e rejeitam a sua aplicação.

É questionável se os meios apontados por esta corrente, nomeadamente, quanto ao papel de mero facilitador, conferido ao professor, serão suficientes para garantir o caminho mais seguro e livre, na escolha dos seus valores ou que a criança/o adolescente faça sempre a melhor escolha. Se os valores do aluno, predominantes do seu meio, se identificarem com valores negativos, como o individualismo, o consumismo, a discriminação sexual, a xenofobia, racismo, a agressividade, será papel do professor levá-lo a descobrir outros valores e não apenas os seus.

Assim sendo, como sugere Estrela, “até que ponto não lhe compete guiar essa descoberta e escolha”(2002:27) , dando testemunho e proporcionando a vivência, nas suas aulas, de novos valores, eventualmente desconhecidos do aluno e indissociáveis do desenvolvimento da autodisciplina e da convivência democrática?

4.2. O Professor

A complexidade da relação professor-aluno explica-se, pela natureza conflituosa de qualquer relação pedagógica (Postic,1984). Numa fase de construção da identidade, o professor pode tornar-se uma figura de identificação. Porém, a relação pedagógica pode ser vivida de forma ambivalente pelo aluno. Se, por um lado, o professor pode ser sinónimo de apoio, pode também ser visto como um fator de perigo, ao contrariar os projetos do aluno ou ao invadir o seu espaço. Nessa medida, pode desencadear adesão ou rejeição, empatia ou aversão, fatores a que a (in)disciplina não fica alheia.

Amado e Freire (2009) remetem para estudos realizados entre 1986 e 2002 para afirmar que “ a indisciplina se verifica com todos os professores”(p.25). Reconhecem,

todavia, que o grau de intensidade e a frequência com que ocorre varia. Tal depende de variáveis como o sexo, a idade e a categoria profissional, contando-se, as seguintes entre algumas das conclusões tiradas:

- Mais elevado número de participações de docentes do sexo feminino do que do masculino.
- Pouco significativa a diferença de participações apresentadas, entre os professores com mais ou menos anos de experiência.
- Importância das expectativas do professor relativamente à turma e aos alunos: professores pró-ativos apresentam expectativas mais flexíveis relativamente aos seus alunos.
- Relação entre os valores do professor, a sua prática e as normas – os professores “isoladores de desvio” (*deviance-insultative* – Hargreaves, 1972) partem sempre do princípio que os alunos querem trabalhar, responsabilizando o contexto pelos desvios.
- Olhar para o aluno, enquanto ser em desenvolvimento integral e não apenas intelectual.

- A natureza das atividades curriculares.
- A gestão do ensino, do espaço, tempo, das intervenções, do controlo global da sala, dos estímulos à participação, das fases da aula.
- A dimensão relacional da ação do professor: o perigo da queda em extremos, que pendem entre o autoritarismo e a permissividade, passando pela indiferença, ou, pelo contrário, uma atitude assertiva, com adoção de estratégias de integração e mobilização.
- O estilo de comunicação e de ensino.

5. Os Assistentes Operacionais

O assistente operacional deve ser encarado à luz do seu papel, na escola, relativamente aos alunos. De facto, o papel do assistente operacional (AO), na escola, transcende muito aquela figura que trata da limpeza dos espaços e do apoio logístico aos docentes.

5.1. Enquadramento legal

O Decreto-Lei n.º 184/2004 de 29 de Julho estabelece o estatuto do pessoal não docente, que integra os seguintes grupos: pessoal técnico-profissional, administrativo e de apoio educativo dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, destacando-se entre os seus deveres, art.º 4.º a), contribuir para a plena formação, realização, bem-estar e segurança das crianças e alunos e , c), colaborar ativamente com todos os intervenientes no processo educativo;

Os art.º 100.º da Lei n.º 12-A/2008, e art.º 7.º do Decreto-Lei n.º 121/2008 fazem transitar os até então designados auxiliar de ação educativa (AAE) para a carreira/categoria de assistente operacional(AO).

5.2. Papel na escola

Na escola atual, o AO ocupa uma posição privilegiada relativamente à postura integral do aluno.

Fora do espaço da sala de aula, ele constitui o grupo da comunidade educativa a que os alunos estão mais expostos. Para além da relação direta que com os mesmos estabelecem e das reações diretas que suscitam, os Assistentes Operacionais constituem, nestes espaços, as principais testemunhas dos seus comportamentos e atitudes, da relação que estabelecem com os restantes elementos da comunidade educativa, nomeadamente com os seus pares, das influências a que estão sujeitos ou das influências que exercem ou tentam exercer sobre os outros. Pelas próprias relações que com eles estabelecem, conseguem perscrutar os próprios comportamentos dentro da sala de aula e a sua relação com os professores, e ainda inferir das condições sociofamiliares a que estão expostos. Já para não falar do poder de persuasão que os AO também conseguem exercer sobre alguns jovens e da cumplicidade que, por vezes, também se instala, assim como da capacidade de influência que, deste modo, se desenvolve e da importância que tal pode representar para a prevenção/gestão/intervenção em comportamentos desviantes ou em casos de indisciplina.

6. Estratégias de Prevenção e Intervenção perante a (In)disciplina

A (in)disciplina, enquanto fenómeno transversal a várias épocas, sofreu, como já tivemos oportunidade de apresentar, análises diferentes, à luz das correntes pedagógicas e psicológicas subjacentes, com abordagens igualmente e proporcionalmente díspares.

Estiveram delimitadas por visões e procedimentos radicalmente opostos: por um lado, a visão tradicional da disciplina, caracterizada pela ordem e a obediência; no outro extremo, uma pedagogia libertária dos “mestres-camarada” da Escola de Hamburgo, que na prática acabou por se revelar inoportuna e as respectivas escolas, fechadas pelas autoridades, pelo caos instalado. Advogavam o princípio da instalação da desordem enquanto etapa imprescindível para o alcance da ordem. Prescindiam, assim, de qualquer intervenção, para o restabelecimento da ordem a qual, se se traduzisse numa medida compulsiva, seria encarada como um fator de obstrução ao desenvolvimento natural e livre da criança. Independentemente das posições extremadas, a verdade é que o conceito de disciplina, ao longo do século XX, evoluiu de uma *disciplina imposta*, para uma *disciplina consentida* e, depois, para o conceito de *autodisciplina*, e, paralelamente se foi alterando a própria lógica de prevenção e de intervenção.

A esta evolução não é alheio o afastamento do fundamento religioso do conceito de (in) disciplina e a indefinição de valores a implementar nas escolas e a dificuldade em implementar um novo sistema e uma nova pedagogia baseada na responsabilidade e autonomia e que pressupõe um novo papel do educador e implica uma formação profissional docente adequada.

Sendo a escola e a família, essencialmente, contextos relacionais, no seio dos quais se constroem e reconstruem os significados relativamente *a nós, aos outros e ao mundo*, os quais, por sua vez, determinam as nossas relações, é fundamental para lidar com a (in)disciplina, tanto em termos de prevenção como de intervenção: identificar e reconhecer o grau de complexidade destes sistemas, valorizar o peso do passado sobre o presente e deste sobre o futuro e a importância da comunicação nesta teia de interações. Quando o adulto ou o jovem entra num novo sistema, como na escola, ele já faz parte de outro sistema, a família, e neste novo contexto apenas partilha parte do seu “self”. Cada um dos sistemas passa, assim, a estar em interação permanente, ou seja fica a coexistir, sem perda de identidade.

Sem uma visão sistémica da escola, que valorize todos os elementos do sistema escolar, não é possível obter resultados positivos, ao nível da prevenção da disfuncionalidade conflitual (Bodine e Cawford, 1998).

Com a entrada na adolescência, acentuam-se as questões de indisciplina, com o adolescente a querer impor o seu *eu*, e para tal, se necessário, disposto a enfrentar a autoridade a medir forças. Reagir a estes desafios com atitudes de autoritarismo ou permissividade pode agravar o problema. Como alternativa, são preferíveis atitudes

assentes em princípios que privilegiem o estabelecimento de regras de conduta, a responsabilização e o assumir de consequências.

Estudos referidos por Amado e Freire (2009:21), realizados pelos próprios e por Mendes em espaços temporais diferentes - 1990, 1998, 2001 - sobre representações dos alunos quanto a fatores da indisciplina, revelaram que os alunos mais novos (7ºano) remetem a responsabilidade sobretudo à família e ao professor, concretamente apontam aspetos organizacionais, pessoais e relacionais, destacando, neste domínio, atitudes de permissividade, injustiça e autoritarismo. Os mais velhos, por outro lado, reconhecem a sua própria responsabilidade, nesta matéria ou apontam para aspetos de incompetência didático-pedagógica, por parte do professor. Quanto ao tipo de comportamento de indisciplina, sobressai mais pela regularidade da sua ocorrência do que pelo seu grau de gravidade. São percebidos como especialmente graves, os comportamentos dirigidos aos professores que põem em causa a sua autoridade, assim como aqueles que envolvem agressão física aos colegas. A pertença a grupos com *background* diferentes mostra-se pouco relevante na perceção do grau de gravidade dos vários comportamentos. Baginha (1997), por seu lado, concluiu que, ao nível de turma, as interações ocorridas durante as aulas e fora destas se refletem fortemente nas dinâmicas da aula e na ocorrência ou não de indisciplina. As turmas consideradas disciplinadas mostram maior coesão grupal. No entanto, esta coesão também pode ocorrer nas turmas denominadas indisciplinadas, quando se trata de criar oposição comum ao professor e gerar situações de conflito com ele. O mesmo estudo concluiu, ainda, que a necessidade de aceitação pelo grupo pode assumir um peso determinante no tipo de comportamento, disciplinado ou não, adotado por muitos alunos.

6.1. Desenvolvimento psicológico e social

A evolução de uma *disciplina imposta*, para uma *disciplina consentida* e, por fim, para a *autodisciplina* acompanha, no fundo, a própria evolução da criança e o seu processo de amadurecimento e de autonomia será diretamente proporcional à importância e ao papel atribuídos aos princípios do desenvolvimento psicológico e social da criança.

Estrela (2002) considera que estes tipos de disciplina acabam por acompanhar o percurso cognitivo e socio afetivo da criança e do seu percurso lento de transição da heteronomia para a autonomia. Neste percurso, uma ação respeitadora dos princípios do desenvolvimento psicológico e social da criança, desempenha um papel decisivo na

promoção do autoconhecimento e da responsabilidade individual delineados como meta.

Na dinâmica de relações interpessoais, Costa e Matos, distinguem o *conflito intrapsíquico/intrapessoal*, o que acontece consigo próprio, do *conflito interpessoal*, em que participam duas ou mais pessoas. No entanto, reconhecem a interdependência dos dois, na medida em que o primeiro se desenvolve, em última análise, na relação com os outros, portanto ao nível *interpessoal*, e são as relações interpessoais que, efetivamente, assumem um papel estruturante para a nossa personalidade:

“ Qualquer qualidade desenvolvimental, mesmo que predominantemente intrapsíquica (... todas elas [relações interpessoais] vão emergindo num processo dialético de assimilação e acomodação ao meio – o intrapsíquico desenvolve-se num contexto de interações e o interpessoal acontece em função da estruturação do primeiro) manifesta-se, mais ou menos diretamente no contexto relacional.... Daí que muitas vezes o conflito social possa resultar do conflito intrapsíquico, bem como a sua expressão surgir deslocada no e do contexto e do objeto relacional” (Costa e Matos,2006:8).

Costa e Matos (2006) debruçam-se sobre o conceito de conflito e não podemos deixar de o associar ao conceito de (in)disciplina, por ambos surgirem em situações de interação social e constituírem uma reação a algo instituído.

Para as autoras, em qualquer circunstância ou contexto, a interação social pressupõe o despoletar de situações de conflito pelo que a sua abordagem deve ser conduzida numa perspetiva sistémica e de vinculação nas instituições escola e família: “É na interação dinâmica do individuo com o contexto (família, escola, pares, comunidade) que se estrutura o desenvolvimento ao longo da vida”(p.8). Assim, para enfrentar este fenómeno de uma forma construtiva, deveer-se-á promover comportamentos pró-sociais contextualizados nas escolas, com o envolvimento constante e ativo da família e da comunidade.

É esta também a visão de Amado e Freire (2009) a quem os vários estudos desenvolvidos levam a concluir que “ no contexto da vida na sala de aula (incluindo os fenómenos de indisciplina que aí se verificam), a dinâmica da turma não é um fenómeno isolado e independente ” (p.24), mas resulta de um *jogo interacional* que comparam aos três lados de um triângulo (nem sempre equilátero): o aluno, enquanto fonte de convergência de muitos e variados fatores e contextos pessoais e sociais; o contexto social criado pela própria turma; o professor, em si, e a forma como desenvolve as suas funções, em termos relacionais e pedagógico-científicos, e a que não

são alheios a sua própria integração na escola e a coesão da equipa docente a que pertence.

6.2. Uma perspetiva sistémica

Os modelos de abordagem sistémica das relações interpessoais ajudam-nos a compreender a lógica dessas relações e as condições do seu desenvolvimento e confrontam-nos com propostas diversas para lidar com essas interações, que constituem, simultaneamente estratégias de prevenção e intervenção perante os conflitos e por extensão da indisciplina escolar.

À semelhança dos exemplos apresentados por Costa e Matos (2006), em que o marido grita com a mulher, por regressar mal disposto do trabalho, e esta descarrega no filho e este no cão e este no gato, também as manifestações de indisciplina dos alunos, na escola, podem ser o reflexo de outras situações ocorridas fora da escola, noutros contextos. Assim, qualquer situação de conflito analisada numa perspetiva sistémico-comunicacional será, também, mais construtiva, por contemplar o contexto alargado de uma ação social e a forma como essa mesma ação contribui para a construção desse mesmo contexto alargado. Qualquer leitura de um conflito, e por extensão, de uma situação de (in)disciplina, deve, assim ter em conta que este constitui parte integrante das relações humanas e resulta da “dinâmica entre diferenciação, autonomia e dependência entre diferentes sujeitos biopsicossociais que constituem estes sistemas relacionais” (Costa e Matos,2006:9).

Para Deutsch (1973) , o conflito deverá ser encarado “ não com uma conotação negativa mas como algo neutro, uma vez que os seus resultados é que podem ser positivos ou negativos dependendo da forma como o conflito é gerido (Costa e Matos,2006:75). Dependendo dessa abordagem, os efeitos podem ir desde a resolução do problema e do amadurecimento psicossocial de todos os intervenientes até ao agravar da desconfiança e à perturbação global das relações. Nesta lógica, o conflito é inevitável e é essencial para a mudança, não se devem ignorar os vários tipos de conflitos identificados, nas escolas por, Johnson e Johnson (1995):

- controvérsia, quando há incompatibilidade de ideias, opiniões,... e os intervenientes procuram um acordo;
- conceptual, quando se reconhece a existência de incompatibilidade com posições anteriores;

- interesses, quando cada um, pretendendo atingir os seus objetivos, bloqueia as ações do outro;
- desenvolvimental, quando em atividades incompatíveis entre adultos e crianças se articulam forças opostas de estabilidade e mudança.

A leitura sistémica de uma situação de conflito, ou de indisciplina, acrescentaríamos, permitirá abordar várias formas de lidar com essa situação e reduzirá a probabilidade de *escalada* para níveis de violência. A perspetiva sistémica sustenta-se na noção basilar da teoria geral dos sistemas, em que o conceito de sistema se refere a um conjunto de elementos em interação entre si e com o meio” (Bertalanffy, 1973) e este implica a compreensão da família, da escola e dos respetivos processos de intervenção. Passa-se de uma perspetiva de *causalidade linear*, onde um acontecimento é causa e outro efeito, para uma perspetiva de *causalidade circular*, onde cada acontecimento é simultaneamente causa e efeito do outro. Numa situação de conflito ou indisciplina, numa perspetiva sistémica, em que os atores interagem de uma forma circular, consideram-se o *contexto proximal* e o *distal*: no domínio do *contexto proximal*, por exemplo, quando o aluno se pretende valorizar dentro de um determinado contexto, como causar impressão sobre terceiros; no domínio do *contexto distal*, no que se refere ao historial dos participantes, como as suas relações familiares, o sistema de crenças, entre outros.

Há uma hierarquia de sistemas que se interpenetram, - suprasistema, sistemas, subsistemas, - cujas dependências internas são fatores incontornáveis para a compreensão da situação. Eles estão organizados em processos dinâmicos a observar, na sua correlação, portanto numa “visão holística do desenvolvimento”.

Costa e Matos remetem para Sameroff, segundo o qual

“ter uma visão holística do conflito, por exemplo, na relação professor-aluno, implica compreendermos o sistema escola, comunidade, família, contextos de vida do aluno e do professor, os seus modelos internos que regulam as interações, ou seja, o todo é que dá significado às partes.” (2006:14)

As fronteiras entre cada um destes sistemas hierarquizados são definidas pelas ligações existentes entre cada um, denominadas *laços* e constituem os sistemas abertos ou fechados, conforme são ou não permeáveis a trocas ativas ou reativas com exterior. Um sistema demasiado aberto pode implicar a perda de identidade do próprio sistema e

um determinado fechado não permite a adaptação ao meio, através de processos de assimilação e acomodação.

São vários os fatores e os princípios apontados por Costa e Matos como determinantes para o funcionamento dos vários sistemas e fonte de tamanha complexidade. Neste âmbito, as autoras apontam para vários princípios a considerar:

- Homeostase por oposição à morfogénese: o 1º tenta preservar a estrutura e o 2º provocar a mudança permanente.
- A imprevisibilidade, o acaso e a irreversibilidade – um acontecimento gera sempre mudança, “nunca nada é igual ao antes”.
- Balanço dinâmico entre autonomia, diferenciação e dependência: estando na base da identidade escolar e individual, a sua confluência é geradora de conflitos, pelos diferentes níveis de desenvolvimento e pelos papéis distintos que encerra.
- Retroação (*feedback*) - a energia e informação recebida é transformada e devolvida ao exterior o que funciona como regulador de comportamentos. Esta pode ser negativa (regula a discrepância entre o desejado e o estado atual, promotor de estabilidade) e positiva (resulta na produção de mudança e em reestruturação).
- Efeito Pigmalião – relação em que cada um tem expectativas em relação ao outro.
- Alimentação (*feedforward*) – é antecipatório.
- Propriedade de auto-organização – capacidade de construção de formas mais funcionais e eficientes para a resolução do problema.

A comunicação constitui um fator crucial nas interações humanas. Para além da palavra e dos seus múltiplos sentidos, convém não menosprezar o aspeto não verbal e a linguagem do corpo, de relevo na área da comunicação e dos resultados obtidos. Reportando-se a Watzlawick et al. (1972), conforme Costa e Matos, não é possível *não comunicar*; o silêncio e a postura (...) já são formas de comportamento e afetam o comportamento.

Neste processo, só o diálogo, com interlocutores dispostos a ouvir o outro abrirá caminho à construção e reconstrução de significados, através da perceção das diferenças e das semelhanças. Movidos pelas diferenças de comportamentos, a que cada um se obriga pelo papel que desempenha, podem ter em comum a obrigatoriedade superior de

adotar aquele comportamento o que, portanto, pode não depender exclusivamente da sua vontade. Através do diálogo, será possível perceber-se *a si* e *ao outro* na relação e assumir a perspectiva do “*nós*”, em vez do “eu e o outro”. Trata-se de uma *escuta ativa*, em que compreender o ponto de vista do outro não significa concordar com o mesmo. Da *escuta ativa*, faz parte a colocação de boas questões e o desejo de partilha revelados na atenção demonstrada por cada interlocutor que, assim, convidam/estimulam o outro a manifestar-se sobre a sua experiência e a expor o seu *eu*. Importante, igualmente, é que essas questões também sejam sistémicas, ou seja, que ajudem o outro a descentrar-se de si próprio e a compreender o impacto do comportamento dos outros sobre si e vice-versa, por forma a promover a perceção de como certos comportamentos têm a capacidade de causar outros. O verdadeiro diálogo constitui, assim, como concluem, Costa e Matos, “ a única estratégia eficaz para a resolução do conflito”(p.36).

Evidencia-se, deste modo, o papel da comunicação entre a escola e a família e a colaboração daí decorrente, para o que se assume como fundamental o envolvimento global dos pais na escola e não apenas para a abordagem de problemas com os seus educandos, sob pena de se cair no tal ciclo interativo a que anteriormente nos referíamos e que potencia, em última análise, a desconfiança dos pais, na escola e o desinvestimento dos alunos.

Estudos desenvolvidos por Amado (2001) levam-no a concluir que só se pode compreender as razões/intenções subjacentes à infração às regras de sala de aula ou à simples perturbação da mesma, à luz de um contexto que tem como atores principais o aluno, a turma e o professor, mas onde não se pode menosprezar a escola enquanto espaço físico e social e a própria natureza dinâmica das interações, determinadas por normas, representações e expectativas recíprocas que se manifestam em conflitos de poder, em estratégias de sobrevivência e em medidas de controlo e disciplinação. Conforme o autor, a leitura das funções da infração às regras de funcionamento da aula ou à sua perturbação só é possível

“tendo em conta múltiplos aspetos, como a ação ou situação vivida no momento do incidente, a historia relacional da turma ou do aluno com determinado professor, o lugar ocupado pelos alunos na estrutura informal da turma, a fase das aula, o período do ano, e muitos outros fatores. Um mesmo comportamento, tendo em conta esses aspetos do contexto pode desempenhar as mais diversas funções” (Amado,2001:430)

Dos vários modelos de abordagem sistémica apresentados por autores vários, conta-se o programa desenvolvido por Selfridge (2004), RCCP - *Resolving Conflict*

Creatively Program. Centra-se, em primeiro lugar, na formação de todos os intervenientes diretos e indiretos da escola, e portanto partes responsáveis pelo desenvolvimento dos jovens, por se considerar determinante que estes compreendam o seu papel enquanto modelos para os mais novos, na adoção de comportamentos e atitudes reveladoras e promotoras de uma comunicação positiva e dissuasora de situações/reações propícias à escalada de conflitos. Assim, o início da intervenção dá-se com ações para a gestão, os professores, os assistentes operacionais e os pais e encarregados de educação as quais privilegiam questões como formas eficazes de lidar com os conflitos, a abordagem da fúria, a comunicação, a sensibilização para a diversidade e para a diminuição dos conflitos. Com este modelo pretende-se preparar o caminho para a introdução do *programa integrado no currículo*. Para tal, opta-se por uma abordagem de ensino centrada no aluno, com promoção de atividades comunitárias e de gestão do clima da sala de aula que têm como objetivo máximo a promoção do desempenho escolar do aluno e o seu desenvolvimento social e emocional.

Raider(1995), encarando a escola como sistema aberto, considera, na abordagem de uma situação de conflito, cinco níveis: a (in)disciplina, o curriculum, a pedagogia, a cultura escolar e a comunidade. Coleman e Deutsch (2001) propõem uma intervenção, em cada um destes níveis, a fim de que a mudança se concretize em termos individual e sistémico. Ao nível da (in)disciplina, propõe o programa de mediação de pares; do curriculum, a integração no currículo escolar de conteúdos ligados à compreensão e abordagem do conflito, em cada individuo o que implica o desenvolvimento de programas de formação dos alunos, nesta área; da pedagogia, com o recurso, nas disciplinas comuns, à cooperação e à controvérsia, estratégias de aprendizagem adquiridas nas disciplinas específicas; da cultura escolar, com ênfase na formação dos adultos da escola, para o desenvolvimento de competências de *negociação colaborativa*, base da capacidade de lidar com os conflitos, construtivamente; da comunidade, portanto *sistémico-desenvolvimental*, em que se pretende alargar a formação a todos os agentes fora do espaço físico da escola, mas em contato permanente com a mesma, uma vez que as ocorrências na escola e fora desta têm repercussões recíprocas e são indissociáveis.

6.3. O Clima de Escola

Gostaríamos de começar por fazer eco das palavras de Amado e Freire que sublinham

“a importância da criação de um ambiente, nas nossas escolas, em que o ensino e a aprendizagem que aí deve ter lugar, seja, ao mesmo tempo, um diálogo intergeracional profícuo sobre o património cultural da humanidade, e uma prática de formação cíclica norteada pelos valores da liberdade, do respeito pelos outros e da responsabilidade pela casa coletiva (a Escola, o País e o Mundo).” (2009:7)

Na perspetiva da corrente de *clarificação de valores*, atrás referida, e que reforça a responsabilidade da escola no desenvolvimento de valores, nos alunos, o clima da aula é determinante:

“O clima da aula - de liberdade, tolerância e aceitação mútua – é a condição para o sucesso das estratégias de personalização que o professor deve utilizar. Uma série de atividades individuais ou grupais, envolvendo situações reais e simuladas como a resolução de dilemas, definição de objetivos de vida a curto e médio prazo, jogo de papéis, identificação com heróis da vida real ou do cinema e literatura, permitirão ao aluno uma progressiva tomada de consciência dos seus valores pessoais, a tomada de decisão após ponderação de alternativas, a afirmação pública dos valores escolhidos e a ação em coerência com eles.” (Estrela, 2002:26)

O percurso em direção à autonomia, ao autoconhecimento e à autodisciplina, sendo lento, deve respeitar o ritmo de cada aluno, com tarefas direcionadas; planos de trabalho, contratos, questionários sobre os objetivos, sentimentos e valores são apontadas como algumas das técnicas facilitadoras deste processo.

Considera-se que a escola, embora sendo um sistema aberto, funciona, não raramente, como um sistema fechado e fecha-se às trocas com o exterior o que promove um clima propício ao aumento de tensão e pode tornar a escola num meio de relações não pacíficas para professores e alunos. Pelo contrário, um sistema aberto é capaz de fazer a integração das suas necessidades como um todo e conseguirá perceber as necessidades individuais dos seus membros, o que lhes dá a capacidade de lidar com os conflitos ou especificamente, com a indisciplina, de forma construtiva. O mesmo se aplica às famílias onde um sistema fechado tende a confundir autoridade com autoritarismo. Neste contexto, os elementos exteriores podem ser vistos como uma ameaça e são confusas as fronteiras entre as necessidades dos seus membros e do grupo, por exemplo da família ou da escola e dos seus membros. Tal situação dificulta a

“individualização” e “diferenciação do *self*” (Costa e Matos), e, por conseguinte, inibe a construção de uma identidade:

“Quando não existe uma estrutura familiar consistente, o sistema tende a funcionar de forma desagregada, promovendo o desenvolvimento de identidades confusas. O mesmo se poderá dizer da escola, cujas regras e objetivos não são claros e explícitos” (Costa e Matos, 2006:17)

As autoras acrescentam, ainda, que a definição e interpretação das regras, pelos adultos, de forma idiossincrática, dificulta a estruturação da identidade do jovem, pois este não é confrontado com modelos válidos e habitua-se a seguir o princípio de que tudo é válido e aceitável, desde que “não se deixe apanhar”. Do mesmo modo, pode ser disfuncional o fato de um adulto, de um sistema hierárquico superior, como professor ou um pai/mãe, não assumir comportamentos coerentes e adequados ao seu papel, tentando, pelo contrário, assumir comportamentos e reações mais próprios de um seu par, colega ou amigo.

Com o sistema a funcionar de forma inconsistente e *desagregada*, como apresentado cresce o número de jovens com *identidades difusas*, isto é, cujas regras e valores não são claros e explícitos. Sendo-lhes difícil encontrar “fios condutores para a estruturação da sua identidade” acabam por agir, também eles, de forma idiossincrática o que, segundo Slugosky, Marcia e Koopman, autores citados por Costa e Matos (2006:17), pode explicar comportamentos de isolamento e de cariz mais impulsivo, e também o conflito de relações com a autoridade e com os pares. Curiosamente, a investigação das últimas décadas tem registado um aumento do número de jovens com identidades difusas.

Uma forma de a escola, enquanto sistema aberto, enfrentar este fenómeno seria através da criação de dinâmicas que a abram para o exterior e que ajudem a conhecer os seus alunos, ouvindo e partilhando novas formas de pensar e agir.

Lidar com os problemas da escola, de uma forma construtiva e coletiva constitui ela própria uma estratégia preventiva de problemas. Amado e Freire (2009) aconselham a adoção pelas escolas de práticas de cooperação e envolvimento que integrem professores, alunos, pessoal auxiliar e encarregados de educação, assim como a promoção de atividades que contribuam para o desenvolvimento integral dos alunos.

A existência de um bom clima escolar, onde os alunos se sintam emocionalmente mais seguros e apoiados, designadamente pelos seus professores, potencia, segundo estudos referidos por Costa e Matos (2006), a autoestima e a

motivação dos alunos, assim como formas mais construtivas de resolução de conflitos, incrementando o gosto dos alunos pela escola e promovendo o sucesso escolar.

Pianta e colaboradores (2003) identificaram quatro fatores de peso para a relação professores-alunos: o envolvimento na aprendizagem; a motivação e autoestima; as atitudes e o envolvimento com os objetivos da escola e o comportamento entre colegas e com os professores. Associaram, por outro lado, o abandono escolar à incapacidade da escola de estimular o gosto pelo saber e pela aprendizagem. Muller, Katz e Dance (1999, in Costa e Matos), por sua vez confirmam, com os seus estudos, que os jovens investem mais na relação com os professores que demonstram interessar-se mais por eles e ter expectativas mais altas sobre eles, em termos emocionais e cognitivos.

6.4. O papel do professor

A existência de situações de risco e de adversidade, podendo constituir um fator inibidor do desenvolvimento, como antes referido, não o são obrigatoriamente, como provam vários estudos referidos por Costa e Matos (2006). Tal deve-se a processos dinâmicos, como a resiliência que permitem a obtenção de bons resultados, apesar das adversidades (Luthar, Cicchetti e Becker, 2000). Estudos de Werner e Smith (1992) evidenciaram que, neste domínio, a relação de apoio emocional de um professor pode ser decisiva, para enfrentar estas situações de risco, conclusões confirmadas em 1994, por estudos de DuBois, Felner, Mears e Krier, de acordo com os quais o acompanhamento por um adulto, na escola, terá tido efeitos positivos, ao nível da aplicação de suspensões, de consumo de droga e de álcool.

Levy e Orlans (1998) confirmam estas conclusões, considerando que o professor, ao assumir o papel de figura de vinculação, consegue ajudar o jovem a ultrapassar os obstáculos com que se deparou ao longo do seu desenvolvimento. Graças à empatia criada, o professor consegue exercer influência no desenvolvimento dos seguintes domínios, até então fragilizados: confiança básica e reciprocidade, capacidade de autorregulação emocional e comportamental, identidade, valores morais, resiliência. Esta dinâmica tem repercussões a vários níveis: sobre o modo como o jovem passa a ser encarado pelo grupo de pares (Hughes, Cavell e Willson, 2001; White e Kistner, 1992), o que, por sua vez, se reflete positivamente na autoestima, na competência social, no desempenho escolar e até na própria seleção de amigos e na forma de relacionamento (Gifford-Smith e Brownell, 2003).

Nesta perspectiva, é fundamental a especial atenção do professor para manifestações de processos de marginalização, processos de autoexclusão defensiva, diminuição de autoestima, situações de conflituosidade, à qualidade das interações, pois “ só a consistência, previsibilidade e sensibilidade das ações do professor poderão permitir aos alunos (re)adquirir um sentido de controlo sobre si e o mundo.”(Costa e Matos,2006:64)

Na reflexão sobre o papel do professor na relação com o aluno e na relação deste e da própria família com a escola, não se pode, também, tal como em outras situações, de forma alguma, ignorar o peso das dimensões contextuais, sociais e culturais sobre as interações com o professor, podendo estas ser compreendidas tanto em função da história de desenvolvimento dos intervenientes, como das próprias representações sociais de cada um sobre as mesmas e sobre o outro.

No modelo sistémico proposto por Eccles e Roser (1998), é reconhecido o peso da relação social entre professores e alunos e das respetivas representações mútuas que podem minar todo o processo de comunicação. Assim, propõem o desenvolvimento de atividades fora do contexto aula que envolvam e aproximem professores e alunos, considerando-as uma via facilitadora da desmontagem de representações falsas e inibidoras da relação. Outra estratégia sugerida é a captação de imagens vídeo, na aula, para a posterior análise relacional. O nível de análise constituído pela relação social aluno-professor interage com outros níveis de análise, designadamente a escola, enquanto organização e o seu modo de funcionamento, o tipo de organização da turma, e as características do professor. As intervenções propostas devem implementar-se na turma e em toda a escola, pois visam o objetivo global do desenvolvimento relacional de todos os elementos da comunidade escolar.

Pianta (1999) também reconhece a confluência de fatores que determinam a relação professor-aluno. Paralelamente à interação, propriamente dita, e às características individuais de cada um, distingue as representações de cada um sobre a relação, as interações anteriores, a linguagem e a comunicação e ainda as influências exógenas sobre o sistema onde ocorre a interação, nomeadamente as outras turmas, a escola, a comunidade, a família e os pares.

Amado e Freire (2009) consideram que o professor, hoje, mais do que nunca, deve construir uma relação mais humana, ultrapassando os constrangimentos de uma aula. Tal exige do professor

“ a capacidade de empatia (que o leve a preocupar-se e a compreender os sentimentos do aluno), a disposição para uma relação de ajuda (que põe em marcha a sua autoridade científica e moral, a sua competência para estimular, provocar e desafiar a inteligência e vontade do aluno), e uma atitude de preocupação pela equidade (que tem em conta as múltiplas diferenças entre os alunos sem cair na parcialidade” (2009:32-33)

Tal deve ser feito, não de uma forma voluntarista e isolada, mas de uma forma refletida e integrada com vista a uma melhor compreensão de todo o contexto envolvente do aluno e a uma prevenção/intervenção mais eficaz.

6.5. O papel do assistente operacional

DuBois, Felner, Brand, Adan e Evans (1992), por sua vez, apontam para a importância do *pessoal auxiliar da escola*⁷, no apoio de adolescentes com dificuldades de ajustamento emocional e com acompanhamento familiar insuficiente.

6.6. Os pares

Conquistar o líder do grupo e torna-lo num aliado constitui uma estratégia aconselhada para lidar com a disciplina, na escola. Por líder, entenda-se, neste caso, não, necessariamente, o melhor aluno, mas sim o que assume comportamentos mais irreverentes, e que pode, eventual e indesejavelmente, tornar-se um modelo “negativo” para os colegas. Entrar em conflito com esses jovens não tem vantagens, porque esse desafio confere-lhes poder perante os colegas, e inadvertidamente, constituem-se como incitadores dos comportamentos conflituosos. O recurso a algum humor e paciência são elementos benéficos na relação diária com adolescentes. Em muitos casos, é vantajoso, o seu envolvimento na vigilância ou acompanhamento de alunos mais novos durante os intervalos, aproveitando-se as suas energias e, assim reorientando-a para atos mais positivos. Como afirma Estrela, a

“prevenção (...)exige atenção aos pequenos desvios para que não haja clima favorável à eclosão dos grandes e favoreça o desenvolvimento do sentido da responsabilidade e de autonomia dos alunos.” (2002:12)

Para a aprendizagem de determinadas competências, nomeadamente a resolução de problemas, o controlo da agressividade, de autorrevelação e a capacidade de manter a proximidade relacional face a situações de conflito, Hartup (1983) aconselha o recurso

⁷ Assistentes Operacionais

aos pares, pois é neste contexto que, progressivamente, e acompanhando a evolução cognitiva, se desenvolvem noções de *reciprocidade, equidade, solidariedade e lealdade*. Propõe, também, a criação de situações que promovam oportunidades de reflexão sobre as práticas e experiências vividas, assim como a sua desconstrução e o recurso a formas de atuação alternativas, cada vez mais complexas e que passam, concretamente, pelo objetivo de construção de uma identidade comum para os vários contextos.

Na perspectiva de que os conflitos, por si só, não são bons ou maus, mas inevitáveis e que, assim, “ o objetivo não é evitar o conflito mas lidar com ele de uma forma que minimize o seu impacto negativo e maximize o potencial positivo inerente (Costa e Matos,2006:76), insere-se a proposta de resolução de conflitos, através de programas de mediação de pares. Estes consistem na formação de alunos que, assumindo um papel neutro, possam intervir junto dos colegas, para a resolução de problemas, sobretudo de índole interpessoal (Jones e Brinkman, 1994), com o recurso a estratégias de *escuta ativa, de parafrasear, de reformulação e de jogo de papéis*. Com isto, abre-se aos jovens a possibilidade de resolução autónoma de conflitos, livre da intervenção de adultos e contribui-se para a aprendizagem de estratégias e o desenvolvimento de competências de relevo para a resolução de conflitos, no futuro. A avaliação da sua eficácia é desenvolvida através de vários indicadores: o impacto, ao nível da perceção dos alunos, dos professores, dos funcionários, dos próprios mediadores e da evolução do número de comportamentos que requereriam ações disciplinares, ou seja, as atuais medidas disciplinares corretivas e/ou sancionatórias.

Estudos desenvolvidos apontam para os bons resultados destes programas, no desenvolvimento de competências para a resolução de conflitos e acentuem os efeitos positivos sobretudo na autoestima dos mediadores, já protagonistas, anteriormente, eles próprios, de situações de conflito. Considera-se, contudo, ainda inconclusiva a repercussão destes programas sobre a atitude dos alunos, face ao conflito, fora do contexto escolar. Pela complexidade da dimensão do conflito, sabe-se que, maioritariamente, essas competências não são de fácil generalização a outros contextos. Concretamente, está por concluir, se a formação dos alunos se traduz em mudanças comportamentais duradouras, com transferência para a família e para a comunidade, onde poderiam mostrar aos outros os efeitos positivos da comunicação e da negociação. (Costa e Matos,2006)

No processo de resolução de conflitos, através da mediação de pares, Costa e Matos (2006:76), destacam a importância de os intervenientes reconhecerem que

- a cada pessoa corresponde uma percepção ou ponto de vista diferente sobre o mesmo problema e que, portanto, há que distinguir a pessoa, em si, do problema
- cada pessoa tem a sua maneira própria de reagir ao mesmo problema e a mesma situação pode despoletar reações variadas em pessoas diferentes.
- o conflito é comunicação o que pode traduzir-se em 4 problemas diferentes: as pessoas podem não estar a falar umas com as outras, mas consigo próprias; podem estar a falar umas com as outras, sem se ouvirem; o que se pretende comunicar nunca coincide totalmente com o que é comunicado; a mensagem original pode não ser compreendida ou não ser devidamente valorizada.
- a atenção deve centrar-se nos interesses e não nas posições, pois são aqueles que definem o problema; só se reconhecendo os múltiplos interesses, se pode negociar os interesses mútuos.
- a importância de criação de oportunidades para a apresentação de opções ou alternativas variadas para a solução de problemas, sem a pressão de uma decisão imediata; e o conseqüente reconhecimento de que a reflexão sobre um problema constitui parte integrante e incontornável do percurso para a sua resolução.

Na lógica de promoção e implementação de competências e estratégias construtivas para a resolução de conflitos, surgiram propostas várias no sentido da sua integração nos programas escolares, algumas numa tentativa de simplificação e de rentabilização de tempo e programas já existentes, partindo-se do aproveitamento dos conteúdos escolares para o treino do desenvolvimento das competências em causa. Os benefícios destes programas foram reconhecidos, não só ao nível do desenvolvimento das relações pessoais, mas também enquanto promotores do próprio desempenho escolar.

O programa TSP, Teaching Students to be Peacemakers, desenvolvido por Johnson e Johnson (1995) visa integrar, nos conteúdos programáticos, portanto no currículo, dilemas que deem origem a processos de resolução de conflitos, pela negociação e mediação construtiva.

Concluimos esta etapa de reflexão deste trabalho, com a referência às cinco fases propostas neste programa e que constituem mais uma opção a considerar no vasto leque de estratégias passíveis de aplicação, no domínio da in/disciplina escolar.

- Criar condições de cooperação na turma, enquanto contexto de aprendizagem.
- Caracterizar o conflito e levar os alunos a identificar exemplos concretos, no currículo.
- Promover práticas de negociação e mediação e treinar a resolução de conflitos.
- Analisar a eficácia de cada procedimento, para promover competências futuras, prestando particular atenção às dimensões verbal e não verbal da comunicação.
- Gerir, de forma construtiva, os seus próprios conflitos e contribuir para a gestão construtiva de conflitos reais da turma ou da escola. Tendo todos desenvolvido estas competências, todos estão habilitados para servir de mediadores, papel que pode ser desempenhado de forma rotativa, ou poderão ser criados centros de mediadores.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO NORMATIVO

1. O Estatuto do Aluno

A última década conheceu quatro estatutos do aluno:

- Lei n.º 30/ 2002, de 20 de Dezembro – Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior
- Lei n.º 3/2008 , de 18 de Janeiro -Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário
- Lei n.º39/2010, de 2 de Setembro – Estatuto do Aluno dos Ensinos Não Superior
- Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro - Estatuto do Aluno e Ética Escolar

A sucessão de estatutos, neste período, não será alheia a uma constante necessidade de adaptação a novas realidades, com respostas eventualmente mais eficazes.

Sem pretender fazer uma análise exaustiva de cada um dos estatutos ou apresentar uma comparação pormenorizada, pensamos que o nosso estudo ficaria incompleto sem esta abordagem.

O nosso tema justifica uma breve reflexão sobre os deveres e os direitos dos alunos, encarregados de educação e assistentes operacionais, assim como os procedimentos previstos perante problemas disciplinares dos alunos.

Desde logo, é sintomático observar que os objetivos definidos no artigo 2º da Lei 30/2002 se repetem em todos os estatutos seguintes. No entanto, são-lhe acrescidos outros conceitos: Lei 3/2008, *a sua formação cívica*; Lei nº 39/2010, *o mérito, a disciplina*; Lei nº 51/2012, *a responsabilidade*, como mostra o Quadro 1.

O mérito, a responsabilidade e a disciplina ocupam, no estatuto atual, a par da assiduidade, os quatro primeiros lugares, na sequência apresentada, sublinhando, assim, cremos, o peso destes fatores para o sucesso escolar e para a aquisição de conhecimentos e que está, afinal, tão associada às preocupações crescentes da sociedade sobre a indisciplina da população estudantil a que nos temos vindo a referir.

Em termos das responsabilidades da comunidade educativa enquanto salvaguarda efetiva de determinados direitos dos alunos, os dois últimos estatutos, Lei

nº39/2010, artº4º e Lei nº51/2012, artº39º, acrescentam ao exercício responsável da liberdade individual, o cumprimento dos direitos e deveres que lhe estão associados⁸.

Quadro 1 - Estatutos – Art.º.2º Objetivos

Lei 30/2002	Lei nº3/2008	Lei nº 39/2010	Lei nº 51/2012
Capítulo I - Conteúdo, objetivos e âmbito			
Artigo 2º - Objetivos			
O Estatuto prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português, conforme são estatuídos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, em especial promovendo a	O Estatuto prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português, conforme se encontram estatuídos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, promovendo, em especial		
espaço assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de saberes e competências.	, a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, a <u>sua formação cívica</u> , o sucesso escolar e educativo, e a efetiva aquisição de saberes e competências	a assiduidade, <u>o mérito, a disciplina</u> e a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória <u>a sua formação cívica</u> , o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de saberes e competências.	<u>o mérito, a assiduidade, a responsabilidade, a disciplina</u> , a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, <u>a sua formação cívica</u> , o cumprimento da escolaridade obrigatória, o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de conhecimentos e capacidades.

1.1. Alunos

O Artigo 40.º, Responsabilidade dos alunos, da Lei nº51/2012, não se limita a referir os direitos e deveres conferidos, como nos artigos (7º) dos estatutos anteriores. Nele acresce “pelo exercício dos direitos e pelo cumprimento dos deveres que lhe são outorgados” o que nos parece sublinhar a importância do cumprimento dos deveres.

1.1.1. Direitos

Todos os estatutos determinam o respeito mútuo, os dois últimos definem que a “A responsabilidade disciplinar dos alunos implica o respeito integral pelo presente Estatuto, pelo regulamento interno da escola, pelo património da mesma, pelos demais alunos, funcionários e, em especial, professores.”, respetivamente nos artigos 7º e 40º de cada um desses estatutos.

A importância dos valores/cultura de cidadania são comuns aos quatro estatutos: artigos 12º, nos 3 anteriores, e 6º, no atual. Nos artigos subsequentes, ao tratamento com

⁸ Lei nº39/2008, artº4º e Lei nº51/2012, artº39º

respeito e correção, acrescenta-se a alusão apela-se para comportamentos de convivência e tolerância sociocultural, listando-se uma série de fatores de discriminação social, fonte recorrente de situações de conflito e de indisciplina, nomeadamente nas escolas. Neste sentido, todos, artigos 13º e 7º, respetivamente, reconhecem o mérito, a assiduidade o esforço no trabalho, estimulando-se o envolvimento em ações a favor da comunidade. Os artigos 51º e 9º das Leis nº39/2008, e nº51/2012, respetivamente, instituem mesmo prémios de mérito.

Todos os estatutos preveem a disponibilização de recursos especializados de apoio ao aluno, nomeadamente serviços de psicologia e orientação.

Todos preconizam a segurança na escola, o envolvimento dos alunos, nos órgãos da escola, na elaboração do Regulamento Interno, apelam à crítica construtiva e à organização e a participação em iniciativas promotoras da formação e da ocupação dos tempos livres.

1.1.2. Deveres/Assiduidade/Disciplina

No que se refere aos deveres, começamos por salientar alguns dos princípios comuns aos quatro estatutos: estudo, empenho, assiduidade, pontualidade; seguir as orientações dos professores, relativamente ao processo ensino-aprendizagem; tratamento respeitoso e isento de atitudes discriminatórias, de qualquer natureza; lealdade para com a comunidade educativa, convívio e integração de todos; preservação dos espaços e materiais, respeito pelos bens alheios; abstenção de consumo, promoção ou tráfico de substâncias aditivas/alcoólicas; interdição do uso de material/equipamento perturbador do normal funcionamento das aulas ou causadores de danos físicos ou psicológicos.

Os dois últimos estatutos, mas sobretudo o último reforça a relevância dos comportamentos adequados, discriminados pela listagem de ações recrimináveis. Ao dever de respeito pelas instruções dos professores e do pessoal não docente, acresce, explicitamente, o dever de respeito pela sua *autoridade*. [art.ºs 15ºf), s) e 10ºf)].

No que se refere à integridade física e psicológica [art.º 15ºi) e art.º i)] de todos os membros da comunidade educativa, acresce “não praticando quaisquer atos, designadamente violentos, independentemente do local ou dos meios utilizados, que atentem contra a integridade física, moral ou patrimonial dos professores, pessoal não docente e alunos;”

Adaptando-se aos desafios da sociedade atual, o atual estatuto proíbe expressamente o uso de equipamentos tecnológicos, a recolha/emissão de imagens ou sons, da aula, sem autorização prévia dos professores; o uso de vestuário inadequado e determina a reparação/indemnização por danos físicos/pessoais causados.

Em termos disciplinares, a ordem de saída da sala de aula implica a marcação de falta injustificada e, pela primeira vez, num estatuto, o incumprimento do dever de assiduidade pode dar origem à aplicação de medidas disciplinares sancionatórias (artº20º, ponto 8).

O capítulo V é, em todos os estatutos, dedicado à disciplina: infração / infração disciplinar (art.º 23º das Leis nº 30/2002 /2008 e nº3/2008; art.º 23, 23A, da Lei nº39/2010 e art.º 22º, 23º da Lei nº51/2012).

Qualquer comportamento que constitua infração disciplinar deve ser imediatamente reportado pelo professor, pessoal não docente ou aluno ao diretor do agrupamento.

Por infração disciplinar, entenda-se a

“violação pelo aluno de algum dos deveres previstos no artigo 10.º ou no regulamento interno da escola, de forma reiterada e ou em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infração disciplinar passível da aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória.” Art.º 23º da Lei nº51/2012

Às medidas disciplinares corretivas e sancionatórias são atribuídas diferentes finalidades (Lei nº51/2012, Art.º24º): pedagógicas, preventivas, dissuasoras, de integração, respeito pela autoridade dos professores e funcionários; segurança, normal prosseguimento das atividades da escola; a correção do comportamento e reforço da formação cívica do aluno, no sentido da sua integração plena na comunidade educativa, do desenvolvimento do sentido de responsabilidade e da aprendizagem; e, por último, também visa uma finalidade punitiva, pela violação do dever do aluno, dependendo a medida a aplicar da gravidade da situação e de outros fatores de contexto, agravantes ou atenuantes, a ter em conta, nomeadamente a reincidência de comportamentos indesejáveis.

Perante uma infração disciplinar, as medidas previstas podem ser *disciplinares corretivas e sancionatórias*, conforme a gravidade da ocorrência. Verificando-se uma considerável semelhança entre as medidas previstas no estatuto atual e nos dois últimos, até em termos de nomenclatura, na verdade nota-se uma tendência para agravamento

das medidas e uma tentativa de simplificação dos processos disciplinares, tornando-os um pouco menos burocráticos. Sobretudo se compararmos com o primeiro estatuto, em que os processos disciplinares eram muito longos, burocráticos, ao exigir, por exemplo a reunião do conselho turma disciplinar.

As medidas disciplinares corretivas previstas são a advertência (pelo professor ou pessoal não docente) e a ordem de saída da sala de aula, com marcação de falta injustificada; competência do diretor é a realização de tarefas e atividades de integração, o condicionamento no acesso a certos espaços ou a mudança de turma,.

As medidas disciplinares sancionatórias são também da competência do diretor do agrupamento, salvaguardado o direito de audição e de defesa do aluno e assumiu os seguintes contornos nos estatutos que temos vindo a analisar, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2- Estatutos – Medidas disciplinares sancionatórias

Lei 30/2002-Artigo 27º	Lei nº3/2008 -Artigo 27º	Lei nº 39/2010 -Artigo 27º	Lei nº 51/2012-Artigo 28º
a) A repreensão; b) A repreensão registada; c) A suspensão da escola até cinco dias úteis; d) A suspensão da escola de 6 a 10 dias úteis; <u>[Artigo 26º d) A transferência de escola.]</u> e) A expulsão da escola.	a) <i>Revogada</i> b) A repreensão registada; c) A suspensão da escola até 10 dias úteis; d) A transferência de escola; e) <i>Revogada</i>	a) (Revogada.) b) A repreensão registada; c) A suspensão por um dia; d) A suspensão da escola até 10 dias úteis; e) A transferência de escola;	a) A repreensão registada; b) A suspensão até 3 dias úteis; c) A suspensão da escola entre 4 e 12 dias úteis; d) A transferência de escola; e) A expulsão da escola.

A medida, *expulsão da escola*, revogada pela Lei 3/2008, é reintroduzida na Lei 51/2012, sendo, porém, apenas aplicável a alunos com mais de 18 anos. Ficam interditos de acesso à escola durante 3 anos. Esta medida e a de transferência de escola estão dependentes do Diretor Regional e tal como as medidas de suspensão, são sempre precedidas da audição do aluno e do encarregado de educação. Está prevista a suspensão preventiva, em qualquer dos casos.

Pela primeira vez, o atual estatuto conta com um artigo (35º) que prevê a criação de equipas multidisciplinares para acompanhamento dos alunos. Por outro lado, o artigo 37º confere o direito à vítima, professor ou aluno, de agressão moral ou física de requerer ao diretor a transferência de turma do infrator, quando a gravidade da infração tenha implicado a aplicação de mais de oito dias de suspensão. Os quatro estatutos (art.º 55º, nos três primeiros e 38º, no atual) preveem a responsabilização civil e criminal dos infratores, tanto na sequência de denúncia do diretor da escola, como do próprio lesado.

1.2. Professores

Os professores são considerados os principais responsáveis pela condução do processo de ensino, em todos os estatutos (art.º 5º, nos três primeiros e 41.º, no atual), mas só o atual estatuto integra um artigo (42º) que se refere objetivamente à autoridade do professor. O estatuto de 2002 incluía o artigo 30º, denominado *competência do professor*, que nos dois seguintes deixou de existir. O peso da autoridade do professor é sublinhado, sendo-lhe reconhecida proteção especial da lei, quando em exercício de funções, ou no seu âmbito, com agravamento dos limites máximos e mínimos das penas, em um terço. Em nenhum dos anteriores estatutos é sublinhado com tanta frequência o papel do professor e a sua autoridade, mesmo com a utilização reiterada deste termo: artº10º.c): Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino; artº10º.f): Respeitar a autoridade e as instruções dos professores (...) não docente; artº13º.3. : de acordo com as orientações dos professores; artº.40 2. [o respeito integral(...)pelos demais alunos, funcionários e, em especial, professores]; artº43º2. e), em que responsabiliza os encarregados de educação para a cooperação com os professores e, na alínea f), incutir respeito pelos professores e, os próprios, a reconhecer a autoridade dos professores.

1.3. Assistentes Operacionais

Os assistentes operacionais integram-se no grupo do pessoal não docente, cabendo-lhe um papel de colaborador no acompanhamento e integração dos alunos e de promotor de um bom ambiente na escola (artigo 46º no presente estatuto e 8º, nos anteriores), no âmbito do que deve sujeitar-se a formação profissional contínua. Nestas funções, compete-lhe comunicar ao Diretor qualquer ocorrência que constitua infração disciplinar (artº23º.A e 23º, respetivamente nos dois últimos estatutos); aplicação de advertência (artº2º.4., nos dois últimos estatutos)

A importância do seu papel na comunidade educativa aparece, em todos os estatutos, referenciada, ao longo do texto, mas especialmente no atual. Por exemplo, no artº10º.f): Respeitar a autoridade e as instruções dos professores e do pessoal não docente; no artigo 43º, f), apenas o atual estatuto, manifesta expressamente o dever dos encarregados de educação de incutir nos seus educandos respeito pelo pessoal não docente.

1.4. Pais e Encarregados de Educação

A responsabilidade dos pais e encarregados de educação é definida em todos os estatutos, artigo 43º no presente estatuto e 6º, nos anteriores, sendo a mesma discriminada, em alíneas, em todos os casos. Em todos é sublinhada a importância do contato com a escola e da cooperação com os professores, mas, curiosamente, enquanto nos três primeiros se indica que devem “contribuir para a preservação da disciplina e da harmonia da escola”, no atual, refere-se explicitamente, mais uma vez à autoridade do professor: “reconhecer e respeitar a autoridade dos professores (...) e incutir nos seus educandos o dever de respeito....”[f]. Devem, igualmente, colaborar no correto apuramento dos fatos em situações de procedimento disciplinar e agir no sentido do reforço de formação cívica dos seus educandos, no desenvolvimento equilibrado da sua personalidade e na sua capacidade de se relacionar com os outros. A alínea l) é clara quanto à responsabilidade dos encarregados de educação por danos causados pelos educando, mesmo através de indemnização, atribuindo-lhes também a responsabilidade por deveres do educando, nomeadamente a disciplina, artº43º, 3.

O art.º44º, *Incumprimento dos deveres por parte dos pais ou encarregados de educação*, não deixa dúvidas quanto às situações em que esse dever não está a ser cumprido, nomeadamente atribuindo-lhes responsabilidade pelo incumprimento de medidas disciplinares corretivas ou sancionatórias, por parte do educando. O incumprimento reiterado das suas obrigações obriga a escola a participar o facto à comissão de proteção de crianças e jovens ou ao Ministério Público, com possíveis implicações sobre os apoios sociais concedidos, no caso de famílias com apoio social escolar. Mais, o artº 45º considera como contraordenação, o incumprimento reiterado desses deveres, suscetível de aplicação de coimas, revertíveis a favor das receitas próprias do agrupamento.

1.5. Clima de Escola

A importância atribuída ao clima de escola, estando presente em todos os estatutos e ao longo dos mesmos, está expressamente definida no art.º 48º, vivência escolar, no atual e artº9º dos anteriores, Neste sentido, está também consignada a intervenção de outras entidades competentes do setor público, sempre que estejam em causa questões de saúde, segurança ou educação do aluno. Sublinha-se, neste sentido, a

importância do regulamento interno, concretamente no art.º 49º, no estatuto em vigor, e art.º 52º no anterior.

PARTE II - SOBRE O ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

“... uma escola é o conjunto de indivíduos que a formam e, sobretudo, é constituída, antes de mais, pelos significados, intenções, modos de ver e compreender que orientam a ação conjunta, ou seja, é uma realidade subjetivamente construída e partilhada, socialmente, pelo grupo.”⁹

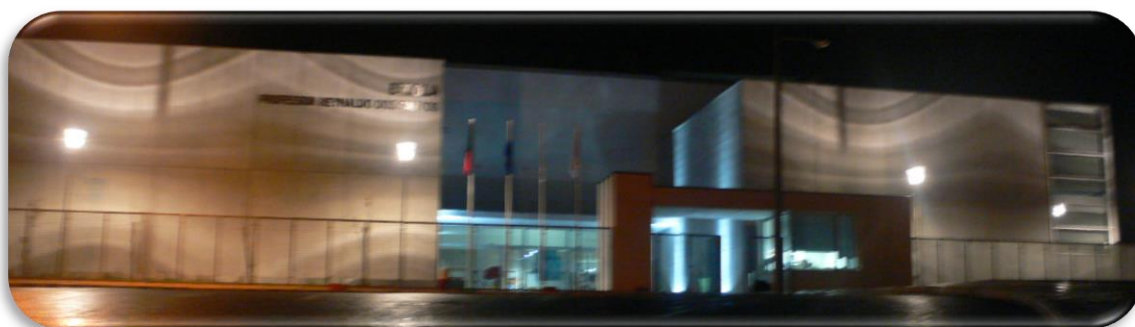
António Bolivar



Os dados mencionados terão como referência o ano letivo de 2011-12, uma vez que os questionários por inquérito também se realizaram naquele período.

1.1. Localização

A Escola Secundária com 2º e 3º ciclos Professor Reynaldo dos Santos é a sede do Agrupamento com o mesmo nome, situado em Vila Franca de Xira.

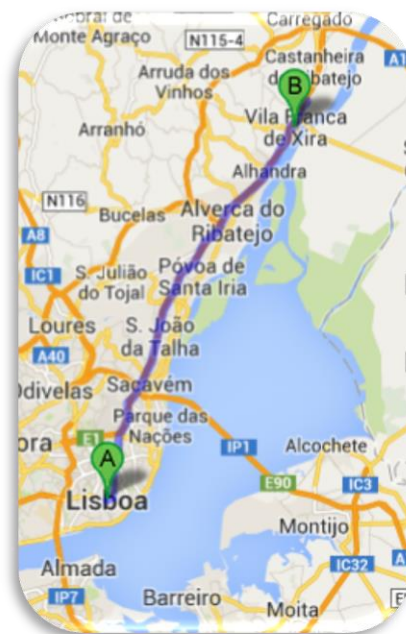


⁹ António Bolivar, 2003:2 cit. in Projeto Educativo do Agrupamento Professor Reynaldo dos Santos, 2009-13

Vila Franca de Xira é uma cidade, a trinta minutos de Lisboa, com uma população de cerca de dezoito mil habitantes; é, também, sede de um município com 17 freguesias e uma densidade populacional de 429,7 hab./km². Em 2011(Censos), a População Residente era de 136.510 pessoas.

Trata-se de um concelho que conjuga características urbanas e rurais, que integra a paisagem dos montes e a das lezírias do Tejo, nomeadamente a Reserva Natural do seu Estuário.

A ligação secular às lides do campo, à criação de gado, às tradições e figuras tauromáticas constitui algumas das suas referências, em termos de herança cultural que se alia a um vasto património histórico, com as várias quintas municipais, e um rico património gastronómico ligado à pesca e ao campo.



1.2. Caracterização da comunidade educativa

Em 2011-12, ano de realização do estudo, a população escolar do Agrupamento é composta por 1354 alunos, dos quais 965 frequentam a escola sede e os restantes distribuem-se por três escolas do ensino pré-escolar e primeiro ciclo. Numa delas, funciona uma Unidade de Ensino Estruturado para Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo. A escola sede acolhe os 2º e 3º ciclos (ensino regular e cursos de educação e formação) e o ensino secundário (cursos científico-humanísticos e cursos profissionais), sendo também uma Escola de Referência de Educação Bilingue para

Alunos Surdos. Das 59 turmas a funcionar, 41 estão na escola sede: 11 turmas (241 alunos) no 2º ciclo; 15 turmas (338 alunos, sendo 15 CEF) no 3º ciclo; 15 turmas (386 alunos) no ensino secundário, das quais 12 do CCH e 3 dos Cursos Profissionais. Em termos de alunos com necessidades educativas especiais, registam-se 63, dos quais 28 frequentam a escola sede. 8% dos alunos do ensino básico e 9% do ensino secundário não transitaram e 6% e 12% respetivamente, não concluíram. No ensino básico, anularam a matrícula 6% e no ensino secundário, 12% dos alunos.

Dos alunos da escola sede, 230 beneficiam de ASE: 109-escalão A; 76-escalão B. No ano analisado, na escola sede, foram marcadas 607 faltas disciplinares, das quais 531 a 122 rapazes e 76 a 49 raparigas. Dessas, apenas 177 participações chegaram ao conhecimento da direção, 164 a rapazes e 13 a raparigas. Não ocorreu nenhuma expulsão.

O corpo docente é constituído por 129 professores, dos quais 109 na escola sede.

O pessoal não docente integra 31 funcionários: 8 administrativas e 32 Assistentes Operacionais, dos quais 20 se encontram na escola sede. Integra, ainda, 6 técnicos especializados: 2 terapeutas da fala, 2 técnicas de língua gestual e 2 formadoras de língua gestual portuguesa; 2 professoras de Educação Especial. Não existe psicólogo, a tempo inteiro. O acompanhamento conseguido deveu-se à cooperação com o centro de saúde e ao protocolo existente com o projeto PIPT (Plano de Intervenção e Prevenção de Toxicodependências), então a decorrer, no âmbito da cooperação entre a autarquia e o Instituto de Drogas e Toxicodependências.

1.3. Princípios orientadores

Das linhas orientadoras consignadas no Projeto Educativo do Agrupamento a que pertence a Escola Reynaldo dos Santos, destacamos, pela pertinência para o tema em estudo, as seguintes:

- “- desenvolver-se como uma comunidade de aprendizagem, através do crescimento académico de toda a comunidade – docentes, estudantes e pessoal não docente – em que cada um tem um papel a desempenhar no processo de aprendizagem, próprio e comum;
- construir a disciplina na escola através de uma Ação coordenada. Construir a disciplina na escola e na aula significa formar ou educar o aluno para a autodisciplina e para a responsabilidade. Criar ambiente de trabalho e condições organizacionais de modo a alcançarem-se os objetivos da *escola*. Lidar com o desvio e a indisciplina na sala de aula, de modo a preveni-la, corrigi-la ou puni-la. Prevenir é sempre preferível a remediar, pelo que a grande aposta a fazer é na definição de uma estratégia

exequível de prevenção. O conhecimento dos *Deveres do Aluno* (art.º 15º da Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro), o controlo da assiduidade, a avaliação do aproveitamento escolar, o regulamento interno e o processo disciplinar são os meios de prevenção e controlo da indisciplina. Esforços coordenados e conjuntos produzirão mais e melhores resultados sem custarem mais do que esforços dispersos e descoordenados. Fomentar a coerência da Ação individual e conjunta dos atores educativos em torno de um Projeto claro e conciso poderá, pois, ajudar a construir a disciplina na escola e, por essa via, a melhorar a qualidade do serviço educativo;” (p.5)

O Agrupamento tem como lema, consignado no Projeto Educativo, “ Uma Escola Inteira”, com o que se assume como uma escola inclusiva e integradora de todos os membros da comunidade educativa.

Entre as quatro metas de aprendizagens apresentadas, salientamos a que mais se equaciona no nosso tema: desenvolver competências sociais que contribuam para o exercício pleno e consciente da cidadania.

1.4. Quadro normativo

O Agrupamento rege-se, para além da legislação em vigor, pelo Projeto Educativo do Agrupamento, aprovado para o período de 2009-2013, pelo Regulamento Interno, adaptado sempre que se verifica alteração da legislação de referência, pelos Regulamentos Específicos, assim como pelo Projeto Curricular de Agrupamento.

Toda a informação¹⁰ relevante é disponibilizada na página eletrónica da escola¹¹.

¹⁰ Salvaguarda-se a situação de à data de apresentação deste trabalho, alguns dados/documentos da Escola terem sofrido atualizações.

¹¹ <http://www.reynaldo.edu.pt/>

“Toda a aproximação é um conflito.
O outro é sempre o obstáculo para quem procura.”¹²
Fernando Pessoa

1. Objeto da Investigação

1.1. Problema de Investigação

A definição de conflito, muito associada ao conceito de (in)disciplina, remete-nos para a ideia de “choque, embate, luta”. Situações de indisciplina e conflito são, à partida, antagónicas, perturbam a ação e constituem um fenómeno subjetivo, muitas vezes inconsciente ou de difícil perceção, resultado de respostas incompatíveis, de choque de motivos ou informações desencontradas. Sendo a instituição escolar, na sua essência, relacional, torna-se um local de excelência para o despoletar do conflito, o qual acontece na interação que, segundo Costa (2003:10) se estabelece “ao construirmos e reconstruirmos um sentido do *self* e do outro, do self com o outro e com o mundo.”

Enquanto fatores e estratégias de prevenção dissuasoras da criatividade negativa de querer pôr os outros à prova, origem de muita indisciplina e muitos conflitos escolares, Costa defende a importância dos seguintes aspetos:

- ênfase no desenvolvimento das competências relacionais/sociais do aluno atividades extra letivas;
- definição clara de regras e dos papéis em todos os espaços;
- novo papel do professor especialmente no que diz respeito às relações interpessoais;
- formação/educação dos pais;
- cultura da organização - interações entre agentes e atores sociais, parcerias internas e externas, espaços de interação, compromissos estratégicos do poder, entre outros;
- Projeto Educativo;
- surgimento de um clima que seja promotor de uma aprendizagem de sucesso;

¹² In “ O Rio da Posse”

- boa liderança uma escola sinónimo de exclusividade, de positivismo e de pluralidade;
- aprendizagem do papel social, através do estabelecimento de práticas democráticas.

O problema de investigação traduzido na pergunta de partida **“Qual o olhar dos encarregados de educação e assistentes operacionais sobre a (in)disciplina na escola?”** prende-se, prioritariamente, com a necessidade de recolha de novos olhares sobre a (in)disciplina na escola e a busca/promoção de novas propostas de resposta. Por “olhares”, entenda-se a perceção que cada um desenvolve perante uma mesma questão, neste caso específico, sobre a (in)disciplina. Essa perceção é fruto do ângulo, a partir da qual essa realidade é observada e do contexto que a condiciona. Pretendemos, com isto, identificar a forma como os encarregados de educação e os assistentes operacionais percecionam a (in)disciplina, a forma como a abordam, as soluções que apontam, o seu grau de disponibilidade para um crescente envolvimento e a abertura a novas formas de atuação, eventualmente mais eficazes. Recordando as palavras de Marcel Proust¹³ “A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares.”

1.2. Questões de Investigação

Com este estudo pretendemos, assim, responder a várias questões, sempre equacionadas sob o ponto de vista dos encarregados educação dos alunos dos 2º e 3º ciclos e assistentes operacionais e tendo como base a realidade da escola em causa. Podemos agrupá-las em vários domínios:

- ❖ conceito de indisciplina,
 - O que entendem por (in)disciplina?
 - Como tem evoluído o fenómeno da (in)disciplina (no geral e na escola)?

¹³ In: http://pensador.uol.com.br/autor/marcel_proust/ “The real voyage of discovery consists not in seeking new landscapes, but in having new eyes.”

- ❖ relação (in)disciplina e imagem da escola;
 - De que forma é que a (in)disciplina tem contribuído para a imagem da escola?
- ❖ tipos de indisciplina ocorridos;
 - Quais as manifestações de (in)disciplina mais frequentes?
- ❖ causas e consequências da (in)disciplina;
 - Que fatores estão na origem da (in)disciplina?
 - Por que há (in)disciplina numas aulas e noutras não?
 - Quais os grupos etários onde a (in)disciplina se regista com maior frequência?
 - Quais os contextos familiares dos alunos onde se verifica maior (in)disciplina?
 - O género tem influência na (in)disciplina?

- ❖ sobre as estratégias e agentes educativos
 - Qual o papel atual dos vários atores da escola para encarar esta temática: lideranças superiores e intermédias, professores, encarregados de educação, pessoal não docente?
 - Como é vista a autoridade dos vários agentes educativos?
 - Quais as práticas organizativas e pedagógicas promovidas pela Direção para controlar a (in)disciplina?
 - Os Encarregados de Educação e Assistentes operacionais consideram justas as medidas disciplinares adotadas pela escola?
 - Como avaliam os Encarregados de Educação e Assistentes operacionais a eficácia das estratégias da escola perante a (in)disciplina, em termos de prevenção, reforços positivos e intervenção?

- ❖ Mobilização/atução dos pais/encarregados de educação/assistentes operacionais
 - Que propostas de intervenção poderiam ser adotadas para ajudar a minimizar a (in)disciplina?
 - Que contributo pode ser dado pelos encarregados de educação e assistentes operacionais?

1.3. Justificação e relevância do estudo

A relevância deste estudo prende-se, em primeiro lugar, com o interesse que pode ter para a comunidade de investigação, na área da Administração Educacional, pelo contributo que poderá dar com novos dados e novos ângulos de observação.

Justifica-se, ainda, quanto a nós, pelo que a (in)disciplina representa para a organização escola e para o sucesso escolar dos alunos e pelo papel, indiscutivelmente relevante que os agentes educativos podem, de uma forma crescente, mais efetiva e eficaz, vir a desempenhar, neste domínio. Vemos como pertinente qualquer iniciativa deste teor, no sentido de um conhecimento mais aprofundado das convicções dos pais e encarregados de educação e assistentes operacionais e, em última análise, a sua sensibilização para a participação ativa.

Numa perspetiva de formação profissional contínua em articulação com as necessidades da escola onde lecionamos, consideramos que o nosso contributo vai ao encontro dos objetivos delineados no projeto educativo do Agrupamento, que inclui a (in)disciplina como uma das áreas prioritárias de intervenção a qual tem sido, como já tivemos oportunidade de mencionar anteriormente, alvo de atenção repetida nos vários Conselhos Pedagógicos.

Como acentua Garcia (1999:137), a formação de professores deve valorizar o seu carácter contextual, organizacional e ser orientado para a mudança e inovação para a escola. Na mesma linha, situa-se o defendido por Dillon-Peterson(1981), de acordo com quem “o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores ocorre no contexto do desenvolvimento da organização em que trabalham” (cit. in Garcia, 1999:137).

Na qualidade de professora, não podíamos ficar insensíveis a este fenómeno. Como diz Amiguinho (1992), “ações em reflexão é ativismo; reflexão sem ação é verbalismo”, pressuposto em que se inscreve a nossa pretensão de refletir sobre a (in)disciplina e de agir perante a mesma.

Grave-Resendes (2004), a propósito de conflitos considera que devemos lidar com eles “de uma forma que minimize o seu impacto e maximize o potencial positivo inerente.”, atitude que estendemos à postura a assumir perante a indisciplina e que, assim, desejamos promover.

1.4. Limitações do Estudo

Consciente de que “em educação não há soluções milagrosas” (Birzea, 1982:120), tentámos enfrentar os desafios que se nos depararam e ultrapassar as limitações que poderiam condicionar o desenrolar deste processo e a obtenção de resultados fiáveis, válidos e úteis.

Nesta perspetiva, envidámos esforços para nos distanciarmos “afetivamente” do objeto em estudo, de forma a conseguirmos retratar, fielmente, os “olhares” sobre a realidade estudada à procura de dados objetivos e de novos caminhos.

Relativamente aos inquéritos aplicados, tanto por entrevista como por questionário, o primeiro administrado em situação presencial e o segundo a distância, estávamos conscientes de que os procedimentos seguidos podem influenciar a recolha dos dados, situação a evitar. Demos a maior atenção à sua correta construção, ao grau de sinceridade das respostas e, no caso específico do questionário, à taxa de devolução.

Outra condicionante a ter em atenção foi o fator tempo, para a condução de todas as fases do estudo, o qual pode afetar a qualidade e o rigor dum projeto, pelo que procurámos atender aos dois princípios orientadores indicados por Carmo e Ferreira (2008:37) como questões prévias, que se traduzem na articulação da informação disponível e da gestão do tempo.

Relativamente à gestão do tempo, regista-se que o estudo decorreu em simultâneo com o desenrolar da nossa atividade profissional. Por outro lado, a aplicação dos inquéritos teve de se ajustar à própria dinâmica da escola, o que implicou o adiamento da sua aplicação, para o ano letivo seguinte ao inicialmente agendado. No ano previsto, a escola encontrava-se em processo de avaliação interna e externa, com vários inquéritos de satisfação a decorrer que abrangiam toda a comunidade educativa. A aplicação de mais inquéritos, nesse período, poderia desencorajar os inquiridos ao seu preenchimento ou levá-los a dar respostas pouco refletidas. Concomitantemente, iria constituir um avolumamento de trabalho para os diretores de turma, já bastante sobrecarregados com as tarefas já existentes decorrentes da avaliação da escola. Qualquer dos fatores poderiam comprometer a fiabilidade dos dados recolhidos e a validade dos resultados. Para obviar esses riscos, optou-se pelo adiamento da aplicação dos inquéritos, para um momento mais oportuno: 2011-12.

Os constrangimentos logísticos constituíam outro fator limitativo, a considerar,

sobretudo no caso dos encarregados de educação. Os inquéritos incidiram apenas sobre uma amostra de 50% do universo estudado. Tratava-se, mesmo assim, de um número elevado de cujas taxas de devolução dependíamos. Outro fator condicionante e de incerteza era constituído pelo grau de envolvimento dos diretores de turma, no processo de entrega e recolha dos inquéritos, decisivo para as taxas de devolução.

A necessidade de limitação do objeto de estudo, para não o tornar demasiado extenso fez-nos optar por, no caso das assistentes operacionais (AOs), recorrer, apenas, à entrevista da sua responsável. Apesar do cuidado em não nos alongarmos demasiado na exploração do tema, não podíamos deixar de aproveitar o testemunho de alguém que pudesse fazer a ponte entre a opinião dos encarregados de educação e da assistente operacional. Recorremos, para tal, a uma encarregada de educação que já desempenhou o papel de voluntária na escola, tendo, então, assumido, na íntegra, as funções de uma assistente operacional.

1.5. Objetivos do Estudo

O problema abordado neste estudo e os objetivos traçados emergiram da convivência diária com um problema, infelizmente, cada vez mais atual nas nossas escolas, sobre o qual gostaríamos de ter uma compreensão mais abrangente, profunda e científica.

Com a captação destas perspetivas, indo em busca de respostas para a pergunta de partida e as daí decorrentes, constituem objetivos deste estudo:

- Definir o conceito de (in)disciplina;
- Identificar causas da (in)disciplina;
- Conhecer/compreender as representações dos Encarregados de Educação e pessoal não docente face à (in)disciplina e sua evolução;
- Conhecer e compreender a perceção dos Encarregados de Educação e do pessoal não docente sobre a (in)disciplina, na escola e sua evolução;
- Identificar causas da (in)disciplina – em geral e na escola;
- Apurar até que ponto as representações sociais que os alunos têm da escola e dos professores se refletem na (in)disciplina
- Avaliar a repercussão das relações interpessoais sobre a (in)disciplina;
- Identificar perceção dos inquiridos quanto as estratégias da escola perante a (in)disciplina prevenção, reforços positivos e intervenção;

- Contribuir para a melhoria do clima de escola, através de propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção;
- Sensibilizar/motivar os encarregados de educação e pessoal não docente para o envolvimento ativo;
- Apontar boas práticas/abrir novos caminhos;
- Incentivar o envolvimento ativo dos encarregados de educação, e pessoal não docente na implementação de novas práticas promotoras do bom ambiente, na escola;
- contribuir para a implementação de práticas promotoras da disciplina e de um bom clima de Escola.

1.6. Seleção de termos e conceitos

Para este estudo seleccionámos os seguintes conceitos que nos pareceram melhor retratar o conteúdo deste estudo: (in) disciplina, pais e encarregados de educação, assistentes operacionais, contexto escolar e prevenção.

Para tal, tivemos em linha de conta as afirmações de Estrela (2002), para quem o significado das palavras não é estático, elas mudam o seu significado, têm significados locais, porque são conceitos relativos a um dado tempo e a um dado espaço ou têm significados puramente pessoais (in Ferreira,2007:9)

Na mesma linha, Barroso (2003:65) considera que: “ Por isso, é preciso discutir o significado das coisas e evitar que as palavras sejam manipuladas ao sabor de “um pensamento único”. Assim, destacaremos os conceitos de **Disciplina versus Indisciplina**; não sendo mutuamente exclusivos entre si, mas sim complementares, têm dado azo ao aparecimento de múltiplas interpretações. De realçar algumas das muitas definições de **Indisciplina**.

“tende normalmente a ser definida pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas (Estrela, 2002:17)

“ negação de qualquer coisa, seja essa coisa norma ou padrão socialmente aceite, ou regra arbitrariamente imposta”(Magalhães,1989:40)

“transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou relacionamento de pessoas na escola.” (Veiga,2007:15)

“fenómeno racional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula e, ainda no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade” (Amado 2001:43, cit. in Ferreira,2007)

2. Procedimentos

2.1. Plano de Investigação

A investigação científica, ora aborda as situações tal como estas se apresentam na realidade, usando teorias e dados para relacionar variáveis identificadas, ora constrói situações artificiais, testam as suas teorias por meio da manipulação de dois tipos de variáveis, isto, é, a variável independente e a variável dependente, respetivamente; estamos, respetivamente, perante a abordagem qualitativa e quantitativa. Os primeiros procuram “as perceções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística ” (Bell,1987:20), ficando esta no domínio dos segundos.

Qualitativo/Quantitativo: dicotomia ou *continuum*?

A posição dos investigadores face a este tipo de relação é muito divergente. Uns tomam partido de uma distinção dicotómica com base em pressupostos epistemológicos e filosóficos; outros, pelo contrário, optam pela tese de um *continuum* entre qualitativo e quantitativo.

Huberman e Miles (1991) preferem não estabelecer oposição entre qualitativo e quantitativo, no campo das decisões epistemológicas, ontológicas e metodológicas em investigação, falando de um continuum no qual se situam as várias opções.

Também Tuckman (1994) defende a construção de “uma nova mentalidade científica, suscetível de enquadrar os diversos níveis ou tipos de investigação e as consequentes metodologias” (p.13)

Carmo e Ferreira (1998:176) reforçam esta ideia afirmando, como Reichardt e Cook (1986)” o investigador também não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos quantitativos ou qualitativos e no caso de a investigação assim o exigir, poderá mesmo combinar o emprego dos tipos de métodos”.

Cook e Reichardt (1997) consideram, mesmo, a articulação dos dois métodos a opção adequada para a investigação científica, porque permite a complementaridade dos dados perspectivados através de modos diferentes.

O mesmo considera Shulman (1981), para quem estes dois tipos de métodos, que

designa de *modelo ponte* não são incompatíveis, mas, constroem, em conjunto, um mosaico metodológico que será o mais estimulante campo da investigação aplicado ao estudo da educação. Do mesmo modo, Bisquerra (1989) e Johnson e Onwuegbuzie (2004) consideram que, apesar das divergências e particularidades que se levantam sobre a aplicação das duas abordagens, estas podem ser complementares.

É nesta última postura de conciliação que nos inscrevemos para a realização do nosso estudo, uma vez que este se orienta por objetivos descritivos e exploratórios. O recurso ao qualitativo, com os inquéritos por entrevistas exploratórias serve a intenção de recolha da perceção individual de alguns encarregados de educação e pessoal não docente com experiências/perspetivas meritórias de partilha e individualização; por outro lado, o recurso ao quantitativo surge da necessidade de recolha de dados através de inquérito por questionário de uma amostra mais ampla da população alvo e da respetiva análise de dados, de teor estatístico.

2.2. População em estudo e processo de amostragem

O estudo envolveu os Encarregados de Educação dos alunos dos 2º e 3º ciclos, incluindo os Cursos de Educação e Formação, assim como o testemunho da responsável das Assistentes Operacionais e uma Encarregada de Educação Voluntária.

O quadro 3 apresenta a distribuição dos alunos por ciclo de ensino e por turma, de entre os quais se procedeu à seleção aleatória dos encarregados de educação para a aplicação dos inquéritos.

O elevado número de inquiridos e as dificuldades logísticas, orçamentais, temporais, inerentes à inclusão de todos, neste processo, levaram-nos a optar pela adoção de um plano de amostragem aplicado sobre a população em estudo, identificada no Quadro 3. Para garantir a representatividade dos dois ciclos de ensino, administrou-se o inquérito a 50% dos encarregados de educação destes dois grupos.

Optámos por uma amostragem probabilística, de forma a permitir projeções e inferências sobre a população alvo representada. Queríamos abranger os encarregados de educação representantes de todos os níveis dos ciclos e vias de ensino referidos e de todas as turmas aí incluídas, de forma a garantir que o estudo fosse representativo. Assim, considerámos como mais adequada, a amostragem estratificada, onde cada nível e turma constituíram estratos diferentes, proporcionalmente representados.

No entanto, a seleção dos encarregados de educação dentro da turma foi um processo aleatório, isto é, uma amostragem aleatória simples. Por outro lado, a amostragem foi, ainda, proporcional, pois a dimensão da amostra retirada de cada estrato foi proporcional ao tamanho relativo do estrato na população total. Por este meio e através da obrigatória inferência estatística, considerámos poder garantir uma extrapolação de resultados sinónimo de credibilidade.

Quadro 3 - Caracterização global da Comunidade Escolar em Estudo										
	Turma	Total	50%	Turma	Total	50%	Turma	Total	50%	50% do total
2º CICLO	5ªA	22	11	6ªA	25	13				
	5ªB	22	11	6ªB	25	13				
	5ªC	26	13	6ªC	26	13				
	5ªD	22	11	6ªD	21	11				
	5ªE	21	11	6ªE	26	13				
	---	----	----	6ªF	5	3				
Subtotais	---	113	57	----	128	64	----	----	----	121
3º CICLO	7ªA	25	13	8ªA	24	12	9ªA	21	11	
	7ªB	20	10	8ªB	20	10	9ªB	24	12	
	7ªC	25	13	8ªC	19	10	9ªC	25	13	
	7ªD	26	13	8ªD	22	11	9ªD	28	14	
	7ªE	22	11	8ªE	22	11	----	----	----	
Subtotais	---	118	59	----	107	54	----	98	49	162
	CEF	15	8							8
Total de Encarregados de Educação		246			235			98		579
Número de Encarregados de Educação para aplicação dos inquéritos (50% do total)										290

Foi também nossa preocupação abranger encarregados de educação de alunos com e sem problemas disciplinares, em maior ou menor grau, de forma a que a “radiografia” obtida com este estudo fosse o mais completa e abrangente possível e as propostas de análise, as mais variadas.

No caso do pessoal não docente, optámos por realizar duas entrevistas, nomeadamente, como já mencionado anteriormente, à responsável das assistentes operacionais e a uma encarregada de educação que também já exerceu a função de assistente operacional, enquanto voluntária.

2.3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Qualquer processo de escolha pressupõe a aplicação de critérios rigorosos, sob pena de os métodos seleccionados não se adequarem aos objetivos visados. Para tal,

requer-se uma “organização crítica das práticas de investigação” (Almeida, 1982:84), como garante da articulação adequada das técnicas de pesquisa com o objeto de estudo.

Tendo em atenção os objetivos definidos para este estudo, optámos por uma abordagem mista, de carácter qualitativo e quantitativo, para que a recolha de dados pudesse ser heterogénea e a triangulação de dados exequível.

Através do inquérito por questionário, tentámos evidenciar e compreender uma visão global dos encarregados de educação sobre os vários aspetos e diagnosticar os pontos a rever para melhoria da qualidade da escola, a este nível.

Através da técnica do questionário por entrevista, quisemos obter uma maior aproximação do sujeito da nossa investigação, que observa e convive, no dia a dia, com o tema do nosso estudo, a (in)disciplina dos alunos. A recolha destes dados proporcionaria uma triangulação de dados mais eficaz e mais fiável.

Na linha de Estrela (1984:56), para quem “as necessidades de inteligibilização do real deverão orientar os processos de investigação”, optámos por um estudo exploratório de carácter descritivo, na medida em que o que se pretende é descrever uma realidade para a tornar *inteligível*, mais concretamente “numa lógica exploratória, como meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade” (Albarello *et al*, 1977:117). A investigação descritiva, como o próprio nome sugere, tem por objetivo descrever um determinado fenómeno (Bisquerra, 1989; Fox 1987), ou seja, “descreve o que é. Compreende a descrição, registo, análise e interpretação das condições existentes no momento” (Best, 1981:31). Por outro lado, como afirma Bisquerra (1989:65), a investigação descritiva “pode utilizar metodologia qualitativa ou quantitativa”. Bogdan e Biklen (1994) salientam que a abordagem interpretativa descritiva é amplamente aplicada nas Ciências Sociais e Humanas e, em particular, em estudos do domínio da educação.

Para Carmo e Ferreira (2008:231-235), a investigação descritiva significa estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação e é heurística (Merriam:1988) porque conduz a compreensão do que está a ser estudado.

Note-se também que esta investigação se situa num contexto de descoberta e não de prova, tratando-se de uma abordagem indutiva exploratória, segundo a nomenclatura de Van Der Maren (1996). Em conformidade, os dados foram sujeitos a uma análise indutiva, não consistindo o nosso objetivo em confirmar ou inferir hipóteses construídas previamente. Para Bogdan e Biklen (1994:16), “ainda que se possam vir a seleccionar questões específicas à medida que se recolhem os dados, a abordagem a

investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses”.

Ao optarmos pelo inquérito por questionário e por entrevista como instrumentos de recolha de dados, tivemos em conta os objetivos pretendidos, o número de pais/encarregados de educação e pessoal não docente inquiridos, o tempo disponível e os condicionalismos inerentes à recolha de dados.

Na elaboração dos inquéritos e das entrevistas, nomeadamente, do guião, tendo em conta os objetivos comuns subjacentes, tentámos equiparar o mais possível, os itens/questões colocadas, por forma a facilitar a posterior triangulação de dados. No caso da Assistente Operacional, verificou-se que nas questões relativas à perceção da in/disciplina escolar, a entrevistada recorre também muito à sua experiência como encarregada de educação, concretamente para se pronunciar sobre a evolução da mesma.

2.3.1. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário, sendo um instrumento que permite acesso a um elevado número de dados num curto espaço de tempo, permite a recolha de informações específicas relevantes, passíveis, de aprofundamento, através da entrevista. O inquérito por questionário só surgiu e foi aplicado, após uma revisão da literatura, nomeadamente no campo da metodologia da investigação e de estudos efetuados no âmbito do papel dos pais/encarregados de educação e pessoal não docente ao nível da (in)disciplina, para que a sua construção pudesse atender aos objetivos do nosso estudo e à informação que pretendíamos recolher. Esta técnica é aconselhada por permitir fiabilidade, desde que “se respeitem escrupulosamente os procedimentos metodológicos quanto à sua conceção, seleção de inquiridos e administração no terreno” (Carmo e Ferreira, 1998:140). Na educação, é muito frequente a investigação por inquérito, a qual é de grande utilidade possuindo um “valor inegável” (Tuckman,1994) como processo de recolha de dados.

O inquérito por questionário oferece uma maior sistematização, maior simplicidade de análise, maior rapidez na recolha e análise dos dados mas, pelo contrário, exige um grande rigor na conceção, não é aplicável a toda a população e tem uma grande taxa de “ não respostas” (Carmo e Ferreira,1998:140).

Na preparação do nosso inquérito por questionário, mantivemo-nos atentos a

esse perigo, pelo que fomos escrupulosos no cumprimento dos passos sugeridos pelos autores: explicitação dos objetivos, redação das perguntas, escolha do tipo de perguntas e sua testagem através de um pré-inquérito por questionário:

“esta primeira fase do pré teste do inquérito por questionário indica-nos como as questões e as respostas são compreendidas, permite-nos evitar erros de vocabulário e de formulação e salientar recusas, incompreensões e equívocos”. Giglione e Matalon (1992:73)

A aplicação efetiva dos questionários foi precedida da respetiva validação, com a sua implementação junto de um pequeno universo modelo de 14 encarregados de educação, ao que se seguiram os necessários ajustamentos.

Lima (2000) considera que a preparação e realização do inquérito por questionário não pode prescindir das seguintes fases, orientações a que também quisemos ser fiéis na elaboração dos questionários:

- planeamento do inquérito de acordo com os objetivos, a definição de variáveis, suas relações e a escolha da população de amostra;
- preparação do instrumento traduzindo os objetivos numa linguagem perceptível e clara, as perguntas devem obedecer a uma estrutura lógica, para que não haja dúvidas ou incompreensões;
- preocupação com o facilitar o envio e a devolução;
- análise dos resultados que compreende o controlo da amostra, a codificação das respostas, a leitura, apuramento e tratamento da informação e a sua redução às conclusões da investigação;
- apresentação dos resultados.

Os questionários foram, como tal, distribuídos de forma aleatória, mas de modo a abranger equilibradamente, os encarregados de educação dos alunos com comportamentos e níveis de aproveitamento heterogéneos e a garantir a maior fiabilidade possível dos dados recolhidos.

Os questionários, em papel, foram entregues a cada Diretor de Turma, que os encaminhou, via aluno, aos encarregados de educação a inquirir. A sua recolha foi feita, de modo a garantir que nenhum ficasse por devolver, através do respetivo registo. Com taxas de devolução de 92%, podemos-nos congratular pelo empenho e espírito de colaboração de todos os diretores de turma envolvidos.

Procurámos que a extensão do questionário fosse equilibrada, de forma a que o número de perguntas não fosse, nem demasiado reduzido, não conseguindo, assim, abranger toda a problemática, nem demasiado extenso, com eventual efeito dissuasor sobre os inquiridos, como lembram Carmo e Ferreira (2008). Com estas precauções, pretendemos aumentar a probabilidade de aumento da taxa de respostas. O questionário integrou várias temáticas claramente identificadas, com perguntas objetivas, portanto, tendencialmente fechadas, como garante de um maior grau de fiabilidade e de limitação do grau de ambiguidade. Utilizámos a escolha única, múltipla e escala de opinião, escala de Likert, consoante se verificou ser mais adequado. Também deixámos alguns espaços para observações, designados ora como *sugestões*, ora como *outro*, para alargar o âmbito deste inquérito.

Atendendo à heterogeneidade do público-alvo, não diversificámos muito o tipo de perguntas aplicadas, para evitar a dispersão e fomos especialmente cuidadosos na clareza das instruções sobre o modo de resposta.

Para além das habituais perguntas de identificação, para identificação sociocultural e das perguntas de informação para a recolha de dados sobre factos e opiniões dos inquiridos, não deixámos de fazer, também, algumas perguntas de controlo, para testar a veracidade de outras perguntas anteriores. Assim, os blocos de perguntas começam por contemplar a caracterização sociodemográfica e profissional da população alvo, alargando-se depois para os restantes objetivos e respetivas categorias, obedecendo à seguinte distribuição:

1ª parte - Dados pessoais relativos ao/à encarregado/a de educação

2ª parte - Dados pessoais relativos ao seu educando

3ª parte – Representação dos encarregados de educação acerca da (in)disciplina escolar

4ª parte – Representação dos encarregados de educação acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos

5ª parte – Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar

No que se refere à possibilidade de cruzamento de variáveis, consideram-se relevantes as 1ª e 2ª partes do questionário, suscetíveis de cruzamento entre si e com as questões das restantes partes. O perfil dos inquiridos, contemplado na 1ª parte, ficaria incompleto sem a informação recolhida na 2ª parte sobre os respetivos educandos pelo que esta, assim se justifica.

O cruzamento do género, da estrutura etária dos educandos ou do seu aproveitamento escolar com os dados sobre a indisciplina dos mesmos, permite-nos completar as nossas ilações sobre a relação entre estas variáveis e completar a imagem sobre a indisciplina na escola. O mesmo se aplica quanto às atitudes, escolaridade, interesse pela escola dos encarregados de educação, também presentes na 1ª parte. O próprio retrato do encarregado de educação fica, igualmente, mais claro através dos dados fornecidos sobre o seu educando.

Cada bloco de perguntas serve um determinado objetivo, como mostra o quadro seguinte:

Quadro 4 - Distribuição das questões por objetivos, no questionário

Objetivos	Questões no Questionário
Retratar as características socioculturais dos Encarregados de Educação	1ª parte – 1-7 2ª parte – 12-15; 18;
Traçar o perfil do inquirido enquanto encarregado de educação	1ª parte – 8; 9;10;11 2ª parte – 16;17;19; 20;21;22;
Definir o conceito de (in)disciplina	3ª parte - 23;24; 25
Identificar causas da (in)disciplina	3ª parte - 27; 28 (género);
Conhecer/compreender as representações dos Encarregados de Educação face à (in)disciplina e sua evolução;	2ª parte - 11 3ª parte – 26; 27; 28;
Conhecer e compreender a perceção dos Encarregados de Educação sobre a (in)disciplina, na escola e sua evolução.	4ª parte – 29 - 34
Identificar causas da (in)disciplina, na nossa escola – fatores intrínsecos aos alunos; fatores inerentes à escola; fatores de origem sociofamiliar.	4ª parte –35; 36; 37
Identificar as estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina.	4ª parte – 38
identificar a sua perceção quanto à eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção, reforços positivos e intervenção	4ª parte – 39
Contribuir para a melhoria do clima de escola, através de propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	5ª parte – 40
Incentivar o envolvimento ativo dos Encarregados de Educação, na implementação de novas práticas promotoras do bom ambiente, na escola	5ª parte -41

Qualquer destas técnicas, seja o inquérito por entrevista, seja o inquérito por questionário, oferece vantagens e desvantagens.

Alguns autores consideram que os dados quantitativos não respondem inteiramente aos objetivos definidos e ao objeto de investigação, justificando-se, deste modo a opção por outros instrumentos de recolha de dados, como acima referido, para o aprofundamento das questões em análise. Assim, por exemplo, de acordo com De Landsheere,

“o inquérito por questionário cobre dificilmente todos os aspetos de um problema (...) frequentemente as questões são colocadas em função da forma como o investigador percebe a situação [e, assim,]o inquérito por questionário é um instrumento pouco fiel, sobretudo quando se trata de opiniões.” (1976:75)

2.3.2. Inquérito por entrevista

Na elaboração e condução das entrevistas, foi nossa preocupação considerar os objetivos e princípios comumente atribuídos às mesmas.

Destacamos, assim, alguns autores que defendem as vantagens da sua aplicação:

“a entrevista é particularmente indicada para “compreender fenómenos como as atitudes, as opiniões, as preferências, as representações (...) que só são acessíveis de uma forma prática pela linguagem”, permitindo “saber como é que o indivíduo o explica, que significado tem para ele, o que não sabemos se ele não o explicitar” (Ghiglione e Matalon, 1997:13).

Segundo Patton (1990), a entrevista permite que os entrevistados relatem o seu pensamento, nas suas próprias palavras, de forma a expressar os seus pontos de vista pessoais.

As entrevistas apresentam também como vantagem a possibilidade de obtenção direta de respostas às questões de investigação definidas, mas implicam uma preparação muito exaustiva que prevê: seleção de tópicos, elaboração de questões, previsão dos métodos de análise preparação e testagem do plano, para além do recurso a uma linguagem compreensível e a formas de abordagem promotoras de um clima descontraído e de um relacionamento fácil com os entrevistados. Neste sentido, desenvolvemos guiões de entrevistas adequados a cada entrevistado, como forma de ajuda para registo das respostas sob determinadas linhas de orientação. Tal como Bell sugere (1987:138), tentámos praticar a entrevista e gerir o tempo a usar com cada uma.

Neste estudo, optámos pela entrevista *semidirectiva* (Quivy e Campenhoud, 1992). Consideramo-la a que melhor se adequa, atendendo a que, apesar da existência de um guião inicial, elaborado pelo entrevistador, o entrevistado, como referem Marconi e Lakatos (1990), continua a dispor da liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere pertinente. Com o recurso à entrevista semidirectiva, quisemos dar liberdade aos entrevistados para desenvolverem, de forma flexível e aprofundada, os seus relatos, e dar-lhes, assim, oportunidade de verbalizarem aspetos relativos às suas perceções sobre a (in)disciplina na escola, consideradas de relevo para a adoção de estratégias eficazes. Ao entrevistado deve ser dada a

oportunidade de não apenas se manifestar sobre os conteúdos específicos em estudo, mas também sobre outras questões relevantes para o estudo e não previstas no guião. Esta situação ocorreu nas nossas entrevistas, em que, algumas vezes, as entrevistadas divagaram para questões, não previstas, mas que se relacionavam com o tema e, em última análise, as ajudavam a formar a sua perceção sobre esta questão. No caso da Assistente Operacional, em que a solicitação de dados relativos ao número de filhos, ou ao estado civil, não estava prevista, por não estar a ser ouvida na qualidade de Encarregada de Educação, mas de assistente operacional, essa informação acabou por ser revelada espontaneamente, por ter moldado a própria experiência da entrevistada. Acabamos, assim, por ter acesso a todo um contexto situacional, um contexto situacional, que de outra forma, não aconteceria. Também acaba por se diluir a diferença no que se refere às causas da indisciplina escolar, da sua perceção, em termos gerais e na escola propriamente dita.

Assim, as entrevistas, não respeitando com rigor a ordem das questões, nem a linguagem constante no guião, o qual não pode ser encarado como um espartilho, também não o pode ignorar completamente. Serve, nomeadamente, para reencaminhar a entrevista para os objetivos do estudo, cada vez que o entrevistado deles se afaste, e coloque “as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível” (Quivy & Campenhoud, 1992:194).

Curioso é também verificar que a resposta a um item acaba por incidir, não raramente, em aspetos cujo questionamento estava previsto noutros itens, mas que acabam por ocorrer naquele momento, por associação de ideias da entrevistada. Deparamo-nos com esta situação, por exemplo, quando a Assistente Operacional remete para a sua experiência antiga, enquanto encarregada de educação, enquanto aluna, traçando um paralelismo entre o antes e o agora, em termos de responsabilização dos próprios jovens, do papel das famílias e do “poder” dos professores. Aponta, em simultâneo para a sua visão da evolução da indisciplina e para as suas causas e formas de abordagem.

O guião assume-se, assim, como um instrumento fundamental para a condução da entrevista. Best (1981:160) considera que “um esquema, um inventário ou uma lista de controlo, escritos, proporcionarão um plano prévio para a entrevista, evitando a possibilidade de que o entrevistador fique sem algum dado importante e necessário”.

Para Fox (1987:607) trata-se da ‘entrevista não estruturada’ em que o “guião da

entrevista serve para recordar ao entrevistador os temas que tem de tratar. Embora enumere perguntas concretas, o entrevistador não está limitado a essa lista e tem a liberdade para fazer perguntas complementares, para repetir outras e para fazer rodeios que prometam dar uma informação útil para os propósitos da investigação”. Já Bogdan e Biklen (1994) designam-na de entrevista semiestruturada e aceitam o recurso a grelhas de entrevista pouco estruturadas.

Como lembram Quivy & Campenhoud, a entrevista semidirectiva, ou semidirigida,

“não é nem inteiramente aberta, nem encaminhada por grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas na ordem em que as anotou e sob a formulação prevista”. (1992:194)

Na mesma linha, se posiciona Valles (1997) relativamente às vantagens deste tipo de entrevista:

- a possibilidade de acesso a uma grande riqueza de informativa (contextualizada e através das palavras dos atores e das suas perspetivas);
- a possibilidade de o investigador esclarecer alguns aspetos no seguimento da entrevista, o que a entrevista mais estruturada ou inquérito por questionário não permitem;
- é geradora, na fase inicial de qualquer estudo, de pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação, a definição de novas estratégias e a seleção de outros instrumentos.

Todos os registos referentes às entrevistas que conduzimos estão disponíveis no anexo II: guiões, protocolos e análises de conteúdo.

2.3.3. Outras técnicas

A recolha de dados, através do inquérito por questionário e da entrevista, foi complementada, como referimos anteriormente, com pesquisa documental e com observação. Na seleção dos documentos para análise, por fatores de ordem temporal, tivemos de tomar decisões acerca do que era importante para o Projeto. Considerámos pertinente a consulta do regulamento interno da escola e do projeto de escola, assim como dos estatutos do aluno que se têm sucedido ao longo dos últimos dez anos,

nomeadamente no que se refere aos deveres e direitos dos alunos, em termos de (in)disciplina e procedimentos afim. Foi-nos, igualmente, dado acesso a dados estatísticos usados para a caracterização do Agrupamento, concretamente da sua escola sede.

A observação que desenvolvemos revestiu-se de um carácter meramente exploratório, observação não estruturada, mas que também foi importante, pois, ao seleccionarmos informação pertinente, através dos órgãos sensoriais, podemos descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão (Carmo e Ferreira, 2008:111). Esta observação está muito ligada aos testemunhos das entrevistadas, por refletirem as opiniões que formaram, em função das vivências partilhadas e observadas.

2.4. Atividades

A condução do processo de investigação teve em conta a concretização de vários procedimentos, indispensáveis ao seu sucesso, a saber:

- revisão e análise cuidada da literatura disponível, com especial atenção aos trabalhos publicados nesta área;
- pesquisa documental sobre a indisciplina no agrupamento (participações, processos disciplinares, contactos com os encarregados de educação);
- protocolo de autorização das várias entidades;
- esclarecimentos prévios aos inquiridos/entrevistados
- elaboração de instrumentos de recolha de dados, de testagem/validação dos mesmos;
- aplicação desses mesmos instrumentos;
- análise dos dados recolhidos;
- reflexão comparativa entre as variáveis em estudo;
- redação final da dissertação de mestrado.

No âmbito da condução das entrevistas, tivemos em conta o alerta de Carmo e Ferreira (2008:142) para a necessidade de se “criar um ambiente de partilha voluntária de informação e não de aquisição coerciva da mesma.”, pelo que chamam a atenção para os procedimentos a ter antes da entrevista e que respeitámos: a apresentação do investigador, a apresentação da pesquisa e a explicação do papel pedido ao entrevistado. Mesmo tratando-se de entrevistados conhecidos, como era o caso, essa

abordagem é igualmente importante, para desfazer qualquer possibilidade de desconfiança que possa existir. Deste modo, estivemos atentos aos momentos que precederam o início da entrevista que são considerados de grande importância “para que o entrevistado se descontraia e não se sinta empurrado” (Hérbert-Lessard *et al*, 1994:165). No decurso da entrevista e, baseando-nos em Ghiglione e Matalon, (1997:90) tivemos em atenção as exigências apontadas, nomeadamente, que “a linguagem utilizada deve ser clara e acessível (...)”

Ao nível dos procedimentos, não descurámos os princípios éticos, ditados pelo código de conduta do investigador, prestando aos colaboradores/participantes neste estudo todas as informações possíveis acerca daquilo que se pretende, dos processos utilizados e da finalidade com que se desenvolve o projeto. A implementação do estudo, na escola, foi precedida de conversa informal com o Diretor, e, depois, por um pedido escrito formal, para as necessárias autorizações. Foi, também, apresentado o projeto ao Conselho Pedagógico da escola, que o aprovou e apoiou. Procedeu-se, em ambos os casos, igualmente, à entrega formal do plano de trabalho. Foi dado conhecimento do nome dos entrevistados e dadas garantias das condições pelas quais a investigação seria conduzida: respeito pela privacidade, possibilidade de anonimato, informação tratada com confidencialidade, oportunidade de verificarem as afirmações logo que haja a primeira versão do trabalho, cópia do trabalho final para a biblioteca, acesso do trabalho final aos participantes, o qual deverá ser benéfico para a escola e participantes. Os inquéritos e entrevistas e guião foram disponibilizadas à escola.

As entrevistas foram áudio-gravadas e transcritas para posterior análise de conteúdos com o objetivo de possibilitar a interpretação do seu conteúdo.

Os inquéritos foram precedidos de pré-inquéritos e aplicados, após alguns acertos que podiam ter implicações na interpretação das questões.

2.4.1. Validade/Fiabilidade do Estudo

Para garantir a validade interna do estudo, todos os dados recolhidos, através das diversas técnicas usadas e instrumentos aplicados, foram interpretados à luz duma triangulação com os pressupostos teóricos e entre si:

“verificação da existência de certos fenómenos e da veracidade de afirmações individuais através da recolha de dados a partir de um determinado número de informantes e de fontes e comparação e confrontação subsequentes de uma afirmação com a outra, de forma a produzir um estudo tão completo e equilibrado quanto possível.” (Guia de

Estudos do Curso E8111 da OU, 1988, 54, cit. in Bell:96)

Validámos, primeiro, o inquérito por questionário junto de um pequeno grupo de catorze pais/encarregados de educação.

A entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação. Porém, apesar de a entrevista ser considerada um método de recolha de informações fiável, Bardin (2008) refere que, no sentido mais rico de expressão, o espírito teórico do investigador deve permanecer continuamente atento, para que as suas próprias intervenções se traduzam em elementos de análise tão fecundos quanto possível.

Pretende-se, com isto, atingir um grau de fiabilidade suficiente para se auferir a necessária credibilidade científica. Como teste à fiabilidade, tentámos resposta para a seguinte pergunta: “Será provável que outro investigador aplique os métodos usados e obtenha os mesmos resultados ou semelhantes? (Bell, 2008:224)

A realização dos inquéritos por entrevista tem a vantagem de “assegurar que o inquirido se exprima o mais completamente possível sobre o tema que lhe tenha sido proposto” (Ghiglione e Matalon, 1992:90), e, assim, não só se ter acesso aos diferentes pontos de vista, como também aos próprios termos e outros sinais relevantes, utilizados pelos entrevistados:

“após a entrevista é sempre útil registar as observações sobre o comportamento verbal e não verbal do entrevistado, bem como sobre o ambiente em que a mesma decorreu. Tal registo permitirá levantar hipóteses mais seguras sobre a autenticidade das respostas obtidas. “
(Carmo e Ferreira, 2008:152)

Esperamos, com estes procedimentos, garantir a fiabilidade e a validade requeridas num trabalho deste teor:

“a validade interna diz respeito a correspondência entre os resultados e a realidade, isto é, a necessidade de garantir que estes traduzam a realidade estudada. A fiabilidade diz respeito a replicação do estudo, isto é, a necessidade de assegurar que os resultados obtidos seriam idênticos aos que se alcançariam, caso o estudo fosse repetido. “Carmo e Ferreira (2008:236)

2.5. Justificação do Tratamento e Análise de Dados

A análise de dados teve em conta as duas abordagens, qualitativa e quantitativa, usadas neste estudo e adequou-se aos respetivos instrumentos aplicados.

2.5.1. Análise de conteúdo

Os dados recolhidos através das entrevistas, portanto do foro da abordagem qualitativa, foram sujeitos à técnica de análise de conteúdo, com o objetivo de, tal como preconizam Quivy e Campenhout (1992), possibilitar a interpretação do seu conteúdo.

Para Bardin, este procedimento constitui

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores, que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (2008:44)

Neste domínio, procurámos seguir os passos previstos por Estrela (1994), designadamente:

- leitura flutuante da informação, a qual permitiu um primeiro contacto com as entrevistas e a conceção de grandes temas de organização da informação;
- análise transversal do conteúdo, reorganizando, por temas principais, e sem especialização;
- estabelecimento de um sistema de categorias (método indutivo e / ou método dedutivo);
- avaliação das categorias;
- tratamento comparativo dessas categorias

Tal como na elaboração dos questionários, nas entrevistas, à definição dos temas e elaboração dos itens, presidiram os objetivos previstos para este estudo, cuja distribuição está registada no quadro seguinte:

Quadro 5 - Distribuição das questões nas entrevistas

Objetivos	Entrevistas		
	Temas	Nº de Questões / Itens	
		E1 (AO)	E2 (VEE)
-----	A	Apresentação: justificação da entrevista – promoção de clima de confiança	
Retratar as características socioculturais das Entrevistadas	B	4	7
Traçar o perfil do inquirido enquanto E.E.	----	---	3 – Educando 2 - EE
Definir o conceito de (in)disciplina	C	2	2
Identificar causas da (in)disciplina	C	1	1
Conhecer/compreender as representações das Entrevistadas face à (in)disciplina e sua evolução;	C	2	3
Conhecer e compreender a percepção dos das Entrevistadas sobre a (in)disciplina, na escola e sua evolução.	D	7	6
Identificar causas da (in)disciplina, na nossa escola – fatores intrínsecos aos alunos; fatores inerentes à escola; fatores de origem sociofamiliar.	D	3	3
Identificar as estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina.	D	1	1
identificar a sua percepção quanto à eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção, reforços positivos e intervenção	D	1	1
Contribuir para a melhoria do clima de escola, através de propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	E	3	1
Incentivar o envolvimento ativo dos Encarregados de Educação, na implementação de novas práticas promotoras do bom ambiente, na escola Agradecimentos e abertura a sugestões	E	-----	10 – experiência de VEE 1- disponibilidade

A interpretação de todos os dados foi, finalmente, submetida a uma triangulação com a fundamentação teórica.

2.5.2. Análise quantitativa

Os dados dos inquiridos por questionário foram objeto de tratamento estatístico através do aplicativo SPSS (Statistical Package for the social sciencies), versões 19 e 21. Trabalhar com este programa foi, ao mesmo tempo, aliciante e complexo, tendo-me proporcionado uma grande aprendizagem, também a este nível.

CAPÍTULO V - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos através dos inquéritos aplicados, através de questionários e de entrevistas, aos pais/encarregados de educação e assistente operacional. Para uma melhor compreensão dos mesmos, estes serão acompanhados de tabelas e quadros exemplificativos e dos respectivos comentários.

No caso dos questionários, os valores percentuais apresentados referem-se às frequências relativas para os casos válidos, considerando-se, assim, as respostas efetivamente obtidas.

Dos 300 inquéritos distribuídos, foram devolvidos 275, pelo que a taxa de devolução se cifrou em 92%. A análise das respostas válidas realizada para todos os itens do questionário revelou que a taxa de resposta foi sempre superior a 97,5%, menos de 6 e 7 NR, exceto nos seguintes casos:

- pergunta 32, “Na escola, quem é que o seu educando(a) mais respeita/a quem obedece mais?”, onde a taxa média de respostas válidas foi de 8,3%, com itens a registar percentagens elevadas de NR, como foi o caso do item relativo à Psicóloga, 30,9% , correspondente a 85 casos, seguido pelo item relativo a “colegas mais velhos” , com 8,4%, 23 casos;
- pergunta nº9, em dois itens: ajudo-o nas tarefas escolares e desenvolvemos tarefas, em conjunto, as NR situaram-se respetivamente nos 4% e 3,3% (11 e 9 casos), portanto com percentagens de respostas válidas de 96% e 96,7%.

Na pergunta 25, a percentagem de respostas válidas situa-se acima dos 98%: número de casos de NR entre 2, (0,7%), e 5 (1,8%). Na pergunta 24, cada item só regista uma NR, subindo aqui, portanto, a percentagem de respostas válidas para valores próximos dos 100% .

É curioso observar que em todas as perguntas, onde o parâmetro “não sei” é introduzido, o número de NR baixa para 0, o que significa que aí as taxas de respostas válidas sobe para 100%, levando-nos a concluir que as NR são representativas da dificuldade sentida pelos respondentes relativamente aos temas em causa.

No global, mantém-se a representatividade da amostra em relação à população em estudo, pois dos 92% de questionários devolvidos, obtivemos maioritariamente uma

percentagem superior a 97,5% de respostas válidas. Acresce o facto de esses 92% serem relativos ao número de 300, superior a 50% do número de alunos que apurámos dos 2º, 3º ciclos e CEF, que, como mostra o quadro número 3, era se 290.

1. Dados pessoais dos inquiridos

Inclui-se, neste ponto, a caracterização de todo o universo auscultado que se distinguimos, conforme o instrumento de registo aplicado: questionário ou entrevista.

1.1. Por questionário

1.1.1. Encarregados de educação – dados pessoais

Os dados pessoais traduzem-se da forma que passamos a apresentar

1.1.1.1. Idade e sexo

No que se refere à idade, verifica-se uma elevada concentração de Encarregados de Educação nas faixas etárias compreendidas entre os 36 e os 45 anos, a qual se cifra em 66,9% , ou seja 184. No entanto, predomina o grupo dos 41 aos 45 anos, com 101 respondentes. A faixa etária entre os 46 e os 50 anos ocupa a 3ª posição: 16,4%, correspondente a 45 inquiridos. Já entre os 31 e os 35 anos apenas se registam 27 respondentes, ou seja 9,8% e os restantes grupos têm uma expressão consideravelmente baixa, como o mostra o gráfico 1.

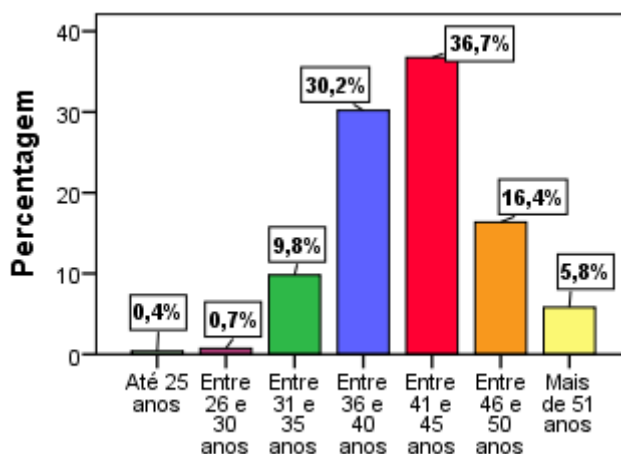


Gráfico 1- Faixa etária dos EEs

Em termos de sexo dos encarregados de educação, regista-se uma predominância do sexo feminino, com 79,9% (219), faltando a resposta de um inquirido.

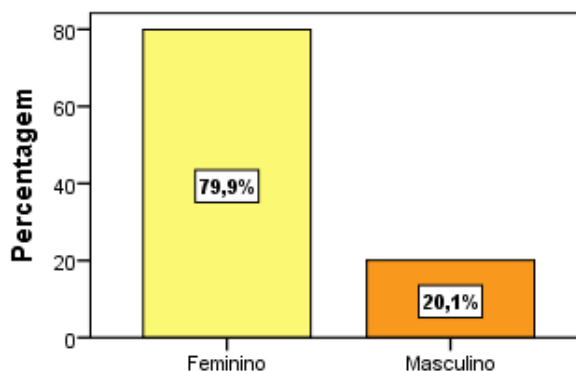


Gráfico 2 – Sexo dos EEs

1.1.1.2. Estado civil e nacionalidade

A percentagem mais significativa do estado civil recai sobre os casados, 62%, o que corresponde a 182 respondentes. Por contraste, estão os solteiros, com 16 respostas, ou seja 5,8%. O número de divorciados é de 51, portanto, 18,5%.

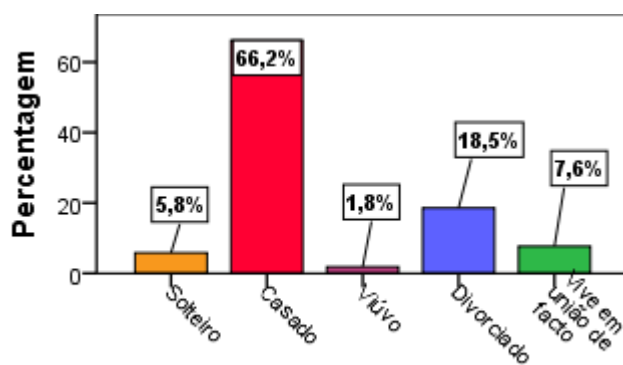


Gráfico 3 – Estado civil dos EEs

No que respeita à nacionalidade, 255 dos Encarregados de Educação, portanto, 95,5% são portugueses, repartindo-se os restantes entre 8 que não respondem e 12 que se distribuem pelas nacionalidades brasileira (6), cabo-verdiana (3) e ainda francesa, luxemburguesa e romena, com 1 de cada.

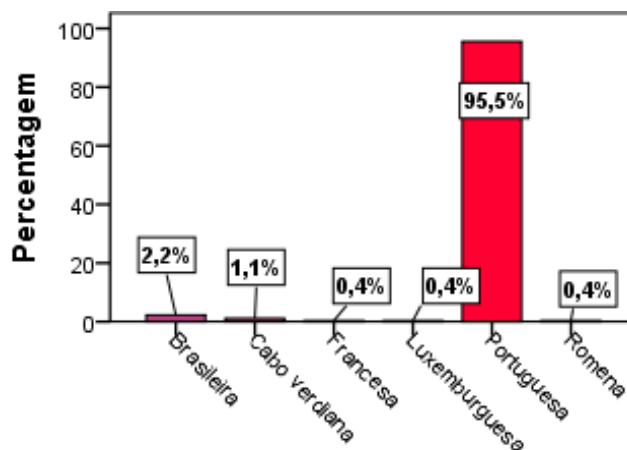


Gráfico 4 – Nacionalidade dos EEs

1.1.1.3. Grau de parentesco com os alunos

Quanto ao grau de parentesco com o aluno, a Mãe distancia-se substancialmente do Pai, a primeira com 78,5% (216) e este com 18,9% (52). Apenas em 1,5% (4) dos casos são os avós e só 0,4% , respetivamente, são tios, padrasto, ou gestora de caso, registando-se um de cada.

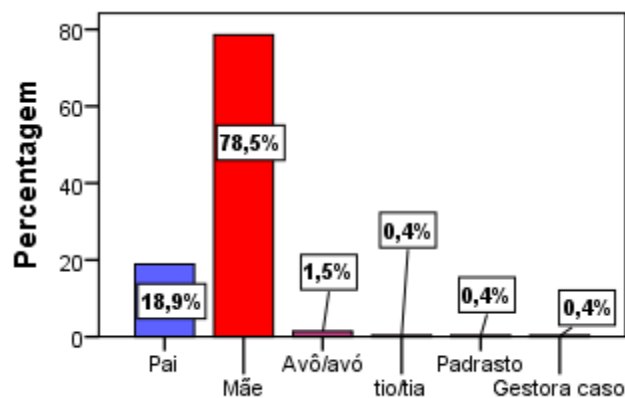


Gráfico 5 – Grau de parentesco dos EEs com os alunos

1.1.1.4. Escolaridade e situação profissional

Em termos de escolaridade, verificamos que quase metade da população questionada, 46,2% (127) concluiu o ensino secundário, seguindo-se o ensino superior, com 29,1% (80). Com os 1º, 2º e 3º ciclos registam-se, respetivamente 4,7% (13), 6,2% (17) e 13,1% (36).

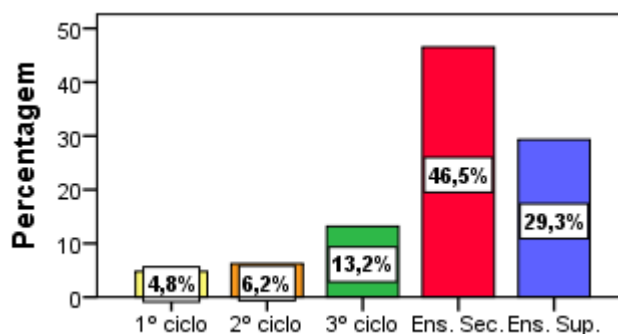


Gráfico 6 – Escolaridade dos EEs

No que se refere à situação profissional, predominam os empregados, 227(85,7%), largamente distanciados dos desempregados e, ainda mais, dos reformados(3).

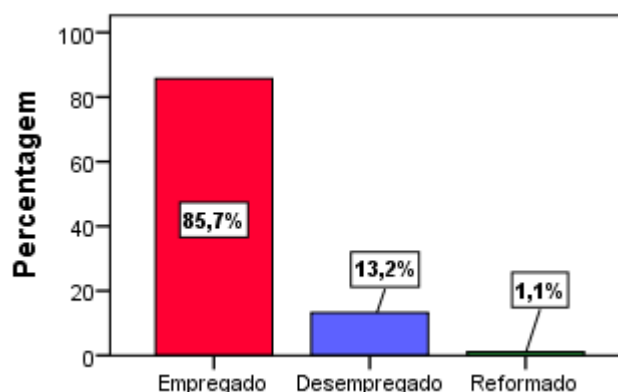


Gráfico 7 – Situação profissional dos EEs

Relativamente à atividade profissional, agrupámos as profissões registadas conforme as categorias da Classificação Nacional de Profissões. Só 81% dos inquiridos responderam a este item. Desta percentagem, destaca-se a categoria 5, 4, 2 e, 3, com taxas de dois dígitos, compreendidas entre os 24,3% e os 13,1%.

Tabela 1- Profissões - Categorias

Totalidade dos Inquiridos 275 - 100%	Casos	%
Totalidade de respostas obtidas – 222 - 81%		
5 - Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	54	24,3%
4 - Pessoal administrativo	50	22,5%
2 - Especialistas das atividades intelectuais e científicas	38	17,1%
3 - Técnicos e profissões de nível intermédio	29	13,1%
8 - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	19	8,6%
9 - Trabalhadores não qualificados	15	6,8%
1 - Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	8	3,6%
7 - Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	5	2,3%
0 - Profissões das Forças Armadas	3	1,4%
6 - Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1	0,5%
Totalidade de respostas obtidas	222	100%

1.1.1.5. Filhos na escola

Na percentagem de encarregados de educação, destacam-se tanto pela semelhança de resultados, entre si, como pela disparidade relativamente aos restantes grupos, os que têm ou já tiveram 1 ou 2 educandos, a seu cargo, respetivamente 44,7% (123) e 44% (121). Com 3 educandos, o número cai drasticamente para 20, com uma taxa de 7,3% e com 4 ou mais educandos, apenas 1,8% (5). Apenas 2 respostas não podem ser contempladas.

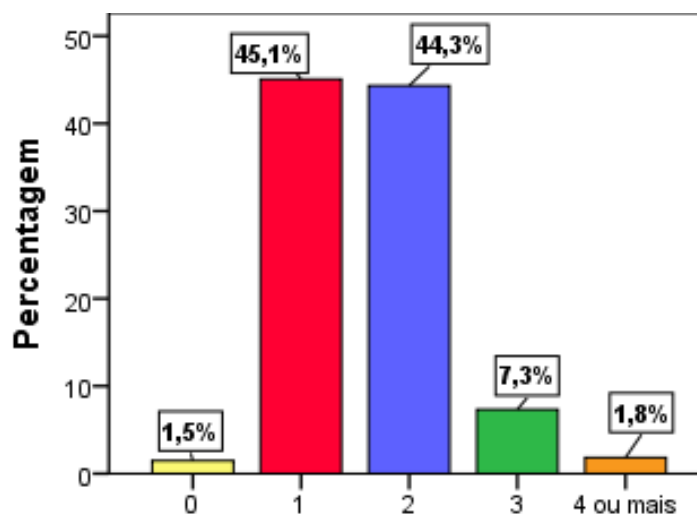


Gráfico 8 – Número de filhos na escola

1.1.1.6. Relação com o educando / escola

As respostas ao item 9, sobre o acompanhamento do educando, mostram um contraste significativo entre os que responderam “não”, com percentagens muito baixas, e os que reconhecem um acompanhamento muito frequente, 3 ou mais vezes,

por semana, dos seus educandos. Destacam-se, aqui, as conversas com o educando, sobre a escola(82,3%) e de carácter geral (85,9%). Já os temas disciplinares, embora, nesta variante, atinja valores mais elevados(53,5%) do que nas restantes, não parece estar entre as principais preocupações dos inquiridos. Consideravelmente mais baixa é a frequência na ajuda nas tarefas escolares (31,8 %) e o controlo da caderneta (38,7%).

Tabela 2 – Acompanha o seu educando?

9.Acompanha o seu educando?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Não	Sim,	Sim,	Sim,	Sim,
				quando há problemas	1 vez por semana	2 vezes por semana	3 ou mais vezes por semana
Ajudo-o nas tarefas escolares.	11	4%	5,7%	45,5%	4,5%	12,5%	31,8%
Controlo a caderneta.	4	1,5%	5,9%	19,6%	28,4%	7,4%	38,7%
Conversamos sobre a escola.	4	1,5%	0,7%	7,7%	3,7%	5,5%	82,3%
Conversamos sobre problemas disciplinares	2	0,7%	2,9%	31,9%	4,4%	7,3%	53,5%
Conversamos sobre direitos e deveres	3	1,1%	1,5%	21,3%	11,0%	9,6%	56,6%
Conversamos sobre assuntos vários.	5	1,8%	0,7%	5,2%	3,0%	5,2%	85,9%
Jantamos juntos.	5	1,8%	1,1%	1,5%	1,9%	2,2%	93,3%
Controlo a ocupação dos tempos livres	3	1,1%	5,9%	4,8%	4,0%	7,7%	77,6%
Desenvolvemos atividades, em conjunto	9	3,3%	7,9%	3,0%	15,4%	18,8%	54,9%
Média de cada nível	5,1	1,9%	3,6%	15,6%	8,5%	8,5%	63,8%

Com exceção das 9 respostas em falta, e dos escassos 10 % que engloba o número dos respondentes que não tiveram qualquer contacto com a escola (4,5%), ou apenas um contato (4,1%), os restantes tiveram alguns contatos com a escola, com destaque para 3 e 5 ou mais vezes, como mostra o gráfico 9.

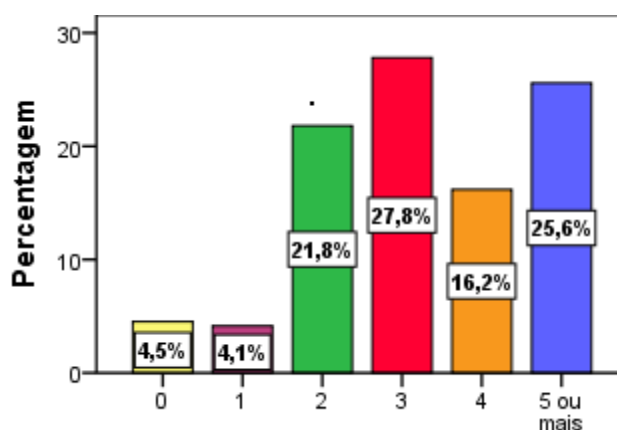


Gráfico 9 – Número de contactos dos EEs com o DT

Dos contatos ocorridos, destaca-se o predomínio das reuniões gerais com os encarregados de educação, que atinge os 82,5%, seguindo-se o atendimento pessoal (37,8%).

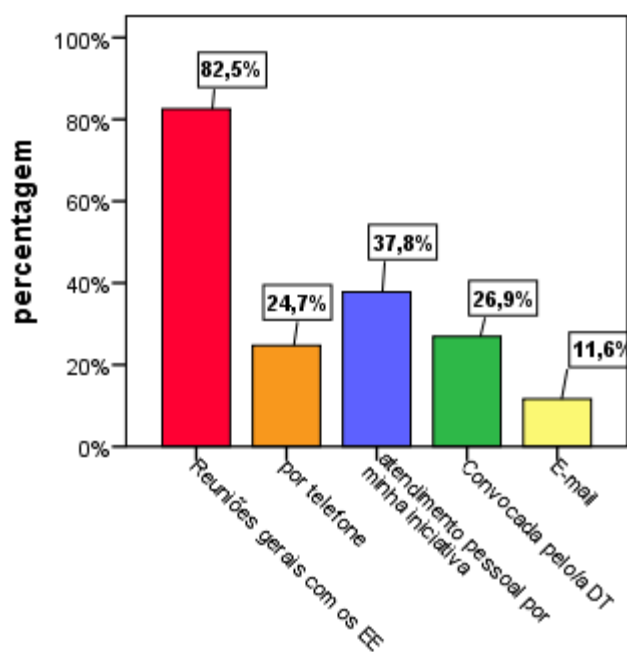


Gráfico 10 – Tipo de contactos entre DTs e EEs.

Do universo dos respondentes, pode-se considerar relativamente baixa a taxa de alunos que já foram alvo de medidas disciplinares, como apresenta a gravura seguinte:

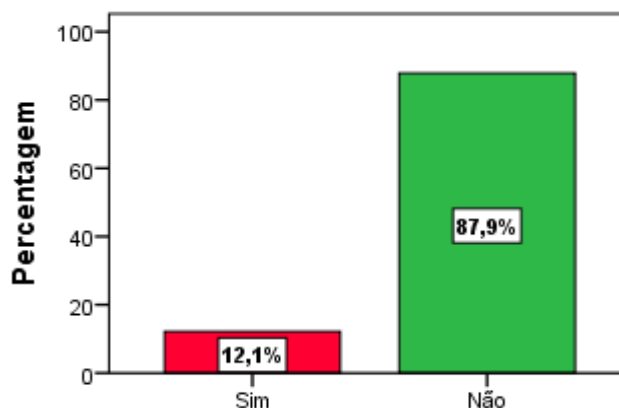


Gráfico 11 – O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

A distribuição das medidas disciplinares pelos diferentes níveis de ensino mostra-nos que a maior incidência se verifica no 8ºano. É também neste nível de escolaridade e nos alunos CEF que a taxa de respostas sim supera as não.

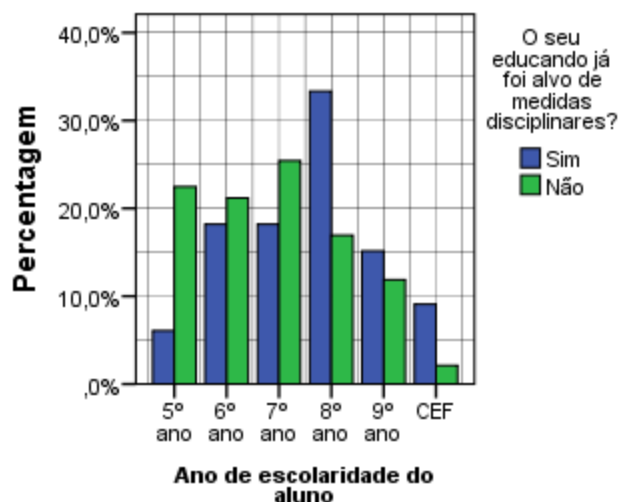


Gráfico 12 - O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? – Aplicação por ano de escolaridade

Tendo 33 alunos sido alvo de medidas disciplinares, obtivemos 29 reações às mesmas. Verificamos que alguns dos respondentes interpretaram a pergunta relativamente ao seu educando e outros à reação do próprio encarregado de educação, acontecendo, ainda, que em alguns casos, é inconclusivo se a resposta se refere ao encarregado de educação ou ao aluno. De qualquer forma, parece-nos podermos concluir que tanto o grau de aceitação das medidas, por parte dos encarregados de educação, como o impacto causado nos alunos são significativos.

Quadro 6 - Reações às medidas disciplinares

Reação do Encarregado de Educação (11 comentários)	Ambíguo (9 comentários)	Reação do aluno (9 comentários)
Apliquei castigo	Bem	Cumpriu corretamente a penalização aplicada.
Apoiando a decisão escolar.	Bem	Ficou triste
Com angústia e alguma chatice com ela.	Bem	Foi no 7º ano, ficou envergonhado.
Duramente, mas sem castigo.	Bem	Mal
Fiquei muito aborrecida com ele e apliquei-lhe um castigo.	Bem	Medo
Foi só um dia que respondeu mal ao professor de Ginástica	Bem	Muito mal
Não tive hipótese de verificar. o meu educando não vive comigo.	Com mágoa	Não concordou com a medida disciplinar.
Normal. Concordo quando são necessárias	Insatisfeita	Reagiu bem porque merecia
São para cumprir!	Normalmente	Tentou mostrar que não o afetava, mas não convenceu.
Sempre a dizer-lhe que na escola não se brinca.	-----	-----
Surpresa com a situação	-----	-----

1.1.2. Educandos – dados pessoais

A faixa etária predominante, nos alunos, é a compreendida entre os 11 e os 13 anos que, no seu conjunto, ultrapassa ligeiramente os 60%. Apenas 4,4% dos alunos atingiu os 16 anos ou mais.

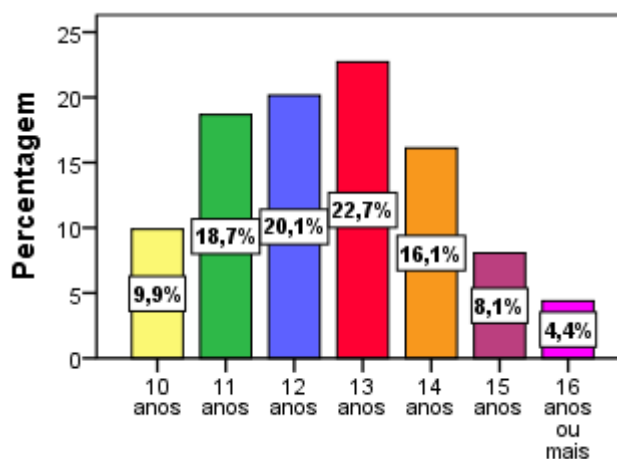


Gráfico 13 – Idade do aluno

Em termos de nacionalidade, o número de estrangeiros é muito pouco expressivo, uma vez que a portuguesa atinge uma taxa de 96,7%.

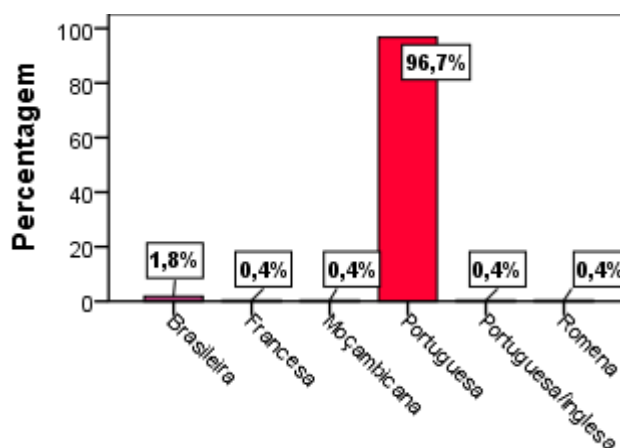


Gráfico 14 – Nacionalidade do aluno

O núcleo familiar dos alunos concentra-se especialmente no pai, mãe e irmãos. Há mais avós do que avôs a coabitar com os alunos, sendo 10,5% ocupado por “outros”. Também curioso é o facto de haver cerca de mais 20% dos alunos a viver com a mãe do que com o pai: 91,3% por oposição a 70,2%. Por outro

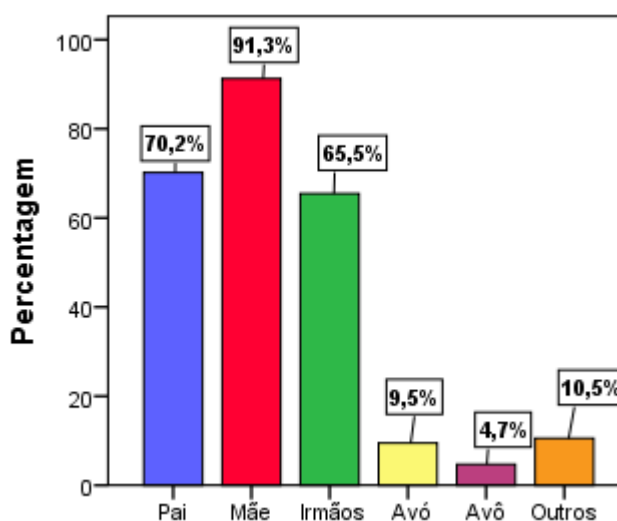


Gráfico 15 – Todas as pessoas que habitam com o aluno

lado, 183 alunos vivem, em simultâneo com o pai e com a mãe, ou seja, 72,9% dos alunos que vivem com a mãe, vivem, em simultâneo com o pai. Se reportarmos ao todo, esta percentagem baixa para 66,5%.

A maior concentração de alunos verifica-se no 7ºano, por oposição ao CEF, como nos mostra o gráfico.

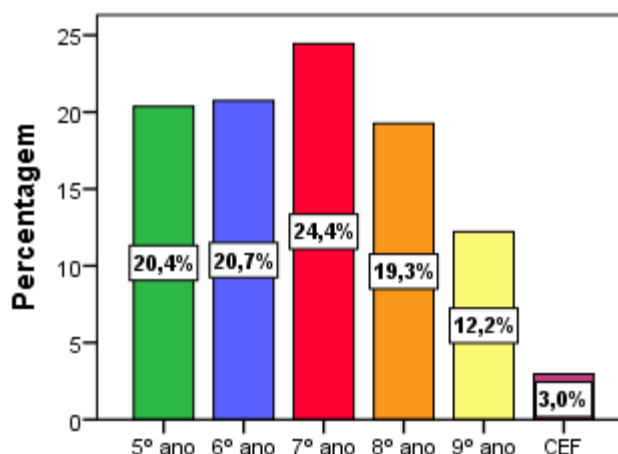


Gráfico 16 – Ano de escolaridade do educando

Em termos de retenções, são assinalados 8% dos alunos e ao nível de rendimentos, 26,1% beneficia de Ação Social Escolar. Neste ano, só 8,6%(26) alunos se encontravam em situação de retenção.

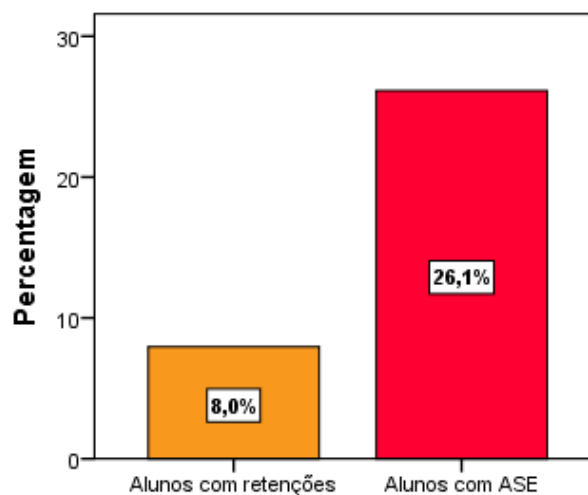


Gráfico 17 – Alunos com retenções e ASE

Por outro lado, é curioso verificar que 28,4% dos inquiridos (78) não se pronunciaram sobre o número de retenções dos seus educandos. Das 197 respostas obtidas, 80,2% nunca estiveram na situação de retenção, caindo o valor para 12,7%, no caso da variante de 1 retenção e baixando ainda mais nos outros dois casos.

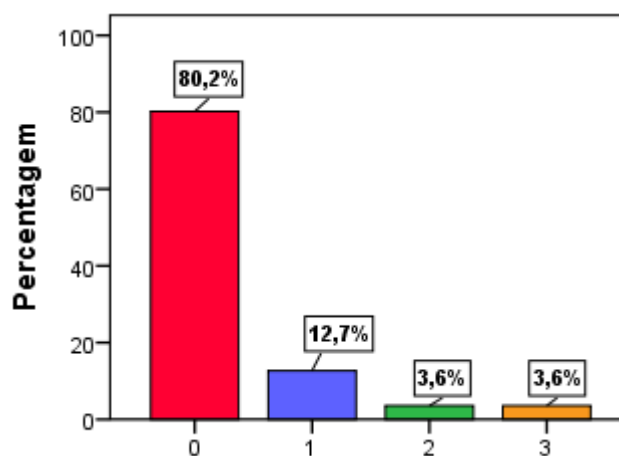


Gráfico 18 – N° de retenções

Ao nível do aproveitamento, predominam, com valores muito semelhantes, os níveis de Suficiente e Bom, respetivamente com 37,9% e 37,2%, seguido pelo Muito Bom, com 17,8%. Os níveis negativos ficam-se por taxas significativamente mais baixas.

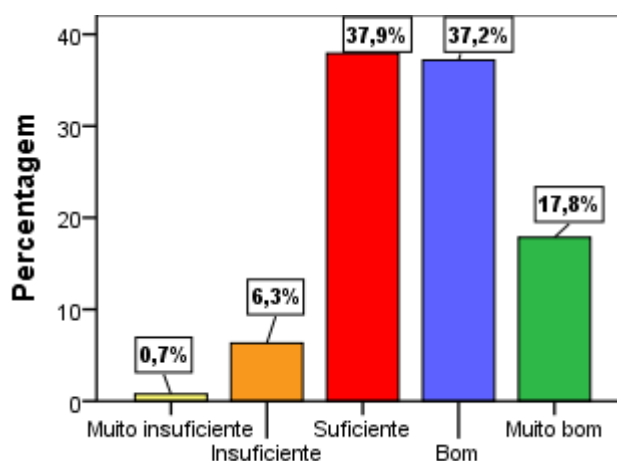


Gráfico 19 – Aproveitamento do aluno

No caso do comportamento, os valores diferem, com o Bom a destacar-se com quase metade da população escolar e com o Suficiente e Muito Bom a convergirem para taxas mais equiparadas. As variáveis negativas ficam visivelmente mais baixas, com o Insuficiente com uma expressão mínima.

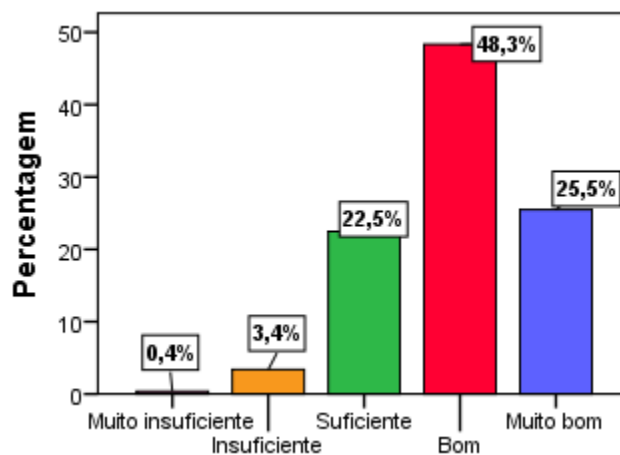


Gráfico 20 – Comportamento do aluno

O número de faltas disciplinares registado mostra que 7,9% dos alunos sofreram faltas disciplinares em número igual ou superior a 2 e que um número marcadamente elevado nunca tinha sofrido faltas disciplinares.

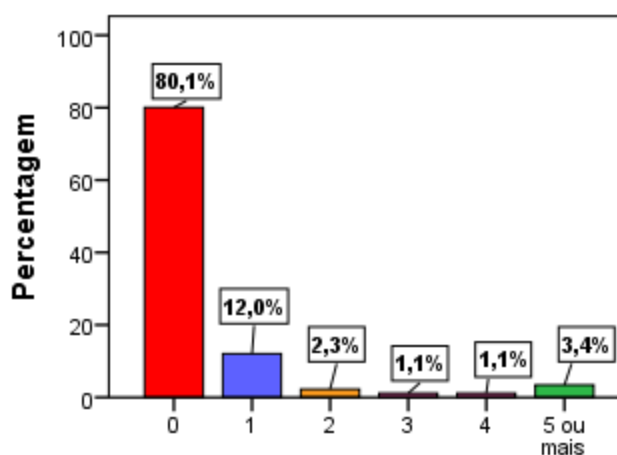


Gráfico 21 – Número de faltas disciplinares aplicadas ao aluno em 2011-12

Das possíveis razões apontadas para a marcação de falta disciplinar, destaca-se o ser conversador e distraído, como mostra o gráfico 22.

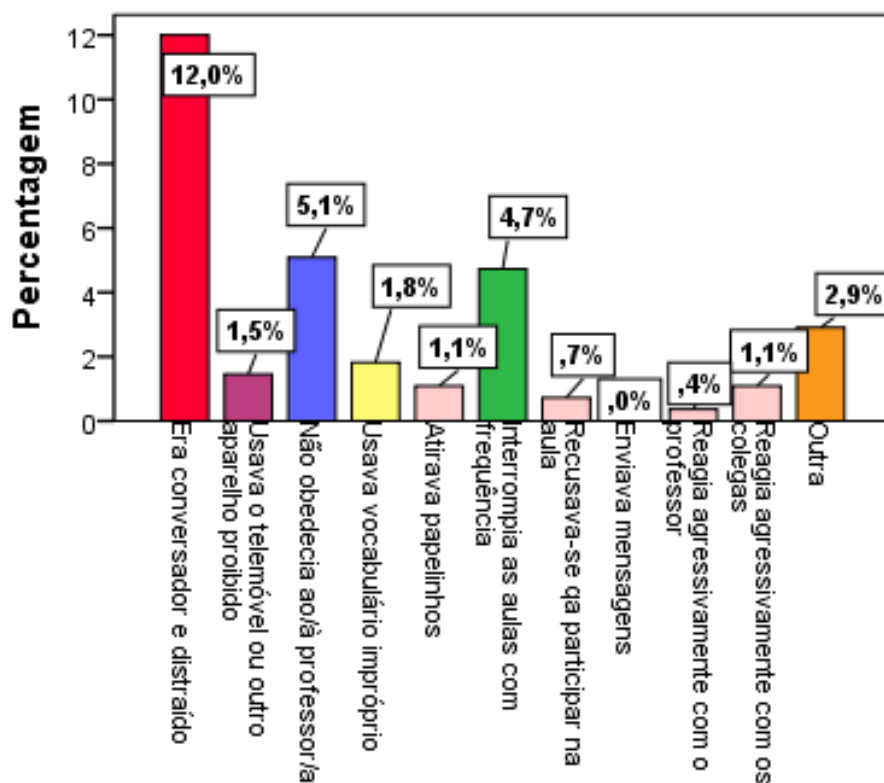


Gráfico 22 – Motivo das faltas disciplinares

1.2. Por entrevista

1.2.1. Assistente Operacional

Em termos de caracterização pessoal, a AO tem cinquenta anos, é divorciada desde há 15 anos, tendo ficado à sua guarda os seus dois filhos, entretanto com 32 e 23 anos. Tem uma experiência de doze anos enquanto AO, dos quais seis na Escola Reynaldo dos Santos, os últimos dois como Coordenadora das Assistentes Operacionais, profissão ainda designada pela mesma como Pessoal não Docente.

1.2.2. Voluntária

A entrevistada, na condição de voluntária, tem trinta e oito anos, é casada, tem dois filhos, de treze e dois anos, concluiu o 11ºano de escolaridade e é atualmente consultora de moda. No ano letivo 2009-10, estando desempregada, fez voluntariado, na escola, fazendo questão, de, nessa condição, acompanhar, na íntegra, o trabalho das AOs, no bloco onde se encontrava a exercer essas funções.

O voluntariado decorreu numa fase relativamente agitada para a escola, por estar a ser sujeita a intervenção da *Parquescolar*, num período em que as aulas de uma parte significativa das turmas estavam a decorrer em pavilhões prefabricados.

1.2.3. As Entrevistadas enquanto Encarregadas de Educação

Ao longo da entrevista, a Assistente Operacional recorre à sua experiência de antiga Encarregada de Educação para, ora traçar alguns paralelismos com a situação atual, ora para corroborar as opiniões/perceções emitidas. Considera ter sido uma Encarregada de Educação atenta, exigente e presente.

A Voluntária entrevistada é Encarregada de Educação de um jovem de treze anos, a frequentar o 6º ano. Com um aproveitamento algo irregular, o seu comportamento caracteriza-se por dificuldade de concentração e por conversar frequentemente, nas aulas, embora, sem registo de situações de “outros problemas” com os professores. Como a própria refere:

“ alguns problemas a nível de concentração, comportamento, mas pronto, nada de grave” ...”falar nas aulas, sim,... sobretudo falar nas aulas Não tenho tido outro tipo de problemas, pelo menos, até à data.... desconcentra-se...”

A relação do Aluno como as AOs é boa e nunca foi alvo de processos disciplinares. Enquanto Encarregada de Educação, a entrevistada considera-se próxima da escola, com quem tem um contato frequente, sobretudo com a Diretora de Turma. Os contatos são estabelecidos, por via pessoal, individual ou em reuniões com os encarregados de educação ou por via telefónica. O seu educando gosta da escola e sente-se bem neste espaço.

2. Representações dos inquiridos sobre a indisciplina escolar

Para um conhecimento da conceção geral da população alvo deste estudo sobre a (in)disciplina, colocámos os questionados por inquérito perante um leque variado de situações relativamente às quais lhes pedimos o seu parecer, sendo este objeto de comparação com a informação recolhida através das entrevistas à Coordenadora das Assistentes Operacionais e à Encarregada de Educação voluntária. No que se refere à perceção geral sobre a indisciplina, nota-se que a visão transmitida pela AO está muito

centrada na sua experiência na escola, tendendo a referir exemplos das suas vivências diárias.

2.1. Manifestações de (In)disciplina escolar

Ao solicitarmos o parecer dos encarregados de educação sobre o grau de gravidade perante diferentes manifestações de indisciplina e em contextos, igualmente distintos, quisemos recolher um conjunto de dados que nos permitissem, posteriormente, proceder a uma tipificação de comportamentos, em termos de tolerância, permissividade, autoridade, entre outros. Por outro lado, podemos confrontar esses pontos de vista apurados com os pareceres das duas entrevistadas.

Quer a AO quer a Voluntária valorizam a disciplina escolar, em qualquer uma das suas manifestações, mas de uma forma especial, a (in)disciplina na sala de aula, pelos efeitos negativos diretos que tem nas relações de ensino-aprendizagem e para o sucesso escolar. A Voluntária realça a falta de concentração e a AO, a falta de empenho e a desmotivação dos alunos“ é uma seca... é uma seca para eles, como nos dizem ... que é uma seca”, o que constitui, cada vez mais um desafio e um maior esforço do professor. Ora, segundo a mesma “o rendimento dos alunos, depende muito, está muito condicionado pela indisciplina deles”.

Segundo a Coordenadora das AOs, estas sentem grande dificuldade em exercer a sua autoridade:

“A nós, nós chamamos a atenção, lá está, temos que mostrar um bocadinho cara feia, porque se nós estivermos ali até com um bocadinho mais de maneiras, não ligam nenhuma mas voltamos costas e eles tornam a fazer.”

2.1.1. Na sala de aula

Deste modo, verificamos que, isoladamente, o uso de vocabulário impróprio concentra a maior percentagem de avaliações de muito grave (78,1%), seguida pelo uso do telemóvel (62,1%) e pelo incumprimento de regras (60,1%). A interrupção das aulas, sem razão, o levantar-se do lugar sem autorização, o fazer comentários, para causar agitação na aula, a recusa em participar na aula ou a reincidência na conversa, apesar da repreensão, não parecem ser tão valorizados, a avaliar pela quebra na taxa de encarregados de educação, que os elegem como muito graves. Porém, se na nossa análise considerarmos o conjunto dos parâmetros, grave, bastante grave e muito grave, então verificamos que a percentagem global, para cada caso, ultrapassa os 90%. Por

outro lado, é bem diferente a forma como encaram a postura dos alunos de conversadores e distraídos ou de falar em voz baixa, em que um conjunto de cerca de 75% os considera de pouco grave e grave, mas onde não podemos ignorar nem a percentagem dos assinalados como pouco grave, nem os assinalados com nada grave, como acontece relativamente ao falar em voz baixa.

Tabela 3- O que entende por indisciplina na sala de aula?

23. O que entende por indisciplina na sala de aulas:	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Ser conversador e distraído	7	2,5%	2,2%	24,3%	55,6%	10,8%	7,1%
Falar em voz baixa	7	2,5%	13,4%	51,5%	26,9%	6,0%	2,2%
Usar o telemóvel	6	2,2%	0,4%	1,1%	19,0%	17,5%	62,1%
Usar vocabulário impróprio	6	2,2%	0,4%	0,7%	4,1%	16,7%	78,1%
Não cumprir as regras	7	2,5%	0,4%	0,4%	13,8%	25,4%	60,1%
Interromper as aulas, sem razão	6	2,2%	0%	2,2%	36,1%	33,8%	27,9%
Levantar-se do lugar sem autorização	7	2,5%	0%	6,3%	36,6%	31,7%	25,4%
Fazer comentários, para causar agitação na aula	7	2,5%	0,4%	3,0%	23,5%	28,4%	44,8%
Recusar-se a participar na aula	7	2,5%	0,4%	6,0%	29,9%	26,1%	37,7%
Cala-se, quando repreendido, mas recomeça, logo de seguida.	7	2,5%	0%	4,1%	34,7%	36,9%	24,3%
Média de cada nível	6,7	2,4%	1,8%	9,9%	28,0%	23,3%	36,97%
Soma						88,3%	

As entrevistadas veem com muita apreensão a indisciplina na sala de aula e valorizam-na:

“A principal... na sala de aula... certos alunos que se levantavam, que falavam demasiado, pronto,... também falta de educação, como eu assisti a alguns alunos, que os alunos se comportavam assim tão mal, ...”VEE”

“ao professor.... em 1º lugar, que muita vez não têm..., mais grave dentro da sala de aulaeu acho que dentro da sala de aula.....em 1º lugar.....para aprenderem ...faltarem ao respeito... não ligarem ao que o professor está a dizer, o professor falar e eles não respeitarem, acho isso... um professor estar ali, haver aquele respeito, aquela responsabilidade, trabalharem para aproveitarem, o tempo que o professor está também com eles, aí acho que aí, em prim.. é o essencial ...”AO

2.1.2. Relativamente aos colegas

Neste domínio, a opção recai sobre o muito grave, no caso da agressão física aos colegas, seguida pela ameaça e agressão verbal. Já no caso do respeito aos colegas, distribui-se pelas três variáveis, grave, bastante grave e muito grave.

Tabela 4 - O que entende por indisciplina relativamente aos colegas?

24. O que entende por indisciplina relativamente aos colegas:	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Não respeitar os colegas	1	0,4%	0%	0%	35,4%	31,0%	31,8%
Agredir verbalmente os colegas	1	0,4%	0%	0,7%	9,5%	33,9%	55,8%
Agredir fisicamente os colegas	1	0,4%	0%	0%	2,2%	10,9%	86,9%
Ameaçar os colegas	1	0,4%	0%	,4%	8,0%	27,4%	64,2%
Média de cada nível	1	0,4%	0%	0%	14%	26%	60%
Soma						99%	

2.1.3. Relativamente ao pessoal docente e não docente

Em todos os domínios a seleção recai maioritariamente sobre o muito grave. Não deixa de ser curioso encontrarmos, também, uma franja, ainda que muito baixa, que desvaloriza certas atitudes, considerando-as pouco grave. Também curioso é o facto de, apesar de tanto nos docentes como nos não docentes, a taxa dos muito grave ser bastante alta, um maior número de encarregados de educação valoriza mais essas atitudes quando em relação ao professor do que quando em relação ao pessoal não docente. Mesmo no caso da agressão física, isso acontece.

Tabela 5 - O que entende por indisciplina relativamente ao pessoal docente e não docente:

25. O que entende por indisciplina relativamente ao pessoal docente e não docente:	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Não respeitar os professores	3	1,1%	0%	0,4%	13,2%	20,2%	66,2%
Não obedecer ao/à professor/a	2	0,7%	0%	0,4%	16,1%	21,6%	61,9%
Ameaçar o professor	2	0,7%	0%	0%	2,9%	13,2%	83,9%
Agredir verbalmente o professor	2	0,7%	0%	0%	2,9%	13,6%	83,5%
Agredir fisicamente o professor	2	0,7%	0%	0%	1,5%	2,9%	95,6%
Não respeitar o pessoal não docente	5	1,8%	0%	0,7%	9,3%	29,3%	60,7%
Não obedecer ao pessoal não docente	2	0,7%	0%	0,4%	15,4%	30,0%	54,2%
Agredir verbalmente o pessoal não docente	2	0,7%	0%	0,7%	4,8%	15,4%	79,1%
Agredir fisicamente o pessoal não docente	3	1,1%	0%	0,4%	2,9%	6,3%	90,4%
Média de cada nível			0,00%	0,33%	7,67%	16,94%	75,06%
Soma						99,67%	

2.2. A evolução da (in)disciplina escolar

Tratando-se da perceção sobre a evolução do fenómeno da indisciplina, a grande maioria (80,4%) dos inquiridos considera que aumentou.

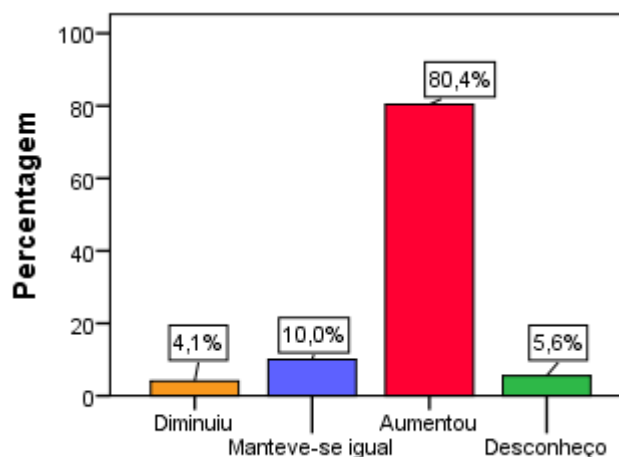


Gráfico 23 – Como tem evoluído o fenómeno da indisciplina, ao longo dos anos?

Neste ponto, a perceção da AO diz-lhe que este fenómeno se vem agravando ao longo dos anos. Para chegar a esta conclusão, parte da sua experiência enquanto antiga Encarregada de Educação, do que então observava e do que observa na sua condição de AO. Em particular, chama-a a atenção a mudança nos alunos do quinto ano “então com miúdos de 5ºano,... é uma diferença!”.

2.3. Fatores determinantes da in/disciplina escolar

Na procura das causas para o agravamento da indisciplina escolar, a AO aponta para o alargamento da escolaridade obrigatória:

“Eles andam aqui...eu acho que hoje em dia, eles andam aqui por andar, eu, eu...acho que é isso. Porque é obrigado, obrigatório andar na escola até aos dezoito anos e eles andam na escola. é como eu digo passou do oito para oitenta.”

É muito crítica quanto à impossibilidade de os jovens começarem a trabalhar mais cedo, pois vê nisso um adiamento da sua tomada de responsabilidades e defende uma educação com rigor e determinação: “ Castigar quando é preciso, na altura certa. E hoje em dia, não”.

Quisemos, também, saber se os inquiridos atribuem alguma relação direta de causalidade entre o grau de indisciplina e questões de género e de ano de escolaridade.

2.3.1. Mudança de ciclo

A mudança de ciclo constitui uma fonte de agravamento de disciplina para um número significativo de inquiridos, mas sobretudo na passagem do 1º para o 2º ciclo. Embora com taxas mais baixas, um grupo de encarregados de educação vê melhorias na transição de ciclo. A percentagem dos que não têm opinião sobre o assunto é consideravelmente elevada. De 81 encarregados de educação obtivemos razões para a alteração de comportamentos, alguns tendo mesmo referido várias. Por forma a facilitarmos a sua análise dividimo-las por 21 subcategorias e 102 indicadores. Verificámos que 35,3 % atribui essa situação ao crescimento/idade dos alunos. De resto, são apontadas como origem dessa situação as seguintes causas: a família (13,7%), Formação Social / Valores (11,8%), a adaptação social à escola (10,8%), influência dos colegas mais velhos (5,9%), responsabilização (5,9%) , respeito (4,9%) , motivação (3,9%) e o acompanhamento na escola (2,9%). Num conjunto de 6% são referidos o espaço físico da escola, o pessoal docente e não docente e em 7% são mencionados, o pessoal docente, o contexto social, a criação de grupos fortes, a dificuldade dos conteúdos, a falta de pessoal auxiliar, o número de alunos por turma e a relação família /escola.

Tabela 6 - Consequências da mudança de ciclos sobre a disciplina

27. Consequências da mudança de ciclos sobre a disciplina?	Porcentagem				Nº de casos NR
	piora	Mantém-se igual	melhora	Não sei	
Do 1º para o 2º ciclo?	44,7%	29,8%	8,7%	16,7%	0
Do 2º para o 3º ciclo?	37,1%	20,7%	13,8%	28,4%	0
Aponte uma razão:	81 respostas				

Tabela 7 – Razões para a influência da mudança de ciclo sobre a disciplina

Item 27 ¹⁴ – Análise da resposta aberta – 81 respostas – 102 indicadores – 16 subcategorias		
Frequência dos indicadores	%	SUBCATEGORIAS
36	35,30%	Crescimento/idade
14	13,70%	Família
12	11,80%	Formação Social / Valores
11	10,80%	Adaptação social à escola
6	5,90%	Influência dos colegas mais velhos
6	5,90%	Responsabilização,
4	3,90%	Motivação
3	2,90%	Acompanhamento na escola
2	2,00%	Espaço físico da escola
2	2,00%	Pessoal docente e não docente
1	1,00%	Pessoal docente
1	1,00%	Criação de grupos fortes
1	1,00%	Dificuldade dos conteúdos
1	1,00%	Falta de pessoal auxiliar
1	1,00%	nº de alunos por turma
1	1,00%	Relação família /escola

A Assistente Operacional encara a mudança, primeiro para o 5ºano e depois para o 7º, como momentos decisivos na alteração de comportamentos e do aumento da indisciplina, pela necessidade de imitação:

“Eu acho que eles começam é a ver, aí está, essa fase dos 7.º, 8.º.. 6.º, 7.º, 8.º e começam a querer imitá-los. E daí os miúdos começam já a ir por outros meios.....Acho que é uma transição...uma diferença muito grande. Os meninos virem dum 1.º ciclo logo para uma escola secundária. Acho que deviam vir do 2.º e depois uma adaptação numa escola com o 5.º e 6.º já vão apanhar aqueles miúdos do 6.º ano, depois ali já vão com outra noção.... Deixam-se influenciar..... Quando começam a misturar-se muito porque já querem juntar-se com os mais velhos, então vão ter com os do 7.º, do 8.º e já começam aí ”AO

¹⁴ Anexo – item 27

Já a Voluntária tem dificuldade em se pronunciar sobre esta questão: “Depende Não se pode generalizar?... é muito complicado de dizer”

2.3.2. Influência de género

Mais de metade dos inquirido consideram que a manifestação de indisciplina não é mais notória num dos sexos. No entanto, não será de ignorar o facto de quase 27% associarem mais aos rapazes questões disciplinares e de também um número razoável não ter opinião formada sobre o assunto. Já o número que associa maior indisciplina às raparigas é muito baixo.

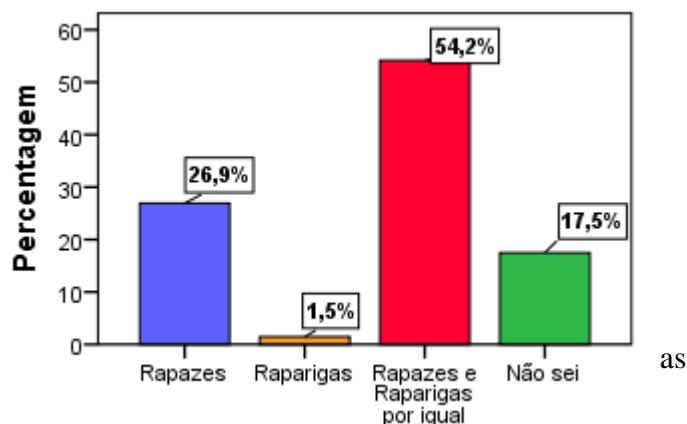


Gráfico 24 – Quais os alunos com maior grau de indisciplina?

Nenhuma das entrevistadas admite que o género seja um fator de in/disciplina:

“é igual. ... segundo aqui... para mim é igual.. antigamente, a gente dizia que os rapazes é que, as meninas, as meninas, e agora não, não noto isso.”
AO

No entanto, a AO mostra-se até, mais inclinada em considerar as raparigas mais indisciplinadas do que os rapazes, acabando por identificar padrões de in/disciplina diferentes nos rapazes e nas raparigas. Nos rapazes, a postura e atitudes incorretas manifestam-se sobretudo entre os pares, enquanto que, no caso das raparigas, isso também ocorre relativamente às AOs.

“E há miúdas que são mal educadas, brutas, não têm respeito nenhum;... palavras ... Eu noto, as raparigas, é verdade, é ..é, eu noto mais... tenho miúdos que são muito amiguinhos, acho os miúdos impecáveis. E, por vezes, eles não, é mais....aaa..... noutro sentido, não são assim brutos nem mal educados para nósessa parte barulho, dizer asneiras ...às vezes, até se tornam mais meiguinhos do que j.....asneiras mais entre eles e não para as funcionárias” AO

2.3.3. Ano de escolaridade

No que se refere ao ano de escolaridade, sobressai o grupo dos que não têm opinião formada sobre o assunto. Depois, é curioso verificar que o ano considerado mais problemático é o 7º, relativamente ao qual existe uma evolução ascendente e descendente bastante equilibrada. Já os alunos CEF, normalmente associados a comportamentos problemáticos, não registam aqui uma taxa muito alta.

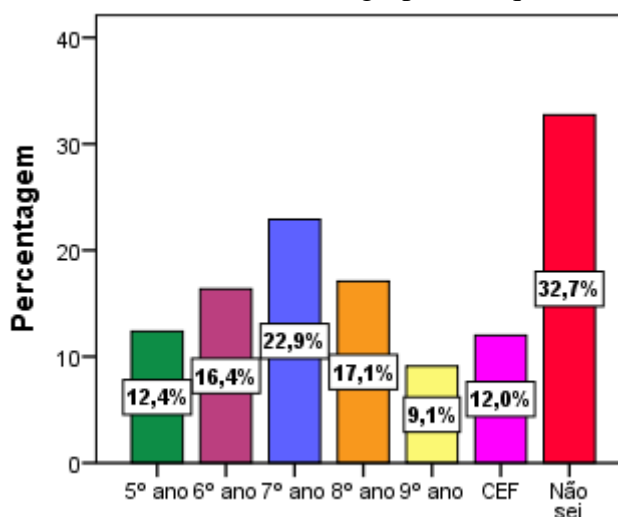


Gráfico 25 – Anos com maior grau de indisciplina

Opinião diferente é a da AO que, a respeito dos alunos CEF, em contexto de sala de aula, não tem uma perceção nada positiva:

“quando dão o 1º ano com o CEF... Doloroso... Complicado Preocupante.”

A Encarregada de Educação voluntária tem dificuldade em apontar um ano de escolaridade como o mais problemático, embora tenda a encarar os 5º e 9º anos com maior apreensão, assim como as idades entre os 14 e os 16 anos.

“talvez, as idades entre os 14 , 16, penso que talvez seja essa idade ... 5º ou 9º, depende... não se pode generalizar... é muito complicado de dizer.”

A Assistente Operacional considera os 7º e 8º anos, anos problemáticos, fruto da vulnerabilidade que os caracteriza no 5ºano e no 6º e do desejo de imitarem os seus pares mais velhos:

“estes miúdos...mais do 7º, 8º, 6º, ali nessa.....nessa, nessas, idades os miúdos aaa..... nós estamos a falar com eles, é assim muito à base de estragar, de destruir, de de...e nós falarmos com eles e eles não ligarem aaa..... os 6.º já começam atrás os 5.º como vêm do ninho...para o fim do 5.º ano, no final do ano já começam a querer acompanhar, mas de início não. Têm tendência ser, nós falamos eles..... chamamos a atenção e eles

aceitam. Andam ali aquele grupinho mais junto dos 5.º, não se juntam tanto aos outros. Enquanto, a partir.....vá lá, do final do 6.º ano, quando começamos ir para o final, os do 6.º começam a juntar-se com os do 7.º e por aí, que depois..... os 9º não, os nonos já noto que já começam a acalmar mais e tem o grupo deles. “AO

3. Representação dos inquiridos sobre a (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos

Recolhidas as impressões dos inquiridos sobre a indisciplina, em geral, verificámos, então qual a sua visão sobre a Escola palco do nosso estudo.

3.1. A (in) disciplina escolar

Dos vários domínios auscultados, ressaltam com os valores mais altos, o sucesso escolar, com bastante satisfatório em 38,9% dos casos; nos restantes domínios, o nível de satisfatório com taxas que variam entre os 43% e os 52%. Uma média de percentagem de 11,6% responde sempre que não sabe e uma média de 12% atribui pouco satisfatório, se analisarmos o conjunto dos domínios. No entanto, destaca-se que, ao nível do sucesso escolar, só 4% estão pouco satisfeitos, sendo a menor satisfação manifestada relativamente ao comportamento dos alunos (18,2%) e ao civismo (17,1%).

Tabela 8 – Níveis de satisfação sobre a escola

29. Como avalia na nossa Escola?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Pouco satisfatório	Satisfatório	Bastante satisfatório	Muito satisfatório	Não sei
O sucesso escolar	0	0	4,0%	30,9%	38,9%	14,9%	11,3%
A disciplina na aula	0	0	12,7%	43,6%	24,7%	8,7%	10,2%
A disciplina fora da aula	0	0	11,6%	48,0%	21,5%	5,8%	13,1%
O comportamento dos alunos	0	0	18,2%	51,6%	14,2%	4,4%	11,6%
O respeito pelos funcionários	0	0	12,0%	45,8%	20,7%	6,9%	14,5%
O respeito pelos professores	0	0	11,3%	44,4%	22,5%	9,8%	12,0%
O civismo	0	0	17,1%	43,3%	19,6%	6,9%	13,1%
A segurança	0	0	9,1%	41,8%	25,5%	16,4%	7,3%
Média de cada nível			12,0%	43,7%	23,5%	9,2%	11,6%
Soma					32,7%		

Os níveis gerais de satisfação são visivelmente positivos, com 32,7% centrados no bastante e muito satisfatórios e 43,7% no satisfatório.

Apenas seis dos inquiridos apontam outros domínios a dever ser considerados nesta sondagem, a saber: com 2 casos cada, o relacionamento entre os alunos e o respeito do professor pelo aluno e com 1 caso cada, a proximidade escola/pais e o acompanhamento dos encarregados de educação.¹⁵

Neste âmbito, a VEE, questionada sobre a existência de segurança, na escola, não hesita, em responder: “Sim, sinto...”. Também não encontra, na escola, situações de indisciplina grave “Não há, pelo menos, até à data.”. A mesma opinião é partilhada pela Assistente Operacional:

Não, não noto muito isso(violência). às vezes é uns arrufos entre eles, às vezes até por acusa de uma miúda, isso(violência) não, não, não noto, não, não ..São mais coisas ligeiras Ciúmes, mexericos

3.2. A evolução da indisciplina escolar

As respostas analisadas mostram que em quase 43% dos casos não existe opinião formada sobre este assunto, sendo muito simétrica a opinião dos que consideram que se manteve ou que aumentou e apenas 10% considerar ter havido uma melhoria.

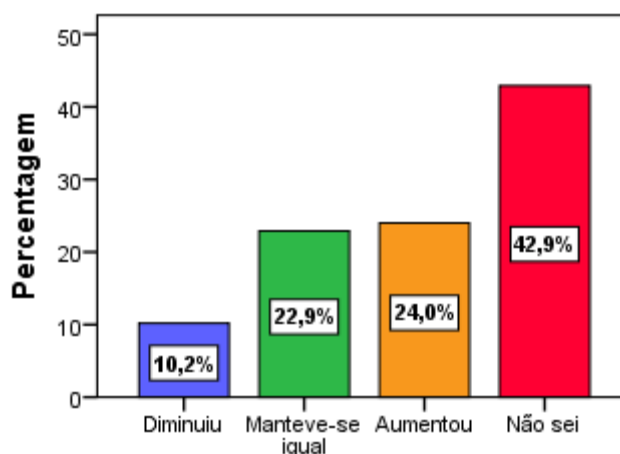


Gráfico 26 – Como tem evoluído a indisciplina, nesta escola?

Neste parâmetro, a Voluntária considera ter havido um decréscimo de indisciplina, enquanto que a AO vê a indisciplina a aumentar, situação que estende a todas as escolas.

“Eu acho que há menos, pelo menos pelas conversas que eu tenho, acho que sim, que há menos indisciplina” VEE

“eu acho que cada vez está pior, mas é a nível geral, não é só na nossa escola...”AO

¹⁵ Vd excel para anexo– item 29

3.3. A imagem relativa da escola face a outras escolas do concelho

Na avaliação comparativa se nos abstrairmos dos 38,6% que não sabem, a escola aparece com valores bastante positivos, onde se pode fazer a seguinte leitura: apenas pouca satisfação, regista-se, em média, 2,9% dos casos, contra médias respetivas de 20,3% e 12,7%. nos níveis de bastante e muito satisfatório. Uma leitura horizontal, por outro lado, mostra-nos que 33,0% das respostas dos inquiridos se concentram nos níveis bastante e muito satisfatório, contra 25,5% no satisfatório.

Tabela 9 – Avaliação comparativa da escola relativamente a outras do concelho

31. Como avalia a nossa Escola, comparativamente a outras do Concelho?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Pouco satisfatório	Satisfatório	Bastante satisfatório	Muito satisfatório	Não sei
A disciplina na aula	0	0	1,8%	25,5%	21,1%	9,1%	42,5%
A disciplina fora da aula	0	0	2,5%	28,7%	16,7%	9,5%	42,5%
O comportamento dos alunos	0	0	3,3%	30,2%	17,8%	7,3%	41,5%
O sucesso escolar	0	0	1,8%	20,0%	28,0%	12,4%	37,8%
A segurança	0	0	4,0%	24,7%	19,3%	17,5%	34,5%
O acompanhamento dos alunos	0	0	4,4%	26,2%	21,8%	11,6%	36,0%
O contacto com os Encarregados de Educação	0	0	2,5%	23,3%	17,1%	21,5%	35,6%
Média de cada nível			2,9%	25,5%	20,3%	12,7%	38,6%
Soma					33,0%		

A análise de cada item, individualmente, no que respeita a estes dois níveis, também nos parece representativa, pelo que a apresentamos no quadro seguinte. Aí, destacamos o sucesso escolar, a segurança, o contacto com os encarregados de educação, o acompanhamento dos alunos e a disciplina na aula, com valores conjuntos superiores a 30%.

Tabela 10 – Parâmetros com taxas de satisfação comparativa alta – curva descendente

	Bastante satisfatório	Muito satisfatório	Soma
O sucesso escolar	28,0%	12,4%	40,4%
O contacto com os Encarregados de Educação	17,1%	21,5%	38,6%
A segurança	19,3%	17,5%	36,8%
O acompanhamento dos alunos	21,8%	11,6%	33,4%
A disciplina na aula	21,1%	9,1%	30,2%
A disciplina fora da aula	16,7%	9,5%	26,2%
O comportamento dos alunos	17,8%	7,3%	25,1%

Do ponto de vista das Entrevistadas, a escola destaca-se, pela positiva, relativamente às demais, nas imediações:

“acho que a nossa escola aqui está em número um, comparada com as outras duas que temos aqui, a ... e aqui.. em número um...no bom sentido segundo eu ouço.. pelo que eu percebo e pelo que falam comigo a nossa escola está... em situação mais controlada Sim, sim,... a situação está controlada, sim, sim”

AO

“Acho que há menos. Acho que é das escolas que tem menos indisciplina”

VEE

3.4. Os agentes educativos com maior impacto sobre as atitudes dos alunos

Neste item, destaca-se uma percentagem muito alta de não respostas, relativamente à psicóloga, o que acaba por causar alguma distorção nos resultados, inflacionando-os, comparativamente aos restantes itens. A dificuldade em se pronunciar sobre este parâmetro pode prender-se com o facto de a escola nunca ter tido uma psicóloga efetiva e a tempo inteiro. De resto, verifica-se que a direção e o diretor de turma são os mais respeitados.

Tabela 11 – Figuras de mais respeito, na escola

32. Na escola, quem é que o seu educando/a mais respeita/ a quem obedece mais?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Muito	Bastante	Médio	Pouco	Nada
A Direção	14	5,1%	63,6%	26,8%	8,8%	0,4%	0,4%
O Diretor de Turma	8	2,9%	63,3%	29,6%	6,4%	0,4%	0,4%
Os seus professores do sexo masculino	18	6,5%	41,6%	40,5%	15,2%	1,6%	1,2%
As suas professoras	10	3,6%	41,1%	39,2%	18,1%	1,1%	0,4%
Outros Professores do sexo masculino	19	6,9%	36,7%	41,0%	19,9%	1,6%	0,8%
Outras professoras	17	6,2%	37,2%	41,5%	19,4%	1,6%	0,4%
Psicóloga	85	30,9%	33,2%	34,2%	20,5%	2,6%	9,5%
Pessoal não docente	12	4,4%	37,3%	37,6%	22,1%	2,7%	0,4%
Colegas mais velhos	23	8,4%	23,4%	29,0%	37,3%	7,9%	2,4%
Média de cada nível		8,3%	41,9%	35,5%	18,6%	2,2%	1,8%
Soma			77,4%			4,0%	

Os professores surgem significativamente mais abaixo, notando-se alguma diferença entre o respeito causado pelos próprios professores e pelos outros professores. Já o respeito que estes impõem é sensivelmente idêntico ao sentido relativamente aos não docentes, com uma ligeira vantagem para os primeiros. Na ótica dos inquiridos, o sexo do professor não parece ser de grande relevância no nível de impacto causado nas atitudes dos alunos, podendo observar-se este resultado nos dois níveis mais elevados,

quer isoladamente, quer no seu conjunto; apesar disso, verifica-se, sempre uma margem superior para o sexo masculino.

Tabela 12 – Linha descendente – Figuras que impõem mais respeito

32. Na escola, quem é que o seu educando/a mais respeita/ a quem obedece mais?	Percentagem de respostas válidas		
	Muito	Bastante	Total
A Direção	63,3%	29,6%	92,9%
O Diretor de Turma	63,6%	26,8%	90,4%
Os seus professores do sexo masculino	41,6%	40,5%	82,1%
As suas professoras	41,1%	39,2%	80,3%
Outros Professores do sexo masculino	37,2%	41,5%	78,7%
Outras professoras	36,7%	41,0%	77,7%
Psicóloga	37,3%	37,6%	74,9%
Pessoal não docente	33,2%	34,2%	67,4%
Colegas mais velhos	23,4%	29,0%	52,4%
Média de cada nível	41,9%	35,5%	77,4%
Soma	77,4%		---

A Encarregada de Educação Voluntária vê nos professores, e entre estes, a Direção, e o Diretor de Turma as figuras com maior autoridade em relação aos alunos, sobretudo relativamente aos alunos mais velhos:

“Acabam por respeitar sempre, (todos os) professores”

“(Direção) já tem outro impacto há sempre aquele respeito”

“o diretor de turma também, acho que sim que respeitam. Provavelmente acabam por respeitar mais o diretor de turma”

“os maiores têm mais respeito...maiores, maiores talvez os 17 têm mais respeito aos professores”

A Encarregada de Educação aponta para padrões de comportamento variados, na relação e no respeito estabelecidos entre os alunos e os diferentes professores. Não consegue, no entanto, indicar uma explicação para esta diferenciação:

“Com os professores talvez... com certos professores, não é com todos ...há certos professores que eles têm mais respeito... Agora, porquê? Não sei dizer . Sim, sim nalguns professores via-se claramente... havia certos professores que eles tinham muito mais respeito,... não era ser mal-educados... mas em termos de postura via-se perfeitamente” VEE

“Alguns(alunos) sim, outros não, a maioria respeita, a maioria respeita. Há sempre alguns que não.” VEE

Relativamente à relação com os não docentes, classifica-a de boa:

“era uma relação boa, os alunos eram... pelo menos não assisti a nada...” VEE

Na perspetiva da Assistente Operacional, a figura da Direção é a que impõe mais respeito, constituindo, em certas ocasiões, a única fonte dissuasora de determinados comportamentos:

“Só nós dissermos assim: olha não estás a fazer caso do que eu digo, não é? Não estás a ligar? Então, é assim: eu vou chamar alguém da direção. Agora escolhe, ou vais ficar de castigo ou deixas, vais portar-te como deve ser.... Pronto, aí, eles se estiverem a fazer o disparate até se afastam, ..., pronto. Acho que só dizendo que vem alguém da direção.”

Já em relação ao pessoal não docente, a atitude é, em muitos casos, diametralmente oposta:

“eu tento ser..... mostrar cara feia e ralhar. Mas alguns não ligam nenhuma. É como nós estarmos a dizer: sai daí, ..., pronto, não vale a pena.”

Esta atitude de displicência é mais acentuada nos alunos dos CEF, inclusivamente com os professores, o que dá origem ao seguinte comentário da AO.

“os CEF... não vale a pena, nós falamos porque eles falam e nós falamos para eles, e eles não ligam nenhuma..... se for possível nós estamos a chamar a atenção, voltam-nos as costas... Também em relação aos professores”

Neste domínio, a entrevistada encontra nas diferenças de género um fator de diferenciação no nível de autoridade conseguido:

“em termos de funcionários, como nós somos só mulheres, eles não ligam nenhuma ...Quando é o vigilante, isso acho que há outro respeito por ser homem porque mesmo a nível de de.... qualquer coisa , chega o Sr. Cristovão, eu explico e ele conversa com eles e.... aí..... tenta fazê-los compreender, mas se formos nós eles não ligam e se for com ele....já..... pois....”

3.5. Manifestações de indisciplina mais significativas

Neste item, usámos o termo “significativo” , pretendendo que fosse entendido como “frequente” , mas temos algumas dúvidas se a interpretação feita foi realmente essa. Destacamos, desde logo, o facto de a percentagem dos que responderam “não sei” registar valores a rondar os 20%, e de a tendência de resposta se concentrar nos níveis muito significativo e significativo, tanto isoladamente, como no seu conjunto. De qualquer modo, os níveis de muito significativo e significativo atingem valores que se aproximam dos 68,5%, o que revelam a grande importância atribuída a estes aspetos.

Tabela 13 – Manifestações de indisciplina mais significativas, na escola

33. Quais as manifestações de indisciplina mais significativas, na nossa Escola?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Muito significativo	Significativo	Pouco significativo	Nada significativo	Não sei
Ser conversador e distraído	0	0	31,6%	39,6%	9,1%	2,5%	17,1%
Usar o telemóvel	0	0	36,4%	30,9%	8,0%	1,5%	23,3%
Não obedecer ao/à professor/a	0	0	44,7%	29,1%	6,5%	1,1%	18,5%
Usar vocabulário impróprio	0	0	45,1%	26,5%	6,2%	2,2%	20,0%
Não respeitar os colegas	0	0	34,9%	33,8%	8,4%	0,7%	22,2%
Não cumprir as regras	0	0	40,7%	34,9%	4,7%	1,1%	18,5%
Interromper as aulas	0	0	34,2%	36,7%	6,9%	1,1%	21,1%
Recusar-se a participar na aula	0	0	25,5%	32,7%	14,5%	2,2%	25,1%
Reagir agressivamente	0	0	44,7%	15,6%	10,9%	5,1%	23,6%
Não respeitar os professores	0	0	44,7%	23,6%	9,1%	2,5%	20,0%
Não respeitar o pessoal não docente	0	0	40,0%	27,3%	8,4%	2,2%	22,2%
Média de cada nível	0	0	38,4%	30,1%	8,43%	2,02%	21,1%
Soma			68,5%		10,5%		

3.6. Nível de segurança na escola

Em termos de segurança, constitui uma percentagem muito baixa, a opinião dos que não consideram a escola um lugar seguro, por oposição aos restantes. Excetuando os 15 que não responderam, no seu conjunto 96,1% dos encarregados de educação não veem na segurança um problema da escola.

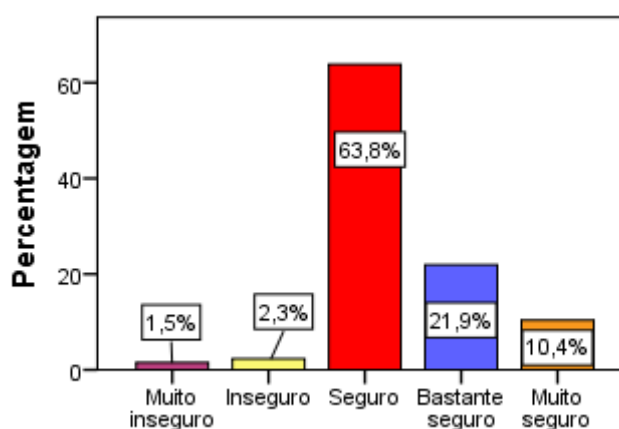


Gráfico 27 – O seu educando está seguro na escola?

Esta perceção confirma-se com as respostas a vários itens apresentados, e é partilhada, quer pela Assistente Operacional, quer pela Voluntária.

3.7. Fatores na origem da (in)disciplina escolar

3.7.1. de ordem pessoal/social

Neste campo, voltamos a encontrar um número considerável de respostas em “não sei”, cuja média de resultados ronda os 21%, a destacar-se o desconhecimento relativamente ao domínio do consumo de drogas/ álcool. Nos restantes domínios, a maioria das percentagens concentra-se no muito relevante e relevante, com 66,8%.

Tabela 14 – Causas da Indisciplina – ao nível dos alunos

35. Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Muito relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante	Não sei
Falta de respeito, em geral	0	0	47,6%	33,5%	3,3%	0,7%	14,9%
Falta de sentido de responsabilidade	0	0	36,7%	41,5%	5,8%	0,7%	15,3%
Desconhecimento das regras	0	0	18,9%	34,9%	22,2%	5,1%	18,9%
Desinteresse pelas matérias	0	0	30,9%	43,3%	9,5%	0,7%	15,6%
Desinteresse pela escola	0	0	37,1%	35,6%	9,1%	1,5%	16,7%
Falta de civismo	0	0	43,3%	31,3%	7,3%	1,5%	16,7%
Consumo de drogas/ álcool	0	0	32,0%	14,2%	13,1%	5,8%	34,9%
Necessidade de se afirmar	0	0	24,7%	44,4%	8,4%	1,1%	21,5%
Tipo de amigos	0	0	28,0%	38,5%	13,1%	1,1%	19,3%
Problemas de relacionamento	0	0	20,7%	36,7%	20,4%	1,1%	21,1%
Média de cada nível	0	0	32,0%	34,9%	11,6%	1,8%	20,8%
Soma			66,8%		13,4%		

A observação apenas dos resultados dos parâmetros muito relevante e relevante, no seu conjunto, em cada item, mostra-nos que questões intrínsecas aos próprios alunos são vistas como determinantes para o fenómeno da indisciplina, já que, à exceção do consumo de drogas/ álcool, todos ultrapassam os 50%, alguns mesmo largamente, como mostra o quadro seguinte com os resultados descendentes.

Tabela 15 – Causas mais representativas

35. Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos?	Muito relevante	Relevante	Soma
Falta de respeito, em geral	47,6%	33,5%	81,1%
Falta de sentido de responsabilidade	36,7%	41,5%	78,2%
Falta de civismo	43,3%	31,3%	74,6%
Desinteresse pelas matérias	30,9%	43,3%	74,2%
Desinteresse pela escola	37,1%	35,6%	72,7%
Necessidade de se afirmar	24,7%	44,4%	69,1%
Tipo de amigos	28,0%	38,5%	66,5%
Problemas de relacionamento	20,7%	36,7%	57,4%
Desconhecimento das regras	18,9%	34,9%	53,8%
Consumo de drogas/ álcool	32,0%	14,2%	46,2%

É curiosa a observação de um inquirido a este respeito, que cito, “Todos sabem as regras!!! Só não as cumprem!!!”

A este respeito, as duas entrevistadas veem na predisposição dos alunos uma das razões importantes para a indisciplina.

“a todos os níveis da escola “ AO

“falta de respeito, regras, civismo... eles estarem, por vezes, em grupo, fazem-nos sentir mais fortes falta de respeito entre alunos, acho que deve ser, o cinismo “VEE

Já as toxicodependências não constituem razão de preocupação, na escola:

“drogas e álcool acho que não “VEE

3.7.2. da responsabilidade da escola/professor

Na imputação de responsabilidades à escola, em 60,9% dos casos é atribuída grande relevância aos parâmetros apresentados, sendo dada a maior importância sucessivamente ao respeito pelo professor e à sua atitude, ao respeito, em geral, e à autoridade do professor.

Tabela 16 – Causas da indisciplina, da responsabilidade da escola

36. Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, da responsabilidade da escola/professor ?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Muito relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante	Não sei
O ambiente da escola	0	0	16,4%	35,3%	20,0%	8,0%	20,4%
Número de alunos por turma	0	0	33,5%	30,5%	16,7%	4,7%	14,5%
Horário escolar	0	0	12,0%	27,3%	34,5%	9,1%	17,1%
Autoridade do professor	0	0	37,5%	31,3%	10,9%	2,5%	17,8%
Respeito pelo professor	0	0	46,2%	28,0%	6,9%	1,8%	17,1%
Atitude do professor (permissivo, autoritário,...)	0	0	43,3%	27,3%	10,5%	2,2%	16,7%
Falta de respeito, em geral	0	0	41,5%	29,8%	9,5%	2,9%	16,4%
Falta de medidas adequadas na escola	0	0	21,1%	34,2%	20,0%	5,5%	19,3%
Empatia pelo professor	0	0	25,5%	42,5%	12,4%	3,6%	16,0%
Conhecimento científico do professor	0	0	22,9%	33,8%	18,2%	5,8%	19,3%
Idade do professor	0	0	7,3%	27,3%	29,1%	18,2%	18,2%
Sexo do professor	0	0	2,9%	18,2%	28,4%	32,0%	18,5%
Média de cada nível	0	0	29,1%	31,8%	15,2%	5,7%	17,6%
Soma			60,9%		-----		

A leitura dos resultados, de uma forma progressiva, e considerando, no seu conjunto, os dois níveis mais altos, reforça a análise anterior quanto à importância dada ao professor, nomeadamente às questões relacionais, a rondar os 70%, que superam, até, consideravelmente, as de ordem científica (56,7%). Já o horário escolar, a idade e sexo do professor são os menos valorizados. O número de alunos por turma, o conhecimento científico do professor e a falta de medidas adequadas na escola também são valorizadas, a representarem valores superiores a 50%.

Tabela 17 – Causas mais representativas – da responsabilidade da escola

36. Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, da responsabilidade da escola/professor ?	Muito relevante	Relevante	Soma
Respeito pelo professor	46,2%	28,0%	74,2%
Falta de respeito, em geral	41,5%	29,8%	71,3%
Atitude do professor (permissivo, autoritário,...)	43,3%	27,3%	70,6%
Autoridade do professor	37,5%	31,3%	68,8%
Empatia pelo professor	25,5%	42,5%	68,0%
Número de alunos por turma	33,5%	30,5%	64,0%
Conhecimento científico do professor	22,9%	33,8%	56,7%
Falta de medidas adequadas na escola	21,1%	34,2%	55,3%
O ambiente da escola	16,4%	35,3%	51,7%
Horário escolar	12,0%	27,3%	39,3%
Idade do professor	7,3%	27,3%	34,6%
Sexo do professor	2,9%	18,2%	21,1%

A AO atribui à atitude do professor um papel determinante para o controle da disciplina dos alunos, valorizando a firmeza e determinação.

se for um professor que.....consiga ter um bocadinho de pulso, e uma cara aí.... podem ter um bocadinho mais de respeito e aí tentar, mas se for um professor é isso que eu noto..... se for um professor que até seja..... queira ser simpático, queira ser agradável, queira..... queira... dar um bocadinho dele, eu acho que eles depois vão apalpando, vão vendo até que ponto é que eles podem ir, até ao ponto de depois começarem. e eu acho que é isso que eles começam a ver até qua..... até... onde podem ir, e depois..... se o professor não...não for firme e e...e que haja disciplina mesmo.... Seja mau, um bocadinho cara de mau, vá lá, como eu digo, acho que eles se vão aproveitando um bocadinho disso...

Outro fator importante apontado é a vigilância, ou falta dela, nos espaços exteriores:

“muita falta de pessoal para poder estar na vigilância; para poder chamá-los à atenção, para criar um bocadinho de dis....., ajudá-los a ter um bocadinho mais de disciplina.. se estivermos na rua, e falarmos com eles e chamamos, não debes fazer isto, não debes fazer aquilo. Acho que eles a pouco e pouco vão.... não há, não há.. vigilância, não há orientação e faz muita falta a vigilância, numa escola, muita falta “AO

3.7.3. de ordem familiar

Neste domínio, sobressai o papel do interesse e responsabilidade dos encarregados de educação, considerado muito relevante, respetivamente por 56,7% e 53,1% dos inquiridos. Muito relevante, também, é a colaboração das famílias que surge

à frente da violência doméstica. Um total de 71,2% dá relevância ou relevância grande aos fatores de ordem familiar.

Tabela 18 - Causas da indisciplina de ordem familiar

37. Na nossa escola, que fatores <u>de ordem familiar</u> estão na origem da indisciplina?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Muito relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante	Não sei
Desinteresse dos Enc. de Educação	0	0	56,7%	22,9%	4,7%	3,3%	12,4%
Desresponsabilização dos Enc. de Educação	0	0	53,1%	27,6%	3,6%	3,3%	12,4%
Pouca colaboração da Família	0	0	49,8%	29,5%	5,5%	2,2%	13,1%
Violência doméstica	0	0	49,1%	21,5%	6,2%	4,4%	18,9%
Problemas familiares	0	0	47,6%	27,6%	6,9%	2,2%	15,6%
Importância atribuída à escola	0	0	42,9%	33,8%	6,5%	1,5%	15,3%
Falta de hábitos de trabalho	0	0	38,9%	38,5%	7,3%	2,5%	12,7%
Desemprego	0	0	29,5%	35,6%	12,4%	4,4%	18,2%
Grau de escolaridade do Enc. de Educação	0	0	10,9%	25,5%	35,6%	15,3%	12,7%
Média de cada nível	0	0	42,1%	29,2%	9,9%	4,3%	14,6%
Soma			71,2%		-----		

Tabela 19 – Causas mais representativas de ordem familiar

37. Na nossa escola, que fatores <u>de ordem familiar</u> estão na origem da indisciplina?	Muito relevante	Relevante	Soma
Desresponsabilização dos Enc. de Educação	53,1%	27,6%	80,7%
Desinteresse dos Enc. de Educação	56,7%	22,9%	79,6%
Pouca colaboração da Família	49,8%	29,5%	79,3%
Falta de hábitos de trabalho	38,9%	38,5%	77,4%
Importância atribuída à escola	42,9%	33,8%	76,7%
Problemas familiares	47,6%	27,6%	75,2%
Violência doméstica	49,1%	21,5%	70,6%
Desemprego	29,5%	35,6%	65,1%
Grau de escolaridade do Enc. de Educação	10,9%	25,5%	36,4%

Analisados em conjunto, verifica-se, que aos dois níveis de relevância mais alta, é atribuído grande peso enquanto fator com implicações para a in/disciplina. O quadro seguinte apresenta-nos a ordenação descendente dessa hierarquização de importância.

Quer a Voluntária Encarregada de Educação, quer a Assistente Operacional atribuem um papel muito relevante à família, socorrendo-se a primeira da sua

experiência como voluntária para confirmar a sua percepção, relativamente ao fato de muitos encarregados de educação desvalorizarem determinado tipo de comportamentos e se recusarem a admitir que o mesmo possa ter sido adotado pelos seus educandos.

“Família ... Não estar tão presentes, talvez, não sei, poderiam, estar mais, isto há casos, não vou dizer, que alguns casos, mas que eu às vezes me apercebo e o que sei, e quando estive na escola apercebi-me também de vários casos “ VEE

“Desculpar demasiado os filhos ...Muitas vezes, não acreditam e talvez isso também acabe por ser um dos motivos” VEE

“E hoje em dia os pais, não..., acreditam nos meninos, e não acreditam, se for preciso no que o professor diz, ou no que uma funcionária diz.... E daí, como acreditam é no menino e vai-se dar razão, é ao menino.” AO

“Daí eles virem confrontar que a escola..... e acho que eles ao pé dos pais, são uma coisa.... Porque e... eu tenho filhos e vejo também que são assim. Eles ao pé de nós são uma coisa mas por trás são outra. E há pais que não aceitam Sra. Dra.. Há pais que na ideia deles: Áh! mas então o meu filho é tão bem comportado. Eu sei isso desde que os meus filhos andaram na escola.” AO

De acordo com a Assistente Operacional, a muitos alunos falta o acompanhamento mais estreito pelos encarregados de educação, quer pelos vários afazeres do dia, quer pelos próprios hábitos diários que, em alguns casos, acabam por se sobrepor ao espaço de tempo que deviam atribuir aos seus filhos. Assim, muitos pais

“...pouco ou nada, estão com os miúdos. Há pais que passam um ano inteiro sem vir a uma reunião, à escola.” AO ““

3.8. Medidas preventivas/disciplinares

3.8.1. Medidas preventivas/disciplinares mais aplicadas

No que se refere aos itens que contemplam a perceção dos encarregados de educação sobre as medidas disciplinares mais aplicadas na escola, destacam-se as respostas do “não sei”, reveladoras de um elevado desconhecimento relativamente a estas matérias. Como estratégias muito recorrentes, destacam-se o contacto com o encarregado de educação (31,6%) ,a mudança de lugar (28,4%) a falta disciplinar (28,7%), repreensão oral (28,0%).e a ordem de saída da sala de aula (25,8%).

Se considerarmos a média conjunta dos que consideram muito frequente e frequente, a taxa resultante situa-se nos 45,3%.

Tabela 20 – Medidas preventivas/disciplinares aplicadas na escola

38. Na sua opinião, quais as medidas preventivas /disciplinares mais aplicadas pela escola?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Muito frequente	Frequente	Pouco frequente	Nada frequente	Não sei
Contrato/Negociação	0	0	5,8%	18,2%	16,0%	4,0%	56,0%
Palestras	0	0	4,7%	15,3%	24,0%	8,4%	47,6%
Acompanhamento psicológico	0	0	8,0%	21,8%	20,0%	6,5%	43,6%
Ida do aluno à Direção	0	0	14,9%	37,8%	12,7%	2,9%	31,6%
Ida da Direção à sala de aula	0	0	10,9%	25,1%	22,5%	4,7%	36,7%
Repreensão oral	0	0	28,0%	40,7%	6,2%	,7%	24,4%
Repreensão escrita	0	0	17,8%	40,4%	12,0%	,7%	29,1%
Tutoria por professor	0	0	7,3%	19,6%	14,5%	2,9%	55,6%
Falta disciplinar	0	0	28,7%	33,1%	10,5%	2,9%	24,7%
Ordem de saída da sala de aula	0	0	25,8%	30,9%	11,3%	4,4%	27,6%
Limpeza de espaços na escola	0	0	19,6%	30,2%	13,5%	3,6%	33,1%
Suspensão	0	0	13,8%	16,7%	27,6%	5,8%	36,0%
Gabinete de Apoio ao Aluno	0	0	14,9%	24,7%	12,0%	4,7%	43,6%
Trabalhos escolares extra feito na escola	0	0	11,3%	22,5%	19,3%	6,5%	40,4%
Trabalhos escolares extra feito em casa	0	0	8,7%	22,2%	20,0%	6,2%	42,9%
Mudança de lugar	0	0	28,4%	25,5%	14,2%	2,5%	29,5%
Contacto com o Enc. de Educação	0	0	31,6%	37,8%	6,5%	2,2%	21,8%
Média de cada nível	0	0	19,0%	26,3%	14,9%	4,2%	35,5%
Soma			45,3%		-----		

No conjunto destes dois níveis por item, verificamos os resultados gerais que apresentamos, de uma forma descendente, no quadro seguinte. Volta a predominar o contacto com o encarregado de educação, mas registam-se algumas mudanças de peso nos itens seguintes. Aqui a repreensão oral e a falta disciplinar passam a ocupar a segunda e a terceira posição

Tabela 21 –Medidas preventivas/disciplinares mais aplicadas

38. Na sua opinião, quais as medidas preventivas /disciplinares mais aplicadas pela escola?	Muito frequente	Frequente	Soma
Contacto com o Enc. de Educação	31,6%	37,8%	69,4%
Repreensão oral	28,0%	40,7%	68,7%
Falta disciplinar	28,7%	33,1%	61,8%
Repreensão escrita	17,8%	40,4%	58,2%
Ordem de saída da sala de aula	25,8%	30,9%	56,7%
Mudança de lugar	28,4%	25,5%	53,9%
Ida do aluno à Direção	14,9%	37,8%	52,7%
Limpeza de espaços na escola	19,6%	30,2%	49,8%
Gabinete de Apoio ao Aluno	14,9%	24,7%	39,6%
Ida da Direção à sala de aula	10,9%	25,1%	36,0%
Trabalhos escolares extra feito na escola	11,3%	22,5%	33,8%
Trabalhos escolares extra feito em casa	8,7%	22,2%	30,9%
Suspensão	13,8%	16,7%	30,5%
Acompanhamento psicológico	8,0%	21,8%	29,8%
Tutoria por professor	7,3%	19,6%	26,9%
Contrato/Negociação	5,8%	18,2%	24,0%
Palestras	4,7%	15,3%	20,0%

3.8.2. Posição dos inquiridos sobre a sua eficácia

O número dos que não têm uma opinião formada sobre o assunto continua a ser bastante elevado, com uma média de 30,4%. Sobre pouco eficazes recai a avaliação de uma média de 16,4% dos inquiridos. O nível de eficaz ou superior concentra mais de 50% dos pareceres.

Tabela 22 – Eficácia das medidas aplicadas

39. Como considera as medidas preventivas /disciplinares promovidas pela escola?	NR		Percentagem de respostas válidas				
	Nº de casos	%	Pouco eficaz	Eficaz	Bastante eficaz	Muito eficaz	Não sei
Contrato/Negociação	0	0	17,1%	24,0%	6,2%	1,8%	50,9%
Palestras	0	0	25,8%	21,5%	5,8%	2,5%	44,4%
Acompanhamento psicológico	0	0	9,5%	28,7%	15,3%	7,3%	39,3%
Ida do aluno à Direção	0	0	9,8%	32,7%	16,7%	11,6%	29,1%
Ida da Direção à sala de aula	0	0	11,6%	32,0%	15,3%	11,3%	29,8%
Repreensão oral	0	0	20,7%	37,5%	10,9%	5,8%	25,1%
Repreensão escrita	0	0	17,5%	36,4%	12,7%	7,3%	26,2%
Tutoria por professor	0	0	9,1%	29,5%	11,3%	5,5%	44,7%
Falta disciplinar	0	0	21,8%	33,5%	13,1%	7,6%	24,0%
Ordem de saída da sala de aula	0	0	29,8%	27,6%	9,5%	7,3%	25,8%
Limpeza de espaços na escola	0	0	9,5%	29,1%	13,5%	20,4%	27,6%
Suspensão	0	0	18,5%	24,0%	12,4%	14,2%	30,9%
Gabinete de Apoio ao Aluno	0	0	12,0%	30,5%	11,6%	10,2%	35,6%
Trabalhos escolares extra feito na escola	0	0	12,4%	25,1%	17,5%	12,0%	33,1%
Trabalhos escolares extra feito em casa	0	0	21,8%	21,5%	13,5%	10,5%	32,7%
Mudança de lugar	0	0	24,4%	29,8%	12,4%	8,7%	24,7%
Contacto com o Enc. de Educação	0	0	4,4%	26,9%	19,3%	25,1%	24,4%
Média de cada nível	0	0	16,2%	28,8%	12,8%	10,0%	30,4%
Soma					51,6%		

Analisados os resultados dos pareceres relativamente ao grau de eficácia e colocados de forma descendente, percebe-se qual a posição dos encarregados de educação relativamente a este ponto.

Tabela 23 – Valores globais dos níveis de eficácia por medida

39. Como considera as medidas preventivas /disciplinares promovidas pela escola?	Eficaz	Bastante eficaz	Muito eficaz	Soma
Contacto com o Enc. de Educação	26,9%	19,3%	25,1%	71,3%
Limpeza de espaços na escola	29,1%	13,5%	20,4%	63,0%
Ida do aluno à Direção	32,7%	16,7%	11,6%	61,0%
Ida da Direção à sala de aula	32,0%	15,3%	11,3%	58,6%
Repreensão escrita	36,4%	12,7%	7,3%	56,4%
Trabalhos escolares extra feito na escola	25,1%	17,5%	12,0%	54,6%
Repreensão oral	37,5%	10,9%	5,8%	54,2%
Falta disciplinar	33,5%	13,1%	7,6%	54,2%
Gabinete de Apoio ao Aluno	30,5%	11,6%	10,2%	52,3%
Acompanhamento psicológico	28,7%	15,3%	7,3%	51,3%
Mudança de lugar	29,8%	12,4%	8,7%	50,9%
Suspensão	24,0%	12,4%	14,2%	50,6%
Tutoria por professor	29,5%	11,3%	5,5%	46,3%
Trabalhos escolares extra feito em casa	21,5%	13,5%	10,5%	45,5%
Ordem de saída da sala de aula	27,6%	9,5%	7,3%	44,4%
Contrato/Negociação	24,0%	6,2%	1,8%	32,0%
Palestras	21,5%	5,8%	2,5%	29,8%
Média de cada nível	28,8%	12,8%	9,9%	51,6%
Soma	51,6%			

A Voluntária Encarregada de Educação concorda com as medidas disciplinares aplicadas pela escola, embora não seja muito profunda a manifestar-se sobre o assunto. Expressa concordância especial com a aplicação de trabalho comunitário, como estratégia educativa: “eles que sintam o mesmo”.

3.8.3. Relação entre Frequência de Aplicação e Nível de Eficácia

Se compararmos as duas variáveis, em termos de frequência e de eficácia, não encontramos correspondência direta percentual ou de posicionamento, entre si. Podemos considerar exceção os resultados relativos aos encarregados de educação, que são idênticos.

Tabela 24 – Relação entre grau de frequência e eficácia

Medidas preventivas /disciplinares promovidas pela escola	Frequente Muito Frequente	Ordem	Eficaz Bastante Eficaz Muito eficaz	Ordem
Acompanhamento psicológico	29,8%	14º	51,3%	10º
Contacto com o Encarregado de Educação	69,4%	1º	71,3%	1º
Contrato/Negociação	24,0%	16º	32,0%	16º
Falta disciplinar	61,8%	3º	54,2%	8º
Gabinete de Apoio ao Aluno	39,6%	9º	52,3%	9º
Ida da Direção à sala de aula	36,0%	10º	58,6%	4º
Ida do aluno à Direção	52,7%	7º	61,0%	3º
Limpeza de espaços na escola	49,8%	8º	63,0%	2º
Mudança de lugar	53,9%	6º	50,9%	11º
Ordem de saída da sala de aula	56,7%	5º	44,4%	15º
Palestras	20,0%	17º	29,8%	17º
Repreensão escrita	58,2%	4º	56,4%	5º
Repreensão oral	68,7%	2º	54,2%	7º
Suspensão	30,5%	13º	50,6%	12º
Trabalhos escolares extra feito em casa	30,9%	12º	45,5%	14º
Trabalhos escolares extra feito na escola	33,8%	11º	54,6%	6º
Tutoria por professor	26,9%	15º	46,3%	13º

O gráfico seguinte mostra-nos, de forma clara, que, em alguns casos, a frequência supera a eficácia, como a falta disciplinar, a ordem de saída da sala de aula, e a repreensão oral. Nas restantes situações, sucede o oposto.

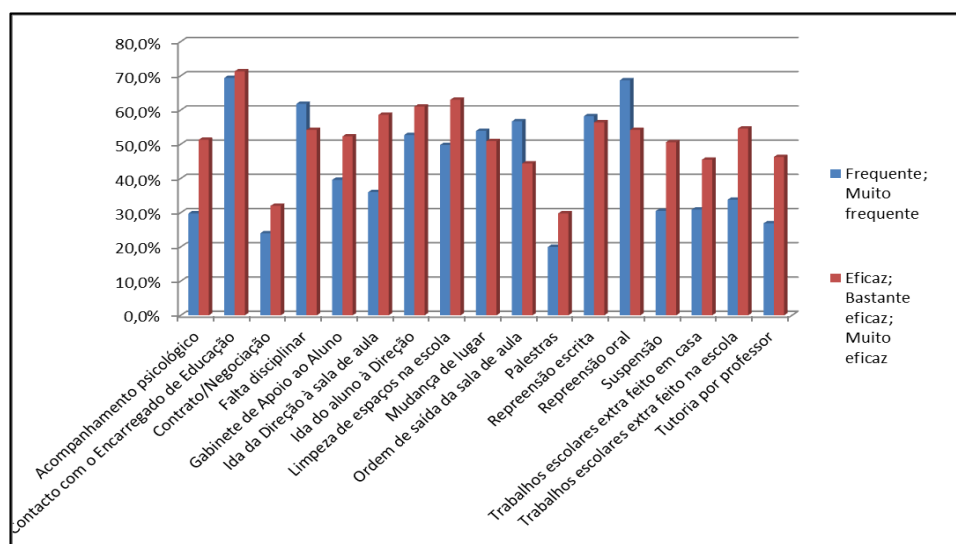


Gráfico 28 - Relação entre grau de frequência e eficácia

4. Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar

4.1. Propostas de outras medidas

Ao pretendermos apurar a posição dos encarregados de educação sobre a adoção de novas medidas, apontámos propostas e solicitámos sugestões, obtivemos uma percentagem de não respostas, oscilando entre os 5,8% e os 10,9%, ocorrendo este valor mais elevado, relativamente ao acompanhamento por alunos tutores. Neste parâmetro, o nível de discordância atinge uma taxa elevada de 32,2%, só superado pela posição sobre o trabalho voluntário dos encarregados de educação (39,4%). A expulsão do aluno que não cumpre o regulamento também não é apoiada por um número elevado de inquiridos (31,8%). O valor mais alto da concordância plena regista-se ao nível da Responsabilização dos Encarregados de Educação (43,2%), das Campanhas de sensibilização (38,0%), ou ainda, embora de uma forma menos expressiva, na Criação de grupo de acompanhamento de Pais e Encarregados de Educação (27,1%).

Se analisarmos, no seu conjunto, as propostas que geram concordância ou concordância plena, concluímos que as campanhas de sensibilização (95,40%), e a Intervenção da Associação de Pais e Encarregados de Educação (91,00%), geram os maiores consensos. Na tabela seguinte, optámos por apresentar os vários resultados em função da apresentação descendente dos resultados globais destes dois níveis para tornar mais evidente a priorização dos mesmos.

Também é curioso registar que uma média de 87,7% dos encarregados de educação se pronunciam favoravelmente a favor de ações que promovem/implicam a participação/responsabilização dos encarregados de educação, mas só 60,60% se manifesta favoravelmente ao voluntariado dos encarregados de educação.

Quanto às sugestões, estas foram dadas por 20 (7%) dos inquiridos

Tabela 25 – Propostas dos EEs para combater a indisciplina

40. Que outras medidas deviam/podiam ser adotadas para combater a indisciplina?	NR		Percentagem de respostas válidas			Concordo + Concordo plenamente
	Nº de casos	%	Não concordo	Concordo	Concordo plenamente	
Campanhas de sensibilização	17	6,2%	4,7%	57,4%	38,0%	95,4%
Intervenção da Associação de Pais e Encarregados de Educação	19	6,9%	9,0%	66,4%	24,6%	91,0%
Responsabilização dos Encarregados de Educação	16	5,8%	10,0%	46,7%	43,2%	89,9%
Criação de grupo de acompanhamento de Pais e Encarregados de Educação	20	7,3%	13,3%	59,6%	27,1%	86,7%
Intervenção da Associação de Alunos	23	8,4%	17,5%	68,3%	14,3%	82,6%
Promoção de Atividades na escola, pelos Encarregados de Educação	25	9,1%	19,2%	60,0%	20,8%	80,8%
Expulsão do aluno que não cumpre o regulamento	20	7,3%	31,8%	48,6%	19,6%	68,2%
Acompanhamento por alunos tutores	30	10,9%	32,2%	55,5%	12,2%	67,7%
Trabalho voluntário dos Encarregados de Educação	26	9,5%	39,4%	48,6%	12,0%	60,6%
Sugestões -			20 = 7%			

A análise das 20 sugestões permitiu-nos encontrar 28 indicadores distribuídos por 17 subcategorias, com o peso relativo apresentado no quadro seguinte e que dá mais relevo ao papel da família, ao civismo e ao papel do professor, referindo, no entanto, um leque bastante diversificado de outros fatores importantes, a adotar. No entanto, em alguns casos, trata-se mais de uma opinião sobre o problema, do que a sugestão de uma medida.

Tabela 26 – Propostas apresentadas pelos EEs para combater a indisciplina

Item 40 – Análise da resposta aberta – 20 respostas – 28 indicadores – 17 subcategorias		
Frequência dos indicadores	%	SUBCATEGORIAS
5	17,9%	Família
3	10,7%	Civismo - valores -relações humanas atividades
3	10,7%	Trabalhos comunitários Limpeza/manutenção de espaços
3	10,7%	Pessoal docente
2	7,1%	Motivação
1	3,6%	Formação para EE e alunos , em conjunto
1	3,6%	Avaliação sistémica de problema e identificação da origem do problema
1	3,6%	Determinação
1	3,6%	Dossier do aluno problemático
1	3,6%	Gabinete de apoio com acompanhamento psicológico
1	3,6%	Interação escola / família
1	3,6%	Pessoal não docente – formação
1	3,6%	Rever sanções na sala de aula
1	3,6%	Vigilância
1	3,6%	Voluntariado dos EE
1	3,6%	Voluntariado dos alunos fora da escola
1	3,6%	Confuso

Em termos de propostas para medidas a aplicar, verifica-se que estas se centram, essencialmente, na responsabilização dos encarregados de educação. Embora qualquer das entrevistadas não possua um conhecimento muito concreto do novo estatuto, em vias de aprovação, as duas veem com bons olhos uma maior responsabilização dos encarregados de educação, através do recurso a medidas, cujas consequências eles, com efeito, também sintam e que terão como resultado uma maior exigência relativamente aos seus filhos:

“anções de carater financeiro... Muitos pais não poderão, ou não têm... A retirada de apoios sociais... Isso, isso pode responsabilizar os pais ...vão ser mais duros também com os filhos, claro que sim. Certos casos sim”
VEE

A Assistente Operacional consideraria útil que os pais pudessem “aparecer de surpresa e estar de longe a ver o comportamento” dos filhos para se aperceberem da realidade. Por outro lado, também, considera útil que os pais fossem “educados” , para obterem uma visão adequada da realidade.

“...antes de educarmos os filhos devíamos de educar os pais.De os responsabilizar e chamá los à razão e ter a noção ...Acho que há vários factos para os pais aí realmente terem a noção..... Aí o próprio pai começa

a ter noção e começa das, das..... coisas que se passam e começa a ver a razão.” AO

A Assistente Operacional lamenta que, neste cargo, haja pouco tempo disponível para acompanhar e ouvir os alunos que, por razões várias, passam pouco tempo com os pais ou que revelem carências afetivas.

“nós aqui..... também tínhamos de fazer um bocadinho (mais de educadoras) porque eles passam o dia aqui. Eles chegam a casa, se preciso muito tarde, 7 ou 8 da noite, pouco estão com os pais. E nós, aqui temos o dia-a-dia com eles. Devíamos também ter um bocadinho mais de tempo, sermos mais.....aí está, para podermos conversar com eles.... Porque, às vezes, há miúdos que têm falta de carinho, eles têm, agarram-se a nós “oh D. Fátima dê-me um abraço”, comigo e com as minhas colegas. E acho que faz muita falta as funcionárias.....Ter mais funcionárias para ter mais tempo para se dedicarem a eles” AO

Por outro lado, a sua experiência mostra-lhe que escolas mais pequenas favorecem a aproximação aos alunos e resguardariam os mais pequenos, de ficarem tão cedo, tão entregues a si próprios, tão expostos aos maiores e às suas influências, como, aliás, já referimos neste trabalho:

“Porque eu noto que na escola onde eu estava... como era mais pequena, como tinha só 5.º e 6.º, tanto que era mais vigiada, mais.... nós até conhecíamos os miúdos todos. E quando havia qualquer coisa a gente ia logo chamar o diretor de turma.” AO

” a favor das escolas mais pequenas escolas separadas ...Eles vêm tão pequeninos para um mundo totalmente diferente... Deviam estar separados (os 5º e 6º, dos outros) ” AO

Outra medida muito valorizada pelas duas entrevistadas é o serviço de voluntariado na escola, pelo que ele representa de aproximação dos pais à escola e ao seu próprio educando.

“Voluntariado... a senhora esteve cá e apercebia-se do filho. Ela própria via o filho o comportamento dele aqui e o comportamento que tinha quando andava...” AO

“a maioria deles, maioria deles, pensava que eu era mesmo funcionária tentei explicar o que era ser voluntário, porque muitos nem sabiam eles faziam perguntas:- Ah!, mas está a qui e não recebe nada?” VEE

Questionada sobre a sua experiência e os efeitos que teve na sua visão da escola, a Encarregada de Educação não hesita a enumerar as vantagens duma iniciativa destas.

“(Refletiu sobre a sua visão do que é escola?)... Sim, sim, sim...”

“Eu na altura não imaginava certas coisas que eu observei e em que estive... não imaginava que poderia ser, que as coisas funcionavam assim, pronto, mas... foi positivo foi tudo....”

Pelas vivências por que passou, pela utilidade do serviço que desempenhou, para a escola e pela própria relação com o filho, então aluno da escola, aconselha vivamente esta experiência a todos os encarregados de educação.

“... foi uma experiência ótima, gostei imenso e ...voltaria, como digo, voltaria a fazer tudo, tenho pena realmente não poder, e tenho muita pena de... a maioria dos E.E, maioria não, neste caso não há nenhum E.E que faça, mas era bom... mesmo bom para ajudar os filhos “

4.2. Disponibilização pessoal

Em termos contributo pessoal à escola, a disponibilidade pessoal para as tarefas propostas está patente no gráfico seguinte.

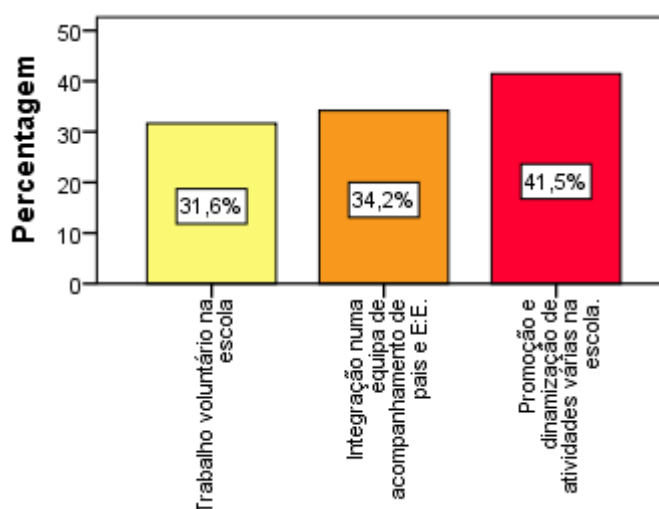


Gráfico 29 – Disponibilidade dos EEs para colaborar

Treze (54,7%) dos inquiridos reagem ao pedido de sugestões para contributo, mas, de facto, o que encontramos não são propriamente sugestões, mas justificações para impedimentos individuais, reiteração da disponibilidade para colaborar, ou apenas comentários. Apenas um contributo corresponde ao efetivamente pedido, nomeadamente a disponibilidade para colaborar em campanhas (contra a fome, causas humanitárias...), como mostra o quadro 7.

Quadro 7 - Sugestões pessoais dos EEs

Subcategorias (4)	Frequência	Indicadores (13)
Comentário	5	Uma lição de moral e como agir para que os EE sejam mais atentos e responsáveis para com os alunos.
		O professor é visto como exemplo pelos alunos. Fumar à entrada da escola é um mau exemplo das pessoas de referência dos alunos (professores/pessoal auxiliar)
		Vou continuar a educar os meus filhos como tenho feito de modo a q não aumentem a estatística da indisciplina na escola.
		Os pais não têm de dar nada a escola, a escola é que tem de dar aos alunos: boa formação, disciplina, educação, pois os pais devem dá-lo na sua casa.
		Participação pontual em atividades desenvolvidas no âmbito das disciplinas.
Justificação	5	Acho todas as propostas muito interessantes, mas o meu trabalho não deixa tempo para praticá-las.
		Infelizmente já não vou poder contribuir, pois vou sair do país (eu própria à procura de alguma disciplina!)
		Não tenho tempo devido ao meu horário de trabalho e falta de transporte para a minha residência.
		Não é possível, trabalho por turno
		Todas aquelas que a minha vida profissional me permita.
Disponibilidade	2	Tenho 77 anos mas farei o que puder para ajudar.
		Não sei o que responder. O que for preciso eu estou cá.
Proposta concreta	1	Campanhas (contra a fome, causas humanitárias...)

Em termos de disponibilidade pessoal, a VEE lamenta, de momento, não poder conciliar esta iniciativa com a sua atividade profissional e familiar, mas manifesta-se disposta a, com o seu testemunho, colaborar com a Associação de Pais, na divulgação e promoção desta iniciativa, junto aos Encarregados de Educação e, assim, com o seu testemunho, contribuir para o esclarecimento dos mesmos sobre este assunto e até para combater a apreensão/desconfiança com que muitos encaram esta iniciativa.

“Estão pouco sensíveis para isso ainda... a mentalidade ...eu posso ir lá falar (com a Associação de Pais), não me importava nada Estou aberta para perguntas e para falar sobre... era muito bom....Até mesmo as reuniões de pais”

5. Análise cruzada de indicadores

Concluída a apresentação e análise dos dados recolhidos, parece-nos que o presente estudo enfermaria por défice de informação se não procedêssemos ao cruzamento de variáveis, alargando, deste modo o panorama apresentado em cada um dos pontos anteriores deste capítulo. Por outro lado, esta tarefa coloca-nos perante um leque infinito de opções, que ultrapassam as nossas limitações, neste estudo. Optámos, deste modo, por selecionar, para cruzamento, as variáveis que se nos afiguram mais representativas e mais significativas, para a compreensão da população estudada e para as próprias manifestações de in/disciplina percecionadas, assim como para a sua disponibilidade de participação. Baseamo-nos, para tal, nas percentagens, dentro de cada grupo. Os respetivos gráficos e/ou tabelas encontram-se disponíveis, para consulta, nos anexos.

5.1. Escolaridade dos Encarregados de Educação (item 6)

5.1.1. Número de retenções (item 17) - registamos que a taxa mais alta ocorre com os encarregados de educação detentores do **1º ciclo**: 36,4% - 3 ; 18,2% - 2; 27,3% - 1 e apenas 18,2% com 0 retenções. A situação melhora proporcionalmente ao aumento da escolaridade dos EEs. Assim, os EEs com o **2º ciclo** já conseguem alcançar 55,6% de casos sem retenções, mas são os que apresentam uma percentagem mais alta na situação de 1 retenção (33,3 %) e a segunda mais alta com 3 retenções (11,1%). Pelo contrário, as taxas mais altas sem retenções situam-se nos EEs com **Ensino Superior** (94,4%) e com **Ensino Secundário** (87%%), situando-se em 3ª posição, os EEs com o **3º ciclo** (65,5%).

5.1.2. Aproveitamento (item 19) - verificamos que os EEs com **Ens. Sup.** têm os seus educandos maioritariamente distribuídos pelos níveis Muito Bom (33,8%), onde ocupam a 1ª posição, e o Bom (48,1%), seguido pelo Suf (16,9%) . O **1º ciclo** volta a sobressair nos níveis mais baixos; obtêm 16,7% no MI, I e B e apenas 8,3% , no MB. De resto, o **3º ciclo** impõe-se no S(60%) e o **2º ciclo** no nível B(56,3%). O **Ens. Sec.** distribui-se, de forma decrescente do Suf (44,1%) para o Bom(32,3%), M Bom (15,0%) e Insf (8,7%).

5.1.3. Comportamento (item 20), os níveis mais positivos voltam a predominar nos alunos dos EEs com habilitações escolares mais altas, registando-se, por ordem decrescente, os seguintes valores: **Ens. Sup.** , B (59,7%) , MB (27,3%) , Suf. (11,7%) , I (1,3%) , MI (0%). O **Ens Sec.** apresenta situação idêntica, mas com taxas mais baixas no B(46%) e MB(25,8%), prosseguindo com Suf. (24,2%) , I (3,2%) , MI (0,8%). No que se refere ao **1º ciclo**, predomina o B (46,2%) , seguido por Suf. (23,1%) , MB e I (15,4%) e MI (0 %). Os de **3º ciclo** apresentam as seguintes taxas: B e S (35,3%) , MB (23,5%) , I (5,9%) , MI (0 %). Os de **2ºciclo** estão melhor posicionados do que os anteriores, em B (41,2%) e MB (29,4%) e até melhor do que os com **Ens. Sec.** , em MI e I (0%).

5.1.4. “O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?” (item 11) a taxa mais elevada de respostas “sim” situa-se no **2ºciclo**, com 17,6% destes EEs a assinalar esta alternativa. Seguem-se, por ordem decrescente, os seguintes níveis: 1º ciclo (15,4%) , 3º ciclo (14,3%) , Ens. Sec. (13,4%) , Ens. Sup (6,4%).

5.1.5. Número de faltas disciplinares (FD) (item 21), os educandos dos EEs com escolaridade mais elevada registam o menor número de FD: **Ens. Sup** - 0 FD - 87,0%, 1 FD -10,4%, 4 e 5 ou mais FD – 1,3 %; **3º ciclo** - 0 FD – 86,1%, 1 FD -11,1%, 5 ou mais FD –2,8%; **Ens. Sec.** 0 FD - 76,8%, 1 FD - 12%, 2 FD – 4,8%, 5 ou mais – 2,4%; **2ºciclo** - 0 FD - 73,3%, 1 FD -13,3%, 5 ou mais FD –13,3%; **1º ciclo** - 0 FD - 58,3%, 1 FD -25%; 5 ou mais FD –16,7%;

5.2. Situação Profissional dos EEs (item 7.1.)

Neste parâmetro, que contempla as situações de empregado, desempregado e reformado, convém chamar a atenção para o facto de haver apenas dois casos de reformados.

5.2.1. Comportamento (item 20), Neste níveis, obtemos os seguintes resultados: com níveis MI e I, apenas se registam os **empregados**, com respetivamente 0,5% e 3,6 %. Quer nos níveis B quer no S, as taxas mais elevadas encontram-se nos **reformados** (66,7% / 33,3%), com tendência decrescente para os desempregados

(58,8% / 29,4%) e empregados (46,4% / 21,4%). Já os níveis MB apenas se registam nos **empregados** (28,2%) e **desempregados** (11,8 %).

5.2.2. Número de faltas disciplinares (FD) (item 21) - o balanço é o seguinte: **reformados** - 0 FD - 100%; **desempregados** - 0 FD -87,5%, 1 e 5 ou mais FD – 6,3%; **empregados** - 0 FD -79,9%, 1 FD -12,5%, 2 FD – 2,7%, 3 e 4 FD - 1,3%, 5 ou mais FD –2,2%

5.3. O Aluno beneficia de Apoios da Ação Social Escolar – ASE ?– (item 18)

5.3.1. comportamento (item 20) - Aqui, a comparação não nos permite identificar diferenças significativas entre os que beneficiam ou não de ASE. No entanto, a taxa dos que **auferem apoio** supera os casos em que tal não acontece, nos níveis inferiores, respetivamente: **MI: 1,5%** - 0 %; **I: 6%** - 2,1 %; **S: 23,9 %** - 22,6 %; no nível **B**, a situação inverte-se: **43,3%** - 49,7%; em **MB** a diferença é mínima: **25,4%** - 25,6 %

5.3.2. Número de faltas disciplinares sofridas em 2011/12 (item 21) - A comparação com este item, embora não aponte para grandes discrepâncias, mostra nos alunos com ASE, **taxa inferior**, no caso das **0 FD (67,6%** - 85,0%); **taxas superiores**, nas situações de **1 FD (19,1 %**- 9,3 %) , **2 FD (2,9%**- 2,1%).e **5 ou mais FD(7,4%**- 1,6%); constitui exceção a situação de **4 FD (0%** -1,6 %).

5.4. O seu Educando já foi alvo de medidas disciplinares? (item 11)

Relativamente aos 12,1% (33) EEs com **educandos já alvo de medidas disciplinares**, as reações aos itens apresentados são, no seio de cada uma, as seguintes:

5.4.1. “ Controlo a caderneta” (item 9b),: **não** - **6,3%**; Sim, quando há problemas: **7,5%**; 1 vez por semana **-14,5%**; 2 vezes por semana **-5%**; 3 ou mais vezes por semana **-14,3%** .

5.4.2. “Eu e o meu educando conversamos sobre a escola” (item 9c): **não** - **50%**; Sim, quando há problemas: **9,5%**; 1 vez por semana **-20%**; 2 vezes por semana - **37,5%**; 3 ou mais vezes por semana **-10,5%** .

5.4.3. “Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares” (item 9d), não - 0%; Sim, quando há problemas: 6,9%; 1 vez por semana -25%; 2 vezes por semana -26,3%; 3 ou mais vezes por semana -13% .

5.4.4. “Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres (item 9e), não - 0%; Sim, quando há problemas: 8,8%; 1 vez por semana -10%; 2 vezes por semana -23,1%; 3 ou mais vezes por semana 12,3-% .

5.4.5. “Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando” (item 9f) , não - 0%; Sim, quando há problemas: 8,3%; 1 vez por semana -27,3%; 2 vezes por semana -19,1%; 3 ou mais vezes por semana -10,4% .

5.5. Comportamento do Aluno (item 20)

5.5.1. “O aluno é repetente este ano?” (item 16)₂ – Dos 8% de alunos em **situação de retenção**, o comportamento é caracterizado do seguinte modo: **S (47,8%), B (21,7%), MB (21,7%), I (8,7%), MI (0%)**. Por sua vez, o comportamento dos **alunos não repetentes** distribui-se da seguinte forma: **B (50,6%), MB (26,1%), S (19,9%), I (2,9%), MI (0,4 %)**.

5.5.2. “ Número de vezes que contactou com o Diretor de Turma.” (item 10a)₂– Registaram-se 260 (94,5%) respostas válidas. No único caso de comportamento **MI**, o EE contactou com o Diretor de Turma 5 ou mais vezes. No caso do **I (9EE)**: 3 e 5 vezes ou mais - 33,3%, cada; 2 vezes – 22,2%; 4 vezes – 11,1% . ; Maioritariamente, os encarregados de educação deslocaram-se à escola entre 2 e 5 vezes ou mais, sendo bastante baixa a franja dos que se deslocam 0 ou 1 vez. 0 vez, apenas o **B (3,2% de 125)** e o **MB (10,4% de 67)**.

5.5.3. “Que contributos estaria disposto a dar?(item 41)” - Quisemos, igualmente, confrontar as respostas sobre o comportamento dos alunos com a “Que contributos estaria disposto a dar?” expresso nos pontos a seguir apresentados. O número de respostas válidas é de **267** equivalente a 97,1% do total.

5.5.3.1. “Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a) – ao trabalho de voluntariado na escola respondem **não 182 (68%)** casos e **sim 85 (32 %)**. Os Encarregados de Educação de alunos com comportamento **MI(1)** e **I (8)** não

mostram intenção de colaborar. A disponibilidade para colaborar aumenta na proporção direta da melhoria do comportamento: S - 23,3% (14 de 68), B- 34,1% (44 de 129), MB- 39,7% (27 de 68).

5.5.3.2. “Integração numa equipa de acompanhamento de pais e EE” (item 41b) – A esta proposta respondem **não** 177 casos (**66 %**) e **sim** 90 (**34%**). O Encarregado de Educação do aluno com comportamento **MI** (1) continua indisponível, mas no de **I** 33,3% (3 de 9) já mostra disponibilidade, o mesmo acontecendo nas situações seguintes: S – 41,7% (25 de 60), **B** – 26,4% (34 de 129) e **MB**- 41,2% (28 de 68).

5.5.3.3 “Promoção e dinamização de atividades várias na escola.” (item 41c) - Neste item respondem **não** 155 (**58 %**) casos e **sim** 112 (**42%**). O Encarregado de Educação do aluno com comportamento MI (1) mostra-se disponível, mas no de **I** a disponibilidade dos 9 é de 0%. O grau de disponibilidade dos restantes grupos mostra uma variação bastante pequena: **S** – 40,0% (24 de 60), **B** – 45,0% (58 de 129) e **MB**- 42,6% (29 de 68).

5.6. Situação profissional (item 7)

5.6.1. “Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a) – Das 265 (96,4%) respostas obtidas, não se manifestam disponíveis para o exercício de trabalho de voluntariado, na escola, os 3 reformados, o mesmo se verificando com 57,1% (20 de 35) dos desempregados e 70,5% (160 de 225) dos empregados. Por outras palavras, dos 183 que responderam não estar dispostos para o efeito, 160 (70,5 % de 227) são empregados, 20 (57,1 % de 35) são desempregados e 3 são reformados.

5.6.2. “Integração numa equipa de acompanhamento de pais e EE” (item 41b) – Dos 173 (65,8% de 265) **não disponíveis** para colaborar, 146 (64,3% de 227) são empregados, 24 (68,8 % de 35) desempregados e 3 (100%) reformados.

5.6.3. “Promoção e dinamização de atividades várias na escola.” (item 41c) - Dos 155 (58,5% de 265) **não disponíveis** para colaborar, 133 (58,6% de 227) são empregados, 19 (54,3% de 35) desempregados e 3 (100%) reformados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros, em todas as atividades humanas”

Jacques Delors

No início do nosso trabalho (p.5), reportando-nos a Delors, referíamos um dos quatro pilares da educação, nomeadamente a importância do saber viver juntos, como condição para o desenvolvimento de relações de participação e cooperação, componentes, desejavelmente estáveis e harmoniosas, do processo educativo.

Inegavelmente, esta necessidade é extensiva a todo o leque de relações, sem exceção. No âmbito da escola, ela é incontornável, como o confirmam todos os estudos que consultámos e os resultados do nosso próprio estudo.

Para enfrentar os desafios que diariamente se apresentam, é indispensável a valorização, a responsabilização e o envolvimento de todos os agentes educativos, nomeadamente daqueles que, nem sempre sendo os mais considerados e aproveitados, podem constituir um fator de grande peso no desenvolvimento de estratégias no sentido da criação de condições favoráveis à melhoria do clima de escola. Com uma visão do ensino que se pretende holística, como referido por Freire e Amado(2001, 2002, 2009), entre outros, estamos na mesma perspetiva e, por inerência, a contribuir para a melhoria da disciplina dos alunos, e, em última análise, para o objetivo máximo deste estudo, que é o sucesso escolar e o desenvolvimento saudável dos nossos alunos, jovens de hoje e adultos, desejavelmente, responsáveis do futuro.

Através da pergunta de partida, “ Qual o Olhar dos Encarregados de Educação e Assistentes Operacionais sobre a (In)disciplina na Escola?” que norteou a presente investigação, pudemos ter acesso, como era nosso propósito, à perceção destes dois grupos, sobre esta matéria. Deste modo, pudemos identificar as suas apreensões e expectativas, em termos gerais e, particularmente, ao nível da comunidade educativa a que pertencem. Pudemos, ainda, inteirar-nos melhor dos seus níveis de motivação, de envolvimento e disponibilidade para uma intervenção, que se deseja, progressivamente, mais ativa. Como tivemos oportunidade de verificar, todos os autores estudados são consensuais na importância do envolvimento das famílias na educação e no desenvolvimento dos seus filhos.

Nesta perspetiva, e na sua vertente descritiva, sem a pretensão de testar premissas, preocupámo-nos em obter uma visão sobre esta problemática, sem descurar que tal “implica estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação” (Carmo e Ferreira,1998:213).

O conhecimento assim adquirido permitir-nos-á, esperamos, uma intervenção mais efetiva na promoção de novas modalidades de envolvimento e de cooperação dos encarregados de educação e dos assistentes operacionais e, por arrastamento, de toda a comunidade educativa, com vista à criação da “sociedade educativa” (2003,18), referida por Delors, e a que atribui a responsabilidade pela promoção dos valores de cidadania e do sucesso educativo dos jovens.

À semelhança do que fizemos no capítulo V, na apresentação e análise de dados, nesta fase conclusiva, apresentaremos, também, em paralelo, as reflexões finais, resultantes das reações dos inquiridos por questionário e por entrevista aos itens que, fieis aos objetivos definidos e respetivas perguntas, constituíram o fio condutor deste estudo; desejamos, desta forma, veicular uma visão mais abrangente, integradora e articulada dos “olhares” perscrutados.

O desenrolar deste estudo revelou-nos convergências com os resultados das investigações que constituíram ponto de partida para a abordagem desta temática, concretamente, em termos de uma abordagem preventiva da disciplina, com recurso a técnicas de mediação (Pacheco); do papel dos fatores de risco, na potenciação da indisciplina (Velez); no papel da família e dos assistentes operacionais¹⁶, no desenvolvimento e/ou na inibição da indisciplina – Jacinto (2006), Almeida (2007), Rodrigues (2009); no papel de fatores *endógenos* e *exógenos* à escola, como referimos, citando Estrela.

Considerando que a (in)disciplina deve ser entendida no quadro de um modelo holístico do ensino, em que se destaca a influência de fatores externos e internos à escola (Amado,2001), iniciamos este momento de reflexão final, lembrando o retrato global da população alvo inquirida: 89,1% tem idade superior a 35anos, 79,9% é do sexo feminino, 66,2% é casada, 95,5% é portuguesa, 78,5% é a mãe, 75,8% frequentou o ensino secundário ou superior, 85,7% está empregada, 89,4% tem um ou dois filhos a frequentar a escola.

¹⁶ - nestes estudos, ainda designados por auxiliares de ação educativa -

Enquanto encarregados de educação, em termos de acompanhamento do educando, na totalidade dos itens apontados, uma média de 63,8% de respostas recai sobre a variável “3 ou mais vezes por semana”, apontando, portanto, para um acompanhamento regular dos alunos. Quanto ao contacto com o Diretor de Turma, identificamos uma taxa ligeiramente superior a essa, para três ou mais contatos por ano escolar: 69,6%. As reuniões com encarregados de educação constituem o meio mais comum para o contacto com o Diretor de Turma (82,5%) e, em 37% dos casos, a iniciativa de contacto parte do Encarregado de Educação. Apenas 12,1% já foram confrontados com a aplicação de medidas disciplinares aos seus educandos, sendo o 8º ano o nível com maior taxa de incidência. Quanto à marcação de faltas disciplinares, 80,1% nunca estiveram nesta situação e 3,4% já sofreram mais de 4 faltas.

Dos alunos abrangidos por este estudo (2º e 3º ciclos, CEF) e de acordo com os dados obtidos, 12,5% dos alunos tem idade superior a 14 anos e destes, 4,4%, idade superior a 15 anos. A taxa mais elevada de alunos regista-se no 7º ano, com valores descendentes, nos anos seguintes. 3% dos alunos são alunos CEF, portanto todos eles com retenções, incluídos, portanto, na taxa global apurada de 8%. Sem qualquer retenção, registam-se 80,2% dos alunos, e com 3, a percentagem é de 3,6%. Na situação de beneficiário da Ação Social Escolar registam-se 26,1% dos alunos. O aproveitamento dos alunos concentra-se, segundo os encarregados de educação, no Suficiente e no Bom (37,9% e 37,2%) e o comportamento no Bom (48,3%). Já os níveis negativos, em termos de aproveitamento e comportamento, situam-se respetivamente nos 7% e nos 3,8%.

No sentido de uma *leitura pedagógica*, conforme proposto por Estrela (2002), e de uma análise o mais objetiva possível da perceção dos Encarregados de Educação sobre o conceito de (in)disciplina, uma das nossas primeiras prioridades para reflexão, apresentámo-la conforme os três níveis, definidos por Amado e Freire (2009) e já apresentados anteriormente: *pedagógica*, *social*, e assente na *relação professor-aluno*.

No primeiro nível, o pedagógico, 88,3% dos inquiridos consideram *grave* ou *superior a grave*, a ocorrência das situações apresentadas, com 37% , em *muito grave*.

No segundo nível, o social, 99% das respostas dos inquiridos estão concentradas nos níveis *grave e superior*, com especial incidência no *muito grave*.

O terceiro nível, relação professor-aluno, é ainda mais valorizado (99,7%), 0,35% superior à relação aluno-assistente operacional. Em qualquer dos parâmetros, a

valorização da relação professor-aluno é superior à relação entre este e o assistente operacional.

As entrevistadas atribuem, igualmente, grande importância a qualquer um destes parâmetros, mas realçam, pelas suas consequências ao nível dos resultados escolares, a indisciplina em sala de aula e o desrespeito pelo professor.

Uma maioria muito significativa dos inquiridos e as duas entrevistadas consideram preocupante o incumprimento de regras e o desrespeito pelos restantes elementos da comunidade escolar, quer sejam seus pares quer se trate de agentes educativos. Não deixamos, no entanto, de encontrar uma franja, se bem que pequena, de encarregados de educação para quem o respeito por estes valores não é tão importante, que se caracterizam por um acompanhamento muito fraco dos seus educandos ou por um reduzido contacto com a escola. Em termos de acompanhamento, uma média de 3,6% dos encarregados de educação revela não prestar apoio aos seus educandos: não ajudam nas tarefas escolares (5,7%), não controlam a caderneta (5,9%), ou os tempos livres (5,9%), nem desenvolvem atividades em conjunto (7,9%). A falta de interesse pela escola também é notória em 4,5% dos encarregados de educação, os quais nunca tiveram qualquer contacto com o diretor de turma. Lembramos que as taxas de aproveitamento e de comportamento, anteriormente referidas, apontam para níveis negativos em 7,4% e 3,8% dos casos, respetivamente. Recordamos, a este propósito, que a AO também sublinha a falta de apoio familiar de alguns alunos e a sua carência de afetividade, situação que a VEE também refere. A este propósito, não podemos deixar de remeter para a posição consensual dos autores estudados para o papel da família na educação e desenvolvimento dos seus filhos.

Confrontados com a evolução do fenómeno da indisciplina - outra das nossas questões de investigação - nos últimos anos, em termos gerais e relativamente à nossa Escola, os resultados obtidos permitem-nos observar o exposto, de seguida.

Sobre o panorama global, os encarregados de educação têm a perceção de um forte agravamento da mesma (80,4%), opinião partilhada pelas entrevistadas, indo portanto ao encontro da opinião pública, em geral. Para 44,7% e 37,15% dos encarregados de educação tal ocorre, respetivamente, com a mudança do 1º para o 2º ciclo e deste para o 3º. As principais razões apontadas pelos encarregados de educação prendem-se, por ordem de importância, com questões de idade e desenvolvimento/crescimento, com a família, a adaptação social à escola, a influência exercida pelos colegas mais velhos, o sentido de responsabilidade, o respeito/formação

social, os níveis de motivação e o acompanhamento na escola. Questões de género não são consideradas relevantes por mais de metade dos encarregados de educação, pois 54,2% não encontram diferenças de incidência entre rapazes e raparigas, muito embora 26,9% encontrem nos rapazes maior foco de indisciplina. Curiosamente, os dados estatísticos da escola mostram uma incidência muito mais elevada de faltas disciplinares nos rapazes do que nas raparigas. Na ótica dos encarregados de educação, o ano de escolaridade mais problemático será o 7º, embora 32,7% não tenha opinião formada.

A perceção dos encarregados de educação sobre a evolução da indisciplina escolar (Gráfico 26) é bastante mais positiva relativamente à Escola Reynaldo dos Santos do que em relação ao panorama geral. Embora uma percentagem considerável (42,9%) não tenha opinião formada, só 24%, contra os 80,4% anteriormente mencionados (Gráfico 23), consideram que a situação se agravou e quase 23% consideram a situação inalterada.

Sobre esta matéria, a AO, identifica um agravamento da situação, nos últimos anos, o qual não é encarado como um fator de grande preocupação e, tal como nos inquéritos se observava, repete-se a imagem positiva da EPRS, por si e em termos relativos. A VEE considera, mesmo, não ter havido, nesta escola, aumento de indisciplina nos últimos anos e a AO confirma, com determinação, a existência de um clima geral de segurança e de bem estar neste espaço.

Sobre a imagem da escola no paralelismo traçado com as escolas vizinhas (Tabela 9), o balanço também se revela positivo para a EPRS. No conjunto dos itens abordados, só uma média de 2,9% se mostra pouco satisfeito e 33% situa-se nos níveis de *bastante satisfatório e muito satisfatório*. Se juntarmos os valores apurados no nível *satisfatório*, então a média conjunta de satisfação sobe para 58,5%. Mais significativo se revela quando olhamos para os valores de *não sei*, de 38,6%. Estes níveis, no seu conjunto, dispostos de forma decrescente (Tabela 10), variam entre 40,4% e 25,1%, com o sucesso escolar a encabeçar as taxas de satisfação, seguido pelo contacto com os encarregados de educação, a segurança, o acompanhamento dos alunos, a disciplina na aula, a disciplina fora da aula e o comportamento dos alunos. Se considerarmos, isoladamente, os itens *disciplina na aula*, *disciplina fora da aula* e *comportamento do aluno*, deparamo-nos com níveis de satisfação positiva, respetivamente de 55,7%, 54,9% e 55,3%, contra 1,8%, 2,5% e 3,3% de *pouco satisfatório* e taxas de *não sei* ligeiramente superiores a 40%. Este desconhecimento cai para 11,6% quando se refere apenas à Escola (Tabela 8), havendo um aumento proporcional no nível *satisfatório* que

aqui sobe para 43,7% e um aumento de apenas 7%, no caso do *não satisfatório*. No seu conjunto, no que toca a este três itens, *disciplina na aula, disciplina fora da aula e o comportamento dos alunos*, registamos, no conjunto, um valor médio positivo, de 74,2%, em relação à escola e de 55,3% em termos comparativos com outras escolas.

Quando inquiridos sobre a segurança na escola, os níveis de satisfação são muito positivos. Em termos comparativos com outras escolas, os valores são de 61,5% e quando inquiridos diretamente sobre a escola, esse valor é de 83,7% e de 96,1% .

A resposta à questão “Quais as manifestações de (in)disciplina mais frequentes/significativas?” mostra que os encarregados de educação são muito críticos a qualquer manifestação de indisciplina, o mesmo se podendo afirmar relativamente às entrevistadas. Esta visão corresponde à perceção veiculada pelo Conselho Pedagógico da Escola, como mencionámos no início deste trabalho.

Estrela e Amado (2000) identificavam causas sociais, causas familiares e ainda escolares-pedagógicas na origem da in/disciplina. Nesta linha, quase 70% dos encarregados de educação, considera determinante para a in/disciplina, nesta escola (Tabelas 14 e 15), fatores de ordem social e pessoal dos jovens, como a falta de respeito, em geral e a falta de responsabilidade a sobressaírem claramente. No entanto, não deixam de ser, igualmente, muito valorizados fatores ligados à responsabilidade da escola/professor (60,9%) e fatores de ordem familiar (71,2%) -Tabelas 16 a 19.

Nas razões de ordem familiar, sobressaem a desresponsabilização, o desinteresse pela escola, a falta de colaboração, a falta de hábitos de trabalho e os problemas familiares, a violência doméstica e o desemprego, sendo o grau de escolaridade dos encarregados de educação o considerado de menos relevo. Na linha dos estudos desenvolvidos por Don Davies (1988,cit.in Ferreira,2007), em Portugal, o envolvimento dos pais na escola é escasso, independentemente do seu estrato social. Jacinto (2006), referindo-se às causas familiares para a in/disciplina, identifica como principal responsável, os problemas familiares dos alunos, referindo também, a pouca atenção e responsabilização da família pelo seu percurso escolar.

No caso da escola (Tabelas 16 e 17), a tónica recai no professor, no seu conhecimento científico, na relação que consegue estabelecer com o aluno, na forma como exerce a sua autoridade. Estas variáveis poderão explicar a razão pela qual os mesmos alunos têm comportamentos diferentes com professores diferentes, por que motivo há in/disciplina numas aulas e noutras não. A este propósito, Jacinto (2006:231) aponta para “as estratégias que devem ser adotadas pelo professor, designadamente, a

clarificação das regras e dos procedimentos na sala de aula e demonstração de interesse e de respeito pelos alunos.” Eccles e Roser (1998) apontavam para o peso da relação social entre professores e alunos e do papel desempenhado pela empatia do aluno pelo professor, recomendando, neste sentido, a dinamização de atividades fora do contexto de sala de aula, enquanto estratégia de desconstrução das suas representações sociais e da sua aproximação.

Já a idade e, sobretudo, o sexo do docente não se afiguram tão relevantes para quaisquer dos auscultados. A AO, embora, no geral, também partilhe esta opinião, no particular, reconhece que a condição de mulher se repercute na dificuldade em se imporem a certos alunos. A falta de medidas adequadas, na escola, constitui, essa sim, um fator com impacto na indisciplina para 55,4% da população inquirida.

No domínio da escola, se tomarmos por referência o conjunto dos níveis de *muito e bastante*, a Direção e o Diretor de Turma, são os mais respeitados. Já o pessoal não docente surge após os professores e professoras, seguidos pelo psicólogo e pelos alunos mais velhos, perceção partilhada pela AO e VEE.

Como práticas organizativas e pedagógicas (Tabelas 20 a 24) promovidas pela Escola para controlar a (in)disciplina, verificamos que as medidas preventivas que estabelecem um bom relacionamento com o aluno e constroem um clima de abertura e confiança (Estrela e Amado, 2000) são, na ótica dos inquiridos, relativamente pouco aplicadas. É o caso da tutoria por professor, do contrato/negociação e das palestras. Por outro lado, o contacto com os encarregados de educação é visto como uma prática muito aplicada, assim como o recurso à repreensão oral, à falta disciplinar, à repreensão escrita, à mudança de lugar, a chamada à Direção e a limpeza de espaços na escola. Em termos de eficácia de medidas, regista-se a perceção de que o contacto com o encarregado de educação é a medida mais aplicada e mais eficaz. Relativamente às demais medidas referidas, essa correspondência já não se verifica. A repreensão oral é a segunda mais referida, em termos de frequência, mas apenas a sétima, em termos de eficácia, enquanto que a limpeza de espaços é a sétima mais aplicada, mas considerada a segunda mais eficaz. Já a falta disciplinar é considerada a terceira mais aplicada e a oitava mais eficaz. A ordem de saída da sala de aula aparece em quinto lugar, na frequência da aplicação, mas apenas em décimo quinto, em termos de resultados.

Tal como Araújo, consideramos que

muitas vezes, tanto os alunos como as suas famílias se demitem dos processos e enveredam por caminhos simplistas de desinteresse

total, ou, por outro lado, de culpabilização exclusiva da Escola pelos seus insucessos ou desinteresse. Sendo assim, entende-se que a relação escola-família se constrói através da melhoria dos canais de comunicação, com a abertura da Escola ao exterior e informando mais e melhor sobre o que oferece e para que tipo de públicos está vocacionada. (2009:159),

Assim, reiteramos o papel da comunicação entre a escola e a família e a colaboração daí decorrente e a importância do seu envolvimento na vida global da escola, na partilha dos seus problemas e no contributo para a resolução dos mesmos. Tal como Estrela, consideramos que a escola deve ser um *sistema aberto*, virado para o exterior, capaz de integrar as suas necessidades como um todo, mas em função das necessidades individuais de cada um dos seus membros. Neste sentido e porque consideramos que os encarregados de educação não devem apenas deslocar-se à escola quando confrontados com problemas causados ou sofridos pelos seus educandos, quisemos, também, dar-lhes voz, no domínio da sua própria intervenção na escola: em primeiro lugar, conhecer as suas sugestões para a adoção de medidas com vista à redução da indisciplina; em segundo lugar, registar o seu interesse e disponibilidade para a intervenção ativa nas soluções, também numa lógica de prevenção. Relembramos Bronfenbacher, de acordo com o qual, o potencial desenvolvimental de cada contexto educativo (escola, família,...) aumenta proporcionalmente ao número de contatos bidirecionais entre os vários contextos em que o jovem ou a criança se movimenta. A este propósito, Jacinto (2006), no estudo realizado sobre o envolvimento da família na escola, defende que os Diretores de Turma promovam dinâmicas de interação, como um contributo para a diminuição da indisciplina:

Na verdade, a desconfiança das famílias em relação à escola devido as más experiências, as dificuldades em perceberem os professores e o facto de só serem convocados quando existem problemas de aproveitamento ou comportamento, fomentam mais o afastamento do que a aproximação da família à escola. (Jacinto, 2006:234)

...coordenar com os Encarregados de Educação, acordos de estratégias para ajudar o aluno a mudar o seu comportamento,...
(Jacinto, 2006:238)

As percentagens de concordância com as propostas apresentadas nos nossos parâmetros são elevadas, com valores superiores a 60%, o que significa que os encarregados de educação estão abertos a novas medidas alternativas. São, maioritariamente, a favor da dinamização de campanhas de sensibilização, da promoção

das tutorias por alunos, da intervenção ativa da associação de estudantes e até da expulsão de alunos que não cumpram o regulamento. Aprovam a responsabilização dos encarregados de educação e de pais e o seu envolvimento na promoção e organização de atividades, assim como o trabalho voluntário. Este é, no entanto, o item que reúne menos consenso: apenas 60,6% concorda com este tipo de intervenção.

Estes resultados vão ao encontro das conclusões de Araújo

Quanto ao envolvimento na escola, entendemos que os encarregados de educação o consideram como um dever de cidadania, mas também o fazem porque a escola reforça esse interesse. Do que apurámos apenas uma percentagem mínima apontou não existir envolvimento por não o considerarem importante. (2009:153)

As duas entrevistadas defendem a aproximação dos encarregados de educação à escola, até como estratégia de correção da perceção que, às vezes, erradamente, desenvolveram da escola e das relações interpessoais que aí decorrem. Neste domínio, qualquer uma das entrevistadas é perentória na defesa do voluntariado dos encarregados de educação, na escola, posição desenvolvida e fundamentada, fruto da experiência muito positiva ocorrida na EPRS e que quisemos documentar neste estudo com o testemunho da Encarregada de Educação entrevistada.

Quanto à capacidade e disponibilidade de mobilização mostrada pelos encarregados de educação, confirma-se a tendência de outros estudos, relativamente à sua renitência, neste domínio. Só cerca de um terço dos inquiridos mostra interesse em dar esse passo, aproximando-se, assim, também, das conclusões de Araújo

Na disponibilidade que manifestam para a escola, a maioria, quer os do género feminino, quer os do género masculino revelam que se encontram disponíveis mas não tanto quanto gostariam. Isto poderá estar relacionado com a importância que atribuem ao envolvimento, mas na medida em que o acharem desejável e gerido com a sua própria disponibilidade. (2009:156)

Neste parâmetro, a proposta que consegue um nível de adesão mais baixo é o exercício de voluntariado na escola, seguindo-se a opção que visa a integração numa equipa de acompanhamento de pais e encarregados de educação e a promoção e dinamização de atividades várias na escola. A experiência diária com os encarregados de educação confirma a apreensão de alguns em relação a esta medida, por a encararem, como uma intromissão no trabalho dos AOs, ou até, como uma ameaça à criação de postos de trabalho, quando não é esse, de modo nenhum o pretendido. As tentativas

envidadas na EPRS, nesse sentido, têm tido resultados bastante fracos. É, pois, desejável sensibilizar os pais para

“...os benefícios atribuídos ao envolvimento da família na escola, nomeadamente a nível da diminuição de comportamentos problemáticos dos alunos, [o qual também] favorece um maior sucesso educativo, benefícios estes que vão encontro da perspetiva de Silva (in Davies et al., 1997, 66) e de Marques (2001, 20)” (Jacinto, 2006:232-233),

A VEE entrevistada, mostrando inteiramente a favor do envolvimento dos encarregados de educação na escola, nomeadamente através do voluntariado, reconhece as limitações na adoção desta medida, pelas dificuldades de articulação com a vida profissional e familiar, como passou a ser o seu caso, após ter saído da situação de desempregada. No entanto, considera que, em muitos casos, como a própria tem tido oportunidade de verificar pela conversa com outras Encarregadas de Educação, essa opção nem sequer é equacionada, pela maioria. Se essa vontade ou sensibilização existisse, com as taxas de desocupação registadas pelos nosso inquéritos (13,2% de desempregados e 1,1% de reformados) a intervenção dos pais na escola, entendida de forma proporcional, poderia ser muito mais representativa.

A AO considera que uma maior disponibilidade dos assistentes operacionais para o acompanhamento mais estreito dos alunos poderia constituir-se como um fator de prevenção da indisciplina, indo assim ao encontro do considerado por Almeida, segundo o qual os AOs são

“...os elementos mais próximos dos alunos e que, em muitas escolas, particularmente a partir do 2º ciclo, se constituem como os únicos adultos que acompanham de perto as vivências dos estudantes nos recreios.” (2007:16) .

A leitura dos resultados permite-nos, igualmente, concluir que uma percentagem considerável dos encarregados de educação (24%) não está bem inteirada da realidade escolar, na escola em estudo, optando pela alternativa “não sei”. Esse desconhecimento revela-se, por exemplo, na comparação da realidade de várias escolas (38,6%), na perceção que têm sobre as medidas disciplinares mais aplicadas na escola(35,5%) e do seu grau de eficácia (30,4%).

Por outro lado, constatamos que uma média de 3,6% dos encarregados de educação reconhece não acompanhar os seus educandos, mas, em geral, valorizam bastante as questões disciplinares. Não deixa de haver uma faixa muito reduzida, (média

de 0,3%) para quem a falta de respeito ou a desobediência aos professores e ao pessoal não docente é pouco grave. Destes, sobressai também uma franja muito pequena, mas apesar de tudo a não ignorar, para quem a agressão verbal (0,7%) ou até física (0,4%) ao pessoal não docente é pouco grave. Neste panorama, lembramos que, pelos dados recolhidos através dos inquéritos, 12,1% dos alunos já foram alvo de medidas disciplinares, 3,8% apresentam um comportamento considerado negativo e 5,6% já tiveram 3 ou mais faltas disciplinares.

Sem pretender qualquer extrapolação de conclusões, a análise cruzada de indicadores/variáveis mostrou-nos outras informações interessantes de que destacamos algumas.

Nos pais/encarregados de educação com escolaridade mais elevada, em geral, as taxas de retenção dos educandos são mais baixas, o aproveitamento é mais elevado, o comportamento é mais satisfatório e os alunos foram alvo de menos medidas disciplinares e de menos faltas disciplinares

A situação profissional e o benefício de apoios sociais parecem não ter grande impacto no comportamento e no número de faltas disciplinares sofridas pelos alunos.

Na comparação do comportamento dos alunos repetentes com o dos não repetentes, a tendência é de mais positiva para os segundos; os encarregados de educação dos alunos com pior comportamento deslocaram-se mais à escola. No que se refere à disponibilidade para colaborar, sobrepõe-se sempre o grupo dos que não pretendem envolver-se, e os encarregados de educação dos alunos com melhor comportamento são os que se mostram mais disponíveis.

Quanto à disponibilidade para colaborar, há mais empregados a responderem *não* ao trabalho voluntário e à dinamização de equipas e mais desempregados a responderem não à integração em equipas de acompanhamento. Nenhum dos reformados está disposto a colaborar.

Todo o processo de reflexão e partilha que precedeu e envolveu a recolha, o tratamento e a análise de dados, desenvolvidas neste trabalho, tornou possível, como era nossa intenção, perscrutar, na Escola Professor Reynaldo dos Santos, os “Olhares” dos Pais/Encarregados de Educação dos alunos dos 2º e 3º Ciclos e também dos Assistentes Operacionais sobre a In/disciplina Escolar, quer neste estabelecimento de ensino, quer num âmbito mais alargado.

Na procura de respostas para esta questão, fomos confrontados com os inúmeros condicionalismos subjacentes ao desenvolvimento da identidade das crianças e

adolescentes, abordados no decurso do presente estudo e que, direta ou indiretamente afetam e interferem com a sua postura e com manifestações de in/disciplina escolar. Ficou clara a necessidade de adoção, em cada momento, de uma visão sistémica da escola e de estratégias que privilegiem a sua relação com a família e a valorização individual, por forma a atenuar os prejuízos causados por aqueles condicionalismos, no desenvolvimento emocional, no sucesso escolar e, em última análise, na sua relação com o mundo, traduzida na in/disciplina escolar. Ficou igualmente claro que ainda há um longo caminho a percorrer na integração dos vários sistemas, nomeadamente na aproximação escola/família e na sensibilização de todos para esta necessidade. Como referíamos no início da introdução a este trabalho “ Não basta uma família para educar uma criança. É preciso uma aldeia inteira.”.

Como é natural, deparámo-nos com múltiplos desafios. Ultrapassados que estão desejamos ter, assim, prestado um pequeno contributo para uma compreensão mais profunda e mais lata do fenómeno da (in)disciplina escolar e da sua perceção pelos Pais/Encarregados de Educação e Assistentes Operacionais, com efeitos futuros na mobilização de todos e na adoção de medidas que encarem este fenómeno com criatividade e com a colaboração ativa e permanente de todos os agentes educativos.

O convívio com esta temática sugeriu-nos variadas alternativas de abordagem que gostaríamos de partilhar pelo incentivo que podem constituir futuras investigações. Estamos perante um tema que nunca se esgota e, pela sua essência, é sempre atual, congregador das mais variadas atenções, fonte de múltiplas interpretações e alvo dos interesses mais heterogéneos que, direta ou indiretamente “tocam” toda a sociedade. São muito díspares as possibilidades que se levantam para a abordagem da in/disciplina, dos assistentes operacionais dos encarregados de educação, no seu conjunto ou isoladamente. Este mesmo estudo encerra outras alternativas de abordagem: aplicação a outras escolas, ou nesta mesma escola, no futuro; aplicação aos encarregados de educação de outros níveis de ensino; aplicação a todos os assistentes operacionais de uma mesma escola ou de escolas diferentes. Curioso, também, nos pareceria a abordagem da perceção dos alunos sobre o papel dos encarregados de educação e dos assistentes operacionais, na escola e na sua ação sobre a in/disciplina. O contato frequente com outras entidades suscita o interesse em conhecer, também, a imagem que a escola projeta sobre as mesmas, individualmente, ou em termos comparativos. Estamos, concretamente, a pensar na Escola Segura que contacta diariamente com várias escolas da zona, com a psicóloga, que já exerceu funções em várias escolas, muitas

vezes, em situação de partilha, das entidades/associações/instituições com quem a escola desenvolve relações de parceria. Igualmente aliciante seria o estudo do papel dos vários fatores socioculturais e familiares na in/disciplina e no desempenho escolar. Acompanharíamos com o maior interesse qualquer uma destas propostas pelas hipóteses assim levantadas de confrontação dos vários resultados obtidos.

É, também, com muita curiosidade e expectativa que aguardamos a apresentação dos outros dois estudos que, no âmbito do 10ºMAGE, decorreram em paralelo com o nosso, sobre a indisciplina na EPRS: um na perspectiva dos alunos e o outro na perspectiva dos professores o que nos proporcionará dois “olhares” acrescidos sobre a indisciplina e, portanto, uma visão mais abrangente e completa da mesma.

Concluimos, assim, fiéis ao espírito subjacente a este trabalho, desde o início, e que se traduz na vontade de contribuir para uma escola que se quer, realmente, de todos, para todos¹⁷ e com o contributo de todos.

¹⁷ Lema do Projeto Educativo do Agrupamento para o período de 2013-16: Uma Escola de Todos e Para Todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bibliografia

Ainsworth, Mary et al.(1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Aires, Luís M. (2010). *Disciplina na Sala de Aulas. Um guia de boas práticas para professores do 3º Ciclo e Ensino Básico* (2ªEd.) Lisboa: Edições Sílabo Lda.

Albarello, Luc et al. (1977). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva

Almeida, Ana Nunes de & Vieira, Maria Manuel (2006). *A Escola em Portugal - Outros Olhares, Novos Cenários*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Almeida, António J. C. de, (2007). *Violência na Escola: A Atuação dos Auxiliares de Ação Educativa* - Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para obtenção do grau de Mestre em Análise Social administração da Educação, (policopiado)

Almeida, João F. & Pinto, J. M.(1982). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença

Amado, João & Freire, Isabel P. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola, Compreender para Prevenir*. Coimbra: Almedina

Amado, João (2001). *Interação pedagógica e indisciplina na aula*. Coleção Perspetivas Atuais. Porto: Edições ASA

Amado, João da Silva (2000). *A construção da disciplina na escola. Suportes teórico-práticos*. Porto: Edições ASA.

Amado, João S. & Freire, Isabel P. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola. Compreender para Prevenir*. Porto: Edições ASA

Amiguinho, Abílio (1992). *Viver a Formação, Construir a Mudança*. Lisboa: Educa/ICE

Amiguinho, Abílio (1993). Formação: da lógica escolarizante a articulação com os processos de mudança. In: *Aprender*, n.º 15, 31-40

Azevedo, Mário, (2011). *Teses relatórios e trabalhos escolares: sugestões para estruturação da escrita* (8ªEd.). Lisboa:Universidade Católica Editora

Baginha, M. d. L. (1997). *Fenómenos de grupo e (in)disciplina na aula: contributos para uma abordagem das relações entre os fenómenos da dinâmica do grupo turma e a (in)disciplina na aula*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Bardin, Laurence (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Barros, Luísa et al. (2008). *Educar com Sucesso. Manual para técnicos e pais* (2ªed.).

Lisboa:Texto

Barroso, João (2003). Formação, Projeto e Desenvolvimento Organizacional. In: Rui Canário (org.) 2.^a Ed., *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, pp. 61-78

Beavin, Janet H. & Watzlawick, Paul (2011). *Pragmatics of human communication*. New York : W.W.Norton & Company, Inc.

Bell, Judith (1987). *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa:Gradiva.

Bell, Judith (2008). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. (4^aed.). Lisboa: Gradiva

Bertalanffy, Ludwig von, (1973). *Théorie général des systemes*. Paris: Dunod.

Best, John W. (1981). *Como investigar em educación*. (3.^a Ed). Madrid: Ediciones Morata

Birzea, C. (1982). *A Pedagogia do Sucesso*. Lisboa: Livros Horizonte

Bisquerra, Rafael (1989). *Métodos de investigación educativa*. Guia práctico. Barcelona:

Bodine & Cawford, (1998) *The handbook of conflict resolution education: A guide to building quality programs in schools 1998*: John Willey and Sons

Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bowlby, John (1969). Attachment and loss, Vol.1: *Attachment*. New York: Basic Books.

Bowlby, John (1973). Attachment and loss, Vol.2: *Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.

Bronfenbacher, Urie (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Caeiro, José & Delgado, Pedro (2005) *Indisciplina em contexto escolar*. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget

Caldeira, Suzana N. & Veiga, Feliciano H. (Coord.). (2011). *Intervir em Situações de Indisciplina, Violência e Conflito*. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal Lda

Cardoso, Teresa; Alarcão, Isabel & Celorico, Jacinto A. (2010). *Revisão da Literatura e Sistematização do Conhecimento*. Porto: Porto Editora

Carmo, Hermano & Ferreira, Manuela (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para auto - aprendizagem*. (2^aed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Carrilho, Luísa, Nogueira, Paulo & Bacelar, Teresa (2010) *Bullying. Agressividade em meio escolar*. Porto: Edições Afrontamento

Carvalhosa, Susana (2010). *Prevenção da Violência e do Bullying em Contexto Escolar*. Lisboa: Climepsi Editores

Ceia, Carlos (2010). *Normas para Apresentação de Trabalhos (8ªEd.)*. Científicos. Lisboa: Editorial Presença

Christenson, S.L. & Sheridan, S.M. (2001). *School and families: Creating essential connections for learning*. New York: The Guilford Press

Coleman, P. & Deutsch, M. (2001). Introducing cooperation and conflict resolution into schools: A systems approach. In D.J. Christine, V. Wagner, & D.D.N. Winter(Eds.), *Peace, conflict and violence: Peace psychology for the 21st century* (pp. 223-239). New Jersey: Prentice Hall.

Cook, T. & Reichardt, C.(1997). *Métodos cualitativos y cuantitativos em investigación evaluativa*. Madrid: Morata Ediciones CEAC

Cook, Thomas & Reichardt, Charles S. (1986): *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación educativa*. Madrid: Morata.

Costa, M. Emília & Matos, Paula M. (2006). *Abordagem Sistémica do Conflito*. Lisboa : Universidade Aberta

Costa, M. Emília & Vale, Dulce (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Costa, M. Emília (2003). *Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa : Universidade Aberta

Curto, Pedro M. (1998). *A Escola e a Indisciplina*. Coleção Educação. Porto: Porto Editora

Davies, Don et al. (1989) *As Escolas e as Famílias em Portugal: realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte

De Landsheere, G. (1976). *Introduction à la recherche en éducation*. Paris: Armand Colin: Bourrelier

Delors, Jacques (1997). *Educação: um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.

Delors, Jacques (coord.) (1996; 2003). *Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: ASA.

Deutsch, Morton (1977) *The Resolution of Conflict: Constructive and Destructive Processes*. Yale University Press,

Dewey, John, (1959). *Democracia e educação [Democracy and education]*, tradução brasileira de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, S. Paulo, Companhia Editora Nacional.

Dewey, John, (1971). *Experiência e educação [Experience and education]*, tradução brasileira de Anísio Teixeira, S. Paulo, Editora Nacional.

- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola – Família. A caminho de uma gestão participada*. Porto Editora.
- Dubois, D. et al., (1994). Prospective investigation of the effects of socioeconomic disadvantage, life stress, and social support on early adolescent adjustment. *Journal of Abnormal Psychology*, Vol. 103(3), 511-522.
- Dubois, D. L., et al. (1992). A Prospective Study of Life Stress, Social Support, and Adaptation in Early Adolescence. *Child Development*, Volume 63, Issue 3, pp. 542–557
- Eccles, J. & Roeser, R. (1998). School and Community influences on human development. In M.H.Bornstein & M.E.Lamb (Eds.), *Developmental Psychology: An advanced textbook*. Mahwah: NY:Erlbaum.
- Eco, Umberto (2010). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas* (16ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença
- Erickson, F. (1989). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: M. Wittrock. *La investigación de la enseñanza*. Barcelona: Paidós.
- Estrada, María Rosa Buxarrais Estrada & Ruiz, María Del Pilar Zeledón. (2007). Por qué y para qué educar en valores democráticos desde el ámbito familiar? In Buxarrais, M.R y Zeledón, M. (Cord). *Las familias y la educación en valores democráticos – Retos e perspectivas actuales*. Barcelona: Editorial Claret, SAU.
- Estrela, Albano (1984). *Teoria de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: INIC.
- Estrela, M. Teresa (1994). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina*. Porto: Porto.
- Estrela, M. Teresa (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora. 4ªEdição.
- Estrela, M. Teresa., & Amado, João (2000). Indisciplina, violência e delinquência na escola: Uma perspectiva pedagógica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1,2 e 3), 249-271.
- Estrela, M.Teresa & Marmoz, Louis (Org.). (2006). *Indiscipline et violence à l'école*. Études EuropéenesParis: L'Harmattan
- Ferreira, Elisabete M. B. C. (2007). *Contextos, Pretextos e Protagonistas da (in) Disciplina na Escola. Um Estudo de Caso numa Escola de 2º e 3º Ciclo*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa [*Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação*](policopiado)
- Fonseca, António M. (2001). *Educar para a Cidadania. Motivações, Princípios e Metodologias* (4ªed.).Vol.13.Porto: Porto Editora
- Fontaine, Anne M. & Matias, Marisa (Eds.). (2008). *Family, work and parenting. International perspectives*. Porto:Lypsic-Legis Editora

Fontaine, Anne M. (2005) *Motivação em contexto escolar*. Temas Universitários N°4. Lisboa: Universidade Aberta

Fox, David (1987). El proceso de Investigacion em educacion (2.ª edição). Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, In S.A. Estrela, A. (1984). *Teoria de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: INIC

Freinet, C. *Les Techniques Freinet de l'école moderne*. Paris: Armand Colin.

Freire, Isabel (2001). *Percursos Disciplinares e Contextos Escolares*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento. Não Publicada.

Freire, Teresa & Almeida, Leandro (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra: APPORT- Associação dos Psicólogos Portugueses.

Garcia, Carlos Marcelo (1999) *Teorias da aprendizagem do adulto e formação de professores, in Formação de professores. Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora

Gaspar, M. Filomena (2004), *Fatores Socioculturais e Interpessoais do desenvolvimento Numérico de Crianças em Idade Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Ghiglione, Rodolphe. & Matalon, Benjamin (1992;1997). *O inquérito - Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gifford-Smith, M.E. & Brownel, C,A, (2003). Childhoodpeer relationships: Social acceptance, friendships and peer networks. *Journal of School Psychology*, 41, 235–284.

Glissant, Édouard (1984). A poética da relação. In *Expresso – Revista*, 8 de Outubro, pp.106-109

Grave-Resendes, Lídia (2004). O Direito à Educação e a Educação dos Direitos, in *Educação e Direitos Humanos*, CNE

Hargreaves, David (1972). *Interpersonal Relations and Education*. London: Routledge & Kegan Paul.

Hartup, W. (1983), Peer relations. In P. Mussen & E.M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology: vol. 4, Socialization, personality, and social development* (pp.103-198). New York: Wiley.

Hérbert-Lessard, Michelle et al. (1994). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget

Hill, Manuela M. & Hill, Andrew (2009). (2ªEd.). *Investigação por Questionário*, Lisboa: Edições Sílabo, Lda

Huberman, Michael & Miles, Matthew (1991). *Analyse des données qualitatives. Recueil denouvelles méthodes*. Bruxelles: De Boeck Université

- Hughes, J.N., et al. (2001). Further support for the developmental significance of the quality of the teacher–student relationship. *Journal of School Psychology*, 39, 289–301
- Husmann, Gloria & Chiale, Graciela (2010). *Vidas Subjugadas*. Lisboa: Sinais de Fogo
- Ijzendoorn, M. VAN & Bakermans-Kranenburg (1996) Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: a meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 64:8-21,
- Jacinto, Maria João Pedro(2006).*Dinâmicas do Diretor de Turma na Promoção do Envolvimento da Família na Escola - Um Contributo para a Diminuição da Indisciplina* – Dissertação de Mestrado Administração e Gestão Educacional, Universidade Aberta, Lisboa
- Jackson, Don D. (1967) *Pragmatics of human communication*. New York : Norton,.
- Johnson, David & Johnson, Roger (1995). *Teaching Students To Be Peacemakers* (3rd ed.). Edina, MN: Interaction Book Company.
- Johnson, David & Johnson, Roger (1996), Conflict resolution and peer mediation programs in elementary and secondary schools: a review of the research, in *Review of Educational Research*, vol.66, n°4, pp.459-506
- Jones S. Tricia & Brinkman, William H. (1994) Teach Your Children Well: Recommendations for Peer Mediation Programs. In J. P. Folger & T. S. Jones, (eds.), *New Directions in Mediation* (pp. 159-74). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kennedy, John F. (1963) - in Hamburg, B.A & Hamburg, M.D. (2004), *Learning to live together: Preventing hatred and violence in child and adolescent development*. New York: Oxford University Press
- Lenine (1977), *Sobre a Educação*, Lisboa: Seara Nova
- Levy, Terry M. & Orlans, Michael (1998) *Attachment, trauma, and healing: understanding and treating attachment disorder in children and families*. Washington, DC:CWLA Press.
- Lima, J. (2000). Questões centrais no estudo das culturas profissionais dos professores: uma síntese crítica da bibliografia. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 13, pp. 59-103 Lisboa: Gradiva
- Lobrot, Michel, (1973). *Priorité à l'éducation*. Petite Bibliothèque Payot.
- Magalhães, Olga (1989). A causa das coisas. Indisciplina e Escola. *Aprender*, 39 - 43.
- Makarenko, A. (s/d). *Problèmes de l'éducation scolaire soviétique*. Moscou: Éditions du Progrès.
- Marconi, Marian & Lakatos, Eva (1990). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Edições Atlas

- Matos, P.M. & Fontaine, Anne Marie (1995). Relações escola-família e suas representações : Contributos para uma avaliação ecológica do desenvolvimento da criança. *Atas do II Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Vol.2, 185-194
- Merriam, Sharan B. (1988). *Case Study Research in Education*. Sago Francisco: Jossey-Bas
- Montessori, M. (1958). *Pedagogie Scientifique*. Paris: Desclée de Brower
- Pacheco, Florinda (2006). *A gestão de conflitos na escola - a mediação como alternativa - Dissertação de Mestrado Administração e Gestão Educacional*, Universidade Aberta, Lisboa
- Patton, Michael (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. London: SAGE publications
- Pereira, Alexandre (2008). *Guia Prático de Utilização do SPSS. Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*. (7ªEd.).Lisboa: Edições Sílabo Lda.
- Pessoa, Fernando. (n.d.). Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.I. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. p. 273.
- Pianta, R. C., Hamre, B., & Stuhlman, M. (2003). Relationships between teachers and children. In W.Reynolds and G. Miller (Eds.), *Comprehensive handbook of psychology*: Vol. 7. Educational psychology, 199–234.
- Pianta, Robert C. (1999). *Enhancing Relationships Between Children and Teachers*. Washington, DC: American Psychological Association
- Pinto, C. Alves, (1995). *Sociologia da Escola*. Lisboa: McGraw-Hill
- Pinto, Ricardo R. (2009). *Introdução á Análise de Dados. Com recurso ao SPSS*. Lisboa:Edições Sílabo, Lda.
- Postic, Marcel (1984). *A relação Pedagógica* .Coimbra: Coimbra Editora
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc VAn (1992;2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*(3ªed.). Lisboa: Gradiva
- Raider, Ellen (1995) Conflict resolution training in schools: Translation theory into applied skills. In B. B. Bunker & J. Z. Rubin (Eds.) *Cooperation, Conflict, and Justice: Essays Inspired by the Work of Morton Deutsch* (pp.93-122).
- Raths ,Louis E.; Harmon, Merrill & Simon, Sidney B. (1966) *Values and Teaching*. Columbus, Ohio: Charles E. Merrill Books, Inc., 1966. 275 pp NASSP Bulletin October 50: 226,
- Rodrigues, Afonso (2009). *Auxiliares de Ação Educativa: poderes ocultos na escolar? - Dissertação de mestrado em Educação*, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. (policopiado)

Sampaio, Daniel (2011). *Da Família, da Escola e umas quantas coisas mais*. Alfragide: Editorial Caminho

Santos, Álvaro A. dos et al. (2009) *Escolas de Futuro. 130 Boas Práticas de Escolas Portuguesas*. Porto: Porto Editora

Selfridge, Jennifer (2004). *The resolving conflict creatively program: How we know it works*. *Theory into Practice*, 43, 59-67.

Shulman, Lee (1981) Disciplines of inquiry in education: An overview. *Educational Researcher*, 10 (6), 5-12

Tornaría, Maria del Luján Gonzalez. (2007). El reto de las familias en los procesos de educación en valores democráticos. In Buxarrais, M.R y Zeledón, M. (Cord). *Las familias y la educación en valores democráticos – Retos e perspectivas actuales*. Barcelona: Editorial Claret, SAU.

Tromellini, Pina (2003) *Os caminhos para a vida. Ainda é possível transmitir valores a um filho?* Lisboa:Editorial Presença.

Tuckman, Bruce (1994). *Manual de Investigação em Educação*”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Urra, Javier (2011) *Prepara o teu filho para a vida. Valores para crescer feliz*. Lisboa: A Esfera dos Livros

Urra, Javier (2009) *O Pequeno Ditador. Quando os pais são as vítimas. Da criança mimada ao adolescente agressivo (15ªed.)* Lisboa: a Esfera dos Livros

Valles, Miguel (1997). *Técnicas Cualitativas de Investigación Social. Reflexion metodológica y práctica profesional*. Madrid: Editorial Sintesis, S.A.

Van der Maren, J.M. (1996). *Méthodes de recherche pour l'éducation*. Montréal, QC. : PUM; Bruxelles : de Boeck.

Veiga, Feliciano H. (2007). *Indisciplina e Violência na Escola. Práticas comunicacionais para professores e pais. (3ªed.)*. Coimbra: Almedina.

Veiga, Feliciano H. (3ªed.)(2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola. Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal Lda*

Velez, M. Fernanda P., (2010). Indisciplina e violência na escola : fatores de risco - um estudo com alunos do 8º e 10º anos de escolaridade (policopiado) - , Dissertação no Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Educação: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Vicente, N. (2004). *Guia do Gestor Escolar - Da escola de qualidade mínima garantida à escola com garantia de qualidade*. Porto: Edições ASA

Vieira, Cristina et al.(Eds.)(2005). *Ensaio sobre o comportamento humano. Do Diagnóstico à Intervenção.Contributos Nacionais e Internacionais*. Coimbra:Almedina

Villas-Boas, M. Adelina(2001). *Escola e Família. Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Escola Superior de Educação João de Deus.

von Bertalanffy, Ludwig(1973) *Teoria geral dos sistemas*. Publicação: Petrópolis : Editora Vozes

Werner, Emmy & Smith, Ruth (1992) *Overcoming the odds: High risk children from birth to adulthood*. New York: Cornell University Press.

White, Karen & Kistner, Janet (1992), The influence of teacher feedback on young children's peer preferences and perceptions. *Developmental Psychology*, 28(5), 933-940.

2. Sitografia

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos (2010). Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos, de Outubro de 2010 <http://www.reynaldo.edu.pt/> [13-12- 2011].

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos (2011). Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos – 2009-13, <http://www.reynaldo.edu.pt/> [11-11- 2011].

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos (2011). Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos 2010-13. <http://www.reynaldo.edu.pt/> [11-11- 2011].

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos (2012). Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos, de Outubro de 2012 <http://www.reynaldo.edu.pt/> [01-11- 2012].

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos. <http://www.reynaldo.edu.pt/>

American Psychological Association, *Normas da APA*, 6.^a Edição http://c3congresso2013.web.ua.pt/wp-content/uploads/2013/05/Normas_APA6th.Portugues.pdf [26-12-2013].

Araújo, Maria Isabel P. (2009). *Representações Sociais da Escola e da Família: uma perspectiva de pais numa escola do ensino básico*. Lisboa: Universidade Aberta <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/handle/10400.2/1342> [Dissertação de mestrado]

Breve Resumo das Normas da APA (5^aEdição) http://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/85576/mod_resource/content/0/rac-guia-ap.Normas.APA.pdf [26-12-2013].

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira http://www.cm-vfxira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=67963 [26-12-2012]

Rogers, Carl Ranson. <http://www.bapca.org.uk/about/carl-rogers.html>

Correia, Jorge A. M., Antinomia Educação Tradicional - Educação Nova. Uma Proposta de Superação, www.ipv.pt/millennium/pce6_jmc.htm [26-12-2012]

<https://archive.org/details/centurychild00frangoog> [12-1-2014]

IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional
<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>, , [19-08-2013]

[Instituto Nacional de Estatística](http://smi.ine.pt/Categoria), *Classificação Nacional de Profissões*,
<http://smi.ine.pt/Categoria> [26-12-2013].

Key, Ellen (1900) *O Século da Criança*

Lima , Isabel M. P. A. Reflexões sobre a Indisciplina: responsabilidades partilhadas.
 Prevenir a Violencia na Escola, *Ozarfaxianras*, Nº19 .
http://www.cfaematosinhos.eu/Ozar_19_IMPAL.pdf [13-11-2013]

Proust, Marcel. (s.d.). BrainyQuote.com.
www.brainyquote.com/quotes/quotes/m/marcelprou107111.html [01-11- 2012].

Proust, Marcel. (s.d.). http://pensador.uol.com.br/autor/marcel_proust/ [01-11- 2012].

Sebastião, João, Alves, Mariana G. e Joana Campos (2003), "A violência na escola: das políticas aos quotidianos", *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 41, CIES-ISCTE, Oeiras, Celta Editora, pp. 37-62. <http://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/2896> []

3. Legislação

Lei n.º 39/2010 de 2 de Setembro – Diário da República, 1.ª série — N.º 171, Ministério da Educação. Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior

Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro — Diário da República, 1.ª série — N.º 172, Ministério da Educação e Ciência. Estatuto do Aluno e Ética Escolar

Lei n.º3/2008 de 18 de Janeiro – Diário da República, 1.ª série — N.º 13, Ministério da Educação. Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior

Lei n.º30/ 2002, de 20 de Dezembro – Diário da República, 1.ª série — N.º 294. Ministério da Educação. Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior

ANEXOS

ANEXO I - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AO DIRETOR DA ESCOLA

Exmo. Senhor

Diretor do Agrupamento de Escolas

Professor Reynaldo dos Santos

Vila Franca de Xira

Eu, Luísa Maria Lourenço Fernandes, PQND, neste agrupamento, solicito a V.^a Ex.^a autorização para, no ano letivo 2011/12, efetuar, na escola sede do Agrupamento, uma investigação sobre a (in)disciplina dos alunos, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Escolar, pela Universidade Aberta. Este estudo deverá constituir a base de realização da dissertação de Mestrado sobre o tema **Olhares sobre a (In)disciplina dos Alunos - um contributo dos Pais/Encarregados de Educação dos 2º e 3º Ciclos e Assistentes Operacionais da Escola Professor Reynaldo dos Santos** -. A referida investigação consistirá na aplicação de questionários a pais/encarregados de educação; na realização de entrevistas a assistentes operacionais e a encarregada de educação, ex-voluntária na escola. Solicito, igualmente, autorização para a consulta de documentação da escola que contribuam para a sua caracterização e para um enquadramento mais abrangente desta problemática.

Vila Franca de Xira, 10 de Março de 2011

Pede deferimento.

(Luísa Maria Lourenço Fernandes)

ANEXO II - PEDIDO DE APROVAÇÃO AO CONSELHO PEDAGÓGICO – PROJETO

Introdução

O presente estudo é uma proposta de projeto de investigação quantitativa e qualitativa, com base em inquéritos por entrevista e questionário, integrado no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta e pretende ser um contributo para explicar, abrir caminhos e propor soluções para os problemas e as implicações da indisciplina e da violência na escola.

Conscientes de que a escola não pode fazer tudo, pensamos, no entanto, que é possível reduzir as situações de indisciplina e violência na escola, ajudando a melhorar o clima da mesma e criando condições para que as crianças e jovens possam usufruir duma escola pública segura e de qualidade.

Como a escola não se pode demitir das suas funções e tem a obrigação de se autoavaliar e autoanalisar, começaremos por fazer uma investigação, onde possamos sentir o pulsar da escola e como os alunos, professores, assistentes operacionais e encarregados de educação percebem a indisciplina e a violência no seu meio escolar. Pretendemos, também, que os mesmos apresentem propostas de intervenção para as combater, para que os diferentes atores possam ter um papel ativo na educação/formação.

Desejamos, deste modo, contribuir para uma escola capaz de envolver toda a comunidade educativa, em particular os alunos, para os motivar, perceber os seus problemas e, com todos, construir as regras e as normas de funcionamento, incentivando os mesmos para uma participação de gestão na sua escola, no sentido de tornar os jovens, alunos capazes de respeitar o outro e respeitar a diferença, numa perspetiva de desenvolvimento de cidadãos ativos, solidários, críticos e intervenientes.

Questões de Investigação

Este estudo deverá, assim, responder a várias questões, sempre equacionadas sob o ponto de vista dos diferentes agentes da comunidade escolar e tendo como base a realidade do Agrupamento. Podemos agrupá-las em vários domínios: relação (in)disciplina e imagem do agrupamento; tipos de indisciplina ocorridos; causas e consequências da (in)disciplina; medidas aplicadas e a aplicar; mobilização dos

diferentes atores e propostas de intervenção.

É nesta perspectiva de investigação que se definiu a seguinte pergunta de partida:

Qual a perceção da comunidade escolar face à indisciplina dos alunos na Escola?

Desta forma, e apoiados na pergunta de partida, definiu-se um conjunto de questões de investigação, que procuram apresentar-se como pontos de referência na condução e orientação do presente estudo, as quais são, em seguida, apresentadas.

- ✓ O que se entende por (in)disciplina/violência?
- ✓ De que forma é que a (in)disciplina/violência tem contribuído para a imagem do Agrupamento?
- ✓ Como tem evoluído o fenómeno da (in)disciplina?
- ✓ Quais as manifestações de (in)disciplina mais frequentes?
- ✓ Que fatores estão na origem da (in)disciplina?
- ✓ De que forma é que a (in)disciplina se reflete no sucesso escolar?
- ✓ Qual o papel atual dos vários atores da escola para encarar esta temática: lideranças superiores e intermédias, professores, encarregados de educação, pessoal não docente?
- ✓ Os alunos têm um conhecimento claro das regras?
- ✓ Como é vista a autoridade dos professores?
- ✓ Como é visto o aluno (in)disciplinado pelo professor?
- ✓ Por que há (in)disciplina numas aulas e noutras não?
- ✓ O que pensam os alunos das reações dos seus professores face à (in)disciplina?
- ✓ Quais os grupos etários onde a (in)disciplina se regista com maior frequência?
- ✓ Quais os contextos familiares dos alunos onde se verifica maior (in)disciplina?
- ✓ O género tem influência na (in)disciplina?
- ✓ Quais as práticas organizativas e pedagógicas promovidas pela Direção para controlar a (in)disciplina?
- ✓ Consideram justas as medidas disciplinares adotadas pelo Agrupamento?
- ✓ Como avaliam a eficácia das estratégias da escola perante a (in)disciplina, em termos de prevenção, reforços positivos e intervenção?
- ✓ Que propostas de intervenção poderiam ser adotadas para ajudar a minimizar a (in)disciplina?
- ✓ Que contributo pode ser dado por cada um dos membros da comunidade escolar?

-
- ✓ Que contributo estaria o inquirido disposto a dar?

Objetivos do Estudo

Com a captação destas perspetivas, indo em busca de respostas para a pergunta de partida e as daí decorrentes, constituem objetivos deste estudo:

- ✓ Definir o conceito de (in)disciplina
- ✓ Conhecer e compreender a perceção dos vários agentes da comunidade escolar sobre a (in)disciplina no agrupamento
- ✓ Identificar causas da (in)disciplina
- ✓ Relacionar a (in)disciplina com o género e a estrutura etária dos alunos
- ✓ Perceber as representações dos alunos face à (in)disciplina;
- ✓ Questionar se a atuação dos professores na sala de aula tem relação direta com a ocorrência de comportamentos de (in)disciplina por parte dos alunos;
- ✓ Apurar até que ponto as representações sociais que os alunos têm da escola e dos professores se refletem na (in)disciplina
- ✓ Identificar as estratégias utilizadas na resolução da (in)disciplina
- ✓ Recolher contributos/sugestões para lidar de forma eficaz com a (in)disciplina
- ✓ Identificar o papel dos alunos na criação de estratégias que promovam a disciplina;
- ✓ Avaliar a importância da implementação de normas e regras de conduta, na prevenção/superação dos comportamentos de (in)disciplina;
- ✓ Apontar boas práticas/abrir novos caminhos
- ✓ Incentivar o envolvimento de toda a comunidade escolar em ações promotoras do bom ambiente, na escola
- ✓ Intervir, ao nível do Agrupamento, com medidas de atuação que visem diminuir e prevenir os casos de indisciplina
- ✓ Intervir posteriormente, com uma proposta de um plano de ação no Agrupamento

Procedimentos/ Atividades a Desenvolver

Tratando-se de um estudo que procura interpretar uma determinada realidade através das perceções dos seus mais diretos intervenientes, iremos utilizar uma metodologia quantitativa, recorrendo a um inquérito por questionário que será implementado aos diferentes atores dos vários níveis de ensino do Agrupamento em estudo. Serão, ainda, realizadas entrevistas exploratórias por conveniência, cujas

perguntas incidirão sobre opiniões, ideias, experiências, a fim de conhecer os pontos de vista dos diversos atores.

ANEXO III - CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO/ESCOLA

A diversidade e a heterogeneidade da comunidade educativa que integra as escolas do Agrupamento¹⁸ constituem uma mais valia para a formação da sua identidade. As diferenças que marcam cada um dos estabelecimentos, definem-se ora pela ruralidade, ora pela realidade citadina, com instalações ora a necessitar de melhorias, ora modernas, requalificadas e com equipamentos adequados e inovadores. O Agrupamento espera desde a sua criação, com a atual constituição, pela renomeação para Reynaldo dos Santos, patrono da sede do Agrupamento.

Escolas	Morada/Telefone
Escola Secundária com 2º e 3º Ciclos Professor Reynaldo dos Santos	R. 28 de Março – Bom Retiro – 2600 053 Vila Franca de Xira
Jardim de Infância e EB1 Sousa Martins	R. 28 de Março – Bom Retiro –2600 053 Vila Franca de Xira
Jardim de Infância e EB1 nº4 VFX	R. Gago Coutinho, nº18, Bairro do Paraíso – 2600-018 Vila Franca de Xira
EB1 de À-dos-Bispos	À-dos-Bispos 2600-011 Vila Franca de Xira

¹⁸ Apresentação elaborada a partir da ficha de apresentação constante dos anexos do Projeto Educativo do Agrupamento em vigor desde setembro de 2013

Escola Sede: Escola Secundária com 2º e 3º ciclos do Professor Reynaldo dos Santos



A Escola Sede, Escola Secundária com 2º e 3º Ciclos Professor Reynaldo dos Santos, encontra-se no Bom Retiro, a 3km da cidade de Vila Franca de Xira e a 35 km de Lisboa.



A Escola pode congratular-se com uma longa e bem sucedida história. Tem as suas origens no antigo Colégio Dr. Sousa Martins, nascido em 1958/59. Em novembro de 1971, passou a Secção do Liceu Padre António Vieira e em 1976, a Escola Secundária nº 2 de Vila Franca de Xira.

Num artigo seu para a Revista da Escola “ A Magazano” a Professora Lizete Salgueiro¹⁹, recorda a história dos últimos 40 anos.

Em 1976, a proposta de dar à Escola o nome de Professor Reynaldo do Santos não foi logo aceite.

Foi, entretanto, anexado ao edifício um pavilhão pré-fabricado no espaço físico atual e que correspondia ao antigo bloco 4, atualmente, no novo edifício, equivalente à zona dos serviços (Direção, Serviços Administrativos,..)

¹⁹Professora de matemática, reformada; 1974-75- Membro da Comissão Diretiva; 1976-81 – membro do Conselho Diretivo -



Em 1980, após alguns anos de construção atribulada, deu-se a inauguração da Escola Secundária nº2 de Vila Franca de Xira, constituída por 4 pavilhões pré-fabricados.

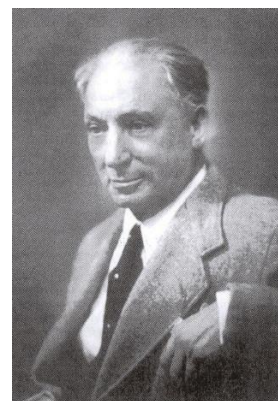


Seguiu-se, algum tempo depois, a construção de um ginásio e campo de jogos.



Em 1986/87, finalmente, a escola passava a chamar-se Escola Professor Reynaldo do Santos com aprovação unânime dos interessados.

Poucas escolas terão um patrono tão identificado com a sua atividade como esta, pelo ecletismo que os une. Reynaldo dos Santos, um filho ilustre de Vila Franca de Xira, nascido em 1880, constitui fonte de reflexão e estudo das importantes relações entre a medicina e a cultura e da própria cultura nacional entendida no seu conjunto. Acumulou as funções de médico, investigador nessa área, de eminente crítico, historiador de arte e professor, aliadas a traços de personalidade característicos que terão sido a sua inata, genuína e profunda humanidade e fina ironia.



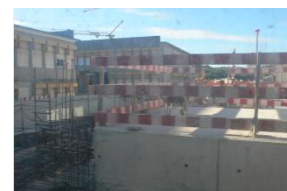


No 2º período do ano letivo 87/88, o muro de suporte aos terrenos da zona oeste da escola colapsou, provocando avultados danos materiais e grande perturbação das atividades letivas. Só a disponibilização temporária das instalações desativadas de um colégio particular, no centro da cidade, permitiu, provisoriamente, garantir as aulas do 12º ano. No 3º período, os pavilhões desativados do anterior ciclo preparatório, atual espaço do Quartel dos Bombeiros, após reconstrução, passaram a ser utilizados, inclusive em 1988-89.

Das melhorias operadas nos anos transatos não foi alheia a interação dos alunos de artes com os seus painéis decorativos.



Entre 2009 e 2011, integrada na segunda fase do projeto de reestruturação das escolas, pelo Ministério da Educação, a escola sofreu uma profunda intervenção por ação da *Parquescolar*.

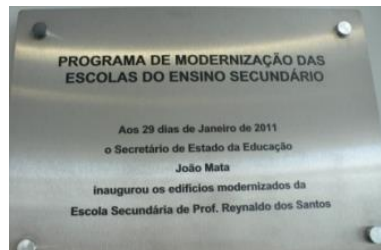




As aulas nunca foram interrompidas durante este período e a obra de modernização ficou concluída em final de 2010.

Também em termos de recursos físicos ligados às novas tecnologias e a todo o equipamento se verificou uma verdadeira revolução: laboratórios, novas tecnologias, biblioteca escolar e centro de recursos, auditório, cozinha, ...

A inauguração deu-se a 29 de Janeiro de 2011.



“O sucesso dos nossos/as alunos/as é o nosso sucesso.”, um dos lemas da “Reynaldo” ao longo dos anos, não deixará de acompanhar, no futuro, os seus alunos e todos os envolvidos na sua formação, que, até por tradição, deverá continuar a pautar-se pelo rigor, pela qualidade e pela valorização das relações humanas e ligação à comunidade, como refere o novo lema do Agrupamento “ **Uma Escola de Todos e para Todos**”

Escolas do 1º Ciclo e Jardins de Infância

São três os Estabelecimentos de Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, pertencentes ao Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos, tendo dois deles também a valência de Ensino Pré-Escolar. Estes edifícios são património da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira que assegura a manutenção e reparação dos mesmos.

Escola Básica do 1º Ciclo Dr. Sousa Martins



A Escola E.B.1 Dr. Sousa Martins fica situada na Rua 28 de março, Bom Retiro, em Vila Franca de Xira. O edifício sofreu uma requalificação profunda, cujas obras ficaram concluídas no ano letivo 2009/2010, possuindo, atualmente ótimas instalações, tanto a nível de

funcionalidade como de conforto. Está situada numa zona habitacional onde moram muitas famílias, pelo que se encontra completamente lotada, não conseguindo dar resposta a todos os pedidos de transferência pretendidos, pois as salas de aula existentes estão todas ocupadas.



Jardim de Infância / Escola E.B.1 Nª4 (Bairro do Paraíso)

O Jardim de Infância / Escola E.B.1 Nª4 de Vila Franca de Xira, sitosna Rua Gago Coutinho, Nª18, Bairro do Paraíso, em Vila Franca de Xira, estão localizados numa zona urbana, na periferia da cidade habitada, maioritariamente, por população idosa.



Grande parte dos alunos são oriundos de outros pontos da cidade e até de outras freguesias do concelho, frequentando o A.T.L. do A.B.E.I. que funciona na mesma rua. Existem alguns casos pontuais de crianças que são apoiadas por familiares ou avós que residem no referido bairro.

Este Estabelecimento de Ensino tem uma especificidade desde há muitos anos atrás, que é o facto de ser uma escola de referência no ensino Bilingue, para crianças surdas. É



constituído por um edifício tipo P3 (de área aberta) que neste momento já tem as salas separadas. As suas instalações foram sofrendo, interiormente, algumas modificações, de acordo com as necessidades / alterações da oferta educativa da escola, sendo

atualmente as seguintes:

E.B.1 de À-dos-Bispos

Esta escola fica situada na localidade de À-dos-Bispos. Apesar de estar situada muito próxima da escola sede, o seu meio envolvente é rural, com as suas especificidades.

As suas instalações são exíguas e necessitam de uma intervenção urgente devido ao seu precário estado de conservação.



É constituída por: duas salas de aula, um Wall (que também funciona como pequena biblioteca improvisada), um pequeno refeitório, pátio exterior.



No pátio escolar existe um outro edifício que funcionou como Jardim de Infância, durante muitos anos, tendo sido encerrado no ano letivo 2011 / 2012, devido ao número reduzido de alunos matriculados, alunos esses,

posteriormente integrados nas salas de Pré-escolar a funcionar nas escolas E.B.1 Dr. Sousa Martins e E.B.1 N°4 de Vila Franca de Xira.

ANEXO IV - POPULAÇÃO ESCOLAR

Dados relativos a 2011-2012

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos, Vila Franca de Xira

Número de Alunos e Turmas				
UO / Escola / Ciclo / Ano	Nr. Alunos	Nr. Turmas	Idade Média	Sexo F
171414 Agrupamento de Escolas Dr. Sousa Martins	1311	59		
Basico	943	44		
200116	40	2		
Regular	40	2		
1º Ano	10	1	6,1	50,0%
2º Ano	7	1	7,3	42,86%
3º Ano	15	1	8,2	33,33%
4º Ano	8	1	9,6	50,0%
253492	132	7		
Regular	132	7		
1º Ano	21	2	6,1	66,67%
2º Ano	25	2	7,2	48,0%
3º Ano	47	4	8,2	40,43%
4º Ano	39	2	9,2	46,15%
294585	199	9		
Regular	199	9		
1º Ano	55	3	6,2	45,45%
2º Ano	61	4	7,1	49,18%
3º Ano	37	2	8,2	40,54%
4º Ano	46	2	9,1	50,0%
400403	572	26		
CEF	18	1		
T2	18	1	15,3	27,78%
Regular	554	25		
5º Ano	112	5	10,4	41,07%
6º Ano	124	6	11,5	47,58%
7º Ano	118	5	12,3	49,15%
8º Ano	106	5	13,5	50,94%
9º Ano	94	4	14,4	60,64%
Secundario	368	15		
400403	368	15		
Profissional	49	3		
1º Ano	19	1	17,0	31,58%
2º Ano	15	1	17,9	33,33%
3º Ano	15	1	18,5	100,0%
RegularCH	319	12		
10º Ano	136	5	15,3	48,53%
11º Ano	84	3	16,7	53,57%
12º Ano	99	4	17,5	51,52%
Total	1311	59		

Nota: não são contabilizados os alunos em situação de "Transferido"

Número de Alunos por Naturalidade	Bas	Sec	Total
Angola	4	5	9
Brasil	17	2	19
Suíça	3	1	4
Espanha	1		1
França	2	1	3
Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte	2	1	3
Guiné-Bissau	3		3
Moldávia	1	2	3
Moçambique	1		1
Portugal	902	347	1249
Roménia	4		4
Ucrânia	3	1	4
China		2	2
Cabo Verde		1	1
Geórgia		2	2
São Tomé e Príncipe		2	2
África do Sul		1	1

Número de Alunos por Computador e Internet			
Sec	Bas	Total	
N	30	67	97
S	3	5	8
N	16	63	79
S	319	808	1127
368	943	1311	

Número de Alunos por Filiação - Habilitações	Sec			Bas			Total
	Mãe	Pai	Total	Mãe	Pai	Total	
Doutoramento				2	6	8	8
Mestrado				7	11	18	18
Licenciatura	46	32	78	173	95	268	346
Bacharelato	11	7	18	28	18	46	64
Pós-graduação	2	1	3	1	2	3	6
Secundário	104	92	196	246	213	459	655
Básico (3º ciclo)	80	88	168	149	195	344	512
Básico (2º ciclo)	50	61	111	78	101	179	290
Básico (1º ciclo)	34	39	73	54	49	103	176
Sem Habilitações	9	6	15	17	15	32	47
Formação Desconhecida	29	34	63	182	227	409	472
Outra		1	1	3	2	5	6

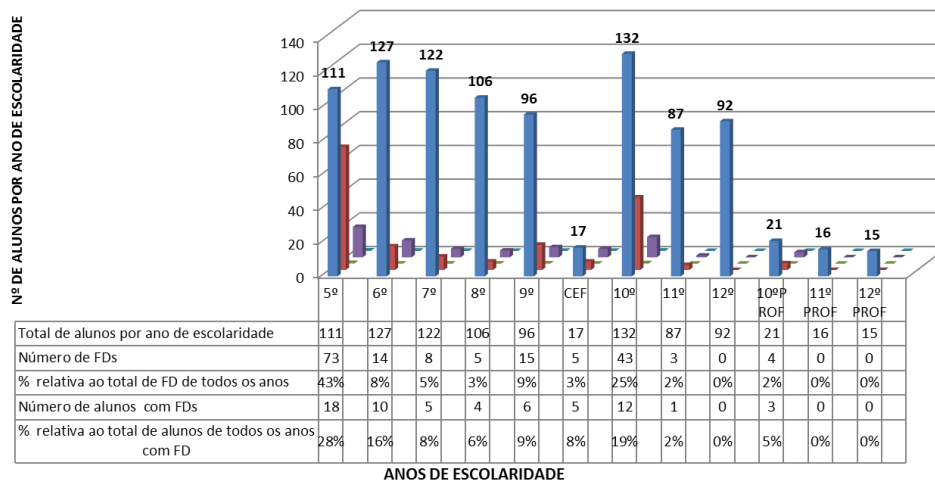
Alunos por escalão de Ação Social Escolar

Escolas Professor Reynaldo dos Santos, Vila Franca de Xira (Código 171414)

Escolas	Beneficiários ASE				Escalões Abono de Família			
	A	B	C	Total	1	2	3	Total
	149	140	0	289	118	104	1	224
200116	6	4	0	10	0	0	0	0
253492	8	6	0	14	0	0	0	0
294585	26	9	0	35	0	0	0	0
400403	109	121	0	230	118	104	1	224

Escola	Pessoal Docente	Administ.	Pessoal Não Docente		
			Assistentes Operacionais	Outros	Total
Jl do Bairro do Paraíso	1	0	1		
EB1 de À-dos-Bispos	2	0	1		
EB1 nº 4 de Vila Franca de Xira	7	0	4		
EB1 Dr. Sousa Martins	9	0	4		
EB1/JI nº 1 do Bom Retiro	1	0	1		
Esc.Sec. c/ 2º e 3º Ciclos Prof. Reynaldo dos Santos	109	8	20		
	129	8	31		

ALUNOS/FALTAS DISCIPLINARES DE TODA A ESCOLA



- Total de alunos por ano de escolaridade
- Número de FDs
- % relativa ao total de FD de todos os anos
- Número de alunos com FDs
- % relativa ao total de alunos de todos os anos com FD

ANEXO V - OFERTA EDUCATIVA – RESULTADOS ESCOLARES

Dados relativos a 2011-2012

Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos, Vila Franca de Xira

Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo	Taxa de Sucesso	
	da UO	Nacional
Básico	85,9%	89,47%
Regular	85,79%	89,64%
1º Ano	98,82%	100.0 %
2º Ano	88,04%	90.7 %
3º Ano	94,95%	95.7 %
4º Ano	90,32%	94.8 %
5º Ano	91,96%	90.1 %
6º Ano	82,26%	86.3 %
7º Ano	76,27%	82.1 %
8º Ano	78,1%	86.9 %
9º Ano	75,53%	82.3 %
CEF	92,86%	89,31%
Secundário	76,57%	81,62%

Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo	Transitou	Não Transitou ou	Concluiu	Não Concluiu	Anulou Matrícula	Transferido	Excluído por Faltas	Em ProcºA val.	Total
Básico	534	77	257	55	7	33		13	976
Secundário	177	35	63	45	18	9	2	28	377
Total	711	112	320	100	25	42	2	41	1353
Básico	55%	8%	26%	6%	6%	3%	0%	1%	
Secundário	47%	9%	6%	12%	12%	2%	1%	7%	

Número de Alunos por Situação de matrícula			
	Sec	Bas	Total
Transitou	177	534	711
Não Transitou	35	77	112
Concluiu	63	257	320
Não Concluiu	45	55	100
Anulou Matrícula	18	7	25
Transferido	9	33	42
Outra	2		2
Em processo de avaliação	28	13	41
Total	377	976	1353

ANEXO VI - INQUÉRITOS POR ENTREVISTA

A. ASSISTENTE OPERACIONAL

1. Guião

Guião da Entrevista à <u>Assistente Operacional</u>		
Temas	Objetivos	Questões / Items
A –Justificação da entrevista e esclarecimento da entrevistada. Promoção de um clima de confiança, e abertura e empatia.	1 – Justificar a entrevista e esclarecer a entrevistada 2–proporcionar um ambiente descontraído e de empatia, favorável à criação de uma interrelação positiva da entrevistadora e da entrevistada.	1 – Esclarecer a entrevistada sobre o tema e objetivos do trabalho, assim como das razões que lhe estão subjacentes. 2 – Destacar o papel da colaboração da entrevistada para o trabalho em questão. 3 – Esclarecer questões relativas ao anonimato 4 –Solicitar autorização para a gravação da entrevista 5- Criar um clima de abertura e confiança.
B – Dados pessoais relativos à entrevistada	1- Traçar o perfil individual da entrevistada	1- Não se importa de me dizer a sua idade? 2- E qual é a sua escolaridade? E ocupação profissional? 3- Há quanto tempo exerce estas funções? 4- E nesta escola?
D - Representação da entrevistada acerca da in/disciplina escolar	1- Definir o conceito de (in)disciplina	1- O que entende por indisciplina escolar? 2- Como se manifesta? (Na sala de aula, com os colegas, com os docentes e não docentes? Qual é a mais grave?)
	2- Identificar causas da (in)disciplina	Que razões podem estar na origem da indisciplina?
	3- Conhecer/compreender as representações da entrevistada face à (in)disciplina e sua evolução;	1- Na sua opinião, como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos? 2- Quais os alunos com maior grau de indisciplina? (Mais velhos ou mais novos, rapazes ou raparigas...?)
E- Representação dos encarregados de educação acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos	1- Conhecer e compreender a perceção da entrevistada sobre a (in)disciplina, na escola, e sua evolução.	1- Como avalia na nossa Escola, a in/disciplina? Como e onde é que ela mais se manifesta? (sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...) 2- Como tem evoluído o fenómeno da in/disciplina ao longo dos anos, nesta escola? 3- Como avalia a nossa Escola, comparativamente a outras do concelho,

		<p>em termos de in/disciplina? (sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...)</p> <p>4- Na escola, quem é que os alunos mais respeitam/ a quem obedecem mais? (direção/Diretor de turma/os seus professores do sexo masculino/ pessoal não docente /colegas mais velhos)</p> <p>5- Quais as manifestações de indisciplina mais significativas, na nossa Escola? Dentro e fora da sala de aula?</p> <p>6- Sente que os alunos estão seguros ?</p> <p>7- Quais os principais desafios com que os Assistentes Operacionais se debatem, no seu dia a dia, relativamente aos alunos?</p>
	2- Identificar causas da (in)disciplina, na nossa escola – fatores intrínsecos aos alunos; fatores inerentes à escola; fatores de origem sociofamiliar	<p>1- Na nossa escola, que fatores estarão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos? (falta de interesse, de respeito, de regras, de civismo, drogas, álcool,...?)</p> <p>2- E qual será a responsabilidade da escola/professor/funcionários ? (nº de alunos por turma, autoridade/atitude/idade/sexo do professor, respeito/empatia pelo professor, ...)</p> <p>3- E a família? Também tem responsabilidades neste domínio? Quais?</p>
	3- Identificar as estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina	Tem uma ideia de quais as medidas preventivas /disciplinares mais aplicadas pela escola?
	4- identificar a sua perceção quanto à eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção, reforços positivos e intervenção	Considera-as adequadas? Porquê?
F- Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar	Contribuir para a melhoria do clima de escola, através de propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	<p>1. Que outras medidas deviam/podiam ser adotadas para combater a indisciplina?</p> <p>2. Como se poderia otimizar o papel dos assistentes operacionais, neste domínio?</p> <p>3. Quer deixar-nos algumas sugestões?</p>
Agradecimento	Agradecer a disponibilidade e colaboração.	<p>Se quiser deixar mais alguma mensagem, contar-nos alguma experiência, esteja à vontade.</p> <p>Obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração e disponibilidade.</p>

2. Protocolo

E1 - Entrevista à Coordenadora das Assistentes Operacionais, Maria de Fátima Conceição Fonseca - realizada a 12 de junho de 2012

- Então, muito boa tarde D. Fátima...
- Boa tarde.
 - Muito obrigada, por ter logo acedido a fazer esta entrevista comigo. Como a senhora sabe, esta conversa que nós vamos ter vem na sequência de um trabalho de mestrado que eu ando a fazer, já há uns tempos, e ,portanto, esse trabalho como lhe tinha falado é sobre a disciplina e a indisciplina dos alunos. Eu estou a fazer na perspetiva dos Encarregados de Educação e na perspetiva também dos funcionários .Na perspetiva das funcionárias,....
- Sim, sim
 - ... pretendia fazer uma entrevista e achei que a senhora reunia mais condições para ser entrevistada porque domina muito bem aqui toda a dinâmica da escola. Antes de começar a colocar as perguntinhas, queria perguntar-lhe se, depois, no trabalho que eu vou realizar, se posso indicar o seu nome para pôr nos agradecimentos, ou se quer ficar em anonimato?
- Pode, pode Sra. Dra....
 - Posso pôr o nome?
- Pode, pode, pode não tem problema.....
- B – Dados pessoais relativos à entrevistada**
 - Sim senhora. Então, queria começar por lhe pedir que me contasse um bocadinho de si
- aaa.....
 - que se apresentasse.
- Sim.... bem... Chamo-me Maria de Fátima Conceição Fonseca, tenho ■ anos, sou Coordenadora do pessoal não docente e trabalho na escola Reynaldo dos Santos.... e gosto muito do que faço.....gosto muito de trabalhar na escola, gosto muito deste ambiente, gosto.....de trabalhar aqui....
 Áaaaa... vim trabalhar para a escola à hora, entretanto assinei contrato, o que tem sido muito bom para mim.
 - Há quanto tempo é que está com estas funções?
- Áaaa.....de assistente operacional, estou há..... doze, como coordenadora já quase há dois, que estou...
 - E na nossa escola está há.....
- Na nossa escola, na Reynaldo dos Santos, estou há 6 anos,... já fez seis anos.
 - O tempo passa...
- É verdade.
 - Este tema da disciplina e da indisciplina dos alunos; o que se sente, a nível geral, na escola?
- Sim
 - Todas as pessoas têm uma perceção sobre isso, professores dentro da sala de aula e fora da sala da aula, os assistentes operacionais....
- Sim..
 - Mais fora, mas também, às vezes, se apercebem do que se passa dentro da sala.
- Muito, muito, muito..... muito Sr. Dra.
- (C – Representação da entrevistada acerca da in/disciplina escolar)**
 - O que é que a Senhora entende por indisciplina escolar?
- Indisciplina escolar,..... por tanta coisa Sra. Dra. . Indisciplina é assim, acho que faz parte um bocado do que vem de casa já. Porque aaa....., já em casa não há grande disciplina e o

que depois se reflete também na indisciplina...escolar, porque.. já não há também, pronto reflete-se na indisciplina escolar, porque em casa já não há aquelas bases, de hoje em dia os pais terem a preocupação de...de... ajudar os filhos nos trabalhos da escola, de...de... falar com eles, de ensiná-los a respeitar, de...de... aa.... e depois, depois também um bocado a indisciplina na escola. Para mim, no meu ver, é hoje em dia os professores não terem grande autonomia, para poderem eles também.....

- Imporem
- Imporem-se um bocado e como não têm autonomia, eles fazem um bocadinho.....
 - O que podem.
- O que podem, pronto, e acho que isso..... acho que vem de casa e acho que depois os professores deviam de ter mais autonomia para poder... Como no meu tempo, não é Sra. Dra.?
- Pois
- Pronto, eu acho que, acho cada vez pior, e tenho um filho com 32 e tenho um com 23, ...que já houve diferença, e agora que eu trabalho na escola, então com miúdos do 5.º ano, é uma diferença, mas.....
 - A que níveis é que se nota mais essa indisciplina?
- A níveis
 - É mais dentro da sala de aula ou fora da sala, ou com os colegas, ou com os professores, ou com os funcionários.
- Ó sra. Dra. Eu acho que engloba tudo engloba tudo. Sabe o que é que, que eu Acho ã..... é assim, eu acho se for um professor..... que tenha..... posso..... se for um professor que..... consiga ter um bocadinho de pulso, e uma cara aí.... podem ter um bocadinho mais de respeito e aí tentar, mas se for um professor é isso que eu noto..... se for um professor que até seja..... queira ser simpático, queira ser agradável, queira..... queira... dar um bocadinho dele, eu acho que eles depois vão apalpando, vão vendo até que ponto é que eles podem ir, até ao ponto de depois começarem.... Isto nota-se no 5º.....vejo aí....há turmas que hm.....se, respeitam, impecáveis tanto lá dentro, como cá fora, ..mas há outras que depois é lá dentro e é cá fora.... e eu acho que é isso que eles começam a ver até qua..... até onde podem ir, e depois..... se o professor não...não for firme e e...e que haja disciplina mesmo.... seja mau, um bocadinho cara de mau, vá lá, como eu digo, acho que eles se vão aproveitando um bocadinho disso...
 - Ou seja, eles não reconhecem a boa vontade do professor em querer colaborar com eles?
- Não, não, não, não, não Sra Dra. Eles andam aqui...eu acho que hoje em dia, eles andam aqui por andar, eu, eu....acho que é isso. Porque é obrigado, obrigatório andar na escola até aos dezoito anos e eles andam na escola. Porque antigamente, nós na....na....na.....não dávamos para a escola é como eu digo passou do oito para oitenta. Não dávamos para a escola saíamos da escola, fazíamos a quarta classe, no meu tempo já foi obrigatório o 6.º ano, mas houve colegas minhas que não foram, foram trabalhar para o campo, trabalhar para o campo aprender costura, aprender isto aprender aquilo, agora não, é obrigatório até aos dezoito. Eles até andam, eu então dizia aos meus filhos, o que eu disse aos meus filhos..... só deixo chumbar um ano..... porque andar a passear livros, tenham paciência, isso não é comigo.
 - Pois, pois...
- Eu acho, que é um bocado, agora é obrigatório até aos 18 e eles até se deixam andar. Isto até..... andam aqui..... eu acho que não têm o respeito, obrigação..... sei lá..... não sei.....
 - Responsabilidade
- Responsabilidade, e acho que isso parte um bocadinho de casa, porque se houvesse mais regras, mais disciplina, mais a...gente também..... eu acho que,... que eles viam as coisas de outra maneira.
 - Por sofrerem mais consequências?

- Eu acho que sim, Sra Dra.. eu acho que sim,
 - Portanto..... o que é mais grave dentro da indisciplina, estamos a falar em termos gerais, não estamos a falar agora ainda da nossa escola.
- Sim, sim, sim, sim....
 - O que é mais grave, em termos de indisciplina, o que é que considera mais grave?
- Ah..... é assim, eu acho grave, sra. Dra., eles faltarem ao respeito, vá lá, entre aspas, faltarem ao respeito no sentido, não ligarem ao que o professor está a dizer, não terem aquele respeito, o professor falar e eles não respeitarem, acho isso.... Pronto.
 - Mas só com os professores?
- Aí., logo em primeiro , logo em primeiro lugar, porque é assim,.. eles já haviam de nos ver noutra perspetiva, ..o respeito ao professor.... em 1º lugar, que muita vez não têm, e.. em 2.º terem respeito a nós..... Como a sra. Dra. sabe, temos aqui o vigilante, e o vigilante volta costas e eles... e eles... ele ralha.....e ele volta as costas, e eles ..., no entanto é uma pessoa a quem eles deviam ter um bocadinho mais... de respeito.
A nós, nós chamamos a atenção, lá está, temos que mostrar um bocadinho cara feia, porque se nós estivermos ali até com um bocadinho mais de maneiras, não ligam nenhuma mas voltamos costas e eles tornam a fazer. Aí está, eles não.....não ligam, não..... não, não respeitam,..... não têm.....eu acho tão mau.... porque é assim..... são os miúdos do futuro.....mas eu para mim dentro da sala de aula acho que.....
 - Acha que é mais grave na sala de aula, fora da sala de aula? Estamos a falar em termos gerais.
- Sra. Dra., eu acho que dentro da sala de aula.....em 1º lugar.....para aprenderem. Porque é assim: uma coisa é a Sra Dra estar ali, uma professora estar ali, haver aquele respeito, aquela responsabilidade, trabalharem para aproveitarem, o tempo que o professor está também com eles, aí acho que ai, em prim.. é o essencial..... eu para mim é.....
 - E o resto seria à base do respeito.....
- Pronto
 - Das relações humanas
- Logo aí, logo aí era um começo, cá fora logo iria ser diferente. Não é, sra. Dra?
 - Exatamente
- Pronto, é o que eu acho.
 - Portanto, dentro da sala de aula o problema é que o fato de eles terem indisciplina, isso vai depois refletir-se nas aprendizagens deles?
- Ai, sim, sim ,sim, sim, sim, sim eu acho que é muito desmotivante para o professor. Isto....acho que é desmotivador.... eu, eu, eu, não sei se posso dizer, mas acho que é desmotivante para os professores.....verem que estão ali a perd.....uma coisa que se empenharam gostavam de dar aulas, e gostavam de, de gostam do que fazem e estar ali a trabalhar com os miúdos, a querer ter aquele aproveitamento, porque era bom para eles e é bom para nós, acho que é gratificante, nós vermos... chegarmos ao final do ano.... e acho que também é um bocadinho desmotivante para os professores....
 - Está a dizer que o rendimento dos alunos, depende muito, está muito condicionado pela indisciplina deles?
- Sim, sim, sim, sim, sim. Eu acho que sim Sra. Dra. Pelo menos é o que eu noto, eu acho que sim Sra. Dra, porque..... enfim.....
 - Pronto, já me disse mais ou menos, então o que é que..... apontou-me várias razões que podem estar na origem da indisciplina, não é?
- É verdade Sra. Dra. Logo eu acho que é assim.....logo aquele respeito de sentarem, ter a sua obrigação de porem logo tudo..... tudo organizado para começarem a trabalhar....aa.....logo isso começa com..... é bom para eles, porque realmente estão ali. O professor vê-se motivado porque eles estão ali querem aprender e começam logo a organizar as coisas para começarem a trabalhar, é bom para o professor, outra coisa é eles estarem até o professor mandar pôr as coisas eles não ligarem e estarem a falar com uma

- colega do lado, isso pronto..... eu aprecio e vejo muito isso, acho que é.....
tenho pena, tenho pena, muita pena.
- É um tempo perdido?
- Sim, sim, sim.
- Isso depois reflete-se no sucesso escolar?
- Pois, é verdade, eu acho que sim Sra. Dra.
- A senhora, por aquilo que me diz, estou a perceber que acha que essa é uma das razões, às vezes, pela qual os alunos não têm mais sucesso escolar?
- Sim, sim, sim, sim, sim
- Falta de trabalho, de empenho, de atenção?
- De empenho dentro da sala de aula, quer dizer a atenção porque os professores, coit... bem tentam e acho que cada vez os professores se empenham mais e cada vez há mais trabalho para os professores, para tentarem que eles..., puxar por eles mas..... Eles estão desmotivados, eles não ligam, na, na, não é uma seca...
- É uma seca diz a senhora.
- É uma seca, para eles, como nos dizem que é uma seca.
- Então, por aquilo que a D. Fátima me disse também, até deu o exemplo dos seus filhos, tem havido uma determinada evolução da disciplina, nos últimos anos?
- Sim, sim,, sim, sim eu noto muito porque..... Isto aí está, por exemplo, porque nós como mães.... Temos o direito de ir a uma reunião, de estarmos com..... eles no dia a dia, para já, no dia a dia, com eles, a trabalhar com eles e ver o que eles fazem o que não fazem. Castigar quando é preciso, na altura certa. E hoje em dia, não..... Os pais, como trabalham, tentam compensar de muita maneira. E como tentam compensare eles no fim são compensados sem aquele respeito, porque eu castiguei muito os meus filhos, sou sincera, castiguei muito, mas.....não sei se, até posso dar o exemplo: uma vez que eu pus o meu filho de .. castigo, ele ainda hoje fala nisso Sra. Dra. Durante os quinze dias de férias, o meu mais velho, eu pus de castigo, não teve ordem de ver televisão..... quando se sentava à mesa connosco, eu apagava a televisão...
- Era um castigo para cumprir mesmo?
- Sim, ía para o quarto trabalhar, fazer coisas de matemática, que eu o obrigava, mesmo sem ter grandes conhecimentos, mas, pelo menos, ele tinha que me copiar coisas que tinha.
- E essa percepção que a D. Fátima têm dos pais é por aquilo que também conhece dos pais.
- Sim
- Porque vê os alunos e conhece-os também fora de escola?
- Sim, também tenho, também posso contar um bocadinho.....
- Desculpe interromper, não é só dos alunos, não estamos ainda sequer a falar da nossa escola, estamos a falar em geral.
- Isso, no geral, no geral Sra.Dra.
- Conversa com outras colegas suas ?....
- Sim, sim, sim.
- de outra escola?
- Sim, sim e até com professores que eu conheço que trabalham noutras escolas, eu tenho uma essa coi....
- Colegas suas, se calhar também?
- E colegas minhas e depois tenho aa..... a outra parte..... é assim que eu vou contar que também....., peço desculpa à Sra. Dra. se eu me estou a alongar.
- Não, não.
- ...mas que também que eu notei em mim, do meu mais velho é como eu estava a dizer, à Sra. Dra, do meu mais novo,.....eu separei-me... o meu mais novo tinha oito anos... uma idade muito complicada. Muitas dificuldades, que eu passei, muitas dificuldades. Mas eu nunca deixei de estar presente, na vida do meu filho. Eu não ia a um café, eu não saía um fim-de-semana, não tinha dinheiro. Mas eu nunca deixei de estar presente.... Tive que fazer

de má, porque tive de fazer de pai e de mãe.... percebe Sra. Dra? Uma coisa é ele pedir-me, uma coisa é eu dizer que não posso comprar. Mas eu explico a razão que não posso: por isto, por aquilo. Outra coisa, é os pais não terem..... fazerem..... para que os filhos na...na...não sintam, não sei qual a ideia, hoje em dia dos pais... de facilitá-los, acham que assim é que está bem, facilitar, fazem um sacrificio...e dão, fazem, não sei o quê ... e dão. E, ao facilitarem, não estão a deixar que os miúdos notem neles, em casa, que há regras hááá.....há..

- Há responsabilidade.
- Há responsabilidade, tudo isso. Porque, muita vez, o meu Henrique me pediu coisas e eu não lhe pude dar. Que é mesmo assim. E fui má... pronto. Fui má, porque eu tive de fazer de pai e de mãe, ao mandá-lo estudar, passar os fins de semana, em casa fechada com ele a estudar. E ele ia para o pai, passear. E há muitos pais, não, então o pai não se preocupa, porque é que eu me vou preocupar? Eu ouço mães dizerem isto Sra. Dra. E não é assim, não é assim, porque nós temos que os chamar a tenção, temos de chamar à responsabilidade, temos que.....porque faz parte do crescimento deles, faz parte do futuro deles. Eles não sabem o que é que vão encontrar. Isto tudo se reflete...
 - D. Fátima, diga-me uma coisa. Acha diferença, estando a falar agora naquilo que se observa em geral também. Diferença de atitudes dos mais velhos e dos mais novos. Ou, por exemplo, dos rapazes para as raparigas. Há algum grupo que seja mais indisciplinado do que o outro, ou.... está a perceber o que eu estou....
- Há grupinhos ainda muito miúdos.....como deve ser, pronto, impecáveis. Há, há, há miúdos que são ainda, se encontra miúdos aaa...
 - Há mais indisciplina nos rapazes ou nas raparigas?
- Oh! Sra Dra!...
 - Pode dizer-se isso, ou não?
- Eu acho que é igual, segundo aqui....para mim é igual e.... ao passo que até eu tenho miúdos que são muito amiguinhos, acho os miúdos impecáveis. E há miúdas que são mal educadas, brutas, não têm respeito nenhum por nós..... e eu vejo isso. Acho que um bocadinho.... antigamente a gente dizia que os rapazes é que, as meninas, as meninas,.. e agora não,.. não noto isso.
 - Mas manifesta-se de maneira diferente essa indisciplina?
- Aa.....manifesta-se no sentido, acho que eles não são assim, até não são para nós como elas. Porque elas são brutas e até são mal educadas. E, por vezes, eles não, é mais.....aaaa..... noutro sentido, não são assim brutos nem mal educados para nós aa... Mais aquela de de.....
 - Barulho
- Pois essa parte, barulho, dizer asneiras....pronto, no fim, às vezes, até se tornam mais meiguinhos do que.....
 - Mas se calhar dizem asneiras mais entre eles e não para as funcionárias?
- Sim, sim, sim entre eles....
 - Elas são capazes de dizer também para as funcionárias é?
- Ainda a semana passada tive uma aluna, tão mal educada, ali na reprografia....
 - Mas elas tendem mais a isso do que eles? A dizerem palavras?
- Eu noto,... as raparigas, é verdade, é, é, eu noto mais,..... noto.....
 - A que é que isso se poderá dever?
-Aaanão sei.....sinceramente.....
 - Terá a ver com quê?
- Não sei..... sra. Dra.
 - Terá a ver com alguns hábitos delas?
- Aí está, talvez.....
 - Será que elas, em casa, eu não sei, estão mais habituadas a dizer isso para as mães do que para os pais?

- Às vezes, eu acho que sim, porque às vezes, até fico admirada da maneira como falam para os pais. Eu nunca autorizei os meus filhos a falarem para mim,... como rapazes. Acho que, às vezes, há uma linguagem um bocadinho.....
 - Grosseira
- Sim, sim, sim...acho...as me...elas brutas, mal educadas.... mesmo eu, eu..... digo isso, e até a nível de família, eu estou a falar, sobre, até,... acho isso...

(D- Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos)

- Ora bem! Então falámos aqui de indisciplina em termos gerais, mas claro, que a nossa escola já está aqui um bocadinho envolvida também.
- Sim, sim, sim
 - Mas, agora concretamente, aqui na nossa escola, qual é o maior, que tipo de disciplina ou de indisciplina que dá mais problemas? Na nossa escola, agora já estamos a falar concretamente da nossa escola.
- Sim, sim, sim. Eu acho que, por exemplo, para mim o que , o que eu acho, o que eu noto, estes miúdos...mais do 7.º, 8.º, 6.º, ali nessa.....nessa, nessas, idades os miúdos aaa..... nós estarmos a falar com eles, é assim muito à base de estragar, de destruir, de de....e nós falarmos com eles e eles não ligarem aaa.....
 - Do 7.º, do 8.º e do 9.º?
- É o que eu noto mais Sra. Dra.
 - E os 5.º e 6.º?
- Os 5.º..... os 6.º já começam atrás, os 5.º como vêm...do ninho, como eu costumo dizer, porque nós temos quer queiramos quer não, eles vêm para um mundo totalmente diferente. Coitadinhos, eles estão muito desprotegidos. Eu acho.....logo..... eles depois no fim, até começam também a ver os outros os 6.º, começam a juntar-se e já alguns, depois para o fim do 5.º ano, no final do ano já começam a querer acompanhar, mas de início não. Têm tendência ser, ...nós falamos eles..... chamamos a atenção e eles aceitam. Andam ali aquele grupinho mais junto dos 5.º, não se juntam tanto aos outros. Enquanto, a partir.....vá lá, do final do 6.º ano, quando começamos ir para o final, os do 6.º começam a juntar-se com os do 7.º e por aí, que depois..... os 9º não, os nonos já noto que já começam a acalmar mais e ter o grupo deles. Quando começam a misturar-se muito porque já querem juntar-se com os mais velhos, então vão ter com os do 7.º, do 8.º e já começam aí.....a.....
 - E os CEF
- Hum..... os CEF, pronto, são miúdos..... não vale a pena,... nós falarmos porque eles falam e nós falamos para eles, e eles não ligam nenhuma..... se for possível nós estamos a chamar a atenção, voltam-nos as costas....
 - Já tem observado isso também deles em relação aos professores?
- Ah! Sim, sim.....e e... daí eu estar, pronto, mais uma das razões com o professor e custame muito, porque lá está... a tal história... dos professores.....quererem... ser bons e quererem..... então quando dão o 1º ano com o CEF ficam.... Eu acho que é assim quando o professor vai.....
 - Primeiro impacto?
-não é? Quando o professor vai dar uma aula, que eles até já vêm, estão cá já há um ano, é é....os professores sentem muito, muito.....é verdade é muito.....
 - Doloroso?
- É , eu acho que sim.
 - Complicado?
- Eu acho que sim.
 - Preocupante. Mas... acha que há problemas de segurança? Portanto, esta indisciplina que se nota, também é em termos de..... reflete-se em termos de segurança dos alunos, na escola, ou não? Ou é mais a ... esta indisciplina.....
- Se acho que devia de haver mais segurança?

- Não, eu estou a perguntar; se a indisciplina, a indisciplina tem vários níveis, não é?
- Sim, sim, sim, sim...
 - Aquela indisciplina que nós verificamos aqui, na nossa escola, é uma indisciplina, como estivemos aqui a falar mais em termos de atitudes, comportamentos...(alguém bateu à porta.....só um momentinho) ou é também em termos de violência. Há violência na nossa escola?
- Não, não noto muito isso. Às vezes, é, é..... assim numas coisas da parte de violência, às vezes é uns arrufos entre eles, às vezes até por acusa de uma miúda, ...isso não, não, não noto, não, não, Sra. Dra. não.....
 - São mais coisas ligeiras?
- Sim, sim, sim às vezes....
 - Ciúmes?
- Pois, aquelas coisitas, pronto.
 - Mexericos?
- Pois, pois acho que sim. Não temos nada disso, assim aqui
 - E aqui na escola, tem-se verificado um aumento de indisciplina, ou não, nos últimos anos?
- Óh! Sra Dra... eu acho que cada vez está pior, mas é a nível,.. não é só na nossa escola.....por mais que nós queiramos, também há muita falta de pessoal para poder estar na vigilância; para poder chamá-los à atenção, para criar um bocadinho de disci....., ajudá-los a ter um bocadinho mais de disciplina. Porque é evidente, e eu sei, se estivermos na rua, e falarmos com eles e chamamos, não deves fazer isto, não deves fazer aquilo. Acho que eles a pouco e pouco vão.....agora se eles até forem fazendo, vão fazendo não há, não há.....
 - Orientação?
- vigilância, não há orientação e faz muita falta a vigilância, numa escola, muita falta...
 - Então, também por aquilo que ouve e até pela sua experiência anterior, como é que avalia a nossa escola relativamente a outras de Vila Franca ou do Concelho? Por aquilo que tem.... Tem alguma perceção?
- Olhe, pela perceção que eu tenho, e segundo o que eu me apercebo, acho que a nossa escola aqui está em número um, comparada com as outras duas que temos aqui, a Alves e aqui...
 - Número um no bom sentido?
- No bom sentido, no bom sentido, para mim.
 - Não é número um na indisciplina?
- Não, não, não, não, não, não, não, segundo eu ouço ao nível de de... outras escolas aqui Carregado, Castanheira tudo isso, eu noto, pelo que eu percebo e pelo que falam comigo que a nossa escola está.....
 - Está em situação mais controlada?
- Sim sim a situação está controlada, sim, sim...
 - Quem é que a senhora considera, que os alunos mais respeitam, quando digo alunos e alunos.... assim por ordem: é a direção, são os funcionários, são os professores?
- Quem eles mais respeitam? Só nós dizermos assim: olha,não estás a fazer caso do que eu digo, não é? Não estás a ligar? Então, é assim: eu vou chamar alguém da direção. Agora escolhe, ou vais ficar de castigo ou deixas, vais portar-te como deve ser.... Pronto, aí , eles se estiverem a fazer o disparate até se afastam, ..., pronto. Acho que só dizendo que vem alguém da direção, porque nós tentamos.... eu tento ser..... mostrar cara feia e ralhar. Mas alguns não ligam nenhuma. É como nós estarmos a dizer: sai daí, ..., pronto, não vale a pena.
 - Acha que eles têm mais respeito pelo sexo masculino do que pelo sexo feminino? Por exemplo, em termos de professores, em termos de funcionários? Ou é a mesma coisa?

- É assim: em termos de funcionários, como nós somos só mulheres, eles não ligam nenhuma.
 - Mas há um vigilante?
 - Quando é o vigilante, isso acho que há outro respeito.
 - Mas será por ser homem ou será por ser vigilante?
 - Acho que por ser homem. Também..... ao perceber o cargo que o senhor tem, não é Sra. Dra?. Por saber... porque mesmo a nível de de.... qualquer coisa , chega o Sr. Cristovão, eu explico e ele conversa com eles e.... aí..... tenta fazê-los compreender, mas se formos nós eles não ligam e se for com ele....já..... pois....
 - Qual é o maior desafio que as assistentes operacionais têm no seu dia a dia, dentro da Escola? Maior desafio em relação aos alunos.
 - O maior desafio?
 - Ó seja, o que é que dá mais, o que é que exige mais de vocês?
 - O que é que exige.....exige muito termos que estar, a ver se sou capaz de explicar. Exige muito de nós, chamá-los à atenção, fazê-los compreender, aaa..... insistir com eles a..... estar, ta..., exige muito de nós estar, estar, vá lá, todo o tempo a explicar, a chamá-los à atenção e a dizerem para não fazerem.....se calhar, haveria mais palavras.....
 - Aquela tensão permanente?
 - Sim, sim, sim, sim, sim...
 - Tentar influenciar o comportamento deles para a positiva,...não é?
 - Sim, sim, sim...é muito...
 - É um grande desafio?
 - É, é, é...
 - Tentar também fazê-los ver as coisas de outra maneira?
 - Pois,é, é, é.....
 - Portanto, no fundo, aquilo que a senhora há bocadinho falou, quando estávamos a falar da escola ,em geral, em relação ao que é que está na origem da disciplina ou da indisciplina, a responsabilidade dos professores Estávamos a falar no geral, mas eu percebi também, no fundo, estava a aplicar isso à nossa escola. Não é? Em termos da.....
 - Sim, sim, Sra. Dra.
 - Dos fatores que estão na origem da disciplina ou da indisciplina.
 - Sim, sim, sim, sim.....
 - Abordou várias questões.
 - Eu acho que isso é..... a todos os níveis da escola, de de..... não só aqui.....
 - E quando os pais vêm cá, à escola? Apercebe-se dessa situação,... da falta de controlo deles dos filhos?
 - Sim, sim sim, daí, a Sra. Dra. sabe que eu pertencia ao Pedagógico, não é? Já não pertença. E daí, eu estar sempre e achar que os pais deveriam de aparecer de surpresa e estar de longe a ver o comportamento..... porque uma coisa é estarem ao pé de nós. Foi uma coisa que eu...nunca acreditei naquilo que os meus filhos diziam. Eu tinha que, eu sabia que não era como eles diziam. E, hoje em dia, os pais, não, acreditam nos meninos, e não acreditam, se for preciso no que o professor diz, ou no que uma funcionária diz.... E daí, como acreditam é no menino e vai-se dar razão, é ao menino. Daí eles virem confrontar que a escola..... e acho que eles ao pé dos pais, são uma coisa.... Porque e... eu tenho filhos e vejo também que são assim. Eles ao pé de nós são uma coisa, mas por trás são outra. E há pais que não aceitam Sra. Dra.. Há pais que... na ideia deles: Áh! mas então o meu filho é tão bem comportado.... Eu sei isso desde que os meus filhos andaram na escola.
- (E- Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar)**
- De que maneira é que os pais podiam ultrapassar esse desconhecimento? Eles, no fundo, recusam-se, às vezes, a aceitar a realidade.
- Pois,
 - De que maneira é que eles podiam ultrapassar isso? Houve cá, já na escola, um caso de voluntariado.

- Sim, sim, sim, sim! Voluntariado... a senhora esteve cá e apercebia-se do filho. Ela própria via o filho o comportamento dele aqui e o comportamento que tinha quando andava....
 - Então, que outras medidas é que nós podíamos adotar para combater este fenómeno da indisciplina, para responsabilizar os meninos, os pais? Conhece agora o novo estatuto?
- Sim. Concordo..... concordo, que os pais vão ser responsabilizados pela indisciplina, pronto dos meninos. Concordo, só que..... pronto acho que devia ser levado mesmo.....
 - A preceito?
- Eu acho que sim. Acho que aí era capaz porque.....como costumamos dizer: antes de,..... antes de educarmos os filhos devíamos de educar os pais.
 - Sim, sim, sim
- Há casos assim, não é? Então assim talvez seja uma maneira de de.....
 - De os responsabilizar?
- De os responsabilizar e chamá-los à razão e ter a noção.....Não é Sra Dra?
 - Pois, pois...
- Aí o próprio pai começa a ter noção e começa das, das..... coisas que se passam e começa a ver a razão. Acho que há vários factos para os pais aí realmente terem a noção.....
 - Sentirem?
- Sentirem um bocadinho, pois e ao sentirem.....
 - Quer deixar-nos aqui mais alguma sugestão em termos do papel das assistentes operacionais, neste domínio?
- É assim, o papel das assistentes operacionais.....
 - Em geral...
- Em geral, em geral Sra. Dra..
 - Em geral e em particular.
- Nós fazemos um bocado aqui de ... de educadoras, como eu chamo, não é? A gente quando põe o filho na pré escola.....e acho que nós aqui..... também tínhamos de fazer um bocadinho... porque eles passam o dia aqui. Eles chegam a casa, se for preciso, muitos , 7 , 8 da noite, pouco estão com os pais. Porque o pai chega a casa tem que fazer o jantar, ou a mãe, tem de fazer o jantar, tem de fazer isto, tem de fazer aquilo. Depois, os pais têm o hábito de irem ao café, pouco ou nada, estão com os miúdos. E nós, aqui temos o dia-a-dia com eles. Devíamos também ter um bocadinho mais de tempo, sermos mais...aí está, para podermos conversar com eles.... Porque, às vezes, há miúdos que têm falta de carinho, eles têm, agarram-se a nós “ oh D. Fátima dê-me um abraço”, comigo e com as minhas colegas. E acho que faz muita falta as funcionárias.....
 - Ter mais funcionárias para ter mais tempo para se dedicarem a eles?
- Sim, sim, sim. Porque eu noto que na escola onde eu estava...não é?
 - Sim, sim,....?
- Éramos um tanto funcionárias, não é Sra. Dra?, A escola, como era mais pequena, como tinha só 5.º e 6.º, tanto que era mais vigiada, mais.... nós até conhecíamos os miúdos todos. E quando havia qualquer coisa a gente ia logo chamar o diretor de turma. O diretor de turma vinha acudir ao menino. Era mais protegida... havia outra...
 - É a favor das escolas mais pequenas?
- Sou, sou, sou.....sou e sou a favor de.....uma escola EB1....a escola E.B2, como chegou a ser.
 - As escolas separadas?
- Sim, sim, sim... acho que os meninos saem, logo aí, eles saem de um 4.º ano, quando eu digo que eles são muito protegidos, são meninos, são bebés, são crianças. Porque cada vez entram mais cedo para a escola. Não é? A gente vê os meninos entrar com cinco anos, porque fazem os seis anos... Não é Sra. Dra? Eles vêm tão pequeninos para um mundo totalmente diferente...Eu já não estou a levar para o secundário. Porque o secundário até não são miúdos que se intrometam, até são capazes de chamar a atenção. Eu acho que eles começam é a ver, aí está, essa fase dos 7.º, 8.º.... 6.º, 7.º, 8.º e começam a querer imitá-los. E daí os miúdos começam já a ir por outros meios.....

- Sim, sim, sim
- É o que eu acho.... é quando mas eu já notava isto, já anos atrás que eu noto isso e agora cada vez eu noto mais. Acho que é uma transição...uma diferença muito grande. Os meninos virem dum 1.º ciclo logo para uma escola secundária. Acho que deviam vir do 2.º e depois uma adaptação numa escola com o 5.º e 6.º porque já vão apanhar aqueles miúdos do 6.º ano, depois ali já vão com outra noção....
 - Mais maduros também?
- Já entram, então noutra, noutra fase do 7.º. eu acho que isso...
 - Deviam estar separados? Na sua opinião.
- Acho que sim, eu acho que sim sra. Dra. Eu acho que sim.
 - Muito bem
- Acho que sim. Os miúdos apercebem-se de muita coisa. E... sabe que os miúdos, eles para o lado do bem não veem as coisas, mas para o lado do mal... eles veem logo.
 - Deixam-se influenciar.
- Deixam-se influenciar. É isso....
 - Muito bem D. Fátima, estamos a chegar ao fim. Se a senhora quiser acrescentar mais alguma coisa. Já deu aqui um grande contributo.
- Se calhar havia muita coisa a falar. Não é Sra. Dra? Teríamos aqui....
 - O resto da tarde..
- Teríamos aqui muita coisa para falar.... mas dentro da..... minha, do que eu vejo, tanto falo aqui da escola, como a nível de todas as escolas, porque segundo eu vejo isso, e também pelo que eu passei com os meus filhos.
 - A experiência
- Hoje sou assistente operacional na escola. Estou dentro de uma escola, mas... lá por estar na escola, não estou a ver, realmente não estou a ver diferença de não estar na escola. Porque eu sempre exigi e fui muito rigorosa com os meus filhos.
 - Sempre teve relação com a escola.
- Sempre, sempre, sempre interessei-me sempre por reuniões. Enquanto há pais que passam um ano inteiro sem vir a uma reunião, à escola.
 - Têm que ser chamados.
- É muito importante... vir à reunião e em casa exigir deles e responsabilizá-los. Acho que é muito bom. E há pais que...
 - São os pais daqueles que mais precisam.
- E é isso mesmo Sra. Dra. É isso mesmo.
 - Muito bem D. Fátima. Agradeço-lhe muito este bocadinho que me cedeu. Sei que a Senhora está sempre muito, muito ocupada... e pronto muito obrigada e continuação de bom trabalho.
- De nada, obrigada à Sra. Dra. também por me ter escolhido a mim. E agradeço muito desculpe alguma coisa. Se calhar falei de mais..
 - Não falou nada. ...Obrigada D. Fátima.
- Obrigada Sra. Dra. também.

3. Análise de conteúdo

E1- Análise de Conteúdo - Entrevista à Assistente Operacional

Temas	Objectivos	Questões / Items	
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
A – Justificação da entrevista e esclarecimento da entrevista. Promoção de um clima de confiança, abertura e empatia.	1 – Justificar a entrevista esclarecer a entrevistada 2–proporcionar um ambiente descontraído e de empatia, favorável à criação de uma interrelação positiva da entrevistadora e da entrevistada.	1 – Esclarecer a entrevistada sobre o tema e objetivos do trabalho, assim como das razões que lhe estão subjacentes. 2 – Destacar o papel da colaboração da entrevistada para o trabalho em questão. 3 – Esclarecer questões relativas ao anonimato 4 –Solicitar autorização para a gravação da entrevista 5- Criar um clima de abertura e confiança.	
B – Dados pessoais relativos à entrevistada	2- Perfil individual da entrevistada	5- Nome	Maria de Fátima Conceição Fonseca
		6- Idade	██████████
		7- Estado civil	eu separei-me... o meu mais novo tinha oito anos
		8- Nº de filhos;	2
		9- Idade dos filhos	um filho com █████ e ... um com █████
		10- Agregado familiar	
		11- Escolaridade;	
		12- Ocupação profissional	Coordenadora do pessoal não docente ... na escola Reynaldo dos Santos
		13- Tempo em exercício de funções	assistente operacional, estou há..... doze, como coordenadora já quase há dois
		14- Tempo em exercício de funções, nesta escola	Na nossa escola, na Reynaldo dos Santos, estou há 6 anos,... já fez seis anos.
C - Representação da entrevista acerca da (in)disciplina escolar, em geral	3- Definição de (in)disciplina escolar	Conceção sobre indisciplina escolar	por tanta coisa reflete-se no sucesso escolar
	2- Situações de ocorrência de indisciplina escolar.		engloba tudo engloba tudo. Isto nota-se no 5º.....vejo aí....há turmas que hm.....se, respeitam, impecáveis tanto lá dentro, como cá fora, mas há outras que depois é lá dentro e é cá fora...
		Na sala de aula,	outra coisa é eles estarem até o professor mandar por as coisas eles não ligarem e estarem a falar com uma colega do lado, isso pronto.....eu aprecio e vejo muito isso, acho que é..... tenho pena, tenho pena, muita pena. tempo perdido Falta de empenho dentro da sala de aula, a atenção cada vez os professores se empenham mais e cada vez há mais trabalho para os

			professores, para tentarem estão desmotivados, eles não ligam é uma seca É uma seca, para eles, como nos dizem que é uma seca
		Com colegas,	
		Com docentes	
		Com não docentes	temos aqui o vigilante, e o vigilante volta costas e eles... e eles... ele ralha.....e ele volta as costas, e eles ..., no entanto é uma pessoa a quem eles deviam ter um bocadinho mais de respeito. A nós, nós chamamos a atenção, lá está, temos que mostrar um bocadinho cara feia, porque se nós estivermos ali até com um bocadinho mais de maneiras, não ligam nenhuma mas voltamos costas e eles tornam a fazer. Aí está, eles não.....não ligam, não..... não, não respeitam,..... não têm.....eu acho tão mau..... porque é assi..... são os miúdos do futuro.....
	1- Grau gravidade	Grau de gravidade	faltarem ao respeito... não liguem ao que o professor está a dizer, não terem aquele respeito, o professor falar e eles não respeitarem, acho isso Aí..., logo em primeiro , logo em primeiro lugar, porque é assim, eles já haviam de nos ver noutra perspetiva, o respeito ao professor.... em 1º lugar, que muita vez não têm, mais grave dentro da sala de aulaeu acho que dentro da sala de aula.....em 1º lugar.....para aprenderem. um professor estar ali, haver aquele respeito, aquela responsabilidade, trabalharem para aproveitarem, o tempo que o professor está também com eles, aí acho que ai, em prim.. é o essencial Ai, sim, sim ,sim, sim, sim, sim eu acho que é muito desmotivante para o professor. Isto....acho que é desmotivador.... eu, eu, eu, não sei se posso dizer, mas acho que é desmotivante para os professores.....verem que estão ali a per.....uma coisa que se empenharam gostavam de dar aulas, e gostavam de, de gostam do que fazem e estar ali a trabalhar com os miúdos, a querer ter aquele aproveitamento, porque era bom para eles e é bom para nós, acho que é gratificante, nós vermos chegarmos ao final do ano..... e acho que também é um bocadinho desmotivante para os professores.... o rendimento dos alunos, depende muito, está muito condicionado pela indisciplina deles e em 2.º terem respeito a nós
	2- Causas da (in)disciplina	Razões na origem da indisciplina	faz parte um bocado do que vem de casa já. já em casa não há grande disciplina depois se reflete também na indisciplina...escolar em casa já não há aquelas bases, de hoje em dia os pais terem a preocupação de...de... ajudar os filhos nos trabalhos da escola, de...de... falar com eles, de ensiná-los a respeitar, de....de... aa.... e depois, acho que vem de casa

			<p>hoje em dia os professores não terem grande autonomia, para poderem eles também..... Imporem-se um bocado e como não têm autonomia, eles fazem um bocadinho..... acho que depois os professores deviam de ter mais autonomia para poder... Como no meu tempo, não é Sra. Dra.?</p> <p>agora é obrigatório até aos 18 e eles até se deixam andar andam aqui..... eu acho que não tem o respeito, obrigação</p> <p>Responsabilidade, e acho que isso parte um bocadinho de casa, porque se houvesse mais regras, mais disciplina, mais a...gente também..... eu acho que,... que eles viam as coisas de outra maneira.</p> <p>sofrerem mais consequências</p> <p>respeito de se sentarem, ter a sua obrigação de porem logo tudo..... tudo organizado para começarem a trabalhar...aa.....</p> <p>Os pais, como trabalham, tentam compensar de muita maneira</p> <p>eles no fim são compensados sem aquele respeito</p> <p>Conversa com outras colegas... de outra escolae até com professores que eu conheço que trabalham noutras escolas</p>
3- Perceções da entrevistada, face à(in)disciplina	Evolução da (in)disciplina		<p>eu acho que, acho cada vez pior, e tenho um filho com 32 e tenho um com 23, em que já houve diferença, e agora que eu trabalho na escola, então com miúdos do 5.º ano, é uma diferença</p> <p>Eles andam aqui...eu acho que hoje em dia, eles andam aqui por andar, eu, eu...acho que é isso. Porque é obrigado, obrigatório andar na escola até aos dezoito anos e eles andam na escola. Porque antigamente, nós na...na...na.....não dávamos para a escola.. é como eu digo passou do oito para oitenta. Não dávamos para a escola, saíamos da escola, fazíamos a quarta classe, no meu tempo já foi obrigatório o 6.º ano, mas houve colegas minhas que não foram, ...foram trabalhar para o campo, trabalhar para o campo aprender costura, aprender isto aprender aquilo, agora não, é obrigatório até aos dezoito anos. Eles até andam, eu então dizia aos meus filhos, o que eu disse aos meus filhos..... só deixo chumbar um ano..... porque andar a passear livros, tenham paciência, isso não é comigo. Castigar quando é preciso, na altura certa. E hoje em dia, não</p>
		Interrelação (in)disciplina / idade	

		Interrelação (in)disciplina / sexo	<p>é igual, segundo aqui...para mim é igual tenho miúdos que são muito amiguinhos, acho os miúdos impecáveis. E há miúdas que são mal educadas, brutas, não têm respeito nenhum</p> <p>antigamente a gente dizia que os rapazes é que, as meninas, as meninas, e agora não, não noto isso</p> <p>elas são brutas e até são mal educadas</p> <p>E, por vezes, eles não, é mais....aaaa.....</p> <p>noutro sentido, não são assim brutos nem mal educados para nósessa parte barulho, dizer asneiras</p> <p>às vezes, até se tornam mais meiguinhos do que</p> <p>asneiras mais entre eles e não para as funcionárias</p> <p>palavrões ...Eu noto, as raparigas, é verdade, é ..é, eu noto mais</p> <p>às vezes, até fico admirada da maneira como falam para os pais. Acho que às vezes há uma linguagem um bocadinho... Grosseira elas brutas, mal educadas.... mesmo eu eu..... digo isso, e até a nível de família,</p>
D- Representação da entrevista acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos	1- Perceções sobre in/disciplina	idades	<p>estes miúdos...mais do 7.º, 8.º, 6.º, ali nessa.....nessa, nessas, idades os miúdos aaa..... nós estamos a falar com eles, é assim muito à base de estragar, de destruir, de de....e nós falarmos com eles e eles não ligarem aaa..... os 6.º já começam atrás os 5.º como vêm do ninho</p> <p>para o fim do 5.º ano, no final do ano já começam a querer acompanhar, mas de início não. Têm tendência ser, nós falamos eles..... chamamos a atenção e eles aceitam. Andam ali aquele grupinho mais junto dos 5.º, não se juntam tanto aos outros. Enquanto, a partir.....vá lá, do final do 6.º ano, quando começamos ir para o final, os do 6.º começam a juntar-se com os do 7.º e por aí, que depois..... os 9º não, os nonos já noto que já começam a acalmar mais e tem o grupo deles.</p> <p>Quando começam a misturar-se muito porque já querem juntar-se com os mais velhos, então vão ter com os do 7.º, do 8.º e já começam aí</p> <p>A gente vê os meninos entrar com cinco anos, porque fazem os seis anos. ... Eu já não estou a levar para o secundário. Porque os secundários até não são miúdos que se intrometam, até são capazes de chamar a atenção. Eu acho que eles começam é a ver, aí está, essa fase dos 7.º, 8.º. 6.º, 7.º, 8.º e começam a querer imitá-los. E daí os miúdos começarem já a ir por outros meios.....</p> <p>Acho que é uma transição...uma diferença muito grande. Os meninos virem dum 1.º ciclo logo para uma escola secundária. Acho que deviam vir do 2.º e depois uma adaptação numa escola com o 5.º e 6.º já vão apanhar aqueles miúdos do 6.º ano, depois ali já vão com outra noção.... Deixam-se influenciar</p> <p>os CEF... não vale a pena, nós falamos porque eles falam e nós falamos para eles, e eles não ligam nenhuma..... se for possível</p>

			nós estamos a chamar a atenção, voltam-nos as costas... Também em relação aos professores
	O grau gravidade de in/disciplina		Não, não noto muito isso(violência). às vezes é uns arrufos entre eles, às vezes até por acusa de uma miúda, isso(violência) não, não, não noto, não, não São mais coisas ligeiras Ciúmes, Mexericos
	Evolução da (in)disciplina		eu acho que cada vez está pior, mas é a nível, não é só na nossa escola...
2- Situações de ocorrência de indisciplina escolar.	Na sala de aula,		quando dão o 1º ano com o CEF... Doloroso... Complicado Preocupante.
	Fora da sala de aula		
	Com colegas,		
	Com docentes		CEF -
	Com não docentes		
Figuras de referencia em termos de autoridade/obediência com mais impacto sobre os alunos	Civismo		
	Direção		Só nós dizermos assim: olha não estás a fazer caso do que eu digo, não é? Não estás a ligar? Então, é assim: eu vou chamar alguém da direção. Agora escolhe, ou vais ficar de castigo ou deixas, vais portar-te como deve ser.... Pronto, aí ,eles se estiverem a fazer o disparate até se afastam, ..., pronto. Acho que só dizendo que vem alguém da direção,
	Diretor de turma		
	Os seus professores		
	Pessoal não docente		eu tento ser..... mostrar cara feia e ralhar. Mas alguns não ligam nenhuma. É como nós estarmos a dizer: sai daí, ..., pronto, não vale a pena.
	Colegas mais velhos		
	Papel do sexo para o exercício da autoridade		em termos de funcionários, como nós somos só mulheres, eles não ligam nenhuma Quando é o vigilante, isso acho que há outro respeito por ser homem porque mesmo a nível de de.... qualquer coisa , chega o Sr. Cristovão, eu explico e ele conversa com eles e.... aí..... tenta fazê-los compreender, mas se formos nós eles não ligam e se for com ele....já..... pois....
Segurança dos alunos	Grau de segurança dos alunos		
A indisciplina da escola reltivamente às demais escolas do concelho	(sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...)		acho que a nossa escola aqui está em número um, comparada com as outras duas que temos aqui, a Alves e aqui.. em número um...no bom sentido segundo eu ouço.. pelo que eu percebo e pelo que falam comigo a nossa escola está... em situação mais controlada Sim sim a situação está controlada, sim, sim
Causas da (in)disciplina, na nossa escola	fatores intrínsecos aos alunos; (falta de interesse, de respeito, de regras, de civismo, drogas, álcool,...?)		a todos os níveis da escola
	factores inerentes à escola? (nº de alunos por turma, autoridade/atitude/idade/sexo do professor, respeito/empatia pelo professor,		a todos os níveis da escola se for um professor que.....consiga ter um bocadinho de pulso, e uma cara aí.... podem ter um bocadinho mais de respeito e aí tentar, mas se for um professor é isso que eu noto..... se for um professor que até seja..... queira ser simpático, queira ser agradável, queira..... queira... dar um bocadinho dele, eu acho que eles depois vão

		<p>apalpando, vão vendo até que ponto é que eles podem ir, até ao ponto de depois começarem. e eu acho que é isso que eles começam a ver até qua..... até onde podem ir, e depois..... se o professor não...não for firme e e...e que haja disciplina mesmo.... Seja mau, um bocadinho cara de mau, vá lá, como eu digo, acho que eles se vão aproveitando um bocadinho disso...</p> <p>muita falta de pessoal para poder estar na VIGILÂNCIA; para poder chamá-los à atenção, para criar um bocadinho de dis....., ajudá-los a ter um bocadinho mais de disciplina</p> <p>se estivermos na rua, e falarmos com eles e chamamos, não deves fazer isto, não deves fazer aquilo. Acho que eles a pouco e pouco vão</p> <p>não há, não há.. vigilância, não há orientação e faz muita falta a vigilância, numa escola, muita falta</p>
	factores de origem sociofamiliar	<p>a todos os níveis da escola</p> <p>E hoje em dia os pais, não, acreditam nos meninos, e não acreditam, se for preciso no que o professor diz, ou no que uma funcionária diz.... E daí, como acreditam é no menino e vai-se dar razão, é ao menino. Daí eles virem confrontar que a escola..... e acho que eles ao pé dos pais, são uma coisa.... Porque e... eu tenho filhos e vejo também que são assim. Eles ao pé de nós são uma coisa mas por trás são outra. E há pais que não aceitam Sra. Dra.. Há pais que na ideia deles: Ah! mas então o meu filho é tão bem comportado. Eu sei isso desde que os meus filhos andaram na escola.</p> <p>Porque o pai chega a casa tem que fazer o jantar, ou a mãe tem de fazer o jantar, tem de fazer isto, tem de fazer aquilo. Depois, os pais têm o hábito de irem ao café, pouco ou nada, estão com os miúdos.</p> <p>há pais que passam um ano inteiro sem vir a uma reunião, à escola.</p>
	estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina	medidas disciplinares mais aplicadas na escola
	eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina–prevenção, reforços positivos e intervenção	Adequação das medidas
	Papel dos assistentes operacionais	<p>Interação com os alunos.</p> <p>Exige muito de nós, chamá-los à atenção, fazê-los compreender, aaa..... insistir com eles a..... estar, ta..., exige muito de nós estar, estar, vá lá, todo o tempo a explicar, a chamá-los à atenção e a dizerem para não fazerem</p> <p>Tentar influenciar o comportamento deles para a positiva</p> <p>Tentar também fazê-los ver as coisas de outra maneira</p> <p>Nós fazemos um bocado aqui de de educadoras</p>

E-Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar	Contributo para a melhoria do clima de escola, através de propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	Propostas de novas medidas (preventivas/interventivas) para combater a indisciplina	<p>os pais deveriam de aparecer de surpresa e estar de longe a ver o comportamento.... porque uma coisa é estarem ao pé de nós. Voluntariado... a senhora esteve cá e apercebia-se do filho. Ela própria via o filho o comportamento dele aqui e o comportamento que tinha quando andava</p> <p>Novo estatuto - concordo, que os pais vão ser responsabilizados pela indisciplina, pronto dos meninos. Concordo, só que..... pronto acho que devia ser levado mesmo.....</p> <p>A preceito?</p> <p>...antes de educarmos os filhos devíamos de educar os pais.De os responsabilizar e chamá-los à razão e ter a noção</p> <p>...Acho que há vários factos para os pais aí realmente terem a noção..... Aí o próprio pai começa a ter noção e começa das, das..... coisas que se passam e começa a ver a razão.</p> <p>....Sentirem um bocadinho, pois e ao sentirem.....</p>
		Sugestões para otimizar o papel das assistentes operacionais, em termos de disciplina dos alunos	<p>nós aqui..... também tínhamos de fazer um bocadinho (mais de educadoras) porque eles passam o dia aqui. Eles chegam a casa, se preciso muito tarde, 7 ou 8 da noite, pouco estão com os pais.</p> <p>E nós, aqui temos o dia-a-dia com eles. Devíamos também ter um bocadinho mais de tempo, sermos mais.....aí está, para podermos conversar com eles.... Porque, às vezes, há miúdos que têm falta de carinho, eles têm, agarram-se a nós “ oh D. Fátima dê-me um abraço”, comigo e com as minhas colegas. E acho que faz muita falta as funcionárias.....</p> <p>Ter mais funcionárias para ter mais tempo para se dedicarem a eles</p> <p>Porque eu noto que na escola onde eu estava... como era mais pequena, como tinha só 5.º e 6.º, tanto que era mais vigiada, mais.... nós até conhecíamos os miúdos todos. E quando havia qualquer coisa a gente ia logo chamar o diretor de turma.</p> <p>a favor das escolas mais pequenas</p> <p>escolas separadas ...Eles vêm tão pequeninos para um mundo totalmente diferente...</p>
	Outros testemunhos	Expressão livre	Deviam estar separados(os 5ºe6º, dos outros)

B. VOLUNTÁRIA ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO

1. Guião

Guião da Entrevista à Voluntária Encarregada de Educação		
Temas	Objetivos	Questões / Items
A –Justificação da entrevista e esclarecimento da entrevistada. Promoção de um clima de confiança, abertura e empatia.	1 – Justificar a entrevista esclarecer a entrevistada 2–proporcionar um ambiente descontraído e de empatia, favorável à criação de uma interrelação positiva da entrevistadora e da entrevistada.	1 – Esclarecer a entrevistada sobre o tema e objetivos do trabalho, assim como das razões que lhe estão subjacentes. 2 – Destacar o papel da colaboração da entrevistada para o trabalho em questão. 3 – Esclarecer questões relativas ao anonimato 4 –Solicitar autorização para a gravação da entrevista 5- Criar um clima de abertura e confiança.
B – Dados pessoais relativos à entrevistada e educando	3- Traçar o perfil individual da entrevistada	15- Não se importa de me dizer a sua idade? 16- É casada, não é? 17- Tem mais filhos? Idade? 18- Vivem todos juntos? 19- E qual é a sua escolaridade? E ocupação profissional? 20- É mãe do seu educando, certo? 21- Durante quanto tempo foi voluntária, na escola? Em que período?
	4- Traçar o perfil individual do educando enquanto complemento de caracterização da entrevistada	1- Que idade tem o seu educando? 2- Em que ano de escolaridade está ele? 3- Beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?
	5- Traçar o perfil do inquirido enquanto encarregado de educação	4- Como é que se define, enquanto Enc. de Educação? (É uma Enc. de Educação presente? Acompanha o seu educando, tem contato com a escola? Como?) 5- Como é que define o seu educando, enquanto aluno? (Em termos de aproveitamento, comportamento, relação com os professores, colegas, assistentes operacionais...)
D - Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar	4- Definir o conceito de (in)disciplina	4- O que entende por indisciplina escolar? 5- Como se manifesta? Na sala de aula, com os colegas, com os docentes e não docentes? Qual é a mais grave?
	5- Identificar causas da (in)disciplina	Que razões podem estar na origem da indisciplina?
	6- Conhecer/compreender as representações da entrevistada, face à	3- O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? Como reagiu? 4- Na sua opinião, como tem evoluído o

	(in)disciplina e sua evolução;	fenómeno da indisciplina ao longo dos anos? 5- Quais os alunos com maior grau de indisciplina? (Mais velhos ou mais novos, rapazes ou raparigas...?)
E- Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos	5- Conhecer e compreender a percepção da entrevistada sobre a (in)disciplina, na escola, e sua evolução.	8- Como avalia na nossa Escola, a in/disciplina? Como e onde é que ela mais se manifesta? (sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...) 9- Como tem evoluído o fenómeno da in/disciplina ao longo dos anos, nesta escola? 10- Como avalia a nossa Escola, comparativamente a outras do concelho, em termos de in/disciplina? (sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...) 11- Na escola, quem é que o seu educando/a mais respeita/ a quem obedece mais? (direção/Diretor de turma/os seus professores do sexo masculino/ pessoal não docente /colegas mais velhos) 12- Quais as manifestações de indisciplina mais significativas, na nossa Escola? Dentro e fora da sala de aula? 13- Sente que o seu educando está seguro ?
	6- Identificar causas da (in)disciplina, na nossa escola – fatores intrínsecos aos alunos; fatores inerentes à escola; fatores de origem sociofamiliar	4- Na nossa escola, que fatores estarão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos? (falta de interesse, de respeito, de regras, de civismo, drogas, álcool,...?) 5- E qual será a responsabilidade da escola/professor ? (nº de alunos por turma, autoridade/atitude/idade/sexo do professor, respeito/empatia pelo professor, ...) 6- E a família? Também tem responsabilidades neste domínio? Quais?
	7- Identificar as estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina	Tem uma ideia de quais as medidas preventivas /disciplinares mais aplicadas pela escola?
	8- identificar a sua percepção quanto à eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção, reforços positivos e intervenção	Considera-as adequadas?
F- Propostas	1. Contribuir para a melhoria do clima de escola, através de	Que outras medidas deviam/podiam ser adotadas para combater a indisciplina?

para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar	propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	
	2. Retratar a experiência de uma encarregada de educação, a realizar trabalho voluntário, na escola.	1- Foi a única pessoa a trabalhar como voluntária, na nossa escola. Gostaria, agora que nos falasse um pouco da sua experiência, como voluntária. 2- O que a levou a esta decisão? 3- Tinha horário de trabalho definido? O que fazia? 4- Como é que define esta experiência? 5- Refletiu-se sobre a sua visão da escola? Dos professores, dos alunos, dos funcionários? Como? 6- E da in/disciplina e dos alunos? 7- Na sua opinião e com base no que observou, onde estarão as origens da in/disciplina dos alunos? 8- Aconselharia esta experiência a outros encarregados de educação? 9- Voltaria a repetir a experiência ? 10- Quer-nos acrescentar algo mais sobre a sua experiência?
	3. Incentivar o envolvimento ativo da entrevistada na implementação de novas práticas promotoras do bom ambiente, na escola	Que outros contributos estaria disposta a dar?
Agradecimento	Agradecer a disponibilidade e colaboração.	Agradeço a sua colaboração e disponibilidade. Se quiser deixar mais alguma mensagem, esteja à vontade.

2. Protocolo

E2 - Entrevista à Encarregada de Educação, ex-voluntária, enquanto Assistente Operacional – realizada a 22 de junho de 2012

- D. Célia, agradeço a sua disponibilidade em estar aqui comigo a fazer esta entrevista. Tal como eu já lhe tinha dito, esta entrevista, surge no âmbito de um trabalho de mestrado para a Universidade Aberta e, portanto, é um trabalho que tem a ver com disciplina e indisciplina dos alunos ...
- Hm...hm
 - e eu faço precisamente a parte que tem a ver com a perspetiva dos encarregados de educação e dos funcionários....
- certo
 - não sei se lhe calhou também a si algum inquérito, porque.. nós, o ano passado, fizemos inquéritos cá na escola sobre a disciplina e a indisciplina.
- Sim, sim, sim, sim...
 - Não foram a todos os alunos
- Não, não recebi...
 - mas uma grande parte dos alunos levaram, portanto foi aleatoriamente
- Sim
 - podia ter-lhe calhado ou não e, no fundo, as perguntas que eu agora lhe vou colocar têm a ver alguma coisa, com isso .
- Tem a ver
 - para se cruzar exatamente com as perguntas que foram feitas naquela altura mas aquela é tipo inquérito e aqui para ter também uma visão pessoal, e como eu também vou fazer da parte da ótica, não só dos encarregados de educação, mas também dos funcionários portanto...
- Hm...hm
 - interessava-me ter também alguém que intercalasse aqui as duas facetas. (...)
 - Ora bem, então, uma questão que eu gostava de lhe colocar é se não se importa que o seu nome depois apareça no trabalho que vai ser escrito nos agradecimentos, ou se prefere que fique no anonimato.
- Não, pode aparecer o meu nome.
 - Pronto. Assim tenho todo o gosto em lhe agradecer, não é verdade? Então, gostava de saber algumas informações, no que respeita à sua idade; é casada, tem mais filhos?
- **B – Dados pessoais relativos à entrevistada e educando**
- Sim, tenho 38 anos, sou casada e tenho dois filhos.
 - vivem todos juntos não é?
- Sim, todos juntos.
 - Portanto, os seus filhos têm que idades?
- Um tem treze e outro tem dois.
 - O com treze anos, treze anos é que anda aqui na escola?
- Exato
 - Obviamente, não é? A sua escolaridade?
- Décimo primeiro.
 - E a sua ocupação profissional?
- Consultora de moda.
 - E, foi também, desenvolveu também a função de voluntária aqui na nossa escola.
- Hm...hm...sim
 - E foi durante quanto tempo e quando?
- Um ano, de dois mil e nove a dois mil e dez.
 - No ano dois mil e nove e dois mil e dez exato.
- Sim, no ano dois mil e nove dois mil e dez.
 - Foi depois na altura que ficou grávida?
- Exato, depois engravidei, sim.

- E portanto depois teve que deixar. Entretanto, também naquela altura estava desempregada?
- Estava, estava desempregada. Optei por fazer o voluntariado.
 - Exatamente, fez muito bem.
- Pois fiz.
 - Foi um exemplo único, até agora.
- Pois, infelizmente.
 - Exatamente.
 - O seu menino, portanto tem treze anos, não è? E está em que ano de escolaridade?
- No sexto ano.
 - No sexto ano, não tem apoios sociais? Pois não?
- Não, não, não tem.
 - Como é que se define enquanto Encarregada de Educação?
- Sou uma Encarregada presente, bastante presente, haa.... Acho que sou uma boa Encarregada de Educação.
 - Hmm... tem contato
- Tenho bastante contato...
 - Com a escola?
- Com a escola, sim.
 - Com a diretora de turma? Sobretudo?
- Sim . Claro. Sobretudo com a diretora de turma.
 - Exatamente . Portanto , vem às reuniões?
- Sim, sempre.
 - Mas quando necessita de alguma coisa, também telefona ou vem cá. Mora aqui perto ?
- Sim, sim, sim, telefono quando tenho alguma dúvida, sim claro.
 - Exato. E o seu educando como é que o define enquanto aluno?
- Ah... o meu educando é uma criança que tem... alguns problemas a nível de concentração, comportamento, mas pronto nada de grave. Mas ...
 - O comportamento é o quê ? Mais falar nas aulas?
- Falar nas aulas, sim, sobretudo falar nas aulas, só, não tenho tido outros problemas, pelo menos até à data. Mas... desconcentra-se..
 - O conversar nas aulas chega-lhe a causar dificuldade....
- Claro que sim....
 - relação com os professores ou não chega a tanto?
- Não, com os professores, não, penso que não....
 - Mas quando eles advertem?
- Claro...
 - Exato. E o relacionamento dele também com as assistentes operacionais?
- Sim, é bom comportamento
 - Sente-se bem na escola?
- Sim, sim gosta imenso da Escola ...
 - E gosta de vir para a Escola?
- Gosta de vir para a Escola pelo menos...
 - Isso é meio caminho andado...

C- Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar, em geral

Em termos de... indisciplina escolar, em termos gerais, o que entende por indisciplina escolar? Este tipo de comportamento do seu filhote , nas aulas, gostar de falar,... isso será indisciplina escolar?

- Sim, também, penso que sim. Porque desconcentra-se, acaba por... desconcentrar-se e... também os colegas pelo menos e acaba por haver ali....
 - Desconcentração, o que depois se reflete nos resultados escolares.
- Claro, que sim. Infelizmente.
 - Em nada se consegue, a falta de concentração,....
- Nada mesmo
 - ...depois compreender as coisas.
 - O que é que acha que é a forma de manifestação indisciplina escolar, o que será mais grave, será na sala de aula, será fora da sala de aula, em termos gerais, ..
- Tudo
 - estamos a falar em docentes não docentes..

- Eu acho que sim que é com tudo: dentro da sala, fora da sala...
 - Cada um com as suas, dentro da sala tem os efeitos diretos sobre os resultados.
 - Claro
 - Que razões, ou será que há razões, que podem estar na origem da indisciplina? Razões específicas. O que poderá levar os alunos a serem indisciplinados, a terem estas manifestações de indisciplina?
 - Os pais, Encarregados de Educação, muitas vezes não estarem presentes também... não...
 - Na aula, o que será que os leva, a... eles no fundo sabem que se não estiverem atentos...
 - Poderão ter que reprovar
 - Que isso tem reflexos...
 - Sim..
 - Mas falam na mesma?
 - Sim
 - Apesar dos Encarregados de Educação em casa, mesmo quando dizem
 - Sim, .
 - Mesmo quando dizem, portanto eles acabam
 - Mesmo quando dizem para estar atentos...acabam por ... a rebeldia, portanto
 - A idade também
 - É a idade principalmente a idade.
 - O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?
 - Não, não.
 - A conversa na aula ainda não chegou a isso.
 - Espero que não.
 - Tudo pode acontecer, alguma vez devido e ele estar já a falar várias vezes e o professor mandar calar várias vezes. Mas, até agora, ainda conseguiu ultrapassar essa situação.
Como será que este fenómeno da indisciplina tem evoluído ao longo dos anos? Tem piorado, tem melhorado?
 - Eu acho que sim, tem piorado. Em alguns casos, sim.
 - E haverá,... será que nós podemos identificar maior grau de indisciplina, ou menor, quando falamos de mais velhos ou de mais novos?
 - Sim, mais novos pronto ..penso, talvez, as idades entre os 14 , 16, penso que.. talvez seja essa idade, não tenho a certeza também.
 - Exato, mas é a sua perceção.
 - Exato, eu penso que sim que seja nessa faixa.
 - Uma turma de 5º ano, será mais... , terá menos indisciplina do que uma turma de nono ano?
 - Ah! Pois... isso é muito complicado de dizer.
 - Depende...?
 - Eu acho que sim, depende.
 - Não se pode generalizar?...
 - Não
 - E entre rapazes e raparigas? será que se pode dizer que os rapazes ou raparigas são mais ou menos...
 - Não, também não.
 - Portanto o sexo aqui não é determinante.
 - Claro que não. Penso que não, isso é a minha opinião. Não sei se é correto , mas eu acho que não.
- D- Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos**
- E a nossa escola, como é que se poderá definir em termos de indisciplina? Há muita indisciplina na nossa escola, que tipo de indisciplina é que se verifica mais?..
 - Não há, pelo menos, até à data.
 - Qual é que acha que é a principal indisciplina na nossa escola?
 - A principal?
 - Sim
 - Com os professores talvez...
 - Será com os professores na sala de aula?

- Eu acho que sim, muitos deles, entre colegas, acabam t...
 - Por ter atritos?
- Sim
 - Mas em termos de indisciplina será mais em sala de aula?
- Eu penso que sim.
 - A manifestação maior será .
- Eu acho que sim
 - Sente que eles respeitam os professores? Os alunos
- Alguns sim, outros não.
 - A maioria ou não?
- Não, a maioria respeita, a maioria respeita. Há sempre alguns que não.
 - Haverá mais respeito dos mais pequeninos ou dos maiores?
- Eu acho que os maiores têm mais respeito. Maiores, maiores talvez os 17 tem mais respeito.
 - Têm mais respeito.
- É uma idade mais...
 - Nesta escola, propriamente dita, acha que a disciplina também tem tido uma evolução positiva ou negativa, tem aumentado a disciplina ou não tem?
- Eu acho que sim que teve, aumentou.
 - Aumentou a indisciplina?
- Não a indisciplina não.
 - Eu se calhar até disse isso em termos da disciplina tem-se mantido, mais ou menos, tem piorado, tem melhorado, há mais indisciplina, ou menos indisciplina, ou mantem-se?
- Eu acho que há menos, pelo menos pelas conversas que eu tenho, acho que sim, que há menos indisciplina.
 - Há menos indisciplina aqui na Escola?
- Eu acho que sim.
 - E,... quando se compara a nossa escola com outras escolas do Concelho, há mais aqui ou menos? Já tem tido essas conversas com alguém?
- Acho que há menos.
 - Aqui, é essa a percepção dos E.E.
- Sim, acho que sim.
 - Há menos indisciplina aqui.
- Acho que é das escolas que tem menos indisciplina.
 - Daí a eles quererem todos vir para cá.
- Claro.
 - Quem é que acha, dentro da escola, quem é que o seu educando respeita mais? São os professores? Têm mais respeito a quem? Aos professores? Quem é que impõe mais respeito?
- Eu acho que é aos professores.
 - É aos professores ou aos funcionários?
- Eu acho que ele respeita, pelo menos é o que eu lhe passo para ele, não é, tem que respeitar todos professores, funcionários, colegas, pelo menos acho que ele respeita todos.
 - E os alunos, em termos gerais, agora falando outra vez dos alunos? Quem será que lhes impõe mais respeito?
- Os professores, claro... acho que sim.
 - Há diferença aí , entre, por exemplo os professor e o Diretor de turma? Ou há uma distinção entre ser professor do aluno ou não ser professor do aluno? Isso poderá ser um fator ou não?
- Penso que não. Acho que eles respeitam. Acabam por respeitar sempre, professores, o diretor de turma também, acho que sim que respeitam.
 - Se for uma advertência do Diretor de Turma ou de um professor?
- Sim, provavelmente acabam por respeitar mais o diretor de turma.
 - À medida que se vai elevando a escala...
- **Exatamente**, quando chega à direção
 - já tem outro impacto...
- Pois acho que sim,...há sempre aquele respeito
 - Até porque o diretor de turma, já é aquele degrau que já pode levar mais acima também.
- Acho que sim, acaba por respeitar mais o diretor de turma.

- Portanto, na nossa escola, quais serão as manifestações maiores de indisciplina, então? Resumindo, as manifestações de indisciplina será mais a que nível,.. dentro da sala de aula, fora da sala de aula?
- Acho, que é mais na sala de aula.
 - Sente que o seu educando está seguro?
- Sim, sinto...
 - O que é que poderá, na nossa escola, contribuir para a indisciplina? Acha que não há muita, mas aquela que há... O que poderá contribuir para a indisciplina? Será falta de interesse dos alunos?
- Também
 - Será falta de respeito, regras, civismo, drogas, álcool...?
- Não, isso drogas e álcool acho que não.... Talvez... falta de respeito entre alunos, também, acho que deve ser, o cinismo.....
 - Acha que o facto de eles estarem, por vezes, em grupo, fazem-nos sentir mais fortes?
- Claro, sim, sim, sim... claro...
 - Para enfrentarem uma autoridade....
- Acho que sim.
 - E, a família também?....
- Também.
 - na nossa escola, também acha que tem...
- tem
 - responsabilidades, neste domínio?
- Acho que sim.
 - A que nível é que poderemos, será que poderemos concretizar isso?
- Não estar tão presentes, talvez, não sei, poderiam, estar mais, isto há casos,... não vou dizer, que... alguns casos, mas que eu às vezes me apercebo e o que sei, e quando estive na escola apercebi-me também de vários casos.
 - Os pais, às vezes, tentam desculpar demasiado os filhos ou não?
- Ah, sim, sim... sim
 - Quando confrontados com certas situações na escola.
- Muitas vezes, não acreditam...
 - Não acreditam, às vezes....
- Muitas vezes não acreditam, e talvez isso também acabe por ser um dos motivos. Penso que sim.
 - Tem uma ideia de quais são as medidas preventivas e disciplinares mais aplicadas na nossa escola? Assim, em termos gerais,... quando um aluno... tem faltas disciplinares.
- Trabalho comunitário, não?
 - Trabalho comunitário.. sim. E também podem ter as... sanções disciplinares.
- Aquelas sanções , sim, sim ...
 - Considera isso as medidas mais adequadas?
- Considero,... acho que sim, especialmente o trabalho comunitário.
 - Eles que sintam mesmo.
- que sintam mesmo e depois casos mais graves terão que partir para...
 - Punição extra também.

E- Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar

- Já pensou noutras medidas, que pudessem vir a ser adotadas, ...ou não?
- Não, por acaso não.
 - Normalmente os pais são chamados, não é?
- São chamados....
 - São responsabilizados... Já ouviu falar, agora no novo estatuto?
- Sim, sim.
 - Da responsabilização... O que é que acha disso?
- Não tenho ainda uma opinião,... não sei... realmente. Acho que certos pais, isso não poderá, isso não vai acontecer, talvez para certos pais porque não poderão ...sei lá... ter ...como é que eu hei de explicar...
 - Fala-se agora neste estatuto em punições ou sanções de carater financeiro.
- Sim, por isso é que muitos pais porque ... não poderão, ou não têm...
 - Ou a retirada de apoios sociais,
- Isso, sim, isso acho que é...

- E quem não tem condições para pagar?
- exato
 - Acha que isso pode responsabilizar os pais?
- Eu, acho que sim.
 - Porque sentem?
- Claro, vão ser mais duros, também, com os filhos, claro que sim. Certos casos sim.
 - Ora bem, voltando agora outra vez, à nossa experiência, ou à sua experiência, enquanto voluntária, portanto foi a única pessoa, até este momento, a trabalhar nestas condições aqui na escola. Sei que todos gostaram muito da sua presença cá...
- Ainda bem...
 - Foi muito valorizada por todos, portanto, desde os funcionários, alunos, professores, algumas pessoas nem sabiam que era voluntária,...
- Não, pois não.
 - A senhora... fundiu-se.
- Nem mesmo os alunos
 - Fundiu-se tão bem com essa sua função,...quis usar bata, quis fazer tudo
- O trabalho todo. O voluntário é isso.
 - Tinha tido a possibilidade de só fazer determinadas coisas, não foi?
- Claro, nem era necessário, nem queriam que eu fizesse muitas coisas, certas funções mas eu claro.
 - A senhora fez questão, na altura, de fazer mesmo
- Realmente, tenho pena de não continuar mas hoje em dia é complicado, o tempo.... Mas nunca se sabe....
 - O que é que a levou a esta decisão? De ser voluntária?
- Eu já há muito tempo que gostaria de ser voluntária, pronto, mesmo a nível, não só, na escola, mas também nos hospitais, e pronto, achei...como estava em casa, sem fazer nada, na altura estava desempregada, não conseguia trabalho, na altura nada me aparecia e optei por, ... por sentir-me útil, ajudar, porque estava a ajudar também e pronto. Acho que foi uma das melhores coisas que até hoje fiz...
 - Recorde-me uma coisa, que eu não me lembro, neste momento, partiu da escola alguma campanha de incentivo aos encarregados de educação de serem voluntários? Porque isso já chegou a haver...
- Talvez da Associação
 - Ou foi da sua iniciativa?
- Não, não,.. fui eu. Fui eu que cheguei aí... eu lembro-me perfeitamente, no primeiro dia de aulas. Pensei. Vou ao conselho executivo, ...porque eu estava convencida, estava mesmo convencida, que se praticava voluntariado nas escolas, ...eu estava convencida. Porque eu, na altura, falei com o meu marido sobre ir fazer voluntariado no hospital e ele (Ai, isso talvez seja complicado, agora nesta altura). Eu disse: então vou tentar na escola do Gonçalo. Então, pronto, até para dar apoio, também acho que é sempre bom, e ele disse (ai sim, na escola acho que sim que fazem voluntariado). Eu perguntei, pronto, na altura acho que foi, que falei com a professora Ana Duarte, falei e vi que ninguém nunca praticou voluntariado. Depois esperei que me contactassem.
 - Porque nós, depois dessa experiência, tão positiva, já tentámos lançar a campanha através dos E.E, dos Diretores de Turma, das reuniões, ..mas não surtiu efeito.
- Talvez, eu, na altura, tinha disponibilidade para estar o dia..., o dia todo, não,... estava a manhã, estava um horário completo de manhã ou de tarde.
 - Era cinco horas por dia?
- Sim, era, eu, geralmente, ia sempre de manhã, saía à uma e meia. Era de manhã...
 - Sim, lá nos blocos, sempre quando a escola andava em obras.
- Talvez os E.E.... quem pudesse, nem que fosse uma hora por dia, duas horas por dia, acho que ia ser muito bom. Para ajudarem e realmente verem o que é a escola no geral.
 - Foi uma experiência positiva para si?
- Foi, bastante. Tenho muitas saudades.
 - Refletiu sobre a sua visão do que é escola?
- Sim, sim, sim...
 - Teve influência o que é que mudou o que é que serviu para...
- Eu na altura não imaginava certas coisas que eu observei e em que estive... não imaginava que poderia ser, que as coisas funcionavam assim, pronto, mas... foi positivo foi tudo....

- Aquilo que observava da relação dos funcionários com os alunos....
- Sim, acho isso..... era uma relação boa, pelo menos não ... os alunos eram...
 - E era aquela que correspondia?
- Sim, sim.
 - E dos alunos com os professores?
- Alguns, pronto, não correspondiam, lá está,... dentro da sala de aulas há certas coisas,... certos professores, pronto ...certos alunos que se levantavam, que falavam demasiado, pronto, também falta de educação, como eu assisti a alguns alunos, pronto,... isso eu não estava... realmente, que os alunos se comportavam assim tão mal, pelo menos agora nestes tempos, quando eu estava, as coisas não eram assim tão..., pronto certas coisas não estava à espera. sinceramente. Agora, a relação entre alunos e funcionários pelo menos não assisti a nada...
 - Eles obedeciam-lhe a si também, sem problema nenhum?
- Sim, sim...nunca
 - Não faziam distinção entre si, ...e outro funcionário qualquer?
- Não, não, nada mesmo...
 - Mas eles sabiam que era voluntária?
- Alguns sim, outros não, alguns pensavam que eu era funcionária.
 - Exatamente
- Eu acho que a maioria deles, maioria deles, pensava que eu era mesmo funcionária.
 - E os professores também.
- Ai... os professores é que eu não sabia...
 - Alguns professores também, exatamente
- Eu tentei explicar o que era ser voluntário, porque muitos nem sabiam o que era o voluntariado, os mais pequenos, ...claro...eles faziam assim perguntas:- Ah!, mas está aqui e não recebe nada? - Mas sabem o que é o voluntariado? Pronto, eu explicava o ser voluntário é mesmo a pessoa estar a fazer um trabalho sem troca de nada. Não é?
 - Aconselhava esta experiência?
- Ah! Completamente... a todos os E.E., a todos... e falo, e todos os dias... com colegas minhas que são mães e têm filhos também, pronto, na escola, e o voluntariado, às vezes pergunto... se praticam...em nenhuma escola pelo menos que eu saiba...não..
 - Já me disse que voltaria a repetir a experiência, se tivesse....
- Ah! Sim, sim...
 - Se tivesse essa oportunidade, em termos de tempo, não é?
- Olhe... Deus queira que não, porque isto, realmente..., se ficasse sem emprego, era uma das coisas que eu gostava de voltar.
 - Quer acrescentar-nos mais alguma coisa sobre esta sua experiência?
- Não, foi uma experiência ótima, gostei imenso e ...voltaria, como digo, voltaria a fazer tudo, tenho pena realmente não poder, e tenho muita pena de... a maioria dos E.E, maioria não, neste caso não há nenhum E.E que faça, mas era bom... mesmo bom para ajudar os filhos.
 - Já falou com a Associação de Pais, sobre isso?
- Não nunca falei.
 - Era interessante.
- Pois era, mas eu não sei se eles não falaram.
 - Nós já chegámos a falar nisso, mesmo em Conselho Pedagógico, para os motivar,
- Até se fossem os próprios alunos...
 - se calhar se fosse a senhora com a sua própria experiência a falar com alguns deles era capaz de....., porque eles às vezes, se calhar têm uma visão de " Estamos a tirar o lugar de trabalho", pois não sei
- Acho que não, não deveriam pensar assim...Não, não é essa...Voluntariado não é tirar trabalho a ninguém, pelo contrário é ajudarmos e estarmos presentes.
 - Estão pouco sensíveis para isso ainda.
- Acho que sim a mentalidade.
 - Há -de pensar...o que é que me diz?
- Sim, eu posso ir lá falar, não me importava nada.
 - Eu penso que esta semana decorrem as reuniões com os EE.
- Sim é.
 - É capaz de andar por aí alguém da Associação de Pais. ...Mas tem sempre a possibilidade de lhe darmos o contato.
- Eu posso falar e também podem o dar o meu contato.

- Sim, sim.
- Estou aberta para perguntas e para falar sobre... era muito bom.
 - Se calhar nalguma reunião geral que houvesse...
- Até mesmo as reuniões de pais. Esta reunião que eu vou ter até o próprio diretor de turma, mas isso teria de se... pode falar sobre...
 - O ano passado, por acaso isso foi feito.
- Foi feito, mas não resultou.
 - Não, não resultou, fizemos. Houve mesmo um apelo da direção, aos diretores de turma no sentido de motivar. Eu própria na minha direção de turma, até tinha E.E....
- Cada vez há mais pessoas desempregados, estão sem fazer nada, estão em casa. Poderiam até ajudar. Não digo só na escola mas no geral.
 - Diga-me só uma coisa, que eu me estava a esquecer,... os alunos são mais indisciplinados com certos professores?
- Sim, com certos professores,... não é com todos.
 - Porque é que é com uns e não com outros, porque é que será?
- Isso aí...
 - Estamos a falar, em termos gerais. Na sua opinião o que é que poderá ai ter uma diferença?
- Não sei,... sinceramente... não sei. Respeito, talvez, as medidas..., não sei é complicado. Eu estar agora, acho que sim, há certos professores que eles têm muito mais respeito, pelo menos quando estava na escola, apercebi-me que tinham mais respeito. Agora, o porquê? Não sei dizer.
 - Portanto, os mesmos alunos, estavam com mais respeito numas salas do que noutras?
- Sim, sim... nalguns professores via-se claramente.
 - Nunca falou com os alunos sobre isso?
- Não. Mas via-se, claramente, nalguns professores. E via pela turma do meu filho, havia certos professores que eles tinham muito mais respeito, não e ser mal educados mas em termos de postura via-se perfeitamente, principalmente com a diretora de turma do primeiro ano....
 - O seu filho sentia-se bem por a mãe fazer voluntariado na escola?
- Sim, sim...
 - Isso é muito importante também, porque às vezes ele podia sentir-se constrangido por isso?
- Nada, nada mesmo, perfeitamente. Ai vai..vai...mas vais mais tarde...pedia-me sempre para eu ir. Na altura, ainda consegui ficar...o mais novo nasceu em julho e eu fiz talvez o ano letivo terminava.....a quinze de junho, talvez já não me recordo.... Fui sempre com o apoio dele, ele sempre contente.....de manhã vínhamos sempre os dois, e às vezes almoçava com ele.... com eles todos às vezes almoçava com eles. E pronto era uma das razões que me levaria a fazer novamente, voluntariado, para ajudar porque gostei imenso e..... também por ele que gostou imenso que eu estivesse na escola. Por isso é que eu acho que os pais deviam pensar muito bem...
 - Agradeço muito a sua disponibilidade
- Nada, quando quiser,... eu estou sempre pronta.
 - Muito bem, D. Célia, muito obrigada.

3. Análise de conteúdo

E2 - Análise de Conteúdo - Entrevista à Voluntária Encarregada de Educação

Temas	Objectivos	Questões / Itens	
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
A – Justificação da entrevista e esclarecimento da entrevistada. Promoção de um clima de confiança, abertura e empatia.	1 – Justificar a entrevista esclarecer a entrevistada 2–proporcionar um ambiente descontraído e de empatia, favorável à criação de uma interrelação positiva da entrevistadora e da entrevistada.	1 – Esclarecer a entrevistada sobre o tema e objetivos do trabalho, assim como das razões que lhe estão subjacentes. 2 – Destacar o papel da colaboração da entrevistada para o trabalho em questão. 3 – Esclarecer questões relativas ao anonimato 4 –Solicitar autorização para a gravação da entrevista 5- Criar um clima de abertura e confiança.	
B – Dados pessoais relativos à entrevistada e educando	Perfil individual da entrevistada	Idade	█ anos
		Estado civil	casada
		Nº de filhos;	dois filhos
		Idade dos filhos	Um tem treze e outro tem dois
		Agregado familiar	vivem todos juntos
		Escolaridade;	Décimo primeiro.
		Ocupação profissional	Consultora de moda.
		Relação de parentesco com o educando	mãe
		Duração do voluntariado	Um ano
	Data do voluntariado	de dois mil e nove a dois mil e dez	
	Perfil individual do educando enquanto complemento de caracterização da entrevistada	Idade do educando	13
		Ano de escolaridade que frequenta.	sexto ano
		Apoios da Ação Escolar Social.	não
		Aproveitamento	
		Comportamento	alguns problemas a nível de concentração, comportamento, mas pronto nada de grave Falar nas aulas, sim, sobretudo falar nas aulas não tenho tido outros problemas, pelo menos até à data desconcentra-se
		Relação com os professores	Não, com os professores, não, penso que (=não tem problemas)
		Relação com os colegas	
		Relação com os assistentes operacionais	bom comportamento
	Ocorrência de processos disciplinares. Reação.	Não, não.	
	Perfil da inquirida enquanto encarregada de educação	Acompanhamento do Educando	presente, bastante presente uma boa Encarregada de Educação
Contato com a escola		bastante contato Sobretudo com a diretora de turma vem às reuniões ...sempre	
Tipo de contato com a escola		telefone quando tenho alguma dúvida	
Sentimentos em relação à escola		gosta imenso da Escola Gosta de vir para a Escola	
C - Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar, em	Definição de (in)disciplina escolar	Conceção sobre indisciplina escolar	
	2- Situações de ocorrência de indisciplina escolar.	Na sala de aula,	Falar nas aulas desconcentra-se, desconcentrar-se também os colegas pelo menos

geral			reflete nos resultados escolares... Infelizmente.
		Com colegas,	
		Com docentes	
		Com não docentes	
	Grau gravidade	Grau de gravidade	tudo dentro da sala, fora da sala dentro da sala tem os efeitos diretos sobre os resultados Poderão ter que reprovar
	Causas da (in)disciplina	Razões na origem da indisciplina	Os pais, Encarregados de Educação, muitas vezes não estarem presentes
Perceções da entrevistada, face à (in)disciplina	Evolução da (in)disciplina	Interrelação (in)disciplina / idade	É a idade principalmente a idade talvez, as idade entre os 14 , 16, penso que talvez seja essa idade (5º ou 9º ano?) Depende Não se pode generalizar?... é muito complicado de dizer
		Interrelação (in)disciplina / sexo	Não, também não Não sei se é correto , mas eu acho que não
	O grau gravidade de in/disciplina	Evolução da (in)disciplina	Não há, pelo menos até à data Eu acho que há menos, pelo menos pelas conversas que eu tenho, acho que sim, que há menos indisciplina
D- Representação da entrevistada acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos	2- Situações de ocorrência de indisciplina escolar.	Na sala de aula,	A principal... na sala de aula mais em sala de aula mais na sala de aula. Alguns, pronto, não correspondiam, lá está, dentro da sala na aula há ... certas coisas, certos professores, pronto certos alunos que se levantavam, que falavam demasiado, pronto,... também falta de educação, como eu assisti a alguns alunos, que os alunos se comportavam assim tão mal,
		Fora da sala de aula	
		Com colegas,	muitos deles, entre colegas, acabam t... por ter atritos
		Com docentes	Com os professores talvez... com certos professores, não é com todos há certos professores que eles têm mais respeito... Agora, porquê? Não sei dizer Sim, sim nalguns professores via-se claramente havia certos professores que eles tinham muito mais respeito, não era ser mal educados mas em termos de postura via-se perfeitamente E via pela turma do meu filho
		Com não docentes	era uma relação boa, os alunos eram pelo menos não assisti a nada...
		Civismo	
	Figuras de referencia em termos de autoridade/obediência com mais impacto sobre os alunos	Direção	já tem outro impacto há sempre aquele respeito
		Diretor de turma	o diretor de turma também, acho que sim que respeitam. provavelmente acabam por respeitar mais o diretor de turma
		Os seus professores	Alguns(alunos) sim, outros não , a maioria respeita, a maioria respeita. Há sempre alguns que não. os maiores têm mais respeito Maiores, maiores talvez os 17 tem mais respeito aos professores

			Acabam por respeitar sempre, (todos os) professores
		Pessoal não docente	
		Colegas mais velhos	
		Papel do sexo para o exercício da autoridade	
	Segurança dos alunos	Grau de segurança dos alunos	Sim, sinto...(há segurança)
	A indisciplina da escola relativamente às demais escolas do concelho	(sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...)	Acho que há menos Acho que é das escolas que tem menos indisciplina
	Causas da (in)disciplina, na nossa escola	fatores intrínsecos aos alunos; (falta de interesse, de respeito, de regras, de civismo, drogas, álcool,...?)	falta de respeito, regras, civismo drogas e álcool acho que não eles estarem, por vezes, em grupo, fazem-nos sentir mais fortes falta de respeito entre alunos, acho que deve ser, o cinismo
		factores inerentes à escola? (nº de alunos por turma, autoridade/atitude/idade/sexo do professor, respeito/empatia pelo professor,	
		factores de origem sociofamiliar	Família Não estar tão presentes, talvez, não sei, poderiam, estar mais, isto há casos, não vou dizer, que alguns casos, mas que eu às vezes me apercebo e o que sei, e quando estive na escola apercebi-me também de vários casos desculpar demasiado os filhos Muitas vezes, não acreditam e talvez isso também acabe por ser um dos motivos
	estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina	medidas disciplinares mais aplicadas na escola	Trabalho comunitário sanções disciplinares casos mais graves... Punição extra também
	eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção, reforços positivos e intervenção	Adequação das medidas	Considero, acho que sim, sim especialmente o trabalho comunitário. Eles que sintam mesmo
E- Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar	Contributo para a melhoria do clima de escola, através de propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	Propostas de novas medidas (preventivas/interventivas) para combater a indisciplina	Não, por acaso não os pais são chamados, não é? novo estatuto ...Não tenho ainda uma opinião sanções de caráter financeiro... Muitos pais não poderão, ou não têm... a retirada de apoios sociais... Isso, isso pode responsabilizar os pais ...vão ser mais duros também com os filhos, claro que sim. Certos casos sim
	Uma experiência de voluntariado como assistente operacional	Causas desta decisão	estava desempregada há muito tempo que gostaria de ser voluntária, na altura estava desempregada, optei por sentir-me útil, ajudar, porque estava a ajudar também e pronto.

			então vou tentar na escola do Gonçalo
		Dados sobre o trabalho desenvolvido	algumas pessoas nem sabiam que era voluntária Nem mesmo os alunos quis usar bata, quis fazer tudo O trabalho todo. O voluntário é isso. nem queriam que eu fizesse muitas coisas, certas funções mas eu claro estava a manhã, Era cinco horas por dia... saía à uma e meia obedeciam Não faziam distinção entre ...outro funcionário qualquer Alguns sim, outros não, alguns pensavam que eu era funcionária a maioria deles, maioria deles, pensava que eu era mesmo funcionária tentei explicar o que era ser voluntário, porque muitos nem sabiam eles faziam perguntas:- Ah!, mas está a qui e não recebe nada?
		Reação do filho	sentia-se bem por a mãe fazer voluntariado na escola... Sim, sim... Ai vai..vai...mas vais mais tarde...pedia-me sempre para eu ir. Constrangido?... Nada, nada mesmo, perfeitamente. Fui sempre com o apoio dele, ele sempre contente.....de manhã vínhamos sempre os dois, e às vezes almoçava com ele.... com eles todos às vezes almoçava com eles. E pronto era uma das razões que me levaria a fazer novamente, voluntariado, para ajudar porque gostei imenso e..... também por ele que gostou imenso que eu estivesse na escola. Por isso é que eu acho que os pais deviam pensar muito bem...
		Repercussões sobre a visão sobre a escola Repercussões da sua visão sobre a postura dos alunos	Refletiu sobre a sua visão do que é escola... Sim, sim, sim... não imaginava certas coisas que eu observei e em que estive... não imaginava que poderia ser, que as coisas funcionavam assim, pronto, mas foi positivo foi tudo.... Alguns professores também
		Origem da in/disciplina dos alunos	
		experiencia, como voluntária. (Como é que define esta experiência/	Acho que foi uma das melhores coisas que até hoje fiz... Foi, bastante (positiva). Tenho muitas saudades. era uma das coisas que eu gostava de voltar. Não, foi uma experiência ótima, gostei imenso e voltaria, como digo, voltaria a fazer tudo, tenho pena realmente não poder, e tenho muita pena de a maioria dos E.E, maioria não, neste caso não há nenhum E.E que faça, mas era mesmo bom para ajudar os filhos.
		Aconselharia esta experiência a outros encarregados de educação?	Ah! Completamente a todos os E.E., a todos e falo, e todos os dias com colegas minhas que são mães e têm filhos também, pronto, na escola, e o voluntariado, às vezes pergunto se praticam...em nenhuma escola pelo menos que eu saiba...não.. é ajudarmos e estarmos presentes
		Voltaria a repetir a	

		experiência Quer-nos acrescentar algo mais sobre a sua experiência?)	Realmente tenho pena de não continuar mas hoje em dia é complicado, o tempo.... Mas nunca se sabe....
	envolvimento ativo da entrevistada na implementação de novas práticas promotoras do bom ambiente, na escola	Disponibilidade para outros contributos	Estão pouco sensíveis para isso ainda... a mentalidade eu posso ir lá falar (com a Associação de Pais), não me importava nada Estou aberta para perguntas e para falar sobre... era muito bom. Até mesmo as reuniões de pais

C. ANÁLISE COMPARATIVA DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

TEMA A - Apresentação – justificação da entrevista – promoção de clima de confiança					
TEMA B - Dados pessoais relativos à entrevistada					
TEMA C - Representação das entrevistadas acerca da (in)disciplina escolar, em geral					
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES		E1	E2
		E1 A.O.	E2 V.		
1. Definição de (in)disciplina escolar	Situações de ocorrência de indisciplina escolar:	engloba tudo engloba tudo.		2	
	 Isto nota-se no 5º.....vejo aí....há turmas que hm.....se, respeitam, impecáveis tanto lá dentro, como cá fora, mas há outras que depois é lá dentro e é cá fora...		1	
	Na sala de aula,	outra coisa é eles estarem até o professor mandar por as coisas eles não ligarem e estarem a falar com uma colega do lado, isso pronto..... eu aprecio e vejo muito isso, acho que é..... tenho pena, tenho pena, muita pena.	Falar nas aulas	1	1
		Falta de empenho dentro da sala de aula, a atenção cada vez os professores se empenham mais e cada vez há mais trabalho para os professores, para tentarem estão desmotivados, eles não ligam	desconcentra-se,	2	1
			desconcentrar-se também os colegas pelo menos		1
		é uma seca É uma seca, para eles, como nos dizem que é uma seca		3	
	Com colegas,				
	Com docentes				
	Com não docentes	temos aqui o vigilante, e o vigilante volta costas e eles... e eles... ele ralha.....e ele volta as costas, e eles ..., no entanto é uma pessoa a quem eles deviam ter um bocadinho mais de respeito.		2	
		A nós, nós chamamos a atenção, lá está, temos que mostrar um bocadinho cara feia, porque se nós estivermos ali até com um bocadinho mais de maneiras, não ligam nenhuma mas voltamos costas			

		e eles tornam a fazer. Aí está, eles não..... não ligam, não..... não, não respeitam,..... não têm..... eu acho tão mau..... porque é assi..... são os miúdos do futuro.....			
2. Perceções sobre indisciplina escolar	Grau de gravidade		tudo		1
			dentro da sala, fora da sala		1
		por tanta coisa reflete-se no sucesso escolar tempo perdido	reflete nos resultados escolares... Infelizment e. dentro da sala tem os efeitos diretos sobre os resultados reprovar	3	3
		fáltarem ao respeito... não ligarem ao que o professor está a dizer, não terem aquele respeito, o professor falar e eles não respeitarem, acho isso Aí., logo em primeiro , logo em primeiro lugar, porque é assim, eles já haviam de nos ver noutra perspetiva, o respeito ao professor.... em 1º lugar, que muita vez não têm, mais grave dentro da sala de aula eu acho que dentro da sala de aula..... em 1º lugar..... para aprenderem. um professor estar ali, haver aquele respeito, aquela responsabilidade, trabalharem para aproveitarem, o tempo que o professor está também com eles, aí acho que ai, em prim.. é o essencial Ai, sim, sim ,sim, sim, sim, sim eu acho que é muito desmotivante para o professor. Isto... acho que é desmotivador.... eu, eu, eu, não sei se posso dizer, mas acho que é desmotivante para		13	

	<p>os professores.....verem que estão ali a per.....uma coisa que se empenharam gostavam de dar aulas, e gostavam de, de gostam do que fazem e estar ali a trabalhar com os miúdos, a querer ter aquele aproveitamento,</p> <p>e acho que também é um bocadinho desmotivante para os professores....</p>			
	<p>porque era bom para eles e é bom para nós, acho que é gratificante, nós vemos chegarmos ao final do ano.....</p> <p>o rendimento dos alunos, depende muito, está muito condicionado pela indisciplina deles</p>		2	
	e em 2.º terem respeito a nós		1	
Razões na origem da indisciplina	<p>faz parte um bocado do que vem de casa já.</p> <p>já em casa não há grande disciplina depois se reflete também na indisciplina...escolar</p> <p>em casa já não há aquelas bases, de</p> <p>hoje em dia os pais terem a preocupação de...de...ajudar os filhos nos trabalhos da escola, de...de... falar com eles, de ensiná-los a respeitar, de....de... aa.... e depois,</p> <p>acho que vem de casa</p> <p>Responsabilidade, e acho que isso parte um bocadinho de casa, porque se houvesse mais regras, mais disciplina, mais a...gente também...eu acho que,... que eles viam as coisas de outra maneira.</p> <p>sofrerem mais consequências</p> <p>Os pais, como trabalham, tentam compensar de muita maneira eles no fim são compensados sem aquele respeito</p> <p>Conversa com outras colegas... de outra escolae até com professores que eu conheço que trabalham noutras escolas</p>	Os pais, Encarregados de Educação, muitas vezes não estarem presentes	9	1

		<p>agora é obrigatório até aos 18 e eles até se deixam andar</p> <p>andam aqui..... eu acho que não tem o respeito, obrigação</p>		2	
		<p>acho que depois os professores deviam de ter mais autonomia para poder... Como no meu tempo, não é Sra. Dra.?</p> <p>hoje em dia os professores não terem grande autonomia, para poderem eles também.....</p> <p>Imporem-se um bocado e como não têm autonomia, eles fazem um bocadinho.....</p> <p>respeito de se sentarem, ter a sua obrigação de porem logo tudo..... tudo organizado para começarem a trabalhar....aa.....</p>		5	
	Evolução da (in)disciplina	<p>eu acho que, acho cada vez pior, e tenho um filho com 32 e tenho um com 23, em que já houve diferença, e agora que eu trabalho na escola, então com miúdos do 5.º ano, é uma diferença</p> <p>Eles andam aqui...eu acho que hoje em dia, eles andam aqui por andar, eu, eu...acho que é isso. Porque é obrigado, obrigatório andar na escola até aos dezoito anos e eles andam na escola. Porque antigamente, nós na...na...na.....não dávamos para a escola.. é como eu digo passou do oito para oitenta. Não dávamos para a escola, saíamos da escola, fazíamos a quarta classe, no meu tempo já foi obrigatório o 6.º ano, mas houve colegas minhas que não foram, ...foram trabalhar para o campo, trabalhar para o campo aprender costura, aprender isto aprender aquilo, agora não, é obrigatório até aos dezoito anos. Eles até andam, eu então dizia aos meus filhos, o que eu disse aos meus filhos..... só deixo chumbar um ano..... porque andar a passear livros, tenham paciência, isso não é comigo.</p> <p>Castigar quando é preciso, na altura certa. E hoje em dia, não</p>			
	Interrelação (in)disciplina / idade		É a idade principalmente a idade talvez, as		1

			idades entre os 14 , 16, penso que talvez seja essa idade		
			(5ºou 9ºano?)Depende Não se pode generalizar?... é muito complicado de dizer		1
	Interrelação (in)disciplina / sexo	é igual, segundo aqui...para mim é igual antigamente a gente dizia que os rapazes é que, as meninas, as meninas, e agora não, não noto isso	Não, também não Não sei se é correto , mas eu acho que não	3	2
		tenho miúdos que são muito amiguinhos, acho os miúdos impecáveis. E, por vezes, eles não, é mais...aaaa..... noutro sentido, não são assim brutos nem mal educados para nósessa parte barulho, dizer asneiras às vezes, até se tornam mais meiguinhos do que asneiras mais entre eles e não para as funcionárias		4	
		E há miúdas que são mal educadas, brutas, não têm respeito nenhum elas são brutas e até são mal educadas palavrões ...Eu noto, as raparigas, é verdade, é ..é, eu noto mais às vezes, até fico admirada da maneira como falam para os pais. Acho que às vezes há uma linguagem um bocadinho... Grosseira elas brutas, mal educadas.... mesmo eu eu..... digo isso, e até a nível de família,	4		

TEMA D - Representação das entrevistadas acerca da (in)disciplina escolar na Escola Professor Reynaldo dos Santos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	INDICADORES		E1	E2
		E1 A.O.	E2 V.		
1.Perceções sobre in/disciplina	Idades	estes miúdos...mais do 7º, 8º, 6.º, ali nessa.....nessa, nessas, idades os miúdos aaa..... nós estamos a falar com eles, é assim muito à base	talvez, as idades entre os 14 , 16, penso que talvez seja essa idade		1

		<p>de estragar, de destruir, de de... e nós falarmos com eles e eles não ligarem aaa..... os 6.º já começam atrás os 5.º como vêm do ninho para o fim do 5.º ano, no final do ano já começam a querer acompanhar, mas de início não. Têm tendência ser, nós falamos eles..... chamamos a atenção e eles aceitam. Andam ali aquele grupinho mais junto dos 5.º, não se juntam tanto aos outros. Enquanto, a partir.....vá lá, do final do 6.º ano, quando começamos ir para o final, os do 6.º começam a juntar-se com os do 7.º e por aí, que depois..... os 9º não, os nonos já noto que já começam a acalmar mais e tem o grupo deles.</p> <p>Quando começam a misturar-se muito porque já querem juntar-se com os mais velhos, então vão ter com os do 7.º, do 8.º e já começam aí</p> <p>A gente vê os meninos entrar com cinco anos, porque fazem os seis anos. ... Eu já não estou a levar para o secundário. Porque os secundários até não são miúdos que se intrometam, até são capazes de chamar a atenção. Eu acho que eles começam é a ver, aí está, essa fase dos 7.º, 8.º. 6.º, 7.º, 8.º e começam a querer imitá-los. E daí os miúdos começarem já a ir por outros meios.....</p> <p>Acho que é uma transição...uma diferença muito grande. Os meninos virem dum 1.º ciclo logo para uma escola secundária. Acho que deviam vir do 2.º e depois uma adaptação numa escola com o 5.º e 6.º já vão apanhar aqueles miúdos do 6.º ano, depois ali já vão com outra noção.... Deixam-se influenciar</p> <p>os CEF... não vale a pena, nós falarmos porque eles falam e nós falamos para eles, e eles não ligam nenhuma..... se for possível nós estamos a chamar a atenção, voltam-nos as costas...</p> <p>Também em relação aos professores</p>	<p>(5ºou 9ºano?)Depende Não se pode generalizar?... é muito complicado de dizer</p>	
	O grau gravidade de in/disciplina	Não, não noto muito isso(violência). às vezes é uns arrufos entre eles, às vezes até por acusa de uma miúda,	Não há, pelo menos até à data	

		isso(violência) não, não, não noto, não, não São mais coisas ligeiras Ciúmes, Mexericos				
	Evolução da (in)disciplina		Eu acho que há menos, pelo menos pelas conversas que eu tenho, acho que sim, que há menos indisciplina		1	
		eu acho que cada vez está pior, mas é a nível, não é só na nossa escola...				
2. Situações de ocorrência de indisciplina escolar.			A principal... na sala de aula		1	
			mais em sala de aula mais na sala de aula.		2	
			Alguns, pronto, não correspondiam, lá está, dentro da sala na aula há ... certas coisas, certos professores, pronto		1	
			certos alunos que se levantavam, que falavam demasiado, pronto,...		1	
			também falta de educação, como eu assisti a alguns alunos, que os alunos se comportavam assim tão mal,			
			quando dão o 1º ano com o CEF... Doloroso... Complicado Preocupante.			
		Fora da sala de aula				
		Com colegas,		muitos deles, entre colegas, acabam t... por ter atritos		
		Com docentes		Com os professores talvez...		

			com certos professores, não é com todos há certos professores que eles têm mais respeito... Agora, porquê? Não sei dizer Sim, sim nalguns professores via-se claramente havia certos professores que eles tinham muito mais respeito, não era ser mal educados mas em termos de postura via-se perfeitamente E via pela turma do meu filho		2	
	Com não docentes		era uma relação boa, os alunos eram pelo menos não assisti a nada...		1	
	Civismo					
3.Figuras de referencia em termos de autoridade/obediência com mais impacto sobre os alunos	Direção	Só nós dizermos assim: olha não estás a fazer caso do que eu digo, não é? Não estás a ligar? Então, é assim: eu vou chamar alguém da direção. Agora escolhe, ou vais ficar de castigo ou deixas, vais portar-te como deve ser... Pronto, aí ,eles se estiverem a fazer o disparate até se afastam, ..., pronto. Acho que só dizendo que vem alguém da direção,	já tem outro impacto há sempre aquele respeito		1	
	Diretor de turma		o diretor de turma também, acho que sim que respeitam. provavelmente acabam por respeitar mais o diretor de turma		1	
	Os seus professores			Alguns(alunos) sim, outros não		1
				, a maioria respeita, a maioria respeita. Há sempre alguns que não.		1
				os maiores têm mais respeito Maiores, maiores talvez os 17 tem mais respeito aos professores		1
				Acabam por respeitar sempre, (todos os) professores		1
Pessoal não docente	eu tento ser..... mostrar cara feia e ralar. Mas alguns não ligam nenhuma. É como nós estarmos a dizer: sai daí, ..., pronto, não vale					

		a pena.			
	Colegas mais velhos				
	Papel do sexo para o exercício da autoridade	em termos de funcionários, como nós somos só mulheres, eles não ligam nenhuma Quando é o vigilante, isso acho que há outro respeito por ser homem porque mesmo a nível de de.... qualquer coisa , chega o Sr. Cristovão, eu explico e ele conversa com eles e.... aí..... tenta fazê-los compreender, mas se formos nós eles não ligam e se for com ele....já..... pois....			
3.Segurança dos alunos	Grau de segurança dos alunos		Sim, sinto...(há segurança)		
4.A indisciplina da escola reltivamente às demais escolas do concelho	(sucesso escolar /na aula /disciplina fora da aula /comportamento dos alunos/ respeito pelos funcionários / respeito pelos professores /civismo / segurança, ...)	acho que a nossa escola aqui está em número um, comparada com as outras duas que temos aqui, a Alves e aqui.. em número um...no bom sentido segundo eu ouço.. pelo que eu percebo e pelo que falam comigo a nossa escola está... em situação mais controlada Sim sim a situação está controlada, sim, sim	Acho que há menos Acho que é das escolas que tem menos indisciplina		
5.Causas da (in)disciplina, na nossa escola	fatores intrínsecos aos alunos; (falta de interesse, de respeito, de regras, de civismo, drogas, álcool,...?)	a todos os níveis da escola	falta de respeito, regras, civismo		1
			drogas e álcool acho que não		1
			eles estarem, por vezes, em grupo, fazem-nos sentir mais fortes		1
			falta de respeito entre alunos, acho que deve ser, o cinismo		1
	factores inerentes à escola? (nº de alunos por turma, autoridade/atitude/idade/sexo do professor, respeito/empatia pelo professor,	a todos os níveis da escola se for um professor que.....consiga ter um bocadinho de pulso, e uma cara aí.... podem ter um bocadinho mais de respeito e aí tentar, mas se for um professor é isso que eu noto..... se for um professor que até seja..... queira ser simpático, queira ser agradável, queira..... queira... dar um bocadinho dele, eu acho que eles depois vão apalpando, vão vendo até que ponto é que eles podem ir, até ao ponto			

		<p>de depois começarem. e eu acho que é isso que eles começam a ver até qua..... até onde podem ir, e depois..... se o professor não... não for firme e e... e que haja disciplina mesmo.... Seja mau, um bocadinho cara de mau, vá lá, como eu digo, acho que eles se vão aproveitando um bocadinho disso... muita falta de pessoal para poder estar na VIGILÂNCIA; para poder chamá-los à atenção, para criar um bocadinho de dis....., ajudá-los a ter um bocadinho mais de disciplina</p> <p>se estivermos na rua, e falarmos com eles e chamamos, não deves fazer isto, não deves fazer aquilo. Acho que eles a pouco e pouco vão não há, não há.. vigilância, não há orientação e faz muita falta</p> <p>a vigilância, numa escola, muita falta</p>			
	factores de origem sociofamiliar		Família		1
		<p>E hoje em dia os pais, não..., acreditam nos meninos, e não acreditam, se for preciso no que o professor diz, ou no que uma funcionária diz.... E daí, como acreditam é no menino e vai-se dar razão, é ao menino. Daí eles virem confrontar que a escola..... e acho que eles ao pé dos pais, são uma coisa.... Porque e... eu tenho filhos e vejo também que são assim. Eles ao pé de nós são uma coisa mas por trás são outra. E há pais que não aceitam Sra. Dra.. Há pais que na ideia deles: Ah! mas então o meu filho é tão bem comportado. Eu sei isso desde que os meus filhos andaram na escola.</p> <p>Porque o pai chega a casa tem que fazer o jantar, ou a mãe tem de fazer o jantar, tem de fazer isto, tem de fazer aquilo. Depois, os pais têm o hábito de irem ao café, pouco ou nada, estão com os miúdos. há pais que passam um ano</p>	<p>Não estar tão presentes, talvez, não sei, poderiam, estar mais, isto há casos, não vou dizer, que alguns casos, mas que eu às vezes me apercebo e o que sei, e quando estive na escola apercebi-me também de vários casos</p>		1

		inteiro sem vir a uma reunião, à escola.			
			desculpar demasiado os filhos		1
			Muitas vezes, não acreditam e talvez isso também acabe por ser um dos motivos		1
6.estratégias utilizadas , pela escola, na resolução da (in)disciplina	medidas disciplinares mais aplicadas na escola		Trabalho comunitário		1
			sanções disciplinares		1
			casos mais graves... Punição extra também		1
eficácia das estratégias utilizadas , pela escola, perante a (in)disciplina – prevenção, reforços positivos e intervenção	Adequação das medidas		Considero, acho que sim, sim		1
			especialmente o trabalho comunitário.		1
			Eles que sintam mesmo		
Papel dos assistentes operacionais	Interação com os alunos.	Exige muito de nós, chamá-los à atenção, fazê-los compreender, aaa..... insistir com eles a..... estar, ta..., exige muito de nós estar, estar, vá lá, todo o tempo a explicar, a chamá-los à atenção e a dizerem para não fazerem Tentar influenciar o comportamento deles para a positiva Tentar também fazê-los ver as coisas de outra maneira Nós fazemos um bocado aqui de de educadoras			
TEMA E - Propostas para a promoção da disciplina e do bom ambiente escolar					
CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	INDICADORES		E1	E2
		E1 A.O.	E2 V.		
1. propostas de práticas promotoras da disciplina, ao nível da prevenção e intervenção	A família		Não, por acaso não		1

		os pais deveriam de aparecer de surpresa e estar de longe a ver o comportamento..... porque uma coisa é estarem ao pé de nós.	os pais são chamados, não é?		1
		Novo estatuto - concordo, que os pais vão ser responsabilizados pela indisciplina, pronto dos meninos. Concordo, só que..... pronto acho que devia ser levado mesmo..... A preceito?	novo estatuto ...Não tenho ainda uma opinião		1
			sanções de carater financeiro... Muitos pais não poderão, ou não têm...		1
			a retirada de apoios sociais... Isso, isso		1
		...antes de educarmos os filhos devíamos de educar os pais.De os responsabilizar e chamá-los à razão e ter a noção ...Acho que há vários factos para os pais aí realmente terem a noção..... Aí o próprio pai começa a ter noção e começa das, das..... coisas que se passam e começa a ver a razão. ...Sentirem um bocadinho, pois e ao sentirem.....	pode responsabilizar os pais ...vão ser mais duros também com os filhos, claro que sim. Certos casos sim		1
	Sugestões para otimizar o papel das assistentes operacionais, em termos de disciplina dos alunos	nós aqui..... também tínhamos de fazer um bocadinho (mais de educadoras) porque eles passam o dia aqui. Eles chegam a casa, se preciso muito tarde, 7 ou 8 da noite, pouco estão com os pais. E nós, aqui temos o dia-a-dia com eles. Devíamos também ter um bocadinho mais de tempo, sermos mais.....aí está, para podermos conversar com eles.... Porque, às vezes, há miúdos que têm falta de carinho, eles têm, agarram-se a nós “ oh D. Fátima dê-me um abraço”, comigo e com as minhas colegas. E acho que faz muita falta as			

		funcionárias..... Ter mais funcionárias para ter mais tempo para se dedicarem a eles Porque eu noto que na escola onde eu estava... como era mais pequena, como tinha só 5.º e 6.º, tanto que era mais vigiada, mais.... nós até conhecíamos os miúdos todos. E quando havia qualquer coisa a gente ia logo chamar o diretor de turma. a favor das escolas mais			
	Dimensão das escolas	pequenas escolas separadas ...Eles vêm tão pequeninos para um mundo totalmente diferente... Deviam estar separados(os 5ºe6º, dos outros)			
2. Uma experiência de voluntariado como assistente operacional	Causas desta decisão		estava desempregada		
			há muito tempo que gostaria de ser voluntária,		
			na altura estava desempregada,		
		Voluntariado... a senhora esteve cá e apercebia-se do filho. Ela própria via o filho e o comportamento dele aqui e o comportamento que tinha quando andava	optei por sentir-me útil, ajudar, porque estava a ajudar também e pronto. então vou tentar na escola do Gonçalo		
	Dados sobre o trabalho desenvolvido		algumas pessoas nem sabiam que era voluntária Nem mesmo os alunos quis usar bata, quis fazer tudo O trabalho todo. O voluntário é isso. nem queriam que eu fizesse muitas coisas, certas funções mas eu claro estava a manhã, Era cinco horas por dia... saía à uma e meia obedeciam Não faziam distinção entre ...outro funcionário qualquer Alguns sim, outros não, alguns pensavam que eu era funcionária a maioria deles, maioria deles, pensava que eu era		

			mesmo funcionária tentei explicar o que era ser voluntário, porque muitos nem sabiam eles faziam perguntas:- Ah!, mas está a qui e não recebe nada?		
	Reação do filho		sentia-se bem por a mãe fazer voluntariado na escola... Sim, sim... Ai vai..vai...mas vais mais tarde...pedia-me sempre para eu ir. Constrangido?... Nada, nada mesmo, perfeitamente. Fui sempre com o apoio dele, ele sempre contente.....d e manhã vínhamos sempre os dois, e às vezes almoçava com ele.... com eles todos às vezes almoçava com eles. E pronto era uma das razões que me levaria a fazer novamente, voluntariado, para ajudar porque gostei imenso e..... também por ele que gostou imenso que eu estivesse na escola. Por isso é que eu acho que os pais deviam pensar muito bem...		
	Repercussões sobre a visão sobre a escola Repercussões da sua visão sobre a postura dos alunos		Refletiu sobre a sua visão do que é escola... Sim, sim, sim... não imaginava certas coisas que eu observei e em que estive... não imaginava que poderia ser, que as coisas funcionavam assim, pronto, mas foi positivo foi tudo.... Alguns professores também		
	Origem da in/disciplina dos alunos				
	experiencia, como voluntária. -		Acho que foi uma das melhores coisas		

	caracterização		<p>que até hoje fiz... Foi, bastante (positiva). Tenho muitas saudades. era uma das coisas que eu gostava de voltar.</p> <p>Não, foi uma experiência ótima, gostei imenso e voltaria, como digo, voltaria a fazer tudo, tenho pena realmente não poder, e tenho muita pena de a maioria dos E.E, maioria não, neste caso não há nenhum E.E que faça, mas era mesmo bom para ajudar os filhos.</p>		
	Aconselharia esta experiência a outros encarregados de educação?		Ah! Completamente a todos os E.E., a todos e falo, e todos os dias com colegas minhas que são mães e têm filhos também, pronto, na escola, e o voluntariado, às vezes pergunto se praticam... em nenhuma escola pelo menos que eu saiba... não.. é ajudarmos e estarmos presentes		
	Voltaria a repetir a experiência Quer-nos acrescentar algo mais sobre a sua experiência?)		Realmente tenho pena de não continuar mas hoje em dia é complicado, o tempo.... Mas nunca se sabe....		
Desenvolvimento ativo da entrevistada na implementação de novas práticas promotoras do bom ambiente, na escola	Disponibilidade para outros contributos		<p>Estão pouco sensíveis para isso ainda... a mentalidade eu posso ir lá falar (com a Associação de Pais), não me importava nada</p> <p>Estou aberta para perguntas e para falar sobre... era muito bom.</p> <p>Até mesmo as reuniões de pais</p>		

**ANEXO VII - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS PAIS E
ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**

A. CARTA AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Texto enquadrador, incluído no envelope com o pré-inquérito.

Caro/a Encarregado/a de Educação:

A disciplina/indisciplina na escola é uma questão do interesse de toda a comunidade educativa, pois tem consequências sobre as aprendizagens e os resultados escolares. No sentido da melhor compreensão deste fenómeno, na nossa escola, foi aprovado em Conselho Pedagógico a investigação deste tema.

Assim, em Abril, terá lugar a recolha de opinião de toda a comunidade escolar: alunos, professores, encarregados de educação, pessoal não docente. Iremos, então, solicitar aos Encarregados de Educação o preenchimento de inquéritos sobre o assunto.

Para já, necessitamos da sua colaboração para a testagem deste inquérito, pelo que lhe solicitamos

- a resposta ao inquérito, em anexo
- a respostas às perguntas, no final do mesmo, sobre o próprio inquérito.

Desta forma, pretendemos que a sua opinião nos ajude a torná-lo bem claro para todos e de fácil preenchimento.

Agradecemos, desde já, o seu interesse e colaboração.

Com os melhores cumprimentos

Vila Franca de Xira, 15 de Março de 2012

B. PRÉ-QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO AOS/ÀS ENCARREGADOS/AS DE EDUCAÇÃO

Nº

Inquérito por Questionário

Caro/a Encarregado/a de Educação:

Este questionário faz parte de um trabalho de investigação que está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Escolar. Queremos, desta forma, e tendo em conta a sua opinião, investigar que forma podemos melhorar a disciplina dos nossos alunos.

Para tal, precisamos da sua colaboração. Por favor,

- ✓ leia cuidadosamente cada questão e assinale a opção/ as opções que considera mais correcta/s:
- ✓ coloque um X no respectivo quadrado ou preencha os espaços.

Responda com o máximo de sinceridade. As suas respostas são indispensáveis e confidenciais.

Desde já, obrigado pela sua colaboração!

1ª parte - DADOS PESSOAIS RELATIVOS AO/À ENCARREGADO/A DE EDUCAÇÃO**1. Idade**

Até 25 anos Entre 26 e 30 anos Entre 31 e 35 anos Entre 36 e 40 anos
 Entre 41 e 45 anos Entre 46 e 50 anos Mais de 51 anos

2. Sexo

Feminino Masculino

3. Estado Civil

Solteiro Casado Viúvo Divorciado Vive em união de facto

4. Nacionalidade**5. Grau de Parentesco com o Aluno**

Pai Mãe Avô/avó Irmão/ã Tio/Tia Outro Qual? _____

6. Indique a sua escolaridade (nível mais elevado que frequentou)

Sem frequência 1.º ciclo 2.º ciclo
 3.º ciclo Ensino Secundário Ensino superior

7. Actividade Profissional

7.1. Empregado Desempregado Reformado

7.2. Actividade profissional atual ou já desenvolvida : _____

8. Quantos filhos/as já teve/tem a frequentar a escola?

0 1 2 3 4 ou mais

9. Acompanha o seu educando?	Não	Quando há problemas	1 vez por semana	2 vezes por semana	3 ou mais vezes por semana
Ajudo-o nas tarefas escolares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Controlo a caderneta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre a escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre problemas disciplinares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre direitos e deveres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre assuntos vários.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jantamos juntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Controlo a ocupação dos tempos livres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenvolvemos actividades, em conjunto, ao fim de semana.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:					

10. Contacto com a escola, em 2011-2012:

a) Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma:

0 1 2 3 4 5 ou mais

b) Tipo de contactos (assinale todas as que se aplicam):

Reuniões Gerais com Encarregados de Educação por Telefone

Atendimento pessoal por minha iniciativa Convocada/o pela/o Director de Turma

Outro. Qual _____

11. O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Não:

Sim - Como reagiu? _____

2ª parte - DADOS PESSOAIS RELATIVOS AO EDUCANDO

12. Idade do/a aluno/a

10 anos 11 anos 12 anos 13 anos 14 anos 15 anos 16 anos ou mais

13. Nacionalidade do aluno

14. Indique todas as pessoas que habitam com o aluno.

Pai Mãe Irmãos Avó Avô ; Outros Quem? _____

15. Ano de escolaridade que o seu educando está a frequentar

5ºano 6ºano 7ºano 8ºano 9ºano CEF

16. O aluno é repetente, este ano?	17. Número de retenções
Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/>
18. O Aluno beneficia de SASE?	
Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
19. Aproveitamento do/a aluno/a	
muito insuficiente <input type="checkbox"/> insuficiente <input type="checkbox"/> suficiente <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> muito bom <input type="checkbox"/>	
20. Comportamento do/a aluno/a	
muito insuficiente <input type="checkbox"/> insuficiente <input type="checkbox"/> suficiente <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> muito bom <input type="checkbox"/>	
21. Número de faltas disciplinares sofridas em 2011-12	
0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 ou mais <input type="checkbox"/>	
22. Motivo das faltas disciplinares sofridas.	
Não se aplica: <input type="checkbox"/> (neste caso, não responda aos restantes itens deste grupo.)	
a) Era conversador e distraído <input type="checkbox"/>	Interrompia as aulas com frequência <input type="checkbox"/>
b) Usava o telemóvel ou outro aparelho proibido <input type="checkbox"/>	Recusava-se a participar na aula <input type="checkbox"/>
c) Não obedecia ao/a professor/a <input type="checkbox"/>	Enviava mensagens <input type="checkbox"/>
d) Usava vocabulário impróprio <input type="checkbox"/>	Reagia agressivamente com o professor <input type="checkbox"/>
e) Atirava papelinhos <input type="checkbox"/>	Reagia agressivamente com os colegas <input type="checkbox"/>
	Outra: _____ <input type="checkbox"/>

3ª parte – REPRESENTAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO ACERCA DA (INDISCIPLINA ESCOLAR

23. O que entende por indisciplina, na sala de aula:	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Ser conversador e distraído	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falar em voz baixa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar o telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar vocabulário impróprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não cumprir as regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interromper as aulas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Levantar-se do lugar sem autorização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer comentários, para causar agitação na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recusar-se a participar na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cala-se, quando repreendido, mas recomeça, logo de seguida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

24. O que entende por indisciplina, relativamente aos colegas	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Não respeitar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir verbalmente os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir fisicamente os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaçar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro: _____

25. O que entende por indisciplina, relativamente ao pessoal docente e não docente	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Não respeitar os professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não obedecer ao/à professor/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaçar o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir verbalmente o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir fisicamente o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não obedecer ao pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir verbalmente o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir fisicamente o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro: _____

26. Na sua opinião, como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos?

Diminuiu Manteve-se igual Aumentou Desconheço

27. Na sua opinião, como se reflecte a mudança de ciclos sobre a disciplina?	piora	Mantém-se igual	melhora	Não sei
Do 1º para o 2º ciclo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Do 2º para o 3º ciclo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Aponte uma razão: _____

28. Quais os alunos com maior grau de indisciplina?

Rapazes Raparigas Rapazes e raparigas, por igual

4ª parte – REPRESENTAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO ACERCA DA (IN)DISCIPLINA ESCOLAR NA ESCOLA PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS

29. Como avalia na nossa Escola?	Nada satisfatório	Pouco satisfatório	Satisfatório	Bastante satisfatório	Muito satisfatório
O sucesso escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A disciplina na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A disciplina fora da aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O comportamento dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O respeito pelos funcionários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O respeito pelos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O civismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros:					

30. Como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos, nesta escola?

Diminuiu

Manteve-se igual

Aumentou

31. Como avalia a nossa Escola, comparativamente a outras do concelho, nos seguintes domínios?	Nada satisfatório	Pouco satisfatório	Satisfatório	Bastante satisfatório	Muito satisfatório
A disciplina na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A disciplina fora da aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O comportamento dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O sucesso escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O acompanhamento dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O contacto com os Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros:					

32. Na escola quem é que os alunos mais respeitam/obedecem?

	Muito	Bastante	Médio	Pouco	Nada
A Direcção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O Director de Turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os seus professores do sexo masculino	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As suas professoras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros Professores do sexo masculino	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras professoras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Psicóloga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colegas mais velhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

33. Quais as manifestações de mais significativas, na nossa Escola?	significativo	Pouco significativo	Nada significativo	Não sei
Ser conversador e distraído	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar o telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não obedecer ao/à professor/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar vocabulário impróprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não cumprir as regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interromper as aulas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recusar-se a participar na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reagir agressivamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar os professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

34. Sente que o seu educando está seguro na escola?

Muito inseguro Inseguro Seguro Bastante Seguro muito seguro

35. Na nossa escola, que factores estão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos?	Muito relevante	Bastante relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante
Falta de respeito, em geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de sentido de responsabilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desconhecimento das regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse pelas matérias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse pela escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de civismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de drogas/ álcool	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Necessidade de se afirmar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tipo de amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Problemas de relacionamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro :					

36. Na nossa escola, que factores estão na origem da indisciplina, da <u>responsabilidade da escola/professor?</u>	Muito relevante	Bastante relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante
O ambiente da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Número de alunos por turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Horário escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Autoridade do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Respeito pelo professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atitude do professor(permissivo,autoritário,...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de respeito, em geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de medidas adequadas na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empatia pelo professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conhecimento científico do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Idade do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sexo do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro :					

37. Na nossa escola, que factores <u>de ordem familiar</u> estão na origem da indisciplina,?	Muito relevante	Bastante relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante
Pouca colaboração da Família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Importância atribuída à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Grau de escolaridade do Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Violência doméstica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desemprego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Problemas familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de hábitos de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desresponsabilização dos Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse dos Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

38. Na sua opinião quais as medidas preventivas /disciplinares aplicadas pela escola?	Muito frequente	Bastante frequente	Frequente	Pouco frequente	Nada frequente	Não sei
Contrato/Negociação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Palestras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acompanhamento psicológico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida do aluno à Direcção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida da Direcção à sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão oral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tutoria por professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta disciplinar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ordem de saída da sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza de espaços na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Suspensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gabinete de Apoio ao Aluno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra feito na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra feito em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mudança de lugar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contacto com o Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:						

39. Como considera as medidas preventivas /disciplinares promovidas pela escola?	Pouco eficaz	Eficaz	Bastante eficaz	Muito eficaz	Não sei
Contrato/Negociação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Palestras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acompanhamento psicológico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida do aluno à Direcção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida da Direcção à sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão oral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tutoria por professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta disciplinar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ordem de saída da sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza de espaços na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Suspensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gabinete de Apoio ao Aluno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra feito na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra feito em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mudança de lugar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contacto com o Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:					

40. Que outras medidas deviam/podiam ser adoptadas para combater a indisciplina?	Não concordo	Concordo	Concordo plenamente
Acompanhamento por alunos tutores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalho voluntário dos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Responsabilização dos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expulsão do aluno que não cumpre o regulamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Intervenção da Associação de Alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Intervenção da Associação de Pais e Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criação de grupo de acompanhamento de Pais e Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Promoção de actividades na escola, pelos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Campanhas de sensibilização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sugestões -			

41. Que contributos estaria disposto/a a dar?
Trabalho voluntário na escola <input type="checkbox"/>
Integração numa equipa de acompanhamento de Pais e Encarregados de Educação <input type="checkbox"/>
Promoção e dinamização de actividades várias na escola <input type="checkbox"/>
Outra: _____

FIM

POR FAVOR, DÊ-NOS A SUA OPINIÃO SOBRE O INQUÉRITO: (Assinale com a sua opção)

1. As perguntas são de fácil compreensão? a) sim ; b) não - quais? _____

Sugestões de alteração: _____

2. Todas as perguntas são importantes? a) sim ; b) não - quais as que retirava ?

3. Indique outras sugestões de perguntas:

4. Outras sugestões:

Obrigada pela sua colaboração!

C. CARTA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Texto introdutório do Diretor, dirigido aos Pais e Encarregados de Educação, anexo aos envelopes com os questionários:

Caro/a Encarregada de Educação

Este inquérito integra um projeto de investigação aprovado a Novembro de 2011, em Conselho Pedagógico, designado **“A (in)disciplina na escola: um contributo da comunidade escolar/propostas de intervenção”**, apresentado por professores/as da escola.

O mesmo surge no âmbito de Mestrados em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, e pretende ser um contributo para explicar, abrir caminhos e propor soluções para os problemas e as implicações da in/disciplina na escola. Como a escola não se pode demitir das suas funções e tem a obrigação de se autoavaliar e autoanalisar, devemos fazê-lo, atendendo às perceções da comunidade educativa. Assim, estamos a recolher as opiniões dos alunos, docentes, assistentes operacionais e pais/encarregados de educação, quer através de inquéritos, quer de entrevistas.

O presente inquérito e respetiva implementação foram aprovados pela DGE-Direção Geral de Educação e respeita os princípios de confidencialidade, sigilo e anonimato.

Contamos, assim, com a Vossa colaboração, através do respetivo preenchimento. Lembro que é do interesse de todos, mas sobretudo da população escolar, que o mesmo seja preenchido com o maior rigor. Só assim, os resultados serão fidedignos e a posterior intervenção, mais adequada.

Agradecemos, antecipadamente, a sua colaboração.

Vila Franca de Xira, 29 de Maio de 2012

O Diretor

(assinatura)

D. QUESTIONÁRIO FINAL

Inquérito por Questionário

Caro/a Encarregado/a de Educação:

Este questionário faz parte de um trabalho de investigação que está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Escolar Queremos, desta forma, e tendo em conta a sua opinião, investigar a forma como podemos melhorar a disciplina dos nossos alunos.

Para tal, precisamos da sua colaboração. Por favor,

- ✓ leia cuidadosamente cada questão e assinale a opção/ as opções que considera mais correta/s:
- ✓ coloque um X no respetivo quadrado ou preencha os espaços.

Responda com o máximo de sinceridade. As suas respostas são indispensáveis e confidenciais.

Desde já, obrigada pela sua colaboração!

1ª parte - DADOS PESSOAIS RELATIVOS AO/À ENCARREGADO/A DE EDUCAÇÃO

1. Idade

- Até 25 anos Entre 26 e 30 anos Entre 31 e 35 anos Entre 36 e 40 anos
 Entre 41 e 45 anos Entre 46 e 50 anos Mais de 51 anos

2. Sexo

- Feminino Masculino

3. Estado Civil

- Solteiro Casado Viúvo Divorciado Vive em união de facto

4. Nacionalidade

5. Grau de Parentesco com o Aluno

- Pai Mãe Avô/avó Irmão/ã Tio/Tia Outro Qual? _____

6. Indique a sua escolaridade (nível mais elevado que frequentou)

- Sem frequência 1.º ciclo 2.º ciclo
 3.º ciclo Ensino Secundário Ensino superior

7. Atividade Profissional

- 7.1. Empregado Desempregado Reformado

7.2. Atividade profissional atual ou já desenvolvida : _____

8. Quantos filhos/as já teve/tem a frequentar a escola?

- 0 1 2 3 4 ou mais

9. Acompanha o seu educando?	Não	Sim, quando há problemas	Sim, 1 vez por semana	Sim, 2 vezes por semana	Sim, 3 ou mais vezes por semana
Ajudo-o nas tarefas escolares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Controlo a caderneta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre a escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre problemas disciplinares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre direitos e deveres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversamos sobre assuntos vários.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jantamos juntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Controlo a ocupação dos tempos livres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenvolvemos Atividades, em conjunto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:					

10. Contacto com a escola, em 2011-2012:

a) Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma:

0 1 2 3 4 5 ou mais

b) Tipo de contactos (assinale todas as que se aplicam):

Reuniões Gerais com Encarregados de Educação por Telefone

Atendimento pessoal por minha iniciativa ; Convocada/o pela/o Diretor de Turma ; Outro. Qual _____

11. O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Não:

Sim - Como reagiu? _____

2ª parte - DADOS PESSOAIS RELATIVOS AO EDUCANDO

12. Idade do/a aluno/a

10 anos 11 anos 12 anos 13 anos 14 anos 15 anos 16 anos ou mais

Nota: Se tem, atualmente, mais do que um educando, refira-se apenas a um deles nos pontos 13 a 22.

13. Nacionalidade do aluno

14. Indique todas as pessoas que habitam com o aluno.

Pai Mãe Irmãos Avó Avô ; Outros Quem? _____

15. Ano de escolaridade que o seu educando está a frequentar.

3ºano 6ºano 7ºano 8ºano 9ºano CEF

16. O aluno é repetente, este ano?	17. Número de retenções
Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/>
18. O Aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?	
Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
19. Aproveitamento do/a aluno/a	
muito insuficiente <input type="checkbox"/> insuficiente <input type="checkbox"/> suficiente <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> muito bom <input type="checkbox"/>	
20. Comportamento do/a aluno/a	
muito insuficiente <input type="checkbox"/> insuficiente <input type="checkbox"/> suficiente <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> muito bom <input type="checkbox"/>	
21. Número de faltas disciplinares sofridas em 2011-12	
0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 ou mais <input type="checkbox"/>	
22. Motivo das faltas disciplinares sofridas.	
Não se aplica: <input type="checkbox"/> (neste caso, não responda aos restantes itens deste grupo.)	
a) Era conversador e distraído <input type="checkbox"/>	Interrompia as aulas com frequência <input type="checkbox"/>
b) Usava o telemóvel ou outro aparelho proibido <input type="checkbox"/>	Recusava-se a participar na aula <input type="checkbox"/>
c) Não obedecia ao/a professor/a <input type="checkbox"/>	Enviava mensagens <input type="checkbox"/>
d) Usava vocabulário impróprio <input type="checkbox"/>	Reagia agressivamente com o professor <input type="checkbox"/>
e) Atirava papélinhos <input type="checkbox"/>	Reagia agressivamente com os colegas <input type="checkbox"/>
	Outra: _____

3ª parte – REPRESENTAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO ACERCA DA (INDISCIPLINA ESCOLAR

23. O que entende por indisciplina, na sala de aula:	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Ser conversador e distraído	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falar em voz baixa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar o telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar vocabulário impróprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não cumprir as regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interromper as aulas, sem razão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Levantar-se do lugar sem autorização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer comentários, para causar agitação na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recusar-se a participar na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cala-se, quando repreendido, mas recomeça, logo de seguida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

24. O que entende por indisciplina, relativamente aos colegas	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Não respeitar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir verbalmente os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir fisicamente os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaçar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

25. O que entende por indisciplina, relativamente ao pessoal docente e não docente	nada grave	pouco grave	grave	bastante grave	muito grave
Não respeitar os professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não obedecer ao/à professor/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaçar o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir verbalmente o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir fisicamente o professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não obedecer ao pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir verbalmente o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir fisicamente o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

26. Na sua opinião, como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos?

Diminuiu Manteve-se igual Aumentou Desconheço

27. Na sua opinião, como se reflecte a mudança de ciclos sobre a disciplina?	piora	Mantém-se igual	melhora	Não sei
Do 1º para o 2º ciclo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Do 2º para o 3º ciclo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aponte uma razão:				

28. Quais os alunos com maior grau de indisciplina?

28.1. Rapazes Raparigas Rapazes e raparigas, por igual Não sei

28.2. 5º ano ; 6º ano ; 7º ano ; 8º ano ; 9º ano ; CEF ano ; Não sei ;

4ª parte – REPRESENTAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO ACERCA DA (IN)DISCIPLINA ESCOLAR NA ESCOLA PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS

29. Como avalia na nossa Escola?	Pouco satisfatório	Satisfatório	Bastante satisfatório	Muito satisfatório	Não sei
O sucesso escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A disciplina na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A disciplina fora de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O comportamento dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O respeito pelos funcionários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O respeito pelos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O civismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

30. Como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos, nesta escola?

Diminuiu

Manteve-se igual

Aumentou

Não sei

31. Como avalia a nossa Escola, comparativamente a outras do concelho, nos seguintes domínios?	Pouco satisfatório	Satisfatório	Bastante satisfatório	Muito satisfatório	Não sei
A disciplina na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A disciplina fora de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O comportamento dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O sucesso escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O acompanhamento dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O contacto com os Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

32. Na escola, quem é que o seu educando/a mais respeita/ a quem obedece mais?

	Muito	Bastante	Médio	Pouco	Nada
A Direção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O Director de Turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os seus professores do sexo masculino	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As suas professoras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros Professores do sexo masculino	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras professoras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Psicólogo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colegas mais velhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

33. Quais as manifestações de indisciplina mais significativas, na nossa Escola?	Muito significativo	Significativo	Pouco significativo	Nada significativo	Não sei
Ser conversador e distraído	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar o telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não obedecer ao/à professor/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Usar vocabulário impróprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não cumprir as regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interromper as aulas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Recusar-se a participar na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reagir agressivamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar os professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não respeitar o pessoal não docente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

34. Sente que o seu educando está seguro na escola?

Muito inseguro Inseguro Seguro Bastante Seguro muito seguro

35. Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos?	Muito relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante	Não sei
Falta de respeito, em geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de sentido de responsabilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desconhecimento das regras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse pelas matérias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse pela escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de civismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de drogas/ álcool	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Necessidade de se afirmar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tipo de amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Problemas de relacionamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro :					

36. Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, da responsabilidade da escola/professor.?	Muito relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante	Não sei
O ambiente da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Número de alunos por turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Horário escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Autoridade do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Respeito pelo professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atitude do professor (permissivo, autoritário,...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de respeito, em geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de medidas adequadas na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empatia pelo professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conhecimento científico do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Idade do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sexo do professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro :					

37. Na nossa escola, que fatores de ordem familiar estão na origem da indisciplina,?	Muito relevante	Relevante	Pouco relevante	Nada relevante	Não sei
Pouca colaboração da Família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Importância atribuída à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Grau de escolaridade do Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Violência doméstica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desemprego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Problemas familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de hábitos de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desresponsabilização dos Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse dos Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro:					

38. Na sua opinião, quais as medidas preventivas /disciplinares mais aplicadas pela escola?	Muito frequente	Frequente	Pouco frequente	Nada frequente	Não sei
Contrato/Negociação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Palestras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acompanhamento psicológico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida do aluno à Direção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida da Direção à sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão oral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tutoria por professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta disciplinar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ordem de saída da sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza de espaços na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Suspensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gabinete de Apoio ao Aluno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra feito na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra feito em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mudança de lugar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contacto com o Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:					

39. Como considera as medidas preventivas /disciplinares promovidas pela escola?	Pouco eficaz	Eficaz	Bastante eficaz	Muito eficaz	Não sei
Contrato/Negociação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Palestras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acompanhamento psicológico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida do aluno à Direção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ida da Direção à sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão oral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Repreensão escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tutoria por professor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta disciplinar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ordem de saída da sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza de espaços na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Suspensão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gabinete de Apoio ao Aluno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra, feitos na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhos escolares extra, feitos em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mudança de lugar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contacto com o Enc. de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:					

5ª parte – PROPOSTAS PARA A PROMOÇÃO DA DISCIPLINA E DO BOM AMBIENTE ESCOLAR

40. Que outras medidas deviam/podiam ser adoptadas para combater a indisciplina?	Não concordo	Concordo	Concordo plenamente
Acompanhamento por alunos tutores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalho voluntário dos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Responsabilização dos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expulsão do aluno que não cumpre o regulamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Intervenção da Associação de Alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Intervenção da Associação de Pais e Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criação de grupo de acompanhamento de Pais e Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Promoção de Atividades na escola, pelos Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Campanhas de sensibilização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sugestões -			

41. Que contributos estaria disposto/a a dar?	
Trabalho voluntário na escola	<input type="checkbox"/>
Integração numa equipa de acompanhamento de Pais e Encarregados de Educação	<input type="checkbox"/>
Promoção e dinamização de Atividades várias na escola	<input type="checkbox"/>
Outra:	

FIM

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO IX - CARTA DE AGRADECIMENTO AO DIRETOR DA ESCOLA

Exmo. Senhor
Diretor do Agrupamento de Escolas
Professor Reynaldo dos Santos
Vila Franca de Xira

Assunto: Agradecimento

Compete-me comunicar que está concluída a fase de recolha de dados, que com a Vossa autorização e a aprovação do Conselho Pedagógico, foi levada a cabo na escola sede deste Agrupamento, no âmbito dum trabalho de investigação para um Mestrado em Administração e Gestão Escolar promovido pela Universidade Aberta: “ Olhares sobre a (in)disciplina escolar – um contributo dos pais/encarregados de educação e assistentes operacionais da Escola Professor Reynaldo dos Santos”.

Neste percurso, foram aplicados inquéritos, entrevistas, consultados dados importantes para a caracterização da escola. Tais atividades envolveram toda a comunidade escolar, nomeadamente assistentes operacionais, diretores de turma dos 2º e 3º ciclos e respetivos alunos e encarregados de educação, assim como a própria direção. Todos se disponibilizaram com o maior apoio e colaboração, sem os quais este trabalho nunca teria sido possível. Uma palavra especial para os Diretores de Turma, de quem estas atividades exigem um esforço acrescido, pela distribuição e recolha dos questionários.

Gostaria, assim, de expressar os meus mais sinceros agradecimentos a todos.

Espero que os resultados finais e as conclusões obtidas se possam repercutir positivamente em toda a escola e, em última análise, contribuir para a promoção de uma cultura de cidadania e de respeito mútuo, em toda a comunidade escolar e, em particular, no seio dos alunos.

Formulo, ainda, votos para que os “olhares” dos Pais/Encarregados de Educação e dos Assistentes Operacionais, que me disponibilizo, desde já, a divulgar, nos ajudem a ter uma imagem mais clara do fenómeno da (in)disciplina, na nossa escola e que os mesmos constituam um estímulo para o envolvimento, ainda mais determinado, de todos na vida desta “mini-sociedade”.

Subscrevo-me com os melhores votos e cumprimentos.

Vila Franca de Xira, 5 de Dezembro de 2012

A Professora

(Luísa Maria Lourenço Fernandes)

ANEXO X - PROFISSÕES DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

PROFISSÕES		
Totalidade de inquiridos	275	100%
totalidade de respostas obtidas	222	81%
Funcionário público	12	14,8%
Professor(a)	12	14,8%
Administrativa	9	11,1%
Auxiliar de ação educativa	8	9,9%
Enfermeira	7	8,6%
Médico(a)	7	8,6%
Operária de armazém	6	7,4%
Doméstica	5	6,2%
Empregada de balcão	5	6,2%
Motorista profissional	5	6,2%
Assistente operacional	4	4,9%
Auxiliar	4	4,9%
Designer	4	4,9%
Ajudante de cozinha	3	3,7%
Assistente técnica	3	3,7%
Auxiliar de armazém	3	3,7%
Cozinheira	3	3,7%
Escriturária	3	3,7%
Militar	3	3,7%
Técnica administrativa	3	3,7%
Auditora	2	2,5%
Bancário(a)	2	2,5%
Cabeleireira	2	2,5%
Caixeira	2	2,5%
Comercial	2	2,5%
Comerciante	2	2,5%
Contabilista	2	2,5%
Coordenadora	2	2,5%
Diretor/a comercial	2	2,5%
Empregada de escritório	2	2,5%
Empregada de refeitório	2	2,5%
Empregada doméstica	2	2,5%
Empresário individual	2	2,5%
Engenheiro(a)	2	2,5%
Gerente/Assistente operacional	2	2,5%
Gestor(a)	2	2,5%
GNR	2	2,5%
Jornalista	2	2,5%
Massagista	2	2,5%
Profissional de Seguros	2	2,5%

Projeto	2	2,5%
TOC	2	2,5%
Topógrafo	2	2,5%
Vendedor(a)	2	2,5%
Advogada	1	1,2%
Ajudante de prótese dentária	1	1,2%
Analista química	1	1,2%
Assessora de imprensa	1	1,2%
Assistente comercial	1	1,2%
Atendimento ao público	1	1,2%
Auxiliar administrativa	1	1,2%
Auxiliar de ação médica	1	1,2%
Auxiliar de enfermagem	1	1,2%
Auxiliar de limpeza	1	1,2%
Chefe de secção	1	1,2%
Chefe de setor	1	1,2%
Chefe de vendas	1	1,2%
Chefe estação CTT	1	1,2%
Comprador	1	1,2%
Consultora imobiliária	1	1,2%
Consultora RH	1	1,2%
Diretor financeiro	1	1,2%
Diretor financeiro / TOC	1	1,2%
Diretor/a de recursos humanos	1	1,2%
Educadora de Infância	1	1,2%
Eletricista	1	1,2%
Empregada de Hotelaria	1	1,2%
Empregada de limpeza	1	1,2%
Empregada fabril	1	1,2%
Empreiteiro	1	1,2%
Encarregada hospitalar	1	1,2%
Fiel de armazém	1	1,2%
Gerente e TOC	1	1,2%
Hotelaria	1	1,2%
Informática	1	1,2%
Logística	1	1,2%
Mecânico	1	1,2%
Monitora de C.A.O. (deficiência)	1	1,2%
Músico	1	1,2%
Op. Supermercado	1	1,2%
Hotelaria	1	1,2%
Secretária	1	1,2%
Segurança privada	1	1,2%
Serralheiro	1	1,2%
Técnica BD	1	1,2%
Técnica Bibliotecária	1	1,2%

Técnica de contabilidade	1	1,2%
Técnica de formação	1	1,2%
Técnica de Inst. especiais	1	1,2%
Técnica de radiologia.	1	1,2%
Técnica de receitas de tráfego numa companhia aérea	1	1,2%
Técnica de recursos humanos	1	1,2%
Técnica de Serviço Social	1	1,2%
Técnica de turismo	1	1,2%
Técnica de vendas	1	1,2%
Técnica emprego	1	1,2%
Técnica fisioterapia	1	1,2%
Técnica superior	1	1,2%
Técnica Superior de Serviço Social	1	1,2%
Técnico administrativo	1	1,2%
Técnico de apoio ao armazém	1	1,2%
Técnico de comunicação.	1	1,2%
Técnico de manutenção industrial	1	1,2%
Técnico de telecomunicações	1	1,2%
Técnico na área do emprego	1	1,2%
Trabalhadora independente	1	1,2%
Tradutora / secretária administrativa	1	1,2%
Transportes	1	1,2%
Vigilante	1	1,2%

ANEXO XI - TABELAS

1ª parte - DADOS PESSOAIS RELATIVOS AO/À ENCARREGADO/A DE EDUCAÇÃO**1. Idade**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Até 25 anos	1	,4	,4	,4
Entre 26 e 30 anos	2	,7	,7	1,1
Entre 31 e 35 anos	27	9,8	9,8	10,9
Valid Entre 36 e 40 anos	83	30,2	30,2	41,1
Entre 41 e 45 anos	101	36,7	36,7	77,8
Entre 46 e 50 anos	45	16,4	16,4	94,2
Mais de 51 anos	16	5,8	5,8	100,0
Total	275	100,0	100,0	

2. Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Feminino	219	79,6	79,9	79,9
Masculino	55	20,0	20,1	100,0
Total	274	99,6	100,0	
Missing NR	1	,4		
Total	275	100,0		

3. Estado civil

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Solteiro	16	5,8	5,8	5,8
Casado	182	66,2	66,2	72,0
Valid Viúvo	5	1,8	1,8	73,8
Divorciado	51	18,5	18,5	92,4
Vive em união de facto	21	7,6	7,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

4. Nacionalidade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Brasileira	6	2,2	2,2	2,2
Cabo verdiana	3	1,1	1,1	3,4
Francesa	1	,4	,4	3,7
Valid Luxemburguesa	1	,4	,4	4,1
Portuguesa	255	92,7	95,5	99,6
Romena	1	,4	,4	100,0
Total	267	97,1	100,0	
Missing NR	8	2,9		
Total	275	100,0		

5. Grau de parentesco com o aluno

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pai	52	18,9	18,9	18,9
Mãe	216	78,5	78,5	97,5
Valid Avó/avó	4	1,5	1,5	98,9
tio/tia	1	,4	,4	99,3
Padrasto	1	,4	,4	99,6
Gestora caso	1	,4	,4	100,0
Total	275	100,0	100,0	

6. Escolaridade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1º ciclo	13	4,7	4,8	4,8
2º ciclo	17	6,2	6,2	11,0
Valid 3º ciclo	36	13,1	13,2	24,2
Ens. Sec.	127	46,2	46,5	70,7
Ens. Sup.	80	29,1	29,3	100,0
Total	273	99,3	100,0	
Missing NR	2	,7		
Total	275	100,0		

P.7.- Atividade Profissional

7.1. Situação profissional

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Empregado	227	82,5	85,7	85,7
	Desempregado	35	12,7	13,2	98,9
	Reformado	3	1,1	1,1	100,0
	Total	265	96,4	100,0	
Missing	NR	10	3,6		
Total		275	100,0		

8. N° filho/as já teve/tem a frequentar a escola

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	4	1,5	1,5	1,5
	1	123	44,7	45,1	46,5
	2	121	44,0	44,3	90,8
	3	20	7,3	7,3	98,2
	4 ou mais	5	1,8	1,8	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

P9.- Acompanha o seu educando?

P9.1 . Ajudo o meu educando nas tarefas escolares

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	15	5,5	5,7	5,7
	Sim, quando há problemas	120	43,6	45,5	51,1
	Sim, 1 vez por semana	12	4,4	4,5	55,7
	Sim, 2 vezes por semana	33	12,0	12,5	68,2
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	84	30,5	31,8	100,0
	Total	264	96,0	100,0	
Missing	NR	11	4,0		
Total		275	100,0		

P9.2 Controlo a caderneta d meu educando

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	16	5,8	5,9	5,9
	Sim, quando há problemas	53	19,3	19,6	25,5
	Sim, 1 vez por semana	77	28,0	28,4	53,9
	Sim, 2 vezes por semana	20	7,3	7,4	61,3
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	105	38,2	38,7	100,0
	Total	271	98,5	100,0	
Missing	NR	4	1,5		
Total		275	100,0		

P9.3 Eu e o meu educando conversamos sobre a escola

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	2	,7	,7	,7
	Sim, quando há problemas	21	7,6	7,7	8,5
	Sim, 1 vez por semana	10	3,6	3,7	12,2
	Sim, 2 vezes por semana	15	5,5	5,5	17,7
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	223	81,1	82,3	100,0
	Total	271	98,5	100,0	
Missing	NR	4	1,5		
Total		275	100,0		

P9.4 Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	8	2,9	2,9	2,9
	Sim, quando há problemas	87	31,6	31,9	34,8
	Sim, 1 vez por semana	12	4,4	4,4	39,2
	Sim, 2 vezes por semana	20	7,3	7,3	46,5
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	146	53,1	53,5	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

P9.5 Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	4	1,5	1,5	1,5
	Sim, quando há problemas	58	21,1	21,3	22,8
	Sim, 1 vez por semana	30	10,9	11,0	33,8
	Sim, 2 vezes por semana	26	9,5	9,6	43,4
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	154	56,0	56,6	100,0
	Total	272	98,9	100,0	
Missing	NR	3	1,1		
Total		275	100,0		

P9.6 Eu e o meu educando conversamos sobre vários assuntos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	2	,7	,7	,7
	Sim, quando há problemas	14	5,1	5,2	5,9
	Sim, 1 vez por semana	8	2,9	3,0	8,9
	Sim, 2 vezes por semana	14	5,1	5,2	14,1
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	232	84,4	85,9	100,0
	Total	270	98,2	100,0	
Missing	NR	5	1,8		
Total		275	100,0		

P9.7 Eu e o meu educando jantamos juntos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	3	1,1	1,1	1,1
	Sim, quando há problemas	4	1,5	1,5	2,6
	Sim, 1 vez por semana	5	1,8	1,9	4,4
	Sim, 2 vezes por semana	6	2,2	2,2	6,7
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	252	91,6	93,3	100,0
	Total	270	98,2	100,0	
Missing	NR	5	1,8		
Total		275	100,0		

P9.8 Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	16	5,8	5,9	5,9
	Sim, quando há problemas	13	4,7	4,8	10,7
	Sim, 1 vez por semana	11	4,0	4,0	14,7
	Sim, 2 vezes por semana	21	7,6	7,7	22,4
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	211	76,7	77,6	100,0
	Total	272	98,9	100,0	
Missing	NR	3	1,1		
Total		275	100,0		

P9.9 Eu e o meu educando desenvolvemos atividades em conjunto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	21	7,6	7,9	7,9
	Sim, quando há problemas	8	2,9	3,0	10,9
Valid	Sim, 1 vez por semana	41	14,9	15,4	26,3
	Sim, 2 vezes por semana	50	18,2	18,8	45,1
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	146	53,1	54,9	100,0
	Total	266	96,7	100,0	
Missing	NR	9	3,3		
Total		275	100,0		

10. CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	12	4,4	4,5	4,5
	1	11	4,0	4,1	8,6
	2	58	21,1	21,8	30,5
Valid	3	74	26,9	27,8	58,3
	4	43	15,6	16,2	74,4
	5 ou mais	68	24,7	25,6	100,0
	Total	266	96,7	100,0	
Missing	NR	9	3,3		
Total		275	100,0		

11. O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sim	33	12,0	12,1	12,1
Valid	Não	239	86,9	87,9	100,0
	Total	272	98,9	100,0	
Missing	NR	3	1,1		
Total		275	100,0		

2ª parte - DADOS PESSOAIS RELATIVOS AO EDUCANDO

12. Idade do aluno

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	10 anos	27	9,8	9,9	9,9
	11 anos	51	18,5	18,7	28,6
	12 anos	55	20,0	20,1	48,7
Valid	13 anos	62	22,5	22,7	71,4
	14 anos	44	16,0	16,1	87,5
	15 anos	22	8,0	8,1	95,6
	16 anos ou mais	12	4,4	4,4	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

13. Nacionalidade do aluno

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Brasileira	5	1,8	1,8	1,8
	Francesa	1	,4	,4	2,2
	Moçambicana	1	,4	,4	2,6
Valid	Portuguesa	262	95,3	96,7	99,3
	Portuguesa/inglesa	1	,4	,4	99,6
	Romena	1	,4	,4	100,0
	Total	271	98,5	100,0	
Missing	NR	4	1,5		
Total		275	100,0		

P14.- Todas as pessoas que habitam com o aluno.

14. Pessoas que habitam com o aluno: Pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	82	29,8	29,8	29,8
Valid Sim	193	70,2	70,2	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Pessoas que habitam com o aluno: Mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	24	8,7	8,7	8,7
Valid Sim	251	91,3	91,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Pessoas que habitam com o aluno: Irmãos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	95	34,5	34,5	34,5
Valid Sim	180	65,5	65,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Pessoas que habitam com o aluno: Avó

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	249	90,5	90,5	90,5
Valid Sim	26	9,5	9,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Pessoas que habitam com o aluno: Avô

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	262	95,3	95,3	95,3
Valid Sim	13	4,7	4,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Pessoas que habitam com o aluno: Outros

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	246	89,5	89,5	89,5
Valid Sim	29	10,5	10,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

15. Ano de escolaridade que o seu educando está a frequentar.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 5° ano	55	20,0	20,4	20,4
Valid 6° ano	56	20,4	20,7	41,1
Valid 7° ano	66	24,0	24,4	65,6
Valid 8° ano	52	18,9	19,3	84,8
Valid 9° ano	33	12,0	12,2	97,0
Valid CEF	8	2,9	3,0	100,0
Total	270	98,2	100,0	
Missing NR	5	1,8		
Total	275	100,0		

16. O aluno é repetente este ano?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	23	8,4	8,6	8,6
Valid Não	246	89,5	91,4	100,0
Total	269	97,8	100,0	
Missing NR	6	2,2		
Total	275	100,0		

17. N.º de retenções

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	158	57,5	80,2	80,2
	25	9,1	12,7	92,9
Valid	7	2,5	3,6	96,4
	7	2,5	3,6	100,0
Total	197	71,6	100,0	
Missing	NR	78	28,4	
Total	275	100,0		

18. O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Social Escolar)?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	71	25,8	26,6	26,6
	196	71,3	73,4	100,0
Total	267	97,1	100,0	
Missing	NR	8	2,9	
Total	275	100,0		

19. Aproveitamento do aluno

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	2	,7	,7	,7
	17	6,2	6,3	7,1
Valid	102	37,1	37,9	45,0
	100	36,4	37,2	82,2
	48	17,5	17,8	100,0
Total	269	97,8	100,0	
Missing	NR	6	2,2	
Total	275	100,0		

20. Comportamento do aluno

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	1	,4	,4	,4
	9	3,3	3,4	3,7
Valid	60	21,8	22,5	26,2
	129	46,9	48,3	74,5
	68	24,7	25,5	100,0
Total	267	97,1	100,0	
Missing	NR	8	2,9	
Total	275	100,0		

21. N.º de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	213	77,5	80,1	80,1
	32	11,6	12,0	92,1
	6	2,2	2,3	94,4
Valid	3	1,1	1,1	95,5
	3	1,1	1,1	96,6
	9	3,3	3,4	100,0
Total	266	96,7	100,0	
Missing	NR	9	3,3	
Total	275	100,0		

P22 .- Motivo das faltas disciplinares sofridas.**22. Motivo das faltas disciplinares sofridas**

		Ser conversador e distraído	Falar em voz baixa	Usar o telemóvel	Usar vocabulário impróprio	Não cumprir as regras
N	Valid	268	268	269	269	268
	Missing	7	7	6	6	7

Statistics

		Interromper as aulas, sem razão	Levantar-se do lugar sem autorização	Fazer comentários para causar agitação na aula.	Recusar-se a participar na aula	Cala-se, quando repreendido, mas recomeça logo de seguida.
N	Valid	269	268	268	268	268
	Missing	6	7	7	7	7

3ª parte – REPRESENTAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO ACERCA DA (IN)DISCIPLINA ESCOLAR**P23 .- O que entende por indisciplina, na sala de aula:****23. Ser conversador e distraído**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	6	2,2	2,2	2,2
	Pouco grave	65	23,6	24,3	26,5
	Grave	149	54,2	55,6	82,1
	Bastante grave	29	10,5	10,8	92,9
	Muito grave	19	6,9	7,1	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

Falar em voz baixa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	36	13,1	13,4	13,4
	Pouco grave	138	50,2	51,5	64,9
	Grave	72	26,2	26,9	91,8
	Bastante grave	16	5,8	6,0	97,8
	Muito grave	6	2,2	2,2	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

Usar o telemóvel

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	1	,4	,4	,4
	Pouco grave	3	1,1	1,1	1,5
	Grave	51	18,5	19,0	20,4
	Bastante grave	47	17,1	17,5	37,9
	Muito grave	167	60,7	62,1	100,0
	Total	269	97,8	100,0	
Missing	NR	6	2,2		
Total		275	100,0		

Usar vocabulário impróprio

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	1	,4	,4	,4
	Pouco grave	2	,7	,7	1,1
	Grave	11	4,0	4,1	5,2
	Bastante grave	45	16,4	16,7	21,9
	Muito grave	210	76,4	78,1	100,0
	Total	269	97,8	100,0	
Missing	NR	6	2,2		
Total		275	100,0		

Não cumprir as regras

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	1	,4	,4	,4
	Pouco grave	1	,4	,4	,7
	Grave	37	13,5	13,8	14,6
	Bastante grave	68	24,7	25,4	39,9
	Muito grave	161	58,5	60,1	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

Interromper as aulas, sem razão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pouco grave	6	2,2	2,2	2,2
	Grave	97	35,3	36,1	38,3
	Bastante grave	91	33,1	33,8	72,1
	Muito grave	75	27,3	27,9	100,0
	Total	269	97,8	100,0	
Missing	NR	6	2,2		
Total		275	100,0		

Levantar-se do lugar sem autorização

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pouco grave	17	6,2	6,3	6,3
	Grave	98	35,6	36,6	42,9
	Bastante grave	85	30,9	31,7	74,6
	Muito grave	68	24,7	25,4	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

Fazer comentários para causar agitação na aula.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	1	,4	,4	,4
	Pouco grave	8	2,9	3,0	3,4
	Grave	63	22,9	23,5	26,9
	Bastante grave	76	27,6	28,4	55,2
	Muito grave	120	43,6	44,8	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

Recusar-se a participar na aula

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada grave	1	,4	,4	,4
	Pouco grave	16	5,8	6,0	6,3
	Grave	80	29,1	29,9	36,2
	Bastante grave	70	25,5	26,1	62,3
	Muito grave	101	36,7	37,7	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

Cala-se, quando repreendido, mas recomeça logo de seguida.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	11	4,0	4,1	4,1
	Grave	93	33,8	34,7	38,8
Valid	Bastante grave	99	36,0	36,9	75,7
	Muito grave	65	23,6	24,3	100,0
	Total	268	97,5	100,0	
Missing	NR	7	2,5		
Total		275	100,0		

P24 .- O que entende por indisciplina, na sala de aula:**24. Não respeitar os colegas**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	5	1,8	1,8	1,8
	Grave	97	35,3	35,4	37,2
Valid	Bastante grave	85	30,9	31,0	68,2
	Muito grave	87	31,6	31,8	100,0
	Total	274	99,6	100,0	
Missing	NR	1	,4		
Total		275	100,0		

Agredir verbalmente os colegas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	2	,7	,7	,7
	Grave	26	9,5	9,5	10,2
Valid	Bastante grave	93	33,8	33,9	44,2
	Muito grave	153	55,6	55,8	100,0
	Total	274	99,6	100,0	
Missing	NR	1	,4		
Total		275	100,0		

Agredir fisicamente os colegas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Grave	6	2,2	2,2	2,2
Valid	Bastante grave	30	10,9	10,9	13,1
	Muito grave	238	86,5	86,9	100,0
	Total	274	99,6	100,0	
Missing	NR	1	,4		
Total		275	100,0		

Ameaçar os colegas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	1	,4	,4	,4
	Grave	22	8,0	8,0	8,4
Valid	Bastante grave	75	27,3	27,4	35,8
	Muito grave	176	64,0	64,2	100,0
	Total	274	99,6	100,0	
Missing	NR	1	,4		
Total		275	100,0		

P25 .- O que entende por indisciplina, relativamente ao pessoal docente e não docente?**25. Não respeitar os professores**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	1	,4	,4	,4
	Grave	36	13,1	13,2	13,6
Valid	Bastante grave	55	20,0	20,2	33,8
	Muito grave	180	65,5	66,2	100,0
	Total	272	98,9	100,0	
Missing	NR	3	1,1		
Total		275	100,0		

Não obedecer ao/à professor/a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	1	,4	,4	,4
	Grave	44	16,0	16,1	16,5
Valid	Bastante grave	59	21,5	21,6	38,1
	Muito grave	169	61,5	61,9	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

Ameaçar o professor

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Grave	8	2,9	2,9	2,9
Valid	Bastante grave	36	13,1	13,2	16,1
	Muito grave	229	83,3	83,9	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

Agredir verbalmente o professor

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Grave	8	2,9	2,9	2,9
Valid	Bastante grave	37	13,5	13,6	16,5
	Muito grave	228	82,9	83,5	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

Agredir fisicamente o professor

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Grave	4	1,5	1,5	1,5
Valid	Bastante grave	8	2,9	2,9	4,4
	Muito grave	261	94,9	95,6	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

Não respeitar o pessoal não docente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	2	,7	,7	,7
	Grave	25	9,1	9,3	10,0
Valid	Bastante grave	79	28,7	29,3	39,3
	Muito grave	164	59,6	60,7	100,0
	Total	270	98,2	100,0	
Missing	NR	5	1,8		
Total		275	100,0		

Não obedecer ao pessoal não docente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	1	,4	,4	,4
	Grave	42	15,3	15,4	15,8
Valid	Bastante grave	82	29,8	30,0	45,8
	Muito grave	148	53,8	54,2	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

Agredir verbalmente o pessoal não docente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	2	,7	,7	,7
	Grave	13	4,7	4,8	5,5
Valid	Bastante grave	42	15,3	15,4	20,9
	Muito grave	216	78,5	79,1	100,0
	Total	273	99,3	100,0	
Missing	NR	2	,7		
Total		275	100,0		

Agredir fisicamente o pessoal não docente

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Pouco grave	1	,4	,4
	Grave	8	2,9	3,3
Valid	Bastante grave	17	6,2	9,6
	Muito grave	246	89,5	100,0
	Total	272	98,9	100,0
Missing	NR	3	1,1	
Total		275	100,0	

26. Na sua opinião, como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Diminuiu	11	4,0	4,1
	Manteve-se igual	27	9,8	14,1
Valid	Aumentou	217	78,9	94,4
	Desconheço	15	5,5	100,0
	Total	270	98,2	100,0
Missing	NR	5	1,8	
Total		275	100,0	

P27 - Na sua opinião, como se reflete a mudança de ciclos sobre a disciplina?**27. a - Do 1º para o 2º**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Piora	123	44,7	44,7
	Mantém-se igual	82	29,8	74,5
Valid	Melhora	24	8,7	83,3
	Não sei	46	16,7	100,0
	Total	275	100,0	100,0

27. b - Do 2º para o 3º

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Piora	102	37,1	37,1
	Mantém-se igual	57	20,7	57,8
Valid	Melhora	38	13,8	71,6
	Não sei	78	28,4	100,0
	Total	275	100,0	100,0

P28 - Quais os alunos com maior grau de indisciplina?**28.1. Quais os alunos com maior grau de indisciplina?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Rapazes	74	26,9	26,9
	Raparigas	4	1,5	28,4
Valid	Rapazes e Raparigas por igual	149	54,2	82,5
	Não sei	48	17,5	100,0
	Total	275	100,0	100,0

28.2. 5º ano

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	241	87,6	87,6
Valid	Sim	34	12,4	100,0
	Total	275	100,0	100,0

6º ano

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	230	83,6	83,6
Valid	Sim	45	16,4	100,0
	Total	275	100,0	100,0

7º ano

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	212	77,1	77,1	77,1
Valid Sim	63	22,9	22,9	100,0
Total	275	100,0	100,0	

8º ano

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	228	82,9	82,9	82,9
Valid Sim	47	17,1	17,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

9º ano

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	250	90,9	90,9	90,9
Valid Sim	25	9,1	9,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

CEF

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	242	88,0	88,0	88,0
Valid Sim	33	12,0	12,0	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Não sei

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	185	67,3	67,3	67,3
Valid Sim	90	32,7	32,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

4ª parte – REPRESENTAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO ACERCA DA (IN)DISCIPLINA ESCOLAR NA ESCOLA PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS

P29 .- Como avalia na nossa Escola?**29.1. O sucesso escolar**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco satisfatório	11	4,0	4,0	4,0
Valid Satisfatório	85	30,9	30,9	34,9
Valid Bastante satisfatório	107	38,9	38,9	73,8
Valid Muito satisfatório	41	14,9	14,9	88,7
Valid Não sei	31	11,3	11,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

A disciplina na aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco satisfatório	35	12,7	12,7	12,7
Valid Satisfatório	120	43,6	43,6	56,4
Valid Bastante satisfatório	68	24,7	24,7	81,1
Valid Muito satisfatório	24	8,7	8,7	89,8
Valid Não sei	28	10,2	10,2	100,0
Total	275	100,0	100,0	

A disciplina fora da aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco satisfatório	32	11,6	11,6	11,6
Valid Satisfatório	132	48,0	48,0	59,6
Valid Bastante satisfatório	59	21,5	21,5	81,1
Valid Muito satisfatório	16	5,8	5,8	86,9
Valid Não sei	36	13,1	13,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O comportamento dos alunos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	50	18,2	18,2	18,2
Satisfatório	142	51,6	51,6	69,8
Bastante satisfatório	39	14,2	14,2	84,0
Muito satisfatório	12	4,4	4,4	88,4
Não sei	32	11,6	11,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O respeito pelos funcionários

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	33	12,0	12,0	12,0
Satisfatório	126	45,8	45,8	57,8
Bastante satisfatório	57	20,7	20,7	78,5
Muito satisfatório	19	6,9	6,9	85,5
Não sei	40	14,5	14,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O respeito pelos professores

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	31	11,3	11,3	11,3
Satisfatório	122	44,4	44,4	55,6
Bastante satisfatório	62	22,5	22,5	78,2
Muito satisfatório	27	9,8	9,8	88,0
Não sei	33	12,0	12,0	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O civismo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	47	17,1	17,1	17,1
Satisfatório	119	43,3	43,3	60,4
Bastante satisfatório	54	19,6	19,6	80,0
Muito satisfatório	19	6,9	6,9	86,9
Não sei	36	13,1	13,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

A segurança

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	25	9,1	9,1	9,1
Satisfatório	115	41,8	41,8	50,9
Bastante satisfatório	70	25,5	25,5	76,4
Muito satisfatório	45	16,4	16,4	92,7
Não sei	20	7,3	7,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

30. Como tem evoluído o fenómeno da indisciplina ao longo dos anos, nesta escola?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Diminiu	28	10,2	10,2	10,2
Manteve-se igual	63	22,9	22,9	33,1
Aumentou	66	24,0	24,0	57,1
Não sei	118	42,9	42,9	100,0
Total	275	100,0	100,0	

P31 .- Como avalia a nossa Escola, comparativamente a outras do concelho, nos seguintes domínios?

31. A disciplina na aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	5	1,8	1,8	1,8
Satisfatório	70	25,5	25,5	27,3
Bastante satisfatório	58	21,1	21,1	48,4
Muito satisfatório	25	9,1	9,1	57,5
Não sei	117	42,5	42,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

A disciplina fora da aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	7	2,5	2,5	2,5
Satisfatório	79	28,7	28,7	31,3
Bastante satisfatório	46	16,7	16,7	48,0
Muito satisfatório	26	9,5	9,5	57,5
Não sei	117	42,5	42,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O comportamento dos alunos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	9	3,3	3,3	3,3
Satisfatório	83	30,2	30,2	33,5
Bastante satisfatório	49	17,8	17,8	51,3
Muito satisfatório	20	7,3	7,3	58,5
Não sei	114	41,5	41,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O sucesso escolar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	5	1,8	1,8	1,8
Satisfatório	55	20,0	20,0	21,8
Bastante satisfatório	77	28,0	28,0	49,8
Muito satisfatório	34	12,4	12,4	62,2
Não sei	104	37,8	37,8	100,0
Total	275	100,0	100,0	

A segurança

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	11	4,0	4,0	4,0
Satisfatório	68	24,7	24,7	28,7
Bastante satisfatório	53	19,3	19,3	48,0
Muito satisfatório	48	17,5	17,5	65,5
Não sei	95	34,5	34,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

o acompanhamento dos alunos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	12	4,4	4,4	4,4
Satisfatório	72	26,2	26,2	30,5
Bastante satisfatório	60	21,8	21,8	52,4
Muito satisfatório	32	11,6	11,6	64,0
Não sei	99	36,0	36,0	100,0
Total	275	100,0	100,0	

O contacto com os Encarregados de Educação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco satisfatório	7	2,5	2,5	2,5
Satisfatório	64	23,3	23,3	25,8
Bastante satisfatório	47	17,1	17,1	42,9
Muito satisfatório	59	21,5	21,5	64,4
Não sei	98	35,6	35,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

P32 .- Na escola, quem é que o seu educando/a mais respeita/ a quem obedece mais?

32. 1. A direção

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	166	60,4	63,6	63,6
	Bastante	70	25,5	26,8	90,4
	Médio	23	8,4	8,8	99,2
	Pouco	1	,4	,4	99,6
	Nada	1	,4	,4	100,0
	Total	261	94,9	100,0	
Missing	NR	14	5,1		
Total		275	100,0		

O Diretor de Turma

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	169	61,5	63,3	63,3
	Bastante	79	28,7	29,6	92,9
	Médio	17	6,2	6,4	99,3
	Pouco	1	,4	,4	99,6
	Nada	1	,4	,4	100,0
	Total	267	97,1	100,0	
Missing	NR	8	2,9		
Total		275	100,0		

Os seu professores (género masculino)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	107	38,9	41,6	41,6
	Bastante	104	37,8	40,5	82,1
	Médio	39	14,2	15,2	97,3
	Pouco	4	1,5	1,6	98,8
	Nada	3	1,1	1,2	100,0
	Total	257	93,5	100,0	
Missing	NR	18	6,5		
Total		275	100,0		

As suas professoras

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	109	39,6	41,1	41,1
	Bastante	104	37,8	39,2	80,4
	Médio	48	17,5	18,1	98,5
	Pouco	3	1,1	1,1	99,6
	Nada	1	,4	,4	100,0
	Total	265	96,4	100,0	
Missing	NR	10	3,6		
Total		275	100,0		

Outros professores (género masculino)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	94	34,2	36,7	36,7
	Bastante	105	38,2	41,0	77,7
	Médio	51	18,5	19,9	97,7
	Pouco	4	1,5	1,6	99,2
	Nada	2	,7	,8	100,0
	Total	256	93,1	100,0	
Missing	NR	19	6,9		
Total		275	100,0		

Outras professoras

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	96	34,9	37,2	37,2
	Bastante	107	38,9	41,5	78,7
	Médio	50	18,2	19,4	98,1
	Pouco	4	1,5	1,6	99,6
	Nada	1	,4	,4	100,0
	Total	258	93,8	100,0	
Missing	NR	17	6,2		
Total		275	100,0		

Psicóloga

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	63	22,9	33,2	33,2
	Bastante	65	23,6	34,2	67,4
	Médio	39	14,2	20,5	87,9
	Pouco	5	1,8	2,6	90,5
	Nada	18	6,5	9,5	100,0
	Total	190	69,1	100,0	
Missing	NR	85	30,9		
Total		275	100,0		

Pessoal não docente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	98	35,6	37,3	37,3
	Bastante	99	36,0	37,6	74,9
	Médio	58	21,1	22,1	97,0
	Pouco	7	2,5	2,7	99,6
	Nada	1	,4	,4	100,0
	Total	263	95,6	100,0	
Missing	NR	12	4,4		
Total		275	100,0		

Colegas mais velhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	59	21,5	23,4	23,4
	Bastante	73	26,5	29,0	52,4
	Médio	94	34,2	37,3	89,7
	Pouco	20	7,3	7,9	97,6
	Nada	6	2,2	2,4	100,0
	Total	252	91,6	100,0	
Missing	NR	23	8,4		
Total		275	100,0		

P33 .- Quais as manifestações de indisciplina mais significativas, na nossa Escola?**33. 1. Ser conversador e distraído**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	87	31,6	31,6	31,6
	Significativo	109	39,6	39,6	71,3
	Pouco significativo	25	9,1	9,1	80,4
	Nada significativo	7	2,5	2,5	82,9
	Não sei	47	17,1	17,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0	

Usar o telemóvel

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	100	36,4	36,4	36,4
	Significativo	85	30,9	30,9	67,3
	Pouco significativo	22	8,0	8,0	75,3
	Nada significativo	4	1,5	1,5	76,7
	Não sei	64	23,3	23,3	100,0
	Total	275	100,0	100,0	

Não obedecer ao/à professor/a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	123	44,7	44,7
	Significativo	80	29,1	73,8
	Pouco significativo	18	6,5	80,4
	Nada significativo	3	1,1	81,5
	Não sei	51	18,5	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Usar vocabulário impróprio

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	124	45,1	45,1
	Significativo	73	26,5	71,6
	Pouco significativo	17	6,2	77,8
	Nada significativo	6	2,2	80,0
	Não sei	55	20,0	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Não respeitar os colegas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	96	34,9	34,9
	Significativo	93	33,8	68,7
	Pouco significativo	23	8,4	77,1
	Nada significativo	2	,7	77,8
	Não sei	61	22,2	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Não cumprir as regras

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	112	40,7	40,7
	Significativo	96	34,9	75,6
	Pouco significativo	13	4,7	80,4
	Nada significativo	3	1,1	81,5
	Não sei	51	18,5	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Interromper as aulas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	94	34,2	34,2
	Significativo	101	36,7	70,9
	Pouco significativo	19	6,9	77,8
	Nada significativo	3	1,1	78,9
	Não sei	58	21,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Recusar-se a participar na aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	70	25,5	25,5
	Significativo	90	32,7	58,2
	Pouco significativo	40	14,5	72,7
	Nada significativo	6	2,2	74,9
	Não sei	69	25,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Reagir agressivamente

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	123	44,7	44,7
	Significativo	43	15,6	60,4
	Pouco significativo	30	10,9	71,3
	Nada significativo	14	5,1	76,4
	Não sei	65	23,6	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Não respeitar os professores

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	123	44,7	44,7
	Significativo	65	23,6	68,4
	Pouco significativo	25	9,1	77,5
	Nada significativo	7	2,5	80,0
	Não sei	55	20,0	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Não respeitar o pessoal não docente

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito significativo	110	40,0	40,0
	Significativo	75	27,3	67,3
	Pouco significativo	23	8,4	75,6
	Nada significativo	6	2,2	77,8
	Não sei	61	22,2	100,0
	Total	275	100,0	100,0

34. Sente que o seu educando está seguro na escola?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito inseguro	4	1,5	1,5
	Inseguro	6	2,2	3,8
	Seguro	166	60,4	67,7
	Bastante seguro	57	20,7	89,6
	Muito seguro	27	9,8	100,0
	Total	260	94,5	100,0
Missing	NR	15	5,5	
Total	275	100,0		

P35 .- Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, no domínio dos alunos?**35. Falta de respeito em geral**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	131	47,6	47,6
	Relevante	92	33,5	81,1
	Pouco relevante	9	3,3	84,4
	Nada relevante	2	,7	85,1
	Não sei	41	14,9	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Falta de sentido de responsabilidade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	101	36,7	36,7
	Relevante	114	41,5	78,2
	Pouco relevante	16	5,8	84,0
	Nada relevante	2	,7	84,7
	Não sei	42	15,3	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Desconhecimento das regras

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	52	18,9	18,9
	Relevante	96	34,9	53,8
	Pouco relevante	61	22,2	76,0
	Nada relevante	14	5,1	81,1
	Não sei	52	18,9	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Desinteresse pelas matérias

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	85	30,9	30,9	30,9
Relevante	119	43,3	43,3	74,2
Pouco relevante	26	9,5	9,5	83,6
Nada relevante	2	,7	,7	84,4
Não sei	43	15,6	15,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Desinteresse pela escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	102	37,1	37,1	37,1
Relevante	98	35,6	35,6	72,7
Pouco relevante	25	9,1	9,1	81,8
Nada relevante	4	1,5	1,5	83,3
Não sei	46	16,7	16,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Falta de civismo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	119	43,3	43,3	43,3
Relevante	86	31,3	31,3	74,5
Pouco relevante	20	7,3	7,3	81,8
Nada relevante	4	1,5	1,5	83,3
Não sei	46	16,7	16,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Consumo de drogas/álcool

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	88	32,0	32,0	32,0
Relevante	39	14,2	14,2	46,2
Pouco relevante	36	13,1	13,1	59,3
Nada relevante	16	5,8	5,8	65,1
Não sei	96	34,9	34,9	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Necessidade de se afirmar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	68	24,7	24,7	24,7
Relevante	122	44,4	44,4	69,1
Pouco relevante	23	8,4	8,4	77,5
Nada relevante	3	1,1	1,1	78,5
Não sei	59	21,5	21,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Tipo de amigos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	77	28,0	28,0	28,0
Relevante	106	38,5	38,5	66,5
Pouco relevante	36	13,1	13,1	79,6
Nada relevante	3	1,1	1,1	80,7
Não sei	53	19,3	19,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Problemas de relacionamento

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	57	20,7	20,7	20,7
Relevante	101	36,7	36,7	57,5
Pouco relevante	56	20,4	20,4	77,8
Nada relevante	3	1,1	1,1	78,9
Não sei	58	21,1	21,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

P36 .- Na nossa escola, que fatores estão na origem da indisciplina, da responsabilidade da escola/professor ?

36.1. O ambiente da escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	45	16,4	16,4
	Relevante	97	35,3	51,6
	Pouco relevante	55	20,0	71,6
	Nada relevante	22	8,0	79,6
	Não sei	56	20,4	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Número de alunos por turma

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	92	33,5	33,5
	Relevante	84	30,5	64,0
	Pouco relevante	46	16,7	80,7
	Nada relevante	13	4,7	85,5
	Não sei	40	14,5	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Horário escolar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	33	12,0	12,0
	Relevante	75	27,3	39,3
	Pouco relevante	95	34,5	73,8
	Nada relevante	25	9,1	82,9
	Não sei	47	17,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Autoridade do professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	103	37,5	37,5
	Relevante	86	31,3	68,7
	Pouco relevante	30	10,9	79,6
	Nada relevante	7	2,5	82,2
	Não sei	49	17,8	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Respeito pelo professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	127	46,2	46,2
	Relevante	77	28,0	74,2
	Pouco relevante	19	6,9	81,1
	Nada relevante	5	1,8	82,9
	Não sei	47	17,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Atitude do professor (permissivo, autoritário,..)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	119	43,3	43,3
	Relevante	75	27,3	70,5
	Pouco relevante	29	10,5	81,1
	Nada relevante	6	2,2	83,3
	Não sei	46	16,7	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Falta de respeito em geral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	114	41,5	41,5	41,5
Relevante	82	29,8	29,8	71,3
Pouco relevante	26	9,5	9,5	80,7
Nada relevante	8	2,9	2,9	83,6
Não sei	45	16,4	16,4	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Falta de medidas adequadas na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	58	21,1	21,1	21,1
Relevante	94	34,2	34,2	55,3
Pouco relevante	55	20,0	20,0	75,3
Nada relevante	15	5,5	5,5	80,7
Não sei	53	19,3	19,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Empatia pelo professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	70	25,5	25,5	25,5
Relevante	117	42,5	42,5	68,0
Pouco relevante	34	12,4	12,4	80,4
Nada relevante	10	3,6	3,6	84,0
Não sei	44	16,0	16,0	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Conhecimento científico do professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	63	22,9	22,9	22,9
Relevante	93	33,8	33,8	56,7
Pouco relevante	50	18,2	18,2	74,9
Nada relevante	16	5,8	5,8	80,7
Não sei	53	19,3	19,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Idade do professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	20	7,3	7,3	7,3
Relevante	75	27,3	27,3	34,5
Pouco relevante	80	29,1	29,1	63,6
Nada relevante	50	18,2	18,2	81,8
Não sei	50	18,2	18,2	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Sexo do professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	8	2,9	2,9	2,9
Relevante	50	18,2	18,2	21,1
Pouco relevante	78	28,4	28,4	49,5
Nada relevante	88	32,0	32,0	81,5
Não sei	51	18,5	18,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

P37 .- Na nossa escola, que fatores de ordem familiar estão na origem da indisciplina,?

37. Pouca colaboração da família

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	137	49,8	49,8
	Relevante	81	29,5	79,3
	Pouco relevante	15	5,5	84,7
	Nada relevante	6	2,2	86,9
	Não sei	36	13,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Importância atribuída à escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	118	42,9	42,9
	Relevante	93	33,8	76,7
	Pouco relevante	18	6,5	83,3
	Nada relevante	4	1,5	84,7
	Não sei	42	15,3	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Grau de escolaridade do E.E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	30	10,9	10,9
	Relevante	70	25,5	36,4
	Pouco relevante	98	35,6	72,0
	Nada relevante	42	15,3	87,3
	Não sei	35	12,7	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Violência doméstica

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	135	49,1	49,1
	Relevante	59	21,5	70,5
	Pouco relevante	17	6,2	76,7
	Nada relevante	12	4,4	81,1
	Não sei	52	18,9	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Desemprego

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	81	29,5	29,5
	Relevante	98	35,6	65,1
	Pouco relevante	34	12,4	77,5
	Nada relevante	12	4,4	81,8
	Não sei	50	18,2	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Problemas familiares

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito relevante	131	47,6	47,6
	Relevante	76	27,6	75,3
	Pouco relevante	19	6,9	82,2
	Nada relevante	6	2,2	84,4
	Não sei	43	15,6	100,0
	Total	275	100,0	100,0

falta de hábitos de trabalho

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	107	38,9	38,9	38,9
Relevante	106	38,5	38,5	77,5
Pouco relevante	20	7,3	7,3	84,7
Nada relevante	7	2,5	2,5	87,3
Não sei	35	12,7	12,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Desresponsabilização dos E.E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	146	53,1	53,1	53,1
Relevante	76	27,6	27,6	80,7
Pouco relevante	10	3,6	3,6	84,4
Nada relevante	9	3,3	3,3	87,6
Não sei	34	12,4	12,4	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Desinteresse dos E.E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito relevante	156	56,7	56,7	56,7
Relevante	63	22,9	22,9	79,6
Pouco relevante	13	4,7	4,7	84,4
Nada relevante	9	3,3	3,3	87,6
Não sei	34	12,4	12,4	100,0
Total	275	100,0	100,0	

P38 .- Na sua opinião, quais as medidas preventivas /disciplinares mais aplicadas pela escola?**38. Contrato/negociação**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito frequente	16	5,8	5,8	5,8
Frequente	50	18,2	18,2	24,0
Pouco frequente	44	16,0	16,0	40,0
Nada frequente	11	4,0	4,0	44,0
Não sei	154	56,0	56,0	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Palestras

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito frequente	13	4,7	4,7	4,7
Frequente	42	15,3	15,3	20,0
Pouco frequente	66	24,0	24,0	44,0
Nada frequente	23	8,4	8,4	52,4
Não sei	131	47,6	47,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Acompanhamento psicológico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Muito frequente	22	8,0	8,0	8,0
Frequente	60	21,8	21,8	29,8
Pouco frequente	55	20,0	20,0	49,8
Nada frequente	18	6,5	6,5	56,4
Não sei	120	43,6	43,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Ida do aluno à direção

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	41	14,9	14,9
	Frequente	104	37,8	52,7
	Pouco frequente	35	12,7	65,5
	Nada frequente	8	2,9	68,4
	Não sei	87	31,6	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Ida da direção à sala de aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	30	10,9	10,9
	Frequente	69	25,1	36,0
	Pouco frequente	62	22,5	58,5
	Nada frequente	13	4,7	63,3
	Não sei	101	36,7	100,0
	Total	275	100,0	100,0

repreensão oral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	77	28,0	28,0
	Frequente	112	40,7	68,7
	Pouco frequente	17	6,2	74,9
	Nada frequente	2	,7	75,6
	Não sei	67	24,4	100,0
	Total	275	100,0	100,0

repreensão escrita

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	49	17,8	17,8
	Frequente	111	40,4	58,2
	Pouco frequente	33	12,0	70,2
	Nada frequente	2	,7	70,9
	Não sei	80	29,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Tutoria por professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	20	7,3	7,3
	Frequente	54	19,6	26,9
	Pouco frequente	40	14,5	41,5
	Nada frequente	8	2,9	44,4
	Não sei	153	55,6	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Falta disciplinar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	79	28,7	28,7
	Frequente	91	33,1	61,8
	Pouco frequente	29	10,5	72,4
	Nada frequente	8	2,9	75,3
	Não sei	68	24,7	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Ordem de saída da sala de aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	71	25,8	25,8
	Frequente	85	30,9	56,7
	Pouco frequente	31	11,3	68,0
	Nada frequente	12	4,4	72,4
	Não sei	76	27,6	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Limpeza de espaços na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	54	19,6	19,6
	Frequente	83	30,2	49,8
	Pouco frequente	37	13,5	63,3
	Nada frequente	10	3,6	66,9
	Não sei	91	33,1	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Suspensão

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	38	13,8	13,8
	Frequente	46	16,7	30,5
	Pouco frequente	76	27,6	58,2
	Nada frequente	16	5,8	64,0
	Não sei	99	36,0	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Gabinete de apoio ao aluno

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	41	14,9	14,9
	Frequente	68	24,7	39,6
	Pouco frequente	33	12,0	51,6
	Nada frequente	13	4,7	56,4
	Não sei	120	43,6	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Trabalhos escolares extra, feitos na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	31	11,3	11,3
	Frequente	62	22,5	33,8
	Pouco frequente	53	19,3	53,1
	Nada frequente	18	6,5	59,6
	Não sei	111	40,4	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Trabalhos escolares extra, feitos em casa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	24	8,7	8,7
	Frequente	61	22,2	30,9
	Pouco frequente	55	20,0	50,9
	Nada frequente	17	6,2	57,1
	Não sei	118	42,9	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Mudança de lugar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	78	28,4	28,4
	Frequente	70	25,5	53,8
	Pouco frequente	39	14,2	68,0
	Nada frequente	7	2,5	70,5
	Não sei	81	29,5	100,0
	Total	275	100,0	100,0

Contacto com o E.E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito frequente	87	31,6	31,6
	Frequente	104	37,8	69,5
	Pouco frequente	18	6,5	76,0
	Nada frequente	6	2,2	78,2
	Não sei	60	21,8	100,0
	Total	275	100,0	100,0

P39 . Como considera as medidas preventivas /disciplinares promovidas pela escola?

39. Contrato/negociação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	47	17,1	17,1	17,1
Eficaz	66	24,0	24,0	41,1
Bastante eficaz	17	6,2	6,2	47,3
Muito eficaz	5	1,8	1,8	49,1
Não sei	140	50,9	50,9	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Palestras

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	71	25,8	25,8	25,8
Eficaz	59	21,5	21,5	47,3
Bastante eficaz	16	5,8	5,8	53,1
Muito eficaz	7	2,5	2,5	55,6
Não sei	122	44,4	44,4	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Acompanhamento psicológico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	26	9,5	9,5	9,5
Eficaz	79	28,7	28,7	38,2
Bastante eficaz	42	15,3	15,3	53,5
Muito eficaz	20	7,3	7,3	60,7
Não sei	108	39,3	39,3	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Ida do aluno à direção

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	27	9,8	9,8	9,8
Eficaz	90	32,7	32,7	42,5
Bastante eficaz	46	16,7	16,7	59,3
Muito eficaz	32	11,6	11,6	70,9
Não sei	80	29,1	29,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Ida da direção à sala de aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	32	11,6	11,6	11,6
Eficaz	88	32,0	32,0	43,6
Bastante eficaz	42	15,3	15,3	58,9
Muito eficaz	31	11,3	11,3	70,2
Não sei	82	29,8	29,8	100,0
Total	275	100,0	100,0	

repreensão oral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	57	20,7	20,7	20,7
Eficaz	103	37,5	37,5	58,2
Bastante eficaz	30	10,9	10,9	69,1
Muito eficaz	16	5,8	5,8	74,9
Não sei	69	25,1	25,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

repreensão escrita

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	48	17,5	17,5	17,5
Eficaz	100	36,4	36,4	53,8
Bastante eficaz	35	12,7	12,7	66,5
Muito eficaz	20	7,3	7,3	73,8
Não sei	72	26,2	26,2	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Tutoria por professor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	25	9,1	9,1	9,1
Eficaz	81	29,5	29,5	38,5
Bastante eficaz	31	11,3	11,3	49,8
Muito eficaz	15	5,5	5,5	55,3
Não sei	123	44,7	44,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Falta disciplinar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	60	21,8	21,8	21,8
Eficaz	92	33,5	33,5	55,3
Bastante eficaz	36	13,1	13,1	68,4
Muito eficaz	21	7,6	7,6	76,0
Não sei	66	24,0	24,0	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Ordem de saída da sala de aula

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	82	29,8	29,8	29,8
Eficaz	76	27,6	27,6	57,5
Bastante eficaz	26	9,5	9,5	66,9
Muito eficaz	20	7,3	7,3	74,2
Não sei	71	25,8	25,8	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Limpeza de espaços na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	26	9,5	9,5	9,5
Eficaz	80	29,1	29,1	38,5
Bastante eficaz	37	13,5	13,5	52,0
Muito eficaz	56	20,4	20,4	72,4
Não sei	76	27,6	27,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Suspensão

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	51	18,5	18,5	18,5
Eficaz	66	24,0	24,0	42,5
Bastante eficaz	34	12,4	12,4	54,9
Muito eficaz	39	14,2	14,2	69,1
Não sei	85	30,9	30,9	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Gabinete de apoio ao aluno

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Pouco eficaz	33	12,0	12,0	12,0
Eficaz	84	30,5	30,5	42,5
Bastante eficaz	32	11,6	11,6	54,2
Muito eficaz	28	10,2	10,2	64,4
Não sei	98	35,6	35,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Trabalhos escolares extra, feitos na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco eficaz	34	12,4	12,4	12,4
Valid Eficaz	69	25,1	25,1	37,5
Valid Bastante eficaz	48	17,5	17,5	54,9
Valid Muito eficaz	33	12,0	12,0	66,9
Valid Não sei	91	33,1	33,1	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Trabalhos escolares extra, feitos em casa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco eficaz	60	21,8	21,8	21,8
Valid Eficaz	59	21,5	21,5	43,3
Valid Bastante eficaz	37	13,5	13,5	56,7
Valid Muito eficaz	29	10,5	10,5	67,3
Valid Não sei	90	32,7	32,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Mudança de lugar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco eficaz	67	24,4	24,4	24,4
Valid Eficaz	82	29,8	29,8	54,2
Valid Bastante eficaz	34	12,4	12,4	66,5
Valid Muito eficaz	24	8,7	8,7	75,3
Valid Não sei	68	24,7	24,7	100,0
Total	275	100,0	100,0	

Contacto com o E.E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco eficaz	12	4,4	4,4	4,4
Valid Eficaz	74	26,9	26,9	31,3
Valid Bastante eficaz	53	19,3	19,3	50,5
Valid Muito eficaz	69	25,1	25,1	75,6
Valid Não sei	67	24,4	24,4	100,0
Total	275	100,0	100,0	

5ª parte – PROPOSTAS PARA A PROMOÇÃO DA DISCIPLINA E DO BOM AMBIENTE ESCOLAR**P40 .- Que outras medidas deviam/podiam ser adoptadas para combater a indisciplina?****40. Acompanhamento por alunos tutores**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não concordo	79	28,7	32,2	32,2
Valid Concordo	136	49,5	55,5	87,8
Valid Concordo plenamente	30	10,9	12,2	100,0
Total	245	89,1	100,0	
Missing NR	30	10,9		
Total	275	100,0		

Trabalho voluntário dos E.E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não concordo	98	35,6	39,4	39,4
Valid Concordo	121	44,0	48,6	88,0
Valid Concordo plenamente	30	10,9	12,0	100,0
Total	249	90,5	100,0	
Missing NR	26	9,5		
Total	275	100,0		

Responsabilização dos E.E.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	26	9,5	10,0	10,0
	Concordo	121	44,0	46,7	56,8
	Concordo plenamente	112	40,7	43,2	100,0
	Total	259	94,2	100,0	
Missing	NR	16	5,8		
Total		275	100,0		

Expulsão do aluno que não cumpre o regulamento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	81	29,5	31,8	31,8
	Concordo	124	45,1	48,6	80,4
	Concordo plenamente	50	18,2	19,6	100,0
	Total	255	92,7	100,0	
Missing	NR	20	7,3		
Total		275	100,0		

Intervenção da Associação de alunos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	44	16,0	17,5	17,5
	Concordo	172	62,5	68,3	85,7
	Concordo plenamente	36	13,1	14,3	100,0
	Total	252	91,6	100,0	
Missing	NR	23	8,4		
Total		275	100,0		

Intervenção da Associação de pais e E.E.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	23	8,4	9,0	9,0
	Concordo	170	61,8	66,4	75,4
	Concordo plenamente	63	22,9	24,6	100,0
	Total	256	93,1	100,0	
Missing	NR	19	6,9		
Total		275	100,0		

Criação de grupo de acompanhamento de pais e E.E.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	34	12,4	13,3	13,3
	Concordo	152	55,3	59,6	72,9
	Concordo plenamente	69	25,1	27,1	100,0
	Total	255	92,7	100,0	
Missing	NR	20	7,3		
Total		275	100,0		

Promoção de atividades na escola, pelos e.e.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	48	17,5	19,2	19,2
	Concordo	150	54,5	60,0	79,2
	Concordo plenamente	52	18,9	20,8	100,0
	Total	250	90,9	100,0	
Missing	NR	25	9,1		
Total		275	100,0		

Campanhas de sensibilização.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não concordo	12	4,4	4,7	4,7
	Concordo	148	53,8	57,4	62,0
	Concordo plenamente	98	35,6	38,0	100,0
	Total	258	93,8	100,0	
Missing	NR	17	6,2		
Total		275	100,0		

P41 .- Que contributos estaria disposto/a a dar?

41.1 Trabalho voluntário na escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	188	68,4	68,4	68,4
Valid Sim	87	31,6	31,6	100,0
Total	275	100,0	100,0	

41.2 Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	181	65,8	65,8	65,8
Valid Sim	94	34,2	34,2	100,0
Total	275	100,0	100,0	

41.2. Promoção e dinamização de atividades várias na escola.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	161	58,5	58,5	58,5
Valid Sim	114	41,5	41,5	100,0
Total	275	100,0	100,0	

ANEXO XII - CRUZAMENTO DE INDICADORES – TABELAS E GRÁFICOS

A. CRUZAMENTO DE INDICADORES, ANALISADOS NO CORPO DO TRABALHO – Parte II – Cap.V – ponto 5.

1. Escolaridade dos Encarregados de Educação (item 6)

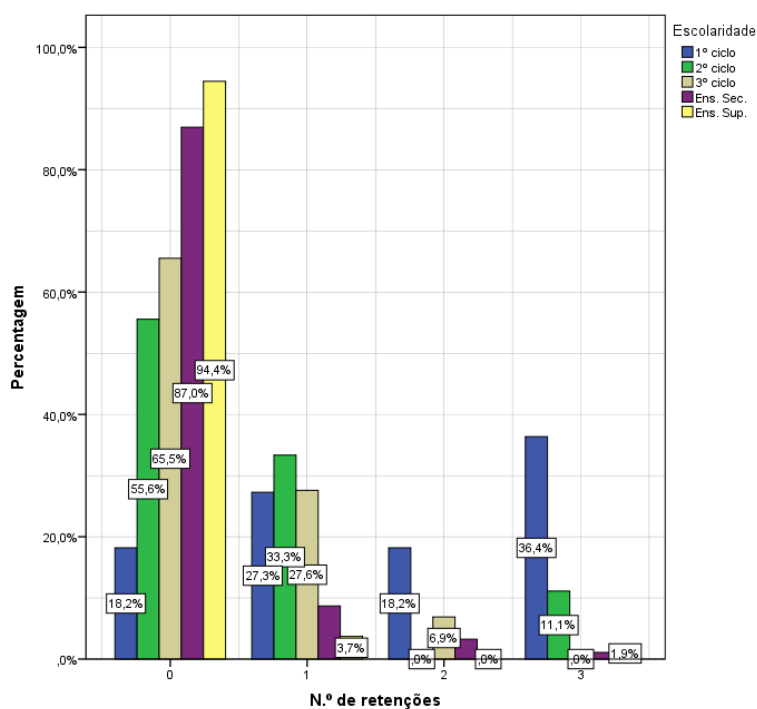
1.1. Número de retenções (item 17) * Escolaridade

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
N.º de retenções * Escolaridade	195	70,9%	80	29,1%	275	100,0%

N.º de retenções * Escolaridade

		Escolaridade					Total	
		1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ens. Sec.	Ens. Sup.		
N.º de retenções	0	Count	2	5	19	80	51	157
		% within N.º de retenções	1,3%	3,2%	12,1%	51,0%	32,5%	100,0%
	1	Count	3	3	8	8	2	24
		% within N.º de retenções	12,5%	12,5%	33,3%	33,3%	8,3%	100,0%
	2	Count	2	0	2	3	0	7
		% within N.º de retenções	28,6%	0,0%	28,6%	42,9%	0,0%	100,0%
3	Count	4	1	0	1	1	7	
	% within N.º de retenções	57,1%	14,3%	0,0%	14,3%	14,3%	100,0%	
Total	Count	11	9	29	92	54	195	
	% within N.º de retenções	5,6%	4,6%	14,9%	47,2%	27,7%	100,0%	



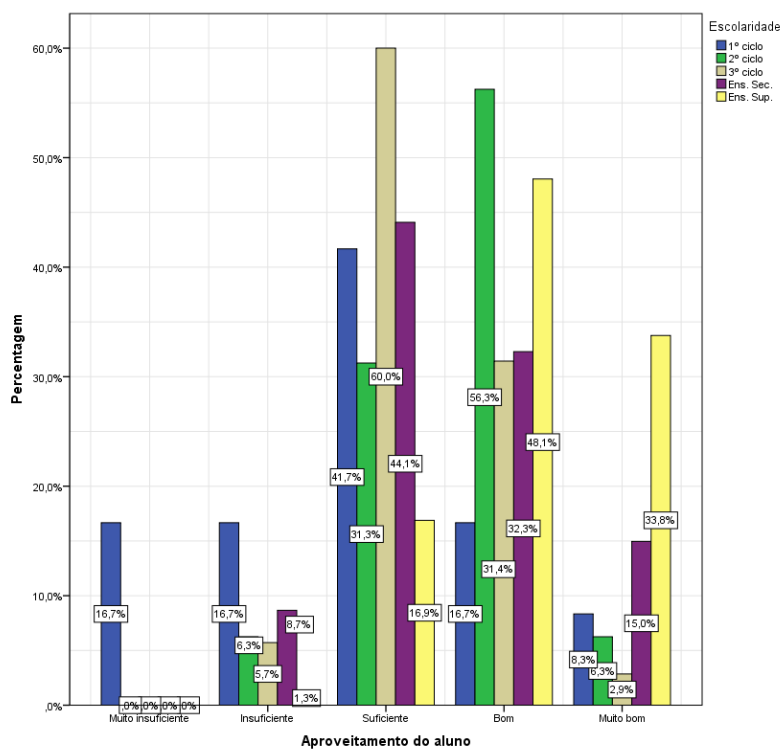
1.2. Aproveitamento (item 19)* Escolaridade

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Aproveitamento do aluno * Escolaridade	267	97,1%	8	2,9%	275	100,0%

Aproveitamento do aluno * Escolaridade Crosstabulation

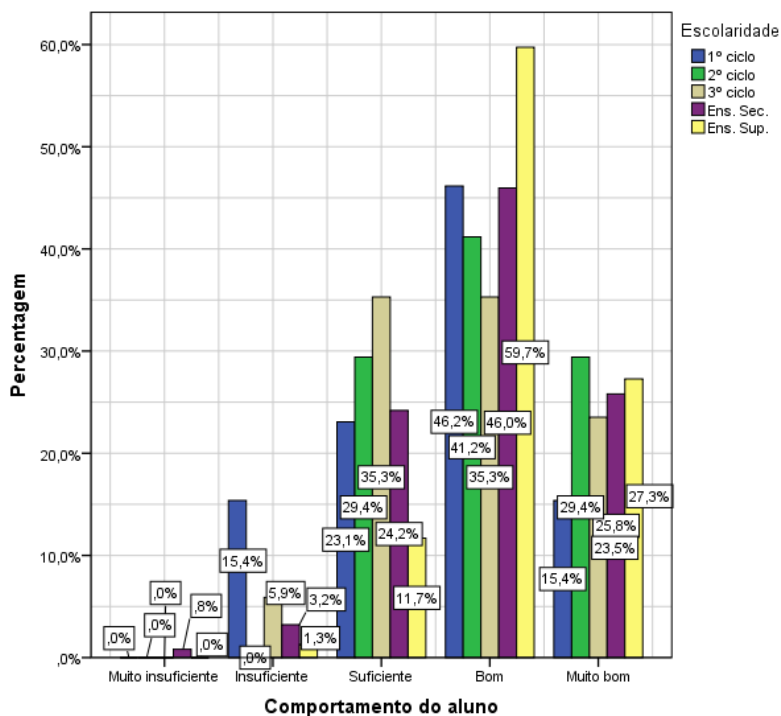
			Escolaridade					Total
			1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ens. Sec.	Ens. Sup.	
Aproveitamento do aluno	Muito insuficiente	Count	2	0	0	0	0	2
		% within Aproveitamento do aluno	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Insuficiente	Count	2	1	2	11	1	17
		% within Aproveitamento do aluno	11,8%	5,9%	11,8%	64,7%	5,9%	100,0%
	Suficiente	Count	5	5	21	56	13	100
		% within Aproveitamento do aluno	5,0%	5,0%	21,0%	56,0%	13,0%	100,0%
	Bom	Count	2	9	11	41	37	100
		% within Aproveitamento do aluno	2,0%	9,0%	11,0%	41,0%	37,0%	100,0%
	Muito bom	Count	1	1	1	19	26	48
		% within Aproveitamento do aluno	2,1%	2,1%	2,1%	39,6%	54,2%	100,0%
Total	Count	12	16	35	127	77	267	
	% within Aproveitamento do aluno	4,5%	6,0%	13,1%	47,6%	28,8%	100,0%	



1.3. Comportamento (item 20)* Escolaridade

Comportamento do aluno * Escolaridade Crosstabulation

			Escolaridade					Total
			1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ens. Sec.	Ens. Sup.	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	Count	0	0	0	1	0	1
		% within Comportamento do aluno	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
	Insuficiente	Count	2	0	2	4	1	9
		% within Comportamento do aluno	22,2%	0,0%	22,2%	44,4%	11,1%	100,0%
	Suficiente	Count	3	5	12	30	9	59
		% within Comportamento do aluno	5,1%	8,5%	20,3%	50,8%	15,3%	100,0%
Bom	Count	6	7	12	57	46	128	
	% within Comportamento do aluno	4,7%	5,5%	9,4%	44,5%	35,9%	100,0%	
Muito bom	Count	2	5	8	32	21	68	
	% within Comportamento do aluno	2,9%	7,4%	11,8%	47,1%	30,9%	100,0%	
Total	Count	13	17	34	124	77	265	
	% within Comportamento do aluno	4,9%	6,4%	12,8%	46,8%	29,1%	100,0%	



1.4. O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? Item 11- *- Escolaridade item 6

		item 6 - Escolaridade					Total
		1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ens. Sec.	Ens. Sup.	
item 11 - O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	Número de casos Sim	2	3	5	17	5	32
	% de respostas sim, em cada ciclo de escolaridade	15,4%	17,6%	14,3%	13,4%	6,4%	-----
	Número de casos não	11	14	30	110	73	238

O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	2º ciclo	1º ciclo	3º ciclo	Ens. Sec.	Ens. Sup.
% de respostas sim, em cada ciclo de escolaridade	17,6%	15,4%	14,3%	13,4%	6,4%

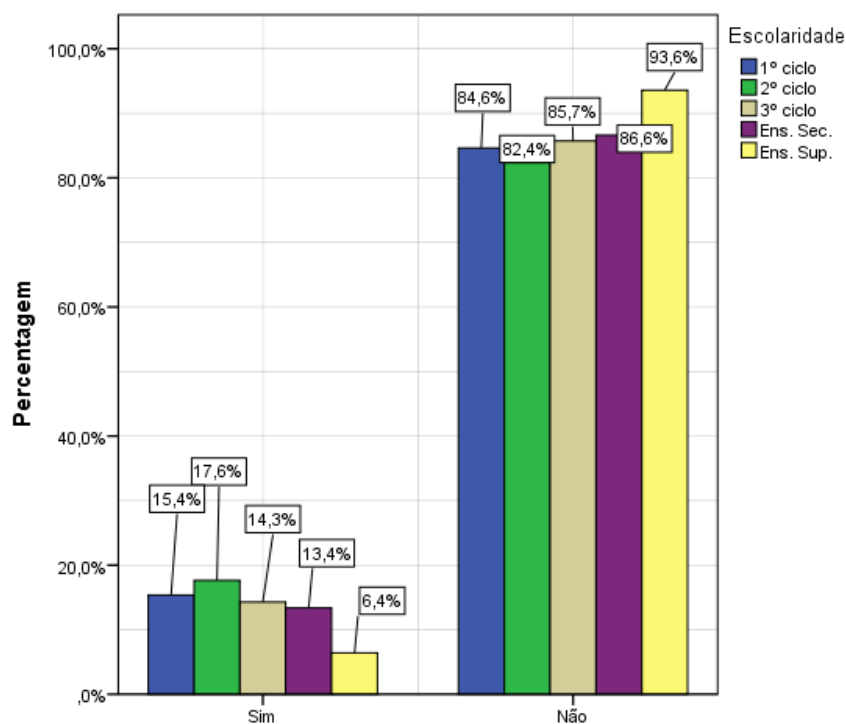
Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Escolaridade	270	98,2%	5	1,8%	275	100,0%

item 11- O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Escolaridade item 6 Crosstabulation

		Escolaridade					Total
		1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ens. Sec.	Ens. Sup.	
O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	Count	2	3	5	17	5	32
	Sim % within O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	6,3%	9,4%	15,6%	53,1%	15,6%	100,0%
	Count	11	14	30	110	73	238
	Não % within O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	4,6%	5,9%	12,6%	46,2%	30,7%	100,0%
Total	Count	13	17	35	127	78	270
	% within O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	4,8%	6,3%	13,0%	47,0%	28,9%	100,0%

item 11- O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Escolaridade item 6



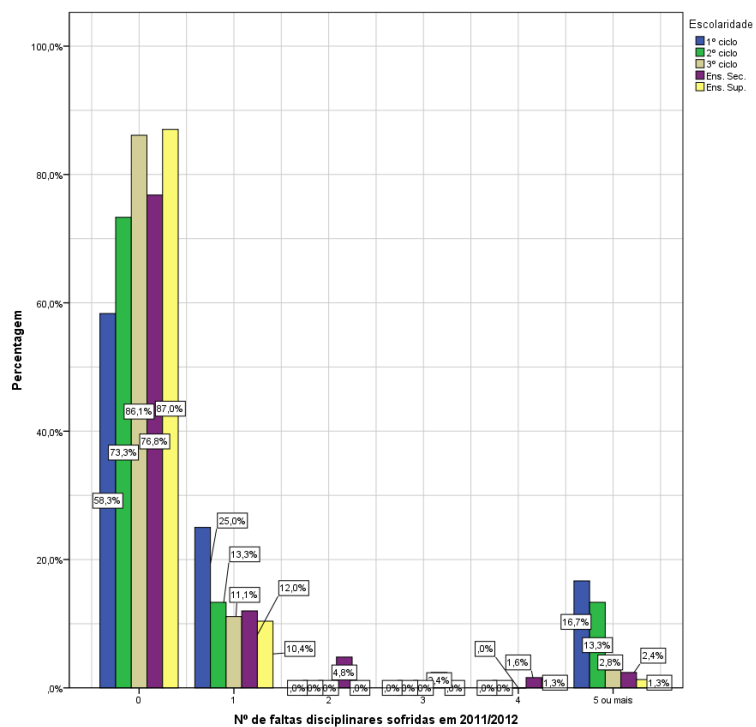
1.5. Número de faltas disciplinares (FD) (item 21)

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Escolaridade * Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	265	96,4%	10	3,6%	275	100,0%

Escolaridade * Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 Crosstabulation

		Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012						Total
		0	1	2	3	4	5 ou mais	
Escolaridade	Count	7	3	0	0	0	2	12
	% within Escolaridade	58,3%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%	16,7%	100,0%
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	3,3%	9,4%	0,0%	0,0%	0,0%	22,2%	4,5%
	% of Total	2,6%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%	4,5%
	Count	11	2	0	0	0	2	15
	% within Escolaridade	73,3%	13,3%	0,0%	0,0%	0,0%	13,3%	100,0%
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	5,2%	6,3%	0,0%	0,0%	0,0%	22,2%	5,7%
	% of Total	4,2%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%	5,7%
	Count	31	4	0	0	0	1	36
	% within Escolaridade	86,1%	11,1%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	100,0%
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	14,6%	12,5%	0,0%	0,0%	0,0%	11,1%	13,6%
	% of Total	11,7%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	13,6%
	Count	96	15	6	3	2	3	125
	% within Escolaridade	76,8%	12,0%	4,8%	2,4%	1,6%	2,4%	100,0%
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	45,3%	46,9%	100,0%	100,0%	66,7%	33,3%	47,2%
	% of Total	36,2%	5,7%	2,3%	1,1%	0,8%	1,1%	47,2%
	Count	67	8	0	0	1	1	77
	% within Escolaridade	87,0%	10,4%	0,0%	0,0%	1,3%	1,3%	100,0%
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	31,6%	25,0%	0,0%	0,0%	33,3%	11,1%	29,1%
	% of Total	25,3%	3,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%	29,1%
	Count	212	32	6	3	3	9	265
	% within Escolaridade	80,0%	12,1%	2,3%	1,1%	1,1%	3,4%	100,0%
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	80,0%	12,1%	2,3%	1,1%	1,1%	3,4%	100,0%
Total								
% within Escolaridade								
% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012								
% of Total								



2. Situação Profissional dos EEs (item 7.1.)

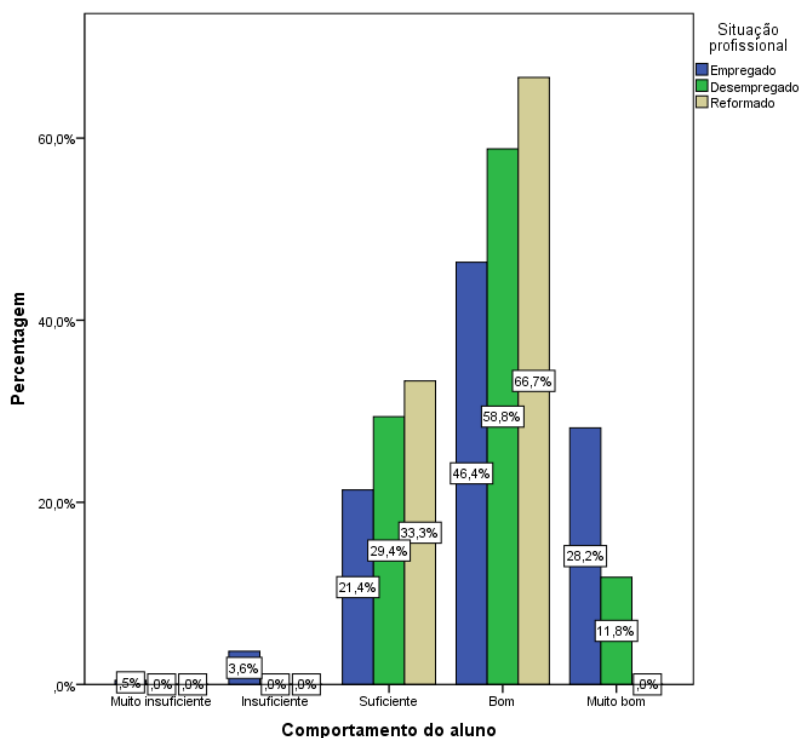
2.1. Comportamento do aluno (item 20) * Situação profissional

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Comportamento do aluno * Situação profissional	257	93,5%	18	6,5%	275	100,0%

Comportamento do aluno * Situação profissional Crosstabulation

			Situação profissional			Total
			Empregado	Desempregado	Reformado	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	Count	1	0	0	1
		% within Comportamento do aluno	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Insuficiente	Count	8	0	0	8
		% within Comportamento do aluno	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Suficiente	Count	47	10	1	58
		% within Comportamento do aluno	81,0%	17,2%	1,7%	100,0%
	Bom	Count	102	20	2	124
		% within Comportamento do aluno	82,3%	16,1%	1,6%	100,0%
	Muito bom	Count	62	4	0	66
		% within Comportamento do aluno	93,9%	6,1%	0,0%	100,0%
Total	Count	220	34	3	257	
	% within Comportamento do aluno	85,6%	13,2%	1,2%	100,0%	



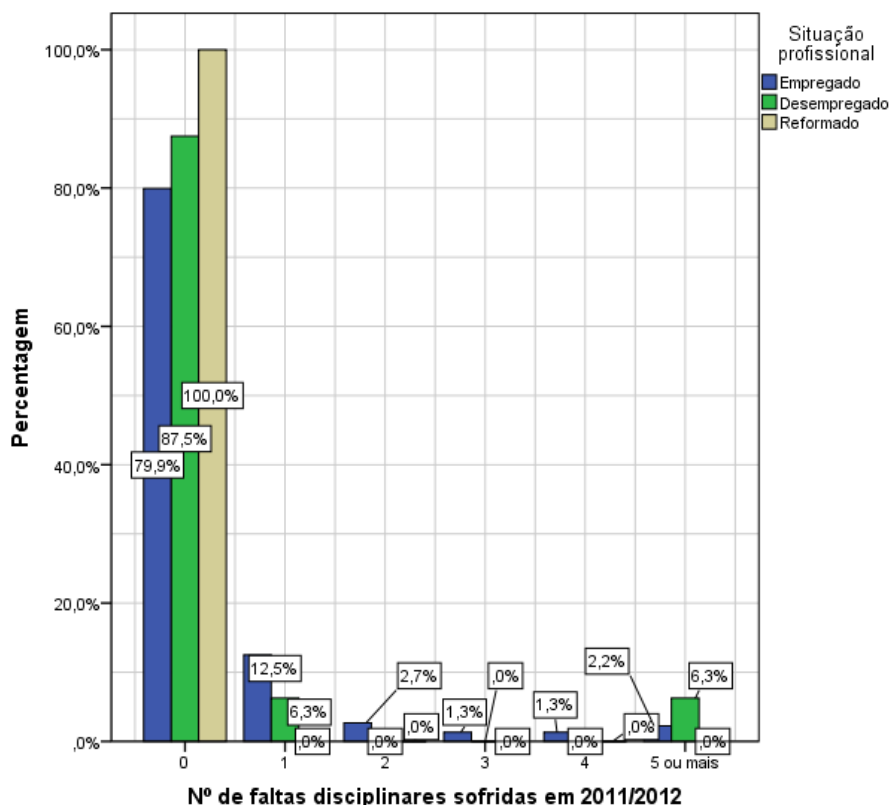
2.2. Número de faltas disciplinares (FD) em 2011/2012 (item 21) * Situação profissional

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 * Situação profissional	258	93,8%	17	6,2%	275	100,0%

Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 * Situação profissional Crosstabulation

		Situação profissional			Total
		Empregado	Desempregado	Reformado	
Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	Count	179	28	2	209
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	85,6%	13,4%	1,0%	100,0%
	Count	28	2	0	30
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	93,3%	6,7%	0,0%	100,0%
	Count	6	0	0	6
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Count	3	0	0	3
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Count	3	0	0	3
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Count	5	2	0	7
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	71,4%	28,6%	0,0%	100,0%
	Count	224	32	2	258
	% within Nº de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	86,8%	12,4%	0,8%	100,0%
	Total				



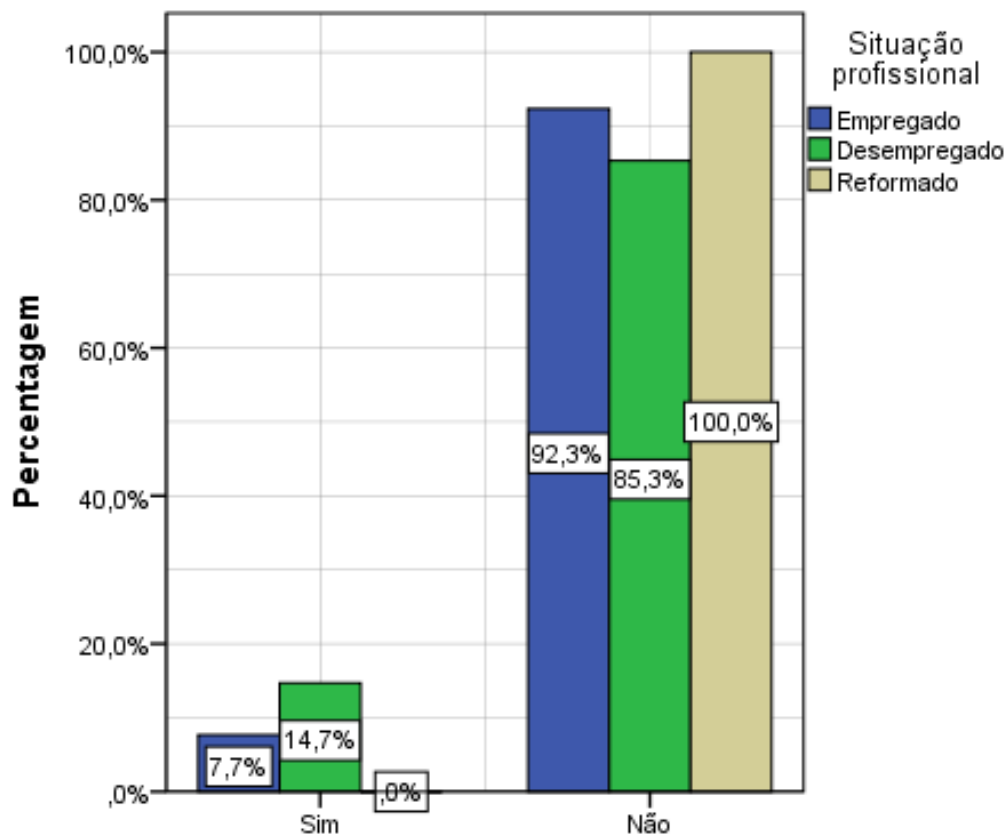
2.3. O aluno é repetente este ano? (item 16) * Situação profissional

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O aluno é repetente este ano? * Situação profissional	259	94,2%	16	5,8%	275	100,0%

O aluno é repetente este ano? * Situação profissional Crosstabulation

		Situação profissional			Total
		Empregado	Desempregado	Reformado	
O aluno é repetente este ano?	Sim	Count 17	Count 5	Count 0	Count 22
		% within O aluno é repetente este ano? 77,3%	% within O aluno é repetente este ano? 22,7%	% within O aluno é repetente este ano? 0,0%	% within O aluno é repetente este ano? 100,0%
	Não	Count 205	Count 29	Count 3	Count 237
		% within O aluno é repetente este ano? 86,5%	% within O aluno é repetente este ano? 12,2%	% within O aluno é repetente este ano? 1,3%	% within O aluno é repetente este ano? 100,0%
Total		Count 222	Count 34	Count 3	Count 259
		% within O aluno é repetente este ano? 85,7%	% within O aluno é repetente este ano? 13,1%	% within O aluno é repetente este ano? 1,2%	% within O aluno é repetente este ano? 100,0%



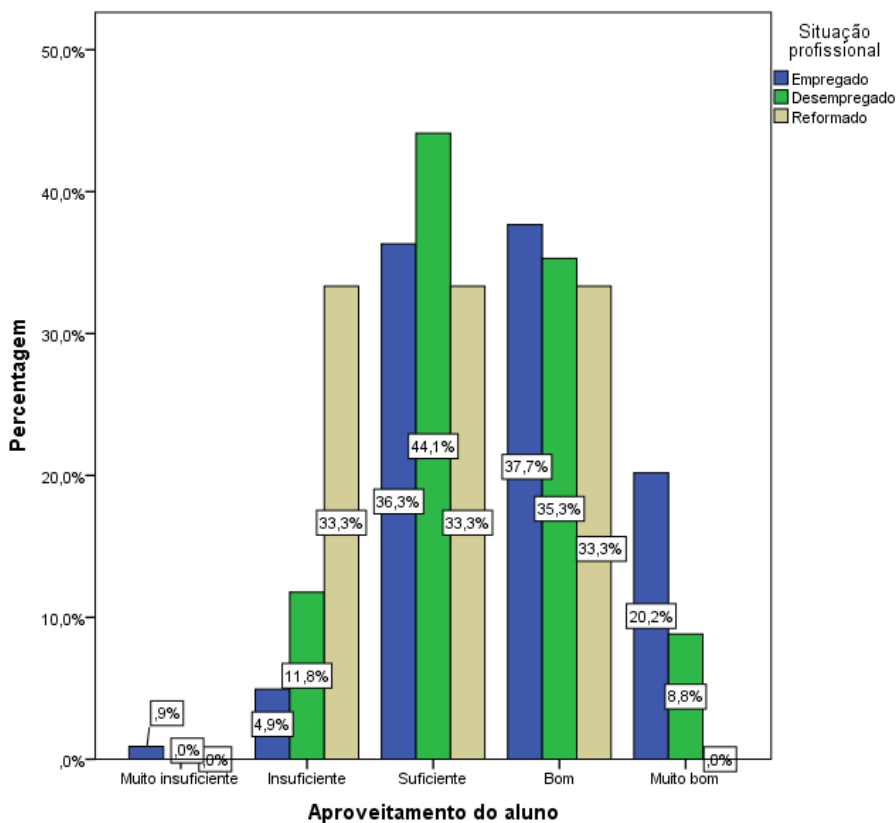
2.4. Aproveitamento do aluno (item 19), * Situação profissional

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Aproveitamento do aluno * Situação profissional	260	94,5%	15	5,5%	275	100,0%

Aproveitamento do aluno * Situação profissional Crosstabulation

		Situação profissional			Total
		Empregado	Desempregado	Reformado	
Muito insuficiente	Count	2	0	0	2
	% within Aproveitamento do aluno	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Insuficiente	Count	11	4	1	16
	% within Aproveitamento do aluno	68,8%	25,0%	6,3%	100,0%
Aprov eitame nto do aluno	Count	81	15	1	97
	% within Aproveitamento do aluno	83,5%	15,5%	1,0%	100,0%
Suficiente	Count	84	12	1	97
	% within Aproveitamento do aluno	86,6%	12,4%	1,0%	100,0%
Bom	Count	45	3	0	48
	% within Aproveitamento do aluno	93,8%	6,3%	0,0%	100,0%
Muito bom	Count	223	34	3	260
	% within Aproveitamento do aluno	85,8%	13,1%	1,2%	100,0%

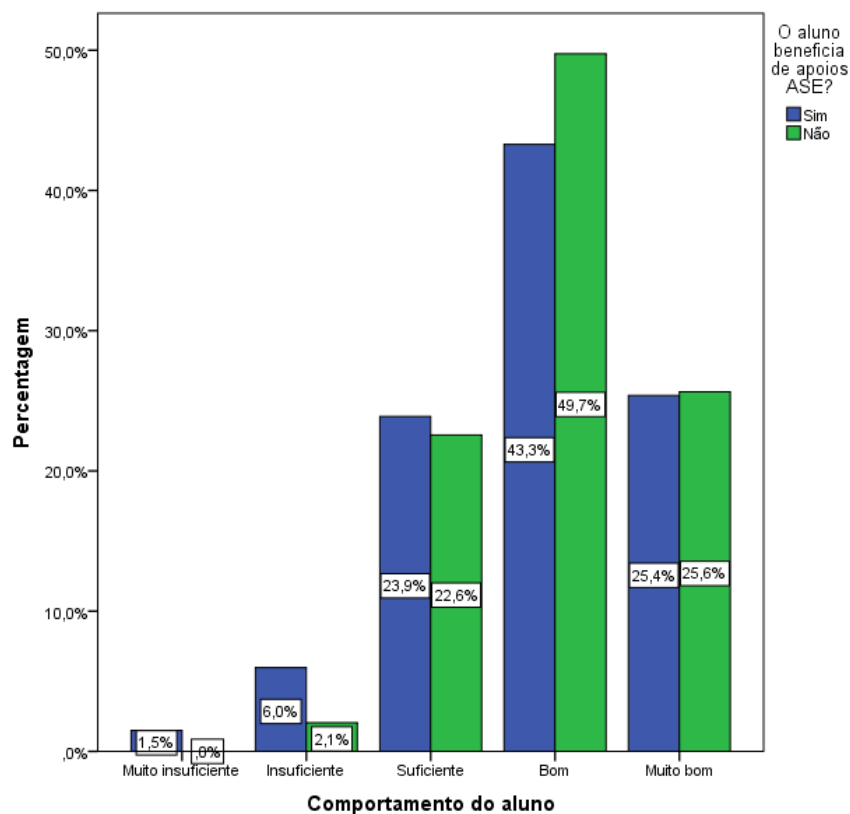


3. O Aluno beneficia de Apoios da Ação Social Escolar – ASE ?– (item 18)

3.1. Comportamento do aluno (item 20) * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Social Escolar)?

Crosstab

			O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Social Escolar)?	
			Sim	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	Count	1	
		% within Comportamento do aluno	100,0%	
	Insuficiente	Count	4	
		% within Comportamento do aluno	50,0%	
	Suficiente	Count	16	
		% within Comportamento do aluno	26,7%	
	Bom	Count	29	
		% within Comportamento do aluno	23,0%	
	Muito bom	Count	17	
		% within Comportamento do aluno	25,4%	
Total	Count	67		
	% within Comportamento do aluno	25,6%		



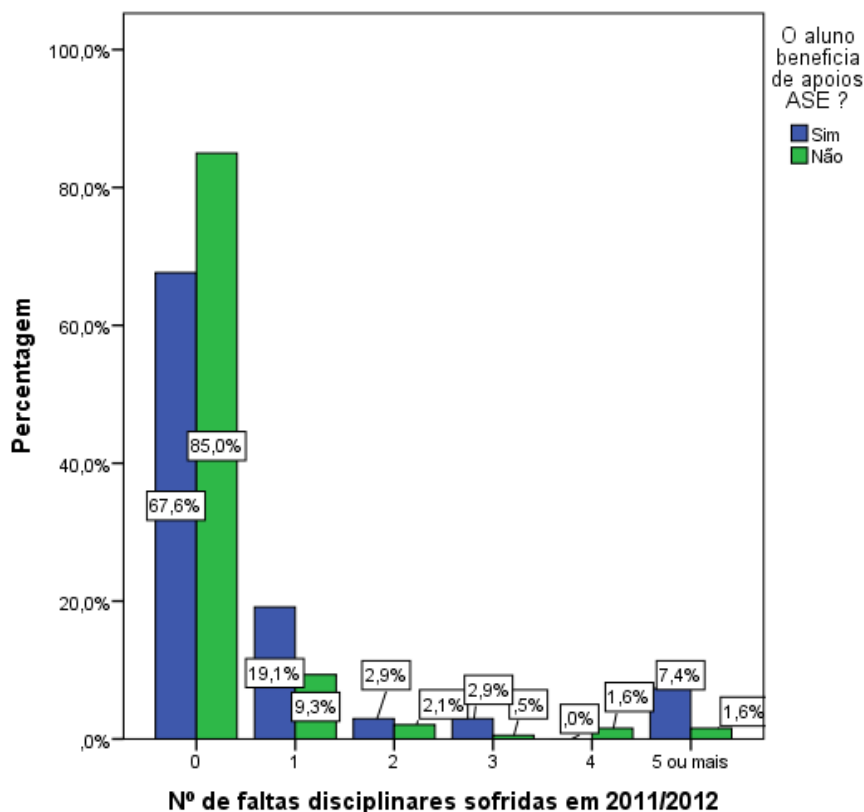
3.2. N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 (item 21) * O aluno beneficia de apoios ASE

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?	261	94,9%	14	5,1%	275	100,0%

N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012 * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?
Crosstabulation

		O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?		Total	
		Sim	Não		
N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	0	Count	46	164	210
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	21,9%	78,1%	100,0%
	1	Count	13	18	31
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	41,9%	58,1%	100,0%
	2	Count	2	4	6
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	33,3%	66,7%	100,0%
	3	Count	2	1	3
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	66,7%	33,3%	100,0%
	4	Count	0	3	3
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	0,0%	100,0%	100,0%
	5 ou mais	Count	5	3	8
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	62,5%	37,5%	100,0%
	Total	Count	68	193	261
		% within N° de faltas disciplinares sofridas em 2011/2012	26,1%	73,9%	100,0%



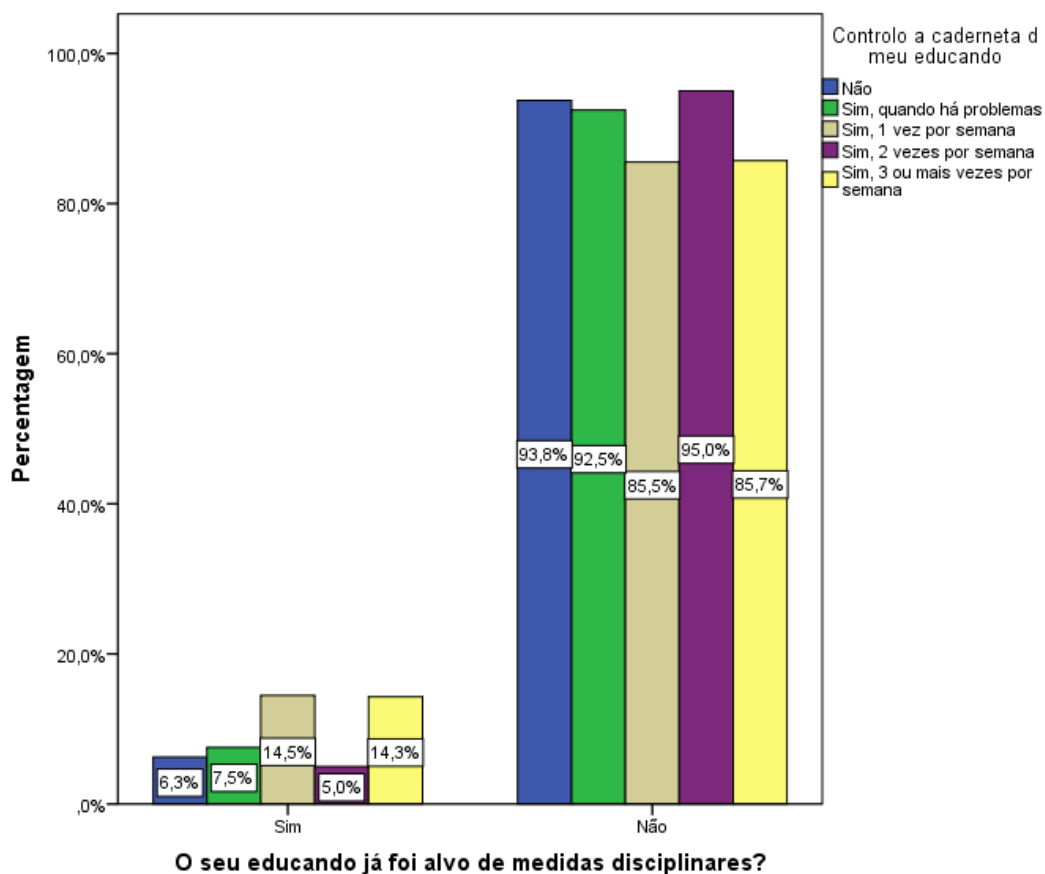
4. O seu Educando já foi alvo de medidas disciplinares? (item 11)

4.1. Controlo a caderneta do meu educando (item 9b)* O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Controlo a caderneta d meu educando * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? Crosstabulation

Count

		O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?		Total
		Sim	Não	
Controlo a caderneta d meu educando	Não	1	15	16
	Sim, quando há problemas	4	49	53
	Sim, 1 vez por semana	11	65	76
	Sim, 2 vezes por semana	1	19	20
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	15	90	105
Total		32	238	270

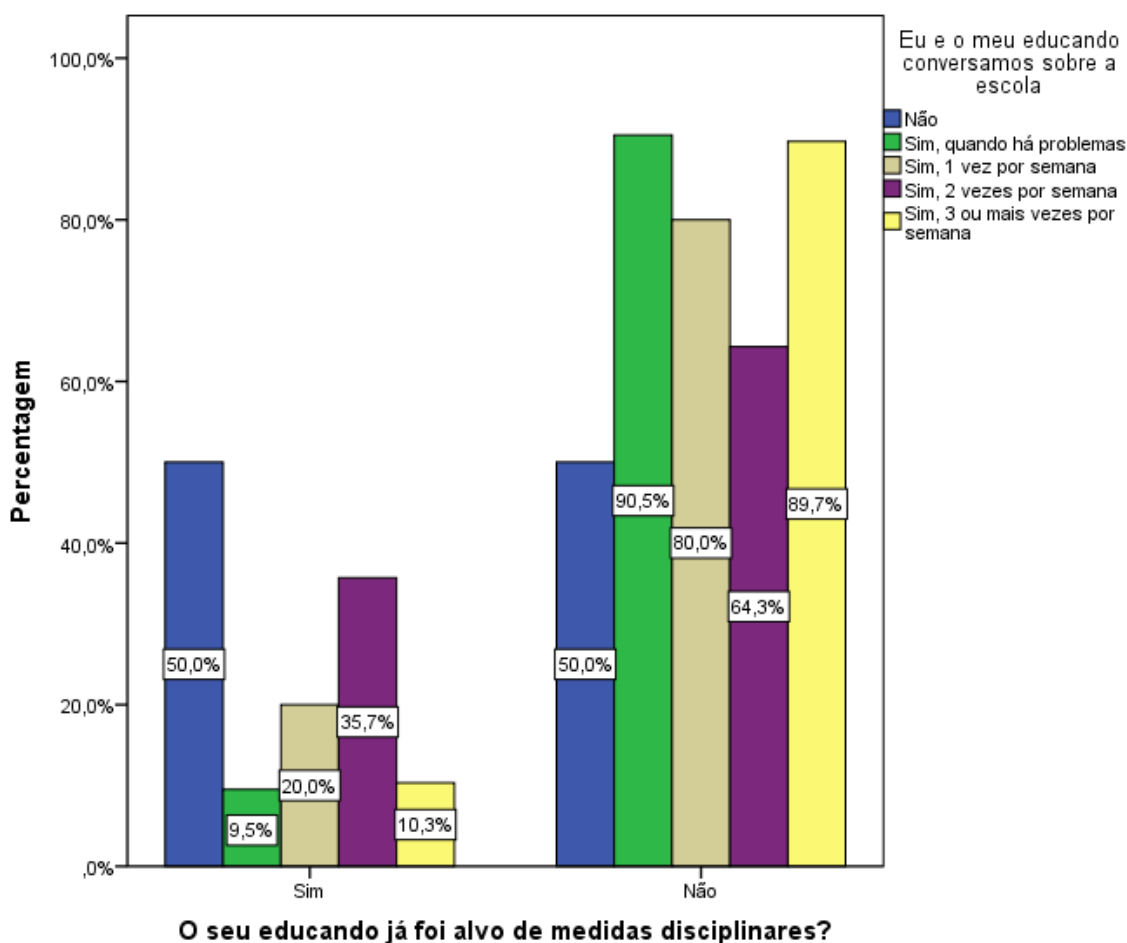


4.2. Eu e o meu educando conversamos sobre a escola (item 9c),: * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Eu e o meu educando conversamos sobre a escola * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? Crosstabulation

Count

		O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?		Total
		Sim	Não	
Eu e o meu educando conversamos sobre a escola	Não	1	1	2
	Sim, quando há problemas	2	19	21
	Sim, 1 vez por semana	2	8	10
	Sim, 2 vezes por semana	5	9	14
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	23	200	223
Total		33	237	270



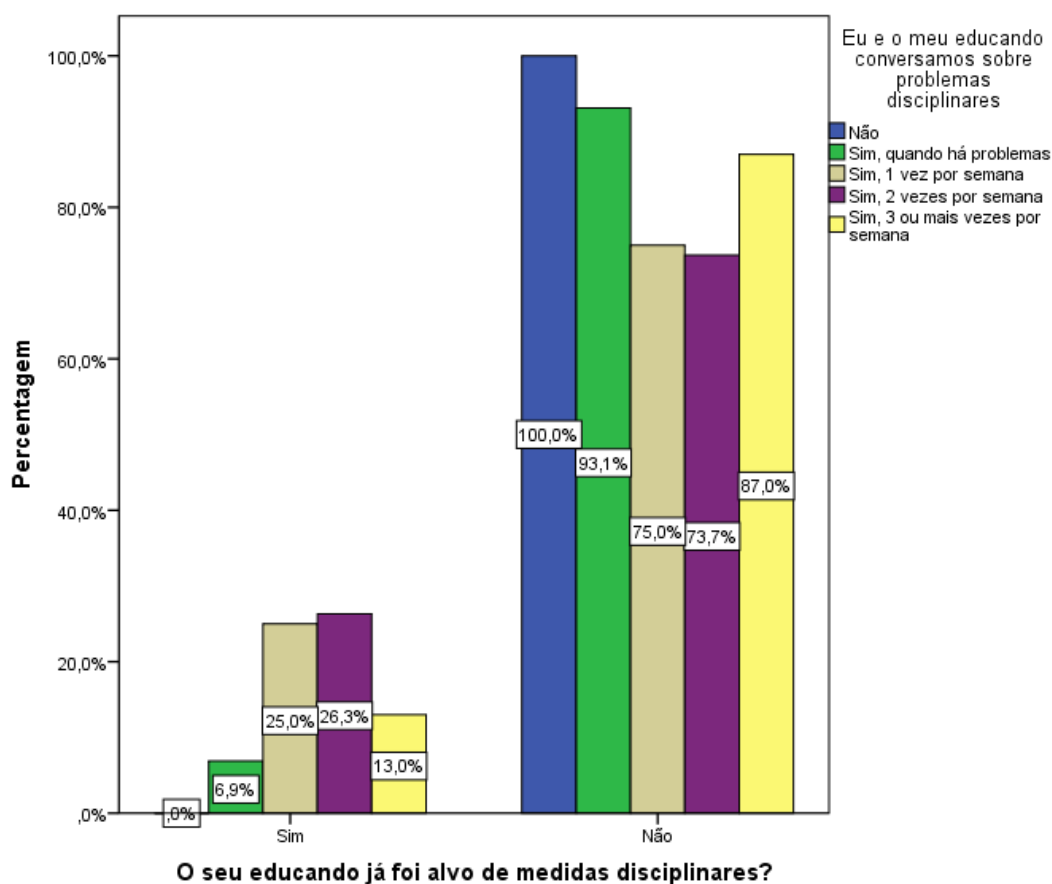
4.3. Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares”(item 9d), * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Crosstabulation

Count

		O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?		Total
		Sim	Não	
Eu e o meu educando conversamos sobre problemas disciplinares	Não	0	8	8
	Sim, quando há problemas	6	81	87
	Sim, 1 vez por semana	3	9	12
	Sim, 2 vezes por semana	5	14	19
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	19	127	146
Total		33	239	272

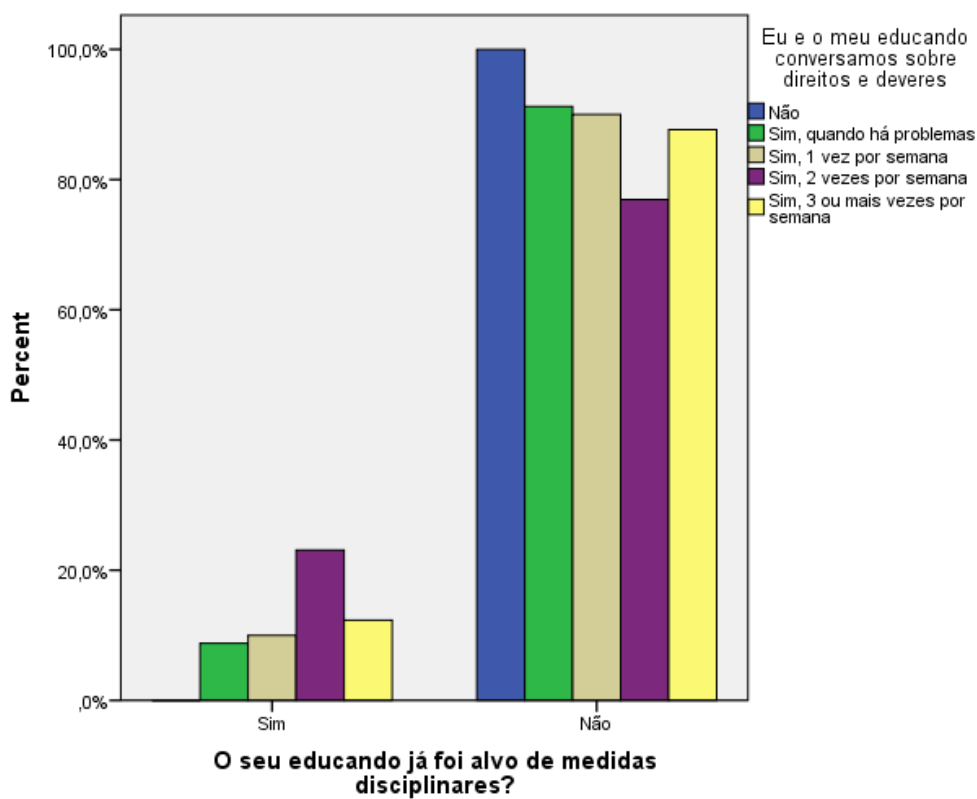


4.4. Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres (item 9e) * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?

Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?
Crosstabulation

Count

		O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?		Total
		Sim	Não	
Eu e o meu educando conversamos sobre direitos e deveres	Não	0	4	4
	Sim, quando há problemas	5	52	57
	Sim, 1 vez por semana	3	27	30
	Sim, 2 vezes por semana	6	20	26
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	19	135	154
Total		33	238	271



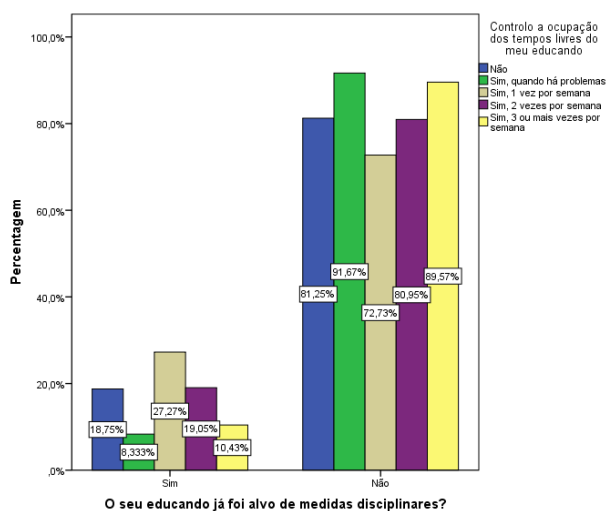
4.5. Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando” (item 9f)

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando	271	98,5%	4	1,5%	275	100,0%

O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando Crosstabulation

		Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando					Total	
		Não	Sim, quando há problemas	Sim, 1 vez por semana	Sim, 2 vezes por semana	Sim, 3 ou mais vezes por semana		
O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	Sim	Count	3	1	3	4	22	33
	% within O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	9,1%	3,0%	9,1%	12,1%	66,7%	100,0%	
	% within Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando	18,8%	8,3%	27,3%	19,0%	10,4%	12,2%	
	% of Total	1,1%	0,4%	1,1%	1,5%	8,1%	12,2%	
	Não	Count	13	11	8	17	189	238
	% within O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	5,5%	4,6%	3,4%	7,1%	79,4%	100,0%	
% within Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando	81,3%	91,7%	72,7%	81,0%	89,6%	87,8%		
% of Total	4,8%	4,1%	3,0%	6,3%	69,7%	87,8%		
Total	Count	16	12	11	21	211	271	
% within O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	5,9%	4,4%	4,1%	7,7%	77,9%	100,0%		
% within Controlo a ocupação dos tempos livres do meu educando	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%		
% of Total	5,9%	4,4%	4,1%	7,7%	77,9%	100,0%		



5. Comportamento do Aluno (item 20)

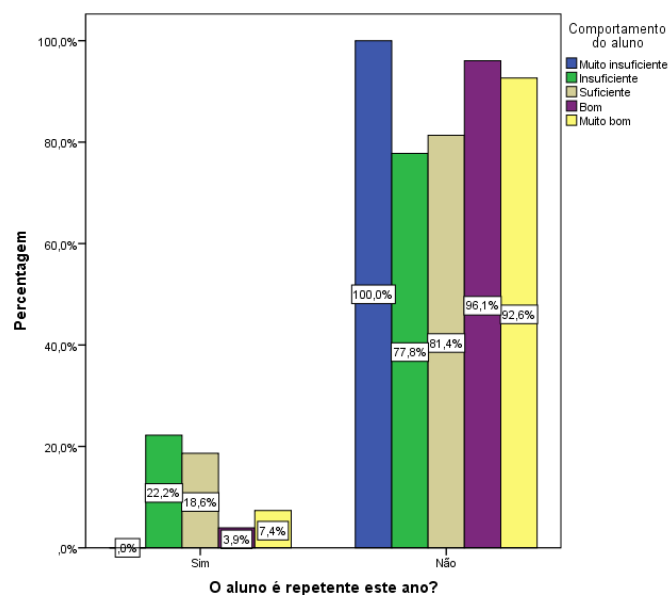
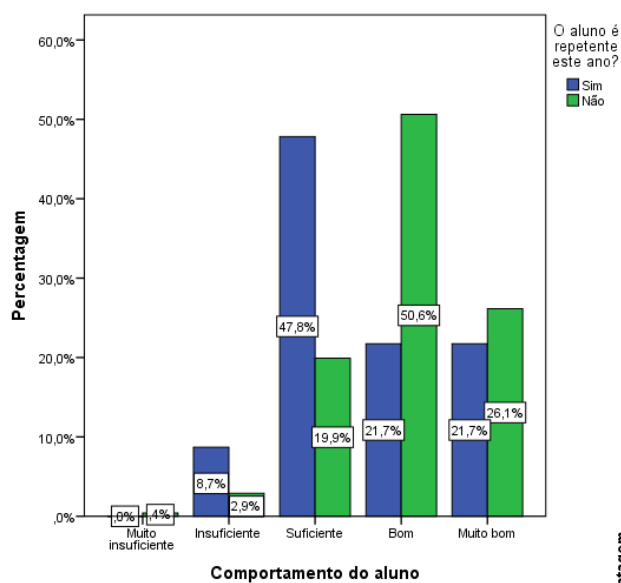
5.1. “O aluno é repetente este ano?” (item 16), * Comportamento do aluno

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O aluno é repetente este ano? * Comportamento do aluno	264	96,0%	11	4,0%	275	100,0%

O aluno é repetente este ano? * Comportamento do aluno Crosstabulation

Count		Comportamento do aluno					Total
		Muito insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito bom	
O aluno é repetente este ano?	Sim	0	2	11	5	5	23
	Não	1	7	48	122	63	241
Total		1	9	59	127	68	264



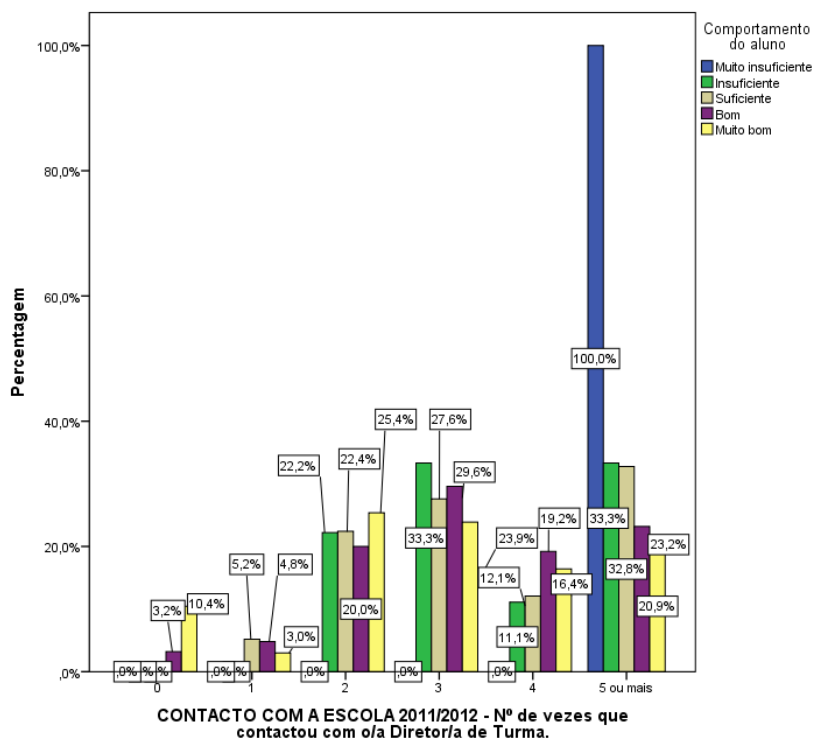
5.2. Contacto com a escola 2011/2012 - Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma. (item 10a)* Comportamento do aluno

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma. * Comportamento do aluno	260	94,5%	15	5,5%	275	100,0%

CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - Nº de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma. * Comportamento do aluno Crosstabulation

Count		Comportamento do aluno					Total
		Muito insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito bom	
	0	0	0	0	4	7	11
	1	0	0	3	6	2	11
	2	0	2	13	25	17	57
	3	0	3	16	37	16	72
	4	0	1	7	24	11	43
	5 ou mais	1	3	19	29	14	66
Total		1	9	58	125	67	260



Comportamento do aluno * CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - N° de vezes que contactou com o/a.
Case

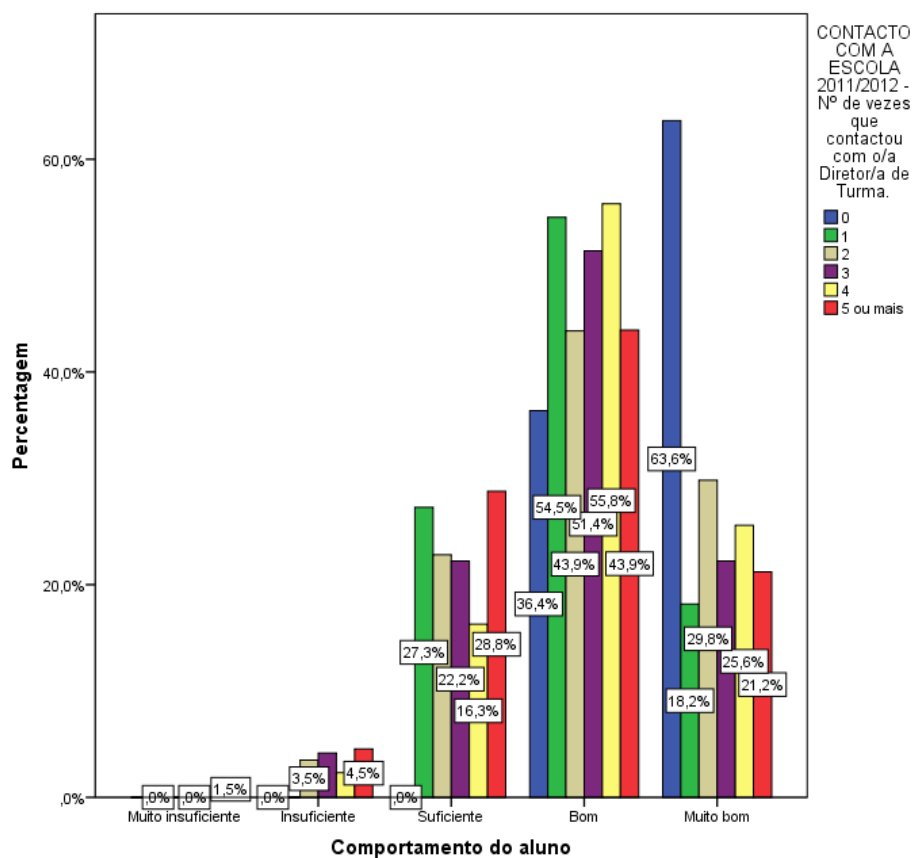
Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Comportamento do aluno * CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - N° de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma.	260	94,5%	15	5,5%	275	100,0%

Comportamento do aluno * CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - N° de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma. Crosstabulation

Count

		CONTACTO COM A ESCOLA 2011/2012 - N° de vezes que contactou com o/a Diretor/a de Turma.						Total
		0	1	2	3	4	5 ou mais	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	0	0	0	0	0	1	1
	Insuficiente	0	0	2	3	1	3	9
	Suficiente	0	3	13	16	7	19	58
	Bom	4	6	25	37	24	29	125
Total	Muito bom	7	2	17	16	11	14	67
		11	11	57	72	43	66	260



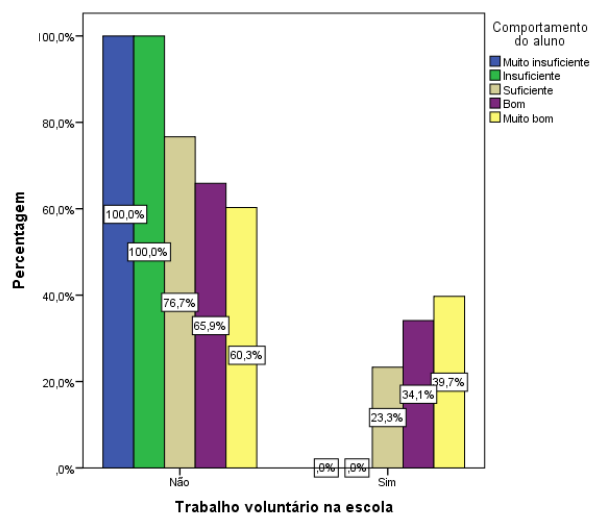
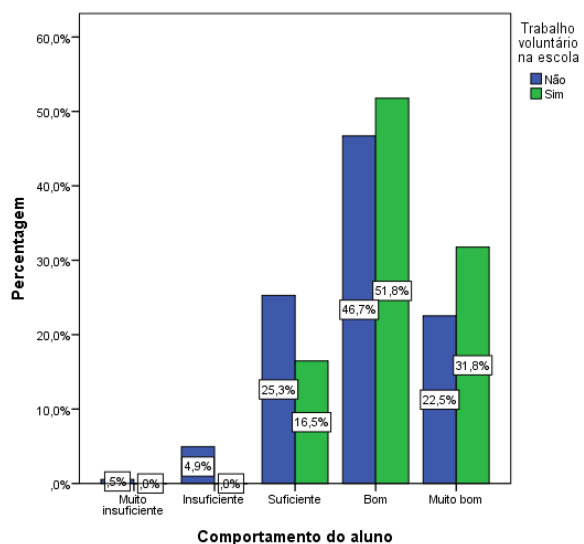
5.3. Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a)* Comportamento do aluno

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Comportamento do aluno * Trabalho voluntário na escola	267	97,1%	8	2,9%	275	100,0%

Comportamento do aluno * Trabalho voluntário na escola Crosstabulation

Count		Trabalho voluntário na escola		Total
		Não	Sim	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	1	0	1
	Insuficiente	9	0	9
	Suficiente	46	14	60
	Bom	85	44	129
	Muito bom	41	27	68
Total		182	85	267



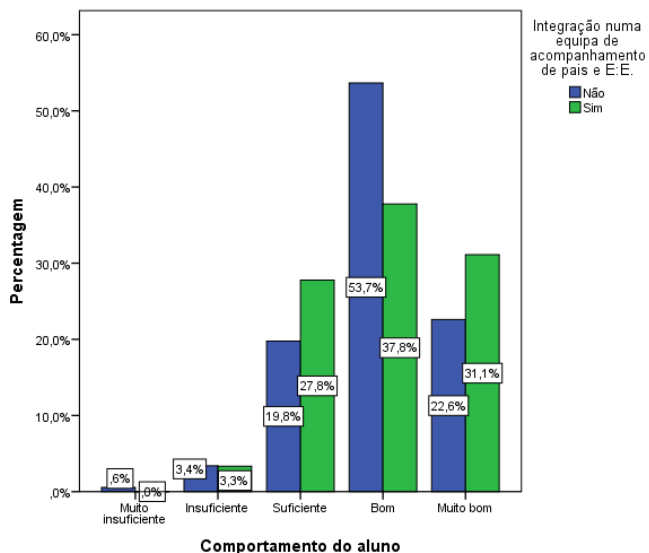
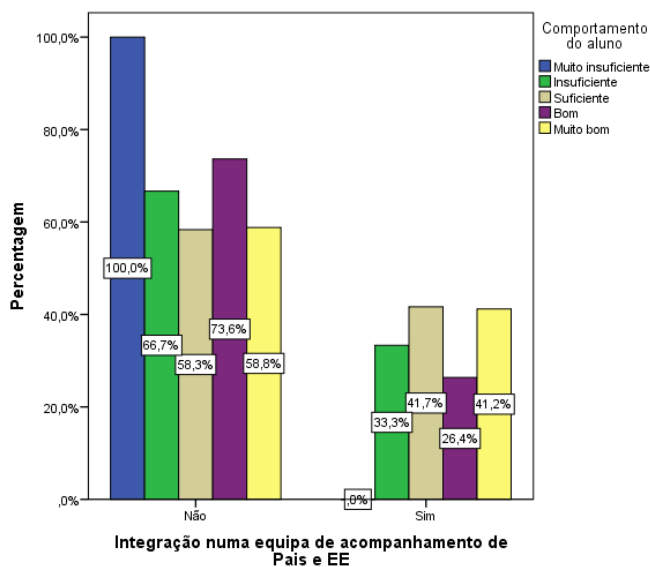
5.4. Integração numa equipa de acompanhamento de pais e EE” (item 41b) * Comportamento do aluno

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Comportamento do aluno * Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E.	267	97,1%	8	2,9%	275	100,0%

Comportamento do aluno * Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E. Crosstabulation

Count		Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E.		Total
		Não	Sim	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	1	0	1
	Insuficiente	6	3	9
	Suficiente	35	25	60
	Bom	95	34	129
	Muito bom	40	28	68
Total		177	90	267



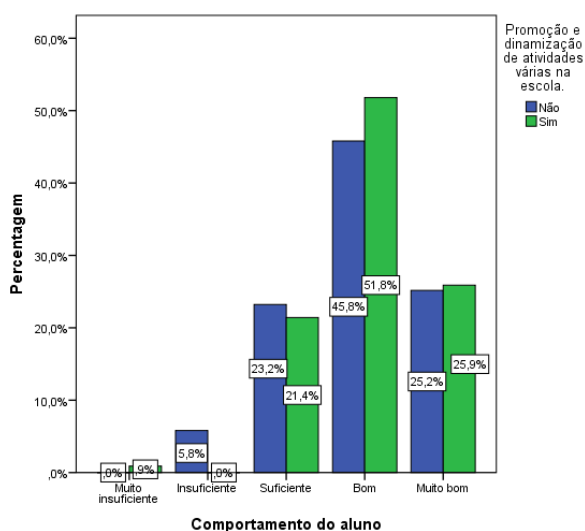
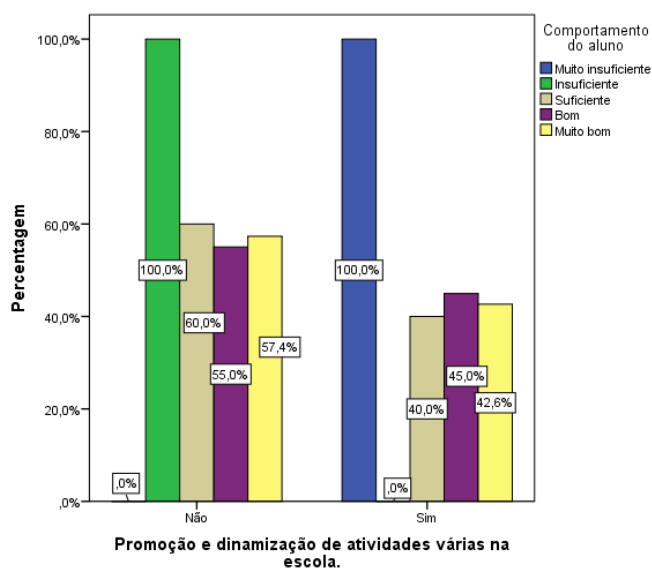
5.5. Promoção e dinamização de atividades várias na escola.* Comportamento do aluno

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Comportamento do aluno * Promoção e dinamização de atividades várias na escola.	267	97,1%	8	2,9%	275	100,0%

Comportamento do aluno * Promoção e dinamização de atividades várias na escola.
Crosstabulation

Count		Promoção e dinamização de atividades várias na escola.		Total
		Não	Sim	
Comportamento do aluno	Muito insuficiente	0	1	1
	Insuficiente	9	0	9
	Suficiente	36	24	60
	Bom	71	58	129
	Muito bom	39	29	68
Total	155	112	267	



6. Situação profissional (item 7)

6.1. “Contributo pessoal com trabalho voluntário na escola” (item 41a) * Situação profissional

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Situação profissional * Trabalho voluntário na escola	265	96,4%	10	3,6%	275	100,0%

Situação profissional * Trabalho voluntário na escola Crosstabulation

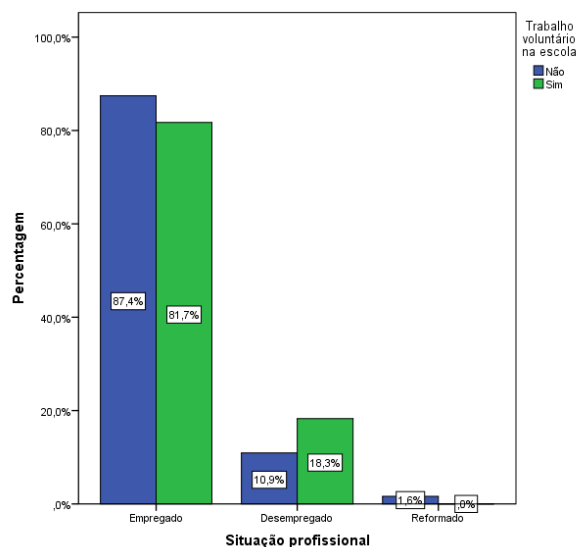
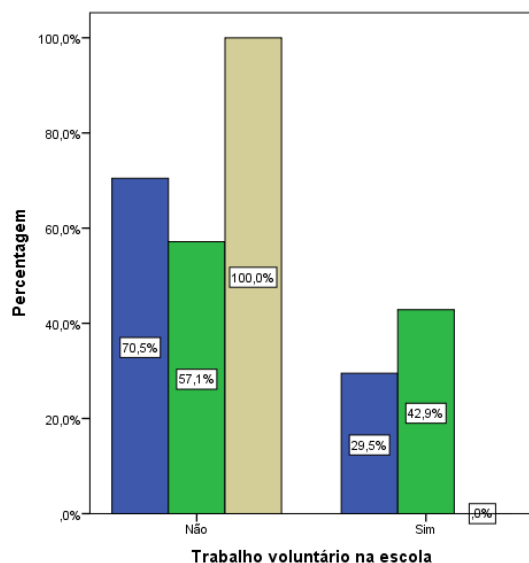
Count		Trabalho voluntário na escola		Total
		Não	Sim	
Situação profissional	Empregado	160	67	227
	Desempregado	20	15	35
	Reformado	3	0	3
Total		183	82	265

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Trabalho voluntário na escola * Situação profissional	265	96,4%	10	3,6%	275	100,0%

Trabalho voluntário na escola * Situação profissional Crosstabulation

Count		Situação profissional			Total
		Empregado	Desempregado	Reformado	
Trabalho voluntário na escola	Não	160	20	3	183
	Sim	67	15	0	82
Total		227	35	3	265



6.2. Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E. (item 41b) * Situação profissional

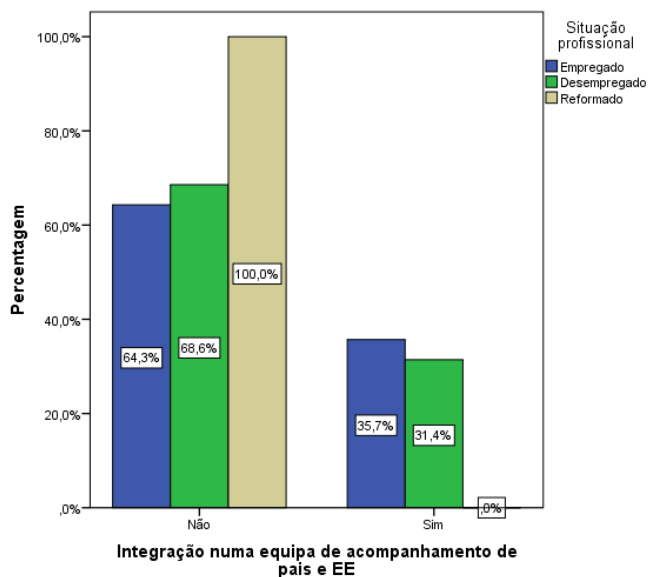
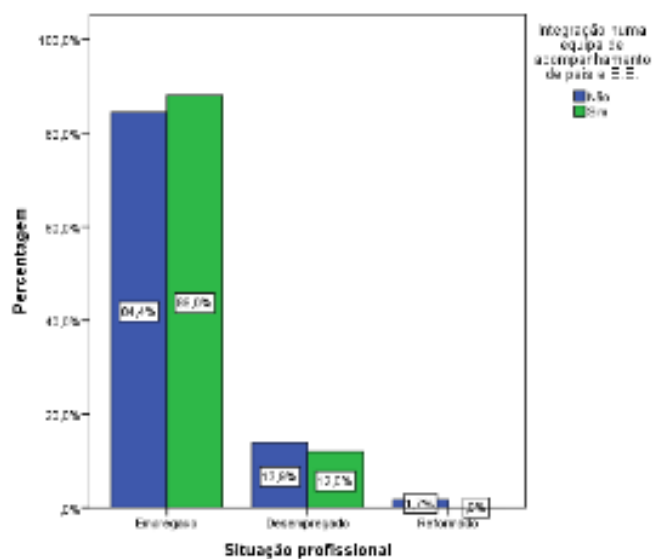
Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E. * Situação profissional	265	96,4%	10	3,6%	275	100,0%

41- Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E. * Situação profissional Crosstabulation

Count

		Situação profissional			Total
		Empregado	Desempregado	Reformado	
Integração numa equipa de acompanhamento de pais e E:E.	Não	146	24	3	173
	Sim	81	11	0	92
Total		227	35	3	265



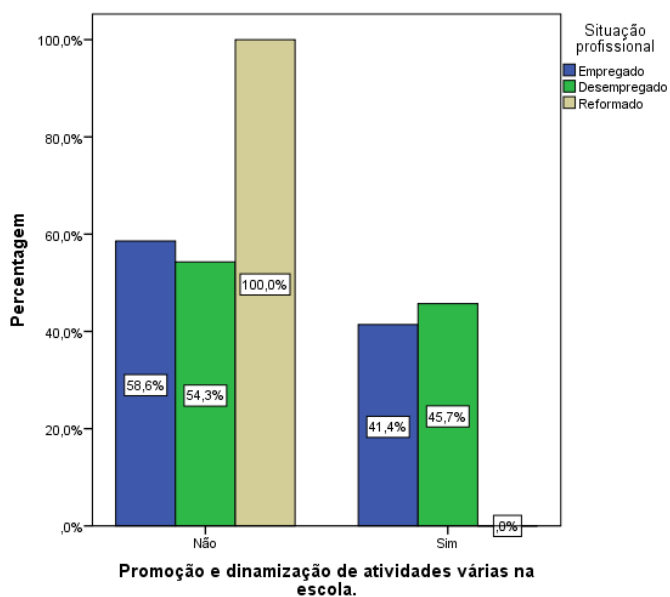
6.3. Promoção e dinamização de atividades várias na escola. . (item 41c) * Situação profissional

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Promoção e dinamização de atividades várias na escola. * Situação profissional	265	96,4%	10	3,6%	275	100,0%

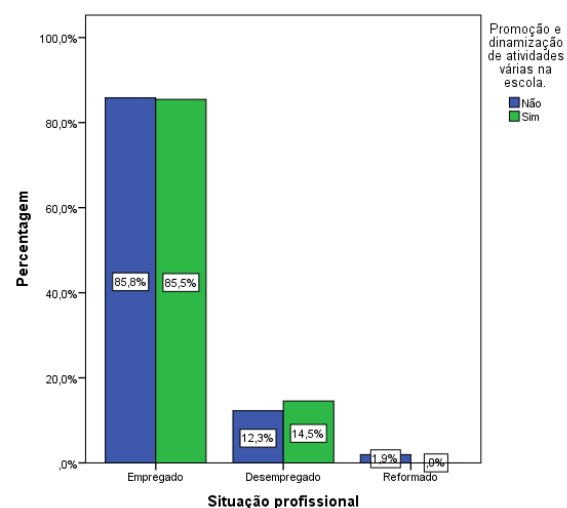
Promoção e dinamização de atividades várias na escola. * Situação profissional Crosstabulation

Count		Situação profissional			Total
		Empregado	Desempregado	Reformado	
Promoção e dinamização de atividades várias na escola.	Não	133	19	3	155
	Sim	94	16	0	110
Total		227	35	3	265



B. CRUZAMENTOS ADICIONAIS NÃO ANALISADOS NO CORPO DO TRABALHO.

1. O aluno é repetente este ano? (item 16), * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?



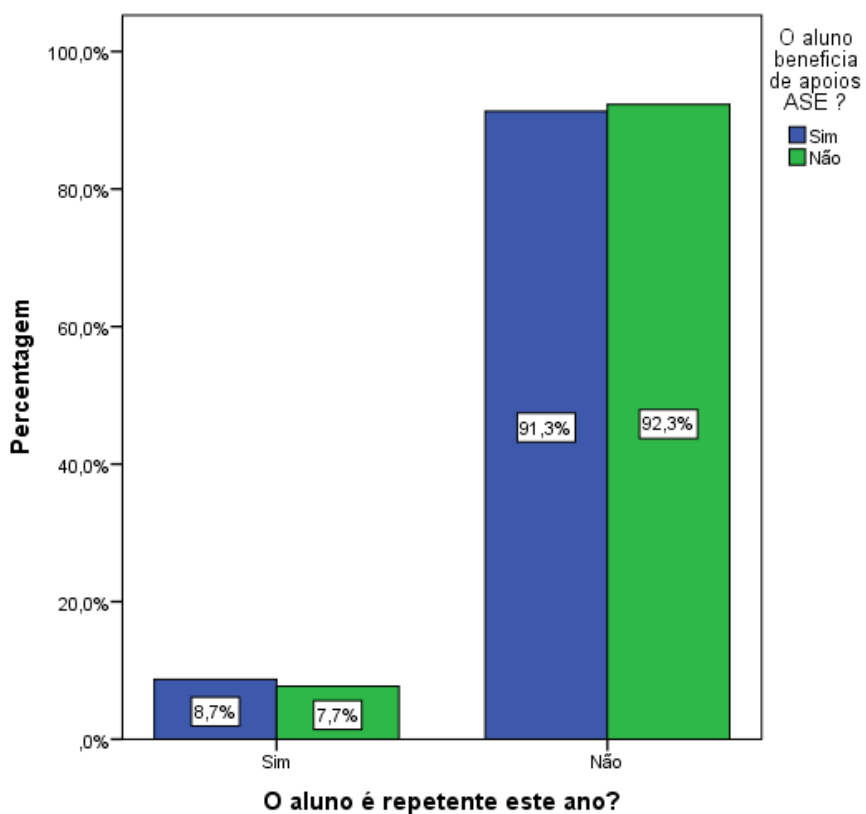
Case Processing Summary

Cases

	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O aluno é repetente este ano? * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?	264	96,0%	11	4,0%	275	100,0%

O aluno é repetente este ano? * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)? Crosstabulation

			O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?		Total
			Sim	Não	
O aluno é repetente este ano?	Sim	Count	6	15	21
		% within O aluno é repetente este ano?	28,6%	71,4%	100,0%
	Não	Count	63	180	243
		% within O aluno é repetente este ano?	25,9%	74,1%	100,0%
Total		Count	69	195	264
		% within O aluno é repetente este ano?	26,1%	73,9%	100,0%



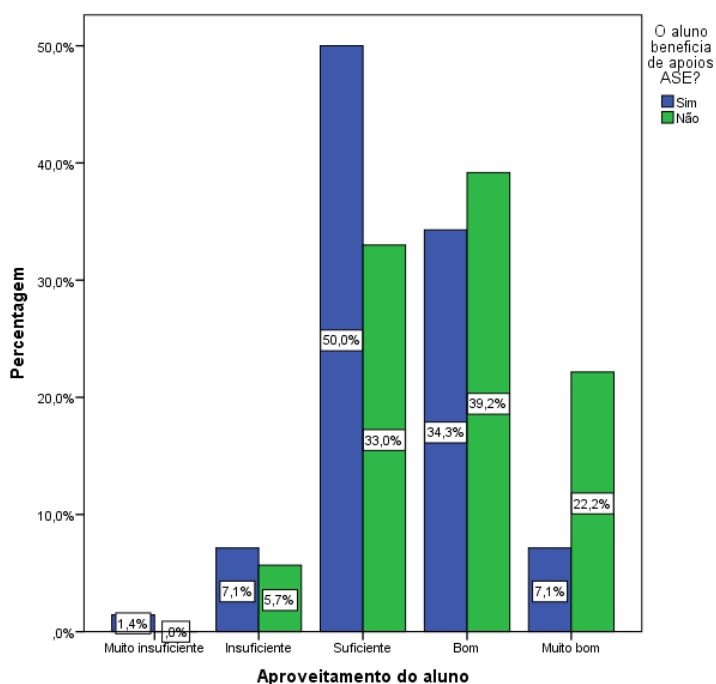
2. Aproveitamento (item 19), * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Aproveitamento do aluno * O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?	264	96,0%	11	4,0%	275	100,0%

Crosstab

			O aluno beneficia de apoios ASE (Ação Escolar Social)?		Total
			Sim	Não	
Aproveitamento do aluno	Muito insuficiente	Count	1	0	1
		% within Aproveitamento do aluno	100,0%	0,0%	100,0%
	Insuficiente	Count	5	11	16
		% within Aproveitamento do aluno	31,3%	68,8%	100,0%
	Suficiente	Count	35	64	99
	% within Aproveitamento do aluno	35,4%	64,6%	100,0%	
	Bom	Count	24	76	100
	% within Aproveitamento do aluno	24,0%	76,0%	100,0%	
	Muito bom	Count	5	43	48
	% within Aproveitamento do aluno	10,4%	89,6%	100,0%	
Total		Count	70	194	264
	% within Aproveitamento do aluno		26,5%	73,5%	100,0%



3. “O aluno é repetente este ano?” (item 16), * Ajudo o meu educando nas tarefas escolares.

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O aluno é repetente este ano? * Ajudo o meu educando nas tarefas escolares	260	94,5%	15	5,5%	275	100,0%

O aluno é repetente este ano? * Ajudo o meu educando nas tarefas escolares Crosstabulation

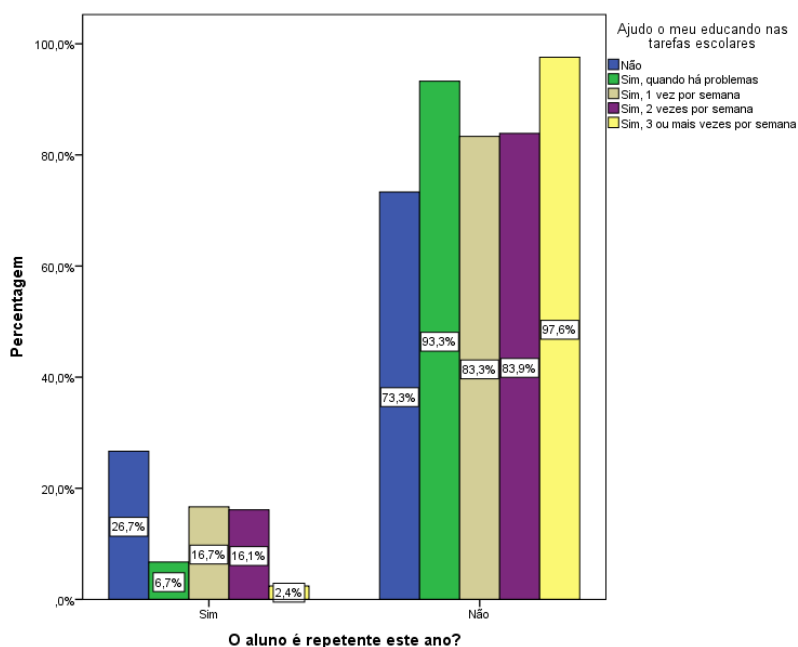
Count		Ajudo o meu educando nas tarefas escolares					Total
		Não	Sim, quando há problemas	Sim, 1 vez por semana	Sim, 2 vezes por semana	Sim, 3 ou mais vezes por semana	
	Sim	4	8	2	5	2	21
	Não	11	111	10	26	81	239
	Total	15	119	12	31	83	260

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Ajudo o meu educando nas tarefas escolares * O aluno é repetente este ano?	260	94,5%	15	5,5%	275	100,0%

Ajudo o meu educando nas tarefas escolares * O aluno é repetente este ano? Crosstabulation

Count		O aluno é repetente este ano?		Total
		Sim	Não	
	Não	4	11	15
	Sim, quando há problemas	8	111	119
	Sim, 1 vez por semana	2	10	12
	Sim, 2 vezes por semana	5	26	31
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	2	81	83
	Total	21	239	260



4. O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? (item 11)* Ajudo o meu educando nas tarefas escolares

Case Processing Summary

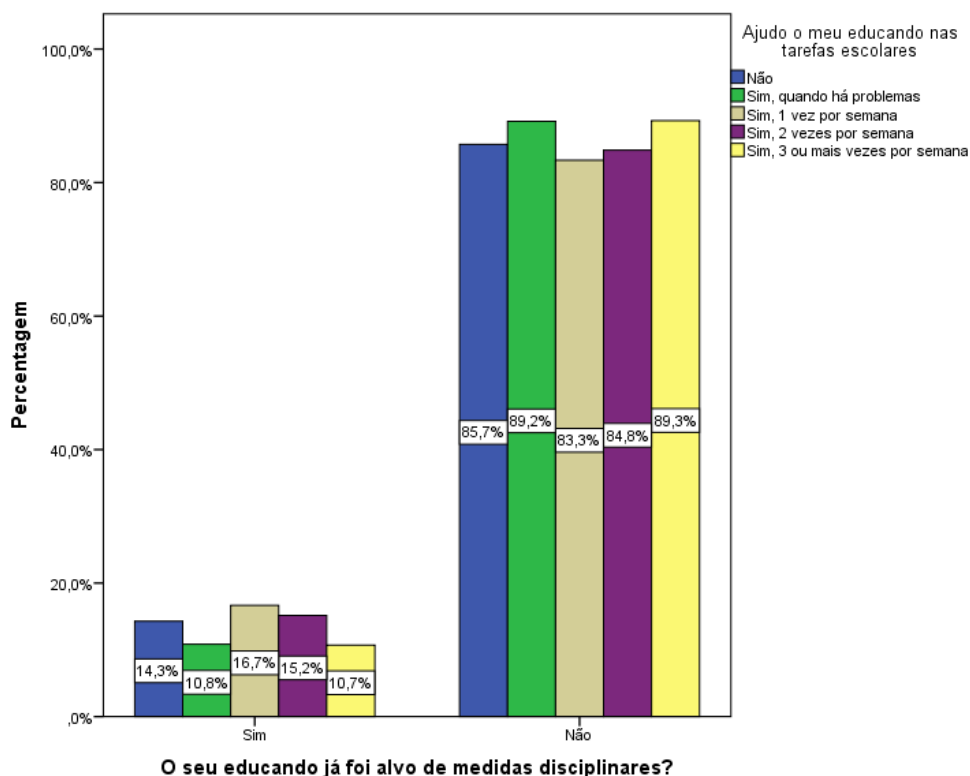
	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Ajudo o meu educando nas tarefas escolares	263	95,6%	12	4,4%	275	100,0%

O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? * Ajudo o meu educando nas tarefas escolares Crosstabulation

		Ajudo o meu educando nas tarefas escolares					Total
		Não	Sim, quando há problemas	Sim, 1 vez por semana	Sim, 2 vezes por semana	Sim, 3 ou mais vezes por semana	
O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?	Sim	2	13	2	5	9	31
	Não	12	107	10	28	75	232
Total		14	120	12	33	84	263

Ajudo o meu educando nas tarefas escolares * O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares? Crosstabulation

		O seu educando já foi alvo de medidas disciplinares?		Total
		Sim	Não	
Ajudo o meu educando nas tarefas escolares	Não	2	12	14
	Sim, quando há problemas	13	107	120
	Sim, 1 vez por semana	2	10	12
	Sim, 2 vezes por semana	5	28	33
	Sim, 3 ou mais vezes por semana	9	75	84
Total		31	232	263



ANEXO XIII - QUADRO COMPARATIVO DOS ESTATUTOS DO ALUNO

Lei 30/2002	Lei nº3/2008	Lei nº 39/2010	Lei nº 51/2012
Capítulo I - Conteúdo, objetivos e âmbito			
Artigo 2º - Objetivos			
O Estatuto prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português, conforme são estatuídos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, em especial promovendo a	O Estatuto prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português, conforme se encontram estatuídos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, promovendo, em especial		
assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de saberes e competências.	, a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, a <u>sua formação cívica</u> , o sucesso escolar e educativo, e a efetiva aquisição de saberes e competências	a assiduidade, <u>o mérito, a disciplina</u> e a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória <u>a sua formação cívica</u> , o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de saberes e competências.	<u>o mérito</u> , a assiduidade, <u>a responsabilidade, a disciplina</u> , a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, <u>a sua formação cívica</u> , o cumprimento da escolaridade obrigatória, o sucesso escolar e educativo e a efetiva aquisição de conhecimentos e capacidades.

Artigo 4º Responsabilidade dos membros da comunidade educativa	Artigo 4º Responsabilidade dos membros da comunidade educativa	Artigo 4.º Responsabilidade dos membros da comunidade educativa	Artigo 39.º Responsabilidade dos membros da comunidade educativa
1 — A autonomia de administração e gestão das escolas e de criação e desenvolvimento dos respetivos Projetos educativos pressupõe a responsabilidade de todos os membros da comunidade educativa pela salvaguarda efetiva do direito à educação e à igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso escolares, pela prossecução integral dos objetivos dos referidos Projetos educativos, incluindo os de integração sócio-cultural, e pelo desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da	1 — A autonomia de administração e gestão das escolas e de criação e desenvolvimento dos respetivos Projetos educativos pressupõe a responsabilidade de todos os membros da comunidade educativa pela salvaguarda efetiva do direito à educação e à igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso escolares, pela prossecução integral dos objetivos dos referidos Projetos educativos, incluindo os de integração sócio-cultural, e pelo desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da	1 - A autonomia dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas pressupõe a responsabilidade de todos os membros da comunidade educativa pela salvaguarda efetiva do direito à educação, à igualdade de oportunidades no acesso à escola e na promoção de medidas que visem o empenho e o sucesso escolar, pela prossecução integral dos objetivos dos referidos projetos educativos, incluindo os de integração sociocultural e	1 - A autonomia dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas pressupõe a responsabilidade de todos os membros da comunidade educativa pela salvaguarda efetiva do direito à educação e à igualdade de oportunidades no acesso à escola, bem como a promoção de medidas que visem o empenho e o sucesso escolares, a prossecução integral dos objetivos dos referidos projetos educativos, incluindo os de integração

<p>persona humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual.</p>	<p>persona humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual.</p>	<p>desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da persona humana, de democracia no exercício responsável da liberdade individual e no cumprimento dos direitos e deveres que lhe estão associados.</p>	<p>sociocultural, e o desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da persona humana, da democracia e exercício responsável da liberdade individual e do cumprimento dos direitos e deveres que lhe estão associados.</p>
<p>2 — Enquanto espaço coletivo de salvaguarda efetiva do direito à educação, a escola é insuscetível de transformação em objeto de pressão para a prossecução de interesses particulares, devendo o seu funcionamento ter carácter de prioridade.</p>	<p>2 — Enquanto espaço coletivo de salvaguarda efetiva do direito à educação, a escola é insuscetível de transformação em objeto de pressão para a prossecução de interesses particulares, devendo o seu funcionamento ter carácter de prioridade.</p>	<p>2 - A escola é o espaço coletivo de salvaguarda efetiva do direito à educação, devendo o seu funcionamento garantir plenamente aquele direito.</p>	<p>2 - A escola é o espaço coletivo de salvaguarda efetiva do direito à educação, devendo o seu funcionamento garantir plenamente aquele direito.</p>
<p>3 — A comunidade educativa referida no n.º 1 integra, sem prejuízo dos contributos de outras entidades, os alunos, os pais e encarregados de educação, os professores, os funcionários não docentes das escolas, as autarquias locais e os serviços da administração central e regional com intervenção na área da educação, nos termos das respetivas responsabilidades e competências.</p>	<p>3 — A comunidade educativa referida no n.º 1 integra, sem prejuízo dos contributos de outras entidades, os alunos, os pais e encarregados de educação, os professores, o pessoal não docente das escolas, as autarquias locais e os serviços de administração central e regional com intervenção na área da educação, nos termos das respetivas responsabilidades e competências.</p>	<p>3 - A comunidade educativa referida no n.º 1 integra, sem prejuízo dos contributos de outras entidades, os alunos, os pais e encarregados de educação, os professores, o pessoal não docente das escolas, as autarquias locais e os serviços da administração central e regional com intervenção na área da educação, nos termos das respetivas responsabilidades e competências.</p>	<p>3 - A comunidade educativa referida no n.º 1 integra, sem prejuízo dos contributos de outras entidades, os alunos, os pais ou encarregados de educação, os professores, o pessoal não docente das escolas, as autarquias locais e os serviços da administração central e regional com intervenção na área da educação, nos termos das respetivas responsabilidades e competências.</p>

Alunos

Artigo 7.º Responsabilidade dos alunos	Artigo 7.º Responsabilidade dos alunos	Artigo 7.º Responsabilidade dos alunos	Artigo 40.º Responsabilidade dos alunos
Os alunos são responsáveis, em termos adequados à sua idade e capacidade de discernimento, pela componente obrigacional inerente aos direitos que lhe são conferidos no âmbito do sistema educativo, bem como por contribuírem para garantir aos demais membros da comunidade educativa e da escola os mesmos direitos que a si próprio são conferidos, em especial respeitando ativamente o exercício pelos demais alunos do direito à educação.	Os alunos são responsáveis, em termos adequados à sua idade e capacidade de discernimento, pela componente obrigacional inerente aos direitos que lhe são conferidos no âmbito do sistema educativo, bem como por contribuírem para garantir aos demais membros da comunidade educativa e da escola os mesmos direitos que a si próprio são conferidos, em especial respeitando ativamente o exercício pelos demais alunos do direito à educação.	1 - Os alunos são responsáveis, em termos adequados à sua idade e capacidade de discernimento, pelos direitos e deveres que lhe são conferidos pelo presente Estatuto, pelo regulamento interno da escola e demais legislação aplicável.	1 - Os alunos são responsáveis, em termos adequados à sua idade e capacidade de discernimento, pelo exercício dos direitos e pelo cumprimento dos deveres que lhe são outorgados pelo presente Estatuto, pelo regulamento interno da escola e pela demais legislação aplicável.
		2 - A responsabilidade disciplinar dos alunos implica o respeito integral do presente Estatuto, do regulamento interno da escola, do património da mesma, dos demais alunos, funcionários e em especial dos professores. 3 - Os alunos não podem prejudicar o direito à educação dos restantes alunos.	2 - A responsabilidade disciplinar dos alunos implica o respeito integral pelo presente Estatuto, pelo regulamento interno da escola, pelo património da mesma, pelos demais alunos, funcionários e, em especial, professores. 3 - Nenhum aluno pode prejudicar o direito à educação dos demais.

Artigo 12.º Valores nacionais e cultura de cidadania	Artigo 12.º Valores nacionais e cultura de cidadania	Artigo 12.º Direitos e deveres de cidadania	Artigo 6.º Valores nacionais e cultura de cidadania
No desenvolvimento dos valores nacionais e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional, o aluno tem o direito e o dever de conhecer e respeitar	No desenvolvimento dos valores nacionais e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional, o aluno tem o direito e o dever de conhecer e respeitar	No desenvolvimento dos princípios do Estado de direito democrático e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da dignidade da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional, o aluno tem o	No desenvolvimento dos princípios do Estado de direito democrático, dos valores nacionais e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da dignidade da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional, o

ativamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem e a Convenção sobre os Direitos da Criança, enquanto matriz de valores e princípios de afirmação da humanidade.	ativamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem e a Convenção sobre os Direitos da Criança, enquanto matriz de valores e princípios de afirmação da humanidade.	direito e o dever de conhecer e respeitar ativamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, enquanto matrizes de valores e princípios de afirmação da humanidade.	aluno tem o direito e o dever de conhecer e respeitar ativamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, enquanto matrizes de valores e princípios de afirmação da humanidade.
--	--	---	---

Capítulo III - Direitos e deveres do aluno			
Artigo 13º Direitos do aluno	Artigo 13º Direitos do aluno	Artigo 13º Direitos do aluno	Artigo 7.º Direitos do aluno
O aluno tem direito a: <i>h)</i> Ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa;	O aluno tem direito a: <i>h)</i> Ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa;	O aluno tem direito a: <i>a)</i> Ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa;	O aluno tem direito a: <i>a)</i> Ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas;
<i>a)</i> Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso, de forma a propiciar a realização de aprendizagens bem sucedidas;	<i>a)</i> Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso, de forma a propiciar a realização de aprendizagens bem sucedidas;	<i>b)</i> Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso, de forma a propiciar a realização de aprendizagens bem sucedidas;	<i>b)</i> Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso;
<i>b)</i> Usufruir do ambiente e do Projeto educativo que proporcionem as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico, para a formação	<i>b)</i> Usufruir do ambiente e do Projeto educativo que proporcionem as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico, para a formação	<i>c)</i> Usufruir do ambiente e do projeto educativo que proporcionem as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico, para a formação	<i>c)</i> Escolher e usufruir, nos termos estabelecidos no quadro legal aplicável, por si ou, quando menor, através dos seus pais ou encarregados de educação, o projeto educativo que lhe

da sua personalidade e da sua capacidade de auto -aprendizagem e de crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética;	da sua personalidade e da sua capacidade de auto -aprendizagem e de crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética;	da sua personalidade;	proporcione as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico e para a formação da sua personalidade;
<p>c) Ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar e ser estimulado nesse sentido;</p> <p>d) Ver reconhecido o empenhamento em ações meritórias, em favor da comunidade em que está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela, e ser estimulado nesse sentido;</p>	<p>c) Ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar e ser estimulado nesse sentido;</p> <p>d) Ver reconhecido o empenhamento em ações meritórias, em favor da comunidade em que está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela, e ser estimulado nesse sentido;</p>	<p>d) Ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação, a assiduidade e o esforço no trabalho e no desempenho escolar e ser estimulado nesse sentido;</p> <p>e) Ver reconhecido o empenhamento em ações meritórias, em favor da comunidade em que está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela, e ser estimulado nesse sentido;</p> <p>h) Poder usufruir de prémios que distingam o mérito;</p>	<p>d) Ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação, a assiduidade e o esforço no trabalho e no desempenho escolar e ser estimulado nesse sentido;</p> <p>e) Ver reconhecido o empenhamento em ações meritórias, designadamente, o voluntariado em favor da comunidade em que está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela, e ser estimulado nesse sentido</p> <p>h) Usufruir de prémios ou apoios e meios complementares que reconheçam e distingam o mérito;</p>
e) Usufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das atividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente as que contribuem para o desenvolvimento cultural da comunidade;	e) Usufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das atividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente as que contribuem para o desenvolvimento cultural da comunidade;	f) Usufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das atividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente as que contribuem para o desenvolvimento da comunidade;	f) Usufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das atividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente as que contribuem para o desenvolvimento cultural da comunidade;
<p>f) Beneficiar, no âmbito dos serviços de Ação social escolar, de apoios concretos que lhe permitam superar ou compensar as carências do tipo sociofamiliar, económico ou cultural que dificultem o acesso à escola ou o processo de aprendizagem;</p> <p>g) Beneficiar de outros apoios específicos, necessários às suas necessidades escolares ou às suas aprendizagens, através dos serviços de psicologia e orientação ou de outros serviços especializados de apoio educativo;</p>	<p>f) Beneficiar, no âmbito dos serviços de Ação social escolar, de apoios concretos que lhe permitam superar ou compensar as carências do tipo sociofamiliar, económico ou cultural que dificultem o acesso à escola ou o processo de aprendizagem;</p> <p>g) Beneficiar de outros apoios específicos, necessários às suas necessidades escolares ou às suas aprendizagens, através dos serviços de psicologia e orientação ou de outros serviços especializados de apoio educativo;</p>	<p>g) Beneficiar, no âmbito dos serviços de ação social escolar, de um sistema de apoios que lhe permitam superar ou compensar as carências do tipo sociofamiliar, económico ou cultural que dificultam o acesso à escola ou o processo de aprendizagem;</p> <p>i) Beneficiar de outros apoios específicos, necessários às suas necessidades escolares ou às suas aprendizagens, através dos serviços de psicologia e orientação ou de outros serviços especializados de apoio educativo;</p>	<p>g) Beneficiar, no âmbito dos serviços de ação social escolar, de um sistema de apoios que lhe permitam superar ou compensar as carências do tipo sociofamiliar, económico ou cultural que dificultem o acesso à escola ou o processo de ensino;</p> <p>i) Beneficiar de outros apoios específicos, necessários às suas necessidades escolares ou à sua aprendizagem, através dos serviços de psicologia e orientação ou de outros serviços especializados de apoio educativo;</p>

i) Ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral;	i) Ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral;	j) Ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral;	j) Ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral, beneficiando, designadamente, da especial proteção consagrada na lei penal para os membros da comunidade escolar;
j) Ser assistido, de forma pronta e adequada, em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido ou manifestada no decorrer das atividades escolares;	j) Ser assistido, de forma pronta e adequada, em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido ou manifestada no decorrer das atividades escolares;	k) Ser assistido, de forma pronta e adequada, em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido ou manifestada no decorrer das atividades escolares;	k) Ser assistido, de forma pronta e adequada, em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido ou manifestada no decorrer das atividades escolares;
k) Ver garantida a confidencialidade dos elementos e informações constantes do seu processo individual, de natureza pessoal ou familiar;	k) Ver garantida a confidencialidade dos elementos e informações constantes do seu processo individual, de natureza pessoal ou familiar;	l) Ver garantida a confidencialidade dos elementos e informações constantes do seu processo individual, de natureza pessoal ou familiar;	l) Ver garantida a confidencialidade dos elementos e informações constantes do seu processo individual, de natureza pessoal ou familiar;
l) Participar, através dos seus representantes, nos termos da lei, nos órgãos de administração e gestão da escola, na criação e execução do respetivo Projeto educativo, bem como na elaboração do regulamento interno;	l) Participar, através dos seus representantes, nos termos da lei, nos órgãos de administração e gestão da escola, na criação e execução do respetivo Projeto educativo, bem como na elaboração do regulamento interno;	m) Participar, através dos seus representantes, nos termos da lei, nos órgãos de administração e gestão da escola, na criação e execução do respetivo projeto educativo, bem como na elaboração do regulamento interno;	m) Participar, através dos seus representantes, nos termos da lei, nos órgãos de administração e gestão da escola, na criação e execução do respetivo projeto educativo, bem como na elaboração do regulamento interno;
m) Eleger os seus representantes para os órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da escola, bem como ser eleito, nos termos da lei e do regulamento interno da escola;	m) Eleger os seus representantes para os órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da escola, bem como ser eleito, nos termos da lei e do regulamento interno da escola;	n) Eleger os seus representantes para os órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da escola, bem como ser eleito, nos termos da lei e do regulamento interno da escola;	n) Eleger os seus representantes para os órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da escola, bem como ser eleito, nos termos da lei e do regulamento interno da escola;
n) Apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento da escola e ser ouvido pelos professores, Diretores de turma e órgãos de administração e gestão da escola em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;	n) Apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento da escola e ser ouvido pelos professores, Diretores de turma e órgãos de administração e gestão da escola em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;	o) Apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento da escola e ser ouvido pelos professores, diretores de turma e órgãos de administração e gestão da escola em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;	o) Apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento da escola e ser ouvido pelos professores, diretores de turma e órgãos de administração e gestão da escola em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;
o) Organizar e participar em iniciativas que promovam a formação e ocupação de tempos livres;	o) Organizar e participar em iniciativas que promovam a formação e ocupação de tempos livres;	p) Organizar e participar em iniciativas que promovam a formação e ocupação de tempos livres;	p) Organizar e participar em iniciativas que promovam a formação e ocupação de tempos livres;

<p>p) Participar na elaboração do regulamento interno da escola, conhecê-lo e ser informado, em termos adequados à sua idade e ao ano frequentado, sobre todos os assuntos que justificadamente sejam do seu interesse, nomeadamente sobre o modo de organização do plano de estudos ou curso, o programa e objetivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar, e os processos e critérios de avaliação, bem como sobre matrícula, abono de família e apoios socioeducativos, normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos e das instalações, incluindo o plano de emergência, e, em geral, sobre todas as atividades e iniciativas relativas ao Projeto educativo da escola;</p>	<p>p) Participar na elaboração do regulamento interno da escola, conhecê-lo e ser informado, em termos adequados à sua idade e ao ano frequentado, sobre todos os assuntos que justificadamente sejam do seu interesse, nomeadamente sobre o modo de organização do plano de estudos ou curso, o programa e objetivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar, e os processos e critérios de avaliação, bem como sobre matrícula, abono de família e apoios socioeducativos, normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos e das instalações, incluindo o plano de emergência, e, em geral, sobre todas as atividades e iniciativas relativas ao Projeto educativo da escola;</p>	<p>q) Ser informado sobre o regulamento interno da escola e, por meios a definir por esta e em termos adequados à sua idade e ao ano frequentado, sobre todos os assuntos que justificadamente sejam do seu interesse, nomeadamente sobre o modo de organização do plano de estudos ou curso, o programa e objetivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar, os processos e critérios de avaliação, bem como sobre matrícula, abono de família e apoios socioeducativos, normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos e das instalações, incluindo o plano de emergência, e, em geral, sobre todas as atividades e iniciativas relativas ao projeto educativo da escola;</p>	<p>q) Ser informado sobre o regulamento interno da escola e, por meios a definir por esta e em termos adequados à sua idade e ao ano frequentado, sobre todos os assuntos que justificadamente sejam do seu interesse, nomeadamente sobre o modo de organização do plano de estudos ou curso, o programa e objetivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar e os processos e critérios de avaliação, bem como sobre a matrícula, o abono de família e apoios socioeducativos, as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos e das instalações, incluindo o plano de emergência, e, em geral, sobre todas as atividades e iniciativas relativas ao projeto educativo da escola;</p>
<p>q) Participar nas demais atividades da escola, nos termos da lei e do respetivo regulamento interno</p>	<p>q) Participar nas demais atividades da escola, nos termos da lei e do respetivo regulamento interno</p>	<p>r) Participar nas demais atividades da escola, nos termos da lei e do respetivo regulamento interno;</p>	<p>r) Participar nas demais atividades da escola, nos termos da lei e do respetivo regulamento interno;</p>
	<p>r) Participar no processo de avaliação, nomeadamente através dos mecanismos de auto e heteroavaliação.</p>	<p>s) Participar no processo de avaliação, através dos mecanismos de auto e heteroavaliação.</p>	<p>s) Participar no processo de avaliação, através de mecanismos de auto e heteroavaliação;</p>
			<p>t) Beneficiar de medidas, a definir pela escola, adequadas à recuperação da aprendizagem nas situações de ausência devidamente justificada às atividades escolares.</p>
			<p>2 - A fruição dos direitos consagrados nas suas alíneas g), h) e r) do número anterior pode ser, no todo ou em parte, temporariamente vedada em consequência de medida disciplinar corretiva ou sancionatória aplicada ao aluno, nos termos previstos no presente Estatuto.</p>

		Artigo 51.º-A Prémios de mérito	Artigo 9.º Prémios de mérito
		<p>1 - Para efeitos do disposto na alínea h) do artigo 13.º, o regulamento interno pode prever prémios de mérito destinados a distinguir alunos que preencham um ou mais</p> <p>dos seguintes requisitos:</p> <p>a) Revelem atitudes exemplares de superação das suas dificuldades;</p> <p>b) Alcancem excelentes resultados escolares;</p> <p>c) Produzam trabalhos académicos de excelência ou realizem atividades curriculares ou de complemento curricular de relevância;</p> <p>d) Desenvolvam iniciativas ou ações exemplares no âmbito da solidariedade social.</p>	<p>1 - Para efeitos do disposto na alínea h) do artigo 7.º, o regulamento interno pode prever prémios de mérito destinados a distinguir alunos que, em cada ciclo de</p> <p>escolaridade, preencham um ou mais dos seguintes requisitos:</p> <p>a) Revelem atitudes exemplares de superação das suas dificuldades;</p> <p>b) Alcancem excelentes resultados escolares;</p> <p>c) Produzam trabalhos académicos de excelência ou realizem atividades curriculares ou de complemento curricular de relevância;</p> <p>d) Desenvolvam iniciativas ou ações exemplares no âmbito da solidariedade social.</p>
		<p>2 - Os prémios de mérito devem ter natureza simbólica ou material, podendo ter uma natureza financeira desde que, comprovadamente, auxiliem a continuação do percurso escolar do aluno.</p>	<p>2 - Os prémios de mérito devem ter natureza simbólica ou material, podendo ter uma natureza financeira desde que, comprovadamente, auxiliem a continuação do percurso escolar do aluno</p>
		<p>3 - Cada escola pode procurar estabelecer parcerias com entidades ou organizações da comunidade educativa no sentido de garantir os fundos necessários ao financiamento dos prémios de mérito.</p>	<p>3 - Cada escola pode procurar estabelecer parcerias com entidades ou organizações da comunidade educativa no sentido de garantir os fundos necessários ao financiamento dos prémios de mérito.</p>

<p align="center">Artigo 15° Deveres do aluno</p>	<p align="center">Artigo 15° Deveres do aluno</p>	<p align="center">Artigo 15.º Deveres do aluno</p>	<p align="center">Artigo 10.º Deveres do aluno</p>
<p>O aluno tem o dever, sem prejuízo do disposto no artigo 7º e dos demais deveres previstos no regulamento interno da escola, de:</p> <p>a) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral;</p> <p>b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito do trabalho escolar;</p> <p>c) Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem;</p> <p>d) Tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade educativa;</p> <p>e) Ser leal para com os seus professores e colegas;</p> <p>f) Respeitar as instruções do pessoal docente e não docente;</p> <p>g) Contribuir para a harmonia da convivência</p>	<p>O aluno tem o dever, sem prejuízo do disposto no artigo 7º e dos demais deveres previstos no regulamento interno da escola, de:</p> <p>a) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral;</p> <p>b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das atividades escolares;</p> <p>c) Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem;</p> <p>d) Tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade educativa;</p> <p>e) Guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa;</p> <p>f) Respeitar as instruções dos professores e do pessoal não docente;</p> <p>g) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena</p>	<p>O aluno tem o dever, sem prejuízo do disposto no artigo 7.º e dos demais deveres previstos no regulamento interno da escola, de:</p> <p>a) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral;</p> <p>b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das atividades escolares;</p> <p>c) Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem;</p> <p>d) Tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade educativa;</p> <p>e) Guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa;</p> <p>f) Respeitar as instruções dos professores e do pessoal não docente;</p> <p>s) Respeitar a autoridade do professor.</p> <p>g) Contribuir para a harmonia da convivência</p>	<p>O aluno tem o dever, sem prejuízo do disposto no artigo 40.º e dos demais deveres previstos no regulamento interno da escola, de:</p> <p>a) Estudar, aplicando-se, de forma adequada à sua idade, necessidades educativas e ao ano de escolaridade que frequenta, na sua educação e formação integral;</p> <p>b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das atividades escolares;</p> <p>c) Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino;</p> <p>d) Tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social, ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas;</p> <p>e) Guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa;</p> <p>f) Respeitar a autoridade e as instruções dos professores e do pessoal não docente;</p> <p>g) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos;</p> <p>h) Participar nas atividades educativas ou formativas desenvolvidas na escola, bem como nas demais</p>

<p>escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos;</p> <p><i>h)</i> Participar nas atividades educativas ou formativas desenvolvidas na escola, bem como nas demais atividades organizativas que requeiram a participação dos alunos;</p> <p><i>i)</i> Respeitar a integridade física e moral de todos os membros da comunidade educativa;</p>	<p>integração na escola de todos os alunos;</p> <p><i>h)</i> Participar nas atividades educativas ou formativas desenvolvidas na escola, bem como nas demais atividades organizativas que requeiram a participação dos alunos;</p> <p><i>i)</i> Respeitar a integridade física e moral de todos os membros da comunidade educativa;</p>	<p>escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos;</p> <p><i>h)</i> Participar nas atividades educativas ou formativas desenvolvidas na escola, bem como nas demais atividades organizativas que requeiram a participação dos alunos;</p> <p><i>i)</i> Respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa;</p>	<p>atividades organizativas que requeiram a participação dos alunos;</p> <p><i>i)</i> Respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa, não praticando quaisquer atos, designadamente violentos, independentemente do local ou dos meios utilizados, que atentem contra a integridade física, moral ou patrimonial dos professores, pessoal não docente e alunos;</p>
<p><i>j)</i> Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e moral dos mesmos;</p> <p><i>k)</i> Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didático, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correto dos mesmos;</p> <p><i>l)</i> Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;</p> <p><i>m)</i> Permanecer na escola durante o seu horário, salvo autorização escrita do encarregado de educação ou da direção da escola;</p> <p><i>n)</i> Participar na eleição dos seus representantes e prestar-lhes toda a colaboração;</p> <p><i>o)</i> Conhecer as normas de funcionamento dos serviços da escola e o regulamento interno da mesma e cumpri-los pontualmente;</p> <p><i>p)</i> Não possuir e não</p>	<p><i>j)</i> Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e moral dos mesmos;</p> <p><i>k)</i> Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didático, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correto dos mesmos;</p> <p><i>l)</i> Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;</p> <p><i>m)</i> Permanecer na escola durante o seu horário, salvo autorização escrita do encarregado de educação ou da direção da escola;</p> <p><i>n)</i> Participar na eleição dos seus representantes e prestar-lhes toda a colaboração;</p> <p><i>o)</i> Conhecer e cumprir o estatuto do aluno, as normas de funcionamento dos serviços da escola e o regulamento interno da mesma;</p> <p><i>p)</i> Não possuir e não</p>	<p><i>j)</i> Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e psicológica dos mesmos;</p> <p><i>k)</i> Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didático, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correto dos mesmos;</p> <p><i>l)</i> Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;</p> <p><i>m)</i> Permanecer na escola durante o seu horário, salvo autorização escrita do encarregado de educação ou da direção da escola;</p> <p><i>n)</i> Participar na eleição dos seus representantes e prestar-lhes toda a colaboração;</p> <p><i>o)</i> Conhecer e cumprir o estatuto do aluno, as normas de funcionamento dos serviços da escola e o regulamento interno da mesma, subscrevendo declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso ativo quanto ao seu cumprimento integral;</p> <p><i>p)</i> Não possuir e não consumir substâncias aditivas, em especial drogas, tabaco e bebidas</p>	<p><i>j)</i> Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e psicológica dos mesmos;</p> <p><i>k)</i> Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, material didático, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correto dos mesmos;</p> <p><i>l)</i> Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;</p> <p><i>m)</i> Permanecer na escola durante o seu horário, salvo autorização escrita do encarregado de educação ou da direção da escola;</p> <p><i>n)</i> Participar na eleição dos seus representantes e prestar-lhes toda a colaboração;</p> <p><i>o)</i> Conhecer e cumprir o presente Estatuto, as normas de funcionamento dos serviços da escola e o regulamento interno da mesma, subscrevendo declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso ativo quanto ao seu cumprimento integral;</p> <p><i>p)</i> Não possuir e não consumir substâncias aditivas, em especial drogas, tabaco e bebidas</p>

<p>consumir substâncias aditivas, em especial drogas, tabaco e bebidas alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;</p> <p>q) Não transportar quaisquer materiais, instrumentos ou engenhos passíveis de, objetivamente, causarem danos físicos ao aluno ou a terceiros;</p> <p>r) Não praticar qualquer ato ilícito.</p>	<p>consumir substâncias aditivas, em especial drogas, tabaco e bebidas alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;</p> <p>q) Não transportar quaisquer materiais, equipamentos tecnológicos, instrumentos ou engenhos, passíveis de, objetivamente, perturbarem o normal funcionamento das atividades letivas, ou poderem causar danos físicos ou morais aos alunos ou a terceiros;</p> <p>r) <i>Revogada</i></p>	<p>alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;</p> <p>q) Não transportar quaisquer materiais, equipamentos tecnológicos, instrumentos ou engenhos, passíveis de, objetivamente, perturbarem o normal funcionamento das atividades letivas ou poderem causar danos físicos ou psicológicos aos alunos ou a terceiros;</p> <p>r) (Revogada.)</p>	<p>alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;</p> <p>q) Não transportar quaisquer materiais, equipamentos tecnológicos, instrumentos ou engenhos passíveis de, objetivamente, perturbarem o normal funcionamento das atividades letivas, ou poderem causar danos físicos ou psicológicos aos alunos ou a qualquer outro membro da comunidade educativa;</p> <p>r) Não utilizar quaisquer equipamentos tecnológicos, designadamente, telemóveis, equipamentos, programas ou aplicações informáticas, nos locais onde decorram aulas ou outras atividades formativas ou reuniões de órgãos ou estruturas da escola em que participe, exceto quando a utilização de qualquer dos meios acima referidos esteja diretamente relacionada com as atividades a desenvolver e seja expressamente autorizada pelo professor ou pelo responsável pela direção ou supervisão dos trabalhos ou atividades em curso;</p> <p>s) Não captar sons ou imagens, designadamente, de atividades letivas e não letivas, sem autorização prévia dos professores, dos responsáveis pela direção da escola ou supervisão dos trabalhos ou atividades em curso, bem como, quando for o caso, de qualquer membro da comunidade escolar ou educativa cuja imagem possa, ainda que involuntariamente, ficar registada;</p> <p>t) Não difundir, na escola ou fora dela, nomeadamente, via internet ou através de outros meios de comunicação, sons ou</p>
--	---	--	--

			<p>imagens captados nos momentos letivos e não letivos, sem autorização do diretor da escola;</p> <p>u) Respeitar os direitos de autor e de propriedade intelectual;</p> <p>v) Apresentar -se com vestuário que se revele adequado, em função da idade, à dignidade do espaço e à especificidade das atividades escolares, no respeito pelas regras estabelecidas na escola;</p> <p>x) Reparar os danos por si causados a qualquer membro da comunidade educativa ou em equipamentos ou instalações da escola ou outras onde decorram quaisquer atividades decorrentes da vida escolar e, não sendo possível ou suficiente a reparação, indemnizar os lesados relativamente aos prejuízos causados.</p>
--	--	--	---

Artigo 17º Frequência e assiduidade	Artigo 17º Frequência e assiduidade	Artigo 17.º Frequência e assiduidade	Artigo 13.º Frequência e assiduidade
1 — Para além do dever de frequência da escolaridade obrigatória, nos termos da lei, os alunos são responsáveis pelo cumprimento do dever de assiduidade.	1 — Para além do dever de frequência da escolaridade obrigatória, nos termos da lei, os alunos são responsáveis pelo cumprimento do dever de assiduidade.	1 - Para além do dever de frequência da escolaridade obrigatória, nos termos da lei, os alunos são responsáveis pelo cumprimento do dever de assiduidade.	1 - Para além do dever de frequência da escolaridade obrigatória, os alunos são responsáveis pelo cumprimento dos deveres de assiduidade e pontualidade, nos termos estabelecidos na alínea b) do artigo 10.º e no n.º 3 do presente artigo.
2 — Os pais e encarregados de educação dos alunos menores de idade são responsáveis conjuntamente com estes pelo cumprimento dos deveres referidos no número anterior.	2 — Os pais e encarregados de educação dos alunos menores de idade são responsáveis conjuntamente com estes pelo cumprimento dos deveres referidos no número anterior.	2 - Os pais e encarregados de educação dos alunos menores de idade são responsáveis conjuntamente com estes pelo cumprimento dos deveres referidos no número anterior.	2 - Os pais ou encarregados de educação dos alunos menores de idade são responsáveis, conjuntamente com estes, pelo cumprimento dos deveres referidos no número anterior.
3 — O dever de assiduidade implica para o aluno quer a presença na sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar quer	3 — O dever de assiduidade implica para o aluno quer a presença na sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar, quer	3 - O dever de assiduidade implica para o aluno quer a presença e a pontualidade na sala de	3 - O dever de assiduidade e pontualidade implica para o aluno a presença e a pontualidade na sala de

<p>uma atitude de empenho intelectual e comportamental adequada, de acordo com a sua idade, ao processo de ensino e aprendizagem.</p> <p>4 — A falta é a ausência do aluno a uma aula ou a outra atividade de frequência obrigatória, com registo desse facto no livro de ponto, ou de frequência, pelo professor, ou noutros suportes administrativos adequados, pelo Diretor de turma; decorrendo as aulas em tempos consecutivos, há tantas faltas quantos os tempos de ausência do aluno.</p> <p>5 — As faltas resultantes do facto de o aluno não se fazer acompanhar do material necessário às atividades escolares são definidas pelo regulamento interno da escola.</p>	<p>uma atitude de empenho intelectual e comportamental adequadas, de acordo com a sua idade, ao processo de ensino e aprendizagem.</p> <p>4 — <i>Revogado</i></p> <p>5 — <i>Revogado</i></p>	<p>aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar quer uma atitude de empenho intelectual e comportamental adequada, de acordo com a sua idade, ao processo de ensino e aprendizagem.</p> <p>4 - (Revogado).</p> <p>5 - (Revogado).</p>	<p>aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar munido do material didático ou equipamento necessários, de acordo com as orientações dos professores, bem como uma atitude de empenho intelectual e comportamental adequada, em função da sua idade, ao processo de ensino.</p> <p>4 - O controlo da assiduidade dos alunos é obrigatório, nos termos em que é definida no número anterior, em todas atividades escolares letivas e não letivas em que participem ou devam participar.</p> <p>5 - Sem prejuízo do disposto no presente Estatuto, as normas a adotar no controlo da assiduidade, da justificação de faltas e da sua comunicação ao encarregado de educação são fixadas no regulamento interno.</p>
---	--	---	---

Artigo 18º Faltas justificadas	Artigo 18º Faltas	Artigo 18.º Faltas 18.º-A Natureza das faltas	Artigo 14.º Faltas e sua natureza
<p>São faltas justificadas as dadas pelos seguintes motivos:</p> <p>a) Doença do aluno, devendo esta ser declarada por médico se determinar impedimento superior a cinco dias úteis;</p> <p>b) Isolamento profiláctico, determinado por doença</p>	<p>1 — A falta é a ausência do aluno a uma aula ou a outra atividade de frequência obrigatória, ou facultativa caso tenha havido lugar a inscrição.</p>	<p>1 - A falta é a ausência do aluno a uma aula ou a outra atividade de frequência obrigatória, ou facultativa caso tenha havido lugar a inscrição.</p>	<p>1 - A falta é a ausência do aluno a uma aula ou a outra atividade de frequência obrigatória ou facultativa caso tenha havido lugar a inscrição, a falta de pontualidade ou a comparência sem o material didático ou equipamento necessários,</p>

<p>infecto-contagiosa de pessoa que coabite com o aluno, comprovada através de declaração da autoridade sanitária competente;</p> <p>c) Falecimento de familiar, durante o período legal de justificação de faltas por falecimento de familiar previsto no estatuto dos funcionários públicos;</p> <p>d) Nascimento de irmão, durante o dia do nascimento e o dia imediatamente posterior;</p> <p>e) Realização de tratamento ambulatorio, em virtude de doença ou deficiência, que não possa efetuar-se fora do período das atividades letivas;</p> <p>f) Assistência na doença a membro do agregado familiar, nos casos em que, comprovadamente, tal assistência não possa ser prestada por qualquer outra pessoa;</p> <p>g) Ato decorrente da religião professada pelo aluno, desde que o mesmo não possa efetuar-se fora do período das atividades letivas e corresponda a uma prática comumente reconhecida como própria dessa religião;</p> <p>h) Participação em provas desportivas ou eventos culturais, nos termos da legislação em vigor;</p> <p>i) Participação em atividades associativas, nos termos da lei;</p> <p>j) Cumprimento de obrigações legais;</p> <p>l) Outro facto impeditivo da presença na escola, desde que, comprovadamente, não seja imputável ao aluno ou seja, justificadamente, considerado atendível pelo Diretor de turma ou pelo professor titular.</p>	<p>2 — Decorrendo as aulas em tempos consecutivos, há tantas faltas quantos os tempos de ausência do aluno.</p> <p>3 — As faltas são registadas pelo professor ou pelo Diretor de turma em suportes administrativos adequados</p>	<p>2 - Decorrendo as aulas em tempos consecutivos, há tantas faltas quantos os tempos de ausência do aluno.</p> <p>3 - As faltas são registadas pelo professor titular de turma ou pelo diretor de turma em suportes administrativos adequados.</p> <p>Artigo -----</p> <p>18.º-A</p> <p>Natureza das faltas</p> <p>1 - São previstas no presente Estatuto as faltas justificadas e injustificadas, bem como os seus efeitos.</p> <p>2 - As faltas resultantes da aplicação da ordem de saída da sala de aula, ou de medidas disciplinares sancionatórias, consideram-se faltas injustificadas.</p> <p>3 - O regulamento interno da escola pode qualificar como falta a comparência do aluno às atividades escolares, sem se fazer acompanhar do material necessário.</p> <p>4 - Para os efeitos do número anterior, o regulamento interno da escola deve prever os efeitos, a graduação e o procedimento tendente à respetiva justificação</p>	<p>nos termos estabelecidos no presente Estatuto.</p> <p>2 - Decorrendo as aulas em tempos consecutivos, há tantas faltas quantos os tempos de ausência do aluno.</p> <p>3 - As faltas são registadas pelo professor titular de turma, pelo professor responsável pela aula ou atividade ou pelo diretor de turma em suportes administrativos adequados.</p> <p>4 - As faltas resultantes da aplicação da ordem de saída da sala de aula, ou de medidas disciplinares sancionatórias, consideram-se faltas injustificadas.</p> <p>5 - Sem prejuízo do disposto no n.º 4 do artigo anterior, o regulamento interno da escola define o processo de justificação das faltas de pontualidade do aluno e ou resultantes da sua comparência sem o material didático e ou outro equipamento indispensáveis, bem como os termos em que essas faltas, quando injustificadas, são equiparadas a faltas de presença, para os efeitos previstos no presente Estatuto.</p> <p>6 - Compete ao diretor garantir os suportes administrativos adequados ao registo de faltas dos alunos e respetiva atualização, de modo que</p>
---	---	---	---

			<p>este possa ser, em permanência, utilizado para finalidades pedagógicas e administrativas.</p> <p>7 - A participação em visitas de estudo previstas no plano de atividades da escola não é considerada falta relativamente às disciplinas ou áreas disciplinares envolvidas, considerando-se dadas as aulas das referidas disciplinas previstas para o dia em causa no horário da turma.</p>
--	--	--	--

Artigo 20º Faltas injustificadas	Artigo 20º Faltas injustificadas	Artigo 20.º Faltas Injustificadas	Artigo 17.º Faltas injustificadas
<p>As faltas são injustificadas quando para elas não tenha sido apresentada justificação, quando a justificação apresentada o tenha sido fora do prazo ou não tenha sido aceite,</p> <p>ou quando a marcação tenha decorrido da ordem de saída da sala de aula.</p>	<p>Revogado</p>	<p>1 - As faltas são injustificadas quando:</p> <p>a) Não tenha sido apresentada justificação, nos termos do n.º 1 do artigo 19.º;</p> <p>b) A justificação tenha sido apresentada fora do prazo</p> <p>c) A justificação não tenha sido aceite;</p>	<p>1 - As faltas são injustificadas quando:</p> <p>a) Não tenha sido apresentada justificação, nos termos do artigo anterior;</p> <p>b) A justificação tenha sido apresentada fora do prazo;</p> <p>c) A justificação não tenha sido aceite;</p>
		<p>d) A marcação da falta resulte da aplicação da ordem de saída da sala de aula ou de medida disciplinar sancionatória.</p>	<p>d) A marcação da falta resulte da aplicação da ordem de saída da sala de aula ou de medida disciplinar sancionatória.</p>
		<p>2 - Na situação prevista na alínea c) do número anterior, a não aceitação da justificação apresentada deve ser devidamente fundamentada.</p> <p>3 - As faltas injustificadas são comunicadas aos pais ou encarregados de educação ou, quando maior de idade, ao aluno, pelo Diretor de turma ou pelo professor titular de turma, no prazo máximo de três dias úteis, pelo meio mais expedito.</p>	<p>2 - Na situação prevista na alínea c) do número anterior, a não-aceitação da justificação apresentada deve ser fundamentada de forma sintética.</p> <p>3 - As faltas injustificadas são comunicadas aos pais ou encarregados de educação, ou ao aluno maior de idade, pelo diretor de turma ou pelo professor titular de turma, no prazo máximo de três dias úteis, pelo meio mais expedito.</p>

Artigo 21° Limite de faltas injustificadas	Artigo 21° Excesso grave de faltas	Artigo 21.º Excesso grave de faltas	Artigo 18.º Excesso grave de faltas
<p>1 — As faltas injustificadas não podem exceder, em cada ano letivo, o dobro do número de dias do horário semanal, no 1.º ciclo do ensino básico, ou o triplo do número de tempos letivos semanais, por disciplina, nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, no ensino secundário e no ensino recorrente.</p> <p>2 — Quando for atingida metade do limite de faltas injustificadas, os pais e encarregados de educação ou, quando maior de idade, o aluno são convocados, pelo Diretor de turma ou pelo professor titular com o objetivo de se alertar para as consequências da situação e de se encontrar uma solução que permita garantir o cumprimento efetivo do dever de frequência</p>	<p>1 — Quando for atingido o número de faltas correspondente a duas semanas no 1.º ciclo do ensino básico, ou ao dobro do número de tempos letivos semanais, por disciplina, nos outros ciclos ou níveis de ensino, os pais ou o encarregado de educação ou, quando maior de idade, o aluno, são convocados à escola, pelo meio mais expedito, pelo Diretor de turma ou pelo professor titular de turma, com o objetivo de os alertar para as consequências do excesso grave de faltas e de se encontrar uma solução que permita garantir o cumprimento efetivo do dever de frequência, bem como o necessário aproveitamento escolar.</p>	<p>1 - No 1.º ciclo do ensino básico o aluno não pode dar mais de 10 faltas injustificadas.</p> <p>2 - Nos restantes ciclos ou níveis de ensino, as faltas injustificadas não podem exceder o dobro do número de tempos letivos semanais, por disciplina.3</p> <p>- Quando for atingido metade do limite de faltas injustificadas, os pais ou encarregados de educação ou, quando maior de idade, o aluno, são convocados, pelo diretor de turma ou pelo professor titular de turma.</p> <p>4 - A notificação referida no número anterior deve alertar para as consequências da violação do limite de faltas injustificadas e procurar encontrar uma solução que permita garantir o</p>	<p>1 - Em cada ano letivo as faltas injustificadas não podem exceder:</p> <p>a) 10 dias, seguidos ou interpolados, no 1.º ciclo do ensino básico;</p> <p>b) O dobro do número de tempos letivos semanais por disciplina nos restantes ciclos ou níveis de ensino, sem prejuízo do disposto no número seguinte.</p> <p>2 - Nas ofertas formativas profissionalmente qualificantes, designadamente nos cursos profissionais, ou noutras ofertas formativas que exigem níveis mínimos de cumprimento da respetiva carga horária, o aluno encontra-se na situação de excesso de faltas quando ultrapassa os limites de faltas justificadas e ou injustificadas daí decorrentes, relativamente a cada disciplina, módulo, unidade ou área de formação, nos termos previstos na regulamentação própria ou definidos, no quadro daquela, no regulamento interno da escola.</p> <p>3 - Quando for atingido metade dos limites de faltas previstos nos números anteriores, os pais ou o encarregado de educação ou o aluno maior de idade são convocados à escola, pelo meio mais expedito, pelo diretor de turma ou pelo professor que desempenhe funções equiparadas ou pelo professor titular de turma.</p> <p>4 - A notificação referida no número anterior tem como objetivo alertar para as/ consequências da violação do limite de faltas e procurar encontrar uma solução que permita</p>

		cumprimento efetivo do dever de assiduidade.	garantir o cumprimento efetivo do dever de assiduidade.
	2 — Caso se revele impraticável o referido no número anterior, por motivos não imputáveis à escola, a respetiva Comissão de Proteção de Crianças e Jovens deverá ser informada do excesso de faltas do aluno, sempre que a gravidade especial da situação o justifique.	5 - Caso se revele impraticável o referido no número anterior, por motivos não imputáveis à escola, e sempre que a gravidade especial da situação o justifique, a respetiva comissão de proteção de crianças e jovens deve ser informada do excesso de faltas do aluno, assim como dos procedimentos e diligências até então adotados pela escola, procurando em conjunto soluções para ultrapassar a sua falta de assiduidade. 6 - Para efeitos do disposto nos n.ºs 1 e 2, são também contabilizadas como faltas injustificadas as decorrentes da aplicação da medida corretiva de ordem de saída da sala de aula, nos termos do n.º 5 do artigo 26.º, bem como as ausências decorrentes da aplicação da medida disciplinar sancionatória de suspensão prevista na alínea c) do n.º 2 do artigo 27.º.	5 - Caso se revele impraticável o referido nos números anteriores, por motivos não imputáveis à escola, e sempre que a gravidade especial da situação o justifique, a respetiva comissão de proteção de crianças e jovens em risco deve ser informada do excesso de faltas do aluno menor de idade, assim como dos procedimentos e diligências até então adotados pela escola e pelos encarregados de educação, procurando em conjunto soluções para ultrapassar a sua falta de assiduidade.

Artigo 22º Efeitos da ultrapassagem do limite de faltas injustificadas	Artigo 22º Efeitos das faltas	Artigo 22.º Efeitos da ultrapassagem do limite de faltas injustificadas	Artigo 19.º Efeitos da ultrapassagem dos limites de faltas Artigo 20.º Medidas de recuperação e de integração
Ultrapassado o limite de faltas injustificadas, o aluno fica numa das seguintes situações:	1 — Verificada a existência de faltas dos alunos, a escola pode promover a aplicação da medida ou medidas corretivas previstas no artigo 26.º que se mostrem adequadas, considerando igualmente o que estiver contemplado no regulamento interno. 2 — Sempre que um aluno, independentemente	1 - Para os alunos que frequentam o 1.º ciclo do ensino básico, a violação do limite de faltas injustificadas previsto no n.º 1 do artigo anterior obriga ao cumprimento de um plano individual de trabalho que incidirá sobre todo o programa curricular do nível que frequenta e que permita recuperar o atraso das aprendizagens.	1 - A ultrapassagem dos limites de faltas injustificadas previstos no n.º 1 do artigo anterior constitui uma violação dos deveres de frequência e assiduidade e obriga o aluno faltoso ao cumprimento de medidas de recuperação e ou corretivas específicas , de acordo com o estabelecido nos artigos seguintes,

	<p>da natureza das faltas, atinja um número total de faltas correspondente a três semanas no 1.º ciclo do ensino básico, ou ao triplo de tempos letivos semanais, por disciplina, nos 2.º e 3.º ciclos no ensino básico, no ensino secundário e no ensino recorrente, ou, tratando-se, exclusivamente, de faltas injustificadas, duas semanas no 1.º ciclo do ensino básico ou o dobro de tempos letivos semanais, por disciplina, nos restantes ciclos e níveis de ensino, deve realizar, logo que avaliados os efeitos da aplicação das medidas corretivas referidas no número anterior, uma prova de recuperação, na disciplina ou disciplinas em que ultrapassou aquele limite, competindo ao conselho pedagógico fixar os termos dessa realização.</p> <p>3 — Quando o aluno <u>não obtém aprovação</u> na prova referida no número anterior, o conselho de turma pondera a justificação ou injustificação das faltas dadas, o período letivo e o momento em que a realização da prova ocorreu e, sendo o caso, os resultados obtidos nas restantes disciplinas, podendo determinar.</p> <p>a) O cumprimento de um plano de acompanhamento especial e a consequente realização de uma nova prova;</p>	<p>2 - Para os alunos que frequentam o 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e o ensino secundário, a violação do limite de faltas injustificadas previsto no n.º 2 do artigo anterior obriga ao cumprimento de um plano individual de trabalho, que incidirá sobre a disciplina ou disciplinas em que ultrapassou o referido limite de faltas e que permita recuperar o atraso das aprendizagens.</p> <p>3 - O recurso ao plano individual de trabalho previsto nos números anteriores apenas pode ocorrer uma única vez no decurso de cada ano letivo.</p> <p>4 - O cumprimento do plano individual de trabalho por parte do aluno realiza-se em período suplementar ao horário letivo, competindo ao conselho pedagógico definir os termos da sua realização;</p> <p>5 - O previsto no número anterior não isenta o aluno da obrigação de cumprir o horário letivo da turma em que se encontra inserido.</p> <p>6 - O plano individual de trabalho deve ser objeto de avaliação, nos termos a definir pelo conselho pedagógico da escola ou agrupamento de escolas.</p> <p>7 - Sempre que cesse o incumprimento do dever de assiduidade por parte do aluno, o conselho de turma de avaliação do final do ano letivo pronunciar-se-á, em definitivo, sobre o efeito da ultrapassagem do limite de faltas injustificadas verificado.</p> <p>8 - Após o estabelecimento do plano individual de</p>	<p>podendo ainda conduzir à aplicação de medidas disciplinares sancionatórias, nos termos do presente Estatuto.</p> <p>2 - A ultrapassagem dos limites de faltas previstos nas ofertas formativas a que se refere o n.º 2 do artigo anterior constitui uma violação dos deveres de frequência e assiduidade e tem para o aluno as consequências estabelecidas na regulamentação específica da oferta formativa em causa e ou no regulamento interno da escola, sem prejuízo de outras medidas expressamente previstas no presente Estatuto para as referidas modalidades formativas.</p> <p>3 - O previsto nos números anteriores não exclui a responsabilização dos pais ou encarregados de educação do aluno, designadamente, nos termos dos artigos 44.º e 45.º do presente Estatuto.</p> <p>4 - Todas as situações, atividades, medidas ou suas consequências previstas no presente artigo são obrigatoriamente comunicadas, pelo meio mais expedito, aos pais ou ao encarregado de educação ou ao aluno, quando maior de idade, ao diretor de turma e ao professor tutor do aluno, sempre que designado, e registadas no processo individual do aluno.</p>
--	---	---	---

<p>a) Retenção, que consiste na manutenção do aluno abrangido pela escolaridade obrigatória, no ano letivo seguinte, no mesmo ano de escolaridade que frequenta, salvo decisão em contrário do conselho pedagógico, precedendo parecer do conselho de turma;</p> <p>b) Exclusão, que consiste na impossibilidade de o aluno não abrangido pela escolaridade obrigatória continuar a frequentar o ensino até final do ano letivo em curso.</p>	<p>b) A retenção do aluno inserido no âmbito da escolaridade obrigatória ou a frequentar o ensino básico, a qual consiste na sua manutenção, no ano letivo seguinte, no mesmo ano de escolaridade que frequenta;</p> <p>c) A exclusão do aluno que se encontre fora da escolaridade obrigatória, a qual consiste na impossibilidade de esse aluno frequentar, até ao final do ano letivo em curso, a disciplina ou disciplinas em relação às quais não obteve aprovação na referida prova.</p> <p>4 — Com a <u>aprovação do aluno</u> na prova prevista no n.º 2 ou naquela a que se refere a alínea a) do n.º 3, o mesmo retoma o seu percurso escolar normal, sem prejuízo do que vier a ser decidido pela escola, em termos estritamente administrativos, relativamente ao número de faltas consideradas injustificadas.</p> <p>5 — A <u>não comparência</u> do aluno à realização da prova de recuperação prevista no n.º 2 ou àquela que se refere a sua alínea a) do n.º 3, quando não justificada através da forma prevista do n.º 4 do artigo 19.º, determina a sua retenção ou exclusão, nos termos e para os efeitos constantes nas alíneas b) ou c) do n.º 3.</p>	<p>trabalho, a manutenção da situação do incumprimento do dever de assiduidade, por parte do aluno, determina que o diretor da escola, na iminência de abandono escolar, possa propor a frequência de um percurso curricular alternativo no interior da escola ou agrupamento de escolas.</p> <p>9 - O incumprimento reiterado do dever de assiduidade determina a retenção no ano de escolaridade que o aluno frequenta.</p>	<p>5 - A ultrapassagem do limite de faltas estabelecido no regulamento interno da escola relativamente às atividades de apoio ou complementares de inscrição ou de frequência facultativa implica a imediata exclusão do aluno das atividades em causa.</p> <p><u>Artigo 20.º</u></p> <p><u>Medidas de recuperação e de integração</u></p> <p>1 - Para os alunos menores de 16 anos, independentemente da modalidade de ensino frequentada, a violação dos limites de faltas previstos no artigo 18.º pode obrigar ao cumprimento de atividades, a definir pela</p>
---	--	--	--

			<p>escola, que permitam recuperar atrasos na aprendizagem e ou a integração escolar e comunitária do aluno e pelas quais os alunos e os seus encarregados de educação são corresponsáveis.</p> <p>2 - O disposto no número anterior é aplicado em função da idade, da regulamentação específica do percurso formativo e da situação concreta do aluno.</p> <p>3 - As atividades de recuperação da aprendizagem, quando a elas houver lugar, são decididas pelo professor titular da turma ou pelos professores das disciplinas em que foi ultrapassado o limite de faltas, de acordo com as regras aprovadas pelo conselho pedagógico e previstas no regulamento interno da escola, as quais privilegiarão a simplicidade e a eficácia.</p> <p>4 - As medidas corretivas a que se refere o presente artigo são definidas nos termos dos artigos 26.º e 27.º, com as especificidades previstas nos números seguintes.</p> <p>5 - As atividades de recuperação de atrasos na aprendizagem, que podem revestir forma oral, bem como as medidas corretivas previstas no presente artigo ocorrem após a verificação do excesso de faltas e apenas podem ser aplicadas uma única vez no decurso de cada ano letivo.</p> <p>6 - O disposto no número anterior é aplicado independentemente do ano de escolaridade ou do número de disciplinas em que se verifique a</p>
--	--	--	--

		<p>ultrapassagem do limite de faltas, cabendo à escola definir no seu regulamento interno o momento em que as atividades de recuperação são realizadas, bem como as matérias a trabalhar nas mesmas, as quais se confinarão às tratadas nas aulas cuja ausência originou a situação de excesso de faltas.</p> <p>7 - Sempre que cesse o incumprimento do dever de assiduidade por parte do aluno, são desconsideradas as faltas em excesso.</p> <p>8 - Cessa o dever de cumprimento das atividades e medidas a que se refere o presente artigo, com as consequências daí decorrentes para o aluno, de acordo com a sua concreta situação, sempre que para o cômputo do número e limites de faltas nele previstos tenham sido determinantes as faltas registadas na sequência da aplicação de medida corretiva de ordem de saída da sala de aula ou disciplinar sancionatória de suspensão.</p> <p>9 - Ao cumprimento das atividades de recuperação por parte do aluno é aplicável, com as necessárias adaptações e em tudo o que não contrarie o estabelecido nos números anteriores, o previsto no n.º 2 do artigo 27.º, competindo ao conselho pedagógico definir, de forma genérica e simplificada e dando especial relevância e prioridade à respetiva eficácia, as regras a que deve obedecer a sua realização e avaliação.</p> <p>10- Tratando-se de aluno</p>
--	--	--

		<p>de idade igual ou superior a 16 anos, a violação dos limites de faltas previstos no artigo 18.º pode dar também lugar à aplicação das medidas previstas no regulamento interno que se revelem adequadas, tendo em vista os objetivos formativos, preventivos e integradores a alcançar, em função da idade, do percurso formativo e sua regulamentação específica e da situação concreta do aluno.</p> <p>11- O disposto nos n.ºs 3 a 9 é também aplicável aos alunos maiores de 16 anos, com as necessárias adaptações, quando a matéria não se encontre prevista em sede de regulamento interno. Artigo 21.º</p> <p>Incumprimento ou ineficácia das medidas</p> <p>1 - O incumprimento das medidas previstas no número anterior e a sua ineficácia ou impossibilidade de atuação determinam, tratando-se de aluno menor, a comunicação obrigatória do facto à respetiva comissão de proteção de crianças e jovens, na falta desta, ao Ministério Público junto do tribunal de família e menores territorialmente competente, de forma a procurar encontrar, com a colaboração da escola e, sempre que possível, com a autorização e corresponsabilização dos pais ou encarregados de educação, uma solução adequada ao processo formativo do aluno e à sua inserção social e socioprofissional, considerando, de imediato, a possibilidade de</p>
--	--	---

		<p>encaminhamento do aluno para diferente percurso formativo.</p> <p>2 - A opção a que se refere o número anterior tem por base as medidas definidas na lei sobre o cumprimento da escolaridade obrigatória, podendo, na iminência de abandono escolar, ser aplicada a todo o tempo, sem necessidade de aguardar pelo final do ano escolar.</p> <p>3 - Tratando-se de aluno com idade superior a 12 anos que já frequentou, no ano letivo anterior, o mesmo ano de escolaridade, poderá haver lugar, até final do ano letivo em causa e por decisão do diretor da escola, à prorrogação da medida corretiva aplicada nos termos do artigo anterior.</p> <p>4 - Quando a medida a que se referem os n.ºs 1 e 2 não for possível ou o aluno for encaminhado para oferta formativa diferente da que frequenta e o encaminhamento ocorra após 31 de janeiro, o não cumprimento das atividades e ou medidas previstas no artigo anterior ou a sua ineficácia por causa não imputável à escola determinam ainda, logo que determinado pelo professor titular ou pelo conselho de turma:</p> <p>a) (...)</p> <p>b) Para os restantes alunos, a retenção no ano de escolaridade em curso, no caso de frequentarem o ensino básico, ou a exclusão na disciplina ou disciplinas em que se verifique o excesso de faltas, tratando-se de</p>
--	--	---

		<p>alunos do ensino secundário, sem prejuízo da obrigação de frequência da escola até final do ano letivo e até perfazerem os 18 anos de idade, ou até ao encaminhamento para o novo percurso formativo, se ocorrer antes.</p> <p>5 - Nas ofertas formativas profissionalmente qualificantes, designadamente nos cursos profissionais ou noutras ofertas formativas que exigem níveis mínimos de cumprimento da respetiva carga horária, o incumprimento ou a ineficácia das medidas previstas no artigo 20.º implica, independentemente da idade do aluno, a exclusão dos módulos ou unidades de formação das disciplinas ou componentes de formação em curso no momento em que se verifica o excesso de faltas, com as consequências previstas na regulamentação específica e definidas no regulamento interno da escola.</p> <p>6 - As atividades a desenvolver pelo aluno decorrentes do dever de frequência estabelecido na alínea b) do n.º 4, no horário da turma ou das disciplinas de que foi retido ou excluído são definidas no regulamento interno da escola.</p> <p>7 - O incumprimento ou a ineficácia das medidas e atividades referidas no presente artigo implica também restrições à realização de provas de equivalência à frequência ou de exames, sempre que tal se encontre previsto em</p>
--	--	--

			<p>regulamentação específica de qualquer modalidade de ensino ou oferta formativa.</p> <p>8 - O incumprimento reiterado do dever de assiduidade e ou das atividades a que se refere o número anterior pode dar ainda lugar à aplicação de medidas disciplinares sancionatórias previstas no presente Estatuto.</p>
--	--	--	---

Artigo 23º Qualificação de infração disciplinar	Artigo 23º Qualificação da infração	Artigo 23.º Qualificação da infração Artigo 23.º-A Participação de ocorrência	Artigo 22.º Qualificação de infração Artigo 23.º Participação de ocorrência
<p>A violação pelo aluno de algum dos deveres previstos no artigo 15º ou no regulamento interno da escola, em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infração disciplinar, a qual pode levar, mediante processo disciplinar, à aplicação de medida disciplinar.</p>	<p>A violação pelo aluno de algum dos deveres previstos no artigo 15.º ou no regulamento interno da escola, em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infração, passível da aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes.</p>	<p>A violação pelo aluno de algum dos deveres previstos no artigo 15.º ou no regulamento interno da escola, em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infração, passível da aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes.</p>	<p>1 - A violação pelo aluno de algum dos deveres previstos no artigo 10.º ou no regulamento interno da escola, de forma reiterada e ou em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infração disciplinar passível da aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, nos termos dos artigos seguintes.</p> <p>2 - A definição, bem como a competência e os procedimentos para a aplicação das medidas disciplinares corretivas e sancionatórias estão previstos, respetivamente, nos artigos 26.º e 27.º e nos artigos 28.º a 33.º</p> <p>3 - A aplicação das medidas disciplinares sancionatórias previstas nas alíneas c), d) e e) do n.º 2 do artigo 28.º depende da instauração de procedimento disciplinar, nos termos estabelecidos nos artigos 28.º, 30.º e 31.º</p>

		<p>Artigo 23.º-A</p> <p>Participação de ocorrência</p> <p>1 - O professor ou membro do pessoal não docente que presencie ou tenha conhecimento de comportamentos suscetíveis de constituir infração disciplinar nos termos do artigo anterior deve participá-los imediatamente ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.</p> <p>2 - O aluno que presencie comportamentos referidos no número anterior deve comunicá-los imediatamente ao professor titular de turma ou ao diretor de turma, o qual, no caso de os considerar graves ou muito graves, os participa, no prazo de um dia útil, ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.</p>	<p>Artigo 23.º</p> <p>Participação de ocorrência</p> <p>1 - O professor ou membro do pessoal não docente que presencie ou tenha conhecimento de comportamentos suscetíveis de constituir infração disciplinar deve participá-los imediatamente ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.</p> <p>2 - O aluno que presencie comportamentos suscetíveis de constituir infração disciplinar deve comunicá-los imediatamente ao professor titular de turma, ao diretor de turma ou equivalente, o qual, no caso de os considerar graves ou muito graves, os participa, no prazo de um dia útil, ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.</p>
--	--	---	---

Artigo 24º Finalidades das medidas disciplinares	Artigo 24º Finalidades das medidas corretivas e das disciplinares sancionatórias	Artigo 24.º Finalidades das medidas corretivas e das disciplinares sancionatórias	Artigo 24.º Finalidades das medidas disciplinares
1 — Todas as medidas disciplinares prosseguem finalidades pedagógicas e preventivas, visando, de forma sustentada, a preservação da autoridade dos professores e, de acordo com as suas funções, dos demais funcionários, o normal prosseguimento das atividades da escola, a correção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros,	1 — Todas as medidas corretivas e medidas disciplinares sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, a preservação do reconhecimento da autoridade e segurança dos professores no exercício sua atividade profissional e, de acordo com as suas funções, dos demais funcionários, visando ainda o normal prosseguimento das atividades da escola, a correção do comportamento	1 - Todas as medidas corretivas e medidas disciplinares sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos professores no exercício da sua atividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa.	1 - Todas as medidas disciplinares corretivas e sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos professores no exercício da sua atividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa.
		2 - As medidas corretivas e as medidas disciplinares	2 - As medidas corretivas e disciplinares sancionatórias visam ainda

<p>da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.</p> <p>2 — Algumas medidas disciplinares prosseguem igualmente, para além das identificadas no número anterior, finalidades sancionatórias.</p> <p>3 — Nenhuma medida disciplinar pode, por qualquer forma, ofender a integridade física, psíquica e moral do aluno nem revestir natureza pecuniária.</p> <p>4 — As medidas disciplinares devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito, tanto quanto possível, do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do Projeto educativo da escola.</p>	<p>perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.</p> <p>2 — As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e gravidade da infração praticada, prosseguem igualmente, para além das identificadas no número anterior, finalidades punitivas.</p> <p>3 — As medidas corretivas e medidas disciplinares sancionatórias, devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito, tanto quanto possível, do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do Projeto educativo da escola, e nos termos do respetivo regulamento interno.</p> <p>4 — <i>Revogado</i></p>	<p>sancionatórias visam ainda garantir o normal prosseguimento das atividades da escola, a correção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.</p> <p>3 - As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e a gravidade da infração praticada, prosseguem igualmente, para além das identificadas no número anterior, finalidades punitivas.</p> <p>4 - As medidas corretivas e as medidas disciplinares sancionatórias devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projeto educativo da escola, nos termos do respetivo regulamento interno.</p>	<p>garantir o normal prosseguimento das atividades da escola, a correção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e da sua aprendizagem.</p> <p>3 - As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e a gravidade da infração praticada, prosseguem igualmente finalidades punitivas.</p> <p>4 - As medidas corretivas e as medidas disciplinares sancionatórias devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projeto educativo da escola, nos termos do respetivo regulamento interno.</p>
---	---	--	---

Artigo 25º Determinação da medida disciplinar		Artigo 25.º Determinação da medida disciplinar	
<p>1 — Na determinação da medida disciplinar a aplicar deve ter-se em consideração a gravidade do incumprimento do dever, as circunstâncias, atenuantes e agravantes, em que esse incumprimento se verificou, o grau de culpa do aluno, a sua maturidade e demais condições pessoais, familiares e sociais.</p> <p>2 — São circunstâncias atenuantes da responsabilidade disciplinar do aluno o seu bom comportamento anterior e o seu reconhecimento, com arrependimento, da natureza ilícita da sua conduta.</p> <p>3 — São circunstâncias agravantes da responsabilidade do aluno a premeditação, o conluio, bem como a acumulação de infrações disciplinares e a reincidência nelas, em especial se no decurso do mesmo ano letivo</p>	<p>1 — Na determinação da medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória aplicável deve ser tido em consideração, a gravidade do incumprimento do dever violado, a idade do aluno, o grau de culpa, o seu aproveitamento escolar anterior, o meio familiar e social em que o mesmo se insere, os seus antecedentes disciplinares e todas as demais circunstâncias em que a infração foi praticada que militem contra ou a seu favor.</p> <p>2 — <i>Revogado</i></p> <p>3 — <i>Revogado</i></p>	<p>1 - Na determinação da medida disciplinar corretiva ou sancionatória a aplicar, deve ter-se em consideração a gravidade do incumprimento do dever, as circunstâncias, atenuantes e agravantes apuradas, em que esse incumprimento se verificou, o grau de culpa do aluno, a sua maturidade e demais condições pessoais, familiares e sociais.</p> <p>2 - São circunstâncias atenuantes da responsabilidade disciplinar do aluno o seu bom comportamento anterior, o seu aproveitamento escolar e o seu reconhecimento, com arrependimento, da natureza ilícita da sua conduta.</p> <p>3 - São circunstâncias agravantes da responsabilidade do aluno a premeditação, o conluio, bem como a acumulação de infrações disciplinares e a reincidência, em especial se no decurso do mesmo ano letivo.</p>	<p>1 - Na determinação da medida disciplinar corretiva ou sancionatória a aplicar deve ter-se em consideração a gravidade do incumprimento do dever, as circunstâncias atenuantes e agravantes apuradas em que esse incumprimento se verificou, o grau de culpa do aluno, a sua maturidade e demais condições pessoais, familiares e sociais.</p> <p>2 - São circunstâncias atenuantes da responsabilidade disciplinar do aluno o seu bom comportamento anterior, o seu aproveitamento escolar e o seu reconhecimento com arrependimento da natureza ilícita da sua conduta.</p> <p>3 - São circunstâncias agravantes da responsabilidade do aluno a premeditação, o conluio, a gravidade do dano provocado a terceiros e a acumulação de infrações disciplinares e a reincidência nelas, em especial se no decurso do mesmo ano letivo.</p>

Artigo 26º Medidas disciplinares preventivas e de integração	Artigo 26º Medidas corretivas	Artigo 26.º Medidas corretivas	Artigo 26.º Medidas disciplinares corretivas Artigo 27.º Atividades de integração na escola ou na comunidade
<p>1 — As medidas disciplinares preventivas e de integração prosseguem os objetivos referidos no n.º 1 do artigo 24º</p>	<p>1 — As medidas corretivas prosseguem os objetivos referidos no n.º 1 do artigo 24.º, assumindo uma natureza eminentemente cautelar.</p>	<p>1 - As medidas corretivas prosseguem finalidades pedagógicas, dissuasoras e de integração, nos termos do n.º 1 do artigo 24.º, assumindo uma natureza eminentemente preventiva.</p>	<p>1 - As medidas corretivas prosseguem finalidades pedagógicas, dissuasoras e de integração, nos termos do n.º 1 do artigo 24.º, assumindo uma natureza eminentemente preventiva.</p>

<p>2 — São medidas disciplinares preventivas e de integração:</p>	<p>2 — São medidas corretivas, sem prejuízo de outras que, obedecendo ao disposto no número anterior, venham a estar contempladas no regulamento interno da escola:</p>	<p>2 - São medidas corretivas, sem prejuízo de outras que, obedecendo ao disposto no número anterior, venham a estar contempladas no regulamento interno da escola:</p>	<p>2 - São medidas corretivas, sem prejuízo de outras que, obedecendo ao disposto no número anterior, venham a estar contempladas no regulamento interno da escola:</p>
<p>a) A advertência; [Artigo 29º Advertência A advertência consiste numa chamada verbal de atenção ao aluno, perante um seu comportamento perturbador do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa passível de ser considerado infração disciplinar, alertando-o para a natureza ilícita desse comportamento, que, por isso, deve cessar e ser evitado de futuro.]</p> <p>b) A ordem de saída da sala de aula;</p>	<p>a) <i>Revogada</i></p> <p>b) A ordem de saída da sala de aula, e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar;</p>	<p>a) A advertência; [3 - A advertência consiste numa chamada verbal de atenção ao aluno, perante um comportamento perturbador do funcionamento normal das atividades escolares ou das relações entre os presentes no local onde elas decorrem, com vista a alertá-lo para que deve evitar tal tipo de conduta e a responsabilizá-lo pelo cumprimento dos seus deveres como aluno.]</p> <p>b) A ordem de saída da sala de aula, e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar;</p>	<p>a) A advertência; [3 - A advertência consiste numa chamada verbal de atenção ao aluno, perante um comportamento perturbador do funcionamento normal das atividades escolares ou das relações entre os presentes no local onde elas decorrem, com vista a alertá-lo para que deve evitar tal tipo de conduta e a responsabilizá-lo pelo cumprimento dos seus deveres como aluno.]</p> <p>b) A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar;</p>
<p>c) As atividades de integração na escola;</p>	<p>c) A realização de tarefas e atividades de integração escolar, podendo, para esse efeito, ser aumentado o período de permanência obrigatória, diária ou semanal, do aluno na escola;</p>	<p>c) A realização de tarefas e atividades de integração escolar, podendo, para esse efeito, ser aumentado o período de permanência obrigatória, diária ou semanal, do aluno na escola;</p>	<p>c) A realização de tarefas e atividades de integração na escola ou na comunidade, podendo para o efeito ser aumentado o período diário e ou semanal de permanência obrigatória do aluno na escola ou no local onde decorram as tarefas ou atividades, nos termos previstos no artigo seguinte;</p>
	<p>d) O condicionamento no acesso a certos espaços escolares, ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se</p>	<p>d) O condicionamento no acesso a certos espaços escolares, ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se</p>	<p>d) O condicionamento no acesso a certos espaços escolares ou na utilização de certos materiais e equipamentos, sem prejuízo dos que se</p>

	encontrem afetos a atividades letivas.	encontrem afetos a atividades letivas.	encontrem afetos a atividades letivas;
<u>d) A transferência de escola.</u>	e) A mudança de turma.	e) A mudança de turma.	e) A mudança de turma
	3 — Fora da sala de aula, qualquer professor ou funcionário não docente, tem competência para advertir o aluno, confrontando-o verbalmente com o comportamento perturbador do normal funcionamento das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, alertando-o de que deve evitar tal tipo de conduta.	4 - Na sala de aula, a repreensão é da exclusiva competência do professor, enquanto que, fora dela, qualquer professor ou membro do pessoal não docente tem competência para repreender o aluno.	4 - Na sala de aula a advertência é da exclusiva competência do professor, cabendo, fora dela, a qualquer professor ou membro do pessoal não docente.
Artigo 30º Ordem de saída da sala de aula 1 — A ordem de saída da sala de aula é uma medida cautelar, aplicável ao aluno que aí se comporte de modo que impeça o prosseguimento do processo de ensino e aprendizagem dos restantes alunos, destinada a prevenir esta situação. 2 — A ordem de saída da sala de aula implica a permanência do aluno na escola, se possível em sala de estudo ou desempenhando outras atividades formativas, a marcação de falta ao mesmo e a comunicação, para efeitos de adequação do seu plano de trabalho, ao Diretor de turma.	4 — A aplicação da medida corretiva da ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar, é da exclusiva competência do professor respetivo e implica a permanência do aluno na escola, competindo àquele, determinar, o período de tempo durante o qual o aluno deve permanecer fora da sala de aula, se a aplicação de tal medida corretiva acarreta ou não a marcação de falta ao aluno e quais as atividades, se for caso disso, que o aluno deve desenvolver no decurso desse período de tempo.	5 - A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar é da exclusiva competência do professor respetivo e implica a permanência do aluno na escola, competindo àquele determinar o período de tempo durante o qual o aluno deve permanecer fora da sala de aula, se a aplicação da medida corretiva acarreta ou não marcação de falta e, se for caso disso, quais as atividades que o aluno deve desenvolver no decurso desse período de tempo.	5 - A ordem de saída da sala de aula e demais locais onde se desenvolva o trabalho escolar é da exclusiva competência do professor respetivo e implica a marcação de falta injustificada ao aluno e a permanência do aluno na escola.
			6 - O regulamento interno da escola definirá o tipo de tarefas a executar pelo aluno, sempre que lhe seja aplicada a medida corretiva prevista no número anterior. 7 - A aplicação no decurso do mesmo ano letivo e ao mesmo aluno da medida corretiva de ordem de saída da sala de aula pela terceira vez, por parte do mesmo professor, ou pela quinta vez, independentemente do

			professor que a aplicou, implica a análise da situação em conselho de turma, tendo em vista a identificação das causas e a pertinência da proposta de aplicação de outras medidas disciplinares corretivas ou sancionatórias, nos termos do presente Estatuto.
	5 — A aplicação, e posterior execução, da medida corretiva prevista na alínea <i>d</i>) do n.º 2, não pode ultrapassar o período de tempo correspondente a um ano letivo.	6 - A aplicação das medidas corretivas previstas nas alíneas <i>c</i>), <i>d</i>) e <i>e</i>) do n.º 2 é da competência do diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada que, para o efeito, pode ouvir o diretor de turma ou o professor titular da turma a que o aluno pertença. 7 - A aplicação, e posterior execução, da medida corretiva prevista na alínea <i>d</i>) do n.º 2, não pode ultrapassar o período de tempo correspondente a um ano letivo.	8 - A aplicação das medidas corretivas previstas nas alíneas <i>c</i>), <i>d</i>) e <i>e</i>) do n.º 2 é da competência do diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada que, para o efeito, procede sempre à audição do diretor de turma ou do professor titular da turma a que o aluno pertença, bem como do professor tutor ou da equipa multidisciplinar, caso existam.
	6 — Compete à escola, no âmbito do regulamento interno, identificar as atividades, local e período de tempo durante o qual as mesmas ocorrem e, bem assim, definir as competências e procedimentos a observar, tendo em vista a aplicação e posterior execução, da medida corretiva prevista na alínea <i>c</i>) do n.º 2. 7 — Obedece igualmente ao disposto no número anterior, com as devidas adaptações, a aplicação e posterior execução das medidas corretivas, previstas nas alíneas <i>d</i>) e <i>e</i>) do n.º 2.	8 - Compete à escola, no âmbito do regulamento interno, identificar as atividades, local e período de tempo durante o qual as mesmas ocorrem e, bem assim, definir as competências e procedimentos a observar, tendo em vista a aplicação e posterior execução, da medida corretiva prevista na alínea <i>c</i>) do n.º 2. 9 - Obedece igualmente ao disposto no número anterior, com as devidas adaptações, a aplicação e posterior execução da medida corretiva prevista na alínea <i>d</i>) do n.º 2.	9 - Compete à escola, no âmbito do respetivo regulamento interno, identificar as atividades, local e período de tempo durante o qual as mesmas ocorrem e, bem assim, definir as competências e procedimentos a observar, tendo em vista a aplicação e posterior execução da medida corretiva prevista na alínea <i>c</i>) do n.º 2. 10 - O disposto no número anterior é aplicável, com as devidas adaptações, à aplicação e posterior execução da medida corretiva prevista na alínea <i>d</i>) do n.º 2, a qual não pode ultrapassar o período de tempo correspondente a um ano escolar.
	8 — A aplicação das medidas corretivas previstas nas alíneas <i>c</i>), <i>d</i>)	10 - A aplicação das medidas corretivas previstas no n.º 2 é	11 - A aplicação das medidas corretivas previstas no n.º 2 é

	e e) do n.º 2 é comunicada aos pais ou ao encarregado de educação, tratando-se de aluno menor de idade.	comunicada aos pais ou ao encarregado de educação, tratando-se de aluno menor de idade.	comunicada aos pais ou ao encarregado de educação, tratando-se de aluno menor de idade. Artigo
<p>Artigo 31º</p> <p>Atividades de integração na escola</p> <p>1 — A execução de atividades de integração na escola traduz-se no desempenho, pelo aluno que desenvolva comportamentos passíveis de serem qualificados como infração disciplinar grave, de um programa de tarefas de carácter pedagógico, que contribuam para o reforço da sua formação cívica, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.</p> <p>2 — As tarefas referidas no número anterior são executadas em horário não coincidente com as atividades letivas, mas nunca por prazo superior a quatro semanas.</p> <p>3 — As atividades de integração na escola devem, se necessário e sempre que possível, compreender a reparação do dano provocado pelo aluno.</p> <p>4 — As tarefas referidas no nº1 estão previstas no regulamento interno da escola, respeitando o disposto nos artigos 24º e 25º.</p> <p>5 — Na execução do programa de integração referido no nº1, à escola conta com a colaboração do centro de apoio social escolar, se requerido.</p>	Revogado		<p>27.º</p> <p>Atividades de integração na escola ou na comunidade</p> <p>1 - O cumprimento por parte do aluno da medida corretiva prevista na alínea c) do n.º 2 do artigo anterior obedece, ainda, ao disposto nos números seguintes.</p> <p>2 - O cumprimento das medidas corretivas realiza-se em período suplementar ao horário letivo, no espaço escolar ou fora dele, neste caso com acompanhamento dos pais ou encarregados de educação ou de entidade local ou localmente instalada idónea e que assuma coresponsabilizar-se, nos termos a definir em protocolo escrito celebrado nos termos previstos no regulamento interno da escola.</p> <p>3 - O cumprimento das medidas corretivas realiza-se sempre sob supervisão da escola, designadamente, através do diretor de turma, do professor tutor e ou da equipa de integração e apoio, quando existam.</p> <p>4 - O previsto no n.º 2 não isenta o aluno da obrigação de cumprir o horário letivo da turma em que se encontra inserido ou de permanecer na escola durante o mesmo.</p>

Artigo 27º Medidas disciplinares sancionatórias	Artigo 27º Medidas disciplinares sancionatórias	Artigo 27º Medidas disciplinares sancionatórias	Artigo 28.º Medidas disciplinares sancionatórias
<p>1 — As medidas disciplinares sancionatórias prosseguem os objetivos referidos no nº 2 do artigo 24º</p>	<p>1 — As medidas disciplinares sancionatórias traduzem uma censura disciplinar do comportamento assumido pelo aluno, devendo a ocorrência dos factos em que tal comportamento se traduz, ser participada, pelo professor ou funcionário que a presenciou ou dela teve conhecimento, de imediato, ao respetivo Diretor de turma, para efeitos da posterior comunicação ao presidente do conselho executivo ou ao Diretor da escola.</p>	<p>1 - As medidas disciplinares sancionatórias traduzem uma sanção disciplinar imputada ao comportamento do aluno, devendo a ocorrência dos factos suscetíveis de a configurarem ser participada de imediato, pelo professor ou funcionário que a presenciou, ou dela teve conhecimento, à direção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada com conhecimento ao diretor de turma</p>	<p>1 - As medidas disciplinares sancionatórias traduzem uma sanção disciplinar imputada ao comportamento do aluno, devendo a ocorrência dos factos suscetíveis de a configurar ser participada de imediato pelo professor ou funcionário que a presenciou ou dela teve conhecimento à direção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada com conhecimento ao diretor de turma e ao professor tutor ou à equipa de integração e apoios ao aluno, caso existam.</p>
<p>2 — São medidas disciplinares sancionatórias:</p> <p>a) A repreensão;</p> <p>b) A repreensão registada;</p> <p>c) A suspensão da escola até cinco dias úteis;</p> <p>d) A suspensão da escola de 6 a 10 dias úteis;</p> <p>[Artigo 26º d) A transferência de escola.]</p> <p>e) A expulsão da escola.</p>	<p>2 — São medidas disciplinares sancionatórias:</p> <p>a) <i>Revogada</i></p> <p>b) A repreensão registada;</p> <p>c) A suspensão da escola até 10 dias úteis;</p> <p>d) A transferência de escola;</p> <p>e) <i>Revogada</i></p>	<p>2 — São medidas disciplinares sancionatórias:</p> <p>a) (Revogada.)</p> <p>b) A repreensão registada;</p> <p>c) A suspensão por um dia;</p> <p>d) A suspensão da escola até 10 dias úteis;</p> <p>e) A transferência de escola;</p>	<p>2 - São medidas disciplinares sancionatórias:</p> <p>a) A repreensão registada;</p> <p>b) A suspensão até 3 dias úteis;</p> <p>c) A suspensão da escola entre 4 e 12 dias úteis;</p> <p>d) A transferência de escola;</p> <p>e) A expulsão da escola</p>
	<p>3 — A aplicação da medida disciplinar sancionatória de repreensão registada é da competência do professor respetivo, quando a infração for praticada na sala de aula, ou do presidente do conselho executivo ou do Diretor, nas restantes situações, averbando-se no respetivo processo individual do aluno, a identificação do autor do acto decisório, data em que o mesmo foi proferido e a fundamentação de facto e de direito que norteou tal</p>	<p>3- A aplicação da medida disciplinar sancionatória de repreensão registada, quando a infração for praticada na sala de aula, é da competência do professor respetivo, sendo do diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada nas restantes situações, averbando-se no respetivo processo individual do aluno a identificação do autor do ato decisório, a data em que o mesmo foi proferido e a fundamentação, de facto e de direito, que norteou tal decisão.</p>	<p>3 - A aplicação da medida disciplinar sancionatória de repreensão registada, quando a infração for praticada na sala de aula, é da competência do professor respetivo, competindo ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada nas restantes situações, averbando-se no respetivo processo individual do aluno a identificação do autor do ato decisório, data em que o mesmo foi</p>

	decisão.		proferido e fundamentação de facto e de direito de tal decisão.
		4 - Em casos excepcionais e enquanto medida dissuasora, a suspensão por um dia pode ser aplicada pelo diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, garantidos que estejam os direitos de audiência e defesa do visado e sempre fundamentada nos factos que a suportam;	4 - A suspensão até três dias úteis, enquanto medida dissuasora, é aplicada, com a devida fundamentação dos factos que a suportam, pelo diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, após o exercício dos direitos de audiência e defesa do visado.
	[5 — Compete ao presidente do conselho executivo ou ao Diretor da escola, ouvidos os pais ou o encarregado de educação do aluno, quando menor de idade, fixar os termos e condições em que a aplicação da medida disciplinar sancionatória referida no número anterior será executada, podendo igualmente, se assim o entender, e para aquele efeito, estabelecer eventuais parcerias ou celebrar protocolos ou acordos com entidades públicas ou privadas.]	[6 - Compete ao diretor da escola, ouvidos os pais ou o encarregado de educação do aluno, quando menor de idade, fixar os termos e condições em que a aplicação da medida disciplinar sancionatória referida no número anterior é executada, garantindo ao aluno um plano de atividades pedagógicas a realizar, corresponsabilizando-os pela sua execução e acompanhamento, podendo igualmente, se assim o entender, estabelecer eventuais parcerias ou celebrar protocolos ou acordos com entidades públicas ou privadas.]	5 - Compete ao diretor da escola, ouvidos os pais ou o encarregado de educação do aluno, quando menor de idade, fixar os termos e condições em que a aplicação da medida disciplinar sancionatória referida no número anterior é executada, garantindo ao aluno um plano de atividades pedagógicas a realizar, com corresponsabilização daqueles e podendo igualmente, se assim o entender, estabelecer eventuais parcerias ou celebrar protocolos ou acordos com entidades públicas ou privadas.
	4 — A decisão de aplicar a medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola até 10 dias úteis, é precedida da audição em auto do aluno visado, do qual constam, em termos concretos e precisos, os factos que lhe são imputados, os deveres por ele violados e a referência expressa, não só da possibilidade de se pronunciar relativamente àqueles factos, como da defesa elaborada, sendo competente para a sua aplicação o presidente do conselho executivo ou o	5 - A decisão de aplicar a medida disciplinar sancionatória de suspensão até 10 dias úteis é precedida da audição em processo disciplinar do aluno visado, do qual constam, em termos concretos e precisos, os factos que lhe são imputados, os deveres por ele violados e a referência expressa, não só da possibilidade de se pronunciar relativamente àqueles factos, como da defesa elaborada, sendo	6 - Compete ao diretor a decisão de aplicar a medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola entre 4 e 12 dias úteis, após a realização do procedimento disciplinar previsto no artigo 30.º, podendo previamente ouvir o conselho de turma, para o qual deve ser convocado o professor tutor, quando exista e não seja professor da turma.

	Diretor da escola, que pode, previamente, ouvir o conselho de turma.	competente para a sua aplicação o diretor da escola, que pode, previamente, ouvir o conselho de turma.	
	<p>6 — Na impossibilidade dos pais ou o encarregado de educação do aluno poderem participar na audição a realizar nos termos do número anterior, a associação de pais e encarregados de educação, caso exista, deve ser ouvida, preservando o dever de sigilo.</p> <p>7 — Os efeitos decorrentes das faltas dadas pelo aluno no decurso do período de aplicação da medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola até 10 dias úteis, no que respeita, nomeadamente, à sua assiduidade e avaliação, são determinados pela escola.</p>		<p>7 - O não cumprimento do plano de atividades pedagógicas a que se refere o número anterior, pode dar lugar à instauração de novo procedimento disciplinar, considerando-se a recusa circunstância agravante, nos termos do n.º 3 do artigo 25.º</p>
<p>Artigo 32º</p> <p>Transferência de escola</p> <p>1 — A transferência de escola é aplicável ao aluno, de idade não inferior a 10 anos, que desenvolva comportamentos passíveis de serem qualificados como infração disciplinar muito grave, notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino e aprendizagem dos restantes alunos da escola, e traduz-se numa medida cautelar destinada a prevenir esta situação e a proporcionar uma efetiva integração do aluno na nova escola, se necessário com recurso a apoios educativos específicos.</p> <p>2 — A medida disciplinar de transferência de escola só pode ser aplicada quando estiver assegurada a frequência de outro estabelecimento de ensino e, frequentando o aluno a escolaridade obrigatória, se esse outro estabelecimento de ensino</p>	<p>8 — A aplicação da medida disciplinar sancionatória da transferência de escola reporta-se à prática de factos notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino-aprendizagem dos restantes alunos da escola, ou do normal relacionamento com algum ou alguns dos membros da comunidade educativa.</p> <p>9 — A medida disciplinar sancionatória de transferência de escola apenas é aplicada a aluno de idade não inferior a 10 anos e quando estiver assegurada a frequência de outro estabelecimento e, frequentando o aluno a</p>	<p>7- A aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola compete ao diretor regional de educação respetivo, após a conclusão do procedimento disciplinar a que se refere o artigo 43.º, e reporta-se à prática de factos notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino-aprendizagem dos restantes alunos da escola, ou do normal relacionamento com algum ou alguns dos membros da comunidade educativa.</p> <p>- A medida disciplinar sancionatória de transferência de escola apenas é aplicável a aluno de idade igual ou superior a 10 anos e, frequentando o aluno a escolaridade obrigatória, desde que esteja assegurada a</p>	<p>8 - A aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola compete, com possibilidade de delegação, ao diretor-geral da Educação, precedendo a conclusão do procedimento disciplinar a que se refere o artigo 30.º, com fundamento na prática de factos notoriamente impeditivos do prosseguimento do processo de ensino dos restantes alunos da escola ou do normal relacionamento com algum ou alguns dos membros da comunidade educativa.</p> <p>9 - A medida disciplinar sancionatória de transferência de escola apenas é aplicada a aluno de idade igual ou superior a 10 anos e, frequentando o aluno a escolaridade obrigatória, desde que esteja assegurada a frequência de outro</p>

<p>estiver situado na mesma localidade ou na localidade mais próxima, servida de transporte público ou escolar</p>	<p>escolaridade obrigatória, se esse outro estabelecimento de ensino estiver situado na mesma localidade ou na localidade mais próxima, servida de transporte público ou escolar</p>	<p>frequência de outro estabelecimento de ensino situado na mesma localidade ou na localidade mais próxima servida de transporte público ou escolar.</p>	<p>estabelecimento situado na mesma localidade ou na localidade mais próxima, desde que servida de transporte público ou escolar.</p>
<p>Artigo 36º</p> <p>Expulsão da escola</p> <p>1 — A expulsão da escola consiste na proibição do acesso ao espaço escolar e na retenção do aluno, desde que não abrangido pela escolaridade obrigatória, no ano de escolaridade que frequenta quando a medida é aplicada, impedindo-o, salvo decisão judicial em contrário, de se matricular nesse ano letivo em qualquer outro estabelecimento de ensino público e não reconhecendo a administração educativa qualquer efeito da frequência, pelo mesmo período, de estabelecimento de ensino particular ou cooperativo.</p> <p>2 — A medida disciplinar de expulsão da escola só pode ocorrer perante um comportamento do aluno que perturbe gravemente o funcionamento normal das atividades da escola ou as relações no âmbito da comunidade educativa, constituindo de uma infração disciplinar muito grave, quando reconhecidamente se constata não haver outro modo de procurar responsabilizá-lo no sentido do cumprimento dos seus deveres como aluno.</p> <p>3 — O disposto nos números anteriores não impede o aluno de realizar exames nacionais ou de equivalência à frequência, na qualidade de candidato autoproposto, nos termos da legislação em vigor.</p> <p>4 — A medida disciplinar de expulsão da escola pode, nas situações</p>	<p>Revogado</p>		<p>10 - A aplicação da medida disciplinar de expulsão da escola compete, com possibilidade de delegação, ao diretor-geral da Educação precedendo conclusão do procedimento disciplinar a que se refere o artigo 30.º e consiste na retenção do aluno no ano de escolaridade que frequenta quando a medida é aplicada e na proibição de acesso ao espaço escolar até ao final daquele ano escolar e nos dois anos escolares imediatamente seguintes.</p> <p>11 - A medida disciplinar de expulsão da escola é aplicada ao aluno maior quando, de modo notório, se constata não haver outra medida ou modo de responsabilização no sentido do cumprimento dos seus deveres como aluno.</p>

<p>referidas no n.º 2 mas em que se verifique uma particular gravidade, ser aplicada a alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória, desde que esteja assegurada a transferência de escola, nos termos do artigo 32.º.</p>			
		<p>9 - Complementarmente às medidas previstas no n.º 2, compete ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada decidir sobre a reparação dos danos provocados pelo aluno no património escolar.</p>	<p>12- Complementarmente às medidas previstas no n.º 2, compete ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada decidir sobre a reparação dos danos ou a substituição dos bens lesados ou, quando aquelas não forem possíveis, sobre a indemnização dos prejuízos causados pelo aluno à escola ou a terceiros, podendo o valor da reparação calculado ser reduzido, na proporção a definir pelo diretor, tendo em conta o grau de responsabilidade do aluno e ou a sua situação socioeconómica.</p>

<p align="center">Artigo 28.º</p> <p align="center">Cumulação de medidas disciplinares</p>		<p align="center">Artigo 29.º</p> <p align="center">Cumulação de medidas disciplinares</p>	
<p>A medida disciplinar de execução de atividades de integração na escola pode aplicar-se cumulativamente com as medidas disciplinares sancionatórias, com exceção da de expulsão da escola, de acordo com as características do comportamento faltoso e as necessidades reveladas pelo aluno, quanto ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens, sempre sem prejuízo do disposto no artigo 25.º</p>	<p>1 — A aplicação das medidas corretivas previstas nas alíneas b) a e) do n.º 2 do artigo 26.º é cumulável entre si.</p> <p>2 — A aplicação de uma ou mais das medidas corretivas é cumulável apenas com a aplicação de uma medida disciplinar sancionatória.</p> <p>3 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, por cada infração apenas pode ser aplicada uma medida disciplinar sancionatória.</p>	<p>1 - A aplicação das medidas corretivas previstas nas alíneas a) a e) do n.º 2 do artigo 26.º é cumulável entre si.</p> <p>2 - A aplicação de uma ou mais das medidas corretivas é cumulável apenas com a aplicação de uma medida disciplinar sancionatória.</p> <p>3 - Se</p> <p>m prejuízo do disposto nos números anteriores, por cada infração apenas pode ser aplicada uma medida disciplinar sancionatória</p>	<p>1 - A aplicação das medidas corretivas previstas nas alíneas a) a e) do n.º 2 do artigo 26.º é cumulável entre si.</p> <p>2 - A aplicação de uma ou mais das medidas corretivas é cumulável apenas com a aplicação de uma medida disciplinar sancionatória.</p> <p>3 - Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, por cada infração apenas pode ser aplicada uma medida disciplinar sancionatória.</p>

<p>Artigo 33º Repreensão</p> <p>A repreensão consiste numa censura verbal ao aluno, perante um seu comportamento perturbador do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constituente de uma infração disciplinar, com vista a responsabilizá-lo no sentido do cumprimento dos seus deveres como aluno.</p>	Revogado		
<p>Artigo 34º Repreensão registada</p> <p>A repreensão registada consiste numa censura escrita ao aluno e arquivada no seu processo individual, nos termos e com os objetivos referidos no artigo anterior, mas em que a gravidade ou a reiteração do comportamento justificam a notificação aos pais e encarregados de educação, pelo meio mais expedito, com vista a alertá-los para a necessidade de, em articulação com a escola, reforçarem a responsabilização do seu educando no cumprimento dos seus deveres como aluno.</p>	Revogado		
<p>Artigo 35º Suspensão da escola</p> <p>1 —A suspensão da escola consiste em impedir o aluno, de idade não inferior a 10 anos, de entrar nas instalações da escola, quando, perante um seu comportamento perturbador do funcionamento normal das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constituente de uma infração disciplinar grave, tal suspensão seja reconhecidamente a única medida apta a responsabilizá-lo no sentido do cumprimento dos seus deveres como aluno.</p>	Revogado		

<p>2 — A medida disciplinar de suspensão da escola pode, de acordo com a gravidade e as circunstâncias da infração disciplinar, ter a duração de 1 a 5 dias ou de 6 a 10 dias</p>			
---	--	--	--

<p>Artigo 40º Competência do presidente do conselho executivo ou do Diretor</p> <p>O presidente do conselho executivo ou o Diretor é competente, sem prejuízo da sua intervenção para advertir e repreender, para a aplicação das medidas disciplinares de suspensão da escola até cinco dias, aplicando-se o disposto no nº 2 do artigo anterior.</p>	<p>Revogado</p>		
--	-----------------	--	--

<p>Artigo 41º Competência do conselho de turma disciplinar</p> <p>1 — O conselho de turma disciplinar é competente, sem prejuízo da sua intervenção para advertir e repreender, para aplicar as medidas disciplinares de execução de atividades de integração na escola, de transferência de escola, de repreensão registada, de suspensão e de expulsão da escola.</p> <p>2 — O conselho de turma disciplinar é constituído pelo presidente do conselho executivo ou pelo Diretor, que convoca e preside, pelos professores da turma ou pelo professor titular, por um representante dos pais e encarregados de educação dos alunos da turma, designado pela associação de pais e encarregados de educação da escola ou, se esta não existir, nos termos do regulamento interno da escola, bem como, tratando-se do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, pelo delegado ou subdelegado de turma.</p> <p>3 — O presidente do conselho executivo, ou o</p>	<p>Revogado</p>		
---	-----------------	--	--

<p>Diretor, pode solicitar a presença no conselho de turma disciplinar de um técnico dos serviços especializados de apoio educativo, designadamente dos serviços de psicologia e orientação.</p> <p>4 — As pessoas que, de forma direta ou indireta, detenham uma posição de interessados no objeto de apreciação do conselho de turma disciplinar não podem nele participar, aplicando-se, com as devidas adaptações, o que se dispõe no Código do Procedimento Administrativo sobre garantias de imparcialidade.</p> <p>5 — As reuniões do conselho de turma disciplinar devem, preferencialmente, ter lugar em horário posterior ao final do turno da tarde do respetivo estabelecimento de ensino.</p> <p>6 — A não comparência dos representantes dos pais e encarregados de educação ou dos alunos, quando devidamente notificados, não impede o conselho de turma disciplinar de reunir e deliberar.</p>			
---	--	--	--

<p>Artigo 43.º Dependência de procedimento disciplinar</p>	<p>Artigo 43.º Competências disciplinares e tramitação processual</p>	<p>Artigo 43.º Tramitação do Procedimento Disciplinar</p>	<p>Artigo 30.º Medidas disciplinares sancionatórias - procedimento disciplinar Artigo 31.º Celeridade do procedimento disciplinar</p>
<p>1 — A aplicação das medidas disciplinares de execução de atividades de integração na escola, de transferência de escola, de suspensão da escola de 6 a 10 dias úteis e de expulsão da escola depende de procedimento disciplinar, destinado a apurar a responsabilidade individual do aluno.</p> <p>2 — O disposto no número</p>	<p>1 — Sem prejuízo do disposto no n.º 3 do artigo 27.º, em que a competência é do professor titular da turma, a competência para a instauração de procedimento disciplinar por comportamentos suscetíveis de configurarem a aplicação de alguma das medidas disciplinares sancionatórias previstas</p>	<p>1 - A competência para a instauração de procedimento disciplinar por comportamentos suscetíveis de configurarem a aplicação de alguma das medidas previstas nas alíneas d) e e) do n.º 2 do artigo 27.º, é do diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, devendo o</p>	<p>1 - A competência para a instauração de procedimento disciplinar por comportamentos suscetíveis de configurarem a aplicação de alguma das medidas previstas nas alíneas c), d) e e) do n.º 2 do artigo 28.º é do diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.</p>

<p>anterior não prejudica as necessidades de comunicação, de registo e de procedimentos de averiguação inerentes às medidas disciplinares de advertência, ordem de saída da sala de aula, de repreensão, de repreensão registada e de suspensão da escola até cinco dias úteis, de acordo com o previsto na presente lei.</p>	<p>nas alíneas <i>c)</i> e <i>d)</i> do n.º 2 do artigo 27.º, é do presidente do conselho executivo ou Diretor, devendo o despacho instaurador ser proferido no prazo de um dia útil, a contar do conhecimento concreto e preciso da situação.</p>	<p>despacho instaurador e de nomeação do instrutor, que deve ser um professor da escola, ser proferido no prazo de um dia útil, a contar do conhecimento da situação.</p> <p>2 - No mesmo prazo, o diretor notifica os pais ou encarregados de educação do aluno, quando este for menor, pelo meio mais expedito, designadamente eletrónico, telefónico ou por via postal simples para a morada constante no seu processo.</p>	<p>2 - Para efeitos do previsto no número anterior o diretor, no prazo de dois dias úteis após o conhecimento da situação, emite o despacho instaurador e de nomeação do instrutor, devendo este ser um professor da escola, e notifica os pais ou encarregado de educação do aluno menor pelo meio mais expedito.</p>
	<p>2 — A aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola é da competência do Diretor regional de educação respetivo, observando-se, em termos processuais, nas situações que, em abstrato, possam justificar aquela aplicação, as regras constantes dos números seguintes</p> <p>.3 — As funções de instrutor, do professor que para o efeito é nomeado, prevalecem relativamente às demais, devendo o processo ser remetido para decisão do Diretor regional de educação, no prazo de oito dias úteis, após a nomeação do instrutor.</p>		
	<p>5 — Da acusação atrás referida, é extraída cópia e entregue ao aluno no momento da sua notificação, sendo de tal facto informados os pais ou o respetivo encarregado de educação, quando o aluno for menor de idade.</p>	<p>3 - Tratando-se de aluno maior de idade, a notificação é feita ao próprio, pessoalmente.</p>	<p>3 - Tratando-se de aluno maior, a notificação é feita diretamente ao próprio.</p>
	<p>6 — Para efeitos do</p>		

	<p>exercício do direito de defesa, o aluno dispõe de dois dias úteis para alegar por escrito o que tiver por conveniente, podendo juntar documentos e arrolar testemunhas até ao limite de três, sendo a apresentação das mesmas, no dia, hora e local que para efeitos da sua audição for designado pelo instrutor, da responsabilidade do aluno, sob pena de não serem ouvidas.</p> <p>7 — Finda a fase da defesa é elaborado um relatório final, do qual consta, a correta identificação dos factos que haviam sido imputados ao aluno que se consideram provados e a proposta da medida disciplinar sancionatória a aplicar, ou do arquivamento do processo, devendo a análise e valoração de toda a prova recolhida ser efetuada ao abrigo do disposto no artigo 25.º</p> <p>8 — Depois de concluído, o processo é entregue ao presidente do conselho executivo ou ao Diretor que convoca o conselho de turma para se pronunciar, quando a medida disciplinar sancionatória proposta pelo instrutor for a referida no n.º 2.</p>		
--	--	--	--

<p>Artigo 45º Instauração do procedimento Disciplinar</p> <p>Presenciados que sejam ou participados os factos passíveis de constituírem infração disciplinar, o presidente do conselho executivo, ou o Diretor, tem competência para instaurar o procedimento disciplinar, devendo fazê-lo no prazo de um dia útil, nomeando logo o instrutor, que deve ser um professor</p>	<p>Artigo 45º Instauração do procedimento Disciplinar</p> <p>Presenciados que sejam ou participados os factos passíveis de constituírem infração disciplinar, o presidente do conselho executivo, ou o Diretor, tem competência para instaurar o procedimento disciplinar, devendo fazê-lo no prazo de um dia útil, nomeando logo o instrutor, que deve ser um professor</p>	<p>4 - O diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada deve notificar o instrutor da sua nomeação no mesmo dia em que profere o despacho de instauração do procedimento disciplinar.</p>	<p>4 - O diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada deve notificar o instrutor da sua nomeação no mesmo dia em que profere o despacho de instauração do procedimento disciplinar.</p>
--	--	---	---

da escola, salvo qualquer impedimento.	da escola, salvo qualquer impedimento.		
<p align="center">Artigo 46º</p> <p align="center">Tramitação do procedimento disciplinar</p> <p>1 — A instrução do procedimento disciplinar é reduzida a escrito e concluída no prazo máximo de cinco dias úteis contados da data de nomeação do instrutor, sendo obrigatoriamente realizada, para além das demais diligências consideradas necessárias, a audiência oral dos interessados, em particular do aluno e, sendo menor, do respetivo encarregado de educação.</p>	<p align="center">Artigo 46º Tramitação do procedimento disciplinar</p> <p>1 — A instrução do procedimento disciplinar é reduzida a escrito e concluída no prazo máximo de cinco dias úteis contados da data de nomeação do instrutor, sendo obrigatoriamente realizada, para além das demais diligências consideradas necessárias, a audiência oral dos interessados, em particular do aluno e, sendo menor, do respetivo encarregado de educação.</p>	<p>5 - A instrução do procedimento disciplinar é efetuada no prazo máximo de quatro dias úteis, contados da data de notificação ao instrutor do despacho que instaurou o procedimento disciplinar, sendo obrigatoriamente realizada, para além das demais diligências consideradas necessárias, a audiência oral dos interessados, em particular do aluno e, sendo este menor de idade, do respetivo encarregado de educação.</p>	<p>5 - A instrução do procedimento disciplinar é efetuada no prazo máximo de seis dias úteis, contados da data de notificação ao instrutor do despacho que instaurou o procedimento disciplinar, sendo obrigatoriamente realizada, para além das demais diligências consideradas necessárias, a audiência oral dos interessados, em particular do aluno, e sendo este menor de idade, do respetivo encarregado de educação.</p>
<p>2 — Aplica-se à audiência o disposto no artigo 102º do Código do Procedimento Administrativo, sendo os interessados convocados com a antecedência mínima de dois dias úteis.</p>	<p>2 — Aplica-se à audiência o disposto no artigo 102º do Código do Procedimento Administrativo, sendo os interessados convocados com a antecedência mínima de dois dias úteis.</p>	<p>6 - Os interessados são convocados com a antecedência de um dia útil para a audiência oral, não constituindo a falta de comparência motivo do seu adiamento, embora, se for apresentada justificação da falta até ao momento fixado para a audiência, esta possa ser adiada.</p> <p>7 - No caso de o respetivo encarregado de educação não comparecer, o aluno menor de idade pode ser ouvido na presença de um docente que integre a comissão de proteção de crianças e jovens com competência na área de residência do aluno ou, no caso de esta não se encontrar instalada, na presença do diretor de turma.</p> <p>8 - Da audiência é lavrada ata de que consta o extrato das alegações feitas pelos interessados.</p>	<p>6 - Os interessados são convocados com a antecedência de um dia útil para a audiência oral, não constituindo a falta de comparência motivo do seu adiamento, podendo esta, no caso de apresentação de justificação da falta até ao momento fixado para a audiência, ser adiada.</p> <p>7 - No caso de o respetivo encarregado de educação não comparecer, o aluno menor de idade pode ser ouvido na presença de um docente por si livremente escolhido e do diretor de turma ou do professor-tutor do aluno, quando exista, ou, no impedimento destes, de outro professor da turma designado pelo diretor.</p> <p>8 - Da audiência é lavrada ata de que consta o extrato das alegações feitas pelos interessados.</p>

<p>3 — Finda a instrução, o instrutor elabora relatório fundamentado, de que conste a qualificação do comportamento, a ponderação das circunstâncias atenuantes e agravantes da responsabilidade disciplinar, bem como a proposta de aplicação da medida disciplinar considerada adequada ou, em alternativa, a proposta de arquivamento do processo.</p>	<p>3 — Finda a instrução, o instrutor elabora relatório fundamentado, de que conste a qualificação do comportamento, a ponderação das circunstâncias atenuantes e agravantes da responsabilidade disciplinar, bem como a proposta de aplicação da medida disciplinar considerada adequada ou, em alternativa, a proposta de arquivamento do processo.</p>	<p>9 - Finda a instrução, o instrutor elabora, no prazo de um dia útil, e remete ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, um documento do qual constam, obrigatoriamente, em termos concretos e precisos:</p> <p>a) Os factos cuja prática é imputada ao aluno, devidamente circunstanciados quanto ao tempo, modo e lugar;</p> <p>b) Os deveres violados pelo aluno, com referência expressa às respetivas normas legais ou regulamentares;</p> <p>c) Os antecedentes do aluno que se constituem como circunstâncias atenuantes ou agravantes nos termos previstos no artigo 25.º;</p> <p>d) A proposta de medida disciplinar sancionatória aplicável.</p>	<p>9 - Finda a instrução, o instrutor elabora e remete ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, no prazo de três dias úteis, relatório final do qual constam, obrigatoriamente:</p> <p>a) Os factos cuja prática é imputada ao aluno, devidamente circunstanciados quanto ao tempo, modo e lugar;</p> <p>b) Os deveres violados pelo aluno, com referência expressa às respetivas normas legais ou regulamentares;</p> <p>c) Os antecedentes do aluno que se constituem como circunstâncias atenuantes ou agravantes nos termos previstos no artigo 25.º;</p> <p>d) A proposta de medida disciplinar sancionatória aplicável ou de arquivamento do procedimento.</p>
<p>4 — O relatório do instrutor é remetido ao presidente do conselho executivo ou ao Diretor, que, de acordo com a medida disciplinar a aplicar e as competências para tal, exerce por si o poder disciplinar ou convoca, para esse efeito, o conselho de turma disciplinar, que deve reunir no prazo máximo de dois dias úteis.</p> <p>5 — O procedimento disciplinar inicia-se e desenvolve-se com carácter de urgência, tendo prioridade sobre os demais procedimentos correntes da escola.</p>	<p>4 — O relatório do instrutor é remetido ao presidente do conselho executivo ou ao Diretor, que, de acordo com a medida disciplinar a aplicar e as competências para tal, exerce por si o poder disciplinar ou convoca, para esse efeito, o conselho de turma disciplinar, que deve reunir no prazo máximo de dois dias úteis.</p> <p>5 — O procedimento disciplinar inicia-se e desenvolve-se com carácter de urgência, tendo prioridade sobre os demais procedimentos correntes da escola.</p>	<p>10 - Do documento referido no número anterior, é extraída cópia que, no prazo de um dia útil, é entregue ao aluno, mediante notificação pessoal, sendo de tal facto, e durante esse mesmo período de tempo, informados os pais ou o respetivo encarregado de educação, quando o aluno for menor de idade.</p>	
		<p>11 - No caso da medida disciplinar sancionatória ser a transferência de</p>	<p>10 - No caso da medida disciplinar sancionatória proposta ser a</p>

		<p>escola, a mesma é comunicada para decisão do diretor regional de educação, no prazo de um dia útil.</p> <p>12 - A decisão é passível de recurso hierárquico, de acordo com o estipulado no art.º 50.º.</p>	<p>transferência de escola ou de expulsão da escola, a mesma é comunicada para decisão ao diretor-geral da Educação, no prazo de dois dias úteis.</p>
			<p>Artigo 31.º</p> <p>Celeridade do procedimento disciplinar</p> <p>1 - A instrução do procedimento disciplinar prevista nos n.ºs 5 a 8 do artigo anterior pode ser substituída pelo reconhecimento individual, consciente e livre dos factos, por parte do aluno maior de 12 anos e a seu pedido, em audiência a promover pelo instrutor, nos dois dias úteis subsequentes à sua nomeação, mas nunca antes de decorridas vinte e quatro horas sobre o momento previsível da prática dos factos imputados ao aluno.</p> <p>2 - Na audiência referida no número anterior, estão presentes, além do instrutor, o aluno, o encarregado de educação do aluno menor de idade e, ainda:</p> <p>a) O diretor de turma ou o professor-tutor do aluno, quando exista, ou, em caso de impedimento e em sua substituição, um professor da turma designado pelo diretor;</p> <p>b) Um professor da escola livremente escolhido pelo aluno.</p> <p>3 - A não comparência do encarregado de educação, quando devidamente convocado, não obsta à realização da audiência.</p>

		<p>4 - Os participantes referidos no n.º 2 têm como missão exclusiva assegurar e testemunhar, através da assinatura do auto a que se referem os números seguintes, a total consciência do aluno quanto aos factos que lhe são imputados e às suas consequências, bem como a sua total liberdade no momento da respetiva declaração de reconhecimento.</p> <p>5 - Na audiência, é elaborado auto, no qual constam, entre outros, os elementos previstos nas alíneas a) e b) do n.º 9 do artigo anterior, o qual, previamente a qualquer assinatura, é lido em voz alta e explicado ao aluno pelo instrutor, com a informação clara e expressa de que não está obrigado a assiná-lo.</p> <p>6 - O facto ou factos imputados ao aluno só são considerados validamente reconhecidos com a assinatura do auto por parte de todos os presentes, sendo que, querendo assinar, o aluno o faz antes de qualquer outro elemento presente.</p> <p>7 - O reconhecimento dos factos por parte do aluno é considerado circunstância atenuante, nos termos e para os efeitos previstos no n.º 2 do artigo 25.º, encerrando a fase da instrução e seguindo-se-lhe os procedimentos previstos no artigo anterior.</p> <p>8 - A recusa do reconhecimento por parte do aluno implica a necessidade da realização da instrução, podendo o instrutor aproveitar a presença dos intervenientes para a realização da audiência oral prevista no artigo anterior</p>
--	--	--

Artigo 47° Suspensão preventiva do aluno	Artigo 47° Suspensão preventiva do aluno	Artigo 47.º Suspensão preventiva do aluno	Artigo 32.º Suspensão preventiva do aluno
<p>1 — Durante a instrução do procedimento disciplinar o aluno arguido pode ser suspenso preventivamente da frequência da escola pelo presidente do conselho executivo ou pelo Diretor, se a presença dele na escola perturbar gravemente a instrução do processo ou o funcionamento normal das atividades da escola.</p>	<p>1 — No momento da instauração do procedimento disciplinar, mediante decisão da entidade que o instaurou, ou no decurso da sua instrução, por proposta do instrutor, o aluno pode ser suspenso preventivamente da frequência da escola, mediante despacho fundamentado a proferir pelo presidente do conselho executivo ou pelo Diretor, se a presença dele na escola se revelar gravemente perturbadora da instrução do processo ou do funcionamento normal das atividades da escola, garantindo-se ao aluno um plano de atividades pedagógicas durante o período de ausência da escola, nos termos a definir pelo regulamento da escola.</p>	<p>1 - No momento da instauração do procedimento disciplinar, mediante decisão da entidade que o instaurou, ou no decurso da sua instauração por proposta do instrutor, o diretor pode decidir a suspensão preventiva do aluno, mediante despacho fundamentado, sempre que:</p> <p>a) A sua presença na escola se revelar gravemente perturbadora do normal funcionamento das atividades escolares;</p> <p>b) Tal seja necessário e adequado à garantia da paz pública e da tranquilidade na escola; ou</p> <p>c) A sua presença na escola prejudique a instrução do procedimento disciplinar.</p>	<p>1 - No momento da instauração do procedimento disciplinar, mediante decisão da entidade que o instaurou, ou no decurso da sua instauração por proposta do instrutor, o diretor pode decidir a suspensão preventiva do aluno, mediante despacho fundamentado sempre que:</p> <p>a) A sua presença na escola se revelar gravemente perturbadora do normal funcionamento das atividades escolares;</p> <p>b) Tal seja necessário e adequado à garantia da paz pública e da tranquilidade na escola;</p> <p>c) A sua presença na escola prejudique a instrução do procedimento disciplinar.</p>
<p>2 — A suspensão tem a duração correspondente à da instrução, podendo, quando tal se revelar absolutamente necessário, prolongar-se até à decisão final do processo disciplinar, não podendo exceder 10 dias úteis.</p>	<p>2 — A suspensão preventiva tem a duração que o presidente do conselho executivo ou o Diretor considerar adequada na situação em concreto, não podendo ser superior a cinco dias úteis, nem continuar para além da data da decisão do procedimento disciplinar.</p>	<p>2 - A suspensão preventiva tem a duração que o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada considerar adequada na situação em concreto, sem prejuízo de, por razões devidamente fundamentadas, poder ser prorrogada até à data da decisão do procedimento disciplinar, não podendo, em qualquer caso, exceder 10 dias úteis.</p>	<p>2 - A suspensão preventiva tem a duração que o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada considerar adequada na situação em concreto, sem prejuízo de, por razões devidamente fundamentadas, poder ser prorrogada até à data da decisão do procedimento disciplinar, não podendo, em qualquer caso, exceder 10 dias úteis.</p>
<p>3 — As faltas do aluno resultantes da suspensão preventiva não são consideradas no respetivo processo de avaliação ou de registo de faltas, mas são descontadas no período de suspensão da escola que venha a ser aplicado como medida disciplinar.</p>	<p>3 — Os efeitos decorrentes das faltas dadas pelo aluno no decurso do período de suspensão preventiva, no que respeita, nomeadamente, à sua assiduidade e avaliação, são determinados em função da decisão que a final vier a ser proferida no procedimento disciplinar, nos termos estabelecidos no regulamento interno da</p>	<p>3 - Os efeitos decorrentes da ausência do aluno no decurso do período de suspensão preventiva, no que respeita à avaliação das aprendizagens, são determinados em função da decisão que vier a ser proferida no procedimento disciplinar, nos termos estabelecidos no regulamento interno da escola.</p>	<p>3 - Os efeitos decorrentes da ausência do aluno no decurso do período de suspensão preventiva, no que respeita à avaliação da aprendizagem, são determinados em função da decisão que vier a ser proferida no final do procedimento disciplinar, nos termos estabelecidos no presente Estatuto e no regulamento interno da escola.</p>

	escola.		
		<p>4 - Os dias de suspensão preventiva cumpridos pelo aluno são descontados no cumprimento da medida disciplinar sancionatória prevista na alínea d) do n.º 2 do artigo 27.º a que o aluno venha a ser condenado na sequência do procedimento disciplinar previsto no artigo 43.º.</p> <p>5 - O encarregado de educação é imediatamente informado da suspensão preventiva aplicada ao seu educando e, sempre que a avaliação que fizer das circunstâncias o aconselhe, o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada deve participar a ocorrência à respetiva comissão de proteção de crianças e jovens.6 - Ao aluno suspenso preventivamente é também fixado, durante o período de ausência da escola, o plano de atividades previsto no n.º 6 do artigo 27.º.</p>	<p>4 - Os dias de suspensão preventiva cumpridos pelo aluno são descontados no cumprimento da medida disciplinar sancionatória prevista na alínea c) do n.º 2 do artigo 28.º a que o aluno venha a ser condenado na sequência do procedimento disciplinar previsto no artigo 30.º.</p> <p>5 - Os pais e os encarregados de educação são imediatamente informados da suspensão preventiva aplicada ao filho ou educando e, sempre que a avaliação que fizer das circunstâncias o aconselhe, o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada deve participar a ocorrência à respetiva comissão de proteção de crianças e jovens ou, na falta, ao Ministério Público junto do tribunal de família e menores.</p> <p>6 - Ao aluno suspenso preventivamente é também fixado, durante o período de ausência da escola, o plano de atividades previsto no n.º 5 do artigo 28.º.</p>
		<p>7 - A suspensão preventiva do aluno é comunicada, por via eletrónica, pelo diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada ao Gabinete Coordenador de Segurança Escolar do Ministério da Educação e à direção regional de educação respetiva, sendo identificados sumariamente os intervenientes, os factos e as circunstâncias que motivaram a decisão de suspensão.</p>	<p>7 - A suspensão preventiva do aluno é comunicada, por via eletrónica, pelo diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada ao serviço do Ministério da Educação e Ciência responsável pela coordenação da segurança escolar, sendo identificados sumariamente os intervenientes, os factos e as circunstâncias que motivaram a decisão de suspensão.</p>

<p align="center">Artigo 48°</p> <p align="center">Decisão final do procedimento disciplinar</p>	<p align="center">Artigo 48°</p> <p align="center">Decisão final do procedimento disciplinar</p>	<p align="center">Artigo 48°</p> <p align="center">Decisão final do procedimento disciplinar</p>	<p align="center">Artigo 33.º</p> <p align="center">Decisão final</p>
<p>1 — A decisão final do procedimento disciplinar é fundamentada e proferida no prazo de dois dias úteis, sendo tomada pelo presidente do conselho executivo ou pelo Diretor, ou no prazo de cinco dias úteis, sendo tomada pelo conselho de turma disciplinar.</p>	<p>1 — A decisão final do procedimento disciplinar, devidamente fundamentada, podendo acolher, para o efeito, a fundamentação constante da proposta do instrutor aduzida nos termos referidos no n.º 7 do artigo 43.º, é proferida no prazo máximo de dois dias úteis, a contar do momento em que a entidade competente para o decidir o receber, salvo na situação prevista no n.º 3 em que esse prazo é de seis dias úteis, devendo constar dessa decisão a indicação do momento a partir do qual a execução da medida disciplinar sancionatória começa a produzir efeitos, ou se, ao invés, essa execução fica suspensa, nos termos do número seguinte.</p>	<p>1 - A decisão final do procedimento disciplinar, devidamente fundamentada, é proferida no prazo máximo de um dia útil, a contar do momento em que a entidade competente para o decidir receber o relatório do instrutor, sem prejuízo do disposto no n.º 4.</p>	<p>1 - A decisão final do procedimento disciplinar, devidamente fundamentada, é proferida no prazo máximo de dois dias úteis, a contar do momento em que a entidade competente para o decidir recebe o relatório do instrutor, sem prejuízo do disposto no n.º 4.</p>
		<p>2 - A decisão final do procedimento disciplinar fixa o momento a partir do qual se inicia a execução da medida disciplinar sancionatória, sem prejuízo da possibilidade de suspensão da execução da medida, nos termos do número seguinte.</p>	<p>2 - A decisão final do procedimento disciplinar fixa o momento a partir do qual se inicia a execução da medida disciplinar sancionatória, sem prejuízo da possibilidade de suspensão da execução da medida, nos termos do número seguinte.</p>
<p>2 — A execução da medida disciplinar pode ficar suspensa por um período máximo de três meses a contar da decisão final do procedimento disciplinar, se se constatar, perante a ponderação das circunstâncias da infração e da personalidade do aluno, que a simples reprovação da conduta e a previsão da aplicação da medida disciplinar são suficientes para alcançar os objetivos de reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua</p>	<p>2 — A execução da medida disciplinar sancionatória, com exceção da referida na alínea <i>d</i>) do n.º 2 do artigo 27.º, pode ficar suspensa pelo período de tempo e nos termos e condições em que a entidade decisora considerar justo, adequado e razoável, cessando logo que ao aluno seja aplicada outra medida disciplinar sancionatória no decurso dessa suspensão.</p>	<p>3 - A execução da medida disciplinar sancionatória, com exceção da referida na alínea <i>e</i>) do n.º 2 do artigo 27.º, pode ficar suspensa pelo período de tempo e nos termos e condições em que a entidade decisora considerar justo, adequado e razoável, cessando logo que ao aluno seja aplicada outra medida disciplinar sancionatória no decurso dessa suspensão.</p>	<p>3 - A execução da medida disciplinar sancionatória, com exceção da referida nas alíneas <i>d</i>) e <i>e</i>) do n.º 2 do artigo 28.º, pode ficar suspensa por um período de tempo e nos termos e condições que a entidade decisora considerar justo, adequado e razoável, cessando a suspensão logo que ao aluno seja aplicada outra medida disciplinar sancionatória no respetivo decurso.</p>

<p>personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens; a suspensão caduca se durante o respetivo período vier a ser instaurado novo procedimento disciplinar ao aluno.</p>			
<p>3 — A decisão final é notificada por contacto pessoal com o aluno ou, sendo menor, ao respetivo encarregado de educação; não sendo a notificação por contacto pessoal possível, é ela feita por carta registada com aviso de receção.</p> <p>4 — A notificação referida no número anterior deve mencionar o momento da execução da medida disciplinar, o qual não pode ser diferido para o ano letivo subsequente, excepto se, por razões de calendário escolar, for essa a única possibilidade de assegurar a referida execução.</p>	<p>3 — Da decisão proferida pelo Diretor regional de educação respetivo que aplique a medida disciplinar sancionatória de transferência de escola, deve igualmente constar a identificação do estabelecimento de ensino para onde o aluno vai ser transferido, para cuja escolha se procede previamente à audição do respetivo encarregado de educação, quando o aluno for menor de idade.</p> <p>4 — A decisão final do procedimento é notificada pessoalmente ao aluno no dia útil seguinte àquele em que foi proferida, ou, quando menor de idade, aos pais ou respetivo encarregado de educação, nos cinco dias úteis seguintes, sendo-o mediante carta registada com aviso de receção, sempre que não for possível realizar-se através daquela forma,</p>	<p>4 - Quando esteja em causa a aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola, o prazo para ser proferida a decisão final é de cinco dias úteis, contados a partir da receção do processo disciplinar na direção regional de educação respetiva.</p> <p>5 - Da decisão proferida pelo diretor regional de educação respetivo que aplique a medida disciplinar sancionatória de transferência de escola, deve igualmente constar a identificação do estabelecimento de ensino para onde o aluno vai ser transferido, para cuja escolha se procede previamente à audição do respetivo encarregado de educação, quando o aluno for menor de idade.</p> <p>6 - A decisão final do procedimento disciplinar é notificada pessoalmente ao aluno no dia útil seguinte àquele em que foi proferida, ou, quando menor de idade, aos pais ou respetivo encarregado de educação, nos dois dias úteis seguintes.</p> <p>7 - Sempre que a notificação prevista no número anterior não seja possível, é realizada através de carta registada com aviso de receção, considerando-se o aluno, ou, quando este for menor de idade, os pais ou o respetivo encarregado de educação, notificado na</p>	<p>4 - Quando esteja em causa a aplicação da medida disciplinar sancionatória de transferência de escola ou de expulsão da escola, o prazo para ser proferida a decisão final é de cinco dias úteis, contados a partir da receção do processo disciplinar na Direção-Geral de Educação.</p> <p>5 - Da decisão proferida pelo diretor-geral da Educação que aplique a medida disciplinar sancionatória de transferência de escola, deve igualmente constar a identificação do estabelecimento de ensino para onde o aluno vai ser transferido, para cuja escolha se procede previamente à audição do respetivo encarregado de educação, quando o aluno for menor de idade.</p> <p>6 - A decisão final do procedimento disciplinar é notificada pessoalmente ao aluno no dia útil seguinte àquele em que foi proferida, ou, quando menor de idade, aos pais ou respetivo encarregado de educação, nos dois dias úteis seguintes.</p> <p>7 - Sempre que a notificação prevista no número anterior não seja possível, é realizada através de carta registada com aviso de receção, considerando-se o aluno, ou quando este for menor de idade, os pais ou o respetivo encarregado de educação, notificados na</p>

	considerando-se, neste caso, a notificação efetuada na data da assinatura do aviso de receção.	data da assinatura do aviso de receção.	data da assinatura do aviso de receção. 8 - Tratando-se de alunos menor, a aplicação de medida disciplinar sancionatória igual ou superior à de suspensão da escola por período superior a cinco dias úteis e cuja execução não tenha sido suspensa, nos termos previstos nos n.ºs 2 e 3 anteriores, é obrigatoriamente comunicada pelo diretor da escola à respetiva comissão de proteção de crianças e jovens em risco.
5 — Nos casos em que, nos termos do artigo 42.º, o Diretor regional de educação tenha de desenvolver os procedimentos destinados a assegurar a frequência pelo aluno de outro estabelecimento de ensino, por efeito da aplicação das medidas disciplinares de transferência de escola ou de expulsão da escola, a decisão deve prever as medidas cautelares destinadas a assegurar o funcionamento normal das atividades da escola até à efetiva execução da decisão.	5 — <i>Revogado.</i>		

Artigo 49.º Execução da medida disciplinar	Artigo 49.º Execução das medidas corretivas ou disciplinares sancionatórias	Artigo 49.º Execução das medidas corretivas ou disciplinares sancionatórias	Artigo 34.º Execução das medidas corretivas e disciplinares sancionatórias
1 — Compete ao Diretor de turma ou ao professor titular o acompanhamento do aluno na execução da medida disciplinar a que foi sujeito, devendo aquele articular a sua atuação com os pais e encarregados de educação e com os professores da turma, em função das necessidades educativas identificadas e de forma a assegurar a corresponsabilização de todos os intervenientes nos efeitos educativos da	1 — Compete ao Diretor de turma ou ao professor titular da turma, o acompanhamento do aluno na execução da medida corretiva ou disciplinar sancionatória a que foi sujeito, devendo aquele articular a sua atuação com os pais e encarregados de educação e com os professores da turma, em função das necessidades educativas identificadas e de forma a assegurar a corresponsabilização de	1 - Compete ao diretor de turma ou ao professor titular da turma, o acompanhamento do aluno na execução da medida corretiva ou disciplinar sancionatória a que foi sujeito, devendo aquele articular a sua atuação com os pais e encarregados de educação e com os professores da turma, em função das necessidades educativas identificadas e de forma a assegurar a corresponsabilização de	1 - Compete ao diretor de turma e ou ao professor-tutor do aluno, caso tenha sido designado, ou ao professor titular o acompanhamento do aluno na execução da medida corretiva ou disciplinar sancionatória a que foi sujeito, devendo aquele articular a sua atuação com os pais ou encarregados de educação e com os professores da turma, em função das necessidades educativas identificadas e

medida.	todos os intervenientes nos efeitos educativos da medida.	todos os intervenientes nos efeitos educativos da medida.	de forma a assegurar a corresponsabilização de todos os intervenientes nos efeitos educativos da medida.
<p>2 — A competência referida no número anterior é especialmente relevante aquando da execução da medida de atividades de integração na escola ou do regresso à escola do aluno a quem foi aplicada a medida de suspensão da escola.</p> <p>3 — O disposto no número anterior aplica-se aquando da integração do aluno na nova escola para que foi transferido por efeito de medida disciplinar.</p> <p>4 — Na prossecução das finalidades referidas no n.º 1, a escola conta com a colaboração do centro de apoio social escolar</p>	<p>2 — A competência referida no número anterior é especialmente relevante aquando da execução da medida corretiva de atividades de integração na escola ou no momento do regresso à escola do aluno a quem foi aplicada a medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola.</p> <p>3 — O disposto no número anterior aplica-se também aquando da integração do aluno na nova escola para que foi transferido na sequência da aplicação dessa medida disciplinar sancionatória.</p> <p>4 — Na prossecução das finalidades referidas no n.º 1, a escola conta com a colaboração dos serviços especializados de apoio educativo e ou de equipas de integração a definir no regulamento interno.</p>	<p>2 - A competência referida no número anterior é especialmente relevante aquando da execução da medida corretiva de atividades de integração na escola ou no momento do regresso à escola do aluno a quem foi aplicada a medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola.</p> <p>3 - O disposto no número anterior aplica -se também aquando da integração do aluno na nova escola para que foi transferido na sequência da aplicação dessa medida disciplinar sancionatória.</p> <p>4 - Na prossecução das finalidades referidas no n.º 1, a escola conta com a colaboração dos serviços especializados de apoio educativo e ou de equipas de integração a definir no regulamento interno.</p>	<p>2 - A competência referida no número anterior é especialmente relevante aquando da execução da medida corretiva de atividades de integração na escola ou no momento do regresso à escola do aluno a quem foi aplicada a medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola.</p> <p>3 - O disposto no número anterior aplica-se também aquando da integração do aluno na nova escola para que foi transferido na sequência da aplicação dessa medida disciplinar sancionatória.</p> <p>4 - Na prossecução das finalidades referidas no n.º 1, a escola conta com a colaboração dos serviços especializados de apoio educativo e ou das equipas multidisciplinares, a definir em regulamento interno, nos termos do artigo seguinte.</p>

			Artigo 35.º
			Equipas multidisciplinares
			<p>1 - Todos os agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas podem, se necessário, constituir uma equipa multidisciplinar destinada a acompanhar em permanência os alunos, designadamente aqueles que revelem maiores dificuldades de aprendizagem, risco de abandono escolar, comportamentos de risco ou gravemente violadores dos deveres do aluno ou se encontrem na iminência de ultrapassar os limites de faltas previstos no presente Estatuto.</p> <p>2 - As equipas multidisciplinares</p>

			<p>referidas no número anterior devem pautar as suas intervenções nos âmbitos da capacitação do aluno e da capacitação parental tendo como referência boas práticas nacionais e proteção de crianças e jovens em risco, designadamente, para os efeitos e medidas previstas neste Estatuto, relativas ao aluno e ou às suas famílias;</p> <p>i) Promover as sessões de capacitação parental, conforme previsto nos n.os 4 e 5 do artigo 44.º;</p> <p>j) Promover a formação em gestão comportamental, constante do n.º 4 do artigo 46.º;</p> <p>k) Assegurar a mediação social, procurando, supletivamente, outros agentes para a mediação na comunidade educativa e no meio envolvente, nomeadamente pais e encarregados de educação.</p> <p>6 - Nos termos do n.º 1, no âmbito de cada agrupamento de escolas ou escola não agrupada, as equipas multidisciplinares oferecem, sempre que possível, um serviço que cubra em permanência a totalidade do período letivo diurno, recorrendo para o efeito, designadamente a docentes com ausência de componente letiva, às horas provenientes do crédito horário ou a horas da componente não letiva de estabelecimento, sem prejuízo do incentivo ao trabalho voluntário de membros da comunidade educativa.</p>
--	--	--	--

			Artigo 37.º Salvaguarda da convivência escolar
			<p>1 - Qualquer professor ou aluno da turma contra quem outro aluno tenha praticado ato de agressão moral ou física, do qual tenha resultado a aplicação efetiva de medida disciplinar sancionatória de suspensão da escola por período superior a oito dias úteis, pode requerer ao diretor a transferência do aluno em causa para turma à qual não leccione ou não pertença, quando o regresso daquele à turma de origem possa provocar grave constrangimento aos ofendidos e perturbação da convivência escolar.</p> <p>2 - O diretor decidirá sobre o pedido no prazo máximo de cinco dias úteis, fundamentando a sua decisão.</p> <p>3 - O indeferimento do diretor só pode ser fundamentado na inexistência na escola ou no agrupamento de outra turma na qual o aluno possa ser integrado, para efeitos da frequência da disciplina ou disciplinas em causa ou na impossibilidade de corresponder ao pedido sem grave prejuízo para o percurso formativo do aluno agressor.</p>

Artigo 55º Responsabilidade civil e criminal	Artigo 55º Responsabilidade civil e criminal	Artigo 55.º Responsabilidade civil e criminal	Artigo 38.º Responsabilidade civil e criminal
<p>1 — A aplicação de medida disciplinar prevista na presente lei não isenta o aluno e o respetivo representante legal da responsabilidade civil a que, nos termos gerais de direito, haja lugar.</p> <p>2 — A responsabilidade disciplinar resultante de conduta prevista na</p>	<p>1 — A aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, prevista na presente lei, não isenta o aluno e o respetivo representante legal da responsabilidade civil a que, nos termos gerais de direito, haja lugar, sem prejuízo do apuramento da eventual responsabilidade criminal daí decorrente.</p> <p>2 — <i>Revogado</i></p>	<p>1 - A aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, prevista na presente lei, não isenta o aluno e o respetivo representante legal da responsabilidade civil a que, nos termos gerais de direito, haja lugar, sem prejuízo do apuramento da eventual responsabilidade criminal daí decorrente.</p> <p>2 - Sempre que os factos</p>	<p>1 - A aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória não isenta o aluno e o respetivo representante legal da responsabilidade civil e criminal a que, nos termos gerais de direito, haja lugar.</p>

<p>presente lei não prejudica o apuramento da responsabilidade criminal a que haja lugar por efeito da mesma conduta, sem prejuízo do disposto nos números seguintes.</p> <p>3 — Quando o comportamento do aluno menor de 16 anos, que for suscetível de desencadear a aplicação de medida disciplinar, se puder constituir, simultaneamente, como facto qualificado de crime, deve a direção da escola comunicar tal facto à comissão de proteção de crianças e jovens ou ao representante do Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores, conforme o aluno tenha, à data da prática do facto, menos de 12 ou entre 12 e 16 anos, sem prejuízo do recurso, por razões de urgência, às autoridades policiais.</p> <p>4 — Quando o procedimento criminal pelos factos a que alude o número anterior depender de queixa ou de acusação particular, competindo este direito à própria direção da escola, deve o seu exercício fundamentar-se em razões que ponderem, em concreto, o interesse da comunidade educativa no desenvolvimento do procedimento criminal perante os interesses relativos à formação do aluno em questão.</p>	<p>3 — Quando o comportamento do aluno menor de 16 anos, que for suscetível de desencadear a aplicação de medida disciplinar sancionatória, se puder constituir, simultaneamente, como facto qualificável de crime, deve a direção da escola comunicar tal facto à comissão de proteção de crianças e jovens ou ao representante do Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores, conforme o aluno tenha, à data da prática do facto, menos de 12 ou entre 12 e 16 anos, sem prejuízo do recurso, por razões de urgência, às autoridades policiais.</p> <p>4 — Quando o procedimento criminal pelos factos a que alude o número anterior depender de queixa ou de acusação particular, competindo este direito à própria direção da escola, deve o seu exercício fundamentar-se em razões que ponderem, em concreto, o interesse da comunidade educativa no desenvolvimento do procedimento criminal perante os interesses relativos à formação do aluno em questão.</p>	<p>referidos no artigo 10.º ou outros comportamentos especialmente graves sejam passíveis de constituir crime, deve o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada comunicá-los ao Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de família e menores ou às entidades policiais.</p> <p>3 - Quando o comportamento do aluno menor de 16 anos, que for suscetível de desencadear a aplicação de medida disciplinar sancionatória, se puder constituir, simultaneamente, como facto qualificável de crime, deve a direção da escola comunicar tal facto à comissão de proteção de crianças e jovens ou ao representante do Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores, conforme o aluno tenha, à data da prática do facto, menos de 12 ou entre 12 e 16 anos, sem prejuízo do recurso, por razões de urgência, às autoridades policiais.</p> <p>4 - Quando o procedimento criminal pelos factos a que alude o número anterior depender de queixa ou de acusação particular, competindo este direito à própria direção da escola, deve o seu exercício fundamentar -se em razões que ponderem, em concreto, o interesse da comunidade educativa no desenvolvimento do procedimento criminal perante os interesses relativos à formação do aluno em questão.</p>	<p>2 - Sem prejuízo do recurso, por razões de urgência, às autoridades policiais, quando o comportamento do aluno maior de 12 anos e menor de 16 anos puder constituir facto qualificado como crime, deve a direção da escola comunicar o facto ao Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores.</p> <p>3 - Caso o menor tenha menos de 12 anos de idade, a comunicação referida no número anterior deve ser dirigida à comissão de proteção de crianças e jovens ou, na falta deste, ao Ministério Público junto do tribunal referido no número anterior.</p> <p>4 - O início do procedimento criminal pelos factos que constituam crime e que sejam suscetíveis de desencadear medida disciplinar sancionatória depende apenas de queixa ou de participação pela direção da escola, devendo o seu exercício fundamentar -se em razões que ponderem, em concreto, o interesse da comunidade educativa no desenvolvimento do procedimento criminal perante os interesses relativos à formação do aluno em questão.</p> <p>5 - O disposto no número anterior não prejudica o exercício do direito de queixa por parte dos membros da comunidade educativa que sejam lesados nos seus direitos e</p>
--	---	--	---

			interesses legalmente protegidos.
--	--	--	-----------------------------------

Professores

Artigo 5º Papel especial dos professores	Artigo 5º Papel especial dos professores	Artigo 5.º Papel especial dos professores	Artigo 41.º Papel especial dos professores
<p>1 — Os professores, enquanto principais responsáveis pela condução do processo de ensino e aprendizagem, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, quer nas atividades na sala de aula quer nas demais atividades da escola.</p> <p>2 — O Diretor de turma ou, tratando-se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor da turma, adiante designado por professor titular, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.</p>	<p>1 — Os professores, enquanto principais responsáveis pela condução do processo de ensino e aprendizagem, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, quer nas atividades na sala de aula quer nas demais atividades da escola.</p> <p>2 — O Diretor de turma ou, tratando -se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor titular de turma, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.</p>	<p>1 - Os professores, enquanto principais responsáveis pela condução do processo de ensino e aprendizagem, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, em ambiente de ordem e disciplina, nas atividades na sala de aula e nas demais atividades da escola.</p> <p>2 — O diretor de turma ou, tratando-se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor titular de turma, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.</p>	<p>1 - Os professores, enquanto principais responsáveis pela condução do processo de ensino, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, em ambiente de ordem e disciplina nas atividades na sala de aula e na escola.</p> <p>2 - O diretor de turma ou, tratando-se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor titular de turma, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é o principal responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais ou encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.</p>

Artigo 38º Competência do professor			Artigo 42.º Autoridade do professor
<p>1 —O professor, no desenvolvimento do plano de trabalho da turma e no âmbito da sua autonomia pedagógica, é responsável</p>	Revogado		<p>1 - A lei protege a autoridade dos professores nos domínios pedagógico, científico, organizacional, disciplinar e de formação</p>

<p>pela regulação dos comportamentos na sala de aula, competindo-lhe a aplicação das medidas de prevenção e remediação que propiciem a realização do processo de ensino e aprendizagem num bom ambiente educativo, bem como a formação cívica dos alunos, com vista ao desenvolvimento equilibrado das suas personalidades, das suas capacidades de se relacionarem com outros, das suas plenas integrações na comunidade educativa e dos seus sentidos de responsabilidade.</p> <p>2 — No exercício da competência referida no número anterior, o professor pode aplicar as medidas disciplinares de advertência, ordem de saída da sala de aula, repreensão e repreensão registada, dando conhecimento ao Diretor de turma ou professor titular, excepto no caso de advertência</p>			<p>cívica.</p> <p>2 - A autoridade do professor exerce-se dentro e fora da sala de aula, no âmbito das instalações escolares ou fora delas, no exercício das suas funções.</p> <p>3 - Consideram-se suficientemente fundamentadas, para todos os efeitos legais, as propostas ou as decisões dos professores relativas à avaliação dos alunos quando oralmente apresentadas e justificadas perante o conselho de turma e sumariamente registadas na ata, as quais se consideram ratificadas pelo referido conselho com a respetiva aprovação, exceto se o contrário daquela expressamente constar.</p> <p>4 - Os professores gozam de especial proteção da lei penal relativamente aos crimes cometidos contra a sua pessoa ou o seu património, no exercício das suas funções ou por causa delas, sendo a pena aplicável ao crime respetivo agravada em um terço nos seus limites mínimo e máximo.</p>
---	--	--	---

Assistentes Operacionais

Artigo 8.º Papel do pessoal não docente das escolas	Artigo 8.º Papel do pessoal não docente das escolas	Artigo 8.º Papel do pessoal não docente das escolas	Artigo 46.º Papel do pessoal não docente das escolas
<p>O pessoal não docente das escolas, em especial os funcionários que auxiliam a Ação educativa e os técnicos dos serviços especializados de apoio educativo, deve colaborar no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo, em articulação com os docentes, os pais e encarregados de educação, para prevenir e resolver</p>	<p>1 — O pessoal não docente das escolas deve colaborar no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo, em articulação com os docentes, os pais e encarregados de educação, para prevenir e resolver problemas comportamentais e de aprendizagem.</p>	<p>1 — O pessoal não docente das escolas deve colaborar no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo, em articulação com os docentes, os pais e encarregados de educação, para prevenir e resolver problemas comportamentais e de aprendizagem.</p>	<p>1 - O pessoal não docente das escolas deve colaborar no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo, em articulação com os docentes, os pais ou encarregados de educação, para prevenir e resolver problemas comportamentais e de aprendizagem.</p>

<p>problemas comportamentais e de aprendizagem</p>	<p>2 — Aos técnicos de serviços de psicologia e orientação incumbe ainda o papel especial de colaborar na identificação e prevenção de situações problemáticas de alunos e na elaboração de planos de acompanhamento para estes, envolvendo a comunidade educativa.</p>	<p>2 - Aos técnicos de serviços de psicologia e orientação, integrados ou não em equipa multidisciplinar, com formação para o efeito, incumbe ainda o papel especial de colaborar na identificação e prevenção de situações problemáticas de alunos e fenómenos de violência, na elaboração de planos de acompanhamento para estes, envolvendo a comunidade educativa.</p>	<p>2 - Aos técnicos de serviços de psicologia e orientação escolar e profissional, integrados ou não em equipas, incumbe ainda o papel especial de colaborar na identificação e prevenção de situações problemáticas de alunos e fenómenos de violência, na elaboração de planos de acompanhamento para estes, envolvendo a comunidade educativa.</p> <p>3 - O pessoal não docente das escolas deve realizar formação em gestão comportamental, se tal for considerado útil para a melhoria do ambiente escolar.</p> <p>4 - A necessidade de formação constante do número anterior é identificada pelo diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada e deve, preferencialmente, ser promovida pela equipa multidisciplinar.</p>
--	---	--	--

Artigo 44º Participação	Artigo 44º Participação		
<p>1 — O professor ou funcionário da escola que, na situação referida no nº 1 do artigo 39º, entenda que o comportamento presenciado é passível de ser qualificado de grave ou de muito grave participa-o ao Diretor de turma, para efeitos de procedimento disciplinar.</p> <p>2 — O Diretor de turma ou o professor titular que entenda que o comportamento presenciado ou participado é passível de ser qualificado de grave ou de muito grave participa-o ao presidente do conselho executivo ou Diretor, para efeitos de procedimento disciplinar.</p>	<p>1 — O professor ou funcionário da escola que entenda que o comportamento presenciado é passível de ser qualificado de grave ou de muito grave, participa-o ao Diretor de turma, para efeitos de procedimento disciplinar.</p> <p>2 — O Diretor de turma ou o professor titular que entenda que o comportamento presenciado ou participado é passível de ser qualificado de grave ou de muito grave participa-o ao presidente do conselho executivo ou Diretor, para efeitos de procedimento disciplinar.</p>		

Pais e Encarregados de Educação

Artigo 6º Papel especial dos pais e encarregados de educação	Artigo 6º Papel especial dos pais e encarregados de educação	Artigo 6.º Responsabilidade dos pais e encarregados de educação	Artigo 43.º Responsabilidade dos pais ou encarregados de educação
<p>1 — Aos pais e encarregados de educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos.</p>	<p>1 — Aos pais e encarregados de educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos.</p>	<p>1 - Aos pais e encarregados de educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos</p>	<p>1 - Aos pais ou encarregados de educação incumbe uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos no interesse destes e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos.</p>
<p>2 — Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais e encarregados de educação, em especial:</p> <p>a) Acompanhar ativamente a vida escolar do seu educando;</p> <p>b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino escolar;</p> <p>c) Diligenciar para que o seu educando beneficie efetivamente dos seus direitos e cumpra pontualmente os deveres que lhe incumbem, com destaque para os deveres de assiduidade, de correto comportamento escolar e de empenho no processo de aprendizagem;</p> <p>d) Contribuir para a criação e execução do Projeto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola;</p> <p>e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus</p>	<p>2 — Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais e encarregados de educação, em especial:</p> <p>a) Acompanhar ativamente a vida escolar do seu educando;</p> <p>b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino escolar;</p> <p>c) Diligenciar para que o seu educando beneficie efetivamente dos seus direitos e cumpra rigorosamente os deveres que lhe incumbem, com destaque para os deveres de assiduidade, de correto comportamento e de empenho no processo de aprendizagem;</p> <p>d) Contribuir para a criação e execução do Projeto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola;</p> <p>e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus</p>	<p>2 - Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais e encarregados de educação, em especial:</p> <p>a) Acompanhar ativamente a vida escolar do seu educando;</p> <p>b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino na escola;</p> <p>c) Diligenciar para que o seu educando beneficie, efetivamente, dos seus direitos e cumpra rigorosamente os deveres que lhe incumbem, nos termos do presente Estatuto, procedendo com correção no seu comportamento e empenho no processo de aprendizagem;</p> <p>d) Contribuir para a criação e execução do projeto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola;</p> <p>e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos;</p>	<p>2 - Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais ou encarregados de educação, em especial:</p> <p>a) Acompanhar ativamente a vida escolar do seu educando;</p> <p>b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino na escola;</p> <p>c) Diligenciar para que o seu educando beneficie, efetivamente, dos seus direitos e cumpra rigorosamente os deveres que lhe incumbem, nos termos do presente Estatuto, procedendo com correção no seu comportamento e empenho no processo de ensino;</p> <p>d) Contribuir para a criação e execução do projeto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola;</p> <p>e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino dos seus educandos;</p>

<p>educandos;</p> <p>f) Contribuir para a preservação da disciplina da escola e para a harmonia da comunidade educativa, em especial quando para tal forem solicitados;</p> <p>g) Contribuir para o correto apuramento dos factos em processo disciplinar que incida sobre o seu educando e, sendo aplicada a esta medida disciplinar, diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;</p> <p>h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participam na vida da escola;</p> <p>i) Integrar ativamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se, sendo informado e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;</p> <p>j) Comparecer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado;</p> <p>k) Conhecer o regulamento interno da escola e subscrever, fazendo subscrever igualmente aos</p>	<p>educandos;</p> <p>f) Contribuir para a preservação da disciplina da escola e para a harmonia da comunidade educativa, em especial quando para tal forem solicitados;</p> <p>g) Contribuir para o correto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando e, sendo aplicada a esta medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;</p> <p>h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participam na vida da escola;</p> <p>i) Integrar ativamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se, sendo informado e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;</p> <p>j) Comparecer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado;</p> <p>k) Conhecer o estatuto do aluno, o regulamento interno da escola e subscrever, fazendo subscrever igualmente aos</p>	<p>f) Contribuir para a preservação da disciplina da escola e para a harmonia da comunidade educativa, em especial quando para tal forem solicitados;</p> <p>g) Contribuir para o correto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando e, sendo aplicada a esta medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;</p> <p>h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola;</p> <p>i) Integrar ativamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;</p> <p>j) Comparecer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado;</p> <p>k) Conhecer o estatuto do aluno, bem como o regulamento interno da escola e subscrever</p>	<p>f) Reconhecer e respeitar a autoridade dos professores no exercício da sua profissão e incutir nos seus filhos ou educandos o dever de respeito para com os professores, o pessoal não docente e os colegas da escola, contribuindo para a preservação da disciplina e harmonia da comunidade educativa;</p> <p>g) Contribuir para o correto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando, participando nos atos e procedimentos para os quais for notificado e, sendo aplicada a esta medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;</p> <p>h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola;</p> <p>i) Integrar ativamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-a e informando-se sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;</p> <p>j) Comparecer na escola sempre que tal se revele necessário ou quando para tal for solicitado;</p> <p>k) Conhecer o presente Estatuto, bem como o regulamento interno da escola e subscrever declaração anual de aceitação do mesmo e de</p>
---	--	---	---

<p>seus filhos e educandos, declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral.</p>	<p>seus filhos e educandos, declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral.</p>	<p>declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral.</p>	<p>compromisso ativo quanto ao seu cumprimento integral;</p> <p>l) Indemnizar a escola relativamente a danos patrimoniais causados pelo seu educando;</p> <p>m) Manter constantemente atualizados os seus contactos telefónico, endereço postal e eletrónico, bem como os do seu educando, quando diferentes, informando a escola em caso de alteração.</p>
		<p>3 - Os pais e encarregados de educação são responsáveis pelos deveres de assiduidade e disciplina dos seus filhos e educandos.</p>	<p>3 - Os pais ou encarregados de educação são responsáveis pelos deveres dos seus filhos e educandos, em especial, quanto à assiduidade, pontualidade e disciplina.</p> <p>4 - Para efeitos do disposto no presente Estatuto, considera-se encarregado de educação quem tiver menores a residir consigo ou confiado aos seus cuidados:</p> <p>a) Pelo exercício do poder parental;</p> <p>b) Por decisão judicial;</p> <p>c) Pelo exercício de funções executivas na direção de instituições que tenham menores, a qualquer título, à sua responsabilidade;</p> <p>d) Por mera autoridade de facto ou por delegação, devidamente comprovada, por parte de qualquer das entidades referidas nas alíneas anteriores.</p> <p>5 - Em caso de divórcio ou de separação e, na falta de acordo dos progenitores, o encarregado de educação será o progenitor com quem o menor fique a residir.</p> <p>6 - Estando estabelecida a residência alternada com cada um dos progenitores, deverão estes decidir, por acordo ou, na falta deste, por decisão judicial, sobre o exercício das funções de encarregado de educação.</p>

			<p>7 - O encarregado de educação pode ainda ser o pai ou a mãe que, por acordo expresso ou presumido entre ambos, é indicado para exercer essas funções, presumindo-se ainda, até qualquer indicação em contrário, que qualquer ato que pratica relativamente ao percurso escolar do filho é realizado por decisão conjunta do outro progenitor.</p>
			<p style="text-align: center;">Artigo 44.º</p> <p style="text-align: center;">Incumprimento dos deveres por parte dos pais ou encarregados de educação</p>
			<p>1 - O incumprimento pelos pais ou encarregados de educação, relativamente aos seus filhos ou educandos menores ou não emancipados, dos deveres previstos no artigo anterior, de forma consciente e reiterada, implica a respetiva responsabilização nos termos da lei e do presente Estatuto.</p> <p>2 - Constitui incumprimento especialmente censurável dos deveres dos pais ou encarregados de educação:</p> <p>a) O incumprimento dos deveres de matrícula, frequência, assiduidade e pontualidade pelos filhos e ou educandos, bem como a ausência de justificação para tal incumprimento, nos termos dos n.ºs 2 a 5 do artigo 16.º;</p> <p>b) A não comparência na escola sempre que os seus filhos e ou educandos atinjam metade do limite de faltas injustificadas, nos termos do n.º 3 do artigo 18.º, ou a sua não comparência ou não pronúncia, nos casos em que a sua audição é obrigatória, no âmbito de procedimento disciplinar instaurado ao seu filho ou educando, nos termos previstos nos artigos 30.º e</p>

			<p>31.º;</p> <p>c) A não realização, pelos seus filhos e ou educandos, das medidas de recuperação definidas pela escola nos termos do presente Estatuto, das atividades de integração na escola e na comunidade decorrentes da aplicação de medidas disciplinares corretivas e ou sancionatórias, bem como a não comparência destes em consultas ou terapias prescritas por técnicos especializados.</p> <p>3 - O incumprimento reiterado, por parte dos pais ou encarregados de educação, dos deveres a que se refere o número anterior, determina a obrigação, por parte da escola, de comunicação do facto à competente comissão de proteção de crianças e jovens ou ao Ministério Público, nos termos previstos no presente Estatuto.</p> <p>4 - O incumprimento consciente e reiterado pelos pais ou encarregado de educação de alunos menores de idade dos deveres estabelecidos no n.º 2 pode ainda determinar por decisão da comissão de proteção de crianças e jovens ou do Ministério Público, na sequência da análise efetuada após a comunicação prevista no número anterior, a frequência em sessões de capacitação parental, a promover pela equipa multidisciplinar do agrupamento de escolas ou escolas não agrupadas, sempre que possível, com a participação das entidades a que se refere o n.º 3 do artigo 53.º, e no quadro das orientações definidas pelos ministérios referidos no seu n.º 2.</p> <p>5 - Nos casos em que não existam equipas multidisciplinares constituídas, compete à comissão de proteção de</p>
--	--	--	---

			<p>crianças e jovens ou, na sua inexistência, ao Ministério Público dinamizar as ações de capacitação parental a que se refere o número anterior, mobilizando, para o efeito, a escola ou agrupamento, bem como as demais entidades a que se refere o artigo 53.º</p> <p>6 - Tratando-se de família beneficiária de apoios sociofamiliares concedidos pelo Estado, o facto é também comunicado aos serviços competentes, para efeito de reavaliação, nos termos da legislação aplicável, dos apoios sociais que se relacionem com a frequência escolar dos seus educandos e não incluídos no âmbito da ação social escolar ou do transporte escolar recebidos pela família.</p> <p>7 - O incumprimento por parte dos pais ou encarregados de educação do disposto na parte final da alínea b) do n.º 2 do presente artigo presume a sua concordância com as medidas aplicadas ao seu filho ou educando, exceto se provar não ter sido cumprido, por parte da escola, qualquer dos procedimentos obrigatórios previstos nos artigos 30.º e 31.º do presente Estatuto.</p>
			<p>Artigo 45.º Contraordenações</p>
			<p>1 - A manutenção da situação de incumprimento consciente e reiterado por parte dos pais ou encarregado de educação de alunos menores de idade dos deveres a que se refere o n.º 2 do artigo anterior, aliado à recusa, à não comparência ou à ineficácia das ações de capacitação parental determinadas e oferecidas nos termos do referido artigo, constitui contraordenação.</p> <p>2 - As contraordenações previstas no n.º 1 são</p>

		<p>punidas com coima de valor igual ao valor máximo estabelecido para os alunos do escalão B do ano ou ciclo de escolaridade frequentado pelo educando em causa, na regulamentação que define os apoios no âmbito da ação social escolar para aquisição de manuais escolares.</p> <p>3 - Sem prejuízo do disposto no número seguinte, quando a sanção prevista no presente artigo resulte do incumprimento por parte dos pais ou encarregados de educação dos seus deveres relativamente a mais do que um educando, são levantados tantos autos quanto o número de educandos em causa.</p> <p>4 - Na situação a que se refere o número anterior, o valor global das coimas não pode ultrapassar, na mesma escola ou agrupamento e no mesmo ano escolar, o valor máximo mais elevado estabelecido para um aluno do escalão B do 3.º ciclo do ensino básico, na regulamentação que define os apoios no âmbito da ação social escolar para a aquisição de manuais escolares.</p> <p>5 - Tratando-se de pais ou encarregados de educação cujos educandos beneficiam de apoios no âmbito da ação social escolar, em substituição das coimas previstas nos n.ºs 2 a 4, podem ser aplicadas as sanções de privação de direito a apoios escolares e sua restituição, desde que o seu benefício para o aluno não esteja a ser realizado.</p> <p>6 - A negligência é punível.</p> <p>7 - Compete ao diretor-geral da Administração Escolar, por proposta do diretor da escola ou agrupamento, a elaboração dos autos de notícia, a instrução dos respetivos</p>
--	--	---

			<p>processos de contraordenação, sem prejuízo da colaboração dos serviços inspetivos em matéria de educação, e a aplicação das coimas.</p> <p>8 - O produto das coimas aplicadas nos termos dos números anteriores constitui receita própria da escola ou agrupamento.</p> <p>9 - O incumprimento, por causa imputável encarregado de educação ou ao seu educando, do pagamento das coimas a que se referem os n.ºs 2 a 4 ou do dever de restituição dos apoios escolares estabelecido no n.º 5, quando exigido, pode determinar, por decisão do diretor da escola ou agrupamento:</p> <p>a) No caso de pais ou encarregados de educação aos quais foi aplicada a sanção alternativa prevista no n.º 5, a privação, no ano escolar seguinte, do direito a apoios no âmbito da ação social escolar relativos a manuais escolares;</p> <p>b) Nos restantes casos, a aplicação de coima de valor igual ao dobro do valor previsto nos n.ºs 2, 3 ou 4, consoante os casos.</p> <p>10 - Sem prejuízo do estabelecido na alínea a) do n.º 9, a duração máxima da sanção alternativa prevista no n.º 5 é de um ano escolar.</p> <p>11 - Em tudo o que não se encontrar previsto na presente lei em matéria de contraordenações, são aplicáveis as disposições do Regime Geral do Ilícito de Mera Ordenação Social.</p>
--	--	--	---

Artigo 51º Intervenção dos pais e encarregados de educação	Artigo 51º Intervenção dos pais e encarregados de educação		
Os pais e encarregados de educação devem, no decurso de processo	Entre o momento da instauração do procedimento disciplinar		

disciplinar que incida sobre o seu educando, contribuir para o correto apuramento dos factos e, sendo aplicada medida disciplinar, diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da formação cívica do educando, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.	ao seu educando e a sua conclusão, os pais e encarregados de educação devem contribuir para o correto apuramento dos factos e, sendo aplicada medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a execução da mesma prossiga os objetivos de reforço da formação cívica do educando, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.		
---	--	--	--

Clima de Escola

Artigo 9.º Vivência escolar	Artigo 9.º Vivência escolar	Artigo 9.º Vivência escolar	Artigo 48.º Vivência escolar
A disciplina da escola deve, para além dos seus efeitos próprios, proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objetivos do Projeto educativo, a harmonia de relações e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual, cívico e moral dos alunos e a preservação da segurança destes; a disciplina da escola deve proporcionar ainda a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes.	As regras de disciplina da escola, para além dos seus efeitos próprios, devem proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objetivos do Projeto educativo, a harmonia de relações e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos e a preservação da segurança destes e ainda a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes.	O regulamento interno, para além dos seus efeitos próprios, deve proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objetivos do projeto educativo, a harmonia das relações interpessoais e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos, a preservação da segurança destes e do património da escola e dos restantes membros da comunidade educativa, assim como a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes.	O regulamento interno, enquanto instrumento normativo da autonomia da escola, prevê e garante as regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objetivos do projeto educativo, a harmonia das relações interpessoais e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos, a preservação da segurança destes e do património da escola e dos restantes membros da comunidade educativa, assim como a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes.

Artigo 10.º Intervenção de outras entidades	Artigo 10.º Intervenção de outras entidades	Artigo 10.º Intervenção de outras entidades	Artigo 47.º Intervenção de outras entidades
Perante situação de perigo para a saúde, segurança ou educação do aluno menor, deve a direção da escola diligenciar para pôr termo à situação, pelos meios	Perante situação de perigo para a saúde, segurança ou educação do aluno menor, deve o conselho executivo ou o Diretor da escola diligenciar para lhe pôr	1 - Perante situação de perigo para a segurança, saúde ou educação do aluno, designadamente por ameaça à sua integridade física ou psicológica, deve	1 - Perante situação de perigo para a segurança, saúde, ou educação do aluno, designadamente por ameaça à sua integridade física ou psicológica, deve

<p>estritamente adequados e com preservação da intimidade da vida privada do aluno e da sua família, podendo solicitar a cooperação das autoridades públicas, privadas ou solidárias competentes, nomeadamente da comissão de proteção de crianças e jovens ou, caso esta não se encontre instalada, do representante do Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores.</p>	<p>termo, pelos meios estritamente adequados e necessários e sempre com preservação da vida privada do aluno e da sua família, podendo solicitar a cooperação das autoridades públicas, privadas ou solidárias competentes, nomeadamente, da «Escola Segura», dos conselhos locais de Ação social, da comissão de proteção de crianças e jovens ou do representante do Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores.</p>	<p>o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada diligenciar para lhe pôr termo, pelos meios estritamente adequados e necessários e sempre com preservação da vida privada do aluno e da sua família, atuando de modo articulado com os pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto do aluno.</p> <p>2 - Para efeitos do disposto no número anterior, deve o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, quando necessário, solicitar a cooperação das entidades competentes do sector público, privado ou social.</p> <p>3 - Quando se verifique a oposição dos pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto do aluno, à intervenção da escola no âmbito da competência referida nos números anteriores, o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada deve comunicar imediatamente a situação à comissão de proteção de crianças e jovens com competência na área de residência do aluno ou, no caso de esta não se encontrar instalada, ao magistrado do Ministério Público junto do tribunal competente</p> <p>4 - Se a escola, no exercício da competência referida nos n.ºs 1 e 2, não conseguir assegurar, em tempo adequado, a proteção suficiente que as circunstâncias do caso exijam, cumpre ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada comunicar a situação às entidades referidas no número anterior.</p>	<p>o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada diligenciar para lhe pôr termo, pelos meios estritamente adequados e necessários e sempre com preservação da vida privada do aluno e da sua família, atuando de modo articulado com os pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto do aluno.</p> <p>2 - Para efeitos do disposto no número anterior, deve o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada solicitar, quando necessário, a cooperação das entidades competentes do sector público, privado ou social.</p> <p>3 - Quando se verifique a oposição dos pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto do aluno, à intervenção da escola no âmbito da competência referida nos números anteriores, o diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada deve comunicar imediatamente a situação à comissão de proteção de crianças e jovens com competência na área de residência do aluno ou, no caso de esta não se encontrar instalada, ao magistrado do Ministério Público junto do tribunal competente.</p> <p>4 - Se a escola, no exercício da competência referida nos n.ºs 1 e 2, não conseguir assegurar, em tempo adequado, a proteção suficiente que as circunstâncias do caso exijam, cumpre ao diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada comunicar a situação às entidades referidas no número anterior.</p>
---	---	--	---

		<p align="center">Artigo 52.º</p> <p align="center">Objeto do regulamento interno da escola</p>	<p align="center">Artigo 49.º</p> <p align="center">Regulamento interno da escola</p>
		<p>1 - O regulamento interno da escola tem por objeto:</p> <p>a) O desenvolvimento do disposto na presente lei e demais legislação de carácter estatutário;</p> <p>b) A adequação à realidade da escola das regras de convivência e de resolução de conflitos na respetiva comunidade educativa;</p> <p>c) As regras e procedimentos a observar em matéria de delegação das competências do diretor, previstas neste Estatuto, nos restantes membros do órgão de administração e gestão ou no conselho de turma.</p> <p>2 - No desenvolvimento do disposto na alínea b) do artigo anterior, o regulamento interno da escola pode dispor, entre outras matérias, quanto:</p> <p>a) Aos direitos e deveres dos alunos inerentes à especificidade da vivência escolar;</p> <p>b) À utilização das instalações e equipamentos;</p> <p>c) Ao acesso às instalações e espaços escolares; e</p> <p>d) Ao reconhecimento e à valorização do mérito, da dedicação e do esforço no trabalho escolar, bem como do desempenho de ações meritórias em favor da comunidade em que o aluno está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela.</p>	<p>1 - O regulamento interno da escola tem por objeto:</p> <p>a) O desenvolvimento do disposto na presente lei e demais legislação de carácter estatutário;</p> <p>b) A adequação à realidade da escola das regras de convivência e de resolução de conflitos na respetiva comunidade educativa;</p> <p>c) As regras e procedimentos a observar em matéria de delegação das competências do diretor, nos restantes membros do órgão de administração e gestão ou no conselho de turma.</p> <p>2 - No desenvolvimento do disposto na alínea b) do número anterior, o regulamento interno da escola pode dispor, entre outras matérias, quanto:</p> <p>a) Aos direitos e deveres dos alunos inerentes à especificidade da vivência escolar;</p> <p>b) À utilização das instalações e equipamentos;</p> <p>c) Ao acesso às instalações e espaços escolares; e</p> <p>d) Ao reconhecimento e à valorização do mérito, da dedicação e do esforço no trabalho escolar, bem como do desempenho de ações meritórias em favor da comunidade em que o aluno está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela.</p>